Nocturnos
A Comedia portugueza

N.º 1 — 1.º anno 6 d'outubro de 1888

Administrador — *Henriq e Dias*

Escriptorio da Administração — Rua Ivens, 41, 1.º

Condições da assignatura

LISBOA — Anno, 2$500; Semestre, 1$300; Trimestre, 650. PROVINCIAS E ILHAS — Anno, 2$[illegible]; Semestre, 1$400; Trimestre, 700. — HESPANHA E AFRICA occidental e oriental — Anno, 3$000; Semes[illegible] 1$500. TODOS OS PAIZES DA UNIÃO POSTAL — Anno, fr. 17, ou lb. 0.13.7, ou mk. 13.60; Semestre, fr. 8,50, ou lb. 0.6.10, ou mk. 6,80 — BRAZIL (moeda brazileira) Anno, 6$000; Semestre, 3$000.

Numero avulso 60 réis. — Annuncios: por linha 20 réis. Annuncios illustrados; preço convencional

A assignatura é contada do 1.º de cada mez em diante, e paga adiantada. A cobrança das importan[illegible] das assignaturas nas provincias e fóra do paiz, effectuar-se-ha por meio de saques postaes, não preferindo o assignante fazer remessa em vales do oorreio

DUAS PALAVRAS

Comedia portugueza é, como o leitor sabe, a expressão synthetica de todas as complexas manifestações vitaes da sociedade portugueza. Ganhando novos fóros a palavra comedia, não se restringe, hoje, á significação classica da apresentação exclusivamente comica dos caracteres e dos typos; mas comprehende todos os phenomenos da vida phisica e moral das sociedades. E' este thema extraordinario, variado como o campo agitado do kaleidoscopo, ora alegre, ora triste, sublime agora e logo miseravel, que vamos pretender desenrolar dia a dia, em tela vasta, com a maior isenção, a mais bem comprehendida liberdade, o mais consciencioso e independente criterio.

Mas, como as antigas virtudes e os velhos caractéres, se vão, como os deuses, acontecerá que as nossas armas terão do ser de preferencia a caricatura e a satyra. D'esta e do riso faremos uns verdadeiros arietes de combate contra essas fortalezas, do ridiculo, da decadencia moral, do burlesco nacional, que ameaçam deitar a terra os ultimos reductos do bom senso á balas explosivas de disparates.

Na vida social, como na vida individual, ha periodos d'um prefeito somnambulismo em que todo o sentimento da propria consciencia parece abandonar-nos; e, d'ahi vem que as nações correm no plano inclinado d'uma decadencia fatal, descuidosas e confiantes, como somnambulo em passeio nocturno pelos beirais escorregadios d'um quinto andar.

A catalepsia moral conduz ao extaso e n'este estado, irmão gemeo do idiotismo, o mais sabio conselho, a mais audaz catilinaria, roçará na epiderme do extactico, como um projectil de algodão em rama sobre a lombada escamosa d um tatú. Para vencer este phenomeno critico da vida moral ha apenas um remedio de confiança, na therapentica — a gargalhada.

A consciencia do ridiculo é, muitas vezes, a salvação dos tolos.

Fazer despertar na face d'um homem sensato e honesto um riso de comica compaixão, d'ironia ou de enjôo, por um acto, um uso, uma lei, é arrancar ao cerebro a mais cruel sentença, é crystalisar n'um simples phenomeno muscular a mais digna, a mais altiva e crúa das punições phisicas e moraes. O despreso sendo a arma suprema dos fortes é o ultimo refugio dos fracos.

Tal é um dos fins da—**COMEDIA PORTUGUEZA:** — Castigar pelo ridiculo, desanthorisar pela gargalhada, erigir um pelourinho, onde pendam, como cabeças de suppliciados, todos os ridiculos e grotescos do nosso tempo.

Pretendemos arrojar contra esta cruzada, da vaidade, da miopia, do pedantismo, da decadencia, do egoismo da nossa sociedade, umas notas vibrantes de alegre desprezo; juntar ao redor de nós os bons espiritos que queiram seguir-nos e, como ala dos namorados, pendão ao vento, feitos os votos, atirar-mo-nos ás hostes cerradas, entre allalis guerreiros, dos tólos e dos máus e a golpes certeiros derribar-lhes os penachos dos elmos, menos ôcos do que as cabeças, com que se enfeitam, parodiando a gralha.

Este não será, porém, o unico fim.

Ao revez d'este modo de ser, a nossa revista terá o lado exclusivamente serio, elevado, não menos util. Mostrará com o maior empenho, não regateiando louvores, todas as producções artisticas valiosas dos nossos pintores, esculptores e homens de lettras.

Onde houver talento, onde houver espirito, bom gosto, merito, onde se encontrar a arte, seja qual fôr o meio, a officina, a escola, o theatro, o circo, os salões, aonde ella apparecer, iremos levar o nosso abraço de camaradas sinceros, o aperto de mão dos fanaticos, por tudo o quanto é grande, bello, superior.

E' natural que V. Ex.ª, minha querida leitora, receie entrar n'este labyrintho da vida moderna, receiosa de manchar em menos bem trilhados caminhos a fimbria do vestido côr de creme, ou perturbar no pandemonio da comedia humana tantas vezes impura, o olhar azul d'uma luz tão docemente casta. Não; nós esperamos a honra da sua visita e mandaremos, que o nosso velho Thomaz esteja na ant-sala, franco, respeitoso, com a sua casaca de seda de passamanes de ouro, o calção de veludo, a meia côr de palha e que tenha ao annunciar-vos a mais distincta cortezia. E nós, gentil senhora, faremos porque a nossa luva tenha a irreprehensibilidade das camelias que abrem, e a nossa sala a hospitalidade simples e fidalga dos antigos salões que fecham.

Os fundadores.

A Comedia Portugueza constando de oito paginas de texto, uma capa illustrada com annuncios, publicar-se-ha invariavelmente aos sabbados, nitidamente impressa em papel egual ao d'este prospecto, com a collaboração dos seguintes distinctos escriptores: Barros Lobo, Fialho d'Almeida, Freitas e Costa, Gomes da Silva, João de Deus, Jayme Victor, José Antonio de Freitas, Julio Cesar Machado, Manuel Pinheiro Chagas, Moura Cabral, Silva Lisboa, Silva Pinto, Urbano de Castro, etc.

AO LEITOR

critica, perfeitamente imparcial, sem peias e sem atrevimentos que melindrem a liberdade de cada um, na esphera d'acção que lhe pertence, a critica que não aspira á gargalhada ruidosa, nem pela insolencia do desenho, nem pelo torpe do assumpto, nem pelo desbragado da linguagem, mas a critica moralisadora e fecunda, não menos cruel, por delicada, é a que nos propomos fazer de todos os assumptos — politica, artes, sciencia, costumes — da sociedade portugueza, não só analysando o seu viver de dia a dia, mas consagrando numeros especiaes, ás suas instituições, escolas, museus, theatros, fôro, camaras; como a collectividades — os medicos, o clero, os actores, os advogados, et cœtera.

Tal é, rapidamente ennunciado, o nosso programma e garantimos que elle não terá a graciosa propriedade de ser apenas amontoado de palavras, sem importancia, com os programmas politicos da nossa terra.

Ao arco! Ao arco!

A REDACÇÃO.

Lithographia Guedes, rua da Oliveira, ao Carmo, 12

A provincia entristece.

Ha dois dias que os comboios lançam nos asphaltos das *gares*, nuvens de forasteiros, de hypocondriacos, dispepticos, de gentes de maus figados que fôram procurar por praias, thermas e solidões humbrosas de quintas, a tonicidade para os corpos, debilitados n'esta vida gastadora dos grandes centros, onde tudo é falsificado e tudo se corrompe, do ar á manteiga, da saude ao amôr.

Os clubs provincianos, despertados do somno de largos mezes pelas arias encubadas das amadoras, pelo ruido das conversas, pelas recitações d'uns vates sertanejos, pelo soluçar roufenho dos piannos, pelo estremecer dos sobrados no delirio das walsas, como diziam em 33 os vates languidos, reclinam-se novamente nos braços das direcções pacatas, das capacidades locaes e adormecem, na monotonia d'uma partida «á franceza,» em noites de deboche provinciano, acalentados pelas fallas mellopeicas d'um voltarete funebre.

As ribas alpestres do Atlantico, as penedias negras dos cabos escalvam-se abruptas sacudidas dos ventos, envoltas em nevoas e chuviscos, sem que lhes quebre as lombadas monotonas um vulto gentil de mulher, de longo chapeu de palha, encostada ao bordão ponteado de marfim, extactica elegantemente estranha, contemplando o mar.

As estradas poeirentas dos arredores não echoam com as burricadas alegres dos pic-nics, nem os passaros assistem nos vallados ao perpassar da caravana bulicosa em que as vozes femininas lhes remedam a doçura dos cantos e as gargalhadas argentinas o crystallino dos trillos.

Chegou o inverno, arrojando para longe, o azul immaculado do céu, a serenidade do ar, a limpidez das aguas, o sussurro manso das alamedas, a gemencia cadenciada dos pinhaes o idillio eterno das noites, entre a lua e o mar, que envolve môrros e varzeas n'um velario olympico de prata.

Mas o que é peor é que elle rouba á mulher o theatro onde ella reina na graça d'uma deusa pagã, esquecida momentaneamente da vida artificial das capitaes.

O inverno rouba-te, bella leitora, a unica moldura digna da sua belleza; a floresta múrmura, o lago dormente, o azul do ceu, o mar gigante.

E perdes ainda aquella graça incomparavel, intangivel pelo artificio, com que te vestias nos teus passeios da tarde, ou com que fresca como uma aguarella, apparecias de manhã á janella do teu chalet ponte-agudo, coberto d'ardozias, bebendo o ar da manhã, humido de orvalhos, saturado de perfumes, pelas magnolias do parque.

Nada ha mais encantador do que uma formosa mulher na simplicidade d'uma toilette de campo, ou da praia que a suprema tolice humana não tinha transformado em succursal da Avenida. Um vestido ligeiro, de finas ramagens, simples, sem enfeites, a moldar-se ao corpo, docemente, como luva de seda em mão patricia: o colo aberto a permittir a caricia microscopicamente irritante do ar, coado por folhagens; o cabello levantado no cucuruto, em pinha revolta, arremedando o penteado da Venus grega; o pescoço desafogado; sem um brinco nas orelhas — ridiculo vestigio selvagem; sem um um anel esse traço de burguezismo commum; de pé finamente calçado, em bota de couro da Russia, flacida como um tecido, de brilho metallico, tal é a mais bella das toilettes para olhos de poeta e de artista!

Não vos riaes de mim, qaarentonas, decadentes pretenciosas de curvas de abobora carneira, de boccas desertas, labios córados pelo carmim, rugas encobertas pela glycerina empastada em pó d'arroz carminado. Não é para vós que eu fallo n'este momento. Tereis o vossa hora, muitas vezes, quando percorrermos o vasto labyrintho da vaidade e da tolice humana. Esperae.

Refiro-me a vós, gentis leitoras, que caminhaes ainda na alameda sussurante dos 20 annos que usaes os vossos dentes, os vossos cabellos, a vossa côr, e as vossas fórmas a quem os annos apenas aperfeiçoaram, imprimindo-lhe a correcção das linhas e essa tonicidade orgulhosa dos corpos virgens e das petalas.

Imagine-se uma d'estas bellas figuras, sentada, natural, despreocupadamente, n'um banco rustico, á sombra d'uma velha arvore, rodeada de plantas floridas, de cantos d'aves, n'uma luz suave, n'aquelle quasi silencio d'um parque annoso, onde apenas conversam roucamente as cômas das arvores; veja-se meia deitada na praia, no vasto tapete brilhante do areial dourado, defendida da luz crúa por um guarda sol ligeiro, azul mar, onde voam cegonhas brancas como flócos de setim levados do vento; imagine-se entregue ao exercicio dos jogos onde toda a graça dos movimentos, toda a voluptuosidade das linhas, todo o serpeotino das ondulações, se reveste d'uma atmosphera luminosa de desejos e dizei-me se não são estas aguarellas fugidias, estes Watteau inconscientes, que a nossa imaginação nos pinta, por largas horas, na volta, no nosso gabinete, na pacatez desolada da nossa rua e do nosso bairro.

E' este o segredo dos amores do varão.

Os homens esquecem no seio da natureza, a vida artificiosa da cidade, e como bons animaes sentem-se-lhe escravos e entram nas suas leis. Como a lei suprema da natureza é o amor amam-se.

Assim o campo entristece; o bando ligeiro das andorinhas friorentas busca o beiral tepido do lar. Ellas chegam aos grupos todos os dias e começam a percorrer a rua do Ouro, o Chiado e a Avenida.

Mas como veem mudadas: essas que comprimentam gravemente pelas portinholas dos coupés, desfiguradas por chapeus inverosimeis, não são decerto, aquellas deliciosas companheiras dos pic-nics, as parceiras do croquet, os pares affectuosamente distinctos do cotillon. As outras eram mulheres, pela graça, pelo encanto, pelo modo, pela urbanidade de simples que não exclue a fidalga delicadeza: estas são apenas, umas bonecas cuidadosamente vestidas em frente dos espelhos onde estudaram posições, risos, comprimentos graves, gestos altivos.

Estes são os productos enfezados d'uma educação cheia de insignificancias, de conveniencias, de superioridades ridiculas.

Mulheres artificiaes, para serem vistas á luz do gaz n'um camarote da opera, ou na atmosphera quente dos bailes, onde tudo é artificioso e falso: a conversa, o elogio, o amôr!

Ao contrario do campo a cidade alegra-se porque o que maia vivamente impressiona o nosso espirito, nas mulheres bellas, não são os defeitos nem os ridiculos: superior a todas as pequenas miserias e vaidades humanas, em toda a parte, o que n'ellas brilha, o que deslumbra, o que vence é a mocidade e a belleza! a mocidade—o poema da vida; a belleza— o perfume da carne.

Bem vindas, pois, adoraveis defeituosas.

Notou-se, com certo espanto, a não comparencia do ministerio na Batalha das Flores, na Ericeira. Realmente desde que esta corporação tão sollicita em desenvolver todos os graves problemas do bem publico, leva a sua influencia protectora até animar, em pessoa, a pandega ouctomnal, dos veranistas como graciosamente o demonstrou batalhando em Cintra, nos Pisões, tão galharda como briosamente, não se comprehende como esquecesse de honrar a formosa Ericeira, tanto mais que ella, não havia muito, se illuminara e embandeirára, para receber um dos seus mais conspicuos membros! Um copo d'agua!

Demos a mão ao ministerio.

Bella Ericeira. Não foi por desconsiderar-te que o ministerio não appareceu. De modo algum. As faculdades ministeriaes estão n'este momento empenhadas na solução da crise mais grave que o paiz irá, por ventura, atravessar. Em França a canção do general Boulanger, por uma d'estas derivações naturaes que cahem no espirito publico, como revellações, descahiu na canção da fome, canção, nota, de padaria, porque o povo grita cantando — queremos pão.

Em Portugal, desde que o governo pensou, sublime idéa, em transformar o paiz n'um unico e grande monopolio, isto é, em se fazer elle governo a caixa de todas as nossas necessidades (sem malicia), o povo que não gritou quando foi instituida a regie — queremos cigarros — parece resolvido a gritar — queremos pão — agora que vão mecher n'este artigo, tão preciso, que até não póde haver «Padre nosso» sem elle.

Esta questão já de si não tinha somenos importancia; mas eis que o espirito popular, irritado, repara no abandono da praça do Campo de Sant'Anna, evoca a idéa das ruidosas esperas, dos campinos, das chocas, dos quarteios dos Robertos, d'essas tardes alegres do sol de julho, nas bancadas da praça, entre as palpitações dos leques, o rumor dos pregoeiros, as pragas do sol, as ovações da sombra, as «tiras» de Tiooco, os saltos de Leothard e percebendo que não só de pão vive o homem, mas d'uma tourada real, desanda a gritar — queremos touros — !

Pão e touros! Hein, que te parece?

Conheces na historia da Hespanha, os seus pronunciamentos repetidos, os fuzilamentos, as prizões, o garrote, os exilios, toda essa tragedia diaria do povo hespanhol? Sabes quem lançou pelo mundo aquelles emigrados? quem garrotou aquelles plebeus? quem fuzilou aquelles soldados? aquelles generaes?

O' Ericeira despeitada, apenas esta simples fraze, este pequeno desejo essencial — pão e touros!

Suppõe agora que este grito se reproduz aqui, que ámanhã o governo tem de reprimir uma revolução, de mandar para o exilio quatro padeiros e oito capinhas, que mette em S. Julião tres ou quatro redactores de jornaes republicanos, que se vê na colisão de mandar fuzilar dois sargentos e um general? Que dirá a Europa? que dirá o Mundo? que dirá o *Diario de Noticias*?!

Já vês que a occasião não é propicia. Outros combates mais serios, combates de espinhos e não de flôres, fazem curvar a fronte meditativa do supremo tribunal dos nossos destinos.

E depois, o ministerio não ha de andar agora a abandalhar-se por todas as terras a combater! Perde a graça a novidade, torna-se muito visto e nós precisamos d'elle para o entrudo d'este anno, para a batalha da Avenida!

Postas estas razões que justificam plenamente o ministerio, façamos votos para que depois de conciliar a concumitante replecção das bolsas amigas com a do abdomen popular, resolva definitivamente o local para a praça dos touros.

•

E sobre este ponto, para que não vá este local, ser um novo local para o edificio do Correio, por isso que já se discute se o preferido deve ser — a cêrca dos Jeronymos, um cumulo! — a Junqueira ou o Campo Pequeno, eu tomo a liberdade de lembrar — o claustro de S. Bento! — Central, tem carros americanos até ao arco e superior a todas estas vantagens — a tradicção!

Eu sei que se póde objectar que a Camara, póde ser prejudicada na sua gravidade por tal visinhança e que póde ainda haver graves embaraços parlamentares por tal proximidade.

Assim, póde acontecer, que na occasião em que um partidario exaltado pela bellica oração d'um amigo, que acabe de achatar o adversario, vá a romper n'um apoiado! apoiado! — por suggestão local em identidade de fins de combate, exclame heroico: curtos! curtos!

Ou que o presidente ao vêr toda a quadrilha a postos, as senhoras nos camarotes da sombra, o povo nas bancadas do sol, em vez de levar a mão ao chápeu para, tirando-o gravemente, exclamar — está aberta a sessão — ainda pelas mesmas influencias, leve a mão aos labios e virando-se para o primeiro orador inscripto, lhe sopre pela arcada do C formado pelo dedo pollegar e o Indicador o táti-tátá, que traduzido em vulgar significa — saia o bicho!

Eu sei mas a verdade é que se tem por lá feito coisas peores e... ninguem faz caso de ninharias.

O sr. Marianno a rir-se...

Cabellinho na venta. Ha de lembrar-se toda a vida que na primeira vez que deu attenção a um homem — o Rodrigues — apanhou uma sova mestra da mãe... com correias. E tinha 27 annos! Bons tempos! Hoje... estas meninas... aos quinze annos e já de chichisbéu! Que se livre a filha se ella a apanha... a filha e o marido! Ah! o senhor seu marido... uma lesma!

A menina Ermengarda: alta, gentil, a pelle alvissima; os cabellos e os olhos negros como o veludo negro. Não walsa; contradança apenas e poucas vezes.

E' alli, nas marcas isoladas que ella sabe fazer valer a graça altiva do andar e brilhar com um fogo temperado de intima doçura, a luz do olhar, humido, incomparavel. E' filha d'um velho general, que batalhando toda a vida não teria feito metade das conquistas que ella podia fazer, n'uma noite, se quizesse. Não quer; o homem faz-lhe o effeito, em geral, d'um pretencioso ridiculo. Distincta.

Q. — Então hein? estes su

Os Areaes

A deliciosa Li-Li, filha do moderno visconde do Areal. O martyrio do primo e a delicia de todos os valsistas do club. A mamã é o que se chama uma senhora de assento! Cento e vinte kilogrammas, pezo bruto. Um amigo meu, medico, dizia-me:

—Faço-me allopata. Vê, tu, a mãe uma dose energica de mulher a nam me desperta a attenção: a filha, com certeza a vigessima dinamisação materna, produz-me uma impressão de mil demonios!

Toda languidez! Adora Lamartine, diz ella e Soares de Passos. Oh! o Noivado do Sepulchro! A Graziella. Nunca leu mais nada!

Passa horas, á tarde, sobre os rochedos a contemplar o mar! .. A Procida... o Paurilippo. o Vesuvio! Lamartina não appareca em geral e quando apparece, não traz no braço o largo manto dos bardos romanticos, mas a manga lusidia d'alpaca, dos escriptores da arcada!

Pobre imaginação! Triste destino: quinhentos e quarenta, com os emolumentos!

Ninguem sabe quem é d'onde veiu. No Cairo? Em Malta?

A despeito das opiniões dos bahistas ella é realmente interessante.

Chegou sósinha no dia em que chegaram as bagagens do Carvalhal.

O que se sabe ao certo é que fala hespanhol.

— Um! diga nos d'essas.
— Então? burguez!

Era noit

E' um dos flagellos do club. Flagello admirado, louvado, posto acima das Patti e das Sembrich nas cartas de campo, de quantos snobs se lembram, no verão, de escrever correspondencias de praias. No final, o grande merito que tem para estes rouxinoes o canto é o dispensal-os de... fallar.

A voz dolente, tremula, n'uma commoção apropriada, o colo arfante... de luneta! arrebatadora! Calada, um prodigio!

Clubs

O medico conseguio dois meses de folga... entregou-a ao mar!

Quando alla entra, as ondas turgem-se e o nival da agua sobe. Foi para emagrecer!

O marido revê-se n'aqualla fartura; os dandys cochicham; as gaivotas assustam-se, e, ao longe, os cetaceos parecem comprimental-a... com a cauda.

Dizem qua foi muito elegante aos 20 annos!

Que pena!

...parece que vão sósinhos. Tenho de dormir por força!

Toda romantica! O oceano attrahe-a como um perigo! Desejaria morrer thisica, como a Gauthier! ou no mar, no infindo do oceaoo, por um pôr do sol, córado de azul de Prussia a de vermelhão, nos braços das sereias que a embalassem em cantos plangentes.

Filha d'um amanuense, sonhando com principes louros, ou morre realmente thisica ou morre no hospital de doidos.

Que sorridente dilemo!

...sem nada!

Anda no 1.º enno de direito. E' dos melhores jogadores do Club. Namora ume das meninas Pimeotas, que o segue de verão pelas praias e lha bordou e charuteira de missanga que espreita oo bolso. E' rara a carambola que lha falha; em contraposição, nos exames é rara e resposta com que acerta.

Uma vocação, errada, de marcadôr.

Todo o anno e pouper no magro ordenado, para poder dar-se ares dois mezitos... Nas praias tanta gente desconhecida... uma herdeira... As menores levaram-lhe a ultima corôa! O 7! Que teima de palpite! Não ha remedio senão encostar um conhecido. Mas quem?

Filha do conde de... Alta, orgulhosa, partence ao grupo aristocratiço do club. Anda a esquecar uma paixão pelo primo visconde. Amava-o muito; uma loucura! O casamento, porém... um impossivel: O. visconde não vaa á missa. Que candura! Foi educada nas Salesias.

Julião Machado

A morte do marechal Bazaine não produziu em Portugal um ruido comparavel ao da passagem pelo Central do louro Boulanger. Alguns jornaes monarchicos, porém, tributaram á memoria do marechal palavras de respeitosa saudade. Tanto bastou para que outros protestassem indignados, cuspindo sobre o tumulo do soldado que se fez marechal, nos campos de batalha, antigas responsabilidades rancorosas, improvadas e improvaveis.

E lembrou-me, com pena, a attitude protectora da imprensa radical perante a apotheose do Marquez de Pombal. Acompanhou os propagandistas da manifestação civica, encorporou-se no cortejo, provavelmente reconhecendo-o grande liberal, patriota, democrata austero e muitas coisas mais. Ora este vulto sinistro nasceu Sebastião José, muito simplesmente e morreu Conde de Oeiras e Marquez de Pombal! Tem portanto a linha para o reconhecimento dos democratas.

A imprensa que apoiou a apotheose d'um cobarde que caçava homens a fogo; d'um selvagem que mandava quebrar deante das mãis as canas das pernas e dos braços aos filhos, regeita umas palavras de dó ao bravo do Mexico, de Sebastopol e de Solferino, porque uma nação orgulhosa e vencida escondeu atraz da personalidade do homem, o resultado forçado da sua volubilidade e da sua irreflexão.

Bazaine teria obstado á marcha triumphal, ininterrupta do colosso allemão? O sacrificio inutil não será uma barbaridade revoltante? Não são superiores a todas as leis, as leis da humanidade?

Deixemos que a França queira esconder a sua vergonha; finjamos acreditai-a. Todos os orgulhosos vencidos teem fatalmente uma desculpa. Demais conhecemos o cavalheirismo francez, na guerra; ha por ahi ainda vestigios de ha setenta annos!

Caros collegas, póde amar-se a republica sem se ser injusto com os homens do imperio; a justiça deve ser a formula positiva de todos os espiritos nobres. Deixai correr os annos, e pensai, no entanto, que um bastão de marechal em França, faz sua differença d'um babito de Christo em Portugal.

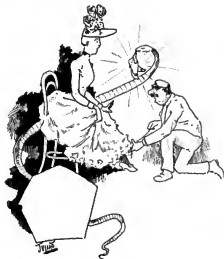
Olhem que faz.

Qual imaginam v.ªs ex.ªs que foi o processo empregado para fazer sahir d'uma caza na calçada do Duque, expropriada para as obras do caminho de ferro uma pobre velha, que não tinba onde dormir?

Ouçamos um collega: «Recorreu-se á estremidade de arrancar o telhado mas ainda assim a velhita não cedeu, deixando-se estar ao frio; e ainda mais resistiria se a chuva do dia e noite d'hontem lhe não inundasse a caza e alagasse a pobresita que tiritava de frio, chorando a sua sorte».

Este caso deu-se em Lisboa, no anno de graça de 88, cidade catholica, apostolica, romana! Ouçamos Jacolliot nas «Viagens ao centro da Africa mysteriosa»:

«O regulo, mandou-lhe dar (ao forasteiro, desconhecido, estrangeiro) uma cabana para dormir, uma taça de madeira com farinha e um jarro de aguardente. Ao outro dia, trocado o sangue, mandou-o acompanhar ao limite do seu reino por dois guias.»

Oh! atraz da Africa, muito atraz! Lá ao menos em que não ha o luxo d'um codigo, nem caridade espaventosa, nem prosapias de civilisação, arranja-se um tecto para um hospede; aqui destelham-se as choupanas dos miseraveis, expulsando-os pelo processo engenhoso e vulgar de apanhar grillos, chovendo-lhe no buraco! O que não inventará o espirito meridional da auctoridade alfacinha!

Um sapateiro da rua de S. Bento, ao tomar a medida d'umas botas a uma fregueza, ao encontrar-se na posição humilde que o caso requer—joelho em terra e fita em punho—crê-se que allucinado pelo modelo, proromperu n'aquellas frazes celebres de Tartufo: Como se trabalha bem! fazem-se coisas que parecem bruxaria! A fregueza que pela elevação da fita metrica, desconfiou que elle lhe queria fazer umas botas á Frederico, o que equivalia a mettel-a em cavallarias altas, gritou pela policia.

O sapateiro foi preso. Este facto prova duas coisas. A primeira é que nenhum sapateiro póde elevar-se, nos arrebatamentos plasticos, á altura do maganão Eduardo de Inglaterra e exclamar perante a policia como o outro perante os convidados — Hony soit qui mal y pense! A segunda é que nenhuma mulher honesta deve descuidadamente, entregar em mãos d'homens, os segredos do seu corpo, sanccionando assim esse grosseirismo repugnante, com que entre nós se tolera que uma senhora converse com qualquer farcola de pôpas e thesoura na algibeira do peito, sobre medidas e conveniencias de roupas e utensilios de vestuario.

Se um camizeiro se lembrasse, ahi, de montar um estabelecimento em que mulheres tomassem medidas e fizessem a prova das vestes masculinas é natural que além do escandalo suscitado, sua ex.ª o governador civil se lembrasse de fazer um regulamento para as camizeiras, de harmonia com o que se acha em execução para as «camareras.» Requeria-lh'o o pudor, o bom nome nacional perante a raça latina!

Pois bem; dá-se a inversa, egualmente escandalosa e immoral e ninguem repara; todos acham natural e apenas se espantam no dia em que um mestre-bucha, perdida a noção do justo e do bom, que elle nunca ouviu explicar no Curso Superior de lettras, atira para o lado o avental de coiro e pretende fazer que uma pobre e incáuta rapariga atire as suas botas velhas por cima dos moinhos. Será bom que os senhores sapateiros tenham sempre de reserva, na loja, umas pedrinhas de gêlo!

A ultima hora surge-nos a questão da carne.

Assim como, segundo o dictado, todos os caminhos vão dar a Roma, a camara municipal entendeu que todos os caminhos, para animaes do consumo, devem ir parar ao mercado do Campo Pequeno.

Esta maneira original de fazer posturas pelos dictados populares, não nos parece nem a mais justa nem a mais sensata, sobre tudo relativamente á carne, substancia que sob qualquer das fórmas em que se apresente — humana, bovina, suina, ou qualquer outra, póde dar origem a graves questões.

A carne, dizem os phisiologistas, ser o mais proprio, o mais conveniente, o mais alimentar dos alimentos, quando só quer simplesmente transformada em meio biffe, quer sujeita as modificações de aspecto e de gosto que possam imprimir-lhe os vastos recursos da chimica culinaria.

A carne, dizem os theologos, é um dos inimigos do homem, senão o mais terrivel, digno, no entanto, de figurar ao lado do Mundo e do Diabo.

Pela companhia devemos concluir que não é boa rolha.

E sendo estas as prerogativas que se conhecem da carne, vejamos, por attenção a qual d'ellas se explica a postura camararia.

Para ser realmente um bom alimento a carne, diz a camara, é precizo que seja são o animal d'onde provenha. Sendo a saude dos nossos municipes assumpto do nosso particular disvello, queremos que seja examinada previamente. D'accordo; mas a carne já era examinada no matadouro e ou era bem examinada ou mal examinada.

Se era bem, não é precizo mudar; se era mal, a camara tem uma grave responsabilidade, até hoje. Mas era bem; e, n'esse caso, deixemos continuar a inspecção onde existia, porque nós proferimos saber que o kilogramma custou menos 40 réis, do que saber que o boi morto, passou sob a cupula do mercado obrigatorio.

Sim porque parece-me que isso não dá gosto á carne.

Não foi, pois, pela opinião, já d'antes acatada, dos phisiologistas que a camara se inclinou. A carne já era inspeccionada, os bois não requereram, que se saiba, contra o logar da inspecção.

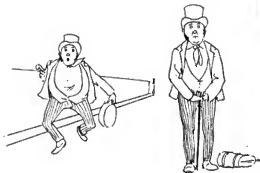
Foi então pela opinião dos theologos? Foi porque a camara em vez de consultar a bolsa publica, consultou o cathecismo?

Se foi, permitta-nos a camara que lhe digamos duas palavras. Livre-nos dos cães vadios, das calçadas pedregosas, das viellas lobregas da cidade, d'uma illuminação vergonhosa, das poeiras do verão, dos lamaçaes immundos do inverno, que já d'este inimigo nos livraremos nós.

Um inimigo que está pendurado em ganchos ahi pelos talhos, e que em lucta com o nosso appetite, termina sempre por ser engulido, deixe lá fallar os theologos, não se incommode V. Ex.ª, fraco inimigo é. Aquillo de o metterem entre o Mundo e o Diabo é symbolico: é como quem diz entre o garfo e a faca. Os theologos são sempre assim: ... cada palavrão!

São como os bombos: muito barulho, uma imponencia e lá dentro... ôccos.

Faça V. Ex.ª que o Inimigo nos saia mais baratinho, como é seu dever, e deixem-se de o fazer passar por baixo da cupula. — Vem de lá com ares de sabio do Instituto de França; nós preferimol-o bruto da leziria, com menos 40 réis em kilogramma.

E' opinião geral: a camara não tem argumento nenhum serio que justifique a postura e tem de modifical-a.

Nas manobras, durante o ataque.

Um coronel ao passar por uma azinhaga encontra quatro soldados, deitados á sombra d'uma oliveira, dormindo como justos.

— Eh! rapazes, o que fazem vocês ahi?

— Meu coronel, saberá vossôria que estamos a fingir de mortos!

Narra-nos um amigo o seguinte episodio das ultimas manobras:

—Um velho general acerca-se do cavallo. Um ajudante traz uma cadeira, a que o mesmo general sobe. Dois soldados levantam-lhe as pernas, outros dois o empurram e susteem na sella. Emfim, ficou montado.

Um soldado assistente para o outro:

—Lá vai o balão ao ar! (textual).

Deu-nos rebate cá dentro o caso. Matutámos e resolvemos offerecer ao sr. ministro da guerra o desenho d'um cavallo equipado com todos os pertences para general portuguez. Dispensa ajudas e tornar-se-ha mais commodo do que o cavallo de Troia.

Quando se reformarão os verdadeiros inuteis os impotentes e se crearão as promoções pelo merito?

Não seria possivel?

FOGOS FÁTUOS

Diccionario.

Accender — «Accender a luz» como diz toda a gente. Porque se não dirá «molhar a agua?»

Defunto — Um anjo, uma perola, uma phenix... contanto que não renasça das cinzas.

Opinião — «Ser d'opinião de fulano», isto é, pensar como fulano, quando elle pensa como nós.

Manteiga — Uma coisa que tambem se faz com leite.

Bayoneta — Uma ingénua de que ri o sr. Krupp.

Cretino — Um imbecil que alcançou os seus fins.

—•—

Em politica como em amôr, a primeira concessão arrasta a queda do poder.

O rei e o marido que fazem concessões são soberanos que abdicam.

—•—

O amôr é a maior das invenções que a antiguidade nos legou.

A. Hussaye.

—•—

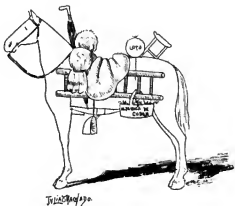
As mulheres que amam, perdoam mais facilmente as grandes indiscripções que as pequenas infidilidades.

La Rochefoocauld.

Um marido é sempre um homem de espirito; nunca pensa em casar-se.

A. Dumas.

O grande merito de muitos maridos é a mulher.

Poncelot.

cavallo equipado com todos os pertences para general portuguez.

Em compensação, a cara d'este dono de *restaurant* radia como um sol. É que Lisboa volta das praias, reapodera-se das ruas, remobila os aposentos, manda cortar pelliças d'inverno; e os theatros acordam, os clubs illuminam, projectam-se bailes, casamentos, jornaes, futuros bloqueamentos politicos. E vão chegar os *soupeurs* mais as *soupeuses*, aos gabinetes fechados aonde se dizem tolices, e se devoram fortunas e *perdreaux truffès*, emquanto o Zé dos Anneis aguarda cá em baixo, com o *coupé* fechado, e as facas fumegaotes, para a batida d'alva, até ao Campo Grande... essa batida d'alva com stores corridos, adstringente, carnivora, furiosa, que desaltera da ceia, e faz do amor como um charuto mau que se cuspiu.

Irkan.

Ensina-nos a physica um curioso phenomeno de—interferencia.

Quando dois raios de luz se encontram, em dadas circumstancias, produz-se a treva.

Dizem que as duas companhias do gaz vão fundir-se. Dois focos de luz que se encontram...

D'esta vez ficamos decididamente ás escuras!

Uma nota triste:

O Brazil depois de nos enviar a dolorosa nova da morte de Margarida—a incarnação mais completa da hysteria em corpo de mulher,—a lnura e captivante actriz de uma sensibilidade tão rara e de tão genial intuição artistica, envia-nos, em reforço, a noticia do enlouquecimento de Montedonio. Pobre actor estimadissimo, pae de familia, fascinado por esse lendario paiz dos milhões, elle partira ha quatro annos, como tantos outros, para não voltar, talvez!

Foi para representar a comedia alegre e a esta hora, protagonista d'uma tragedia infanda, espera no hospital o epilogo funebre.

Se tem de morrer, que o pobre actor não reconheça mais a mulher nem os filhos. E será feliz, porque pertencerá ao numero dos que, apenas o são no mundo: as creanças, os loucos e os mortos.

Oliveira Martins demitiu-se da direcção do Reporter.

Foi muito, mas francamente não foi tudo.

Quando se tem, como o illustre historiador e homem da sciencia, a coragem do trabalho, um nome respeitado, uma auctoridade incontestavel, quando se alcançou imprimir ao seu paiz um movimento visivel de novas idéas, quando esse paiz e Portugal, paiz de mandriões, de falsos rabios, de pedantes guindados, de nullidades ôccas, de politica devassa, a obrigação d'esse homem é recolher-se ao gabinete de estudo d'onde nunca devera ter sahido e não se limitar a deixar a direcção d'um jornal, mas deixar completamente—a tal politica.

No fundo eu estou quasi certo que o sr. Oliveira Martins me dá razão.

Nada mais inglorio e mais velhaco do que servir velhacos.

O dia e a noite.

Não é da opera comica, em que o rouxinol adora uma andorinha, que vou fallar; mas d'esses dois grandes actos em que se divide a vida de Lisboa, que constituem a comedia diaria do nosso viver, vulgarmente pacato, viver de burguez rico, com a caza acastellada deitando para o Tejo, om macaco no mastro do jardim, uma mulher feia como dois bichos, uma irmã douctora e delambida, uma filha unica, em toda a accepção da palavra.

N'este momento o dia em Lisboa é deliciosamente insipido. A Avenida não sussurra ainda, pela tarde, com o rodar das equipagens e as conversas multiplas dos peões, desfilando em linhas lateraes, como côrns d'uma peça d'espectaculo em que os comediantes de primeira ordem figuram ao centro.

Os que não
Por amor platonico
Por honra
Honrado, não resistiu á declaração de fallencia que o jogo nos fundos hespanhoes e uma exploração ingrata de minas lhe acarretaram. Leal, entregou todos os haveres aos credores e para si nem reservou a vida! (Ver n.º 5)
A vida fôra para elle um poema gigante de miseria! Quando o ultimo amparo—a caridade—o abandonou, a fome atirou-o ao Tejo. (Ver n.º 3 da pag. ao lado.)
Por miseria
Por amo facil
Escrever a Alice, «Quando receberes esta carta, não existirei! Perdoo-te todo o mal que me fizeste. Morro abençoando-te. Adeus! Adeus, para sempre»! Reynaldo. (Ver n.º 1 da pag. ao lado.)
Era formosa a hespanhola. Tantas vezes pensára em abandonal-a! Tantas! A idéa porem d'um outro a possuir era lhe insuportavel! Pediu, empenhou-se, roubou! Na vespera do balanço, horrorisado, sem força para se apresentar no escriptorio, suicidou-se (Ver n.º 2 da pag. ao lado.)
Pelo jogo
Fôra rico. A roleta lavou lhe a herdade, a casa paterna, as ultimas libras. Muito orgulhoso para mendigar suicidou-se. (Ver n.º 6)
Pelo exercito
J. MARTINS
COM
PALITOS PHOSPHORICOS
N.º 7
Por suggestão
—O 37 deixou-a. Sacrificara-lhe os domingos de tarde e as ultimas economias! De cabeça perdida, deitava as couves na carne assada, mettia o toucinho nos croquettes, esturrava, queimava tudo. A patroa despediu-a Foi o ultimo golpe. . (Ver n.º 4)
A despeito dos grandes desgostos, d'uma vida trabalhosa e ingrata, ia vivendo. Deus descontar-lhe-hia, lá em cima, tantas maguas. Porem os jornaes, contavam os casos dos suicidas... Valentes afinal... a vida, uma miseria! Pensou: se eu acabasse com isto? E, os jornaes, contavam, contavam.. não o largou mais aquella ideia. Um dia... matou-se! (Ver n.º 7)
Por partida
Mataram-o'o as «lettras!» (Ver n.º 8)

Os que ficam
(N.º 1)
N'essa noite:
X. — Disseram-me, Excellencia, que Reynaldo se suicidou por sua causa?
Alice — Sim? tem graça. E v. ex.ª acreditou?
(N.º 2)
No Restaurant-club ás 3 da madrugada.
—Lola, uma viuva é uma casa com escriptos. Ao primeiro inquilino!
—Viva! e que seja tão tolo como o ultimo!
«Viva la gratia»!
(N.º 3)
Inda depois de mortos dão trabalhos! Bem, diga ao sr. coadjuctor que tem de fazer este enterro. Cambada!
(N.º 4)
—O' 37 diz o «Noticias» que uma raperiga se metou por via d'um manicipal?
—Isso foi por môr do 73. Isso é um melro!
(N.º 5)
N'um grupo de banqueiros. O Collaço, que já quebrou duas vezes e é um dos credores:
—Digo-lhes isto... equelle miseravel... tinha tante vergonha como um cão! E mata-se... forte impostôr!
(N.º 6)
Muito custa e ganhar a vida honradamente!
(N.º 7)
O jornalista para o «reporter»:
—Vê o que é explorar bem o crime? contar bem o caso? São 15:000 réis de venda!
—Olarépes!
(N.º 8)
De recochete.
Da estatistica se
é muito maior o
dos tólos. E' que
res são como os
dobram-se, não

Não chegou ainda a epoca d'este arremedo pelintra da vida das grandes cidades; o «mot d'ordre» não foi lançado pelo apparecimento de duas ou trez carruagens de grandes damas, facto que os «reporters» dos jornaes lançarão com toda a ligeireza, como vóz para limpar arreios e apparelhar quatro ou cinco pilecas de marialvas, que tem de representar, entre nos, essa cousa que se designa pelo palavrão ôcco e sonoro do «sport».

O «sport» uma das entidades protegidas pelo governo progressista, uma necessidade de primeira ordem que se fazia sentir profundamente no paiz, desde que as carruagens luxuosas dos ministros, que sempre andaram a pé e mal calçados, não podiam, sem quebra de grandeza, serem puchados pelos ridiculos cavallos d'Alter, que o sr. conde do Sobral, tão ingenuamente ostenta nas suas cavallariças de Almeirim.

Não chegou ainda o tempo. A Avenida ostenta-se pacata e quasi deserta, ladeada pelas frontarias monotonas dos predios, triste como uma rua da Pompeia. No emtanto as ruas da Baixa, entre as duas e as quatro horas enchem-se de vida. Perpassam carros, ha grupos bulhentos pelas esquinas, pelas portas dos caffés, esperando as damas, que recebem cumprimentos, e entram em todas as lojas de modas a finguir que fazem compras. Um pretexto velho do passeio feminil lisboeta. Uma senhora, entre nós, não dirá, francamente ao marido—vou tomar ar—; mas sempre solicita pelo lar, velando estrenua pelas necessidades caseiras, encontrará para desculpar os passeios continuos a necessidade d'uma compra.

A compra e a visita, são as molas que impellem, apparentemente, para os asfaltos dos passeios, as nossas mulheres quando a verdade é que ellas sabem para mostrar que já chegaram, vêr os conhecidos que se encontram, e deslindar em que ficaram aquelles amores da praia, que fizeram fallar n'um duello, ou saber ao certo se o divorcio do conde o da condessa é caso assente, ou passou á historia.

E tantas outras pequenas grandes coisas de que o espirito femenino se nutre e com que se embriaga, eterna creança sublime, balouçada entre o amor e a vaidade, fazendo do agrado o cuidado supremo, o ultimo argumento.

Esta hypocrisia, é o que resta da educação antiga, fadresca, em que a mulher só conhecia o viver da rua, pelo espreitar cautelloso atravez da rotula cruzada de madeira.

Era uma defeituosa educação, decerto. Mas confessemos, tambem, que n'esse tempo, a mulher era mais digna do que hoje e o homem mais honrado.

A larga convivencia esconde os prazeres modestos do lar; e quando a mulher se liberta, o homem avilta-se.

E' pois no intervallo das duas ás quatro horas que Lisboa se diverte, de dia; que toma um ar alegre, fóra do commum, ar feliz. As ruas animam-se rumorosas, illuminadas por este bello sol peninsular, que fazendo ressaltar, nitidamente, as côres das «toilettes» femininas, dão ás ondulações, curvas e espraiamentos da multidão, a vaga semelhança d'um enxame que evoluciona, entre um variegado espectral de elytros, batidos da luz solar.

Delicioso o momento e rapido.

Dentro em pouco o passeio terminará no «chá das cinco horas», esse prazer gostronomico, que escapou a Falstaf e aos imperadores romanos. Prazer tão deslavado como a cara d'um inglez, mas que entrou na vida do nosso grande mundo, como o requinte da distiocção, ao lado do lawn-tenis, das garden-party, e da fedorenta cerveja. Hurrah!

As tardes decressem rapidamente, janta-se e o dia termina. Não é pois um dia em Lisboa uma larga epopêa, de infinitos prazeres, que a cabeça do provinciano ingénuo fantazia, nas horas de hypocondria dôce, ao canto da botica; ou nas suas horas de extravagancia lyrica ou deparar com o verso de Thomaz Ribeiro—eu nunca vi Lisboa e tenho pena!—Oh! não amigo, este é o quadro simples e verdadeiro do dia Lisboeta: e para o gozar é precizo viver aqui, conhecer as mulheres que passam e os homens que esperam, o que são e d'onde partiram, os segredos das suas vidas e das suas toilettes, a significação dos seus risos, o occulto sentido das frazes rapidas: aliás, todo o gozo será limitado á passagem tumultuosa de manequins inexpressivos e toda a vasta comedia latente, amores, ciumes, odios, intrigas, vaidades, o que interessa, o que attrahe, passará occulto na apparencia vulgar de gente que se move para negociar, para respirar á vontade, para se aquecer ao sol.

A noite chega. Teem fama as noites de Lisboa. As de agora, são d'uma pobreza franciscana. Verdadeiramente em Lisboa ha dois theatros que marcam a vida artistica da estação: S. Carlos e D. Maria II. Ao primeiro não chegou o dia da abertura; o segundo abrirá quando os societarios quizerem lembrar-se das condicções do contracto.

Porque é bom accentuar que o nosso governo tem muito maior disvello pela raça cavallar, do que pela arte. Elle não consentirá que se feche uma cavallariça n'uma quinta districtal, mas pouco se lhe dá que abra ou não o theatro, que apezar de todos os defeitos de direcção, é o unico onde se falla portuguez, o unico onde qualquer familia honesta pode, sem vergonha, occupar um camarote.

Decididamente nós havemos de chegar a fazer reviver a censura previa em obras de theatro, ou o sr. governador civil tem de mandar dois policias para os proscenios, com ordem de prender todo o actor que expectore atraz da ribalta, o que qualquer ebrio não pode proferir no meio da rua, sem ser conduzido á esquadra, por offender a moral.

Esta differença que ha entre a criminalidade d'uma phrase chula, porque não foi ensaiada e a d'est'outra porque tem «deixa», francamente revolta.

E este o estado actual dos theatros ne Lisboa.

No Gymnasio *O Dr. Jójó*, comedia, como são geralmente as d'este theatro, sem predicado serio que as recommende, baseada em falsidades, inverosimilhanças, tolices, armando á graça, ao applauso publico, pela ambiguidade chula do dito, pela nudez inadmissivel das situações.

Diz-se que o publico não escolhe as outras. Falsissimo. Veja-se, em D. Maria, o exito da *Guerra em tempo de paz*, e da *Sociedade onde a gente e aborrece*.

Depois vem a Trindade. Aquillo é uma Babel. Falla-se n'aquelle abençoado palco, o gallego, o hespanhol, o italiano e ás vezes o portuguez, Ronca-se, grita-se, berra-se, guincha-se e canta-se, ás vezes, quando Salud, a gentil hespanhola, entra em scena. A respeito de linguagem, de ditos graciosos, temos conversado... fazem córar um sargentão.

Eis os dois theatros em voga.

Só nos resta ou ir para o Colyseo, vêr pela centessima vez, um cavallo com uma menina a pular na cella, aos gritinhos, ou atirar-mos com a nossa alegria ás garras dos actores do theatro do Principe Real e sahir de lá com a mente a fervilhar de gritos, com visões de sangue, com vultos de cadaveres, carceres soturnos, innocentes degolados... uma hecatombe!

Todavia, renda-se a homenagem ao modesto theatro. Parou, é certo; mas como «vielle roche» firme no seu ideal. Usa ainda a cabelleira solta, o casaco de veludo, a bota á Frederico, manto negro, mas tudo limpo. Pode incommodar a alma simples do povo, mas não a relaxa; póde ser banal, antiquado, piegas, perante as exigencias philosophicas do nosso espirito moderno; mas não é nunca ordinario, immoral, corrupto.

Resta-nos a Exposição Industrial, com a luz decorativa dos seus globos electricos, o sussurro de aguas cadentes, aquelle ranger da areia esmagada pelos pés dos passeantes, os concertos de Rio de Carvalho, o apreciavel maestro, e ainda as sombrinhas do sr. Gazul.

Este espectaculo é que é perfeitamente innocente! O modo de passear, os grupos das cadeiras, os echos da charanga, as *bichas* das creanças, o vedado do ambito, a gravidade das mamãs, os namoros languidos das filhas sob o bico amarellado do gaz, tudo nos recorda aquellas saudosas e portuguezas noites do antigo Passeio Publico, e me faz vêr um phenomeno curioso de atavismo na vida da cidade.

E ella que resurge, no recinto da exposição, como era ha dez annos, ao lado d'aquelle corêto pintado de branco, entre os arcos da cascata e o lago da entrada, desfilando entre o Tejo e o Douro, ao som do cornetim do Rodrigues da Guarda, e, tendo creado, como symbolo da alegria, da graça nacional choreographica Justino Soares, de saudosa memoria. Commovedor!

Aconselho as mamãs a que levem alli as filhas cazadouras.

A luz electrica dá á pelle uma suavidade incomparavel e ao olhar uma doçura estranha.

Ora a uma pelle fina e a um olhar dôce, nem os tolos resistem. Experimentem.

M. M.

FOGOS FATUOS

Diccionario:

Armisticio — O tempo de arranjar uma espingarda melhor, um canhão mais perfeito, uma bala mais.. persuasiva

Felicidade — O homem nunca foi feliz. Lembra-se de o ter sido ou espera sel-o. Eis tudo.

Accesso — Tem-se accessos de ternura, de generosidade. Não os ha d'orgulho, d'egoismo. E' o estado normal.

Bocca — A unica que tem a palavra é a bocca do canhão.

Obra prima — Uma creança que só se baptiza depois da morte do pae.

Duetto — Melhor qua um terceto e peior do que um solo.

Inveja — Um dia de «soffrimento» pela felicidade do proximo.

Dr. Gregoire

O luxo das mulheres tem tomado taes proporções que é preciso estar loucamente apaixonado e ser fabulosamente rico para se poder ter uma mulher, como sua. Tal estado de coisas só nos deixa uma solução: amar as mulheres dos outros.

A. Karr.

E' mais facil a uma mulher defender a sua virtude dos homens, do que defender a reputação, das mulheres.

Rochebrune.

A variola é o Waterloo das mulheres. Depois da batalha, elles conhecem os que as estimavam.

Balzac.

EXPEDIENTE

A *Comedia Portugueza* está á venda nos seguintes logares:

Kiosques: Rocio, Avenida, Praca do Commercio, Praça dos Romulares, largo de S. Paulo, Caes do Sodré, Aterro (em frente do mercado 24 de Julho).

Agencia Bastos & Gonçalves, rua dos Retrozeiros.

Tabacaria Sousa, rua dos Retrozeiros.
» Anglada, rua dos Retrozeiros.
» Castello, rua 24 de Julho.
» Bella Havaneza, rua da Prata.
» Feijó, rua da Prata.
» Lima, Avenida, 57.
» Monáco, Rocio.
Livraria Moderna, Avenida.
» Rodrigues, rua do Ouro.
» Ferin, rua Nova de Almada.
» Barata, rua de S. Paulo, 120.

Por absoluta falta de tempo não podemos agradecer a amavel recepção do nosso collega *Pontos nos i i*. Falo-hemos no proximo numero.

Ao Pontos nos ii

A tout Seigneur tout honneur

Lithographia Guedes, rua da Oliveira, ao Carmo, 12

Ao ver prepassar feliz e despreocupado, sua Alteza o principe que Deus Guarde, por entre as enormes difficuldades da sua regencia, em Cintra, em Cascaes, no hyppodromo, na caça, no «tour» da tarde, puxado a quatro ou levado a um, eu pensava commigo: como a providencia é grande.

Tão novo e tão sabio, tão experimentado, tão superior que leva isto com uma perna ás costas, como diz o vulgo.

Eu que suppunha que governar um reino era um trabalho arduo e penoso, para que se requeriam dotes especiaes, especial cultura e engenho, convenço-me agora de que é a mais simples, das mais simples cousas do mundo. Boa peça me tem pregado a rethorica e os poetas.

No parlamento, os «eleitos» clamam sempre pelo «espinhoso» cargo de reinar, e «difficil» e tantas vezes «angustiosa» posição de rei: e, eu a ver sua magestade pensativo horas e horas á banca do trabalho, curvado, coberto de espinhos, angustioso a ainda por cima cahindo-lhe sobre os arminhos do manto as chufas e graças d'uns maráus que passam a vida pelos cafés, passeando os asfaltos, cortejando as mulheres.

Enchia-me a indignação!

Lembravam-me, dos meus tempos da analyse grammatical, uns versos fogosos de Ferreira, na tragedia Castro, em que o rei Affonso dizia cousas terriveis do sceptro, a ponto de confessar que, se o visse no chão antes que levantal-o o pizaria aos pés:

> n'este chão que te achasse, quereria
> pizar-te antes c'os pés, que levantar-te.

Reenchia-me a indignação!!

E, emfim, até o sr. Fontes, que era segundo a graciosa denominação dos seus contrarios—o rei substituto de Portugal—até elle, muitas vezes repetia, que lh'o ouvi eu, os encargos, as luctas, os trabalhos asperrimos das provincias da publica administração.

A indignação rebentava-me!!!

Afinal, foi um desilusão cruel. Um homem governa mais facilmente um paiz do que um bote; os senhores deputados armavam ao effeito; o sr. Fontes armava ás mulheres, que adoram os heroes os luctadores; o Antonio Ferreira era um pobre diabo que nunca fôra rei!

A questão é nascer na Ajuda, no Alcaçar em Madrid, ou nas Tulherias, ou no Kremlim. O filho d'um rei, é um rei pequeno que cresce, amadurecendo na mysteriosa aptidão de familia, justificando a trova popular:

> O pecegueiro da pecegos,
> O limoeiro limões...

Ninguem dirá ao ver uma abobora, que ella nasceu d'um morangueiro. Não senhores: sabe-o todo o mundo. Uma pevide, pequena, humilde, da aboborá mãe, enterrou-se no solo, que gerou a aboboreira, que a seu turno alimentou a abobora que V.Ex.as estão vendo. Uma questão de pevide e nada mais: Foi pequenina; hoje é isto: uma perfeição. Oh! a natureza!

Andamos a procurar continuamente ministros novos.

Esquadrinhamos, informamo-nos dos nossos homens mais intelligentes, mais conspicuos, mais sabedores. Se foram vaccinados e não padecem molestia contagiosa, encaixamos-lhe a pasta no axilla. São homens entrados no segundo periodo da vida, tendo deixado, por tempo já, os ardores juvenis; cheios de experiencia e de conselho, acostumados á concentração dos gabinetes de estudo. S. ex.a será ministro, entrará no numero dos sete peccados mortaes de que se compõe um ministerio: ahi tem carruagem, ahi tem o correio, ahi tem o gabinete; queira administrar.

Quer mais papel? mais papel para o sr. ministro.

Precisa de mais tinta? um frasco de tinta para o sr. ministro.

Sua excellencia senta-se, compenetra-se do cargo, enedia e trunfa, ageita a luneta, ordena o papel, pigarreia suavemente, inclina-se, toma a penna e... «o dique das asneiras arrebenta!» Isto ter sido inalteravel, bem dito seja Deus, de ha vinte annos para cá.

Alteza, queira ter a bondade de administrar, provincias, ilhas adjacentes, colonias, ministros, esta tralhoada toda... Prompto: apparelha-me o baio para o passeio. Falta alguma coisa? Arranjem-me mais dois cabazes de flôres para a batalha dos Pisões. Ha ainda que fazer? ainda ha? Vamos dançar para Cascaes.

E, como em tempo de fadas, como se o principe louro tivesse condão, provincias e ilhas, leis e decretos, nuvens e horas, negocios e lerias, correu tudo ás mil maravilhas, na serenidade mansa das noites de luar.

Se eu fosse allemão e tivesse o poder evocador d'esse velho mundo fidalgo e mysterioso, havia de escrever uma ballada doce e triste, aventureira e epica: assim posso apenas tirar o meu chapeu ante a visão deliciosa da minha patria e render graças aos Deuses, pelos seus favores e pela prolongação do poetico systema que felizmente nos rege.

Está o sr. D. Luiz de volta a estes reinos, no fim d'uma larga viagem, entracortada de festas, e offegante em demonstrações de apreço — já por banda dos seus collegas qua estimaram vel-o feliz mal-a senhora — já por banda dos povos, qoe parece se consolam das suas proprias dymnastias, deitando foguetes de preito ás dynastias dos parceiros.

El-rei, chega, ao que parece, restaurado, nedio, a outra vez reconduzido á sua bem conhecida actividade.

Damos-lhe os nossos parabens por esta esguichada de saude que uma tão preciosa existencia acaba de receber pelo injector das viagens de recreio—se bem que estejamos certos de que estas digressões que enchem d'adipo o pujadouro dos reis, quasi sempre escanifram singularmente a alcatra dos povos.

Não recusemos, porém, pôr o acceito em mais estas Lettras que S. M. se dignou saccar sobre nós, taoto mais que nos consola a certeza ineffavel de serem as ultimas; e demos de mão beijada estes mesquinhas victualhas da oossa riqueza publica, que nenhuma falta nos fazem, em troca das ioapreciaveis regalias de que esta viagem abençoada vae crivar-nos.

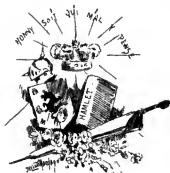
Além da foguetaria e da canhonada do estylo, a vinda de S. M. em pouco alterou, na segunda feira ultima, a pacatez e o aspecto da nossa capital.

Havia talvez uma certa curiosidade em ver de perto a el rei, que em telegrammas de sua propria redacção, maodára ao presidente do conselho, com muitos recados para o povo, animadoras e muitas expansivas noticias, quanto ao enrijamento da sua carcaça bragantina a fidelissima.

N'esta curiosidade todos fomos logrados (o povo é a eterna creança, etc., etc.): S. M. appareceu na *gare* de Santa Apolonia, noite fechada — já os regosijos do Terreiro do Paço bruxuleavam a sua fileira de luzinhas magras, symbolo da meia tripa em que andam entre nós os amanuenses — e se aos *dindons truffes* da côrte foi dado julgar da prosperidade das banhas moderadoras, é certo que as classes subalternas tiveram que transferir a sua opinião, quanto á influencia benefica das viagens de recreio na saude dos principes nostalgicos. Segundo o *Diario de Noticias*, o sr. D. Luiz é o monarcha que mais tem viajado pela Europa, depois de seu tio Pedro II—que esse até ja percorreu regiões aonde nem um hespanhol ousaria mandar passear a propria divindade — e aquelle que por suas qualidades e taleotos, mais vivas sympathias faz jorrar, á sua passagem, do coração das capitaes.

De feito não ha nada para arrancar o teutão frio e cervejento, o austriaco indifferente, e o orgulhoso hespanhol, á monotonia de seu *home* e ao absorvente turbilhão dos seus interesses, como dois dedos da cavaco de S. M. o rei da Portugal. Até lá em Berlim, quando não ha que dizer nas cervejarias, os allemães encaram se e observam — e se por ahi viesse agora o rei da Portugal ! . .

Nos circulos officiaes mesmo se rosna, que a vinda d'Izabel de Austria para a Madeira. não é indifferente á fascinação que o violoncello real conseguiu exercer sobre este nevrosismo de *femme de traquee*.

O phenomeno de resto não tem absolutamente nada d'insolito. E' sabido que os indianos domesticam serpeotes assobiando-lhes ás botas: e fr. Bernardo de Brito falla d'uns tapuios que fascinavam praguiças do Brazil, fazendo lhes zoar cega-regas á embocadura das tocas.

A' chegada de S. M. a Santa Apolonia, toda a côrte se acercou da sua real pessoa . homens de finança e homens de politica. deputados e escriptores, damas de palacio e damas de *comptoir*.

E feitas as saudações de caracter official, dados os vivas do municipio mancomunado com a alfandega, e correspondidos com enthusiasmo egual por todos quantos em Portugal teem um ordenado ou uma tia baroneza — passou o monarcha ás suas effusões particulares.

Dadas as suas tendeocias litterarias, não se espantarão os leitores que lhes digamos, ter sido para as letras a primeira expansão carinhosa de monareba.

A litteratura portugueza tem effectivamente, junto do paço real uma embaixada, atravez da qual se infiltram para as predilecções pessoaes do mooarcha, as preddecções do embaixador plenipotenciario — que é, diga-se aqui, um homem inteiramente encantador, um pouco sceptico talvez, mas simplesmente fino a gentilhomem, temperaodo com as seducções litterarias do artista, a aridez do professorado, e salvando-se por este das banaes eveotrações folhetinisticas do seus secretarios d'embaixada.

El-rei acercou-se, pois, do embaixador, e entregando o seu real guarda-chuva ão conselheiro presidente, inquiriu do que havia pelas litteraturas portuguezas.

A Chegada

Um nobre ornamental Serve para dar a nota cortezã, nas recepções e nos beija-mão. Faz parte da mobilia d'um paço, como um lustre, uma cadeira de espaldar Tem sobre os moveis a vantagem de se deslocar por si, a procurar o ponto de vista; e, sobre os papagaios a superioridade de dizer mais claramente: Real Senhor! Real Senhor! São muito bonitos mas custam muito c ros

Adora a effigie de El-Rei. . gravada em prata ou ouro.
Um olho no comboio e outro na corrente do relo gio. dos outros F' as ...gnante

Republicano.
Vem para o ver mais uma vez, encaral-o de frente e cantar-lhe a Marselheza com os olhos

A menina Elsa. Veio com a mãi e o namôro. Sua magestade serve lhe n'este momento de páu de cabelleira. Adora as festas; tagarella, e ama Está no cannolio

d'El-Rei
(Typos e notas)
D. Briolanja.
Viuva d'um major reformado A familia real! Tem-a no coração e na casa de jantar em oleographias de 40 réis. Olha o meu rei, como vem bonito!
Conselheiro Calino — Ouve, meu filho: a realeza é o freio dos ambiciosos. Saudando El-Rei saudamos o representante d'um freio!
O filho.—Viva o freio!
Vale mais do que trabalhar um dia inteiro na officina.
Por doze e meio a palavra, nunca houve orador de massas que falasse. Nem S. João Chrisostomo o bôcca d'ouro
—Por aqui, tu?
—Que queres? Todos os caminhos vão dar a Roma.
O medico. Dos mais attenciosos companheiros de El-Rei
Tomando o pulso, curvo, sorridente
Como fôr do agrado de V Magestude!
ANDA NO ANNO DA POLYTECHNICA EM FAMILIA DÁ PELO NOME DE QUIM-QUIM. NA ESCOLA CHAMAM-LHE O-PANCREAS-
(NÃO FAZ VERSOS PORQUE DIZ QUE O ABORRECE CONTAR PELOS DEDOS.)
JULIÃO MACHADO

—Tudo perado, real senhor, e desde que V. M. nos deixou.

—Pois oos seus reinos, acudiu d'alli o conde de Sabrosa, um secretario, V. M. é como o sol, que decide e meturação das aboboras, inspira as artes, e esfria a terra e esmorece e vida, quando... pare elem das frooteiras portuguezas.

—Será possivel que em tres mezes d'ausencia, o meu paiz não tenha produzido um só livro, um artigo, um poemeto!

—Ha um romance: os *Maias*, corriqueiro... onde uma hespanhola tem a ousadia da dizer que V. M. *tiene cara de buena persona.*

—E o meu caro conde, não faz versos?

Eu parti o alaude, des'que Gonçalves Crespo falleceu.

—Sabe V. M. quem apanharia e flôr d'emaraotho, se acaso ainda entre nós houvesse jogos floraes?

O *Duque de Mendonça*, não ha outro, disse o monarcha.

A oossa condessa de Segur, a educadora... uma variante do duque, em feminino.

—E essa flôr d'emarantho, é preciosa?

—Como coodecoração é uma especie de habito de Christo destinada a premiar a folhetinistorrhea das escriptoras pessimistas. Murche depressa.

—Não é, pois, galardão que convenha a uma sedhore. E quanto a *sport*?

—O visconde de C. estreou um fato; a viscondessa de R. cootinua a ter mêdo do marido, a tem havido uma batotinha minaz no *Turf Club.*

—Perdeu alguem?

—Tudo se perdeu, meu senhor, menos a houra.

—Nada está perdido então: que dinheiro não avesam os geotishomens leaes da minha côrte.

—Mas, *sport* nautico?...

—No bahia da Cascaes virou-se um bote. Foi este anno o acto brilhante da Associação Naval, de que v. m. e commodoro.

—Caspité, ministros! E da belleza das damas d'estes reinos?

—As senhoras da côrte continuam a apparecer vestidas da sophás, e a procurarem o seu oome no *carnet mondain* das *Novidades.*

—Já sei que tiveram por cá manobras do outono. . Moltke fallou-me.. Diz que brilhantes..

—Oh, com certeza. O nosso eercito é o primeiro do mundo Appareceu um grande do raino deotro do rancho dos artilheiros... mas quem levou eo acampamento prestigio, foi S. A. o principe regente. Ah meu senhor, que figura...

—Desempenado hein? o meu rapaz:

Oh, guapo moço! E que aprumo e correcção de fardamento ferda de coronel, imagine v. m., capacete de plumas botes de bezerro branco com salto de prateleira, cinta á hespanhola, rewolver no cinto chapeu de sol. Gostaram, tanto, que o general até mandou agradecer ao principe, ne ordem do exercito, a disciplina.

—Isso me egrada! isso me egrada! disse o rei, dando estalinhos de jubilo com os dedos.

—Porque emfim, ebservou einda o secretario d'embaixada, S. A. R. podia muito bem ter ido ao exercicio em mangas de camisa

—Aquelle rapaz se pela figura recorda o meu chorado bisavo D. João VI, é pelo espirito guerreiro, o meu amado irmão infante D. Augusto.

—Serenissima vergontea.

—Está feliz o meu povo?

—Podéra oão. Foi desmamado o principe.

—Isso dá azo a nós fazermos entrar no Kalendario mais um dia de gale, e a pedirmos eo estedo um acrescimo de dotação para alimentos.

Mas diga-me, conde: os suicidios, diz que ebundam .. Dizem os jornaes, que inspirados pela miseria e pela fome .

—Qual! meu senhor. Tem sido de saudades pela ausencia de V. M.

—Querido povo meu! Se não tenho dado tanto dinheiro aos pobres de Madrid, talvez lhe offerecesse agora um bodo, por cautella aos seus futuros resentimentos.

—Um bodo por cautellas... Mas real senhor, isso foi uma idéa do Manaças.

—Como está isso lá pela Academia.

—O Diccionario prosegue. Tinham ficado em *zurrar*. Lá continuam. E agora estão em *zut!* real senhor. Parece, porém, que os collaboradores oão metterem no livro *zaragato.*

—O povo parece desdenhar d'essa palavra. E não appareceu mais anarchista nenhum a escabroncar a pinha aos jornelistas?

—Oh, nunca mais! visto como *l'affaire a reussi.* (*aproximam-se os ministros: o rei avança para o presidente, da-lhe um abraço e recebe outra vez o guarda-chuva*).

—E' singular, diz o monarcha. Falla-se pela Europa em Bismarck, em Kalnocky, Crispi. Caoovas, Sagasta e Stambreloff so á rode do genio politico do meu presidente do conselho se tem feito uma conspiração de silencio

—A modestia, tornou pudicamente o interpellado, é um apagador que extingue a aureola dos grandes homens, para além das fronteiras dos pequenos paizes.

Aqui o ministro da fazenda observou:

—He só um ministro grande: é aquelle que arranja dinheiro barato, e sabe fazer uma pega de cara ao moageiro. (ao ouvido d'el-rei) V. M. não traz tabaco de contrabando nas bagagens?

—Não. Mas comprei-lha uma capa em Barcelona, para o senhor fazer vida, quando voltar á opposição.

(apparece o ministro dos estrangeiros)

—E a questão de Larache? diz-lhe o rei:

—Reclamámos 100 contos de réis dos marroquinos, e titulo de indemnisação para as victimas do conflicto. E' rezoavel.

—E se o governo do sultão recusa, santo Deus?!...

Mas elle aceita. *(segredeando)* Mandámos secretamente a Marrocos nos 120 contos: o sultão recambia-nos os 100, fingindo que nos dá satisfação, e paga-se c'os 20 da villeza a que desce, recebendo es metralhadoras da nossa *marrrrinha de guerrrra.*

—Vinte contos de réis pera emordaçar a lingua e um potenta'do! Já vejo que na ala d'Africa as casas de campo são muito mais baratas do que na Beira.

—Provavelmente não teem estuques nem pavimentos...

(o principe regente vem tomar o braço de seu pae: e a comitiva affasta-se, emquanto pae e filho caraqueam)

—Ora diz-me, Carlinhos, quaes os factos mais notaveis da tua regencia.

—Desmsmei o rapaz; fui caçar as gaivotas em Setubal; oos salões d'uma quinta emprestada dei om baile, n'uma sexta, aonde as marcas do *cotillon* eram pandeiros pintados por meus proprios pinceis.

—Que trabalhão devias ter dado ao Casanova!

—E tão apreciadas foram essas pinturas, que os convidados omaram as minhas cabeças de *mariola* e toureiro, por verdejantes paisagens da Suissa.

—Precocidade de moço!

—Se o papá não vem tão cedo, encontrava no poder um ministerio recrutado por mim no *Turf-Club*, ou entre os gentilhomens amadores da tauromachia.

—Sim, que talento! Mas era fomentar a união iberica, Carlinhos.

—Não percebo, papá.

—Esses senhores começavam logo por oomear para os cargos importantes do reino, todas as damas hespanholas do seu partido. E calcularás d'ahi a desordem. O primeiro acto de pepotencia d'aquellas senhoras era pedirem a abolição dos delegados de saude e restaurarem no seu antigo posto, as *camareras.*

—Diabo! é verdade...

—Em Villa Viçosa nunca mais te calumniaram de *principe lavrador?*

—Agora só me chamam o *principe Diniz*, o que vem a dar no mesmo. D. Diniz figura na historia sob o cognome de lavrador tambem. Plantou pinhaes...

—Exacto, exacto... E' que tu deves fazer tambem, meu rapaz... plantar pinhaes. ou cebólas

Irkan.

O sr. Jorge Allen, segundo parece, rapaz distincto, gozando de geraes sympathias é mordido por um cão, que envia ao hospicio dos animaes e que morreodo dois dias depois é autopsiado pelo veterinario de serviço.

A autopsia não ravella symptomas da hydrophobia; no entanto o infeliz rapaz é recolhido ao hospital com os symptomas assustadores da terrivel doença. Sobresalta-se a população a os jornaes perguntam entre assustados e colericos: de quem é e culpa? Com a devida venia, collegas, pareca-me que a culpa é simplesmente... do cão!

José Allen, morreu. A doença do pobre rapaz deu origem a uma serie de inconveniencias medicas e jornalisticas, que nos fizeram pensar se realmente o bom senso de ha muito fez a graça de nos abandonar de todo.

A tragedie primeira, ameaça reproduzir-se, graças ao tacto clinico d'alguns e á indiscrata ignorancia de outros.

Não é necessario desenvolver o assumpto; isso levar-nos-hia muito longe.

Inaugurou-se ha dias, em Paris, o Lyceu Molière, para a educação das Mulheres. Mr. Lockroy, ministro da instrucção entre bellas coisas, disse:

«A honesta liberdade do pensamento, a gravidade simples do sentimento, eis o que é preciso aotepôr a tudo eis o que é preciso adquirir a propagar depois em volta de si: é com estas elementos que a mulher se póde tornar verdadeiramente egual do homem, e torna-se digna do unico papel que hoje lhe convém — o de educadora do paiz.

A inscripção antiga resumia n'estas palavras o elogio da uma verdadeira mãe de familia «Amou o marido com todo o coração; olhou pele casa a fiou e lã».

A mulher moderna deverá tambem merecer esses louvores, mas é preciso accrescenter-lhe ainda isto «Fez dos seus filhos cidadãos esclarecidos e viris, capazes de servir a patria, tanto dantro como fóra do paiz».

Ha ahi alguem que faça o favor de me explicar como se obtem uma — honesta liberdade da pensamento? uma gravidade simples do sentimento? elementos com que se consegue, segundo o sr Lockroy, tornar uma mulher egual ao homem?

Apello para o sr. José Luciano. Elle decerto comprehende estes palavrorios óccos, methaphisicos, a ha-da ter paciencia de nol'os explicar, quando se abrir o lyceu para as mulheres. O que novamos apprender!

No Conselho geral d'instrucção publica, os senhores sabem, uma assembléa qua trabalha mysteriosamente, modestamente a julgar pelos resultedos brilhantes dos seus accordãos, na marcha do ensino publico; um medico, com uma tradição gloriosa do fino espirito, um alumno da escola de Paris, um anatomista consummado, acaba de abrir um largo rombo na muralha impedidora dos progressos academicos.

Sua excellencia propõe para remodelar methodos, e desfazer poeiras em cerebros de jovens, a inacreditavel iojacção de—oito annos de latim!

Velhos bernardos, de barba esqualida, a luzidias carecas; frades bojudos de ventre ministarial insaciavel, magros professores do seculo que passou, sebosos, de narizes atulhados de simonte, olhos ramellosos e unhas roidas; brutaes livrelhões encoirados, chapeados de cobra, de margens sanguineas, folgae, ides rejuvenescer, erguer-vos das cinzas, perante a tragica proposta d'um medico, proposta cruel como não ha memoria de ter sido, jámais, uma recaita!

Uma senhora perguntava a um medico.

—Doutor, o que sabe a faculdade a respeito da minha doença e do seu tratamento?

—Minha senhora, o que a faculdade sabe, de positivo, a respeito da doença de V. Ex.ª é que se chama — *grippos* — em grego.

O dr. Thomaz a receitar para o escrofuloso ensino portuguez, está, segundo se vê, a fazer clinica de senhoras espevitadas.

Annuncia o dr. Alberto Das. umas secções publicas de magnetismo animal, de hypnotisação. A quem competir a iotervançãn, prevenimos, de que em outros paizes, as sessões publicas para exposição d'estes phenomenos tem sido prohibidas, como prejudiciaes e perigosas. São assumptos proprios de escolas, onde ninguem extranho se instrue e onde as imaginações vivas, os cerebros fracos, buscam muitas vezes o germen de desarranjos mentaes de manias, da loucura.

O charlatanismo entra sempre de mistura n'estas exhibições que tem exclusivamente por fim, e amploração do publico, levado pelo eocanto facil do maravilhoso.

A pseudo-sciencia se devera ser banida das cadeiras das escolas, é absolutamente, intoleravel n'um palco a quinhentos réis por cabeça. Se ao menos fosse inofensiva,—se isto pode ser—podia permittir se. Perigosa não ha razão que a justifique; prohiba se. Aviso os paes a que mo levem ahi suas filhas; a vista d'estes espectaculos, pode acarretar-lhes, a ellas, uma doença cruel, de difficil tratamento a rera cura.

Todos os jornaes portuguezes, fallam tecendo louvores e agradecimentos a maneira briosa com que a fidalga Hespanha, recebeu el-rei D. Luiz. Mas em todos os mesmos jornaes, se fare uma nota. para descanço dos burguezes assustadiços e das amas de leite Essa nota. «muito catita», é a do orgulho patrio, do sentimento altivo da independencia, do respeito profundo pelas opiniões politicas dos nossos beroicos maiores. N'isto faz a imprensa portugueza consistir um dos seus titulos de gloria Podará errer e donzella: mas ser traidora, á memoria de Pinto Ribeiro e dos trinta e nove companheiros. Oh! jamais!

—Bella e heroica Hespanha, obrigado pelos teus cuidados, peles bichinhas-gatas que fizeste ao nosso rei; mas oão penses que agradecendo os taus favores esquecemos Aljubarrota, que gratos ás tuas deferencias olvidamos um instante Montijo. Valverde. Montes Claros.

Isto diz a imprensa e entende que essim foi cortez e altive, delicada e digna. Assim se liberta d'uma oodoa vil do iberismo que mancharia a sua tunica, se lá houvessa ainda logar para manchas novas. Amante da patria a imprensa portugueza como nenhum a outra!

Que lhe folheem as paginas. Ver-se-ha que não existe uma falsidade nos seus artigos: que jámais defeodeu interesses pessoaes. actos indecorosos, vilanias, abusos, roubos.

Ver-se-ha que o amôr do paiz, exclusivamente, incita os seus apostolos; e a que e dedicação pela verdade, pelo bem da patria, é o seu unico bem, a bandeira gloriosa sob que combate as rudes batalhas da vida. Oh! a ingenua!

A' mais bella, á mais fidalga, á mais briosa das nações, á grande eotre as grandes, á cavalheirosa, á heroica Hespanha, a nossa velha irmã, pelas honras que nos prestou na pessoa d'El-Rei D. Luiz, a *Comedia Portugueza* saúda.

Viva a Hespanha!

FOGOS FÁTUOS

Diccionario.

Chimerico. — Tudo o que seria justo, razoavel e generoso.

Apparencia.— Tende uma, salvae as outras. E' este o segredo da consideração.

(Gregoyre.)

Amôr. — E' a aza que Deus deo á alma, para subir até elle.

(Miguel Angelo).

Belleza. — Um bem para os outros.

(Bion.)

Chronica

O sultão de Marrocos, Moula Assan, o belicoso e gentil sultão ecaba de nos faser recuar de trezentos ennos oe vida guerreira, com uma galanteria digna d'um filho do propheta e d'um habito da Christo. Só elle serie capee de fazer que o sr. Berros Gomes epparecesse ao lado de Colbert e de Teyllerand, e de oos convencer, por instantes, que e bandeira das quines, hasteeda no mestro do Pimpão, em frente de Larache, causa ainda aquelle terror supersticioso que incutia, outr'ora, desfraldada oas ceravellas de Affonso da Albuquerque, á vista de Ormuz.

Que lisongeiro imperador!

Vejamos, oo eotanto, o homem que tivemos de humilhar: a finura da sua politica, para comprehender-mos toda e grandeza da diplomacie da Barros, toda e sublimidade tactica do Gomes.

E' oetural que poucos conheçam a figura do imperador de Marrocos, o seu viver, o seu reino. Uns leves traços extrahidos da Gabriel Charmes, far-nos-hão conhecer o homem que nos ia precipitando, a oós burgueees de brandos costumes, nos ezeres das pelejas sengrentas; que ia, relembrando antigos prelios, arrojando de oovo o estnodarte das quinas cootra o cresceote pagão.

«E' um bom typo d'homem. Brilhante cavalleiro, tem dado muites provas de bravura.

Ha alguns ennos, teodo ido Ouchda conferenciar com um geoeral francee, teve de abrir passagem, á ida e á volta, combatendo por entre as tribus que astão sob e sue auctoridade. N'um dos combates, levado pela coragem, morto o cavallo, esteve e ponto de ser morto. Appoisdo contre um rochedo; com alguns soldadoe ficis, fez freote eos inimigos, eté que um cahid lhe trouxo um cavallo em que se effastou. Tem corrido immensas vezes perigo de morte nas eepedições eo sul do imperio, ne Região dos Sous em que o seu dominio não é menos ficticio do que no Riff e na Mouloïa.

Assim, a sue preoccupeção constaote é o exercito; prevendo que só as tropas armedas e equipadas á europêe poderiam tornar em validade o hypotetico imperio de Marrocos.

«Quando mercha, no meio do eercito, para ir d'ume cidede para outra, ou para fazer algume expedição, o sultão cooserva os hebitos da vida quotidiana. Levante o acampameoto, tarde, sem receio do sol, sob cujos raios os marroquinos parecem viver melhor do que á sombra. As tendas desfilam edeante. Os soldados formam uma longa ala, oo meio de qual se colloca o sultão, seguido do estedo meior e de elgumas mulheres cuidadosamente occultas pelos véus. Deente d'elle caminha o mestre das cerimonias, depois um grupo de personagens traeendo os objectos de uzo do sultão, ou alguns que lhe possam ser, por acaso, precizos. São: o «moul faz», encarregado de limper os caminhos; o «moul chabir» mestre das esporas, que as leve na mão e que o imperador lhe pede sempre que quer eeecutar alguma proeze hyppica, com espanto da comitive; o «moul zerbia» o mestre dos tapetes; o «moul stroumbia» mestre do coxim; o «moul belgha», o mestre das chinellas; que es calça eo imperedor quando este quer mudar de calçado; o «moul el me» o mestre ds egua; o «moul el teï» mestre do chá, cujos nomes explicam es funcções.

Depois d'este grupo vem: o «moul medel» o homem do chapeu de sol e o «moul zif», o enchota mosces.

O sultão entra sósinho, na tenda onde é recebido pelas mulheres do harem que o precederam e pelos eunucos que depois de o ajudar a apear-se, o despem e preparam para o descanço».

Tal é o homem: um pandego descuidado, passeiando os estados no meio das odaliscas, divertindo-se a atirar ao alvo e a domar cavallos.

O reino, um imperio hypotetico, governado por caïds d'uma finura tal, que creiem que não ha na Europa um cavalleiro como o imperadór.

Comprehende-se em vista d'isto, que o nome de Barros Gomes alcançasse as eminencias, onde só costumam pairar as aguias e que a nação tenha resolvido cunhar uma medalha commemorativa tendo d'um lado a effigie do ministro e no reverso um sultão afflicto, de cócoras, debaixo d'um chapeu de sol.

Gosta muito da artilheria e elle proprio todos os dias se exercita atirando ao alvo.

O povo acha-o extraordinario e entende que deve ser superior a qualquer christão. Um dia Moula-Hassan montava um cavallo fogoso; o cavallo acuava, cambeava se, recusava marchar. O sultão fez signal ao «moul chabir» para lhe trazer as esporas e fixar-lh'as nas chinellas. O cavallo domado marchou. A multidão lançou gritos de acclamação de tal ordem como se o sultão acabasse de submetter uma tribu indomavel.

Que dizes a isto? exclamava para um francez, um alto funccionario que assistia á scena. Ha na Europa um cavalleiro que possa comparar-se com o sultão?

Quando correu em Portugal a nova de que um insulto fôra feito a subditos portuguezes pelos marroquinos, a voz das supremas indignações agitou a penna dos jornalistas da opposição, e um doce sorriso pairou nas faces dos governantes. Os primeiros indignaram-se por officio. Realmente não era bonito soffrer-se uma desfeita e não se mostrar aos partidarios, que no arcabouço dos plumitivos existia tanta indignação, como zelo.

Exclamaram: senhores do governo, é a honra da patria, queremos ver como vos sahis d'esta.

Estes riram, suavemente, como quem vê a questão resolvida e disseram em côro: Finjamos a coisa grave, demoremos o expediente... com o de Marrocos podemos nós.

E começaram a fingir diplomacias finas, depois entroviscadellas subitas, receios, hesitações, ares superiores, máus modos, modestias de superioridade, indicios de paciencia esgotada, e emfim resoluções altivas, imposições, ordens.

—E respondiam os governantes.

—Prudencia, senhores; estamos empregando todos os meios brandos, como manda a civilidade, entre pessoas bem creadas. Somos mais fortes, que se não diga que abusamos. O sultão ha-de dar a salva. Elle gosta de salvar. Se não der, então do ceu lhe venha o remedio, esmagamol-o. Os senhores parece que não sabem bem como nós somos n'estas questões de honra? Então as christandades da India...

Afinal chegaram á emeaçar. Os jornaes estrangeiros reproduziram as resoluções do gabinete. De Londres, de Paris, de Berlim os homens de guerra, assestaram para cá os binoculos.

A Inglaterra mandou offerecer um resto de peças que os carlistas não tinham comprado. Em França cantava-se pelas ruas:

Vont á Maroc
les portuguais:
sout toujours gais,
sout toujours gais.

E diz-se qu El-Rei recebera um telegramma da Allemanha, pouco mais ou menos o'estes termos: Felizão, depois da viajata, guerra para distrahir. Bom successo. Vê se te mettes com Alger e chama-me. Até breve.

E pelos cafés ouvia-se:

—Então Portugal...?

—Furioso!

—E vai-se ás odaliscas do sultão?

—São favas contadas.

—Que os ministros dizem que são mansos, n'este sentido.

—Não tanto assim...

Um mais entendido:

Hum!

—O ministro dos negocios estrangeiros, não é para graças.

—Não, lá para graças é elle; mas só para aquellas que veem do Vaticano, porque para outras, é o que se chama um homem ás direitas. Tem olhos de basilisco!

—E o ministro da guerra então... Oh! o'esse não se falla: é um tigre de cabello negro. Usa a corrente do relogio por cima da sobrecasaca.

—Sim! c'os demonios,em boa se metteu o marroquino.

E a Europa como se vê, assistia febricitante, muda de terror, no acre ante goeo, d'um castigo tremendo, que iria arrancar Moula Hassao aos colos das suas odaliscas, ás delicias do seu polygono, emquanto os instinctos bellicos, a bravura epica, rolandesca, dos nossos ministros, passava como uma corrente de sangue, atravez dos gabinetes ministeriees, dos cafés de praça, por beccos e viellas.

Era grave a nossa responsabilidade; gravissima! Ou a bandeira portugueza era içada n'uma fortaleza marroquina a saudada com vinte e um tiros, ou ai do imperador, dos marroquinos, do marroquim e de todas as encadernações da pelle de cabra ou de bode! Felizmente tudo serenou: Moulan-Hassan mandou içar a bandeira. Diz-se que elle proprio descarregou doze vezes uma das peças e que estando o'esse manhã bem disposto exclamára: —é pena que não tenham exigido uma salva de cincoenta tiros!

No emtanto cabe-me explicar porque devemos a Moula Assan uma visita de cumprimento a um habito de Christo.

Como se vê, por Gabriel Charmes, o imperador de Marrocos é tanto imperador como eu. Não passa d'um chefe de tribu, vivendo um pouco em casa, um pouco sob as tendas, combatendo as tribus visinhas, com uma despreocupação, uma naturalidade, que lembra os tempos biblicos.

Depois do conflicto com Portugal, assim como se limitou a um passeio pequeno, o sultão podia muito bem agarrar no exercito, no homem dos chinellos, no homem das esporas, no enchota moscas, no chapeu de sol, e ir passeiar uns mezes pelos Aït Zedeg ou pelo Riff. Nós não haviamos de ficar toda e vida a gastar polvora, para mandar balas para Marrocos, sem que ninguem nos respondesse, e o sultão quando soubesse que tinhamos despejado a nossa colera n'uns quintaes de polvora e de carvão de pedra, voltaria novamente ao seu polygono, prompto para se safar, á primeira voz.

Tal seria, quanto a mim, a maneira simples que o filho do propheta, teria sempre á mão, para se rir do Pimpão, que cruzava com galhardia propria do nome as aguas do littoral africano.

Não o fez. Elle que tem troçado com os gabinetes de Inglaterra e de França, não ligando importancia alguma a reclamações, a pedidos, a imposições, escreveu particularmente ao sr. Barros Gomes pedindo-lhe desculpa e declarando-lhe que «as suas para com elle só á vista terão fim».

Medonha a catastrophe da Espozende. De vinte e cinco homens, que tripulavam um barco de pesca, apenas um deixou de ser atirado ao mar pela força do vento. Luctámos, conta o salvo pelo capitão do «Marcur», vapor ellemão, todo o dia a toda a noite, vendo de meia em meia hora desapparecer um companheiro. Ao amanhecer eramos apenas seis!

O vapor appareceu ao longe; uma hora antes d'elle chegar, o ultimo golpe de mar deixou-me só! Horrivel!

Se por ahi apparecer a espaventosa caridade oficial peçam lhe, meus senhores, alguma cousa para as familias d'estes pobres innundados... a valer.

HYPNOTISADORES

HYPNOTISADOS

Um collega verbera, justamente, o procedimento do jury dos exames de philosophia, para o professsorado, com referencia á reprovação, em merito absoluto, d'um concorrente, que elle considera injusta e revoltante.

Quando pobres rapazes, atrazavam de quatro e cinco annos os seus cursos e até de sete, que os houve, pelo encarniçamento brutal d'uns philosophos de meia tijella, em espiolhações de definições mais óccas do que as caixas das respectivas mioleiras, ninguem se levantou a perguntar a esses homens se tantos reprovados o eram por ignorancia real, pela difficuldade da sciencia, ou pelas exigencias comicas dos examinadores:
se as reprovações successivas, incomprehensiveis perante a intelligencia provada dos examinados em outras materias, não eram antes filhas de luctas professoraes, de rivalidades, odios e despeitos entre examinadores, que se vingavam da superioridade de Spencer e de Comte, reprovando os miseros que não digeriam Alves de Souza ou não conheciam os partos manuscriptos d'estes Kant de cavalinho.

Ninguem protestou; pelo contrario, o professor tinha na sua fama de temivel, a certa nomeação do anno seguinte.

Diziam-lhe no ministerio do reino: Não os poupe, hein? Temos cá philosophos e douctores, de sobra.

Esta raça que já Heine dizia que era mal vista no ceu, não parece ser olhada em Portugal, por olhos ministeriaes, com mais amor.

Tinha razão o ministerio do Reino.

O philosopho portuguez é uma planta a quem a luz quente do sol mela e emurchece. Só os paizes frios teem o condão de os criar possantes e fructificadores.

Elles nascem pr'a ahi—os philosophos—cheios de frescura e «pose»; emquanto é sombra, na modestia caricativa dos desconhecidos, lá vão indo, creando raizes de fama por lojas de mercearia e casas particulares; mas logo que se exhibem descahem em poetas, nubelosos, enygmaticos, metaphisicos, de modo que ao lel-os e ouvil os a gente fica perplexa, sem perceber se o que elles dizem é a asneira da philosophia, ou a philosophia da asneira.

Não inventamos: Um dos nossos maiores pensadores, um sabio temivel, um Attila dos philosophinhos do lyceu, verdadeiros innocentes com o canivete d'este Herodes suspenso sobre a cabeça, perguntou a um examinando:—diga-me o que é analyse e o que é synthese.

O rapaz definiu, não como elle queria.

—Dê-me antes um exemplo, suggeriu o grave juiz.

O rapaz embuchou.

—Nada mais simples; explicou: o senhor tem uma melancia, cala-a para ver se é bôa ou má e... fez uma analyse! O senhor reconheceu-lhe a qualidade, mette o calo no seu logar e fez... uma synthese. (Textual). O rapaz sahiu reprovado. Depois d'isto está a gente a lembrar-se, insensivelmente, d'um bolo de estrichinina.

Tinha razão o ministerio do reino e ainda bem que o collega despertou.

Abriu-se o concurso para a construcção do Palacio da Justiça. A Bôa Hora estava tão vergonhosa que os proprios malandros tinham nojo de lá entrar. Andam em maré de sorte: Cadeia nova e tribunaes novos.

Se não fosse indiscripção nós pediamos ainda para os ditos senhores... uma nova justiça.

Hein? E' que francamente a que lá se faz, em grande numero de casos, não fica a dever nada em immundicie aos amphitheatros de pinho da terra e ás mezas dos escrivães.

Se for possivel...

D'antes na Bôa Hora os juizes mandavam jurar, espalmando a mão sobre os evangelhos.

Um juiz novo manda beijar a pagina.

Achamos curiosa a forma e prevenimos o meritissimo juiz de que não é bom forçar as applicações dos livros santos.

Callemos a ousadia, já velha, com o governo ectuel expectora leis, com o parlamento fechado. Não vele abusar tanto, emigos. Quo demonio! é preciso respeitar, ao menos ume vez, a opinião e a consciencia alheia. Não se fazem codigos, em segredo, entre amigos, á banca do trabalho; como não se reforma a instrucção d'um paiz, por desfastio, assim como quem fume um charuto, ou toma uma chavena de café. O que quer dizer e Reforma da instrucção secuodaria do sr. ministro do reino? O quê, seoão, apenas, um regulamento novo, ettentatorio de direitos adquiridos, sem uma base scieotifica, sem uma utilidade frizante, sem um largo ponto de vista pedagogico! Uma contradança em que permanecem os mesmos methodos, os mesmos processos educativos, os mosmos erros fundamentaes e em que apenas se deslocam, cruzam e torneiam as horae das eulas, os numeros das cadeiras e os bigodes dos mestres.

E' isto, no fundo; e tanto que um jornal defensor da reforme, encontra como argumentos de primeira força, para seguir o côro dos evohés, em honra do reformador]-a sua boa vontade, e a applicação ao ensino de um systhema de eimplificação e de economia-!

Ora francamente isto não é uma bandeira de gloria, é ume taboleta de casa de pasto!

Um collega da provincia dá o seguinte remedio para a hydrophobia:

Lançam-se tres gemmas de ovo em uma caçarola de barro vidrada, e juntam-se-lhes 76 grammas de azeite de oliveira, colloca-se a cacarole sobre um lume brando e meche-se a mistura com uma espatula de aço, ou que o contenha, até ficar na consistencia de uma pape delgada.

«Retira-se então do lume, deixa-se esfriar e toma-se, a porção toda, em jejum, não se podendo comer sem passarem 6 horas.

Era mais simples dizer: estrelle tres ovos... á hespanhola e coma-os.

Sans rancune

Todos conhecem o brilhante baritooo que cantou o Fausto, no Porto, em recita de amadores, em beneficio da viuve e filhos de Marques Pinto.

Nós que nenhume surpreza tivemos eo lêr oe elogios feitos á eua belle voz, pasmámos ante a discripção da sua elegancia.

O Porto é extraordinariamente amavel com e elegancia dos barytonos.

Nós conhecemol o assim;

Acaso es vestee de Valeotim o transformariam a eppresentar estes formas ?:

Se essim é aconselharmos-lhe a que depois de cantar o Feusto... se não dispa.

Depois de Emma Zanardelli, e deliciosa italiana d'olhos azues, ai, mas d'um azul que a violeta debalde pretenderia ostentar, esse azul dôce da myosotis, perdido no liquido brilhante d'um diamante desfeito, depois da Zanardelli a etherea, d'um louro baço nas tranças e cólo d'arminho, eu tinha deixado esmorecer esse louco desejo de investigar os segredos do corpo humano, pelos processos lendarios do magnetismo. Comprehenda-se que se vá procurar um filão d'ouro, mesmo scientifico, no mar azul d'uns olhos que nos fazem sonhar em temeridades meridionaes e nos enchem d'um vago perfume subtil que dilata o peito, como um gaz que enche um aereostato e o etira ás regiões brilhantes da luz.

Por isso, quando o doutor May nos affiançava que a formosa Emma, sua mulher, era um dos mais bellos «sujets» acreditei-o. Se o acreditei! Eu estava já convencido entes de elle m'o dizer!

A Emma Zanardelli, succedeu o barbado Hansen, de pouco romanesca memoria e hoje temos entra nós o Dr. Das e sue esposa. Genero hespanhol:—pelle branca, olhos e cabellos pretos, nariz recto, sobrancelha negra e bem plantada.

Trabalhou no salão da Trindade o dr. Das.

Lá fui e sabe o leitor o que me attrahe o'estes apostoledos não é a dootrina conhecida, nem a cara dos apostolos, mas a mulher que vem sempre, como campo demonstrativo, e que por coincidencia notavel, tem sempre uns olhos hypnoticos, d'uma expressão vaga que pareca traduzir-se: vês-me? sou a bella materia desconhecida, palpitante d'uma vida estranha, cortada de fluidos, da correntes, de forças mysteriosas.

D'aqui vem quo no fim das sessões eu fico sempre, gostando, mais das esposas do que dos douctores, e fico tendo, d'hoje em deante, engatilhada uma phraze para todos os magnitisadores futuros que me fallem das espôsas. Quando me forem e dizer: é um bello.. interrompo como Pedro II, ... já sei, já sei.

Em substituição do nosso amigo o sr. Henrique Dias, entrou para redactor-gerente da *Comedia Portugueza* o distincto jornalista o sr. Silva Lisboa, a quem deve ser dirigida toda a correspondencia..

M.

AOS NOSSOS ASSIGNANTES E MAIS LEITORES

O oovo gerente da *Comedia Portugueza* tem e honra de saudar a vv. ex.as, e toma a liberdade de inaugurar e sua entrada com este bocadinho de... *prosa administrativa*.

A *Comedia Portugueza*, logo que inaugurou a sua poblicação, viu-se aberbeda com ume quantidade enorme de assignaturas. Este facto desnorteou completamente os nossos ampragados, que, diga-se de passagem, estavam longe de esperar uma tão grande alluvião de nomes e moradas. D'ahi umas irregularidades de expedição, que bastante nos tem contrariado.

No intuito de obviar e esses irregularidades e tambem para que os nossos assignantes recebam a *Comedia Portugueza* á mesma hora em que ella sae para a venda, resolvemos mendar eotregal-a por distribuidores nossos. E' possivel que no começo d'este serviço se dêem ainda algumas faltas, que procuraremos emendar logo que os nossos assigneotes se dignem fazer-nol-as conhecer.

* * *

No ultimo oumero o director d'esta folha deixou de assigner a parte que lhe pertencie no artigo —Chronica—, parte qua dizie respeito á regencia.

A Cezer o que é de Cezar.

S. L.

Recebemos e muito agradecemos os n.os 16 e 17 da «Revista Illustrada», de que é director, Luiz Antouio Gonçalves da Freitas.

A Lépra Religiosa, pamphleto de Solano d'Abreu.

Canticos Sadinos da Anuplio d'Oliveira, joven poeta da Setubal.

A visita do *Charivari*, e *Sorvete*, do Porto.

E ainda a da maior parte dos nossos collegas da imprensa diarie de Lisboa e da provincia a quem dirigimos os nossos sinceros agradecimentos.

A vaidade perde mais mulheres do que o amor.

(*M.me du Deffande.*)

Em amor, quando dois olhos se encootram; tratam-se por tu

(*Karr.*)

Se oão amas muito, não amas bastante.

Em amor como em poesia os doidos vão meis longe de que os sabios.

ALMANACH DO TRINTA
PARA 1888

E' um excellente livrinho de propaganda democratica, muito curioso pela variedade dos assumptos, alguns d'elles tratados com bastante verve.

E o seu preço é apenas de... 100 réis.

Cavacos

Abriu S. Carlos.

A abertura do nosso theatro lyrico veiu completar a serie dos acontecimentos que representam para Lisboa a fixação definitiva do periodo do inverno.

Esperada anciosamente, com a ancia com que os herdeiros esperam a abertura d'um testamento, teve d'esta vez um grave inconveniente.

Foi o caso que, tendo sua ex.ª o sr. ministro da fazenda, encommendado para Paris umas marcas deliciosas de «cotillon», para o seu baile de Cascaes, porque as marcas se demoraram no estrangeiro e a inauguração da epocha lyrica se approximava, as mais fidalgas familias a «haute gomme» da praia, debandou para Lisboa.

Nós não queremos acreditar os boatos espalhados por alguns collegas da imprensa, de que o baile de sua excellencia, soffreu a accintosa guerra feminina, que houvesse conspiração, a guerra surda dos «boudoirs» guerra terrivel, mil vezes mais perigosa, quanto o inimigo é fraco, delicado, gentil.

O' não; apenas a coincidencia miseravel entre a demora das marcas e a abertura da Opera.

Porque haviam de guerrear o baile de sua excellencia? A tradicção gloriosa da sua proverbial delicadeza—esta, que é segundo todos sabem, o requisito essencial para as pessôas que dão bailes—garantia ao nobre ministro, uma concorrencia das mais selectas e numerosas, iamos a dizer uma enchente á cunha!

Os factos apontados, além de diminuirem sensivelmente o numero dos convidados, tiveram a grave inconveniencia de restringir a um limite minimo o numero das senhoras.

Não appareceram os ministros, e das legações estiveram apenas o sr. secretario da Italia e o addido militar de Hespanha.

Como se vê a parte masculina, excedeu graodamente a faminina. Uma falta grave. Sobretudo, sendo as casas ornadas de hera, ornamentação que se prestava loucamente ao madrigal.

— Ex.ª, o meu amôr, é como a ornamentação da casa do sr. ministro, sarmentoso e eterno!

—Não diga loucuras senhor addido.

E como havia ainda flôres outoniças penduradas, poderia acrescentar a illustre senhora:

—Vê aquellas flores outoniças, vê? e apontando uma dhalia: é assim o amôr dos homens: muitos rofegos, muita côr, e . . sem perfume, banal!

—Então seguir-se-hia uma prelecção do addido sobre o amôr masculino, que não devia ser nada má, attenta a especialidade d'estas senhores, em tão poetico assumpto.

Mas como não havia senhoras, as conversas tinham de dar-se entre os homens, e as phrases que substituiam as de cima, ou semelhantes, tinham a aridez das usadas em escriptorio de commissões, ou nas proximidades da rua dos Capellistas.

—Então hera pelas paredes?

—E' um symbolo.

—Como assim?

—Imagem d'uns ministros que se agarram pelas paredes dos ministarios como a hera ás paredes das ruinas.

—Elle ahi vem...

—Delicioso o baile de voccencia.

—Sempre grande, sr. ministro quer maneje o gral das finanças quer agite a batuta magica das festas!

—Lembrem-se sempre, senhores, que pertenço a um ministerio que nasceu entre as tijelinhas suspensas, que illuminaram as ruas de Lisboa, por occasião do consorcio de sua alteza o principe D. Carlos.

E seguiu évante.

Note-se que nós vamo-nos guiando pelos jornaes.

As marcas eram lindissimas, a ponto de apparecerem especialisadas a da «serenata» a «dos relogios» a a da «valsa hespanhola»,

N'esta ultima o mesmo ministro, castanholou, com uma graça, um «entrain», que faz dizer ao addido da Hespenha: *caracoles! es un Figaro.*

Mas o «clou» da noite, o que lançou sobre toda a festa uma grinalhada alegre de folia e de riso, foi a primaire marca.

Na «serenata» os homens tocam n'umas bandurras, esperam que se abra uma janella e com a dama que a ella assomar dança o cavalheiro que tiver nas costas da bandurra as côres correspondentes ás da janella que se abriu

Ora pela falta de damas, succedeu que alguns homens tiveram de fazer de senhoras e assim aconteceu, imagine-se o effeito, que quando um grupo de bandurristas, olhos para a janella, dados nervosos, impacientes, esperavam o par gentil, descerra se a ventana, e apparece de fitinha verde no cabello, a cabeção de rendas, o senhor José Luciano, o nobre presidente do conselho!

A' janella seguinte apparece o sr. Beirão...

Calcule-se a alegria, a gargalhada, o delirio.

Uma verdadeira festa.

A's 4 horas serviu-se, como recurso da amabilidade inventiva do ministro, uma deliciosa bebida de paz, disseram indiscretos, preparada pelas proprias mãos de sua exc.ª que como todos sabem foi habilissimo boticario

A' delicadeza de um dos coovivas, intimo de sua excellencia, devemos a fórmula secreta do elixir, que segundo parece, refresca, faz nascer o cabello e remoça as cutis burguezas a ponto de semelhar ás mais aristocraticas e finas.

E' uma mistura de agua de violetas, extracto de lyrios a essencia de oicoriana.

O que ha de mais ethereo e fino, como se vê.

Esta é a ultima nota.

Imagine-se o que não teria sido o baile do ministro, se as marcas chegam mais depressa, ou a opera abre mais tarde. Quanto á conspiração das fidalgas, ás rivalidades de collegas, nem pensar mais n'isso.

Invejas!

Mas... afinal abriu o theatro de S. Carlos, com uns prognosticos de pateada, que appareceu logo na primeira noite, quasi ás primeiras notas.

A primeira recita, e da Aida, foi um verdadeiro desastre de que apenas se salvou Eva Tetrazzini a nos salvou de ficarmos completamente roubados em quinze tostões.

Assim foi bom: porque se houve uma Eva de que não se conhece o sobrenome que nos perdeu a todos, n'aquelle scenerio opulento do Paraizo Terreal, haja, de vez em quando, uma Eva que nos salve o dinheiro das ingenuidadades d'esta vida, em que tantas vezes cahimos.

Na segunda—*Trovador*,— salvou-se o tenor Signorini, que se supporta sem esforço. E na terceira—*Ernani*—revelou-se-nos uma notabilidade artistica o barytono Baptistini.

Já temos, portanto, trez artistas... de resistencia.

Consta que vae ser nomeada uma commissão, composta dos primeiros charadistas portuguezes, para interpetrarem a nova Reforma da Instrucção Secundaria.

Espinhoso problema! Diz-se que vae evocar-se, pelo espiritismo a memoria de Matheus Peres, de Cuba.

E' raro que n'um theatro de Lisboa, ainda mesmo nos de 3.ª ordem, se dê durante as horas de recita uma scena de pugilato. Ha porém uma excepção flagrante. E' o theatro de S. Carlos.

Na terça feira ultima, o segundo dia de recita, lá houve a costumada surpreza:—dois espectadores jogando o socco. Este facto repetido, por muitas noites, durante todas as epocas, é apenas um symptoma da inferioridade, da falta de illustração, da decadencia das nossas classes superiores.

Para que se não diga que o salão de S. Carlos está abaixo do salão do Rato, em urbanidade e cortezia, pedimos aos fogosos frequentadores o favor de pensarem que os desforços vulgares, irreflectidos, baixos, são uma vergonha para o meio social em que se dão, uma vergonha, e o que é mais: ridicula!

Um pouco mais de bom senso

Pedimos aos srs. suicidas o favor de não continuarem... nas tentativas. Já nos parece troça ás tentativas de duellos dos jornalistas portuguezes. Com cousas serias não se brinca, e além d'is so já passou a occasião.

Deem-nos outros assamptos: roubem meninas, por exemplo, morram de amores. E d'aqui a seis mezes voltem então á mesma; talvez já possam dar uma paginasinha nova.

Entendido, senhores, semsaborões?

OS NOSSO

Jornalista republicano. Está a derreter se de baboso. Que rasgos de oratoria, que talentos os do seu partido! Quando chegar a sua hora, os reis baqueiarem dos thronos, os padres desapparecerem nas fôrcas... que rico logar elle ha-de alcançar. . e justo!

O communista. Olha para tudo aquillo com desdem. Republicanos... tão bons como os monarchicos. Uma sucia que quer subir. O mundo está pôdre!

A cigarreira. Onde houver homens, barulho, cigarros a arder, graças a ouvir, trocadilhos, chalaça grossa, ella lá está de chale e lenço, a comer qualquer coisa, de saia curta e tacão apiorrado.

—Agora falla aquelle gajo, vamos lá a ouvir! Ena que pandega.»

Jornalista da opposição. Enthusiasma-se, approva, gesticula, e acha pouco. Para o anno.. e da opinião do collega do governo.

O orador manso. E' pela evolução; falla pausadamente, aconselha a ordem, a serevidade. Tem muito medo das irraflexões. e das costas.

COMICIOS

A oradora. «Na minha qualidade de mulher levanto a voz a favor de meus filhos, os filhos do meu amor e das minhas convicções.»
Apoiada! apoiada!

A Ruiva. Vai com o amante, o marceneiro da praça.
Vai a guardal o, não arme algum «chinfrim» e seja filado. Teria de o sustentar no Limoeiro. Nada da graças.

Jornalista do governo. Não comprehende como a auctoridade consenta tantas insolencias aos ministros. Se fosse elle.. oh! se fosse elle!

O chefe de familia. Razões dos ministros; protestos dos moageiros; reclamações dos agricultores, rhetorica de comicio, somma total: ... menos um pão p'ra familia.

O theatro de D. Maria II, appresenta-nos como prato de novidade duas comedias novas: «O prisioneiro sob palavra» e «As surprezas do divorcio».

· A primeira comedia é uma semsaboria n'um acto, que não merece a critica. Quanto á segunda, vamos conversar, rapidamente.

Deixem-me louvar-lhe as qualidades bôas. E' uma peça bem architectada e, se quizerem, condescendo até ao ponto de lhe achar graça.. mas graça baixa.

Por Deus, não vão alcunhar-me de «poseur», de despeitado, de pouco sincero.

Tudo o mais que eu possa dizer de comedia é em mal. Não é um estudo, não tem verdade, nem logica, nem critica, nem coisa alguma que a recomende aos leitores da *Comedia Portugueza*, que queiram procurar no theatro, uma impressão salutar e honesta, um ensino, um exemplo, um estudo social. Não tem linguagem, não tem requesito algum porque possamos recomendal-a, a não ser, repito, a architectura, o que não basta, o que tem um valôr secundario, perante as exigencias d'uma platea illustrada, perante as exigencias da tradicção gloriosa do palco de D. Maria II, perante o dever dos societarios do mesmo theatro, recebendo, de graça o melhor theatro portuguez, que tem o dever de illustrar, —o dever moral—; e de não nivellar por interesses particulares aos palcos secundarios dos theatros de madeira e lona dos bairros pobres ou das feiras.

Sinto, sob minha palavra d'honra, o que digo; e escrevo debaixo da impressão tristissima de ver Brazão, o nosso grande, o nosso primeiro actor, o rival de Monnet-Sully, a dar, em scena, pontapés em bandejas e palmadas no abdomen dos collegas, com ares de faia em exhibições de destreza.

Não é ridiculo, é triste, é inverosimil, é lamentavel.

Se amanhã um comparsa qualquer se lembrar de representar o Hamlet, cahe-lhe em cima o ridiculo e a graça trocista de toda a gente: porque não ha de cahir sobre Brazão, a responsabilidade de se mostrar desempenhando papeis secundarios, de comparsa, em «charges» disparatadas, falsas, inverosimeis, apenas pela mira de seduzir um publico menos illustrado, se não é essa a quem elle deva as suas noites de gloria e a consagração do seu talento?

Acabou-se, acaso, no vasto reportorio theatral da Europa, a comedia e o drama, já que nós outros somos impotentes para produzir, a contento dos societarios, peças representaveis?

«A sociedade onde a gente se aborrece» e a «Guerra em tempo de paz» é tudo quanto se conhece do fino, do original, digno de qualquer theatro, que queira conservar a tradicção do seu progresso, dos seus esforços, do seu nome?

Foi para cahir no papel do sr. Duval que o actor Brazão, se abalançou, estudando longamente, a representar o Quean, o Othello, o Hamlet? O grande actor está intimamente a concordar comigo, a reconhecer, em consciencia, que como peça de carnaval «As surprezas do divorcio» podia tolerar-se; como peça do reportorio é impropria, é indigna do palco em que se exhibe e dos actores que a representam.

Esta é a verdade.

A sorte, porém, quis castigal-o, da irreflexão. Brazão, um actor comico de primeira ordem, está n'esta peça abaixo do seu merecimento. E' natural, «abyssus abyssum invocat»!

Eu, confesso-o francamente, não desceria nunca, possuindo o seu grande nome artistico, á representação de papeis d'esta ordem.

Depois a peça tem asperezas, ditos grosseiros, d'uma ambiguidade pouco limpa... mas sob este ponto é que eu não fallarei de modo algum. Então é que ninguem se convencia de que fallava sinceramente... e era um «reclame», que eu não desejo fazer.

Em bondade de desempenho, devo citar Brazão, Carolina Falco e Ferreira da Silva, em primeiro logar. Os outros actores andaram, venha de lá o chavão: conscienciosamente.

Pouca vida é o que sinceramente desejo á comedia; repugna-me acreditar que o theatro de D. Maria II vai entrar em concorrencia com o Gymnasio e com a Trindade. No final sou um amigo, já vêem.

Mais um visconde: o sr. dr. Melicio. É sina que n'este paiz em um homem se tornando util por qualquer fórma hade por força ser aviscondado.

Chega a ser já uma preocupação. Ha ahi grandes talentos improductivos... com receio do titulo. Se lhes parece...

O Coliseu continua a ser o espectaculo favorito das criaoças, e das respectivas mamans, que acham sempre muita graça ás repetidas graças dos engraçados *clowns* da companhia. E depois experimentam ali variadas sensações: riem dos palhaços, admiram as gymnastas, applaudem os cavallos, e tremem do elephante quando agita a tromba.

Durante a semana exibiu-se ali uma nova artista—Alcide Capitaine—que é um primor em equilibrios e na plastica.

Diz um collega:

«Um requerimento, firmado por grande numera de senhoras da classe rica e fidalga de Lisboa, solicitou do governo a installação no convento das Grillas das *Escravas de Maria.* Esta associação tem por fim prestar culto sagrado á Virgem e ministrar o ensino ás creanças e raparigas pobres, embora os paes sigam esta ou aquella religião».

Perdão, minhas senhoras, perdão.

E' uma violencia o que pretendeis fazer. Como pae compete-me, a mim só, educar os meus filhos na religião que eu entender dever ministrar-lhes. Ouvis bem? a mim só!

A religião que seguis é a de vossos pais. Estaes no vosso direito, deixai que os outros filhos sigam a dos seus.

Se violentaes a minha pobreza, para arrancar os meus filhos á educação religiosa, que eu quereria dar-lhes, sois tão miseraveis, como se os arrancasseis, á minha sollicitude, ao meu carinho, ao meu amor.

Perdão—Escravas de Maria—perdão!

A SETE DIAS DE VISTA

Teve um acolhimento muito benevolo, além de toda a nossa espectativa, o ultimo numero da *Comedia Portugueza*, tanto por parte do publico, que o procurou ávidamente, como por parte da imprensa da capital, que foi unanime em acclamar o merito do artista que illustrou as paginas d'este semanario e o do escriptor que as coloriu com a sua prosa elegante.

D'envolta com esses louvores, tambem o nosso modesto nome mereceu aos nossos amaveis collegas da imprensa umas palavras lisongeiras. E nós, ao expressarmos aqui, por Julião Machado e Marcelino Mesquita, o seu vivo reconhecimento pelas referencias que lhe dizem respeito, tomamos a liberdade de consignar tambem o nosso agradecimento pelo que pessoalmente nos toca.

Os redactores —artistico e litterario— d'esta folha, e o auctor d'estas linhas enviam, pois, a todos um fraternal abraço de gratidão com os mais vivos protestos de sincera estima.

*
* *

Se pagamos de prompto esta divida —apenas com o praso de sete dias de vista, inevitavel nos nossos pagamentos— não vão pensar, o publico e os nossos collegas, que é com a idéa de ficarmos quites.

Longe de nós essa intenção vulgar.

Nós somos uns singulares devedores, que pagamos, no desejo e na esperança... de continuar a dever.

S. L.

Recebemos uma agradavel surpreza com a visita do nosso collega—*Los Madriles*,—que é tambem nosso *congenere*, e com a circumstancia pare nós muito sympathica de ter encetado a sua publicação no mesmo die em que saiu o 1.º numero do nosso semanario.

O nosso collega—*Los Madriles*—publica-se em Madrid, é dirigido por Frederico Urrecha e illustrado por Cillia e A. Pons.

Agradecendo a sua visita, saudamol o com effusão, e desejamos-lhe tantas prosperidades quantas são aquelles a que nós espiramos; isto... pelo menos.

O Almanach dos Palcos e Salas, para 1889.

E ainda a visita de mais alguns dos nossos collegas da imprensa diaria da capital e da provincia.

Diccionario.

Experiencia—Em amor, como em todas as cousas, a experiencia é um medico que só chega depois da doença.
(*M.me de la Tour.*)

Fraqueza —As mulheres são fracas por qne são sustentadas pelo coreção.
(*Pythagoras.*)

Razão —E' o ultimo recurso do amor.
(*Helvetius.*)

Dôr —A mulher que ri do marido, não pode amal-o. Um homem deve ser para a mulher que ama um ser cheio de força e de grandeza.
(*Balzac.*)

Silencio —O silencio foi dado á mulher para melhor exprimir os pensamentos.
(*Desnoyers.*)

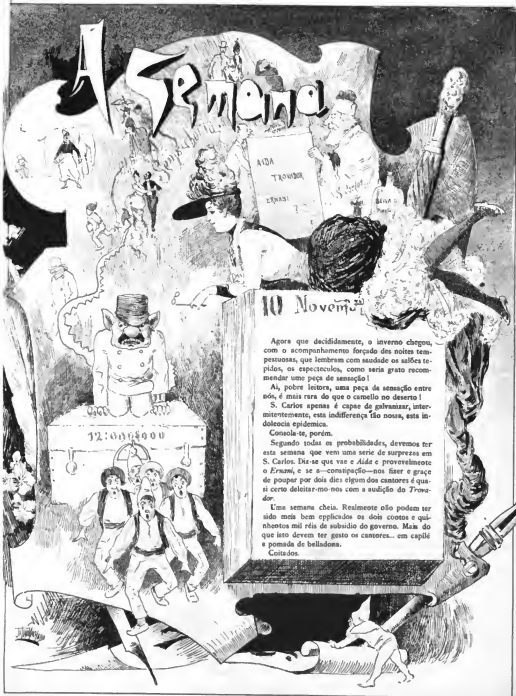
Suicidio —He homens que se matam porque as mulheres que amem não correspondem á sua paixão: são os tolos!
(*Rochebrune.*)

AOS NOSSOS ASSIGNANTES

Mais um cevaco:—Saibam vv. ex.as que falharam os nossos planos a respeito de distribuição da *Comedia Portugueza.*

A resolução, que tomámos, de a fazer por uns distribuidores proprios, obteve um exito infelicissimo! Foi um verdadeiro desastre—para vv. ex.as e para nós—e que nos obriga a voltar... á primeira fórma.

O que faremos, porém, com o fim de evitar que vv. ex.as recebam o jornal mais tarde do que o comprador, é mandal-o para o correio algumas horas antes da venda nas ruas. Temos tudo prevenido n'esse sentido, esperando que o exito corresponda aos nossos desejos.

Creiam vv. ex.as que não regatearemos despezas nem nos furtaremos a todo o trabalho, quando se trata de lhes sermos agradavel, como nos cumpre.

Agora que decididamente, o inverno chegou, com o acompanhamento forçado des noites tempestuosas, que lembram com saudade os salões tepidos, os especteculos, como seria grato recommendar ume peça de sensação!

Ai, pobre leitora, uma peça da sensação entre nós, é mais rara do que o camello no deserto!

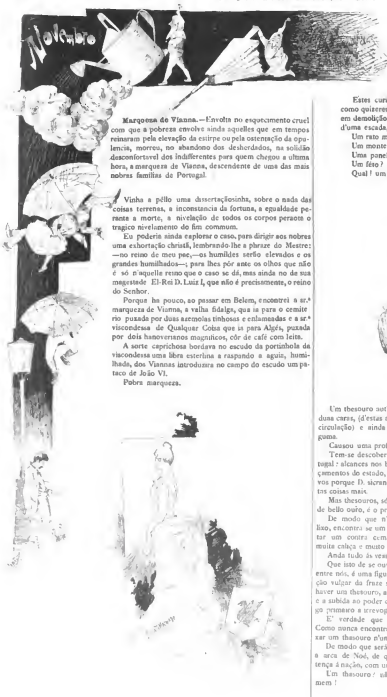
S. Carlos apenas é capae de galvanizar, intermitentemente, esta indifferença tão nossa, esta indoleocia epidemica.

Consola-te, porém.

Segundo todas es probabilidades, devemos ter esta semana qoe vem uma serie de surprezas em S. Carlos. Diz-se que vae e *Aida* e provevelmeote o *Ernani*, e se a—constipação—nos fizer e graçe de poupar por dois dies elgum dos cantores é quasi certo deleitar-mo-nos com a audição do *Trovador*.

Uma semana cheia. Realmeote oão podem ter sido meis bem epplicados os dois contos e quinheotos mil réis de subsidio do governo. Mais do que isto devem ter gesto os cantores... em capilé e pomada de belladona.

Coitados.

Lithographia Guedes, rua da Oliveira, ao Carmo, 12

Marqoeza de Vianna.—Envolta no esquecimento cruel com que a pobreza envolve ainda aquelles que em tempos reinaram pela elevação da estirpe ou pela ostentação da opulencia, morreu, no abandono dos desherdados, na solidão desconfortavel dos indifferentes para quem chegou a ultima hora, a marqueza de Vianna, descendente de uma das mais nobres familias de Portugal.

Vinha a pêllo uma dissertaçãosinha, sobre o nada das coisas terrenas, a inconstancia da fortuna, a egualdade perante a morte, a nivelação de todos os corpos perante o tragico nivelamento do fim commum.

Eu poderia ainda explorar o caso, para dirigir aos nobres uma exhortação christã, lembrando-lhe a phraze do Mestre: —no reino de meu pae,—os humildes serão elevados e os grandes humilhados—; para lhes pôr ante os olhos que não é só n'aquelle reino que o caso se dá, mas ainda no da sua magestade El-Rei D. Luiz I, que não é precisamente, o reino do Senhor.

Porque ha pouco, ao passar em Belem, encontrei a sr.ª marqueza de Vianna, a velha fidalga, que ia para o cemiterio puxada por duas azemolas tinhosas e enlameadas e a sr.ª viscondessa de Qualquer Coisa que ia para Algés, puxada por dois hanoverianos magnificos, côr de café com leite.

A sorte caprichosa bordava no escudo da portinhola da viscondessa uma libra esterlina a raspando a aguia, humilhada, dos Viannas introduzira no campo do escudo um pataco de João VI.

Pobre marqueza.

Estes curiosos destemperos do destino, ou do acaso, como quizerem, tiveram esta semana vasto exito. Nas casas em demolição, na praça de Camões, encontra-se no vão d'uma escada, o que imaginam v. ex.as?

Um rato morto?
Um monte de lixo?
Uma panella velha?
Um féto?
Qual! um thesouro!

Um thesouro authentico, em peças de uma cara, em peças de duas caras, (d'estas andam por ahi muitas pela rua, mas não tem circulação) e ainda em outras qualidades de peças sem cara alguma.

Causou uma profunda impressão.

Tem-se descoberto, cavando aqui e alli, muita coisa em Portugal: alcances nos bancos, quebras fraudulentas, enganos nos orçamentos do estado, as razões porque fulano deitou trem, motivos porque D. sicrana gasta um conto por mez na modista e muitas coisas mais.

Mas thesouros, só nos mortos a esse de bondade e de virtude: de bello ouro, é o primeiro, ha muitos annos.

De modo que n'um vão de escada, entre caliças, rodeado de lixo, encontra se um thesouro: e no thesouro portuguez, ia apôstar um contra cem, em como, a estas horas, pode encontrar-se muita caliça e muito lixo, mas ouro de modo algum!

Anda tudo ás vessas.

Que isto de se ouvir continuamente fallar na arca do thesouro entre nós, é uma figura de rethorica, ou pelo menos uma contracção vulgar da fraze seguinte:—a arca onde se suppõe que deva haver um thesouro, attento o progressivo augmento dos impostos e a subida ao poder dos successivos ministerios que tem por artigo primeiro e irrevogavel do programma politico:—as economias.

E' verdade que os ministerios teem uma desculpa plausivel. Como nunca encontraram a tal arca, é claro, que não podem deixar um thesouro n'uma coisa que não existe!

De modo que será mais facil descobrir, ainda hoje, onde pára a arca de Noé, de que dar em Portugal com uma arca que pertença á nação, com um thesouro dentro.

Um thesouro? não e má: isso é para os vãos de escada, homem!

Descoberto o thesouro correm versões:

O dinheiro é para os operarios.

O dinheiro é para o sr. Bartissol.

O dinheiro é om terço para os operarios e dois terços para o sr. Bartissol.

Cheio de curiosidades corro ao Codigo Civil e leio:

«*Artigo 423.º*—Se o que achar o sobredito deposito não souber cujo é, e não se conhecer evidentemente que o dito deposito tem mais de trinta annos de antiguidade, fará annunciar o achado na *Gazeta da Relação* do respectivo districto, e se o dono da coisa não apparecer dentro de dois annos, ficará esta sendo propriedade do achador, no todo ou em parte, conforme o que vae declarado no artigo seguinte».

Devem confessar que depois de ler este coceguento paragrapho não se resiste a ler o seguinte. E li:

«*Artigo 424.º*—Se o dono da coisa fôr desconhecido, e do proprio deposito se evidenciar que foi feito ha mais de trinta annos, ficará pertencendo inteiramente ao dono do predio onde a coisa foi enterrada, ou escondida, se elle pessoalmente a achar; e, achando-a outra pessoa, pertencerão dois terços ao dono do predio, e um terço ao achador.

Está conhecido o destino da coisa.

Eu gostava immenso de vêr cumprir este artigo se a coisa achada fosse, por exemplo —um guarda chuva!

Decididamente, vou ler o codigo todo.

Viagem de recreio.—O sr. L. de A. descreve-nos em termos cheios d'um enthusiasmo, aliás justificado n'um escriptor portuguez, fallando de jantares, o delicioso passeio que o sr. Moser e os seus amigos, em cujo numero entrou o sr. ministro da fazenda, se dignaram fazer á Batalha.

N'um dos claustros, segundo o mesmo chronista, estava armada, vistosa e distincta, uma mesa para oitenta talheres.

Alli terminou a peregrinação da alegre comitiva a refazer-se das agruras da viagem, como outr'ora os velhos e cançados marinheiros de Camões, na formosa ilha dos Amores. Comeu-se bem; riu-se muito, houve saudes, brindes, discursos doces, e ao anoitecer illuminação do claustro e marcha com archotes.

Deliciosa a festa, formosos rostos de mulheres, saltitante de graça, perfumado e aristocratico o dialogo. Uma festa primorosa.

Felicitamos o sr. Moser e a comitiva; mas temos que dirigir ao sr. Navarro, ministro das obras publicas e a sua eminencia o cardeal patriarcha de Lisboa, umas ligeiras perguntas.

Sabe toda a gente que a Batalha é o mais respeitavel, o mais valioso, o mais extraordinario dos monumentos portuguezes. Levantou-o a devoção do rei mais cavalheiroso de Portugal; representa na sua grandeza insolita o valor e o genio portuguez do seculo XIV. E' metade, deixai-me dizer, da epopêa da nossa historia que o mosteiro dos Jeronymos completa. A sua delicada austeridade impõe a concentração, a fé, mas o que é mais o respeito!

Como é pois que o sr. ministro das obras publicas consente que se vão fazer patuscadas para a Batalha, com a mesma liberdade com que se poderia ir fazel-as para o Dá-Fundo ou para a Cova da Piedade?

Como se comprehende que sua excellencia leve a complacencia a permittir que o claustro do primeiro monumento artistico do paiz tenha a serventia d'um parreiral fóra de portas, a utilidade gastronomico-grotesca da Perna de Pau ou da Rabicha? Importava á grandeza d'aquelle banquete o opulento sonho de pedra de Affonso Domingues? A sala do jantar d'uma hospedaria, não basta para enquadrar o brilho d'uma maxilla aristocratica triturando uma aza de gallinha? E'-lhe indispensavel a mise-en-scene medieval illuminada a magnesio?

V. Ex.ª, sr. ministro, não o deveria ter consentido; como, decerto, se não consente a mais ninguem!

ATRAVÉS D

(S. C
OPERA FAVORITA
FAUSTO
A viscondessa...
Morena, ideal, distincta. Não ha poetastro que a não tenha coxovalhado com versos; Marialva que se não gabe de que ella o distingue; binoculo que se não tenha enamorado do seu collo.
Quem a não viu, nunca viu a belleza; quem lhe não fallou, não conhece o encanto.
OPERA FAVORITA: TODAS.
O *claqueur* Tem sempre um sorriso d'agrado na entrada das cantoras, um bravo surdo para os grandes momentos, e duas luvas promptas para estalar á primeira voz. Um heroe.
A sr.ª condessa de... A ultima vergontea d'um ramo que secca. Tem o orgulho da raça, os preconceitos da raça, a ignorancia da raça... que raça de condessa!
OPERA FAVORITA
LUCRECIA
OPERA FAVORITA
O GUARANY
O *brasileiro Soares*. Nos intervallos acorda e pergunta á filha: o que aconteceu agora?
—Agora, papá, elle quer casar; mas vem o rei e rouba-lhe a mulher.
—Hein? Essa!
E no final:—Sempre casaram?
—Sim papá.
—Bem, bem; abafa-te, não te constipes.
100 contos de renda. Peza menos do que a fortuna, em ouro. Não ha na plateia rapaz que não cazasse com ella!
Porque será ó sabios da escriptura..?
Elle—É um dos candidatos.
HABILITAÇÕES: PRIMO EM 2º grão, Tem o curso de conductor do Instituto e está para publicar um volume «As rimas novas»
Falta-lhe apenas o editor.
O *dilettante velho*.
Nada o contenta já. Se você ouvisse a Stoltz, a Novello, a Alboni! N'esse tempo era caixeiro de mercearia no largo do Carmo. Detesta Wagner e sua escola... pela mesma razão por que sempre aborreceu «o ler por cima». Opinião *de peso*.
OPERA FAVORITA
PURITANOS

꞉ BINOCULO

ARLOS)

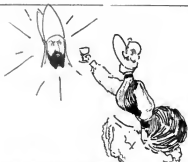
A menina Julia Worth. Origem allemã. O collo branco e a cabelleira loura. Um blóco de espuma a illuminar-se com uma chuva d'ouro.

Um provinciano.
Que diabo de theatro em que toda a gente grita e ninguem os entende. Fortes alarves! E levam-me quinze tostões por ouvir esta inferneira.

O critico dos corredores.
Tem sempre uma opinião decidida por uma das cantoras. Não é pela que canta melhor é pela que dá melhores ceias. A dedicação d'este partidario avalia-se pela replecção do abdomen. Estava na coota para ministro.

O *Marialva.* Só apparece nas noites em que ha pateada. Em questões de musica, prefere o *Boccacio* á *Aida* e o *Fado corrido* ao *Boccacio.* E a tudo isto uma bella pateada á empreza, acompanhada d'uns dichotes á euctoridade.

Jamais appareceu, em salões dourados um busto de tal opulencia. Podia erguer-se-lhe em cima uma estatua equestre. Lembra e necessidade de construir uma creche junto d'aquelles seios; ou eprovaitar-lhe o modelo para uma das estatuas; a da Abundancia ou a da indigestão.

Frequentadôra das cadeiras.
On n'insulte jámais one femme qui tombe!

Agora duas palavras a sua Eminencia.

Como consente Vossa Eminencia, que salte o Champagne nas taças profanas, com o ruido peccaminoso dos bailes e dos restaurantes, o'aquelle ambito sagrado?

Como permitte, que alli, oode devem ressoar apenas os canticos divinos, ao lado do templo, no meio das arcarias de pedra, levantaoas por mãos piedosas, se elevam as saudações terrenas, os gritos dos festins?

Consta a V. Eminencia, que se façam patuscadas de peregrioos em Notre Dame de Paris, em S. Marcos de Veneza, na cathedral da Colonia, no Vaticano?

E' licito permittir oo recinto sagrado d'um mosteiro, estes desfastios terrenos, estas scenas que por mais delicadas, tem em si proprias a propriedade de profanar, interdizer os logares, qua a agua benta dos levitas sagrou, tornou proprios, exclusivamaote, para os actos do culto, para as cerimonias sagradas?

Acaso pode alguem, ainda que seja um ministro, dar amanhã um almoço na nave central da Sé, ou um baile, em costumes, na agreja de S. Domingos? Nada soffra com isso a sanctidade do logar, oem a religião do estado, nem o prestigio purpurino do largo chapeu desabado de Vossa Eminencia? Oh! eminaotissimo senhor:. vós que prohibistes que as mulheres cantassem nas egrejas, ides coosentir agora que vão para lá dar ao queixo, oamorar, comer trouxas e beberricar Champagne?

O Champagne, meu sanhor, o vinho que ri oos copos, que faz cocegas no paladar, o vinho sensual, o vinho do peccado?

Ou anathematizai a impiedade do ministro, ou abri os claustros de S. Vicente e dos nossos templos, oo verão, ás oecessidades da mereoda popular, como succedaneos das hórtas. A primaira solução exige-vol-a o vosso logar; a segunda a vossa coherencia. Escolhei.

Justiça militar.—Dois officiaes de cavallaria, em destacamento, — um capitão e outro alferes — travam-sa de rasões e descompõem-se reciprocamente. Em virtude do que o capitão queixa-se por escripto ao quartel-general de qua o alferes lhe tinha faltado ao respeito, e o alferes queixa-se, egualmente por escripto, do capitão roubar o rancho dos soldados e a ração dos cavallos, querendo-o envolver a elle nas responsabilidades d'esses roubos.

Os dois officiaes são chamados a conselho de guerra a ahi absolvidos ambos, não conseguindo apurar-se, apesar das provas escriptas,—ó surpresa!—que nem o capitão nem o alferes aram... calumniadores!

9 3 1/2

Desde pela manhã até depois,
Já depois de sol-posto, este carneiro,
A berrar dez mil vezes, trinta mil:
Nove, trezentos e *quarenta e dois!*...
Maldito cautelleiro!

Oh policia... incivil
E vós outros tambem, quem quer que sois,
A quem toca a policia da cidade!
Falo-vos a verdade:
Declaro-vos qua um dia..
A' falta de revólver, vae tinteiro!

Lancem-me embora imposto de dinheiro:
Imposto de massada é tyrannia!

João de Deus.

O patriotismo é um sentimento sublime. A primeira a grande necessidade d'um patriota é a liberdade da patria. Como se obtem?

Pela grandeza dos seus homens, emanada da força das suas virtudes, moraes e civicas!

Fallemos das ultimas. Em Portugal não ha convicções politicas, não ha voto consciencioso, não ha opinião publica. D'aqui nasce que o amôr da patria é um mytho, porque ter amôr á patria não significa apenas ser capaz de combater por ella, n'um campo de batalha.

Fazer alarde de amar a independencia da patria e deixal-a morrer n'uma decadencia visivel, pela abstenção da lucta, pela inercia, pelo egoismo, parece-nos preoccupação pueril, ridiculo espavento de problematicas virtudes.

Formou-se uma associação, para diffundir sciencia, para espalhar gymnasios, para apostolar a moral, para premiar o valôr, o trabalho, o talento, a coragem? Não consta. Qual é então a fórma porque os patriotas portuguezes pretendem radicar na alma popular o sentimento da independencia?

Risum teneatis; leia-se:

Festa do 1.º de dezembro

«Na Sociedade Cooperativa 1.º de dezembro, foi approvada por unanimidade uma proposta do sr. José Anastacio, socio iniciador d'esta associação, para se officiar a todas as sociedades philarmonicas, afim de se reunirem na madrugada do dia 1.º de desembro no largo do Poço Novo, proximo á sede da sociedade, para seguirem todas tocando conjunctamente o hymno da Restauração e dirigirem-se á praça dos Restauradores, para fazerem a venia ao monumento, com o mesmo hymno patriotico.

E' de crer que esta iniciativa do sr. José Anastacio terá a coadjuvação de todas as philarmonicas, mostrando assim uma prova de boa camaradagem e um meio de reconciliação.»

Eis aqui. Alinhando todas as philarmonicas madrugadôras e pespegando com ellas na madrugada do 1.º de dezembro a fazer uma venia ao monumento. Nada mais simples e mais educativo, mais capaz de nos fazer vibrar aos santos affectos da patria, do que cento e cincoenta trombones reverentes, ante uma pyramide de marmore. Mas senhores, empregar o trombone como argumento, isso só na praça de touros, quando falham as sortes, e ainda ahi tem desculpa o artificio, são os cegos que tocam!

E ainda em cima com philarmonicas pouco unidas. Imagine-se: quando tocam de accordo ninguem as pode ouvir, que fará se não se reconciliam antes do dia! Lá vai abaixo o tunel!

As grandes ideas, os grandes principios, exigem no culto externo excepcionaes grandezas e apparatos.

Tudo o que não fôr isto ridiculiza a melhor intenção e o sr. José Anastacio prestava á idéa da independencia um serviço muito superior se em vez de convidar as musicas a fazerem venia ao monumento lhes mandasse de presente uma historia de Portugal

O sr. Das, hypnotisador que entre nós faz clinica, com o diploma de Pisa, e dá sessões publicas de hypnotismo, com o applauso dos ignorantes em tal assumpto, foi agraciado com o collar e medalha d'oiro da Sociedade de Geographia.

Francamente não descortinámos a razão da graça. Não nos consta que sua excellencia tenha descoberto, por suggestão, a passagem do polo, as origens do Nilo, ou a paragem de Stanley. Se foi por vir da Italia a Portugal, ha por ahi muito cantôr de S. Carlos a quem injustamente se tem negado o collar e a medalha.

Que sua excellencia, fizesse uma descoberta, no campo scientifico que explora, recreativamente, não encontrámos e podemos asseverar que não fez. Podemos até affirmar que sua excellencia ignora (ou os não quiz mostrar, o que não é provavel n'um apostolo) os fenomenos praticos, de utilidade mais vulgar, da hypnoterapia.

Onde sua excellencia faz verdadeiras descobertas foi no campo da chimica e da psychologia. N'estes sim. Assim o dr. descobriu que o alcool etylico é o alcool de 90º! e que a suggestão mental é a prova da existencia da alma! N'este campo é um explorador ousado que não fica atraz de Capello e Ivens pelo continente negro.

Se foi por estas duas descobertas que a Sociedade de Geographia lhe offereceu o collar a medalha, andou perfeitamente; mas devia ter-lha offerecido com o collar a chimica de Naquet, e com a medalha a Força e Materia de Büchnar ou as licções de phisiologia de Claude Benard!

Por causa d'umas duvidas.

Hypnotismo...—*Justino.*—A questão é complexa, mas ha um processo resolutivo. Imaginem os meus amigos...

Claudino.—Dize lá, menino!

Faustino.—Vae dizendo, filho!

Justino.—As faculdades sugestivas, por assim dizer, actuam sobre a experimentabilidade hypnotica dos seres concretos substancialisados na região epicurea dos mythos .. Vossês entendem?

Claudino.—Tu fazes da gente tola!

Faustino.—Ora, bolas!

Justino.—Ora pois .. d'isto se deduz que a concretisação das moleculas sub-cutaneas crystallisadas na concreção do eu moral subjectivo produzem a consubstanciação do eu pathologico... Vossês percebem?

Claudino.—Oh filho!

Faustino.—Cebo!

Justino.—E portanto, claro como o que ha de mais claro, o Pas, o Tras, o Das é um percursor desorientado, sem concatenação e sem correlação psychica com os ideiaes da Grecia e da Abyssinia. Se ha quem discute, que appareça!

Claudino.—Oh, menino!

Faustino.—Oh, filho!

Entre a arvore e a casca.—Um caso que tem preoccupado, vae para quinze dias, os bastidores, os noticiarios e a Agencia Havas.

N'um theatro do Porto caiu uma prancha sobre a actriz Amalia Garraio. Telegramma da Agencia Havas:—«Quebrados os dois braços da actriz. Sobra a prancha estavam 20 homens.»

Protestos do noticiario:—«A Agencia Havas trama contra a empreza theatral as mais torpes aleivosias. Na prancha estavam 8 homens.»

Rectificação da Agencia:—Sobre a prancha que cahiu sobre a actriz Amelia Garraio estavam apenas 8 homens. Não ficou tão molestada a actriz como podia suppôr se. Apenas contusões.»

Até hoje, oito dias volvidos sobre a emenda, o numero dos homens supportados pela actriz supra não passa de 8. As contusões não são coisa de cuidado.

Nota da Agencia, á ultima hora:—«A prancha ficou cheia de contusões...»

O leitor não percebe. Nós sim, percebemos, porque temos visto muito mundo.

Pois senhores: ao meio dia, em plena rua do Ouro, uma *facadinha mortal*, é caso para nós suspirarmos por uma noitada escura nos antigos dominios do Faca de Matto, ou do José do Telhado!

O trista caso é já conhecido. A *reportage* indigena fez a sua obrigação, espraiou-se em pormenores, interrogou o assassino, descreveu-lhe as feições, passou-lhe já o diploma de larvado e só lhe falta... julgal-o em ultima instancia.

Por isso nos abstemos da considerações a proposito do desgraçado acontacimento, lamentando apenas que elle se désse n'uma das ruas mais concorridas de Lisboa, sem que fosse possivel evital-o, apezar de apparecerem testemunhas que dizem ter visto o assassino a correr com uma faca na mão!

Parece termos voltado ao tempo em que um calabre diplomata estrangeiro, que residia entre nós, nunca sahia do grémio sem mandar averiguar pelo seu criado... se já se déra a *facadinha* do astylo.

Recebemos e agradecemos:—O n.º 5 da excellente publicação illustrada *Los Madriles.*

O 1.º fasciculo do romance «*A Vingança dos Reis*» de Roman de Lima, traducção de José Augusto Pimenta, com primorosas gravuras, edição de Francisco Pastor.

A *Coimbra Medica*, revista quinzenal de medicina e cirurgia, que se publica em Coimbra, dirigida palo sr. dr. Augusto Rocha, lente da Universidade.

A *Semana Illustrada*, publicação litteraria e illustrada, dirigida pelos srs. Augusto Pimenta e Amorim Pessoa e editada por Francisco Pastor.

Tivemos tambem a visita de um folheto em verso, de Augusto de Lacerda—«*A lei da exhautoração militar*» a proposito do ultimo julgamento e condemnação do alferes Marinho da Cruz. O folheto tem estrophes de bastante verdade e sentimento. Agradecemos a offerta.

Á ultima hora

O nosso estimado collega *O Reporter* publicava hontem o facalhão com que foi assassinado o *Olho Verde*.

Temos immenso desejo de transcrever aqui o fatal instrumento, mas, attento as curtas dimensões da nossa folha, só o podemos fazer em pequenos periodos.

(CONTINUA)

a Semana
Regina Paccini

O theatro de S. Carlos quiz protestar contra as nossas informações do ultimo oumero e deu-nos e *Mignon* em que debutou Regina Paccini.

Por indole do nosso jornel, pela verdade com que nos orgulhamos de fallar não vamos tecer á infantil cantôra uma longa chronica encomiastica.

Ella merece, porem, um logar na galeria das nossas «éstrellas» porque tem certo um brilhaote futuro, e porque, teodo nascido entre nós, pertence eo pequeno numero das nossas mulheres que se tem elevedo pelos dotes pessoaes.

Recuzar-lhe o nosso eppleuso seria injusto e mesquinho: se nos não curvamos, sem restricções, peraote o idolo, oão regateiaremos o louvôr tantas vezes merecido e que o futuro se ha-de encarregar de evolumar perante os dotes excepcionaes da gentil cantôra.

A' bon entendeur, salut!

Lithographia Guedes, rua da Oliveira, ao Carmo, 12

A chegada.—Todos nós sabemos como se odeiam, apparentementa, a bem da rhetorica nacional os dois partidos militantes da Portugal. E digo a bem da rethorica nacional, porque os outros combates, os combates de idéas a de principios, são meras formulas com que os governos aotecipam as votações alrivas e liberrimas das suas maiorias! Oh!

O que sae, cada anno, do vantre da reprasentação nacional, é o trôpo engraixado a capricho, é a prosopopêa rejuvanescida, vastida da branco, de cabellos louros, bella, ai, bella a fazer enlouquecer um juiz do supremo tribunal ou o bacharel novato que a encontra pela primeira vez a dobrar a esquina d'um projecto sobra o atum.

Tudo o mais fazia-se a obtinha-se sem representações, o que devamos confessar seria mais rapido e mais barato.

Mas o odio dos partidos esse presiste a avigora-se no palco das Cameras para esmorecer oos corredores e desdobrar-se, alfim, em intima amizade, por salões de dança, recepções familiaras e redacções de jornaes.

Apparentemente, porém, é precizo mostrar odio, má vontade, em publico, e intrigar o partido contrario com partidas, verdadeiras garotadas, pensadas á banca do jornal, ou nas cavaqueiras dos «centros».

Assim quando appareca n'um dos partidos um daspeitado, o partido contrario trata logo da lhe dar razão, de o appoiar: está visto, não o querem, hein? Compete-lhe, meu amigo os seus direitos... os direitos de sua excallencia, pois então?

E protegem-no, amparam-no, ameigam-lhe a cabeça pousada no colo do partido... injustiça, vilania, exclamam!

E em segredo: o que v. devia fazer era arranjar um partido novo; digo-lhe isto... um partido oovo a nós cá astamos.

—Não tenho partidarios.

—O que? quando cae um governo em Portugal ha tres classes de partidarios, am disponibilidade.

—Como assim?

—Tontinho: os que não foram servidos pelo partido que cae; os que pretaodem pela primeira vaz; e os qoe não sahiram ministros no ministerio que entra! São 6 ao todo? pequeno é um fosforo a incendeia um palacio! Os discipulos de Jesus eram doze. V. oão precisa pregar em todo o mundo, basta pregar no paiz: já vê que seis apostolos, mais ou maoos catraeiros, chegam e sobejam.

E o novo partido surge! E o paiz pergunta: Mas que partido é asta? E' um bocado que cahiu do outro, estava rachado! Ah!

Ha um mez, passando pela rua Garrett, sempre interessado pelas cousas da minha patria, subi ao centro «da esquerda». Deparou-se-me o porteiro, olhando-me espantado.

—O sr. Barjona, não está?

—Saberá Vossoria qua não.

Eu já sabia, foi para metter conversa.

—Diga-me quantos partidarios, quantos guerreiros se exercitam lá dentro no Voltareta e no Wisth, para as pugnas da patria?

—Ha dois mezes e meio, meu senhor, que é v. ex.ª a primeira pessoa que sobe a escada turtuosa da cidadella!

Então os soldados da Esquerda?

—Não sei; as poucas pessoas que cá tem vindo são todos paisanos. Soldado só um dia aqui veio um quaixar-se do hemorroidal!

—O que, homem!

—Confundiu o oosso centro com o posto do 2.º andar.

—Ah! E eu fiqoei fazendo uma ideia grandiosa do partido que alugava um primeiro andar, no Chiado, a o mobilava para habitação d'um pobre filho do povo! Como as ideias damocraticas da Esquerda me parecerem firmes e direitas!

Mas puz-me a pensar; dado o conhecido odio da progressistas a regeneradoras, dada a hypothesa de El Rai chamar o sr. Barjona a um ministro, por indicação progressista, nós vamos ter uma scena que lembra aqua Dumas pae, descreve no *Deus Dispõe*, com, Samuel Gelb.

Lembram-se os leitores? Os estudantas d'uma Universidade allemã debandam todos á ordam de Samuel a vão formar uma outra Universidade em que este é professor de todas as disciplinas.

Assim acontacerá com o sr. Barjona, e leremos no *Diario do governo:*

Novo mini-terio

Reino e presidencia	das	8 ás 10	Barjooa de Freitas	Secretario particular com esercicio nas pastas: Fuschini.
Marinha a ultramar	»	10 ás 11	»	»
Guerra...........	»	11 ás 12	»	»
Obras publicas....	»	12 á 1	»	»
Justiça	»	1 ás 3	»	»
Estrangeiros......	»	3 ás 5	»	»

Perace a conjugação d'um verbo irregular!

Se esta ministario não fossa viavel tinbamos da prender geote para ministro e segundo a letra d'uma cançoneta no theatro do «Variedades», fallecido, teriamos mais um motivo para os suicidios. Dizia lá, um sujeito do nosso tempo, qua fôra ambalsamado e accordara, ao perguntarem-lhe ooticias do nosso seculo. Na minha terra:

Faziam ministro
Fosse alla quem fosse:
Um pobre gallego
Não quiz e... matou se!

Uma prophacia, n'um libreto buffo.

Eu tinha escripto estas cousas, antes da chegada do sr. Barjona a agora imaginem v. ex.ª a minha surpreza quando me vieram dizer que a esquerda dynastica, contava, em seu seio, tres mil adeptos a tres philarmooicas. Uma philarmonica por cada mil álmas. Foi o caso que:

Como muita gente pensasse, illudida como eu, que o partido—Esquerda Dymnastica—era composto, o muito, por umas seis pessoas, o sr. Barjona quiz mostrar ao paiz que estava completamente enganado.

E vae d'ahi, manda dizer aos seus amigos—esperem-me!

Eu espero.

Tu esperas.

Elle espera.

esta conjugação deu em resultado, o esperarem, na estação, segundo dizem todos, perto de tres mil pessoas. Vejam v. exc.ªs o que é o poder da imitação! Tres mil pessoas que saibam entender o que lêem não ha em Portugal. Tres mil partidarios, não os aranjam todos os partidos nacionaes... nem com os miguelistas. Tres mil..

Isso sim!

A não serem os ministros, do momento, cada partido, em Portugal, como partidario fiel só pode contar com um individuo:—é o que está a ser obsequiado na occastão—. Em estando servido já é d'opinião contraria!

A que deve pois o sr. Barjona ter assistido á mais excentrica e rara das multiplicações de partidarios? E' elle acaso como o Messias que multiplicava os peixes? Ou tem os esquerdistas a propriedade de surgirem como cogumellos em noites de choviscos?

Temos o maior respeito pelo taleoto do sr. Barjooa; mas sua axcellencia comprehenderá que não se resiste facilmeote á cocega dos seus tres mil partidarios a das tres philarmonicas a fazel-o Messias, á força! Não houve Bandarra que o annunciasse, ex.ᵐᵒ sr., e n'este paiz, Messias sem Bandarra-arauto só conhecemos o sr. Marianno, e esse mesmo tem Antichristos... por exemplo.. os padeiros!

Suicidios.—Suicidou-se um major, por cançado da doença.

Achou que oão valiam todas as virtudes therapeuticas das drogas medicinaes, a virtude d'uma bala conica atravessando o cerebro.

Opiniões radicaes!

O major, o soldado, morreu com uma bala na cabeça. Não é nova a maneira e dá-nos a grata certeza,—que a aterna paz em que vivemos, ás vezes, tenta minar—de que o soldado portuguez encara a morte como um valenta, quer no campo da batalha, oppondo-se altivamente á marcha do inimigo, quer n'uma cadeira de braços, sustendo de vez a marcha chronica d'um catharro de bexiga.

D'aqui se deriva que se ha calculos respeitaveis são os da bexiga, e que não é licito a ninguem, sob pena de mau gosto, fazer bexiga dos calculos.

?. . Da maneira porque os jornaes contam o caso do suicidio da original mundana, cujo nome é inutil repetir, eu chego á extraordinaria conclusão de que ha pessoas que se matam em logar d'outras, por mera delicadeza, assim como quem vai abrir obsequiosamenta a portinhola d'uma carruagem.

Curioso!

Disse toda a imprensa: B. vivia com um homem que a amava e a quem ella, segundo se verá pela sequencia do romance, não correspondia egualmente; e vivera com outro que ella amava. Este outro rondava de novo o ninho venturoso e no theatro, ella, a pomba não esquecida, olhara o ternamente.

O que vai resultar d'aqui? de novo, o sempre amado, o que rolava a deshoras pela penumbra da rua, entrar venturoso, de papo inchado, a revirar-se, no suspirado oinho.

Ella amava-o, era independente, porque não?

E prevê-se o amaote preterido, prezo de mil torturas, de raivas de Othello, pensar na fraze de Dumas, ou na resolução do major.

Mas não, ó caso infando, ella vai almoçar socegadamente e é ella que apoota ao peito o revólver, ella a mulher amada, por dentro a por fóra, em casa e na rua, que faz paralizar um coração que pulsava nos antegozos das recoocilliações indiscriptiveis.

Estupanda logica! Ninguem se mata por poupar a outrem esse trabalho.

A preparação d'uma scena d'effeito, a curiosidade, disparou casualmenta a arma manejada por mãos inexperientes. Por ser amado oinguem se mata.

Vem na Biblia o melhor exemplo. Salomão que tinha a bagatella de setacentas mulheres, ainda andava a fazer versos á Sulmonense.

O coração meridional? ha lá nada mais parecido com uma hospedaria!

M. M.

ATRAVÉS D

(COL

O BINOCULO
(...SEO)

Para rir.—Dão-se casos tão divertidos n'esta santa terra parvoneza, que parecem inventados de proposito para a nossa folha. Pertencem de pl no direito á comedia portugueza... com ou sem maiusculos.

Sabem os leitores, e tambem não ignoram as leitoras, quo existe ahi um certo cartapacio chamado—Codigo Civil. Sabem tambem, ao menos por ouvir dizer, ou por lhes ter tocado por casa, que, segundo resa esse cartapacio rebarbativo e feroz, quando um filho menor quer casar e o respectivo pae diz—não—outro remedio não ha senão esperar pacientemente, ou que o papa se resolva, ou que chegue a edade feliz de... mandar passear o papá.

Quantas de vós, leitoras gentis,—ou mesmo menos gentis—vos tendes cansado a tentar diluir em lagrimas esse *não* desolador. E quantas tambem, ó doces virgens nubeis, tondes lançado mão de expedientos mais ou menos *agradaveis* para o inutilisar.

Deixemos porém os philosophos discutir com o seu vagar a justiça ou as vantagens d'esse despotismo paterno, e vamos ao nosso caso comico.

No ministerio da marinha fizeram-se ha dias—olhem que foi ha dias, menos dias do que tem de annos o tal codigo—uns concursos publicos para os logares de escrivães de direito no ultramar. Ora um dos pontos a que os candidatos tinham que satisfazer n'esse concorso era:—*fazer um alvará de supprimento do consentimento paterno para casamento de menor!!!*...

Parece que um dos candidatos teria escripto á margem do ponto, e em logar do alvará pedido, esta nota reveladora:—Não existem taes alvarás, porque a legislação patria não admitte tal supprimento.

Estupefacção geral na secretaria, desde o abalisado jurisconsulto que fizera os pontos até ao preclaro ministro que os approvara! Nunca se ouvira lá aquillo! ..

E porque não ha de a gente rir-se?!

Deus Nosso Senhor dê annos de vida e melhor logar ao generoso desconhecido, que teve e ·isericordia de ir evangelisar o Codigo Civil aquelles infieis. Amen.

O problema. — Enlouqueceu completamente no Limoeiro o varino que assassinou o cunhado.

O nosso amigo Paschoal tem duvidas. E' muito sceptico o Paschoal.

Uma receita contra esto scepticismo.

Encerrar o varino e o sceptico no mesmo calabouço.

Até que o sceptico se dê por convencido.

Um folhetinista fossil.—Depara-se-nos n'um jornal da provincia, como um mastodonte enterrado nos gelos da Siberia, um escripto antediluviano d'um folhetinista tropical e imaginoso, cujo estylo repolhudo e opulento faz lembrar uma floresta virgem, onde ha oivos nocturnos de féras amorosas e gritos de macacos mordidos de lascivia. Aquelle estylo, escorraçado pela troça dos centros civilisados, refugiou-se nas alturas da Guarda, graças á facilidade das communicações, e troveja d'ali, como do alto d'um Sinae, envolto em fomarada de trapos e em pavores biblicos de rhetorica patriarchal. Imagine-se que o homem, para fallar de batatas, termo cujo plebeismo lhe torna vedados os salões aristocraticos do folhetim, exprime-se d'esta arte:—*raiz tuberculosa e farinacea d'essas fecundas plantas solaneas, que tão bem se dão com o clima frio da Beira—!*

Ora isto é que se chama nobreza de estylo, e o mais é historia!

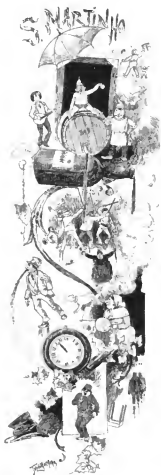
Está a extinguir so este genero litterario e d'aqui a alguns annos quem quizer regalar se com um bocadinho d'esta prosa succolenta, como orelheira de porco, tem de e ir procurar ás collecções preciosas dos jornaes de 1850, ou ser assignante das gazetas da Guarda e outros burgos obscuros, a não preferir ler no *Diario das Camaras* as estreias parlamentares dos bachareis premiados na Universidade. Mas este ultimo expediente é violento e perigoso, porque ameaça de rupturas pela hilaridade.

Quem por isso, fôr, como nós, apaixonado do genero, leie os folhetins dos jornaes da Guarda, firmados pelo extraordinario estylista Mendo Bem, um pseudonymo, provavelmente, que está denunciando as doçuras d'um temperamento de litterato, doce e bucolico como um xarope de amoras.

Delicioso e suave Mendo Bem, escreve folhetins, meu amor; regala-nos com a tua prosa, meu favo de mel. Escreve, meu cherubim, escreve e trata da caspa.

Tando recebido um attancioso convite para a festa qua Coimbra projecta fazer em honra de Joaquim Martins da Carvalho, o decano dos jornalistas portuguazas, não podendo ir assistir á justa homenagem dos artistas de Coimbra, os redactores da *Comedia Portugueza* protestam d'aqui a sua adhesão ao tastamunho da louvor prestado ao caracter do homem, aos altos meracimantos do collacionador infatigavel e á altivaz, taota vez provada, do jornalista.

Pastoral.—Vae sair uma do pralado lisbonense, vulgo o Patriarcha, dirigida aos parochos, a fim de que estas incutam no animo dos suicidas o horror ao suicidio, que no dizer do prelado supra é um attentado contra a raligião.

Veja sua eminencia se mette no animo dos dasasperados o amor á vida. Acuda-lhas com os soccorros da egreja, mas oão em razas. Coisa qua se vaja, e aos famintos coisa qua se coma.

São Martinho.—Um nosso leitor catholico—temol-os de varias religiões, bemdito seja o Daus de todas e o da cada umal—pargunta-nos se é decoroso alliar ao nome de um saoto a idaia de um periodo de bebedeiras a de scenas escaodalosas.

Nós respondemos: E' indecorozo am faca da Egreja a á luz das crenças respeitaveis do catholico; mas talvaz se encontre, no arripio historico ou lagandario, o vinculo qua estreita o nome do santo a a pandega a qua se alluda.

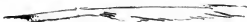
Vamos arripiar eruditamente.

Uma nota curiosa.—Diz um collega: «O sr. visconde do Rio Sado, queixou-se á policia, hontem, no Colyseu de Lisboa, de que lhe haviam furtado d'um bolso do collete, uma bolsa com algum dinheiro, sendo lhe pouco depois entregue por umas senhoras que a acharam no camarote onde o sr. visconde estava gosando o espectaculo.»

Tem graça. O sr. visconde é juiz e deve conhecer bem a força das phrases.

Se sua excellencia se queixou de que lhe haviam furtado a bolsa e essa bolsa appareceu no camarote, d'onde gosava o espectaculo, com senhoras, deve concluir se que ha camarotes, no circo, que palmam bolsas.

Ou senão, vista a queixa do juiz, como explicar o apparecimento da bolsa n'esse sitio?

Sr. juiz, não se insulta assim, irreflectidamente, a honra ... d'um camarote.

Unico.—Uns operarios, é sabido, acharam um dinheiro. Seria justo que não apparecendo o legitimo dono d'esse dinheiro, pertencesse este aos operarios.

Mas não é legal.

Vae o dinheiro para o commissariado.

D'alli para a Boa Hora.

Aqui gira pelos diversos districtos.

Regressa ao commissariado.

Vae para a administração.

Não se sabe para onde irá. Vão meditar os praxistas.

No entanto, os pobres diabos que o acharam não terão talvez pão em casa, nem roupa para agasalhar os filhos, nem dinheiro para o senhorio.

Está nos a parecer muito burlesco e um poucochinho indigno.

Salvo opinião em contrario.

Emfim!—Um homem que está sempre para sair, desde que entra, é o sr. visconde de S. Januario, ex-ministro da guerra.

A demissão é a agua circassiana tral-as sempre comsigo, nas algibeiras das calças, o que lhe arredonda os seductores quadris.

Ora se pinta para agradar, ora se enfeita—para sair.

De repente, sae!

Ha outra couza medonha n'esté varão: é que está sempre para entrar—desde que sae.

Talvez ainda mais medonho!

Ficam!—Na camara municipal o sr. Palha, aggravado, recorreu aos meios extremos. O meio extremo é assim uma especie de centro esquerdo.

S. Ex.ª arremessou ao espanto dolorido dos seus conterraneos a bomba da sua demissão explosivel a um mez de praso.

Nas pizadas d'este vulto primacial da camara—portas a dentro—os collegas da commissão executiva tomaram freio nos dentes e—zás!—Bombinhas explosiveis a tres dias.

E um e outros quedaram-se na magestade senatorial, á espera de que lhes cortassem as espoletas ás bombas, bem entendido.

Mas como ninguem cortasse as dos imitadores do grande homem, cortaram-o'as elles. *Ficam.*

Pelo que toca ao immenso, espera; e dado que lhe não cortem a espoleta corta-a elle. *Fica.*

Nós tambem ficamos, sem que nos cortem cousa alguma.

Hypnotismos.—Outro cavalheiro que fica é o sr. Das.

S. ex.ª parece ter descoberto em nós o *sujet-povo*, depois de haver descoberto em Hespanha o *sujet-individuo.*

Tendo começado a exhibir os seus meritos nas salas democraticas da rua dos Mouros, passou aos theatros e d'alli aos salões da finança.

A' ultima hora temol-o em plenos dominios do sr. Marquez da Foz.

Este nome symbolico faz correr calafrios pela espinha dos patriotas. Se o hypnotismo do sr. Das é materia susceptivel de alta exploração, temos syndicato em scena.

Uma aposta fazemos nós com o sr. Das:—Que não é capaz de adormecer o nosso senhorio, na vespera do dia 25, a prazo de tres a quatro mezes.

Nem a elle—nem a nós!

Publicações recebidas:—Recebemos e muito agradecemos um folheto intitulado *L'union méditerranéenne*, de mr. Gromier. E' uma importante publicação, feita recentemente em Paris, e que nos foi offerecida por intervenção do nosso amigo Dr. José de Castro. D'ella fallaremos mais de espaço, porque bem o merece.

Recebemos tambem um delicioso kalendario para 1889, offerecido a esta redacção pelo nosso amigo Pereira Vianna, proprietario do importante estabelecimento de papelaria sito na rua da Prata 66 e rua dos Retrozeiros 61. E' um trabalho primoroso de phantasia, que constitue um lindo ornamento para escriptorio. Agradecemos.

Semana pouco fertil em acontecimentos. Um esplendido sol jorrando os seus raios de ouro pela Avenida, pelas ruas da capital e pelas *toilettes* das elegantes que vão em romaria ás lojas de modas e confecções; alguns suicidios, por onde se vê que a despeito das grandes conquistas da sciencia, dos grandes deslumbramentos das industrias e das riquezas acummuladas pelo commercialismo e pelo financeirismo d'este seculo, alguns individuos menos optimistas preferem as doçuras do eterno somno ás torturas d'esta vida fabril que para ahi vai atrophiando as raças, e... e pouco mais. Ah! esqueciamo-nos do caso d'aquelle cão que nem pelos diabos podia admittir que o dono o desprezasse.

Foi assim: Certo sujeito foi a Cacilhas levando o animal comsigo para o deixar por aquelles desertos da Outra-Banda. O sujeito teve a immodestia de suppor-se mais intelligente que o cão, visto não lhe passar pela cabeça que este poderia muito bem metter-se em qualquer dos vapores da carreira e voltar para Lisboa.

E foi o que elle fez. Embarcou no mesmo calhambeque em que se embarcou o dono, já se vê, sem este dar pela cousa.

A meio do rio, quando o bruto, isto é, o homem percebeu que o animal fôra mais intelligente que elle, agarrou-o pelo cachaço e atirou-o ao Tejo.

E o cão toca a nadar e a seguir a *chocolateira*, esfalfando-se, matando-se por amôr ao dono. Até que os passageiros fizeram parar o barco, salvaram o cão, e prenderam o bruto... o rei da creação.

Historia vulgar, dirão os leitores.

Foi, foi. Foi vulgar quando entre os homens havia bons sentimentos — a amizade, a gratidão, o respeito mutuo, a dignidade.

Mas os senhores não veem o que por ahi vai? Syndicatos, assassinios, roubos, suicidios, o desvergonhamento das mulheres, a impudicicia dos homens, o desejo immoderado das riquezas, o afrouxamento dos laços affectivos, a ironia deante de algumas manifestações de virtude, o despreso pelos humildes, e a descrença geral, que faz com que a sociedade actual ande como ás apalpadelas?

Pois o caso d'aquelle céo, se não o tomarmos como ensinamento, é ao menos um espectaculo consolador no momento em que os sentimentos affectivos se afundam escarnecidos pelas gargalhadas de uma sociedade que leva o seu impudor até ao cynismo.

O caso de mais sensação foi a chegada da Rainha.

Ella que para alguns é um culto é para outros uma curiosidade.

E ao passo que a Avenida está quasi deserta n'estes dias em que o céo se tem mostrado de uma limpidez uniforme e banal, como o peitilho da camisa de um *gommeux*, Santa Apolonia encheu-se de gente endomingada, que foi vêr com os seus proprios olhos, se a Rainha que vinha seria a mesma Rainha que foi.

Ouviu-se ao longe uma corneta, soando com voz monotona e prolongada; depois um morteiro que rebentava envolvendo o apito do comboio n'um côro de estalos seccos; impellidos por mécha traiçoeira, os leques dos foguetes dispersaram furiosos, silvantes, pelo ar enfumado, emquanto a machina arquejante, cheia de sopros, tumida de gazes, entrava brutamente sob a arcada da *gare*, levantando com as patas circulares um plan plan metallico, como se um cyclope batesse com um malho colossal a tampa d'uma cisterna.

A recepção de Sua Magestade pareceu-nos amesquinhada, pela forma.

Esperar uma rainha, fazendo estalar no ar duas dozias de bombas de pataco, francamente, não nos pareceu processo á altura do actual gabinete, elle que segundo dizem os regeneradores, e os da esquerda e os republicanos, lá para festas de espavento, tem dado e tem dedo porque não olha a despezas.

D'esta vez foi economico. A recepção ruidosa de Sua Magestade, no que diz respeito a manifestações aereas, não excedeu o custo de seis duzias de foguetes de tres respostas.

Vós bem sabemos que o foguete, é o fiel amigo da alegria portugueza.

Sem elle não ha cirio que preste, arraial que agrade, alegria que dure, banquete que apeteça, anniversario que tenha geito; mas tambem sabemos, quanto se tem rebaixado a importancia pyrotechnica d'este mercenario, fazendo o subir á frente de qualquer «illustre deputado», em marcha triumphal pelo circulo; de qualquer presidente da camara opposicionista e vencedor da eleição e, o que é mais, de qualquer páo de fileira!!

Ora, realmente, saudar a chegada d'uma Rainha ao seu paiz pelo mesmo processo porque se annuncia a chegada d'uma viga de pinho ao seu logar, devemos confessar que é d'uma pobreza tal de imaginação, que está a requerer, com a maior pressa, um poeta salvador no seio do ministerio. Resultados de estar vaga a lyra da Marinha e Ultramar!

Uma menina, que estava deante de nós a roer as unhas, de chapeu á tyroleza e farripas volantes, avisou sollicita o grupo rumoroso:

—Olhem, lá desce a Rainha.

Sua Magestade descia, n'esse momento, da carruagem.

Vimol-a atravessar a fila dos cortezãos que se inclinavam para lhe oscular a mão patricia, e entrar na salão de espera.

Então a multidão moveu-se, ondulou, espraiou-se nas salas, engrossou nos corredôres de passagem, salpicada pelas cores variegadas dos uniformes, dos penachos, das bandas.

Na passagem, pudemos observar o rosto de sua Magestade. A rainha sorria ligeiramente para o seu povo, com um d'estes risos que escondem um aborrecimento invencivel. Ao entrar na sala dos despachos uma voz levantou um viva.

Sua Magestade agradeceu commovida, para o lado da sala, onde se empinava um grande caixote, tendo na lombada:—Ex.^mo sr. Emygdio Navarro, ministro das obras publicas.

Este sub-titulo (pensamos nós) traz agua no bico.

Seguiam-n'a sua alteza o principe D. Carlos e sua alteza a princeza D. Amelia. Ao chegarem á porta da sahida, os foguetes do largo estalaram nos ares, e emquanto a Rainha descia o primeiro degráu, sua alteza a princeza D. Amelia sorria alegremente, a antegostar o prazer de futuras girandolas.

Se era por isto, gentil princeza, que V. Alteza descance, ha-de ter foguetorio.

Este bom povo portuguez tem sempre, para os seus reis, um foguete para a chegada, um cantinho no albom da familia e uma lagrima na morte!

Povo de poetas e de mandriões; um mixto de Cezar de Bazan e de Pangloss; um empregado publico que se desdobrou em quatro milhões de individuos.

Conte V. Alteza com o foguete do futuro; atreve-mo-nos a garantir lho.

Mas o que sobretudo nos deu no gôtto foram os chapéus armados.

Não se imagine a que gráu da decadencia e de despellamento chegaram os bicornes portuguezes. São verdadeiros antepassados, cortezãos encanecidos no serviço dos paços, de plumagem amarella e bordos calvos. Faz vontade de lhes perguntar em quantas dynastias empinaram as prôas chatas ao serviço dos reis? Quantos seculos de comprimentos e de apertos na axilla lhes debotaram a peougem arqueada e amoleceram a rigidez do papelão, coberto de castór?

Oh! chapéus armados da nossa patria, chapéus dos nossos maiores, chapéus hierarchicos, restos veneraveis de antigas familias, triangulos symbolicos, de barbas amarellas e bordos retados, como provocais a lagrima, ó venerandas reliquias!

Pelas sogras.—O nosso bom collega *Diario de Noticias* é, como se sabe, conservador entre todos; é talvez o unico em cujo conservantismo se póde acreditar sem reservas.

Na sua qualidade de *ignorativoro*, como as varias instituições que nos regem, suas proximas parentes quanto ao systema intuitivo, a sua prosperidade, a sua existencia mesmo, dependem essencialmente da conservação do existente, e o seu ideal—se elle quizesse diacl-o!—seria que a evolução entre nós nunca passasse d'esta fluctuação serena e poetica da creada *que se offerece* e de cosinheira *que se precisa*.

Pois esse bom e honrado conservador permitte-se de quando em quando publicar anecdotas como esta:

«D. Manuel Pereira, fidalgo muito conhecido em Lisboa, detestava profundamente sua sogra. No dia da acclamação de João IV, encontrando-o na rua uns populares perguntaram-lhe:

—Quem vive, sr. D. Manuel?

—Viva minha sogra, e, por mal dos meus peccados, ninguem vive mais do que ella.»

E' isto bonito?...........

Nós temos sempre suspeitado que este collega, alias superior a toda a reprehensão quanto a intenções ordeiras e pias, não possue comtudo noções muito claras ácerca de varios problemas moraes. Pois como se póde admittir que um bom conservador, para quem deve ser veneranda e sagrada a *familia*, base indispensavel de toda a sociedade culta, esteja assim fazendo uma propaganda subversiva contra essa instituição providencial? Para que serve estar esgaravatando na historia da depravação moral factos tão velhos como a Restauração, e que só servem para provar que já então, ha dois seculos e meio, era tão vulgar entre nós, tão natural, tão correota os genros odiarem as sógras que d'isso se fazia alarde publico.

Odiar as sogras ainda se admitte; se é certo que não poda provar-se que todas tenham propinado acido prussico aos respectivos genros; o que não póde duvidar-se—ai de nós!—é que todas lhes tenham propinado as filhas. Mas fazer d'esse odio espirito, graça, anecdota, é o que não admittiremos e ninguem, e muito menos ao *Diario de Noticias*. Por isso deixaremos aqui o nosso protesto.

P. S.—E tanto mais é para censurar o procedimento do collega, que elle tinha obrigação de saber que aquella regra, exemplificada no seu Manuel Pereira, está hoje consideravelmente modificada.

E' notavel que no mesmo dia em que o collega desenterrava a sua anedocta, uma auguste princeza se encarregava de lhe dar o troco, beijando com effusão (vidé *Novidades*) e publicamente, a sua formosa nóra. Dir-nos-ha que este caso não invalida a regra, porque constitue uma excepção. Mas se é certo que nem a todos é dado ter uma sógra real, essa differença é bem contrabalançada tambem pelas circumstancias verdadeiramente heroicas, em que aquelle caso se deu.

A sr. D. Maria Pia teve a coragem—veja o *Diario de Noticias*!—de beijar com effusão uma nóra, que alem de representar para ella uma corrente, tem ainda o defeito de ser... já não diremos muito mais formosa, mas pelo menos muito mais nova do que ella!

Se isto não é sublime, não sabemos então em que possa consistir o heroismo d'uma sógra.

ALMA E CORPO

Na previdencia
De tanto biltre portuguez,
Ou hespanhol,
Sob este sol,
Severa e calma
A Providencia
Dispoz e fez
Que a palavra alma
Fosse anagramma
De lama.

E Satanaz,
O velhacaz,
Na previsão de tanto alcouca,
Por epigramma
Dispoz e fez,
Lá do seu ôrco
Onde arde o pez,
Que o corpo fosse
Justo anagramma
De pórco.

Fernando Leal.

da Rainha
Entre «reporters.»—Como dizes tu que a Rainha vem?
—Mais elegante.
—Oh! diacho, isso é o que eu digo.
—Sim? então diz tu que vem mais distincta.
—Boa idéa! o que tu sabes de adjectivos!
Entre duas donzellas da Baixa.—
O' mana, repara como a rainha vem mais gorda e mais loira.
—Pudéra. Os ares patrios retemperaram as carnes . . e as côres.
—Serio!!
No Terreiro do Paço.—Dois burguezes, bons homens e muito patriotas:
—Com que então, tambem deitou até cá, heim!
—Pois não havia de deitar, homem! Afinal . . . ella é a nossa rainha.
—Nossa...? Nêjaminha. Eu só conheço a uma, que é a patroa. Essa é que é a rainha... do meu coração.
—Hum! nem sempre...
Burguezismos:
—E dizem que a rainha é elegante, ó João!
—Não, lá isso é!
—Tambem tu? Vocês parecem que não teem olhos.
—Então v. tira o chapeu e é republicano?
—Que tem isso? se o não tirasse passava por alguma coisa peor.
—Por que?
—Por mal creado!
Uma Condessinha de moderna data.—E' uma rainha que faz honra cá ao sangue azul... não achas, conde? Que aprumo! que elegancia! que distincção! que altivez! que olhar! — Mal empregada n'um paiz tão pequeno.

Amor e fé.—Esta epigraphe saiu-nos bonitinha, mesmo porque é singela. O caso é que é um tanto complicado.

A Carolina da Assumpção, rapariga fresca e assás apetecivel, pertence ao numero d'aquellas a quem muito será perdoado porque muito amou.

Muito e a muitos!

⁂

Fatigada de amar no mundo, voltou-se para Deus. Mas esse bem-amado fia mais fino e pelo ordinario sae-se mal de cabeça a tontinha que desacerta em conquistal-o. Carolina caio na tentação —e no abysmo.

Foi terça feira que a pobresita se arrastou á egreja do convento das Trinas para commungar. Approximou-se da mesa, ajoelhou, e quando o patriarcha se approximava com o pão eucharistico, a infeliz perdeu os sentidos.

Quando voltou a si, enlouquecera!

No commissariado de policia, emquanto se procede ao exame medico, Carolina dirige a palavra a um dos empregados da secretaria:

—Estás triste, José? Porque? Tens falta de dinheiro?

Uma outra pessoa disse-lhe que o individuo que ella suppunha ser José não estava triste.

Ella replicou logo:

—Não fallo comsigo.

—Mas este senhor encarregou-me de responder por elle.

—Pois faz mal: cada um encarregue-se de si, que já não faz pouco. Lá o disse Deus Nosso Senhor.

E depois rapidamente:

—Ó José, eu já o'algum tempo te amei?

—Não.

—Ora essa! Então não sei como isto é! Sim, porque eu sou uma mulher, uma mulher que tem amado toda a vida!

Aqui tomou o tom de prégador, e, fallando alto:

—Louvado seja Deus nosso Senhor. Não sou peccadora. Quem é peccadora... quem é peccadora... quem é peccadora... nunca esquece no mundo o filho da Virgem... o filho da Virgem... o filho da Virgem...

Depois, logo o'outro tom:

—Amei muito o Antonio de Carvalho, muito! Mas de quem eu gostava devéras era do Manuel Rodrigues Teixeira...

E retomando logo o tom de sermão:

—Aqui ha de vêr-se a verdade... a verdade... porque a verdade é a filha de Deus .. de Deus... de Deus!

Vendo que nós fallavamos com um dos empregados e tomavamos apontamentos:

—O que dizes tu, irmão? Vae escrevendo, vae escrevendo, que é muito notavel a vida de Carolina da Assumpção... da Assumpção do Senhor... do meu rico Senhor da minha alma.

As imagens adoradas de Teixeira e de Carvalho parecem luctar ainda no espirito entenebrecido da infeliz, para apagarem a temerosa imagem de Deus. Lá deu hontem entrada em Rilhafolles a pobre Carolina. Na egreja das Trinas interrogámos um padre, que nos respondeu, d'olhos em alvo: —«Mysterios da justiça de Deus!» Parece-nos absurdo o commentario, pois que o padre tem obrigação de saber o que Deus faz, e se o sabe não existe o mysterio.

Mas talvez não saiba! Mas talvez se não trate de justiça divina, mas sim de velhacaria humana!

Vamos lá a interrogar os Santos Padres sobre as manhas dos padres menos santos...

Primeiro *interview* com S. Jeronymo.

E para a semana a reportage competente.

Confronte-se.—«Uma commissão de damas de Berlim offereceu á actual imperatriz da Allemanha um avental de seda branca, tendo bordados os nomes dos seus cinco filhos.

A imperatriz agradeceu o brinde nos seguintes termos:

O brinde que me fazem é uma honra para mim: prova-me a confiança que em mim teem, pois o avental tem sido de todos os tempos o symbolo da verdadeira dona de casa allemã.

E pondo o avental, a imperatriz acrescentou:

—Meu marido deseja que eu ande sempre de avental, e portanto o presente que me fazem é-lhe tão agradavel e elle como a mim.»

Perguntem ahi a qualquer menina d'uma nobreza de quinze dias, ou á filha de qualquer burguez ricaço, se ella sabe pôr um avental! Um avental! é boa. Se as senhoras devessem pôr em casa um avental para tocar piano, o que haviam de pôr as creadas quando manipulassem as almondegas?

Esta seria a resposta d'uma menina portugueza educada pelos nossos gloriosos processos pedagogicos.

Esperemos que na creação dos futuros lyceus femininos, haja programma de cadeira de chimica culinaria.

A festa de Coimbra.—Foram devéras imponentes as festas com que a cidade de Coimbra honrou o sr. Joaquim Martins de Carvalho, redactor do *Conimbricense*. Todas as classes se associaram gostosamente áquella homenagem de consideração prestada e um velho jornalista erudito e batalhador, que pelo seu trabalho conseguiu sahir da sua modesta posição de artista para a da um escriptor, que não tem muitos que se lhe evantagem no conhecimento da historie portugueza d'este seculo.

O sr. Joaquim Martins de Carvalho pertence como jornalista ao genero *liberal-constituição*, acreditando ingenuamente que e liberdade é uma figuração divina, que se incarnou por obra e graça do sr. D. Pedro IV no corpo humano da sr.ª D. Maria II, que Deus haja. Fez por isso ume guerra crua aos Cabraes, que comparou rhetoricamente a todos as despotas de que résa a historia, e não vê com bons olhos os jacobinos contemporaneos, posto que os não deteste tão cordealmente cômo detestou os sobreditos Cabraes. Como jornalista, elle faz os mais sinceros esforços por se eprumar na rigidez inflexivel dos incorruptiveis e dos puros liberaes de 1820, e por isso fulmina da adjectivos todos os despotismos ebstractos e todas as corrupções administrativas; mas e per d'isso é nimiamente condescendente com as opiniões ordeiras do seu assignante, pessoa que elle respeita e acaricia mais do que é proprie effigie da sr.ª D. Maria II, sua ama e senhora.

Um ministro qualquer agraciou-o um dia com um habito de Christo. Invocando e memoria da Passos Manuel, o sr. Joaquim Martins de Carvalho regeitou heroicamente a graça, que lhe pareceu pecuniariamente um pouco pesada, mas mandou encaixilhar economicamente o *Diario do Governo* em que e sobredita graça lhe era concedida. A par d'estas pequenas cousas, o sr. Joequim Martins de Cervalho é um jornalista sisudo e erudito e um velho respeitavel e respeitado. Foi portanto justa e merecida a homenagem com que o honraram.

Um grande desgosto, terrivel e inesperado, veio perturbar as alegrias domesticas do nosso excellente amigo e illustre director litterario d'esta folha, o Dr. Marcellino Mesquita. Uma encantadora creança de cinco mezes, que constituia o dôce enlevo do nosso amigo e de sue ex.ma esposa, pois que era o unico fructo da sua tão sorridente união, succumbiu em poucos dias, victime de uma implacavel enfermidade, sem que lhe pudessem veler os recursos da sciencie e os dedicadissimos esforços dos que a elle recorreram.

O genero d'esta publicação não é de molde e alongarmo-nos em considerações sobre e enormidade da cruciante dôr, que n'este momento opprime o coração amantissimo d'aquelles desolados paes Dir-lhes hemos apenas que quem escreve estas linhas sabe, por uma dura experienci a, avaliar bem esse profundissimo desgosto, e por isso se dispensa de lhes dirigir consolações banaes.

—Ha mais d'um anno assim, mirando e prumo.
O ente idolatrado, em quem resumo
As minhas mais ardentes ambições!

—Por isso... quanto soffro e me consumo!
Ah! mas escuta, Hypolitho! Presumo...
Que vão trocar-se as nossas posições!

João de Deus.

Vergonhas.—A filha d'um negociante de S. Padro do Sul, qoe fugiu de casa para entrar o'um recolhimento de irmãs da caridade, enviou e seus pais a seguinte carta:

«*Meu pae e minha mãe.*—Dêem muitas graças a Deus por me trazer para o oumero de suas esposas, felicidade que não merecia. Eu sahi d'ahi sem lhes dizer nada para me não embaraçarem. Como sabam, o meu esposo é Jesus; eu com alle quero viver, e com elle quero morrer. Eu, em sair d'ahi sem lhee dizer, não lhes desobedeci, porque vim para o serviço de Deus; n'isso oão lhes devo dar desgosto, antes muita consolação. Estão reelisados os meus desejos n'este muodo, pois vivo oo paraizo da terra, oode uma alme se póde chamar verdadeirameote feliz.

Adeus, até ao céo, onde espero vel-os, louvando eternamente a Jesus Christo.

Este mundo é um desterro, e nossa patria é o céo.—*Maria da Graça.*»

Fez vontade de perguntar se em Portugal ha ministros que tenham filhas, ou se tendo-as lhes não pessa nas espinhas um frémito d'angustia, perante essa dôr suprema dos pais e quem roubam ss filhas!

O sr. Marquez de Rio Meior tinha razão. Ninguem se atreve a expulsar o jesuita clandestino, de Portugal. Ninguem! sobretudo se elle dominar a velha fidalga do burgo, que represeota cem votos. Que miserrima politica, senhores!

O golpe que ferio o oosso director litterario, surprehendeo-do-o em meio do seu trabalho para este jornal, privou-nos d'uma parte importante da sua veliosa collaboreção. Por isso este numero se resente, como é natural, da precipitação com que foi concluide a secção litteraria, pelo que pedimos aos nossos leitores se dignem relevar-nos das muitas lacunas que oecessariamente hão de encontrar.

S. L.

Publicações recebidas:—Fomos brindados com uns exemplares do excellente *Almanack Illustrado* feito sob a direcção de F. Pastor. E' uma publicação utilissima e muito interessaote, pela variedade dos assumptos e pelo primor das suas magnificas gravuras. Um verdedeiro *bijou* litterario e artistico.

Agradecemos a amabilidade da offerta.

Recebemos mais, e muito agradecemos:

O discurso proferido no parlamento pelo sr. deputado Eduardo Villaça, nas sessões de 8 e 9 de maio de 1888, ácerca das obras do porto de Lisboa.

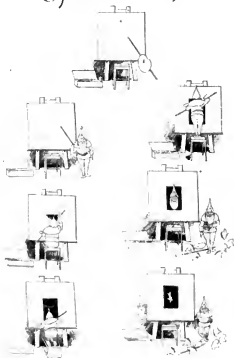
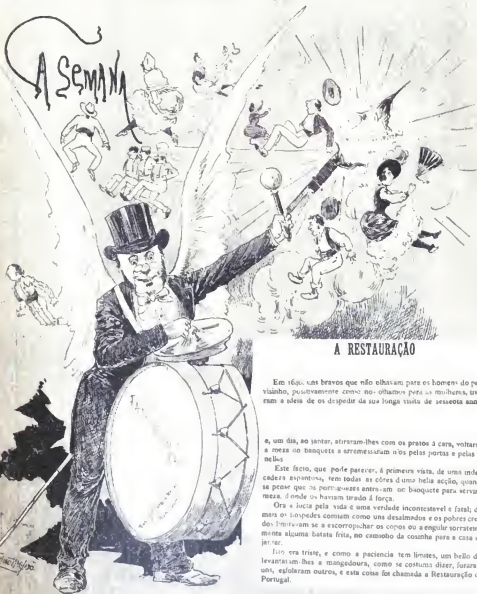
E a *Illustracion Musical*, explendida revista illustrada, que se publica em Barcelona, sob a direcção dos srs. Torres y Sigui.

Flores!—Pois que chega o inverno teem a palavra as flores S. Carlos hoje, os bailes ámaohã.

Para as formozas, para as *frescas*—estimulo, pela concorrencia.

Para os velhos, como nós—chamada á ordem em pé d'alferes. E, todavia, somos generaes—pelo rheumetismo.

Lembramos a florista do largo das Duas Egrejas, entre e ourivesaria Leitão e a egreja do Loreto. E' e primeira e e ultima; e seria a primeira ainda mesmo não sendo e unica.

O CONTO DO FIM

A RESTAURAÇÃO

Em 1640, uns bravos que não olhavam para os homens do paiz visinho, positivamente como nós olhamos para as mulheres, tiveram a ideia de os despedir da sua longa visita de sessenta annos

e, um dia, ao jantar, atiraram-lhes com os pratos á cara, voltaram a meza do banquete e arremessaram n'os pelas portas e pelas janellas.

Este facto, que pode parecer, á primeira vista, de uma indelicadeza espantosa, tem todas as côres d'uma bella acção, quando se pense que os portuguezes entravam no banquete para servir á meza, d'onde os haviam tirado á força.

Ora a lucta pela vida é uma verdade incontestavel e fatal; demais os hospedes comiam como uns desalmados e os pobres creados limitavam se a escorropichar os copos ou a engulir sorrateiramente alguma batata frita, no caminho da cosinha para a casa do jantar.

Isto era triste, e como a paciencia tem limites, um bello dia levantaram-lhes a mangedoura, como se costuma dizer, furaram uns, esfolaram outros, e esta coisa foi chamada a Restauração de Portugal.

Lithographia Guedes, rua da Oliveira, ao Carmo, 12

Qualquer pessôa pode imaginar, nada é mais facil, o que é uma restauração. A restauração d'um café, por exemplo: portas pintadas, bancos novos de palhinha, mezas polidas, tacto estucado de novo, etc,

Pois n'um paiz é, ou deve ser, a mesma coisa, e creio bem que o foi. Portas novas não se fizeram porque seriam muito grandes e dispendiosas; o tecto é ainda o mesmo, porque é o que Deus, na sua alta bondade, concedeu e todos os parvos, com a impossibilidade de lhe tocarem, aliás estaria, a estas horas, caiádo!

No resto, Portugal, devia ter ficado um encanto:

Rei novo, ministros todos cá de caza, serviço nosso, emfim.

A meza pôz-se novamente, e, para cumulo de vergonha para os hospedes ingratos, a agua dos manjeres a d'outros misteres foi fornecida pela raça mais trabalhadora de Hespanha — o gallego!

De então para cá, com a Restauração, os freguezes affluiram, os negocios duplicaram, as minas desfizeram-se em ouro, a assim viu-se o dinheiro entulhar o erario para se transformar em conventos brutaes, em arcarias gigantes de aqueductos, em thermas, em reconstrucções, em presentas fabulosos.

O luxo appareceu com todas as cerimonias e paramentos do seu culto externo: os golpeados dos gibões golpharam flocos de sedas, as mais finas no tecido e na côr; as rendas mais custosas efogaram os collos e os punhos dos cortezãos; mais tarde as peroias anti[illegible]-se estranguladas nas abotoaduras dos compridos colletes de setim; o ouro, a prata, os metaes preciosos revolviam-se nos arabescos ornamentaes, nos floreados embutidos dos espadins curtos, do melhor aço toledano; as sedas do Oriente cahiam em festões de prégas ladeando as janellas arqueadas dos palacios fidalgos; os tapetes da Persia forravam commodamente os largos salões, cheios da luz que enchia de estrellas os cabellos negros das patricias, cravejados de diamantes do Novo Mundo.

O ouro corria em ondas; incontestavelmente a «restauração» fôra completa.

Os hospedes expulsos pasmavam! Nunca tinhem imaginado que a preza velesse tanto. Mudaram de tactica, depuzeram as ermas a começaram a mandar-nos bilhetes de visita no dia de ennos, saudades por algum portuguez que lá ia, carta de par bens quando o pequeno fazia exame, uns galanteios, uns requebros, portuguezito para aqui, porteguezito para alli, um namoro de mil diabos. Nós a rezistir... a rezistir, de olhar desconfiado, sorriso desdenhoso nos labios, mãos nos copos da espada. Nem bilhetes, nem cartas, nem piscedelias de ôlho, nada!

E cá dentro a voz da patria, surda, espertalhona, inabelavel: bem vos conheço irmãosinhos, não pode ser, não ha dinheiro trocado!

Ha pouco, porém, um portuguez traidór, porque os ha, (Camões, Luziadas) foi a Hespanha, e depois d'uns copos de manzanilha, estonteado pelo olhar d'uma mañola, descahiu-se, deu com a lingua nos dentes, perdeu-nos!

—Ah! que fraco nós temos, disse elle.

—Qua tal? perguntaram os descendentes dos comilões com os olhos afogueados pelo desejo de saber.

—E' cá uma coisa.

—Diga, diga.

—Não sei se...

—Entre amigos velhos, então?

—Querem saber o fracq?

—Sim, sim

—As...

—As touradas? interromperam.

—Não, nada d'isso.

—Então, então...

—As... hespanholas.

O' diabo que tal disseste, ó revellação mil vezes terrivel!

As mulheres, sim as mulheres, o amôr, a loucura, a perdição...

Portugal, és nosso!

A coisa marcha; as cartas de oamôro já têm resposta; mandam-nos um abraço e nós, em resposta, um chôcho! Perdidos, ai, fatalmente perdidos!

De mais o governo hespanhol não se esquece um instante d'esta conquista. Todos os mezes o ministro da guerra pergunta ao ministro do fomento: o que se tem feito com relação a Portugal?

—Caro collega, no mez ultimo foram enviadas para Lisboa quinze Pepas e trinta e nove Lolas.

—Acho pouco, pouco variado. E' preciso mandar-lhe tambem Carmens, de que elles gostam muito, e Conchas e algumas Dolores.

—O nosso emissario anda por Sevilha a Cordova, veremos o que traz agora.

—Olhe, de vez em quando, é preciso exportar uma ou outra companhia de zarzuella; do peor, v. bem sabe que ficam lá todas; mas é ganho, a união faz-se lenta mas seguramente. Ah! sr. Pinto Ribeiro, sr. Pinto Ribeiro, ha de pagar-nos o arrojo!

Eis, caros patricios, porque nos sentimos resvallar para a servidão; porque sentimos nos pulsos a prisão dos grilhões tão habilmente postos, porque cantamos malagueñas a sonhar!

Patriotica «1.º de dezembro» cobre-te de crépes! Portuguezes sem confeição, tremei!: o anjo das grandes agonias cobre com a sua longa aza negra os destinos da patria Parvonia! «Madame est... mourante»!

Amigos e visinhos, estaes completamente enganados, isto variou muito, sois uns namorados parvos.

Ha 248 annos que este estabelecimento foi restaurado, supponde como deva estar. Nojento, meus amigos, immundo. Os «bacocos» quebrados, as paredes sujas, chove como na rua: dinheiro pede-se e não se paga, «cães» por todos os lados, freguezes nem um; a corrupção, a immoralidade por toda a parte.

Uma miseria geral, a exploração odiosa e tolerada, o roubo legalisado e impune.

Uma bambochata, um delirio, uma pandega. O extremo do ridiculo misturado ao horrivelmente tragico.

Não agiteis a agua, não vos debruceis no namoro, deixai-nos apodrecer.

....

Ouvis o trombone, ouvis? tremei!

E' a trombeta do nosso Josaphat que chama os mortos da revolução. Mortos, surgi! fazei nos o favor de pôr na rua estes hespanhoes cá de casa! Toca o hymno!

A 1.º DE DEZEMBRO

Ha muita gente que tem o costume de rir de tudo.

Assim, não é a primeira vez que graciosos de mau gosto, tem dirigido epigrammas e ditos á associação «1.º de dezembro», com certeza a mais util, a mais respeitavel das associações portuguezas.

Como não dá «salsifrés» toda a gente troça da sua existencia, e todavia a grandiosa associação vive exclusiva, santa, nobremente entregue á inspecção, á policia do grande «salsifré» da patria.

Que maior titulo de recommendação e que maior brazão d'orgulho?

Quiz convencer-me por mim proprio, e sabendo que no velho e historico palacio se conspirava ainda hoje, escondido nas sombras pude ver chegar alguns dos vultos que secretamente entravam uma porta escusa da veneranda morada, trocada previamente a senha.

Ao approximar-se um d'elles, fingi que passava e ouvi:

Truz, truz.

—Quem és?

—O irmão 126.

—Como te chamas?

—Come-hespanhoes.

—D'onda vens?

—Do exilio do Poço do Bispo.

—O que desejas?

—A salvação da patria.

—Entra irmão; que S. Jorge abençoe a tua espada.

—Não trago espada, trago uma bengala da ginjeira.

—E' o mesmo, entra. Que S. Jorge proteja a tua bengala de ginjeira.

—E entrou.

Durante a noite, disse-me o guarda nocturno, perto de cem vultos entraram, assim, mysteriosamente, no velho palacio dos Almadas.

Que terriveis juras iriam pelas salas mal alumiadas! Quantas esposas na vespera da viuvez! Quantos filhos sem pai!

Patrioteiros e Patriotices
Dois hespanhoes em frente do obelisco. — Veja v. o monumento da restauração.
— Sim senhor, esta bom, é só mudar-lhe as datas!
O' Costa, apita.
Na 1.º de Dezembro. Restos d'um discurso de fogo: — «Philarmonicas da patria, amanhã é o dia sublime, o dia da independencia, o dia da liberdade! Do alto da pyramide da Avenida quarenta bravos nos contemplam! Morra Miguel de Vasconcellos! Vossa. Morra!
Terra da minha patria, abre me o seio. (Garrett)
POETA. CURIOSO DRAMATICO E MUSICO
Patriota por ohiquismo. V. Ex.ª é da 1.º de Dezembro?
— Sim, minha senhora.
— Conhece então a historia da corajosa revolução?
— Oh! minha senhora, quem ignora as calamidades que nos trouxe a invasão dos francezes! Ha-os d'esta força...
O poeta. — Offereceu á commissão dos festejos uma linda poesia commemorativa, que começa assim
Que rugido é o que eu sinto,
Que ao longe, ao longe, soou,
Que me arrepia os cabellos?
Foi Portugal que accordou
Espicaçado pelo Pinto
Patriota vermelho. — Os hespanhoes! Ah! que se eu os visse n'aquelle tempo, tinha-os rachado! — Tem razão, coitado, perdeu parte das economias a jogar nos fundos! E' graça.

Esperei a sahida, segui um dos embuçados, e defronte d'om candieiro que alumia a estatua do restaurador, do Rocio, atravessei-me deante, embargando-lhe o passo:

—Quem quer que sejas, em oome de el-rei, desmascara-te ou morres.

Surprehendido, o homem desembuçou-se; era o meu barbeiro!

—Ah! miseravel, és então tu um conspirador!

—Pela salvação da patria, senhor.

—Um conspirador sem gravata preta, sem cabelleira loura; pois já se conspira assim em Lisboa?

—Desculpe-me; aquelle freguez, que é do tribunal de contas, de bigode grisalho, foi quem me deu o bilhete. Estava hoje de folga, quiz approveitar a noite.

—Que fizeram então por lá? Conta-me tudo, senão...

—Coisas tarriveis. Aquillo é uma commissão de vigilancia, contra os ibericos. Leram-se os nomes dos suspeitos e jurou-se não os perder de vista um só momento! Ha lá nomes de todas as classes, até o Patriarcha!

—O Patriarcha?

—Sim, senhor; diz que escreve corações com q, e isto é da reforma da ortographia hespanhola ...

—Oh!

—Leram-se os nomes dos ibericos mortos. Barboza Leão, ainda pela questão ortographica; o n.º 23 que morreu tisico na Penitenciaria, porque se chamava—o Hespanhol; e uma hespanhola que se suicidou na tipoia 124!

Dos vivos expulsou-se da sociedade o dr. Abelha que traduziu um romance de Caldos para portuguez, e o padre Miranda que só fuma cigarrilhas Moriunes!

E chegando-se a mim, mysterioso: e o sr. D. Affonso foi tambem indigitado.

—Iberico?

—Suspeito.

—Hain?

—Recebeu-se, na meza, um officio que dizia que elle, no theatro Real de Madrid, dissera para o ajudante:

—O' menino, que bonitas mulheres; aqui é que se comprehende bem a união da raça latina!

—Oh! com a breca!

—Cumo lhe digo, e boas noites que está frio. Não revelle os segredos que lhe confiei, aliás... creia que lhe pariga a vida.

Fiquei absorto; de subito, de joelhos em terra e olhando para as estrellas do ceu, exclamei: bemdito sejas, Senhor, que conservas para defeza d'esta patria minha amada estes ganços de casaca e chapeu de pasta!

A sentinella gritou. quem está ahi?—Eu! ou antes a imagem da patria agradecida!

—Adeante, amigo; passe de largo, ou vai para a esquadra.

Era um iberico, o miseravel; passei-lhe ao lado e ... o numero da gola, que hei de denunciar ao meu barbeiro.

Traidores! estamos sobre um vulcão, até o exercito!

Eis um simples episodio, Que se ria alguem da benemerita associação!

CURIOSIDADES CAMARARIAS...

Sessão do dia 25—Antes de se encerrar a sessão, o sr. Magalhães Lima pediu informações sobre os resultados praticos do methodo de João de Deus nas escolas municipaes, ao que o vereador do pelouro deu todos os esclarecimentos, demonstrando que essa methodo não deu resultado vantajoso, apesar de superiormente ser dirigido esse ensino pelo seu proprio auctor.

Diario de Noticias do dia 26.—Do sr. João de Deus recebemos hontem a seguinte carta:

Sr. redactor.—Com este titulo vem hoje, 25 de novembro, um artigo no seu acreditado jornal. A respeito do penultimo paragrapho, peço o favor de mandar inserir a seguinte declaração, que recommendo á attenção da dita camara: «Eu nunca soube onde eram taes escolas para as poder visitar quanto mais dirigir, nem soube nunca ao menos quem eram os encarregados ou encarregadas do ensino pelo meu methodo.»

Sou sr. redactor, etc.

Lisboa, 25 de novembro de 1888.

João de Deus.

Que demonio de esclarecimentos daria o tal vereador do tal pelouro? Se é certo que João de Deus nem sabe onde são as escolas, quem imaginara o tal vereador que é o auctor do methodo de João de Deus? Acaso haverá dois Joões, um o auctor do methodo e outro que anda pelas escolas da camara a ensinal-o superiormente?

Aqui ha por força confusão. O sr. Magalhães Lima perguntou pelo methodo de João de Deus e o sr. vereador confundiu com o methodo de João de Gatinhas, usado nas escolas da camara.

Foi, talvez.

Assim comprehende-se como sua ex.ª poude dar informações e como o illustre poeta podê tirar de si o pezo d'uma gloria que lhe não pertence.

Sempre ha cada camarista empelourado!

TE-DEUM LAUDAMUS

A *Associação Primeiro de Dezembro* é uma especie de rebôlo, em que alguns burguezes, irmãos do Santissimo, e varios pachidermes mais ou menos conselheiros, aguçam o seu patriotismo embotado e ferrugento.

Essa associação, como todas as cousas que teem existencia official n'este paiz, affirma a sua actividade pela celebração de um *Te-Deum* annual e pela exibição de alguns foguetes de sete respostas, lançados para o espaço azul ao som dos trombones patrioticos das musicas desafinadas e estapafurdias.

Fóra d'isto ella já conseguiu, á custa de algumas subscripções trabalhosas, de beneficios em theatros e de outros expedientes pecuniarios, levantar para ahi um monumento, que, se não é um assombro artistico, tambem não póde dizer-se uma chapada tolice. Fez muito, fez mais do que era de esperar do seu patriotismo. Mas a sua vocação é o *Te-Deum* e o foguete; e é esta paixão pelo incenso dos thuribulos ecclesiasticos e pelo cheiro da polvora bombardeira, que lhe imprime uma feição eminentemente nacional e indigena.

Toda a alegria portugueza se resolve hoje n'estas duas affirmações de sachristia:—o *Te Deum* e o foguete de arraial! O *Te-Deum* é o sorriso de satisfação interior, composto e discreto, da nossa sociedade; o foguete é a sua gargalhada alvar e escancarada.

Um candidato ministerial vence uma eleição? *Te-Deum.*

A therapeutica consegue concertar os rins avariados de Sua Magestade? *Te Deum.*

A Providencia digna-se mandar chuva aos nabaes? *Te-Deum.*

O Arroyo fez um discurso na camara? *Te Deum.*

O rei Guilherme de Paredes cura-se de umas sezões teimosas? *Te-Deum*... e foguetes.

A esposa do conselheiro Acacio dá um menino á luz? Foguetes e *Te-Deum.*

E andamos n'isto.

Se não fosse tão profundamente idiota, era divertida esta nossa sociedade portugueza.

Telegramma a proposito.—«Cezimbra 27. Foi inaugurado o julgado municipal d'esta villa.

...O nosso amigo M. Polvora proferiu na sala da camara um magnifico discurso. Musica, girandolas de foguetas, grande enthusiasmo, emfim».

Um discurso de polvora, imagine-se. E que assumpto:

Cezimbra livre da escravidão! com os pulsos ainda arrouxeados das algemas, elevados ao ceu, nos impetos de graça!

Isto incendeia um marmore quanto mais um Polvora!

E que coincidencia, senhores, a Restauração de Portugal e a Restauração de Cezimbra. Venha o novo hymno, a marselheza dos julgados municipaes, de que é João Pinto Ribeiro o conspirador Beirão.

Cezimbrenzes é chegado...

Aos nossos assignantes da provincia

Prevenimos estes nossos assignantes de que enviámos os seus recibos para as estações do correio das suas localidades, e pedimos-lhes o favor da brevidade no respectivo pagamento, para a boa regularidade do nosso expediente administrativo.

Aos nossos assignantes do Brazil

Tendo saido errado, nos prospectos e nos primeiros numeros d'esta publicação, o preço da assignatura para o Brazil, erro que nos causaria um grave prejuiso, se permanecesse, attendendo ao elevado custo do porte do correio, prevenimos os nossos assignantes d'aquelle imperio que o preço da sua assignatura fica sendo:
Anno ...... 4$000 réis (MOEDA FORTE)
Semestre 2$000 réis (MOEDA FORTE)
conforme já vae indicado na capa do presente numero.

A Alvorada
Num café de camareras
Tem olhos para não intervir.
Si fuera bueno no me jogaria con ele!
Pero. si no sé musica!
Julião Machado.
Ello (com bravura - Hymno da Restauração) Portuguezes é chegado
Ella (mezza vocce. Marcha da Cadiz) Viva Hespaña...
(Bem sabe o que diz)
A COMEDIA PORTUGUEZA

Do meu quarto, que dá sobre uns quintaes,
descubro todo o bairro; e muita ves
vejo evolar-se o fumo em espiraes
das negras chaminés

Quando vou á janella, ao Sol poente,
horas em juoho de accender os lares,
meus olhos vão seguindo longamente
o fumo pelos ares

E penso ver formarem-se, na vasta
immensidade, esplendidas imagens;
até que o fumo pelo azul se gasta
nas mais altas viagens

Todo este quadro é tão banal que então
chego a rir-me de mim, do que resumo
na minha eterna e doce aspiração .
que se assemelha ao fumo.

Antonio Fogaça.

Lithographia Guedes, rua da Oliveira, ao Carmo, 12

Dedicamos á memoria de Antonio Fogaça, um intelligente poeta e um amigo, fallecido em Coimbra, a primeira pagina do nosso Semanario.

Diz a ballada que os «mortos vão depressa».

Esta pequeno testemunho, permanente, terá a propriedade de protestar contra esse esquecimento tão fatal como lamentavel, renovando de futuro—o prazer amargo d saudade.

A «REVOLUÇÃO DE SETEMBRO»

«Este numero occupa-se exclusivamente da commemoração do 1.º de dezembro ridicularisando-se esta festa nacional que devia ser um fervoroso culto para todos, e motivo sufficiente para afogentar o riso alvar e idiota do indigena.

Mal da collectividade que esquece as suas tradições, a que em festejos publicos as não transmitte ás gerações novas para que continue este livro vivo, que vale bem mais do que as chronicas arrumadas nas prateleiras das bibliothecas.

Não esqueça o povo portuguez estas datas, onde vae envolvido um testemunho de gratidão aos nossos gloriosos avós que, durante 28 annos, derramaram o seu sangue para sustentar o facto de que os finos espiritos da que agora se riem.»

Taes palavras, entre outras, tirou do peito amantissimo a «Revolução de Setembro», em queixa de «mater dolorosa», pelo assumpto do ultimo numero da «Comedia Portugueza». A «Revolução de Setembro» bem se vê que é femea; se fosse macho do jornalismo, não teria a fina sensibilidade hysterica do patriotismo de lepes, nem viria humedecer de sentido pranto a memoria ridicula da pepineira festiva com que uns ingenuos zombam, annualmente, dos sentimentos generosos e intimos de muitos portuguezes. Se a «Revolução» entende que é ser patriota expôr á vista do estrangeiro essas festangas d'arraial saloio e dizer lhe que ellas synthetisam a vitalidade da patria, o enraizamento do sentimento da independencia, na alma popular, oh! nós declaramos, alto e bom som, que é falso, que essa palhaçada representa apenas a concepção obtusa de meia duzia de cerebros enfermiços, que ella é apenas um dos tantos pretextos com que uns frigideiras ridiculos adornam os ocios, a que n'essa festa, que lesta! não entra um elemento sério da patria, uma collectividade, de responsabilidade, de valor elevado, artistico, litterario ou scientifico.

Que o estrangeiro o saiba. As ridiculas festangas do dia 1.º de dezembro, não são manifestações nacionaes; teem o mesmo valor que um baile no Ponte de Lima, ou um salsifré em casa de Polycarpo Banana.

Precisamente.

Então não queria a «Revolução» que fizessemos vénia a umas duzias de foguetes e oito palmitos ridiculos, accesos em redor do obelisco? Não queria ella que nós dissessemos, a sério, aos estrangeiros: embasbacae a vêde o que é amor da independencia entre nós!

Mas a idêa, que esse homem faria de oós era, simplesmente, da que agonisávamos! Se as manifestações que se exhibiram fossem as d'um povo, cioso da liberdade, qualquer concluiria que era o ultimo esbracejar d'um moribundo.

Não fomos nos só a rir. Collegas que não podem ser acoimados de anti-patriotas censuraram essas manifestações, por baixas, indignas do facto.

Esses foram verdadeiramente patriotas.

A respeitavel collega está ainda nos tampos em que a rethorica substituia a verdade e servia para encobrir vergonhas, com bombas grammaticaes. Isso já lá vai. E' do tempo dos canudos nas fontes e do balão de tres arcos. Hoje chega-se á perfeição de considerar muito mais util um homem que faz um parafuso bem feito, do que um orador laureado, que leva duas horas, em flôras oratorias, para dizer o que se dizia bem em cinco minutos.

Nós—conhecemos—o patriotismo de V. Ex.ª, pedagogica collega e senhora. E' o que oos tem posto n'este rico estado em que estamos; é o mesmo que fez como na data celebre de 1.º de dezembro, haja um cortejo civico de oitenta meninos em regabofe de feriado, e oito palmitos hilariantes a incommodar os morcegos que habitam o monumento symbolico dos nossos brios, e com que seja feio que uma pessoa mais affeita ás cócegas dê a sua rizada ao esbarrar com a dança.

E' muito patriota, é muito patriota... e apósto que não pôz luminarias?

—Não puz porque...

—Bem, bem, não fallemos n'isso. Vá lá uma pitada do meio grosso.

Ella é bôa pessoa... são birras... é velhice, coitada, se até já anda para a esquerda.

Até sempre, avósinha.

Imprensa.—O estrangeiro que, por estes dias, em hora de desfastio ou de curiosidade, se lembrasse de conhecer um pouco o estado da politica portugueza, devia tar uma d'estas impressões graves que oos anteavizam dos grandes cataclismos.

Que linguagem vernacula, que força d'argumentos, que pujança de estilo!

Mas o que vai resultar d'aqui? Um rio de sangue? dois rios de sangue? tres rios de sangue?

São jornalistas, não é verdade? Vão bater se, derramar o ultimo pingo de sangue, perante as offensas que se atiram, ferozmente, cruelmente, horrivelmente?

Oh! não amigo, tudo isto vai resolver-se em cinco discursos, tres vivas, meia duzia de foguetes e o hymno da Carta soprado galhardamente perante o «centro» convulsionado, deante da redacção invadida pelos partidarios, voz em grita, clamantes, viva o partido de tal, e o dr. de tal, e mais o senhor fulano de tal!

A'manhã terá passado a furia, cançado o esforço partidario, esmorecido o echo das injurias no brou-ha-ha dos gritos de applauso, o paiz continuará socegadamente o seu caminho de esphacelamento e a terra não deixará de rodar no seu eixo pelos espaços celestes.

Apenas o jornal conservará para os futuros historiadores da nossa decadencia, mais esta nota solta, eveessivamente ridicula se não fosse profundamente triste.

Realmente, vir um partido lavar com musica e vivas as offensas d'honra d'um partidario, mais parece caso de opera buffa do que episodio da vida real.

Este esemplo é extraordinario em todo o seotido; tão extraordinario, como se alguem se lembrasse de mandar á lavadeira a cara rôxa por uma bofetada... para limpar.

Coisas filhas das convicções politicas profundas dos politicos portuguezes! Oh! as convcições politicas! Vamos rindo!

Apupos.—A rapaziada do lyceu depois de aclamar por essas ruas a liberdade do territorio, entra francamente no periodo das reclamações e começa a gritar á porta do lyceu, pela liberdade da consciencia.

Era na occasião em que um dos reverendos de S. Luiz passava gravemente para o templo. A policia sabedora de que na Carta Constitucional da monarchia ha tolerancia para todas as religiões, como para todos os abusos, prendeu um dos rapazes.

Este facto é gravissimo porque demonstra que atravez das declinações latinas e das analyses grammaticaes, as ideas livres penetram nos cerebros jovens dos rapazes, imprimindo lhes estes ruidos de revolta contra os grandes principios.

Pedimos aos rapazes mais respeito pela liberdade alheia, mas rogamos-lhe ao mesmo tempo, que se sentem a necessidade de se revoltar comecem por revoltar-se contra os programmas do lyceu, contra a sciencia bolorenta dos professores.

Creiam que lhes será mais util. A maneira de combater o Lazarista não é apupando-o, é espalhando as bellas verdades modernas, os grandes e generosos principios do saber hodierno, que o systema velho do ensino lhes não permittirá alcançar, se não se libertarem da sua influencia pelo estudo particular e livre.

Eis o ponto a ferir; eis o objecto que devia merecer-lhes a graça dos apupos! A elle.

Phylosophices.—O sr. Agostinho de Carvalho, professor de phylosophia, e, segundo dizem, um dos professores mais distinctos no quadro dos professores do ensino livre, é arguido por um moralista austero, de ter a condemnavel opinião de que o suicidio é justo e não sei se mais alguma coisa.

E, como se n'este paiz alguem se importasse com as opiniões individuaes dos philosophos, surgem uos defensores aguerridos a protestar, dizendo que é falso, que só por brincadeira o illustre professor tem defendido tal opinião.

Tem graça.

De modo que n'este paiz, um homem, um philosopho sobre tudo, ha de ter a opinião de Thales de Milete ou d'outro patusco contemporaneo do Thales.

Isto não é defender o suicidio. E' expôr a critica mesquinha d'um sujeito que imagina que a philosophia é uma nóra d'onde não é licito sahir.

Quem é que vai perguntar aos senhores professores dos nossos lyceus a responsabilidade das calinadas dogmaticas com que nos abarrotam os cerebros? Pois não ensinam elles por lá que ha idéas innatas, que a alma é immortal, e outras tolices d'este lote? Quem vae indagar-lhe a responsabilidade nas monomanias religiosas e na apparição crescente dos cretinos? Que miseraveis razões obrigam os pobres rapazes a engulir na perspectiva d'um R!

Querem ver que esses suicidas que encheram o mez passado de uma funebre nota melancholica, eram discipulos do sr. Carvalho?

E que admirava que o sr. Carvalho defendesse o suicidio? não ha quem defenda a nova reforma da instrucção?

Ao menos era um philosopho nosso com uma idéa sua!

Caramba, um philosopho portuguez com uma idéa! que luxo!

Os ninhos vasios

(Traducção livre de Catulle Mendès)

Pela janella aberta ao sol do inverno—em quanto o fogo crepitava na chaminé,—olhavam os dois a passagem pelo ceu das nuvens, lentas, pezadas, com indolencias de grandes ursos brancos, que depois de rolar pela neve fussem lavar-se no azul.

O declive do rio, ruidoso como o setim esticado, o prolongamento, entre os esqueletos das arvores, da larga alameda sombria até ao lago, um pouco inclinado, como um fino crescente azul, as collinas, lá em baixo, onde envoltas no nevoeiro se alevavam florestas de ramos gelados, formam um horisonte infinito, vago, nebuloso.

Estavam em sua casa, em presença do grande espaço.

Lá fóra a natureza immensa, alli, só elles.

A immensidade celeste é tão pura, tão bella e tão diafana, que por vezes nos parece que a atravessam anjos. Como é dôce o conchego terno de dois corações na pequenez acariciadora d'uma saleta adorada.

Os pequenos paraizos valem os grandes ceos!

Bom dia, bom Deus, e beijavam-se nos labios.

E, porque ella levasse a hyprorisia da innocencia —a má— até á ingenuidade perfeita, começou de repente, batendo na meza uns murrositos dóces, clamando: «Quero ir tirar os passaritos dos ninhos».

Elle objectou-lhe que era inverno, que não havia folhas nas arvores, nem passaros nos ninhos. Mas tinha perdido havia muito o habito de resistir, mesmo em pensamento, aos caprichos da maldosa creança; assim, envolta em pelissas, ella correu, seguida por elle, ao longo da alameda e quando chegaram ao bosque feito de ramos gelados tremente sob o gelo e o sol frio, ella procurava os ninhos nas moitas e nos ramos baixos, dando pequenos saltos e uns gritos infantis. Os ninhos encontrados não tinham um unico passaro, da primavera passada, nem uma penna conservavam. Procurando sempre, nem um tentilhão sem penugem, nem uma andorinha seminua abrindo o bico amarellado. «Ah! Estamos em fevereiro, dizia ella» Depois chegando se a elle, cariciosa, com o ar timido d'uma creança que receia um castigo: «Sou louca não é verdade; não te rirás de mim?

E elle respondeu com a melancholia que deixam as esperanças que morrem: «Tenho o direito de me rir de ti, Julieta, eu que sob a neve do teu coração vasio e gelado, como um ninho de inverno, espreito ha tanto, em vão, o despertar da ave mysteriosa do amôr!

Jal.

O Salcifré
O brasileiro recomchogado
Vem dar a nota rica com a esposa Diz mal do café, da cana branca e do assucar. Ao chá, descalça as botas por debaixo da mesa, para allivio dos callos e promette em sua casa, uma festa de brado, nos annos da sinhá.
Todos pasmam, olhando lhe os brilhantes dos anneis.
Distribue charutos da Bahia e erros grammaticaes com a mesma facilidade O rei da festa.
Os donos da casa.
Abençoado o feliz casal Realisaram a final de todos os antigos romances, amaram-se, casaram e tiveram filhos.
E mais nada.
D. Felizarda
Vae para dizer mal dos convidados, do serviço e das toilettes!
Tem com que dar á lingua 15 dias por casas particulares E' uma freira á meza e uma lingua de prata pelos cantos. Detesta os homens, por isso nunca quiz casar.
Nunca quiz ; coitada.
O major reformado.—Type indispensavel Tem historias um tanto .. alegres de que as senhoras gostam muito.
Celibatario. Tem dois amôres no mundo, o voltarete e o cognac. E uma recordação saudosa a do duque de Saldanha.
O indispensavel — Recita, baila, canta, dança e ama. Faz recados ás meninos, dá opinião sobre os apanhados, sobre os enfeites, sobre a côr das plumas E' o Gonçalinho. Sabe bordar a crochet e faz flôres de cêra lindissimas e por ahi fóra.
O sr. Francisco — O merceeiro da esquina, que vem com a senhora, as tres meninas e a creada de fóra, Regedor da freguezia. E' o fornecedor do amphitrião. Durante o chá exclama varias vezes. boa manteiga, boa manteiga, a proposito das torradas. De resto mudo, encostado ás hombreiras vigiando os namoros das filhas. Tres, logo tres!
O primo Luis
Namora ambas as
Ainda a decidir-se
cial
Com qual?—provavelmente com nenhuma.
Um reporter de jornal desconhecido — Todos lhe receiam « elorgues». Afinal se alguem deve ter receio d'elle, é o dono de casa, na assumpta do chá e bolos.
Um cyclone!

Director

Não he tão perto,
Não ha em toda a nação,
Qua eu saiba, pae tão feliz:
Luiz é um talentão.
E' um rapaz esperto;
E a honra e gloria dos paes
E' a de ter fi hos taes!
Elle na phonologia
Conta com exame certo;
E quanto á morphologie
Sintaxe e calligraphie
Ganha a todos oo collegio!
No desenho, este tareco
Promette um artista agregio!
Oh Luiz, faça um boneco,
A ver o que o papá diz.;

Luiz, *pegando no giz*

Director, *dando alguns passos buscando* o *ponto de vista:*

O que elle faz em dois traços!
Que me diz, senhor Baptista?!

O pae, *estendendo os braços E abraçando-se ao petiz:*

Com cinco annos escassos!..
Sim senhor, senhor Luiz!...
Ora, em verdade, não ha!...
Mas, filho, que é do nariz?.
—Ah! é verdade, papá!

João de Deus.

A opereta franceza.—Inda não fallámos no nosso jornal da Companhia de opera comica, que ha quinze dias se exhibe no theatro da Avenida.

Podemos affiançar que não ha da nossa parte despeito algum contra qualquer das estrellas, mais ou menos brilhantes, d'aquella constellação. Tanto mais que dizem os indiscretos, ellas, as estrellas, não são avaras de sua luz, nem fazem rogar-se piegasmente do calor dos seus olhos, o que não é para desprezar oos frios tempos que vão correndo.

E depois a companhia dá uma nota alegre o'esta monotonia da oossa vida theatral, que parece ter chegado ao esgotamento completo, á penuria ultima.

Sobretudo e comedia de graça,—da opereta não fallemos que entre nós nunca chegou a aclimar-se—parece ter desapparecido n'uma alluvião de situações eguaes, de ditos repetidos, na exploração constante da mesma nota, deshooesta, enjoativa.

E' ver como nas proprias operetas, traduzidas, representadas na Trindade, os conscenciosos traductores alteraram o texto a seu geito, e deixaram no escuro, desprezaram, os verdadeiros ditos de graça, que a gente vae agora ouvir, com espanto, pela novidade, nas mesmas operas, que de tão diversas chegam a ser novas!

Devem confessar que teem graça.

Mas a companhia começa, emfim, a ter exito.

Van Daclen é uma cantora que faz prodigios com um fiosinho de voz, e que começa a ter a fama da côrte franca publica, o que para uma cantora é sempre uma recommendação tão util, com a pimenta nas ôstras.

O tenor e o barytono estão á altura da companhia, ouvem-se com agrado e as figuras restantes se não se recommendam por recursos artisticos da primeira ordem tem todavia, aquella desenvoltura, aquelle desafogo de quem conhece o mundo, como os seus dedos, por o ter visto, entre os planos dos bastidores, pelos oculos do panno, ou no can-can da vida secreta, onde todo o artificio banal desapparece e morre. Na conta.

No proximo numero publicaremos o retrato de Van Daclen.

AO SR. ADMINISTRADOR GERAL DOS CORREIOS

Não podemos por mais tempo, victimas dos abusos e descuidos continuados dos correios, deixar de dirigir ao sr. administrador, o nosso pedido vehemente de providencias energicas contra este estado anormal de coisas.

As nossas remessas são feitas com o maximo escrupulo e cuidado, e todavia não ha expedição alguma em que não haja faltas continuadas, em que não tenhamos a receber reclamações que por delicadas não deixam de representar censuras, que nós não merecemos, e a que portanto não queremos estar sujeitos, cumprindo integralmente o nosso dever.

E' natural que o serviço dos correios continue no mesmo estado anarchico e que a nossa reclamação tenha o mesmo poder que tantas que ahi vemos continuamente pelos jornaes.

Em todo o caso queremos protestar contra esta espoliação forçada, contra a franqueza com que nos roubam nos nossos interesses, porque toda a gente sabe o mau effeito e os prejuizos que resultam para uma empreza d'esta ordem, da falta de regularidade.

Pedimos pois, no côro geral de pedidos, ao sr. administrador dos correios o favor de pensar que as remessas são estampilhadas, que as estampilhas custam dinheiro, que os assignantes se desgostam e que emfim ha um dever que corresponde ao de estampilhar as remessas: é o de as fazer chegar ao seu destino.

Todo o que não seja isto é um roubo, contra que protestamos mais uma vez e contra que, de futuro, nos insurgiremos por todos os meios possiveis.

Aos nossos assignantes da provincia

Prevenimos estes nossos assignantes de que enviámos os seus recibos para as estações do correio das suas localidades, e pedimos-lhes o favor da brevidade no respectivo pagamento, para a boa regularidade do nosso expediente administrativo.

Aos nossos assignantes do Brazil

Tendo saido errado, nos prospectos e nos primeiros numeros d'esta publicação, o preço da assignatura para o Brazil, erro que nos causaria um grave prejuiso, se permanecesse, attendendo ao elevado custo do porte do correio, prevenimos os nossos assignantes d'aquelle imperio que o preço da sua assignatura fica sendo:

Anno ..... 4$000 réis (MOEDA FORTE)
Semestre 2$000 réis (MOEDA FORTE)

conforme já vae indicado na capa do presente numero.

Nocturnos
CAMAS

Theatro da Avenida

La Fille de Madame Angot

Van Daelen

Habitués

Van-Daelen.—E' bem certo que eu nunca encontrei esta nome nas criticas theatraes do *Figaro*, nem do *Gil Braz*, nem do *Intransigente*. E' ainda verdade que nem Robida, nem Mars, nem Carao d'Acba, Gravin ou Villet, me forneceram o contorno gracioso do seu pequenino rosto, meio ironico e meio infantil, ora abrindo-se no ar abrejetrado d'uma garota parisiense, ora contrahindo-se com uma «gaucherie» adoravel, de pequenina burgueza, que pretende dar-se ares, no chá das cinco horas, de qualquer fidalga do burgo. Não a encontrei nunca cantando no sarau da marqueza de V., da princeza R., ou da rica americana Miss W.

Para cumulo do meu desapontamento, Paulus não me fallára n'ella, e o meu amigo X que conhece o bairro latino, os cafés, as cervajarias, os theatros de Paris, dos Italianos, ao Guignol, nunca me fallara da Van Daelen, tendo me fallado de quarenta e seis celebridades de opereta, cujos retratos possue, restos caracterisados de quarenta e seis paixões, alimentadas a tres francos por noite, fóra alguns sonetos arrancados á saudade, uns «bocks» arrancados á mezada, e umas lagrimas arrancadas á ceia!

Oh! les etoiles où vont'elles se nicher!

Em compensação, encontrei-a muita vez em Catulle Mendés, que m'a apperentou, no atelier d'um pintor famoso, ao lado e na sombra da Sapho; que m'a indicou na «brasserie» conversando com Stik um compositor de esperanças; ou vivendo no seu terceiro andar com Samuel, um guarda livros hollandez louro e miope que a espera á sahida do theatro para a reconduzir gloriosa a «frileuse» ao ninho commum.

Lembra-me de a ter visto em Bougival, quasi deitada sobre a ralva, a imitar uma toutinegra que cantava n'um salgueiro, emquanto um rapaz moreno, de chapeu largo, estendia no chão os preparos d'um jantar; recorda-me ainda o tel-a visto atravessar os «boulevards», ou saltar para um omnibus com uma pasta debaixo do braço, na volta do conservatorio, ou subir ligeira uma escada qualquer, depois da interrogar rapidamente a porteira: O sr. A. está em casa?

Conheço-a muito bem.

Transplantada dos dias humidos e escuros de Paris para o meio luminoso dos nossos dias de inverno, frescos, cheios de sol, ao cahir no campo inculto da opereta, que antre nos toma a configuração fantastica de uma bebedeira cantada, Van-Daelen, entra na esphera das estrellas cadentes, dos corpos opacos, a quem o roçar pela atmosphera torna luminosos.

Não nos parece que deva deixar uma grande cauda brilhante, depois de ter partido para o Havre, n'um vapor das Messageries, mas é certo que no theatro da Avenida, a sua pequenina voz fina e vibrante, nos enche o ouvido d'umas gargalhadas de gnomos a quem o Champanhe tivesse perturbado os cerebros, n'um banquete de Liliput.

E como nisto de cantoras de opereta se requer que a plastica acompanhe ou exceda o canto, Van-Daelen pertence a esses typos de mulher, «mignons», graciosamente modelados, de «fausses maigres» de olhar vivo e humido, a bocca graciosa... d'estas boccas a quem é costume ouvir no fim dos espectaculos, os graciosos versos do poeta:

«J'ai faim, ó mon amant! C'est une chose etrange
Mais quand j'ai faim, d'honneur,
Je donnerais, je crois, pour un quartier d'orange,
Les deux parts de mon coeur!»

Diga o leitor, em consciencia, se não deviamos á gentil cantora, esta pequena homenagem: colloquem-na na Trindade, cujes aves chocas tem tido as honras de todos os preitos e digam-me se ella não alcançará, o'aquella Babel, a grandeza d'uma das nossas estrellas.

CAMILLO

Quarenta annos de genio esparso em obras d'arte, qual mais profunda a coriscante—elle romancista, vivisector de historia, pamphletario—vindo á luz publica n'uma epocha de transição e lettras chôchas, e todavia salvando-se do esquecimento ou da irrisão, por qualidades uberrimas de sarcasmo, d'observação flagrante e de verdade, que hão-de ficar nos fastos litterarios, esculpindo sobre os hombros d'este homem a mais poderosa e original figura da litteratura portugueza d'este seculo.

Elle teria podido acceitar, como alguns fizeram, d'amigos seus no pinaculo, qualquer cargo publico aonde nunca fosse, e que para sempre lhe pozesse a têta do erario publico, prenhe e doirada, aos sequiosos beiços da vampiro.

Camillo porem preferiu continuar amarrado á sua banca de trabalho, n'uma quintsrola tristonha do Alto Minho, a cujos muros vão topar, em vez de rumores d'applauso e incensos d'ovação, somente o vituperio dos miseraveis e dos nullos, que de rastos pela sombra iam morder-lhe, a mendigar celebridade n'alguma das suas replicas fulgurantes, para assim illudirem o publico com simulacros de vôos, propulsionados por algum pontapé que o gigante lhes desse, em redondezas menos litterarias.

Esta isempção do artista escravo da sua obra, a despeito de tudo—das canceiras mortiferas do trabalho, dia a dia—dos thedios lugubres da solidão soffrida, annos e annos, entre a pobreza e um filho louco—dos mundanos habitos, contrahidos em salões e seraus, pela cidade: esta isempção que lança um homem de genio na miseria, ao fim de quarenta annos de labutos e assombrosas paginas de riso e lagrimas, fustigações e melancholias: esta isempção é d'uma heroicidade tão alta, e d'uma probidade artistica tão unica, que por si só bastaria ella a sublimar o caracter do mestre, se tantos outros actos da sua vida, não estivessem ahi para açaimar as calumnias dos loucos que a ironia d'elle lacerou com tagantadas asperrimas, e que muitas vezes se vingaram, prevertendo a sinceridade das suas intenções.

A sua grande vida é um martyrio quasi toda—polemicas, duellos, alternativas de fortuna a de penuria, os filhos que lhe morrem, desastres de familia, as desillusões, o carcere, a enfermidade; e nos entreactos d'esta voragem d'angustias, o refugio da penna plasticisando em proza os solavaocos da sua alma atormantada, que pede á imaginação cauterio pr'as feridas, e transfigura em grupos de Lacoonte, nos seus livros, todas as evocações da allucinatoria febre em que tresvaira.

Eu não me canço, eu não me canço d'esthesiar a minha alma por este enthusiasmo religioso da sua obra, precipitada e tumultuosamente escripta quasi toda, em cujas lacunas adevinho as fulgurações d'um espirito excepcional—d'esses que, desebrochados n'um meio complexo, methodisando o trabalho, e votando a existencia por inteiro á realisação d'uma idéa fixa, produzem em Paris a *Comedia Humana*, e em Londres a obra de Dickens, e Jeorge Elliot, e que eternamente triumphantes na memoria dos homens, zombam dss escolasinhas litterarias, rentam da inveja, e sobrepujando o tempo, novos sempre, todos os dias—desvendam alguma aresta, inedito portico, rozacea ou estatueta no pujante edificio que deixaram

Jurys.—Reuniu o jury da secção das Bellas Artes da Exposição industrial sendo votadas recompensas, em medalhas e diplomas a differentes artistas.

Ha duas partes curiosas n'este jury; a primeira é que alguns dos recompensados faziam parte d'elle, a segunda é que nem Carlos Reis, nem Columbano Bordallo Pinheiro, tiveram sequer uma menção honrosa.

E' triste e é ridiculo.

Can-cans

Os Bernardins.—Um chronista do *Reporter*, chefe de repartição, calvo e conspicuo homem, que a florescer teria florescido ahi pelos começos do seculo XVI, deu artigo a respeito d'um seu contemporaneo, um tal Bernardim Ribeiro, trovador e galante ao que se diz. O trabalhinho do prozador—arreganhado cerbero da tradicção purista — contém bocados, em que a semsaboria vernacula corre parelhas com o estrombotico da construcção grammatical:

Vae amostrinha:

«E' o cantor das saudades, o mais portuguez dos sentimentos, — o sentimento que domina entre nós, com dominio absoluto, a a poesia e a musica, que é, que era, pelo menos, quasi exclusivamente, a musica e a poesia, nos tempos em que a poes a, e a musica se desvaneciam entre nós de serem portuguezas.»

E continua:

«Ha naturalmente mais d'um Bernardim Ribeiro. N'este momento lembro tres. Ha mais!»

O leitor saboreia. Vê no antiquario o surprezo ar de quem achou castanha em ouriço esquadrinhado.

«—Sei ainda d'um quarto Bernardim.»

Ui, que elle sabe! Antes nos descobrisse um quarto... premiado.

«O Bernardim real, ou os successivos Bernardins reaes, devia dar-nol-os a Historia, a «mestra da vida», como lhe chamou pomposa, rhetoricamente Cicero, falta por fórma indigna ao seu dever.»

Este Bernardim real dá-nos idéa d'um passaroco de plumagem verde e cinza, lingua carnosa, o bico adunco, como esses papagaios patifes que se dependuram do poleiro, ao passar do chronista —eu caio! eu caio!—e sobre o tricorne ceboso lhe vão esguichando o quer que seja, em preito ao pasmo que o talento inspira.

«Dos Bernardins a que alludi restam nos pois só dois: o Bernardim do poeta, isto é, o das suas obras em prosa e em rima, e o Barnardim do povo, isto é, o da tradição.

O Bernardim do poeta sem ser positivamente dois, apresenta sob duas fórmas diversas.»

Vae por li fóra, salgalhando os Bernardins com semcerimonia e auctoridade, e os poeirosos donaires de tres seculos de traça em alfarrabios sensabores. Já por fim se adevinha, que levada a divisão dos Bernardins a um tal extremo, não sejam individuos completos os Bernardins do quociente, senão visceras destacadas, appendices, orgãos, mutilações do mesmo Bernardim.

Este homem, por modos, corta nas pessoas sem tocar o pifano d'alarme, como o hespanhol das ruas de Lisboa. Nunca pensamos que a antiguidade fosse assim lesta em cirurgia.—Ora tire-se para lá com o canivete. Vá fazer eunuchos para casa da sua avó!

Para a historia dos nossos filhos—Na administração do segundo bairro foi a baptisar civilmente uma creança, sexo masculino, cujo papá, interrogado pelas auctoridades a respeito do nome que desejava se désse á creaturinha, respondeu com sobrecenho:

—Ponham ao gajo o nome d'*Estafermo!*

Recusa do administrador a admittir semelhante designação para o neophito: as testemunhas esbracejam: grita a parteira de seu lado... que desenbrulhando o pequeno, recebe em pleno trajo de gala um repuxo viscoso e esverdeado...

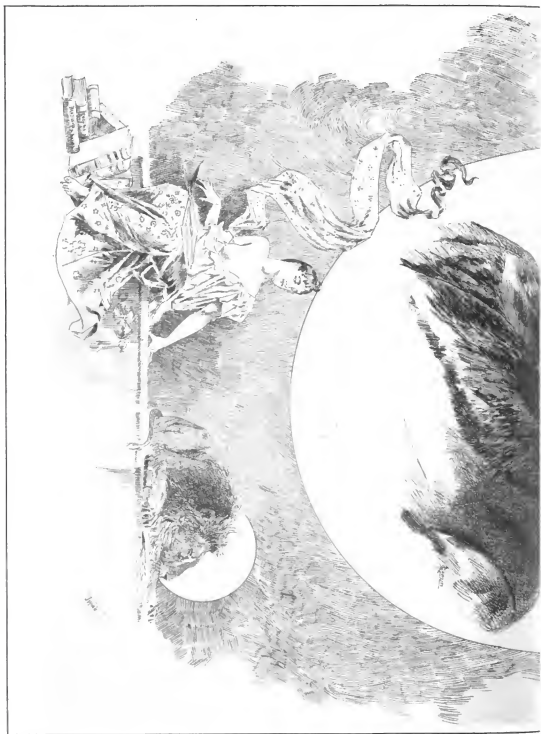
Pobre creança! Magra, enfesada, e com a ophtalmia symptomatica d'uma doença de miseria, ella quiz justificar talvez o nome que o seu papá queria dar-lhe, esguichando para o mundo aquillo mesmo de que parecia haver sido fabricada.

Baptisar um filho d'*Estafermo*. . Ligue-se o facto ao processo das parteiras, e ahi estão dois symptomas bem tristes de como Lisboa comprehende a paternidade.

Que estes baptismos civis estão produzindo monstros espantosos. Ha uma pequena que recebeu ha annos o nome de *Blasphemia*: e uma outra, não sabemos se em Alemquer, que civilmente tambem, consta que dá pelo nome *d'Escachada*.

Na minha aldeia foi uma creança a baptisar-se. Pergunta o padre ao senhor padrinho, ao acercarem-se do baptisterio os convidados, que nome havia de dar-se ao pequerrucho.

—Prante-lhe Mathias Raposo até ver, disse o labrego.

Se ao menos, aquelles nomes tambem fossem, ate ver...

CAMILLO CASTELLO BRANCO

Os juizes de Molière.—A Relação de Lisboa revela-se nos agora sob um ponto de vista pittoresco.

Era preciso.

Investida do mister de confirmar ou negar sancção aos problemas juridicos filtrados da primeira instancia, eil-a desce agora por desfastio as suas vistas olympicas, para episodios somenos, a dessedentar o espirito das enfadonhas tarefas do accordão, pelas blandicias do reclame a uns colchões de molas que se apregoam no Chiado.

Se o leitor duvidar, procure no *Diario de Noticias* de quarta feira ultima, o artiguinho que segue:

«Um meretissimo juiz da Relação de Lisboa attestando o que são os colchões americanos

ATTESTADO XVIII

Com o maximo prazer declaro que estou muito satisfeito com a compra do *colchão americano d'arame*, e oxalá que ha mais tempo o tivesse comprado, porque offerece todas as commodidades a quem deseiar ter uma boa cama para dormir ou descançar.»

Vem depois a assignatura e a morada do acquisitor do movel, o qual, se e o se diz é um monumento ogival em magistratura, nem por isso deixará de ficar na historia, d'aqui po deante, como o Gustavo Planche ou o Paulo Bourget da colchoaria.

Meritissimo no templo da justiça: não menos meritoso no templo da socega. O attestado *XVIII* o está provando!

Aqui nos confrange acerba duvida.

Se o illustre funccionario escreveria este attestado na sua cadeira curul, de beca e barrete magistraticio, ou se o haveria redigido simplesmente, em camisa de dormir e barrete d'algodão ?!

Que a prosa d'um tal documento descahe um pouco do estylo enphatico em que por via de regra são formuladas as sentenças.

E' uma prosa fradesca, regalona, e até brejeira.

Ha phrases typicas... *uma boa cama para dormir e descançar...* Ou como est'outra:... *estou muito satisfeito com a compra que fiz do seu colchão...*

Pois meus senhores!

Está-se a Relação de Lisboa desdobrando em multiplices aspectos: e á reputação de areopago que já tivera, ella accrescenta hoje um perfume d'arte e uma sollicitude d'industria excepcionaes.

Ainda o anno passado, um dos seus magistrados mais graves, o juiz Miguel Ozorio, faz um drama patriotico, e representa-o, com quatro contos de vestuarios em seda e oiro, que um governo pagou, recebendo do publico, governo e Ozorio, não equivocas demonstrações d'apreço, soldas no soalho a barafundas de tacão e bengalorio.

Vem agora outro juiz que fomenta as industrias com um reclame d'arromba, aos colchões americanos.

Tenho uma graxa no prelo. a sahir breve. Obra aceada! Ha por ahi um juiz da Relação que me queira passar o attestado ?

Dou seis vintens. E mais prametto não besuntar com ella as veneraveis carecas da Justiça.

Irkan.

O abbade Constantino—Depois da «pochade» em quatro actos «As surprezas do Divorcio» a companhia de D. Maria parece querer purificar o palco da invasão da baixa comedia, tão desastradamente implantada, em relação ao bom gosto, já que economicamente se não pode dizer outro tanto.

E' assim que o «Abbade Constantino» não impressionando fortemente pelo dramatico das situações, deixa na alma um vago perfume das coisas boas e castas, um prazer moderado e fortificador, superior a todos os livros de moral. Um quadro simples singelo, natural, que passa ante nós, n'uma doce visão idillica, cheio de perfumes como as balseiras na primavera, com uma graça real, delicada e captivante.

Pode dizer-se d'ella paraphraseando o velho Telmo de Garrett:— comedia para damas e para cavalheiros.

Eu não quero moralizar o mundo, Deus me livre, mas quero que a graça do arreeiro se concentre na tavolagem da estrada e não invada o salão entre os applausos, de quem, por corrupto gosto, lhe pode consagrar affectos denunciadores de poucas levantadas faculdades.

Cada coisa em seu logar.

Por felicidade parece e affiançam-me que as recitas do «Abbade Constantino» tem sido extremamente concorridas e eu folgo que assim seja, para mais me convencer e me dar razão em ter affiançado que o publico não deixa passar desappercebidas as obras boas e só concorre aos espectaculos em que a graça chula predomina e o apparato de magica lhe delicia a vista! E' um erro vulgar este, indesculpavel, hoje.

Questionar com os interesses da empreza pode ser razão, mas razão que só reclama a reforma do theatro de D. Maria II, sob novas bases, debaixo da auctoridade do governo, transformando-o em escola, garantindo lhe a absoluta independencia contra os caprichos do gosto popular.

Havemos de tratar, um dia, largamente este assumpto, em occasião propria, por nos parecer que a elevação do theatro nacional é da maior utilidade para instrucção e para a educação popular.

De resto a *Comedia Portugueza* não recusa o seu elogio á empreza pela escolha do «Abbade Constantino,» ao contrario, felicita-a e aconselha-a aos seus leitores, prevenindo os de que podem levar, sem receio, a familia.

Da Trindade nem é licito fallar. Continúa a vida miseravel de zabumbada, guinchos e piruetas, theatro de feira com pretenções serias, salgalhada insonsa e indigesta, sem laivos de arte, «mayonaise» condimentada á hespanhola, com o molho em decomposição, mal cheiroso.

Começou a exploração do salão com os bailes de mascaras.

Não póde imaginar-se nada mais fino e mais distinctamente repugnante. Uma população miseravel, cobrindo os andrajos com dominós feitos de lenções; um burborinho de phrazes chulas, gritos avinhádos, disputas reles e truescamente immundas.

O vicio esfaimado á procura d'um bocado de pão, de braço com a malandrice complacente. Uma succursal de bordel barato, com danças e arremedos, onde a vigilancia medica não entra, nem a vassoura municipal póde exercer o seu officio!

Uma immundicie tolerada e paga.

E mandam-se fechar os cafés cantantes, por immoraes, e prohibe-se ás «camareras» o beberem um copo de cognac, á mesa d'um café! Oh! a moralidade, que idéa fará d'esta matrona um governador civil, um governo portuguez!

Um francez que passava, um dia, n'uma estação hespanhola, onde havia montes de trapos para exportar, exclamou: uma nação que não trabalha vive da sua miseria! D'isto vive o theatro esverdeado da Trindade, que não sei se o cognominaram assim, porque a gente benze-se ao ver como aquillo vive... Nome do Padre do Filho do Espirito Santo.

Amen.

O theatro de S. Carlos depois de uma serie de noites em que não raras vezes o tecão entrou em acompanhamentos, depois de Tetrazini, renova as suas noites de enthusiasmo, com o apparecimento d'um antigo e saudoso conhecimento Giuzeppina Pasqua e satisfaz finalmente a insaciedade dos diletanti com a exibição de Van Zandt.

Nada nos importa a critica de obras estrangeiras, executadas por estranhos. E' muito bom, é muito agradavel ouvil-as, mas só nos podem servir como ponto de vista no estudo da nossa sociedade elegante. Nada influe nos nossos costumes, de nada nos tem servido até hoje, a não ser para nos levar umas dezenas de contos, a «nossa» scena lyrica. O nivel da assimilação musical é entre nós uma verdadeira lastima. O thesouro dá dezenas de contos a S. Carlos para que? Os pobres não vão lá, não podem lá ir. Para os ricos? é ridicula a esmola. Seria talvez mais honesto crear umas cadeiras no conservatorio real (que palheirão de nome) onde se apprendesse a musica e canto; e favorecer assim o apparecimento futuro de uma escola musical portugueza.

Alugar o theatro ou emprestal-o a qualquer particular que o quizesse explorar, até poder um dia enchel-o de artistas nossos, que cantassem as operas dos nossos mestres, na nossa lingua, e justificar, dignamente, qualquer protecção que lhe quizessem então dar por favoravel á arte nacional.

Ou não?

Medico suicida.—Diz-se, e parece averiguado, a julgar por factos que precederam a morte do dr. Sobral, o dedicado medico de Manteigas, que elle se suicidou, absorvendo grandes quantidades de um medicamento toxico.

E aqui está um homem que levando a vida a contrariar, a luctar contra o poder da morte acaba por fim de passar-lhe o diploma de benemerito, acobertando-se-lhe, para sempre, sobre a aza negra, das miserias da vida.

E' o caso da maxima doçura evangelica: querer para si o que não queria para os mais.

Agora os typhos podem cabriolar em Manteigas e o sr. Carvalho professor de philosofia gabar-se de que mais um discipulo seu e de Catão, entrou por motu proprio na barca de Charonte.

Exulte a philosofia e o verme! Se não fosse minha esta phrase era por força de Shakspeare!

A Atalaya catholica.—Vizeu sentiu ha tempos uma comichão suspeita n'um sitio pouco limpo e passados dias appareceu-lhe um foruncula, que supurou a *Atalaya catholica*, orgão official do paço episcopal de Fontello, onde arrota D. José, bispo da diocese e martyr da dispepsia.

O 1.º numero da *Atalaya*, que temos á vista, vem pimpante de estylo e de embofia, grotescamente mitrado com uma *carta-reclame* do redundante prelado de Fontello, na qual carta pastoral este rechonchudo apostolo recommenda a leitura do jornal a todos os parochos do bispado, ou ao menos o pagamento pontual da competente assignatura, que monta á insignificante quantia de 1$000 réis annuaes, o que dá 42 réis para o preço de cada numero de um jornal microscopico, que não gasta 4 réis com a despeza da impressão e com a paga coodigna da collaboração.

Como empreza industrial não conhecemos nada mais seguro e rendoso do que a *Atalaya Catholica*, que tendo 700 assignaturas firmes e garantidas dos 700 parochos das 700 freguezias da diocese, consome em trabalho e materia prima a modesta quantia de 10 libras annuaes. Fica de saldo positivo a verba de 655$000 réis.

Para martyrio apostolico achamos regular. Menos da uma **fraga**.

Exposição de quadros.—Abriu hontem nas salas do *Commercio de Portugal*, a exposição annual de quadros, do grupo do Leão.

A falta de tempo não nos permitte alongar a noticia, que desejariamos completar, attendendo aos relevantes serviços prestados á pintura portugueza, pelo brilhante grupo d'artistas que valentemente tem arrostado todas as difficuldades e malquerenças.

Em breve o faremos.

Uma revelação.—N'um bello concerto que ha poucos dias se realisou em casa do sr. Luiz Sáez, encarregado dos negocios da republica n'esta côrte, tornou se notavel, pelo seu excellente methodo de canto e pelo bem timbrado da voz, a ex.ma sr.ª D. Maria Luiza Pery Furtado, facto que nos apraz registrar.

Todos os assistentes applaudiram calorosamente a distincta contralto, a quem nós enviamos tambem d'aqui, a mais uma vez, o nosso *bravo!* enthusiastico e sincero.

Edificante!—Na ultima sessão da Sociedade de Geographia convocada para tratar de assumptos africanos, o professor e archeologo Borges de Figueiredo, antes da ordem da noite, fez sentir á assemblea o facto de estar correndo mundo um recente trabalho geographico, d'um membro d'aquella sociedade, o sr. Oscar May, sobre o qual era preciso que aquelle areopago scientifico emittisse a sua opinião, para que lá fóra se avaliasse com fundamento o estado actual do progresso ou do atrazo scientifico do nosso paiz.

O mesmo sr. Borges de Figueiredo declarou que pela sua parte não podia deixar de protestar contra o *Novo Atlas de Geographia Universal*, que se propunha a supplantar o *Delamarche* quando afinal de contas elle era muito mais incorrecto e continha mais abundancia de erros na parte relativa á peninsula iberica, o que n'um portuguez era absolutamente indesculpavel. Enumerou uma alluvião de disparates, que sobresahiam nas cartas de geographia historica, e solicitou a opinião do africanista Luciano Cordeiro, ácerca das cartas de geographia moderna e colonial portugueza

A assembléa ouviu, tristemente impressionada, este protesto legitimo, que representava uma exautoração completa para um dos seus membros, protesto que não houvéra meio de fazer calar.

O *Correio da Noite*, noticiando o occorrido, convidava os professores de geographia a apresentarem a sua opinião sobre o tal *Atlas*, que auctor e editor se comprometteram publicamente a emendar.

A este convite respondeu apenas o sr. Carlos de Mello, do Instituto Industrial, que declarou não conter o *Novo Atlas* so *duas cartas erradas*, como o auctor affirmara na imprensa, mas sim umas cincoenta pelo menos!!! Affirmou mais, que ha cem ou duzentos annos se publicavam trabalhos geographicos, onde tem sido corrigido muitissimos erros, que o *Novo Atlas* reproduziu agora com uma inconsciencia verdadeiramente seraphica!

Entretanto, no prefacio d'aquella obra, o director da *Revista da Educação e Ensino*, o sr. Deosdado, apregôa em tom de clarim as excellencias de tal publicação e com uma arrogancia de pontifice desanca todos os professores portuguezes de geographia!

E sempre é conveniente notar que tanto o auctor como o prefaciador se vangloriam de ter collaborado nos programmas de geographia e historia, que vigoram no nosso ensino official, e attribuem a si a gloria dos progressos que estas sciencias teem realisado entre nós.

Pobres disciplinas, pobres alumnos, e probissimo paiz onde preponderam taes fatuidades!

Entretanto, o celebre *Atlas* foi distribuindo ás escolas regimentaes.. para instrucção da tropa, e por um pouco que não o obrigam a todo o ensino official. Tinha graça.

Agora o lado comico da questão.

Declarou o mesmo professor Carlos de Mello que varios cavalheiros, influentes na Sociedade de Geographia, lha tinham pedido instantemente... que não levantasse ali a questão do Atlas!

Este amor ao fossilismo, este horror pela critica consciente e justa, sempre benefica e salutar, seria caso para uma troça formidavel, senão representasse o mais triste e o mais degradante symptoma da nossa decadencia intellectual e do nosso atrazo scientifico.

Brindes originaes.—O sr. Albino José Baptista, que é um verdadeiro original em todas as suas cousas, desde a phantastica barateza por que vende os chapeus de chuva e as bengalas no seu estabelecimento na rua Nova do Almada, 92, até á insistencia com que em todos os jornaes da capital insinua a necessidade de procurarem aquelle seu referido estabelecimento, acaba agora de exibir uma nova originalidade.

Consiste ella n'uns almanacks-brindes, representando uns bonitos pratos, para adorno de parede, que são um verdadeiro *bijou* artistico, producção da acreditada fabrica do sr. Lopes, em Alcantara. Agradecemos a sua delicada offerta.

Aos nossos assignantes da provincia

Prevenimos estes nossos assignantes de que enviámos os seus recibos para as estações do correio das suas localidades e pedimos-lhes o favor da brevidade no respectivo pagamento, para a boa regularidade do nosso expediente administrativo.

Aos nossos assignantes do Brazil

Tendo saido errado, nos prospectos e nos primeiros numeros d'esta publicação, o preço da assignatura para o Brazil, erro que nos causaria um grave prejuiso, se permanecesse, attendendo ao elevado custo do porte do correio, prevenimos os nossos assignantes d'aquelle imperio que o preço da sua assignatura fica sendo:

Anno..... 4$000 réis (MOEDA FORTE)
Semestre 2$000 réis (MOEDA FORTE)

conforme já vae indicando na capa do presente numero.

Damos hoje o primeiro logar da *Comedia Portugueza* á distincta cantora Guiseppina Pasqua, que he elguns annos occupa já um dos primeiros logares no mundo lyrico. A sua reapparição no pálco de S. Carlos teve a bella virtude de *aquecer* a temperatura do nosso theatro lyrico, cujos espectaculos decorriam em meio de uma semsaboria fatigante e de uma frieza incommoda.

E esse esplendida mulher, essa afamada cantora, que ha seis annos provocou entre os *habitués* de S. Carlos fortes questões de rivalidades, reapparece-nos agora tão fresca como então, e mais artista ainda, se é possivel.

Ne *Gioconda* e na *Aida* a platée de S. Carlos teve ensejo de reconhecer que ainda tinha na sua frente a mesma grande cantora de 1882, e mesma Pasqua, que tão ruidosas manifestações conquistou n'aquellas esplendidas noites de lucta e de enthusiasmos; e não hesitou por isso em coroar o seu precioso trabalho artistico com as mais calorosas ovações, homenagem que tambem nos associamos, como admiradores do formoso talento da sympathica artista.

Uma eeposição morta: viva a exposição!

A industrial está agonisante, e morre nos braços dos seus carrascos, venho a dizer dos membros do jury, que alli vão deitar medalhas e menções honrosas, um pouco como João de Deus espalhava feijões por sobre um certo periodico lisboeta, de noticias—pelo prazer de contar uma asneira debaixo de cada leijão.

N'estes dias de chuva, pardos e tristonhos, é de ver como a enxurrada traz do curral de teboas da Avenida, á hora em que a feira desarma, um pouco da occa que pintalgava os pavilhões, e dos microzimas das habilidadesinhas seculares que os relatorios officiaes usam cognominar d'industrias portuguezas.

Symptoma inquietante—as industrias do paie quealgumas mostras dãode vida, e parace ressumbram certos haustos de liberdade, são einda essim as fomeotadas por prezos. E' o caso da Penitenciaria. Entre estas, avulta a do fabrico de bengalas.

Não haverá aqui um tal ou qual motivo d'inquietacão para os juizes?

Eotre os productos de pompa, que mais viva impressão produziram nos quarenta e dois *commis-voyageurs* inglezes ou Irancazes de visita á exposição industrial, avultavam os vinhos.

Com suas côres d'opala, rubim e burro quando foge, aquelles preciosos licores radiavam á lue, em pyramides de garrafas, qual mais bojuda e bem encapsulada. O gra.i-bretao sobretudo parecia cahir de queixos, perante aquellas exhibições do nectar divino, Madeira, Porto, Bucellas e Collares, que de tanta reputação desfructam nos catalogos do grande commercio de Loudres e Edimburgo. E eil-os de roda ás garrafas, com monosyllabos gulosos—*A very fine exhibition!*—á procura de guardas que lhes forneçam explicações. Os guardas chegam, bisonhos, deslavados, com um ar de terror por terem d'abordar um estrangeiro. Trava-se um dialogo em que o inglez condescende a inventar um portuguez, e o portuguez a dar-se ares de fallar o inglez: e elles delatem-se.

—*No comprend!* dic o d'Albion.

E o de Chão de Maçãs, com uma raiva surda de o surprehenderem em flagrante delicto d'ignorancia:

—Estes raios que veem pr'aqui mangar com um *home*, senhores!

E' eotão que o estrangeiro, cada vez mais acceso em desejos do vinho, delibera ir ter com o inspector. Apparece um alto, de bigode cahido, tres anneis de ferro oo dedo médio, o cóco roto, a um ar ainda mais deslavado e estarrecido. A mesma força de cada qual macarronear o idioma contrario, a sabor da sua ferocidade nativa: intervallo de dois minutos para os dois adversarios se medirem d'alto a baixo...

—*Oh yes, sir! A very fine exhibition!*

—Lá eotra o beef agora com lampanas!

Ha um movimanto de desdem nos hombros do britannico: outra insolencia na bocca fulle do inspector—depois do que, cada qual dá costas para o seu lado.

Um forasteiro então compadece-se do pobre curioso, que é talvez o representante d'alguma casa inglesa de negocio. O inglez eeplica-lhe... desejava informações ácerca dos vinhos expostos, precisa catalogos aonde venha o nome do eepositor, a proveniencia do vinho, a cifra de producção, o preço por almude: a finalmente, provas.

—Do catalogo, gentleman?

—Do vinho—do vinho que alli está o'aquellas pyramides de garrafas.

—Mes é agua córada d'anilina.

—Deva haver então deposito nas cavas.

—A unica cava que existe em Portugal é a de Viriato. V. s.ª ha de ter ouvido...

—Oh *si*... de *Port,s Wine*!

—Não, de Viriato: uma antiga caverna de ladrões.

—Mas o catalogo?

—Está-se a imprimir.. só quatro ou cinco mezes depois da exposição fechar apparecerá.

—Mas quem é que informa aqui os estrangeiros, os negociantes, os simples *touristes?*...

—Eu digo a v. s.ª. O nosso paie é todo feito de pessoas excessivamente discretas. Entre nós ninguem pergunta nada. Aqui não ha estrangeiros, nem negocieotes, nem *touristes*... Em Portugal todos somos eguaes.

(*O informador acerca-se do inglez com ar mysterioso.*)

Se v. s.ª quer saber alguma coiza, procure o director da secção agricola, o Jayme Arthur...

—Aonde é?

—Estará no gremio; ou o mais certo é elle vaguear agora por Caparica...

—E dista muito, Chifarica?

—Atravessa-se o rio... desembarque em Cacilhas, terra linda! quando chegar, tome V. S. um carro de mudanças..

—De mudanças?...

—Que o Jayme é bom rapae... alto de mais torre-eiffelesco... Ora se V. S. não levar comsigo a escada Fernandes...

Aqui o inglee vae-se arengando:

—Peie de negros! Raça d'escravos! Faz uma eeposição de papel doirado a garrafae cheias d'agua... os guardas não sabem dizer nada aos visitentes .. os inspectores descompoem quem procura informar se, os directores de secção só são abordaveis com escadas d'incendio .. *Portuguese's dogs*! a pensar que tudo isto mudava, raça, costumes, commercio, actividade, se a Inglaterra espalhasse pelas alcovas d'esta esteril cidade toda uma horda da nossa fulva marujada! ..

Aberta a exposição de quadros, desata a chover. E ainda dizem que o grupo Leão não faz oa arte a chuva e o tempo.. variavel. A senhora duqueza não mandou afinal o busto promettido: e d'essa obra d'uma patricia, transfigurada pelos nervosismos do bello, não poderemos iofelizmente murmurar os versos de Crespo..

Marmore que eternisas
Do feminino a ideia!

Um quasi nada ignorante n'estas questões de cinsel e de paleta, fui-me ao *salon* da rua de S. Francisco, pelo braço d'um magro, amarelloide, amigo meu, cuja má lingua ás veees tem conceitos de certa judiciosidade a galhardia. Começou este por bem querer ás telasinhas nostalgicas de Silva Porto, o bisonho e poetico perscrutador da terra magra, das amarellidões outoniças, a dos ceus effogados em bruma, quando novembro esmaece os campos, e vem as primeiras lavradas nas courellas.

Silva Porto apparece este inverno com sollicitudes d'observação mui delicadas: as mesmas suas manchas teem um acabado, um *ensemble*, que faz d'ellas quadros, e d'esses quadros de paysagem, recantos encantadores de coração. Nenhum paysagista offerece analogias mais vegetaes, entre o caracter e a obra, do que Silva Porto. E' um pintor que se estima pela sua probidade artistica, tão funda, e pelo seu dom d'impressão, tão captivante.

O meu guia, não achando pé p'ra dizer mal do que elle expõe, pára deante do quadro da vacca (*Volta para a arribana*, n.º 55 do catalogo) e põe-se a dizer:

—Não se sabe se é a mulher quem puxa a vacca, se a vacca quem puxa a mulher.

Fomos d'alli a uma janelloria de Gyrão, com gatos dentro— uma janella pequena, de costureira pobre, em agua furtada aberta p'rós saguões. E' mesmo pena não haver no parapeito da dita um vaso de manjarico— um vaso intimo, em fayança, um pouco rachado, como o de Copée. Não ha pr'a uma pontinha emução, como um vaso rachado, n'um d'estes quadros de genero... maltez. Os gatos, uns oito ou nove, parecem-me latinistas quasi todos, e eruditos... Que grandes typos! até um d'oculos dava ares de ter concorrido ás philosophices do Real Collegio, mal-os que lá foram.

Logo por cima está um gato n'um pulpito, um gato vago, com typo barjonaceo, que tem o geito d'estar prégando aos outros circumstantes:

—Olhae, meus irmãos, que melhor nos seria estar pregados no bojo d'um boião d'espermaceti, como gatos que somos. . Pois como disse o padre mestre Theophilo Gauthier, vale mais ser gato d'arame em loiça fina, do que gato pingado, em janella grosseira.

N'isto entra na sala um cão vivaz, *griffon* conspicuo, especie de João Sincero da sua raça, que encara nos gatos, pensa um momento, ergue a patinha. . e nem sequer um latido contra a janella em que os sete bichinos se debruçam!

—Logo entendeu que os gatos eram empalhados! accrescenta do lado o meu cicerone. Este nosso Gyrão embalsama com talento animaesinhos! Caso prosiga dando amostras de progresso, hei de lá mandar embalsamar um percevejo—um velho percevejo de familia, que aqui ha quarenta annos começou vida torroando no. . da minha avó, e nunca mais nos deixou—inda a gente morava, na rua dos Vinagres

Seguimos viagem. Na sala da exposição não ha senhoras: arbustos tristes esfiampam pelos vãos das janellas a sua folhagem pallida d'esgotados. Um lustresinho de bronze vem do tecto e ameaça dár cabo do marmore de Teixeira Lopes, *Botão de Rosa*, que em reducção daria talvez uns botõesinhos de punhos bem catitas.

E de cigarro acceso, o cicerone me aponta, pelas paredes, uns ratões que por ali ha garatujados. Alem se venera por exemplo, um catraeiro de Condeixa, narigudo, de barba, apezunhado (n.º 13) com o ar de quem diz—*assim não me venhas ver!* Alli está o velho de Teixeira Bastos (n.º 3) com seu chapeu de palha, que lembra o dito da hespanhola nos *Maias*, a respeito do rei. *Tiene cara de buena persona!* E o antiquario de Malhôa (n.º 40) velho escorrido, de casaca verdenta e carinha n'agua, verdadeiro typo do salsa, com seu filetesinho de parrana... Depois a cosinheira velha de Greno (n.º 19) posta em socego junto a uma banca de cosinha, entre um livro de rezas e um canjirão—e com focinhos de

O abbade.—N'esse dia, o semblante rubicundo enche-se de côres jubilosas por mais uma vez saudar os amphytriões a respeitavel familia. Este jubilo leva-o a fazer dar mais voltas ao copo, defronta dos beiços, do que deu em toda a noite o sino da freguezia.

Depois do jantar, ao voltarete não é raro dizer em vez da — peço ras postas — peço uma saude ' O jubilo

O tio Julio.—A alegria da mesa Foi saho de esquadra, piloto, lingua na alfandega professor de latim. E' elle que traz os bonecos á rapaziada e no fim do jantar acaba por fazer uma declaração d'amôr ao abbade.

Um pandego, telhudo, mas bom coração! E' mano da mana!

A tia Joanna.— Solteirona, Faz os cascorões a os filhos. Mãos de prata para dôces, lingua do mesmo metal para as vidas alheias. O dono da casa referindo-dose a ella diz sempre—a mana! E' uma corrupção de maná veiu do ceo!

Um visinho pobre.—Não tem familia, E' sempre convidado Paga a bondade do convite com saudes, algumas originaes. Ao 6.º copo do *branco de 18..* —bebo á saude da V. Ex.ª e do menino Jesus! Deliciosa!

Na taberna.—Sem eira nem beira

Uma malga de feijão branco. Castanhas e Cartaxo.

—Então nasceu o menino;

—Ora adeus, quando elle nasceu já eu gatinhava. Salte maio litro

O tio Francisco.
Adora estas festas de familia. São bonitas e apertam os laços do affecto. Acha indispensavel o tradicional perú.

Por uma curiosa coincidencia retira-se todos os annos para casa (d'elle) com a femea do animal exigido pela tradicção.

—O commendador Felisardo, de trinchante suspenso sobre o perú.
—Asa ou peito, D. Fulgencia?
—Para mim?... a mitra, commendador, antes a mitra, sim?
—Com todo o gosto.

Na casa fidalga:
—Então, papá, este anno não ha jantar?
—Tens tu trinta libras para tirar a baixela do Monte-pio Geral?
—!

Dialogo solto.
—Pode acreditar D. Luiza, que nem todos os natães cabem a 25 de dezembro!
—Ora essa!
—E' como lhe digo.

LOTERIAS

— Escolha-me um numerosinho bonito

Maria Franceza
Rua do ... 260

—N'esta noite é uso comer perú. Sabes o que é um perú?
—Já os tenho visto... no largo de S. Domingos.

bebeda, a velhaca, sem menoscabo de vossas senhorias! O serão da Condeixa (12) outro que tal! E' uma dama que depois de ler lerias n'um livro que se vê aberto sobre a meza, por ventura intenta traduzil-as n'um trabalho de *crochet* que tem nas mãos. O petroleo allumia esta tocante scena de familia, aonde falta um gato, e aonde em compensação quasi que se ouve ferver uma chaleira. Pobre pintura! Onde diabo estará o gato d'esta dama? Que a chaleira... essa deve estar em sitio certo.

Uma paysagem de Pinto (n.º 45) tão verde, tão verde, que a dirieis allumiada sob os auspicios do reverendo *père Kermann*. Chama-se a Ribeira de Nisa: ha arvoredos, pedras, lavadeiras... Ouvi que esta pintura tem seu movimentosinho lá por dento. Machendo-se-lhe na mola, sae um caminho de ferro por traz do arvorado, que atravessa a ribeira, com marmanjões que vão ver a toirada. Um d'esses faz da terceira classe, ás lavadeiras, certo aceno, a que ellas redarguem com palmadas de birra, no reverso.

Lá cessa a chuva. Vae um formigueiro de gente pela rua Nova do Almada.

E nós descemos de manso, emquanto o meu camarada insiste em demolir as artes nacionaes. O meu desejo seria apasiguar-lhe a má lingua... que diabo! é preciso ser justo... muitos d'aquelles rapazes teem talento .. A exposição d'este anno é das que menos abundam em estravagancias. Um pouco magra! Um pouco secca. Mas detalhes bonitos. Ha de Josepha Greno estudos de flores deliciosamente pintalgados. O aboboral de Malhôa por exemplo, é bastante justo e pitoresco. As caçarollas de José Queiroz reflectem justezas de visão nada vulgares; e dois ou tres quadrinhos de Vaz teem sobriedades d'artista escrupuloso.

O meu sarcasta estacára, escutando. E expalmando subitamente a manapola:

—*Dura lex, sed lex*. .

Ousarieis suppôr que elle nos desse n'aquelle latinorio formalista, o rigorismo imposto á critica perante as ineciativas sympathicas que se debocham, sem haver dado o fructo promettido.

Mas qual! O mau cicerone já nem se recordava do que dissera. Estavamos defronte d'uma vitrine de leques da rua nova do Almada.

Dura leques, sed leques! E o que elle dizia era simplesmente um calembour

Irkan.

A Comedia Portugueza não podia deixar de saudar fervorosamente Thomaz Costa pela sua brilhante esculptura, exposta nas salas do *Commercio de Portugal*.

Deliciosa no modelado, cheia de vida, finamente graciosa no movimento, arrojadamente lançada, de uma anatomia irreprehensivel, é, com certeza, o mais brilhante trabalho que um estudante portuguez tenha executado.

Saudando o novo esculptor, sentimos que até hoje nem o governo, nem a camara municipal, a quem foi indicado o alvitre, tenham decidido a acquisição da magnifica estatua, protegendo assim o talento d'um dos mais distinctos estudantes portuguezes.

Que o distincto esculptor continue a vencer as difficuldades da sua carreira, ate que chegue a impor-se pelo seu grande talento, é o que unicamente lhe desejamos, por elle, tão sympathico e modesto como valioso artista, e pela arte portugueza que parece remoçar sob um visivel impulso de vida nova.

ÁS MEDICAS

Convem lembrar ás nossas futuras medicas alguns episodios na defeza da these de mademoiselle Carolina Schultze, em Paris.

A these da formosa estudante tinha por titulo «A mulher medica do seculo XIX». Pretendeu demonstrar que a mulher terá no mundo medico logar importante e que os homens praticos a deverão considerar.

Realmente não era preciso trabalhar arduamente á banca anatomica, nem queimar as pestanas em leituras de pathologistas, para chegar a esta conclusão.

Toda a gente sabe como entre nós a classe medica respeita as mulheres e as considera e, direi o termo, as ama.

Ninguem desconhece as loucuras dos galenus, deixando patria e lares, indo através dos oceanos, procurar no seio das florestas da America uma cabana para o seu amôr.

Quanto aos homens praticos, Deus nos accuda! se ha coiza que para elles tenha importancia é justamente essa nossa metade, qualquer que seja a profissão, comtanto que tenha um palminho da cara d'estes que nos arrancam a exclamação consagrada—Benza-a Deus!

Mademoiselle Schultze, franceza, educada em Paris, bonita, a desconhecer a importancia da mulher, faz lembrar um alfayate a perguntar se os casacos servem para vestir ou para beber!

Ingenua, mademoiselle, sabendo da anatomia a tudo!

Mas o sr. Charcot, o velho conhecedor do organismo feminino e das mansas pathologias, teve para a douctora umas frazes de fina critica graciosa.

«Será sempre uma excepção a mulher medica. Em todas as manifestações da intelligencia ha mulheres excepcionaes, na arte, nas sciencias, na litteratura.

«Tem havido até mulheres militares e no entretanto tal profissão é precisamente o que menos convém ao seu sexo! E é preciso notar se que quando as mulheres se mettem a exercer uma profissão só propria aos homens, nunca e um papel secundario que pretendem desempenhar.»

E' verdadeira esta observação do illustre professor e tanto mais lamentavel quanto é certo que os homens lhas não podem pagar, reciprocamente a invazão das attribuições.

E continuou:

«Temos agora as mulheres medicas, ambicionam logares nos hospitaes. Exercerão, verá, a medicina nas grandes cidades e porão de parte a ideia de ir tratar os doentes dos campos.

«Taes pretenções são exorbitantes, porque são contrarias á propria natureza das coisas. São contrarias á esthetica.

«E' formosa, mademoiselle Schultze; pois bem! crê que certos pontos da medecina, sob o ponto de vista no exercicio d'esta arte, convém á sua belleza e ao seu vestuario?»

O illustre doutor sorriu e mademoiselle córou, resolveu mudar de vestuario e deixar bigode e pera.

Mesmo assim, ainda, pode ter a certeza, ninguem acredita que seja um homem

«Oh! les femmes!

A ODYSSÉA DOS CAIXEIROS

Commissões, reuniões, menifestações, abaixo-assignados, pedidos, supplicas, tudo esses pobres repazes, tão sympathicos e tão pacientes, teem posto por obra, para conseguirem uma coisa tão justa, e que até e Santa Madre Egreja Catholica Apostolica Romana inclue nos seus mandameotos. E até hoje, n'essa campanha que já dura ha mezes, teem elles sido tão correctos como pouco felizes.

Porque será que os senhores patrões, na sua maior parte tão apegados á santa religião e tão cumpridores dos seus preceitos, sd n'isto se obstinam em desacatal-a e e desobedecer aos seus mandameotos?

Quem é que poda desvendar os mysterjosos refegos d'um cerebro de patrão?

E nós iriamos jurar que ha tal que diz que não, só para ter o inefavel prazer de que se falle no seu nome.

Depois talvez não seja assim; póde ser que toda essa iucta pertinaz tenha por unico motivo um simples erro arithmatico; porque bem se sabe que para ser patrão, e patrão teimoso, não é absolutamenta necessario saber contar

Elles dizem de si para si, que na renda que pagam ao senhorio pelo semestre se incluem os domingos, e que oão lhes fazendo os senhorios um abatimentosinho n'essa *despeza*, tambem não podem elles fazel-o aos caixeiros na *receita*.

E' um calculo profundo, na verdade, mas ss. ex.as poderiam pensar que o consumo não augmenta com o terem as lojas abertas ao domingo, assim como não diminuirá tendo-as fechadas o'esses dias, resultando-lhes ainda n'estes casos uma economia.. de escripturação.

Pois não é verdade?

Ora vamos lá, corações duros, corações de rocha, corações de bronze, é tempo de abrandar esses rigores.

Os rapazes pedem com tão bons modos, com tanta justiça, promettem tanta gratidão, que v.v. ex.as, se com o seu assentimento não conseguirem precisameota a immortalidade, sempre se arriscam a apanhar o seu vivorio, as suas palmas, a quem sabe até se o seu foguete, o glorioso foguete nacional.

25 de Dezembro

—Ganhava pelo officio
Os meus dez tostões por dia;
Por ambição ou mania,
Se antes não foi malefício,
Nigromancia ou bruxaria,
Contraio o maldito vicio
De jogar na loteria;
E na fé que me devia
Ratar um dia propicio,
Eu, que d'antes nem sahia,
Desde então.. (quem me diria!)
Não sei por que antipathia
Acho a casa uma enxovia,
Acho o trabalho um supplicio...
E é de vossa senhoria
Que espero algum beneficio!

—Eu, ainda que quizesse
Fazer-lhe algum sacrificio,
Tanho familia de mais;
E a Santa Casa parece
Que é que deve em casos taes
Valer a quem empobrece:
Apresente-se aos Vogaes
Assim mesmo esfarrapado,
Conte-lhe toda a verdade,
E fie-se na caridade
De quem o poz n'esse estado

João de Deus.

Quando appareceu nos jornaes e nos cartazes o nome de Marie Van-Zandt, como celebridade lyrica, para umas recitas extraordinarias no theatro de S. Carlos, com augmento de preços, levantou-se um côro de duvidas e de affirmações ácerca dos verdadeiros meritos de gentil cantora, a quem uns não queriam dar fóros de celebridade e de quem outros apregoavam maravilhas artisticas. Todas as duvidas desappareceram, porém, logo que Maria Van-Zandt fez a sua estreia no nosso theatro lyrico, na *Mignon*, em que o seu trabalho de scena foi tão extraordinario como é primoroso o seu methodo de canto e encantador o timbre da sua voz, crystallina, bastante extensa e de uma agilidade assombrosa.

Os applausos teem sido unanimes e calorosos, tanto do publico como de toda a imprensa, que a proclama hoje, sem o menor protesto, uma das cantoras mais distinctas, mais notaveis e mais completas. que teem pisado o palco do theatro lyrico portuguez! A *Comedia Portugueza*, associando-se enthusiasticamente a esse côro unisono de applausos, felicita a privilegiada artista por ter conseguido fascinar tambem os *pelles-pretas*... de S. Carlos—á imitação do que lhe succedeo com os *pelles-vermelhas*... da America—a darmos credito ao que se encontra descripto n'uma das suas biographias. E a nossa felicitação é tanto mais sincera quanto é certo a convicção em que estamos de que esta sua nova conquista não é para considerar menos difficil do que aquella... Cá temos as nossas rasões.

Lithographia Guedes, rua da Oliveira, ao Carmo, 13

Os leões deram agora em não querer carne da vacca ás refeições. Exaspero da domadora Leonda, que recorre aos fabricantes de guano d'Alcantara, a que lhe abatam jumentos, para os banquetes da sua *ménagerie*. Apenas o facto foi sabido na cidade, foi de ver como debandaram para a provincia, os mais conceituados talentos da raça antiga e nova. O homem do guano agora vê-se parvo! Des'que prometteu quartos de burro ás feras de Leonda, desappareceram do Martinho os criticos e escriptores; e das janellas no *Turf*—Oh ceus que vejo! foram retiradas as colchas escarlates.

Quatro dias a domadora foi á *equarissage*, e do fundo da jaula os famintos leões rugem de fome, exigindo quando mais não seja, para o almoço, os quartos posteriores d'um academico. Oh mas a carne de burro está em Lisboa pela hora da morte! E sem tir-te nem guarda-te, os leões atiram-se ás pernas da domadora.

Inda hoje o caminhante
Quando passa o Colyseu
Sente a pobre em compressas d'arnica,
Um burro pedindo ao ceu!

Inaugurou-se o theatrinho novo da rua dos Condes. Edificio garrido, ornado de lucarnas e janellas esguias, com uma sala d'espectaculo pequenina, aceadinha, pintadinha, a um bufete em estylo Alhambra a becco do Gaspar Trigo, muito espaçado de collumnellos vermelhos e azues. No friso d'este, ha uma inscripção em arabe antigo, sobre os intuitos da qual temos suspeitas. Procurámos quem nol-a vertesse á lingua patria: mas é singular como o estudo do arabe classico anda descurado entre nós! Apenas um amigo nosso, velho erudito, nos conseguiu traduzir aqui e além, palavras vagas da inscripção:

Vê se... amanhã... roda...

Effectivamente o theatro abriu no dia anterior ao da tiragem da grande loteria do Natal: crê-se pois que a inscripção seria um reclame do Fonseca aos 450 contos. Mas occorre perguntar: porque a não estampou o conceituado cambista na fachada do seu jornal, e preferiu mostral-a a oiro e vermelho, no friso do botequim da rua dos Condes?

Não me detenho a commentar aqui os episodios d'aquella primeira recita do theatrinho novo, o qual, seja aqui dito, tem umas cadeiras excellentes. Nem as da Pasqua, caramba!

Fosse a companhia como as cadeiras, e não teria vindo um comico á bocca da scena, na opereta das *Duas Princezas*, fallar das suas cans, apontando para uma cabelleira negra d'azeviche, em termos de deixar os espectadores um pouco duvidosos acerca da sinceridade das suas declarações. Tambem alguem notou que as actrizes, quasi todas despatriotisadas dos relevos peculiares ao sexo amavel, abusassem um tanto do effeito scenico de metterem os dedos no nariz, e de arrojarem sobre a platéa, á guiza d'osculos, certas pilulas d'extracto nasal, que nos parece não constituam positivamente um requinte de graça, em *chanteuses* assim desprovidas de adiposidades peitoraes.

No tecto da sala ha uns medalhões com retratos do Tasso, Emilia das Neves, Garrett, e não sei quam mais —o melhor e mais immortal dos nossos artistas theatraes de ha quarenta annos. Seja-nos licito esperar, que outros quarenta volvidos, nenhum dos escriptores e comediantes que inauguraram a sala da rua dos Condes—Taborda áparte—figure a oleo, em medalhões de celebreira, no tecto de qualquer scena do paiz. Não que elles falleçam de qualidades dramaticas, recreativas e mimicas, que inhibil-os possam da consagração pictoral (até de corpo inteiro, c'os diabos!) no perystyllo ou telhado de qualquer sala, mesmo de callista—mas porque infelizmente, mau grado o indiscriptivel talento de todos, ninguem ainda lhes proporcionou uma boa occasião de o revelarem.

Já uma vez, n'um *meeting* d'Alcantara, nós dissémos ao povo a pungente verdade que ora repetimos:

—E' a modestia que em Portugal faz passar por tolas, muitas pessoas que lá fóra haviam de ser apreciadas, como burro!

Fallei em burro... Oh c'os demonios!... se a domadora ouve!

Lisboa tem nos seus hoteis nada menos do que a missão chineza, vinda da Hespanha pelo caminho de ferro, e o conde de Paris, chegado de Inglaterra pelo vapor *Niger*. Os chinas da missão diplomatica são authenticos: assim, como monarcha francez, o fosse o senhor conde!

Na fronteira da Hespanha uns larapios apanharam-lhes tudo o que traziam... as cartas de recommendação que o nosso embaixador lhes dera em Madrid... um chequa de 850$000 réis sobre o *London-Brazilian Bank*... dois rabichos de ver a Deus, novos em folha... caixas de chá... e amuletos e cabaias, como o guarda-roupa Kruz ounca ha da ter.

Apenas chegados a Santa Apolonia, os guardas d'Alfandega, sempre *lestos no serviço* como a Rozalina dos *Sinos*, levaram a minuciosidade fiscal até ao ponto d'erguerem as fraldas da seda ao presidente da missão—lobrigando-lhe apenas por baixo, uns objectos... que por modos não figuram na lista do contrabando.

Ahi vieram os amoraveis chinezes pelas ruas da cidade, sob um aguaceiro horroroso, até uma hospedaria da rua do Ouro, aonde o hospedeiro, tomando-os por mascaras, lhes recusou guarida no seu hotel.

A' noite foram todos ao baile da Trindade, e continuaram alli a captar as attenções, mercê dos mirabolantes vestuarios que ostentavam. Ninguem, claro está, se decidiu a tomal-os por chinezes, e todos á uma teimavam em confundir o presidente da missão com o escriptor Latino Coelho.

Em balde o insepparavel irmão de S. Ex.ª, tão conhecido nos bailes de mascaras pelo pseudonymo aliaz sympathico de *saloio dos carnavaes*, tirando a mascara em plena folia, declarou cathegoricamente que o nobre escriptor estava a essa hora roendo um alfarrabio do seculo XVI, com varias outras veneraveis traças academicas.

Deverei agora dizer-lhes que entre os chins da missão vem o beijinho de Pekin? Elle, pintores, escriptores dramaticos, archeologos, architectos.... Os intuitos da viagem ficam ignorados por emquanto... dizendo uns que a commissão vem reseohar dos monumentos e grandes livros de Portugal no presente seculo; dizendo outros que os seus propositos se limitam a estudar a organisação dada á policia, pelo Eduardo Guimarães; e outros ainda que ella vem simplesmente a convite do principe lavrador, caçar o veado em Villa Viçosa.

Como é sabido, S. A. R. faz os seus convites por *tours*. Ha o *tour* dos diplomatas, o dos escriptores e desenhistas da côrte, o dos analphabetos que sejam ao mesmo tempo moços de forcado, a o dos moços de forcado que sejam ao mesmo tempo... analphabetos.

E' a primeira versão a que melhor nos quadra. Os chinezes por força que vem inquerir dos nossos livros e monumentos! Não esqueça pois o governo de os mandar ao frontão do Pelourinho, a Luso, ás cocheiras do José Maria Eugenio: assim como seria erro de leso patriotismo não lhes mostrar a *historia da Lusitania* do Bonança, o atlas geographico do Oscar, e os trabalhos dramaticos do nosso admiravel Santa Rita. Em paiz algum se desenvolvem as sciencias e artes com mais fogoso espinotear de homens illustres, como entre nós, á hora presente. Sem ir mais longe, os poetas... é cada parelha d'alexandrinos!

Estamos que a missão chineza ha-de admirar os progressos actuaes d'esta paiz. Pena será que ella se não demore em Lisboa até ás primeiras sessões parlamentares, e apenas imperfeitamente possa apreciar-nos, atravez as ultimas sessões da Camara Municipal, aonde ha tres dias se discute se os bombeiros teem ou não o direito de se reunir, sob um *mot-d'ordre* que não seja feito co'as badaladas a fogo, nos sinos das freguezias.

Foi o caso d'estes intemeratos baroes que, etc., etc... se constituirem em assembléa para o exame da organisação dos novos quadros bombeiraes, recebendo em pleno calor da discussão, ordem do inspector para a dispersarem sem mais delongas, se pôrem ao fresco, levando para casa os argumentos que traziam no papo, a favor ou contra os regulamentos que citei.

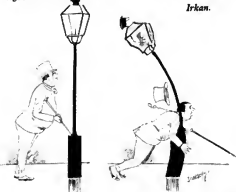
Furiosos com esta prepotencia do inspector—que allegando a feição militar da corporação, exigia aos bombeiros obediencia, e o mais austero respeito á disciplina—os bombeiros reclamaram da camara salvos—conductos para se reunirem onde e quando quizessem.

Foi uma salgalhada diabolica! O rei D. Fernando chama a capitulo os seus vereadores, falla-lhes com a resonante voz dos dias solemnes, via luneta esfumada, e tão fumeganta estylo, que se chegou a suspeitar d'algum vereador adverso, que lhe tivesse chegado um phosphoro ao apellido.

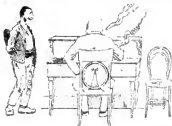
Discussões acirradas, interminaveis discussões—ao fim das quaes a camara prohibe d'ora avante a reunião de mais d'um bombeiro... involuntario.

Excepção feita para casos de fogo...

Precisamente esta excepção vae suscitar aos bombeiros rebeldes, um sophismasinho encantador, que passo a dizer. Sempre que elles queiram tramar, mettem na sala das sessões duas ou tres bombeiras—de certo modo adestradas em manobras de bocca d'inceodio. E d'ahi vá-lhes o inspector prohibir a assembléa! Lá está a attenuante municipal a salvaguardar o direito de reunião Pois o'este caso, quem é que póde affiançar, não haja fogo?

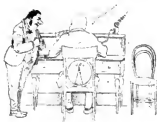
Irkan.

O premio dos Cambistas

João Reymundo recebeu a grande nove. Cem libras, loiras e bellas osteotam-se na sua secretária. Contempla-as! Cem libras que cahiram do ceu!

O creado e a creada vem felicitar sua senhoria.

O eguadeiro vem dar os parabens ao patrão.

Uma senhora conhecida lembra que merece pelos seus bons serviços...

A sobrinha Aonica ao saber tal vae dar dois beijos no Ti-Ti.

Catão Viegas sem recursos por causa da renda das casas, que o poz á divina, vem sollicitar da velha amizade...

O mercieiro da esquina traz os parabens . . e uma continha antiga.

Quadro final:

—Faz favor de dar dinheiro para o carvão?

—Olha põe no tu tu, e empresta-me cinco tostões, que preciso de tabaco!!!

PREMIO JUSTO

Diz um collega:

«Foi agraciado com a medalha de prata, de comportamento exemplar, o sr. infante D. Affonso, teneote d'artilheria.»

E' para nós motivo de muita alegria este ooticia.

Não porque nos invadisse a suspeita de que sua alteza oão fosse um perfeito gentleman, sebendo conduzir um cavallo, guiar uma parelha, ou marcar um cotillon; mas porque a voz popular, essa voz que corre atraz de todos oós, dos principes aos pastores, começava a crear ao redor de sue alteza uma athmosphera lendaria de passeios exageradamente amados, de olhares languidos para saccadas floridas, oode alguma aspirante a princeza disfarçava, olhando o crystallino Tejo, a olhadella para o tenente louro das artilherias da patria.

E aventavam-se coisas e factos, vistos, presenciados.

No theatro tinham-oo visto fazer um signal maçonico para a señorita F. e um die oas corridas tinham-no encontrado e bichanar atraz das tribunes, com medemoiselle C. da Companhia lyrica, uma loura, alta, arrancada garotameote aos braços do conde de L. pelo brilho da «cabelleia loua» de sua alteza.

E oós, como bom povo, sempre creotes nas graças dos principes, desde que lhe conhecemos as prendas, nos contos infantis, com que nos adormeceram, sorria-mos cá para deotro jubilosos e altivos, que fossem oossos, creados oo nosso solo, alimentadoe pelos legumes das nossas hortas e pelas vaccas das oossas lezirias.

Todavia receiavamos sempre: — que não vá o moço perder-se oo cairel das paixões! Que o demonio da tentação o não arraste ao tremedal dos vicios onde se perdem os melhores corações e os mais altivos caracteres!

Não, felizmente não.

Sabe-se hoje, qua ainda que soldado, jámáis o seu pret se desviou para applicações alheias á arte da guerra; que jámais o viram cortejaodo uma mulher qualquer; que oão falta nos domingos á missa; qua dá esmolas aos pobres; que recolhe a casa ás 7 horas da noite, de verão a de inverno; que joga a bisca em familia, a feijões; que é emfim o modelo dos rapazes da artilheria, com dragonas e tudo!

Sua altaza, diz a ordem do exercito, tem um comportamento exemplar! Como artilheiro está ao lado de S. Francisco Xavier e e de fr. Bartholomeo dos Martyres! Um exemplar!

Meo principe, que Deus conserve os preciosos dias de vossa alteza, porque de contrario, havemos de ter uma difficuldade dos demonios em vos encontrar logar, oão nas nossas orações, que esse pertencer-vos-ha sem replica, mas na folhinha, seranissimo senhor, que está cheia a deitar por fóra.

—Infante santo n.º a...—Vossa alteza riu-se? Tambem nós; permitta-nos a camaradagem do oosso riso, emquanto lhe não podemos endereçar as vozes dos nossos suffragios.

Mil respeitos ..

A CASTA ALBION

A agencia Havas transmitte-nos o seguinte elucidador telegramma:

LIVERPOOL, 21.—O tribunal de appellação condemnou em 14 dias de prisão e 90$000 réis de multa um livreiro qua vendia os romances de Zola.—(*Havas*).

Delicioso exemplo e ensinamento para a indolencia das nossas auctoridades, com respeito a medidas a tomar sobre publicações perigosas.

A Inglaterra, a casta Inglaterra a condemnar os romances de Zola, depois dos escandalos revellados na «Pall Mall Gazete», demonstra-nos que entrou no caminho do bem, da regeneração.

Oh! a pudica Albion!

E oós callados, immoveis, perante os annuncios escandalosos das oosses publicações pornographicas, que se escancaram todos os dias pelas quartas paginas dos jornaes, para gaudio secreto das senhoras semi-serias, como dizem os annuncios.

E' bem certo que a cerveja produz, ás vezes, uns arrôtos excentricos.

Que se reveja em nós a Inglaterra, e veja como lendo Zola e muitos dos oossos periodicos, conservamos, oão direi a flôr da larangeira, mas a apparencia branca das vestees antigas e uma alegria das almas boas e das consciencias limpas, qoe oos atira á immortalidade lyrica das operetas.

N'isto podemos dar lições á nossa querida alliada.

Prégava um dia em Coimbra,
N'uma espaventosa festa,
Certo pralado que timbra
D'erguto, a sae-se com esta,
Que fez sorrir o vigario:
—«Meus irmãos! A morte é certa,
Mas a hora é que é incerta...
Se ao menos fosse o contrario!...»

Fernando Leal.

PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

O Novo Mundo—Um interessante e util folheto, offerecido pela casa commercial de Grandella & C.ª, contendo o catogo da todos os artigos de fazendas e vestuerios que se vendem nos seus estabelecimentos, e illustrado com figurinos das ultimas modas, tanto para *toilettes* de senhoras, como para as de sexo... feio e forte.

A Semana—O n.º 10 d'esta publicação illustrada traz um bello retrato do sr. visconde de Melicio.

Acompanham este numero mais uns fasciculos do romance *Vingança dos Reis*,—tudo publicado sob a intelligente direcção do sr. F. Pastor.

Catalogo illustrado—da 8.ª exposição d'arte moderna, com reproducções dos desenhos originaes dos expositores, publicado pelo nosso amigo Alberto d'Oliveira, um rapaz sympathico e trabalhador, e quem o grupo Leão deve importantes e inolvidaves serviços.

A Illustração—Recebemos o n.º 25 correspondente ao dia 15 do corrente mez. As gravuras, além da actualidade e interesse de todas ellas, são da execução delicadissima, havendo algumas de grande merecimento artistico. Ne parte litteraria nota-se a costumada variadade e o modo brilhante como todas as suas secções costumam ser sempre redigidas.

Cada numero da *Illustração* consta de 16 pagines, nitidamente impressas em optimo papel, e custa 100 réis.

Assigna-se ne casa editora DAVID CORAZZI, rua da Atalaya, 40 a 52 Lisboa.—No Porto na sua Filial, Praça de D. Pedro, 127, 1.º andar.

O sr. F. B. Dias, proprietario da acreditada papelaria e typographia da rua Augusta n.ºs 21 e 25, distribuiu á imprensa um delicado brinde, que muito honra a sua casa commercial.

E' um calendario para 1889, com lindos chromos, verdadeiramente primorosos pele execução e pelo colorido. Agradecemos a amabilidade da sua offerta.

Aos nossos assignantes de Lisboa

Approximando-se o fim do anno e sendo possivel que alguns dos nossos assignantes mudem de residencia, rogamos a estes o favor de nos indicarem em bilhete postal qualquer alteração n'aquelle sentido, afim de evitar embaraços e demoras na expedição do proximo numero do nosso jornal.

Aos nossos assignantes da provincia

Com o presente numero termina o primeiro trimestre do nosso jornal. Por isso rogamos aos nossos assignantes da provincia, que ainda estejam em debito, o favor de fazerem com promptidão o respectivo pagamento, e áquelles que já pagaram rogamos tambem a fineza de renovarem as suas assignaturas, a fim de que uns e outros não soffram interrupção na remessa d'este semanario.

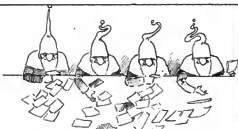
Na ratoeira do tempo ainda ignobilmente está e agonisar 88, e já ao faro do queijo o ratinho 89 se prepara e esfusiar pela portinhola do carcere, e sua cabeça aguda e chata de roedor.

Não temos esperança de que este valha mais e produza melhor do que o seu camarada assassinado; porquanto á corrosão do anno velho virá juntar-se a corrosão do anno novo, e pelos buracos que elle fizer nos andrajos dos nossos costumes, dos nossos desmazellos e dos nossos vicios, não transparecerá mais do que um corpo social invalido e esqueletico, incapaz da reacção, d'esforço ou d'actividade, e irremediavelmente votado á morte moral, que é na escala da ignominia o mais cruel de todos os castigos.

Elle ahi vem, 89!... com o mesmo parlamento a esbarroodar d'intrigas e ambiciunculas corriqueiras, a mesma bobage torva nas cumieiras do Estado, a mesma inanidade nos typos, a mesma falta de iniciativa nos caracteres, a esterilidade identica nos ventres das mulheres, no cerebro dos homens, e na cornucopia soffrega dos argentarios.

89 é mais um acto d'esta farçada da vida em que os homens se entrechocam, como Polichinellos, sem o respeito que salvou a geração de nossos avós, e sem o desprezo que foi longos annos a grande força civica de nossos paes.

—Rato d'esgoto, passa depressa, e livra-nos de ti!

Lithographia Guedes, rua da Oliveira, ao Carmo, 12

A COMEDIA PORTUGUEZA, enviando a todos os seus amaveis assignantes as bôas festas pela entrada do anno novo, aproveita o momento para agradecer fervorosamente as ininterruptas manifestações de sympathia de que tem sido alvo até hoje.

Podemos regosijar-nos de que nenhuma publicação entre nós, tem tido um tão rapido crescer de popularidade, e isto força-nos a pensar, dia a dia, em melhorar successivamente o jornal.

Não temcs podido fazer quanto desejariamos, é certo, mas esperamos poder conseguil-o se formos secundados pela protecção do publico.

Reiteramos os nossos agradecimentos como as nossas promessas.

E qusnto a espectaculos: abriu na quarte feira o parlamento, com pouco menos da meia concorrencia na sala, e pouco mais da concorreocia a meia nas galerias. Detalhe typico. Os bilhetes de entrada vinham marcados da rubrica — *admissão só para homem* — o que nos leve a crer que o proximo anoo parlamentar seja, como o passado, um tantosinho pornographico, visto como já na sessão inaugural se procureva desviar da sceoa os olhos das senhoras. Poucas lá estavem, effectivamente, áparte as que lá foram por imposição do cargo, ambutir oo fundo ascarlate do throoo os seus bustos do mais puro alabastro... constitucional. E aqui entre nós — é singular como as senhoras da sociedade são modestas — em decotado. Algumas, que de vestido affogado ostentam espadoas surprehendeotas, e molduras de busto phidiescas quando n'uma sale de baile, abrem um pouco á luz dos lustres, os thesouros da Pomone, fazem o espectador detestar o inverno — essa quadra aotipathica dos figos passados.

Ainda outro dia, no baile dos marquezes da Foz (a exposição da moveis meis artistica que Lisboa tem visto á luz de lampadas electricas) se confirmou o diagnostico d'esta singular emagrecimento d'espadoas, endemico segundo parece, em ooites de baile, entre as formosuras patricias da Lisboa.

Cada decote! — E tudo para que? — Nada desagradavel como ver uma grande porta da quinta escancarada sobre algum arido melaocial, eonde as melancias ou faltem, ou tenham o tamanho de maçãs.

Acreditarão vocês que uma senhora proloogou a abertura do corpete, n'este baile, até para além dos calcanhares? E o *Illustrodo* então! — «*A condessa de X vestia um elegante toilette de hypothese*, ROSE PALE, *e plumas d'avestruz no fim das costas*.

Não nos diz o jornal se as plumas o'aste sitio teriam movimento, ou sequer haveriam ficado bem metidas... oão fosse acontecer á dama, em plena dança, o dasastre do gaio que se aofeitou co'as pennas do pavão.

Oh! esse baile foi primeiro do que tudo uma apotheose ao talento do entalhador Leaodro Braga, em obra de talha, e um fiasco medonho para o Padre Eterno, em obra d'osso. Elle sempre havia claviculas d'um atrevimento! — Estas rodopios de formozas, disie um amigo nosso que voltava do buffete, esbaforido d'acotovelar quatro marquezas, n'uma caçada a um prato de *croquettes*: estes rodopios de formozes dão-me a ideia do deserto, ao centro d'Africa... as mesmas ossadas, branquajando sob os mesmos areaes de pó d'erroz; e da queodo em quando um camello que as farisca, de monoculo. E que de signaes de borbulhas, fleigmões, e antigos sinapismos! Filhas de condessas, entrançavem com donaire os cabellos que lhes crescem nas costas, com mais luxuriante azeviche do que o qoe o Godfroy lhes empresta pr'ós toucados. D'uma joveo marqueza ouvi dizer que usa tres cuias — a primeira oo alto da cabeça; entre as espadues a segunda: quanto á terceira... — *O ladrão do negro melro, onde foi fazer o ninho...* — oh! mas é que o marques podia-se escaodalisar da minha indiscripção!

O discurso de corôa foi este anno um verdadeiro discurso de pinto, tão pipisote a vóz que o recitou, e tão concisas, rapidas e incidentes as phrases consagradas pela bocca d'el-rei aos actos do seu governo, durante o anno findo.

S. M. passou por todos aquelles episodios — qualquer tivesse sido a magnitude do assumpto — mal comparado, como vindimador por vinha vindimada, rabiscando esta ou aquella esgalha d'assumpto que menos susceptibilidades poderia provocar na opinião. O todo confeccionado em sandwiches affectuosas, constitucionalmente mesquinhas, e muito embrulhadas em papel côr de lilaz.

No dizer da oração, as finanças nacionaes prosperam a olhos vistos, e a firmeza do credito publico é cada vez mais inabalavel. N'este ponto os amanuenses que ouviam, desataram em berreiros de protesto: e um professor d'instrucção primaria pedia ao sr. José Luciano lhe ensinasse sequer uma taberna, aonde elle podesse comer uma canja a fiado.

Tanto o credito publico é prodigioso, que o governo se propõe especar o dos bancos portuenses, que se acham actualmente á dependura, mercê da construcção do caminho de ferro de Salamanca. É natural que o governo estenda aquella protecção ao banco dos reus, não tenha de sentar-se n'elle, mais dia, menos dia, algum ministro; assim como ponha fundas aos capitalistas que surjam na praça, quebrados — prevenindo o caso de que pela ruptura se esventrem os intestinos da finança portugueza, cujas fecalidades nos dariam talvez a chave de tantas das nossas grandes fortunas actuaes.

Na quinta-feira foi o primeiro dia de sessão. Praça tranquilla: um ar de thedio, de missa por alma, e vaccas magras. Coiza notavel, que fere a nota do desprendimento que teem pelas grandezas da vida, ainda hoje, os paes da patria — entre 58 deputados que estiveram, mais de quarenta pelo menos appareceram sem luvas — e pobres modestos! se preparavam para mandar voltar as sobrecasacas. E esta pobreza honrada, redime e consola! Pois se é certo que a voltadura das casacas seja frequente coisa em deputados, toma nobreza, á luz da moral, esta isempção dos nossos homens politicos, que eliminaram as luvas da *toilette* (sacrificio ao dandysmo) desde que o uso d'ellas se tornou motivo de suspeita, á approximação d'um syndicato.

Presidia á sessão o sr. Estevão de Oliveira, bi-deputado ao que parece, visto sel-o por Evora, e sel-o decano — honrado creador de bois, homem quadrado, e que em verdade tem sobre a cadeira da prezidencia, a mais bella expressão provincial.

Sómente, sob o influxo d'este homem (que nos recordaria uma Céres, de suissas, distribuindo feno aos garraios d'um concurso pecuario) a sessão parlamentar reveste assim um ar de feira, de férra, e de folia, atravez da qual a gente vê passar a rebanhada dos Panorgios, balando os appoiados que lhes ensinaram os bodes-mestres da maioria.

Oh! não teremos este anno, sob o docel azul da prezidencia, aquelle nosso adamado Rodrigues de Carvalho, tão subtilmente peralta em seus *toilettes*, e sobre cuja edade tantas e tamanhas discussões se levantavam outr'ora na galeria (deve este cavalheiro hoje contar entre desoito a setenta annos!) — e sobre cuja côr de bigode tamanho mysterio anda suspenso: suspeitando uns que elle houvesse sido preto, e dizendo outros que elle está vermelho de mais, para não ser já todo branco.

Uns poucos de jornaes novos na cidade, e outros com fundilhos de lona, simplesmente — o que não quer dizer reviviscencia nenhuma em jornalismo, nem tão pouco representa o espadanar d'uma corrente nova, no vae-vem de banalidade que enche as columnas dos periodicos.

Pela larga porta do palacio Ferreira Pinto, ás Duas Igrejas, continuam a sahir redactores do *Reporter* ás dezenas, e ainda parece lá fica pessoal avondo para a factura do numero quotidiano. Desde o começo do anno que o jornal se offerece aos leitores por dez réis cada exemplar — podendo alguem suppôr que o *Reporter*, tendo perdido um a um os seus redactores para vintem, se resignasse alfim a fornecer ao publico, por meios preços, uma imitação de si mesmo — em pacotilha.

Erro profundo! *O Reporter* não é positivamente dirigido ahi por qualquer visconde de S. Marçal; e como poucos jornaes elle se orgulha de possuir, portas adentro, as mais bem aparadas pennas d'estes reinos, e noticiaristas de *faits-divers* de mais hillariante envergatura.

Mas Senhor Deus!

Sendo certo que um redactor quazi sempre vale pelo que peza, como é que o *Reporter*, emquanto teve *Junius* na direcção, um magricella d'aquelles! se vendeu por vintem, a pessa e dez réis agora que está na chefetura o corpulento José Maria d'Alpoím? Acaso desceria a carne? Ou o *Reporter* deita-se agora, depois da lenda dos rapozinhos, á glorificação do osso?

Appareceu um diario chamado o *Tempo*, primogenito das *Novidades*, cujo aspeito é ainda mais esfalfado do que o dos senhores seus progenitores. A que se destina o *Tempo*? A fazer um ministro? Poderá chamar-se então o *Tempo... das uvas*. A refinar ainda mais o *carnet-mondain* das *Novidades*, areando de galantarias exangues os casamentos e jantares das familias januto-afidalgadas? Ficar-lhe-hia bem n'esse caso o *Tempo... dos lausperennes*.

O mais certo é o jornal ter vindo a terreno como o doutor Fausto, quando sobe o panno para a opera, logo depois da symphonia — a fingir um velhote alquebrado, engelhado, amortecido, para n'um dos proximos numeros surprehender os leitores co'as elegancias tenorescas d'um campeão gentil e gracioso. É provavel que a dar-se o caso, os assignantes lhe não fiquem chamando o *Tempo... da espiga*.

Porém até lá, collega amavel, deixe que lhe chamemos *Tempo... de chien*; e lhe demos os bons annos, sobraçando sempre um guarda chuva.

Irkan.

Os decotes

(IMPRESSÕES DE S. CARLOS)

Não sei, e envergonha-me o dizel-o, quem foi o inventor do decote, sabendo aliás quem descubriu as leis do pendulo, e outras insignificancias d'este jaez. Mas quem quer que fosse não tinha o cerebro menos bem conformado para descobertas luminosas, do que Galileu ou Torricelli. Se foi mulher tinha por força o colo de Ignez de Castro, e «colo de garça» —; se foi homem, declaremos francamente, era um finorio, um maganão de bom gosto.

Theophilo Gauthier dizia que para ver uma mulher completa, bastava ir ao campo e á cidade. Via-se por metade em cada sitio. O illustre mestre não conhecia ainda a ultima conquista do nú sobre o corpete, que ameaça matar-lhe a graça da phrase, porque não virá longe o poder vêr-se uma mulher toda, só na cidade: — bastará ir a um baile ou a uma recita de gala e olhal-a... por cima do hombro!

O decote marcha! e elle não tem o bom Deus que lhe diga, como diz ao mar: até aqui não mais!

De modo que estamos na eminencia de poder ver, na cidade, de uma vez, com um mesmo unico olhar, o que já se vê e o que só se via ou campo, no tempo menos feliz do observadôr Gauthier.

Ora tendo percorrido com o meu olhar de astronomo consciencioso, as dezenas de espheras que brilharam no céu da plastica portugueza na ultima recita de gala, tendo procurado com o meu binoculo o gráu da sua visibilidade, na passagem pela nossa orbita, em relação com as leis moraes que regem o apparecimento e o eclypse d'estes corpos celestes, eu poude formular um pequeno feixe de regras, que offereço aos leitores de *Comedia Portugueza*, certo que não desprezarão estes pequenos dados de astronomia domestica. Resta-me tambem a gloria de ter creado este novo ramo de sciencia, nunca descripto por Secchi ou Flammarion, que eu saiba.

Ha cinco typos fundamentaes do decote.
O decote quadrado.
O decote redondo.
O decote em arco de flecha.
O decote em V grande.
O decote em taça.

DECOTE QUADRADO. — Senhora de temperamento equilibrado Mãe de filhos. Decota-se por ser da etiqueta e o marido o exigir. Todavia encontra-se-lhe uma certa castidade na forma.

Vê-se apenas ao centro do peito um começo de sombra, n'umas ondasitas de renda que se elevam para os lados.

Usa mangas até ao meio do antebraço; a luva vincada quasi as alcança, deixando apenas visivel uma estreita fita branca de carne entumescente.

Decote exemplar.

DECOTE REDONDO.—Se é usado por senhora de meia edade representa um artificio, esconde algum defeito. Se é uma rapariga, ou uma menina se acharem mais delicado, denota um temperamento lymphatico, pouca resolução, indifferença pelos homens, inconsciencia do valôr proprio. E' toda de transigencias, de condescendencias, de attenções frias, de affectos calmos. Uma monotonia, uma vida redonda, sem attrictos. Quem quizer cazar pode encontrar uma «menagère»; quem quizer amar afoga-se n'um lago, ou adormece na conversa.

EM ARCO DE FLECHA.—E' e primeira teotative da emancipação Establece e transicção entre o decote em erco e o decote audaz em V. grande.

Preseote-se na mulher, que o uza, um principio de revolta contra o podôr, em prol da belleza. E' como o tatear da espada para o combate. Temperamento sanguineo, fogoso, epaixonado. Ama ou odeia. Não conhece meio termo. Se ame é capaz de todos os sacrificios, se odeia arrosta com todas es vinganças.

No fundo é boa, franca, generosa.

O decote é no seu colo uma provocação e uma barreira; nem tão pouco que faça pensar em falsos pudôres, nem tanto que provoque o desrespeito dos olhares communs.

Tal será para o marido ou pera o amante: nem tão pouco amôr que rasteje na frieza, nem tanto que se ebeire da loucura.

DECOTE EM V. GRANDE. — A revolte franca. Insidioso, o mais insidioso dos decotes! Ousedo e delicado, fingindo esconder e revelando todos os segredos, por bocejos, em pequenas contracções: ousademente, desce, premindo sem se amoldar so collo. Denote em quem o usa um temperamento nervoso fortemente accentuado. Mulher caprichosa, emante do luxo, ciosa da belleza, emando os homens que e adoram, desprezando os timidos, entregando-se eo amor ruidoso, que dá que fallar, nos bailes e nos clubs.

E' capas de todas as loucuras, ciumenta, emente, ousada, como de todos os sacrificios. Sensivel em extremo; um fundo de bondade expootanea, immerso n'uns vapores vagos da hysteria.

O DECOTE EM TAÇA.—A emancipação! A luz! Desappareceu o corpete, em compensação epparece tudo que elle costuma esconder. «Rien est beeo que le vrai!»

Temperamento inqualificavel, como tudo o mais. O espelho revelou-lhe e belleza do busto, ella mostra-o. Não ha pudôr nem impudôr. Se fosse Suzana ter-se-hia rido para os velhos, ao sahir do banho.

Um corpo de mulher! nunca se viu?

Deixar-se-ha amer, sem emar nunca. O unico cuidado da sua vida é e belleza do collo.

Marido ou amante terão o'ella uma vontade branda, um desleixo em tudo, um amor de capilé, com muito assucar, enjoativo.

E' das que vulgarmente se diz: bonita lesma!

D'estes typos fundamentaes derivam todas as outras fórmas, mais ou menos correctas, accentuando einda variedades de caracter, no córte, ne ornamenteção e ne côr.

Assim ha o decote liso, sem renda, que se adstringe ao corpo, ciosamente, como um emante feliz, revelador d'um caracter firme altivo e distincto, e o decote extravasando rendes, floconosas, côr de marfim velho, estojo espumoso dos peitos, indicador de voluptuosidade, de amores requintados, patricios.

As mulheres vaidosas cravejam es rendas do decote com brilhantes; as «coquettes» envolvem e tumidez espartilhosa dos peitos n'um tenue véu negro de renda, e dar á pelle a brancura do leite coagulado; as pudicas, as novas, es que entram no mundo, as que não perderam einda e faculdade de estremecer intimamente, perante e inspecção grosseira d'om olhar, ou pela enalyse provocadóra d'um binoculo, efogam castamente e nudez, ne transparencia discreta do gaze.

E o seu colo, vegamente esboçado, quasi occulto na penumbra ligeira do tecido, rescende om perfume estraoho de flôr rara e lembra. om ninho d'espuma onde descançam duas rolas adormecidas.

Tees são os rapidos epontamentos que encontrei on minha carteira mundana.

CAPA E BATINA

Os estudantes do lyceu de Lisboa despeitados porque, desde o carroceiro da camara até ao gato pingado, toda a gente, entre nós, tem um fardamento para os dias solemnes e não solemnes, animados pela chegada da *troupe* chineza, envolta nos seus balandráus ramalhentos e pintalgados, resolve, ó dia memorando! apro veitar a concessão do sr. ministro do reino para poder usar... capa a batina!

Teem razão os rapazes. A capa e a batina tem as suas tradicções gloriosas de bohemia. São quasi um symbolo da alegria doida, das troças, do fino espirito da mocidade dada aos convivios de Minerva.

Até hoje nada tem havido de mais tradiccionalmente modesto, *gauche*, acanhado, bisonho do que o estudante de Lisboa. Alguns que tenham tido espirito, ou coragem, ou alegria, teem desappa recido pelos gabinetes das secretarias, no desconhecido dos automatos, na inercia dos que alcançaram o fim do seu trabalho — um emprego publico — a miseria da boquilha e charuto de vinte e cinco.

Teem razão os rapazes. Agora já se sabe que ha estudantes É vel-os passar com as suas capas negras e as suas batinas escorridas. Pódem ser tolos á sua vontade, ninguem os confundirá com elles!

Um estudante, aquillo é um estudante? que gracioso deve ser, e alegre e folgazão! E o'esta aura, calourada amiga, prepassai nos arruamentos e raparai nas gelosias.

É de longa data esta pretenção academica. O estudante de Lisboa teve sempre na garganta entallada a espinha do desfardado. Elle nunca aspirou á gloria de ter uma Universidade velha, com salas monasticas, claustros e escadarias. Nunca exigiu uma quinta dos Cannas, um penedo da saudade, um salgueiral com um Mondego ao lado. Nada d'isso lhe importava e lhe fazia cócegas, o que elle não pódia tolerar era a ausencia da capa que se deita na relva e serve de cama, que se remenda á noite no quarto e apparece mais gloriosa no dia seguinte, que tapa as joelheiras das calças, embuça a fronte nas emprezas nocturnas e se desdobra arquejante ao vento como um pendão glorioso. Oh! isso é que elle não podia pensar sem ciumes. Depois vinham as commissões da Coimbra a Lisboa. Que ferro!

Tão estranhas as commissões, tão distinctas!

Arranjavam fitinhas com que ornavam as lapellas, mas não tinha graça e... ninguem reparava. Então apparecia o requerimento.

Sampaio um dia massado respondeu: usem o que quizer, até uma albarda se gostarem.

Esta resposta esfriou, por annos o desejo academico.

O sr. José Luciano respondeu mais palacianamente: use quem quizer.

É a formula do governo progressista: cada um faz o que quer. Dilicioso.

Este é o anno pois em que parte dos estudantes de Lisboa começaram a usar os alegres e distinctos trajos fradescos, admiremn'os, e registe-se a data.

Ainda se usassem penacho!... Semsaborões.

HEREJES

É costume celebrar-se na Sé uma missa ao Espirito Santo para illuminar os representantes do povo na missão do bem legislarem.

Parece que estes senhores deviam assistir á missa e esperar a lingua de fogo que cahisse da aboboda.

Nada d'isso. Um collega espanta-se d'este pouco cuidado em procurar sciencia infusa nas abobodas da Sé e estranha que só dois — dois — levassem ante o altar a sua confiança no Santo Espirito.

Nós sentimos porque pagando aos senhores deputados para representarem o seu papel, não prescindimos nem os desculpamos de se eximirem das entradas que lhe competem, em scena. Façam favor de representar de catholicos, apostolicos, romanos e de fingir ao menos que acreditam n'estas coisas que é para a gente fingir que acredita nas suas apoplexias de patriotismo e nas suas leis.

Que se inspirem ou não, a obrigação é estar na Sé a *inspirar-se*! e vá lá que por 3$333 réis merece a pena ouvir uma missa seja a que espirito fôr.

Se lhes descontassem o dia na féria veriamos como enchiam a nave e eram capazes até de levar ripanço.

Ora pois.

D. MARIANNO 1.°

Esta dymnastia, descancem os leitoras, não está ainda definitivamente erguida no solo dos oossos maiores.

Sa bem qua para partidarios exaltados, sua excellencia acima dita, devesse ter e ornar-lhe e calve, qua já sem lisonja se não póde chemar incipiente, uma corôa real, cheia de gemmas preciosas, o que é certo é qoe o escalvedo frontal sob que lhe rumoreje a caldeira dos pensamentos, oão conheca mais do que o barrete de dormir, o chapeu elto e o bicorne glorioso de ministro!

O sr. José Feliciano Oliveira teve porém a idéa de o elevar a dymnasta, para segundo os nossos velhos habitos lhe poder chagar a valer com pouco perigo (todos sabem como os reis soffrem com resignação) e assa idéa valeu-lhe que o sr. Moraes Sarmeoto o mandasse prender.

O homem, por oma amabilidade feotestica, quiz qua o sr. commissario visse e sua Revista, o sr. commissario ambirrou com as graças do Oliveira e prega com elle oo calabouço! Ora é para um revisteiro tão innoceote que se compreheoda um commissario tão catita.

Sua excellencia, levando e sue alçade eté ao segredo dos escriptos particulares e indo ahi procurar as offensas á moral a á religião, tem um trabalhinho, para o futuro, qua não lha digo mais nada.

Offensas á moral e á religião, hein?

Imagine-se o que por ahi não vai em entrevistas pedidas, amôres confessados...

Mas s. ex.ª vae entrar tembem no fim intimo de cada um? Quam tem a delicadeza de ebuzer d'um manuscripto que se lhe confia, tem decerto pouco escrupulo em se servir dos crimes do pensamento. Contra um commissario d'este lote um homem nam ande segum se peosar no seu pecadito venial.

Contra a policia portugueza, meus senhores, póde peccar-se por pensameotos, por palavras e por obres. Está oo seu Olympo tambem e bregeira e não deixou cá por baixo egua lustral, que eu saibe, nem nos resgata perante o seu juizo a compunção ou o arrependimento. Pelo menos ignora-se se essim póde ser. Achamos da mexima necessidade e publicação, pelo cofre do governo civil, d'um cathecismo para oos regular-mos a contento dos altos designios policiaes.

Se não fosse triste este facto, o preoder-se um homem por ume declaração particular, devia suspeitar-se qoe estavamos ne Trindade, assistindo á exhibição da algum commissario de opere comica, disparatando peles exigeocias do libaretto.

Isto porém passou se oo governo civil de Lisboa, a capital do paiz alegre por excellencia.

O revisteiro tem apenas uma desforra: é ir para caza, escraver uma nova ravista, epear o sr. Marianno do throno, pôr lá o commissario e não e mostrar senão ao publico.

Feça isto, olha que se vinga, porque o homem dá sorte, a modifique um pouco o titulo, chame-lhe: D. Moraes Commissario — o ultimo!

Hein?

PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

Geographia Mathematica. — Recebemos a muito egradecemos o 1.° volume do *Curso complementar de Geographia, Chronologia e Historia de Portugal*, do sr. José de Souza.

O livro faito sob um ponto da vista pedagogico, moderno, recommenda-se sobretudo para e educação das creanças a dos individuos leigos no assumpto,

É principalmenta á intelligencia qoe se dirige o methodo com que o livro é feito, o que o effasta do antigo processo jesuitico de decorar, que torna o estudante om repetidôr inconscienta de frazes ôccas, de que elle não alcança o sentido a que se esvahem, mais tarde, de memoria, sem deixar mais resultado do que um cansaço intellectual, um aborrecimento do estudo, quando oão arrastam a inaptidão ou a atrophia das faculdedes.

O sr. José de Souza conta continuar o seu curso com mais dois volumes, um de geographia phisica e politica, ootro de geographie economica da Portugal — Historia de Portugal e notas sobre a pedagogia philosophica.

Recommendamos-lhe que os publique, porque presta vardadeiro serviço á pedegogia portugueza.

O deposito d'esta obra é na livraria Ferreira, Rua Aurea, 134.

O maior espaço de tempo exigido para a confecção do nosso jornal a côres, foi a causa de não podermos dal-o no dia costumado.

Os nossos assignantes desculparão a falta, que de certo modo compensamos.

Segundo o louvavel costume semestral, e atume imposto pelas senhoras da familia, o sr. Ermenegildo Bailão resolveu fazer a sua mudança. Mas como de todas as vezes que se muda se lhe damnificam os moveis, decide fallar ao gallego Bento, da esquina da Calharis, que lhe dizem ter dedo para estas coisas. Consultado e afretado o Bento a mudança começa.

Bailão vai para a nova casa esperar a chegada da mobilia para a ir collocando adrede

Começam a chegar os moveis.

—Então esta cadeira vem partida?

—Desculpe v. ex.ª, foi com'o apertar da corda!

—A estatueta da Li-li quebrada?

—Não foi nada; cahiu ao patamar e desgrudou-se-lhe a cabeça!

—Esta só pelo demonio! rompeu-se o fundo da tina. Provavelmente estava muito gasto!

—Gasto o quê? ha dois annos que não serve, burro!

—Desculpe o senhor, mas na escada quebrou-se o sofá verde e partiram-se as molduras dos espelhos !!

—Mais alguma coisa?

—E' que o carroceiro deixou cahir o pianno, que se desgrudou, e partiu uma mesinha de cabeceira com o contheudo !!!

A mudança completa-se sob a protecção do Bento, que tem dedo para estas coisas.

Bailão, sobre as ruinas da casa, triste como Mário, pensa:

—E tendo-se partido tudo, minha mulher não partiu uma perna! e dizem que são fracas!

O Primeiro beijo

O que ella lhe tinha dado!

A' noite, muita vez, depois de ter escutado a sue meige voe deliciosa que descia como um hymno perfumado do mireote de mermore, que ladeava o portão verde-negro do jardim, ainda cheio dos effluvios dôces do seu olhar, os ouvidos acariciados peles ultimas notas da sua linguagem de uma doçura, virginal, infinita, Paulo encerrave-se no quarto, abria ne secretaria de ebeno esculpido, a pequenina gaveta secreta, e punha-se a contemplar, beijando-es muita vez, todas essas pequenas dadives d'amor, pueris, ideaes, que a mãosita d'ella lhe atirave da janella ogivel do mirante de marmore, que ladeava, batido do luar, o portão verde-oegro do jardim.

Era um museu, delicioso, pequeoo, perfumedo. Uma boceta eocantada d'onde sabiem pequeninos laços da sedes córades com que ella prendere os cabellos; ramos de violetas que ella trouaera ao peito, cachos de lilazes brancos e azues, desmaiados, rescendendo ainda um dôce perfume; um retracto oval, delicado com uma minietura, bon bons offerecidos n'um baile, folhas de fetos, esses mil nadas, que lembram uma hora de felicidede, o momento passado lado a lado, no extase commum, secreto, d'um prazer vago, indifinivel.

Mas de todas as recordeções, de todas as insignificancias preciosas os que elle mais emeva eram um lenço de rendas em que ella entrelaçara com extrema graça, as iniciaes dos dois nomes e uma madeixa longa do seu cabello que se enrolava como uma serpe d'ouro oo fuodo transperente d'um pequenino cofre de crystal.

Das iniciaes bordedes pela sua pequenina mão brance, entrelaçades, fortemente unides, evolava-se a idéa d'uma união futura, d'um idillio eterno, as mãos nas mãos, os labios sobre os labios, o olhar bebendo o olhar!

Lith. da Comp.ª N.al Editora

A trança que lhe emoldurara a cabeça, era uma parte d'ella, que lhe efogara o pescoço longos ennos e sobre que descançara tentas noites a cabecita isente de cuidados. O travesseiro dourado dos seus sonhos infantis, o confidente dos primeiros pensamentos que elle povoara!

A trança! um feixe luminoso de gramineas d'ouro, gerada na caricia dôce do seu cerebro infantil, onda só prepassavam, es ideas castas e puras, como no ezul limpido d'um ceu de maio, perpassam cruamente brancas, por sobre a vastidão das lezirias os bandos dolentes das cegonhas.

Como elle amava esses pequenos nadas, cheios do encento do seu olhar, da sua graça, d'ella, tão simples, tão meiga e que ella amava tanto!

N'aquella terde, a tarde primeira do enno novo, ella prometera offerecer-lhe uma recordação, mais bella do que todas as outras e recusara dizer-lha qual fosse. Toda a noite tentara adivinhal a.

A tarde descia quando a janella ogival do mirante se abriu lançando nas baiseiras da frente os reflexos córados dos vidros ponteagudos.

Com o coração cheio de alegria Paulo approximou-se.

— E o teu presente de anno novo?

Ella sorriu, ligeiramante, como quem antegoza a surpreza d'uma dadiva inesperada e querida, desceu ao portão e estendendo por entre os verões de ferro o pescoço com uma elegancia rara, um pescoço branco onde uma penugem loura se emaranhava friorenta e revolta, aproximou lhe dos labios a cabeça radiante, emquanto os labios pronunciavam a offerta dulcissima: beija-me!

Ao pousar-lhe na testa os labios sequiosos d'uma caricia suprema, o feliz amante, sentiu que superior a todas as dadives até então recebidas, superior ao lenço perfumado em que a sua mão bordara com a gentileza d'um amuleto o monograma dos seus nomes entrelaçados, mais luminosa do que a madeixa loura que se enroscava como uma serpente d'ouro no pequenino cofre de cristal era a ultima dadiva, o beijo casto d'amor, na brancura da tez immaculada, rescendendo todos os perfumes das rosas do Levante, e abrindo-lhe na alma o clarão luminoso dos sonhos infinitos.

MENDO.

O ULTIMO DUELLO

Mais um duello esteve imminente entre dois homens de elevada posição.

Eu, cada vez que penso nos duellos em Portugal, sinto uns calafrios horriveis, na espinha dorsal!

Mas é que decididamente é preciso fazer parar esta onda de sangue, que nos leva anno a anno, os nossos talentos, os nossos homens prestantes, politicos, jornalistas, pensadores!

As actas dos duellos gemem desastres sem fim! e então em se abrindo o parlamento, a gente não topa senão com gente vestide de preto!

—Quem é aquella familia de luto?

—E' a do deputado Julião, morto em duello.

—E aquella?

—A do par do reino, Serafim, que um duello prostrou no campo da honra.

—E este a do jornalista Feijão e est'outra a do homem de lettras Crispim! e é um nunca acabar de mulheres sem maridos, de irmãs sem irmãos, de filhos sem pai!

Ai!

Os poderes assistem a esta festa de canibaes, a patria, a boa mãe, a este supplicio dos seus filhos, e o mundo a esta apotheose do assassinato á portugueza!

Conhece-se que somos os descendentes dos velhos leões guerreiros: uma phraze menos limpida nos faz arrancar a espada, uma leve insinuação, um piscar d'olho por somenos malicioso, nos atira aos azares da lucta, aos braços gelidos da morte!

Crescem os asylos de orphãos e viuvas, augmentam os cemiterios a despeito dos protestos dos medicos e o decrescimo da população pelas mortes em duello e pela corrente, cada vez maior, da emigração ameaça deixar apenas quatro ou cinco lymphaticos sob o torrão deserto da patria, para acabarem, alfim, como os grillos, por se comerem uns aos outros, no ultimo duello, á unha!

Por nosso bem a ultima pendencia d'honra levantada na camara popular, serenou, sem chegar ás sangrentas exhibições das actas.

Foi assim melhor, nem a Republica nem a Monarchia possuem campeões de sobra e francamente e preciso serenar a Europa e poupar os nossos necrologios e as nossas lagrimas.

Desde que Marianno perdeu em Bemfica a cabeça do dedo minimo, em fatal recontro, até hoje o novo anno de graça de oitenta e nove, que rastro de cadaveres!

O' pais da patria, amansae o pôtro fogozo da rethorica, sede calmos e prudentes, só assim podereis poupar-nos os tremores pelas vossas lutas e o trabalho de andar sempre a recitar intimamente, apprehensivos:

«Vae alta a lua na mansão da morte
Já meia noite com vagar soou:
E um deputado com alheio porte
De buxo aberto, no jazigo entrou!»

Brrr...

O CONGRESSO AGRICOLA

Mais um, e este começa bem, porque inaugurou os seus trabalhos imitando os *collegas* do parlamento: com berratas e chiofrins.

E senão veja-se o que um jornal escreve ácerca da primeira sessão, aberta sob a loira presidencia do sr. Conde de Bertiandos.

. . . .

O sr. presidente dá em seguida a palavra ao sr. dr. Pinto Coelho.

N'este ponto, o sr. Domingos Dias Pereira toma a palavra sobre a constituição da meza.

Vozes:—Não tem a palavra!

O sr. Pereira insiste. Levantam-se protestos ruidosos:—A' ordem! Ordem! não póde fallar.

O sr. Pereira pede que o inscrevam para tomar a palavra depois do sr. Pinto Coelho, e declara que pretende fallar apenas sobre a illegalidade da meza constituida.

Pede a palavra o sr. dr. Jacintho Nunes.

Vozes:—Não tem a palavra! Não póde fallar! Ordem!

. . . .

Ora, francamente, um congresso que inaugura as suas sessões não consentindo que os congressistas fallem .. é tudo quanto se póde imaginar de menos congresso; parece mais um armazem de *rôlhas*.

Mas agora reparamos que não deixaram fallar o sr. Dias Pereira, porque este cavalheiro se queria referir á *legalidade da constituição da meza*; e esta, que se suppõe inviolavel e indiscutivel, deixou que tapassem a bocca ao congressista!

E afinal o sr. Dias Pereira, que não tem maus figados, seria o primeiro a notar no mesmo presidente e nas mesmas secretarias. O que elle não queria, e com rasão, ao que nos parece, é que o considerassem um carneiro, embora de Panurge pela simples rasão de que... detesta a raça.

O sr. Jacyntho Nunes não tem melhor sorte. Apanhou uma *rolhada* em cheio, que o deixou azabumbado!

E foi para isto que incommodaram umas dezenas de bons homens, obrigando-os a desemmalar as venerandas casacas e os menos venerandos chapéus altos, e virem por ahi abaixo, a toque de caixa,—simplesmente para dizerem *Amen* aos promotores da coisa!

Pura comedia, afinal, fiquem-o'o sabendo os ingenuos lavradores, que não commungam á mesa dos monopolios.

A mulher marcha!

É a «Liberté» de Paris que nos dá a boa nova de que duas senhoras receberam o diploma de capitães de navios. Antigamente, quando a poesia portugueza era o esforço docetio d'uma geração de visionarios indolentes, de voluptuosos incomprehendidos, de mandriões, arrojados a um mundo, que ai d'elles e dos prélos! não era sufficiente para os entender—lameçal onde rastejavam estas lacrimosas pombas brancas—as canções dos barqueiros, os descantes dos marinheiros, as imitações das noites venezianas, enchiam as columnas dos jornaes litterarios como a mais fina geléa dos espiritos. Mas era, em geral, a amante que soluçava quando o amado se ausentava na barca.

O PRIMEIRO DISCURSO

Castro Alfarellos da Cunha, bacharel em direito, senhor dos maiores olivaes do seu districto, filho de Alfarellos pai a D. Conymedes, foi mandado ser deputado á falta de outra occupação para seus ocios e por conveniencia politica do governo.

Recebidos os cumprimentos dos maiores contribuintes da comarca, uma saudação philarmonica, Alfarellos entra no seu gabinete e medita sobre a carreira aberta ao seu engenho: —Devo começar por um discurso de nome! O discurso é tudo. Preciso entrar de roldão, causar surpreza, espanto.

E vai para dois mezes que Alfarellos rabisca, corta, emmenda, garatuja, borra e rasga, papel e mais papel. Ao terceiro mez, dias antes da abertura das camaras, Alfarellos completa a obra, e como o bom Deus: achou bom!

Decorado o discurso o actor começa a sentir a necessidade do applauso e dirige-se á esposa.

—Ouve, filha, vê este começo·

«Arrancado ha pouco ás margens frondosas do rio, entre mil poetico, o Mondego, mal posso, sr. presidente, arguer n'este templo augusto a minha debil voz»!

—Bello Castrinho, muito lindo!

Um chôcho sella o elogio e corôa o oradôr.

Primeira conquista.

Os creados, ao vel-o passar pelo curral das vaccas, de cabello ao vento, gesticulando, eotra-olham-se sorrindo e um d'elles exclame:—o patrão anda com e mosca!

—Aquillo é lá p'res côrtes.

E o meioral:—que não vai lé outro com mais bote.

—Como elle hontem disse logo qoe doze pães, a pataco era um pinto!

Outra conquista.

—O maior influente do concelho vem visital-o:

—Bonifacio, ouça um pouco, do que eu vou dizer áquella gente:

«A patria! Sabem os senhores o que é patria?

«E' a terra de nós todos, o berço dos oossos avós, o tumulo dos nossos filhos!

«Pela patria, e alma; pela patria e vida; pela patria a morte! D. João IV.. »

Interrompe-se n'este ponto, commovido, porque .. Bonifacio chora!

Nove conquista.

«Sr. presidente errancado, ha pouco, ás margens froodosas do rio, entre mil...

—Peço a V. Ex.ª que se restrinja é ordem do dia.

—Vou restringir-me, sr. presidente. «A patria, sabem os senhores o que é a patria?...—e por ahi adeante... até ao «disse»!

Felicitado pelos emigos de todas as feições, tal foi a força poetica do seu discurso! Um telegramma para e familia, um janter no Silva.

A patria tem mais uma gloria, e banalidade mais um levita, es pastes um concorrente a mais.

Temos mais de cem glorias d'este calibre, e comprehende se bem porque as camaras nos hão de levar á gloria

Pescador da barca bella
Onde vais pescar com ella?...

Hoje, com esta nova orientação dos espiritos femininos, teremos de mudar a lettra das barcarolas, porque seremos nós os condemnados a esperar em terra a volta da esposa, que foi a Valparaiso, Arica, Islay e Calau, a commandar o vapor *Disparate* da «Mala Real Ingleza» ou a galera *Divorciada* da «Companhia Transatlantica de Navegação Recreativa!

Alarga-se o campo do romance. Emfim, é preciso. O drama da vida real entre o fogão e a *chaise longue*, começa a tornar-se monotono. E' necessario alargar o scenario, e isso a ninguem melhor compete do que á fogosa America, a terra por excellencia das revoltas femininas.

Um monstro, um «Great Eastern», arquejante e lendario como um antidiluviano, commandado pela voz doce d'uma mulher, e arquejando o dorso ao aceno da sua pequena e branca mão nervosa! Mas é delicioso, afinal!

No entanto, ó gentil Miss, eu prevejo, um dia, ou uma noite, a scena dramatica.

Na vossa decima quinta viagem, notastes, sem querer, um rapaz. Ao terceiro dia, elle offerece-vos uma rosa que se lhe desbota na lapella da rabona em quadrados, e á noite no tombadilho, por acaso, encontrais-vos e fallais... da viagem, do tempo, do mar!

Oh! do mar! a noite é calma, o ceo estrellado!

No outro dia será facil vel-o no vosso beliche, no chá das cinco horas e se alguem indiscreto escutar ao tabique do camarote, poderá ouvir uma phraze nova no diccionario do amor, em tremula voz: «capitôa amo-vos!» Desde esse dia, ó pobres passageiros, encommendai-vos á Senhora da Boa Viagem, que é mais facil cahir um bocado de ceu velho, do que chegardes a porto de salvamento!

O amor alojou-se sob a farda azul da capitoa e as viagens d'amor são bem mais perigosas das que as viagens em balão; não tem lastro, nem valvula e obdecem cegamente ao gaz.

No fim da viagem:

—Capitôa estamos á vista dos recifes; navegamos para a costa com uma velocidade de 12 milhas...

A capitôa ao tal rapaz: diz-me que não desembarcarás, que serás meu!

—Não posso, tenho deveres.

—Morrerás commigo! Mais força... a todo o vapôr.

—Capitôa, estamos perdidos! grita o immediato.

Oh! ainda bem!

O navio arqueja n'um baque enorme. Gritos horrorosos confusão, terror... A scena illumina-se a magnesio o navio afunda-se e, á pôpa, de joelhos, ao lado d'um cadaver, a capitôa desce lentamente aos abysmos do oceano, as mãos alevadas ao ceu!

Surdina na costa.

Eh! dramaturgos, afiar as pennas!

Obrigados Miss!

D. Ermelinda Lopes de Vasconcellos, e segundo rezam as tubas da fama, a primeira doutorada em medicina pela Escola do Rio de Janeiro. O Brazil desbanca-nos, porque nós só lá para julho do corrente anno, poderemos fornecer á pathologia nacional um Galeno de chapelinho de palha d'Italia e «tournure».

Comprehende-se porém: o Brazil é um paiz novo, cheio de seive, ebraçando as idéas modernas com aquelle fome dos corações juvanis a ingerirem todas as theorias radicaes dos pensadores modernos. O Brazil depois de emencipar o escravo, pretende glorificar a mulher: — ao primeiro arrancalhe do pulso as algemas, como se diz no hymno; á segunda metta-lhe uma seringa na mão!

Sua Magestade imperial dignou-se assistir ao acto de formatura de nova medica e os jornaes não dizem, se, como Charcot, elle dirigiu á illustre bacharelada palavras relativas á sua belleza, d'ella.

Isto faz-nos peosar que a douctôra é faia!

Minha rica senhora, se assim é póde V. Ex.ª ennunciar «urbi et orbi» que não tractará ninguem. As mulheres não a chamarão e os homens... ó creia V. Ex.ª, á hora da morte, uma mascara á cabeceira deve ser horrival!

Se, porém, é bonita continúe. Deve ser feliz. E' tão bom reclinar a cabeça qoente da febre no collo d'uma mulher bonita!

O' medicas! ó vehiculos dulcissimos das triages, ó hostias Limousin dos saes amargos, collyrios do emor convalescente, eu vos saúdo!

RAPAZIADAS

A' sahida de aula de latim, conte um collega, os rapazes atiraram para traz das costas o respeito que se deve eo homem que ons dá o pão do espirito sob a fórme agradavel das conjugações a das ragras de syntexe e fizeram uma assuada tremenda a Epiphanio Dias, o velho e já lendario pezadêlo enlunetado dos pais de familia e dos meninos que arranjem curso.

Epiphanio tem o condão de provocar com a amabilidade do tracto e acções de gentleman, astas manifestações sympathicas dos academicos. No Porto, em Coimbra, e em Lisboa pódo affiançar-se que se sua ex.ª não tem já as honras de professor mertyr, não tem sido por falta de judeus que o preguem na cruz, mas por falta de um Pilatos, no ministerio do reino, que o atire ás turbas, clamando: — lavo as mãoe do sangue d'este alfenin!»

Foi o caso que Epiphanio chemou «mascara» a um estudaote de batina.

Quando um professor desce, o'uma cadeira publica, a abendalhar a gravidade do mestre pela graçola do gaiato impune, não deve astranhar-se se o alumno lhe fizer entrar pelas orbitas as lentes da luneta, em soccorro da sua miopia cerebral.

Pode dizer-se que o alumno endou mal; mas só depois do professor tar abendonado a cadeira de professor, palo banco oode se sentam os insolentes. A dignidade do homem não começa no estrado do professor; demais o sebemos.

O sr. Epiphanio alcunhaodo de «mascara» um alumno que tem o direito de se appresentar como se apresenta, collocanos na contingencia de lhe poder-nos chamer garoto, sem ter o direito de o ser, nem em portuguez, nem em latim. O que fez o conselho do lyceu?

Esperamos reverentes!

The Last Rose of Summer

Ditosa, a filha com um sorriso brando
A illuminar-lhe o rosto alvinitente,
No Erard de cauda, distrahidamente
Toca a «Bamboula», tremula, escutando

O primo, um loiro e esbelto diplomata,
Recentemente *addido* d'Inglaterra,
Que lhe descreve em phrase aristocrata
Toda a poesia que o *Ménage* encerra

Como vae longe o tempo das Salesias!
E como esquece, a Filha de Maria,
O que diziam perfumadas rosas,
Do mundo sobre a fragil alegria!...

Calou-se o piano. — As loiras irmãzitas
Com a mestra chegam sobraçando os arcos.
Descahe o sol nas ondas infinitas
Vem da barra a todo o panno os barcos

A pouco e pouco escurecêra a sala.
As arvores do parque, firmemente,
Destacam sobre o mar e sobre o poente
De rubis, de topazios e d'opala

Á esquerda, olhando os noivos, miss O'Brien
Juncto d'um biombo esfolha distrahida
Uma orchidea, e scisma, entristecida,
O longinquo da sua verde Erin?...

ALBERTO OSORIO DE CASTRO

Ao sr. Fialho d'Almeida

Aromatisa finamente a sala
O chá em Sévres cor d'anil e d'oiro.
Five o'clock tea... Um bonifrate embala
Sobre o Bréguet o seu turbante moiro.

Do parque vem alegres gargalhadas
De creanças, brincando. Os escudeiros
Trazem as largas salvas brasonadas,
Silenciosos, correctos, mesureiros

Amontoam-se em mesas de charão
Mil *bibelots*. As velhas colgaduras
Cahem do alto. Avultam esculpturas
Entre arbustos. A' roda do salão,

Veem-se avós em trajos de gavotas,
Do tempo nobre . No ar azul, macio,
Passa um vapor seguido de gaivotas
Sobre o cobalto liquido do rio.

Fuma o marquez, immerso na leitura
Das «*Lettres chimériques*» O São Bernardo
Dorme-lhe aos pés, sonhando porventura
N'algum pastor gelado no seu bardo

Austera e grave, a pallida marqueza
Ouve attenta os negocios da Missão,
Que lhe contam com doce singeleza
Dois lazaristas vindos do Japão

«O THESOURO DA SÉ»

Deixa que

> Morra na cruz dos taus braços
> Um sacerdote da cruz.

Assim dizia o «Bispo» de Guilherme Braga, á hespanhola com quem ceiava, no opulento gabinete damasco e ouro, no meio da preciosa baixella roubada á sachristia. Assim dizia ha poucos tempos o thesoureiro da velha Sé Olyssiponense, á bella Judia que o escravisára, no 3.º andar da rua do Arsenal! E louco, o thesoureiro, como o voluptuoso e audaz bispo do poema, promettia:

> as gordas rijas parelhas
> das mulas dos «cardeaes»,
> e as altas seges vermelhas
> que teem cem annos ou mais.

Ora a Judia parece que era menos generosa do que a hespanhola, porque acceitou uma carruagem vermelha e procurou vendel-a.

E, supremo sacrilegio! os castiçaes que tinham allumiado os sagrados retabulos da Sé, illuminaram do mesmo modo as scenas do mais estranho amor — o d'um padre christão aos pés d'uma descendente dos velhos rabís da Judeia, os crucificadores do seu Deus!

Ora como toda a gente sabe que o olho da Providencia não se fecha, elle cahiu sobre estes affectos sacrilegos e mostrou ao mundo, mais uma vez, onde descem os homens sacrificados bestialmente as concepções comicas d'uns velhos santificados pela decadencia da vida, ao mistiforio sacro-comico das conclusões dos concilios, acorrentadas ás theorias abstractas d'uns polichinelos da moral, no sacrificio da natureza humana, prodiga de affectos, de paixões, de necessidades, de leis!

Pobre padre e miseravel victima! Elle fez o que tem feito os guarda-livros roubando as caixas e os creados roubando os amos, os feitores roubando os patrões; todos os que se teem apoderado dos valores que lhes confiam levados por uma força mais poderosa do que a consciencia da indignidade que commettem.

Elle tinha sob e mão os castiçaes: roubou os castiçaes; tinha oe thuribulos, as navetas: roubou os thuribulos, roubou as navetas.

Não sejamos crueis com o padre. Por baixo d'ella, raspando-lhe a sotaina encontra-se o homem.

Parece que o mais natural seria libertar este homem d'esta sotaina que o mascára, corrompe, aniquila, bestifica, obrigando-o a estar fóra da natureza, fóra da humanidade.

Como homem merece a censura, como padre não merece a clemencia; basta-lhe o sacrificio de o ser.

O facto é banal: o roubo por amor. E' de todos os dias, é de todas as horas.

Não exploremos a posição do homem. Sejamos justos.

Colloquem a qualquer homem, d'um lado, a mulher amada com toda a seducção do sua individualidade, bella ou não bella, intelligente ou estupida, mas amada; do outro lado a posição, a moral, o nome, todas as considerações, todo o bom senso, todas as consequencias d'uma falta e digam a eesa mulher — que mande.

O homem não leva os castiçaes? não vende a sega?

Ora, adeus! Por mim conheço que, n'estas circumstancias, eu não me limitava á sege e aos thuribulos, eu vendia até... o patriarcha! Oh!!!

Mettam-n'o no Limoeiro, mas lamentem-n'o, coitado — porque muito amou!

Moralistas, venha a primeira pedra

No domingo passado, foi S. A. o infante D. Affonso, passear pela estrada de Bemfica, com um dos seus ajudantes, quatro machos, e dois creados. Tudo n'um carro de caça: os machos puchando, o resto nae almofadas do carro. Chegaram lá adeante, vinha do fundo da estrada uma cerroça — os machos do infante espantam-se, entram aoe saltos, precipitam o carro, cospem o infante e os do seu sequito, e lá vae de ruetilhada a traquitana, pelo caminho adeante, té encontrar quem a sustivesse. A certo ponto, um commendador metteu-se-lhe debaixo, pelo proposito glorioso de apanhar um boléo qualquer que tivesse a chancelia dos Bragenças, a fim de a vir passear depois para a Avenida. E os jornaes, horas depois descrevendo o caso, davam por inteiro o nome do tal commendador.

Foi o bastanta para no dia seguinte correrem ao local, todos quantos commendadores ha disponiveie em Lisbôa, á espera de qua o infante viesse e os atropelasse. S. A., que apazar de valente é delicado, sabedor da affluencie de victimas ao sitio em que decorrera a ultima das suas imprudencias, expediu dois espaduados creados pr'a Bemfica, armados de cacetes, e com ordem de quebrarem nma costella aos cavalheiros que se apresentassem a reclamar semelhente distincção.

Entre os desancados, registram os jornaes o nome de varios congressistas que entes de deixar Lisboa, andavam á busca d'uma recordação que levar para as familias, e o de não sei quantas senhoras hespanholas, que não tendo podido conquistar o amor do principe, se resignem ailim a colleccionar-lhe ao menos as taponas.

Foi-se o congresso agricola, e com ella deixaram a cidade os quatro mil boquiabertos que tinham vindo ameaçar a capital c'os seus rompantes.

E' natural que d'elle não fiqua mais que o *leão dos campos* do sr. Pinto Coelho, um caturra, e o grito *d'abaixo os jornalistas*! d'um doutoreco da Coimbra, tão mysantropo como esmiolado. O «leão» está a empalhar para o museu da camara dos deputados, aonde figurará ao lado do «cavallo branco» e das «tres metades» do sr. Manuel d'Assumpção, do «effectivameote» do sr. D. José de Saldanha, e do «irrevogavel» do joven Liraça Marcellino Arroio.

Quento ao grito do doutor, lamentemos o nosso atrazo em coisas da phylantropia. Nos pagodes da Bassora, refere o Heine, até havia asylos para o tratamento de macacos idiotes.

— Abaixo os jornalistas! — eis um dos rugidos mais temerosos do leão dos campos: e pelo mau halito de que se acompanhou esse rugido, elguns congressistas disseram, tapando as ventas, de rasto acostumadas eoe sulfuretos ventraes d'outras alimarias — lá se *basou* o leão!

Oh, que se a sellagam passa! E depois de passar, se vae generalisando a todo e qualquer producto exotico do paiz!... Quantas boccas d'oiro carecerão de ser selladas, porque estanquemos n'ellas a catarata d'asoeiras, prestes sempre a despejar, sobre os assumptos que passam, as suas salsugens d'inepcia ou petulancia! As primeiras boccas a sellar, seriam as dos deputados da opposição, que ainda hontem pelas de dois dos seus mais garbosos caudilhos, disse coisas de fazer arripiar santo Bom Seoso. A proposito de sello, Chagas arrojou-se a fundo sobre o sr. Marianno de Carvalho, ao qual chamou tudo o que se pode chamar a um homem, com acrescente d'aquillo que, sem quebra de melindre, se póde chamar a um desavergonhado. Era de ver o gesto calmo e o sorriso de dogue refilão, com que o ministro da fazenda o esteva ouvindo— e o silencio da maioria, que exangue e quêda, parecia admirar apenas no orador, o comediante.

Que este Pinheiro recita monologos na perfeição, e chega a ser crime deixal-o encanecer no theatro do Rato de S Bento. Que faz o governo, que não escriptura o fogozo galan em D. Maria? Que largo gesto, que dicção tractada, e que cabello! Lembra-me o Tasso... no hospital dos doidos.

Ao fim do repto, como nem o ministro nem os da sua tropa redarguiam, ergueu-se Arouca, e desanda a perguntar se não havia alli alguem que defeodesse aquelle Lazaro. Lazaro depois de chagado, não precisa que o defendam, mas que lhe lambam as feridas. P'ra lamber feridas, não ha como a lingua d'um cão. Ora n'este ponto, o sr. ministro da fazenda está de grande, porque segundo se diz, não tem poucos.

Continua na maioria a debater-se a questão dos *leaders*. Ha tres ao *guichet*, por esta semana. A saber. O sr. Eduardo José Coelho, geometricamente um ponto, notoriamente uma virgula — que é como se sabe o *bacillus* do cholera; — o sr. Elvino de Brito, superficie considerada com uma só dimensão, o comprimento, tanto nos discursos, como na estatura; e parece que o sr. José d'Alpoim, cuja dimensão predominante é a largura. Chromaticamente, poderiamos definil-os d'este modo— um verde, um pardo e um côr de roza. Com estas tres côres fez a modista Laferrière o *toilette* de Sarah Bernhardt para o primeiro acto da *Tosca*: mas desconfio de que com ellas o partido progressista faça alguma coisa, mesmo um dominó para os bailes de mascaras da Ajuda.

E a proposito d'Ajuda, lá teve o sr. Mattoso mais uma — de custo. E é já a decima segunda n'este mez!

Para fechar. Ha por ahi agora uma revoada nova de philosophos. Para exprimir qualquer coiza, estes pancracios ajaezam se de termos comtianos, e tão arrevesados conceitos, que não póde qualquer d'elles metter fios na fistula cocxica, sem vir á balda o *eu* e o *não eu*. Ha quatro dias foi a casa do medico um d'esses grandes homens ignorados, e para explicar do que soffria, começou d'esta arte o seu discurso:

—Eu cá, senhor doutor, sinto alguma coiza de vago e d'incoercivel, como se o meu *eu* rezidisse fóra de mim...

E o clinico, attencioso, e com a sua *raillerie* benevola de mestre:

—E v. ex.ª, defeca todos os dias?

Irkan.

ROGERIO LAROQUE

Deixem me enxugar a ultima lagrima!

Ha seis noites que vi o Rogerio e ainda me parece estar a vel-o! A vel-o e a ouvil-o!

E' a maior, a mais crúa licção que se pode infligir á policia e á justiça. Em toda a parte parece que os Moraes Sarmentos são da mesma força!

Mas o que não ha em toda a parte são dramaturgos crueis que atirem com as individualidades graves dos commissarios ao riso das plateias!

E ainda bem!

O Rogerio é um drama de carreira. No domingo ultimo o pranto corria no corredor das cadeiras depois de invadir a orchestra e obrigar os musicos a levarem, nas nôites seguintes, galochas de borracha.

Uma respeitavel senhora que se seotava na cadeira em frente da minha, dizia para o marido que a olhava fazendo beicinho? — Anacleto, chora menino, olha que o suster faz mal? E choraram ambos, longo tempo; lá fóra, no largo, nos intervallos, viam-se os espectadores torcendo os lenços. Ao lado d'estas scenas tristes houve, naturalmente, a parte comica.

— V. ex.ª lembra-se, dizia um espectador para outro, no 1.º intervallo, de quando, uma vez entrámos em D. Maria para ouvir o Rogerio La Roque?

— Se me lembro; ha que tempo isso foi! Inda eu apartava o cabello. O interpellado era careca! E' um drama para familias pobres; pagam uma noite de recita e vêem tres peças muito razoaveis. Não é porque as peripecias, o enredo, a acção e as mortes não dessem bem para cinco dramas de folego, mas é que n'isso o auctor foi ainda discrepto para evitar que o alcunhassem de plagiario da arte dramatica chineza.

Se o drama tem mais um acto tinha forçosamente da ser visto no dia seguinte, ou poderia dar-se o caso poetico de, á sahida dos espectadores, entrar a aurora, cheia de aljofar.

Que bonito! e como me sahiu bem esta imagem!

A peça é pois extraordinaria pelo tamanho.

E' a legoa da Povoa dos dramas conhecidos, dizia-me um critico de muito juizo: mas abençoado tamanho que a faz ser a maior peça do reportorio de D. Maria II. Se lhe mettem uns córos e um bailado, meus ricos senhores, tinhamos para o resto da nossa vida.

Tem interesse a peça. Scenas vivas, de effeito. Mas parece-nos que o maior interesse, quando aconteceram aquellas coisas, foi para os cangalheiros de Paris.

A' maneira que vão morrendo os actores a gente chega a

Sellagens
Sellagem
O sello do amôr moderno

Collagem accidental
Sello da harmonica domestica
O Sello da Miseria
ete

pensar: escapará o ponto? não escapará? E esta duvida punge-nos O ponto porém salva-se e por felicidade inda muitos vivem para poderem acabar a peça, casaram e provavelmente terem muitos filhos. Nem tudo são lagrimas. A virtude triumpha, sem fogos de bengala, é verdade, mas visivel, abrindo as azas brancas na scena alias formosa do ultimo acto, a pousando o seu pé de neve, sobre a barriga, de Augusto Rosa, que proemma aluvamente para o tecto.

Novas lagrimas... de alegria!

E n'este enchugar d'olhos permanente, mal se pode admirar uma actrizita de seis annos, que tem, ó caso maravilhoso! a comprehensão de todas as subtilezas da moral humana e em cujo cerebro as paixões, os odios e os ciumes, com todas as suas consequencias, vibram fartamente, á larga, produzindo os pheoomenos vulgares que é de razão darem-se nos organismos adultos.

Como a humanidade é precoce e como os dramaturgos funebres, arrastados na torrente do inverosimil são capazes de ir explorar o disparate ate ao cerebro virgem das creanças!

Aqui não choravam os espectadores, mas chorava e verdade, a phisiologia, a natureza!

Não custa a acreditar que haja um auctor que ponha n'um craneo de creança um cerebro de 20 annos; o que parece impossivel é que haja uma creança que possa conseguir arremedar, tão de perto, uma mulher que soffr. d'uma doença moral.

Emfim, vê se e admira-se.

O desempenho é, em geral bom. Deve-se especialisar João Rosa no tribunal, e Brazão no quadro em que vem buscar a filha e ainda no ultimo

Bom vento.

HYPNOTISMO

Referem os jornaes, com raro pasmo, que um medico de Lisboa, chamedo para tratar uma senhora, que n'um ataque histerico, não fallava, nem podia comer nem beber, a hypnotisou «dando lhe immediatamente a falla e a facilidade de comer a beber!»

Fica a gente a pensar o que ha aqui de extraordinario: se o medico, praticando, no seu dever, um acto simples da profissão; se o hypnotismo por se ter dignado continuar a ser um processo therapeutico!

Se o distincto medico chegesse a casa d'esta senhora e «do manto negro sacudindo a chuva» lhe dissesse, estendendo o braço sobre o seu leito, em gesto de Nazareno percorrendo as ruas de Jerusalem: —mulher falla!— e alla fallasse, bem. Comprehendia-se o pasmo! Mas não, o douctor, foi simples homem de sciencia, empregou o hypnotismo como podia recorrer a outro qualquer agente; onde está aqui o maravilhoso?

Mas então o que pensam os senhores acerca dos serviços dos medicos? Para que imaginam que servem estes sujeitos? Temos então muitos mais factos a registar e que eu peço venia para lançar nos annaes da historia.

Ha um medico em Lisboa, que chamado para tratar uma senhora, de febres intermitentas, conseguiu cural-a em dois dias, fornecendo-lhe — vejam que miseria — uma simples gramma de sulfato de quinino!

Um outro despertou o appetite d'uma menina com uns granulositos de quassina.

E ainda um outro que deu a falla a um menino, cortaodo-lhe o freio!

E' preciso não esquecer estes medicos extraordinarios, que se empregam — a tratar doentes!

Se é, porém, ao hypnotismo que se dirige o louvôr respeitoso, a admiração, eu peço aos jornalistas espantadiços o favor de dirigirem tambem as suas odes, ao quinino, á quassina e ainda aos canivetes do sr. Polycarpo.

E' um verdadeiro encanto o entrar no estabelecimento da florista franceza, um delicioso jardim das mais bellas flôres, que se ostenta, aromatisado a fresco, no Chiado, no n.º 146.

Tudo quanto a phantasia mais caprichosa pode exigir em *bouquets, corbeilles, piquets de table, gerbes fleuris, boutonnières*, etc. tudo ali se obtem, com as mais raras e mais viçosas flôres das diversas estações. Experimentem, amaveis leitoras, experimentem e logo hão de ver que não exageramos.

INFANTE D. AFFONSO

Dando conta do desastre succedido no ultimo domingo a sua alteza o infante D. Affonso, de que felizmente não resultou para sua alteza achaque de cuidado, o *Popular* termina a sua noticia:

«Estimemos de todo o coração que o desastre succedido a sua alteza não tivesse mais graves consequencias, como se podia esparar do modo como succedeu.»

Como se vê, o coração do *Diario Popular* tem ainda, pelos principes, aquelles repiques de entranhado affecto dos tempos em que eram «criancinhas louras.»

Onde se aninham os grandes amôres!

PELOS PALCOS

Até que finalmente o elegante theatrinho da rua dos Condes entrou n'um periodo de prosperidades. Deve esse milagre á graciosa peça de Souza Bastos — *O casamento da Nitouche* — que é um verdadeiro desopilante para tristezas e melancolias, com um desempenho bom por parte da actriz Pepa a da Alfredo de Carvalho, e rasoavel por parte dos restantes artistas.

O Gymnasio não tem om momento de descanço. Com um sortimento enorme de comedias, varia constantemente d'espectaculo, conservando assim os frequentadores em permanente novidade. Até já ali se representa uma comedia original, — *avis rara* n'aquelle theatro.

Referimo-nos ás — *11 e meia* — de Acacio Antunes, uma comedia bem urdida, com pilhas de graça e bem representada.

O Colyseu tambem segue em maré de enchentes, devido ao variado *recheio* de uns espectaculos. A nova exhibição dos *Liliputianos* tem dado no góto a muita gente, e d'ahi uma concorrencia seguida.

Um verdadeiro successo.

AO CORREIO

Já n'um dos ultimos numeros nos referimos e pedimos providencias á administração dos correios, pelas irregularidades continuas de distribuição, de que os nossos assignantes se queixam e de que nos somos as maiores victimas.

Francamente não sabemos como pedir, para dar remedio a este estado de coisas, para podermos livrar-nos de censuras que não merecemos e da roubos que não podemos evitar.

As queixas são perfeitamente inuteis; todavia não deixaremos de clamar pelos nossos direitos, mesmo para nos justificar-mos perante os nossos assignantes, deante d'alguns dos quaes teem sido feitas as remessas, convenientemente cintadas e selladas e sem nunca mais as receberam.

Fica mais esta queixa para juntar ao côro das que todos os dias se levantam, inda que, provavelmente, terá o effeito das anteriores.

Oxalá que assim como a nos, os lezados, nos compete o queixar-mo'-o os, a alguem competisse o dever de providenciar.

Parece-nos que não.

Isto é o paiz do sello obrigado, mas dos deveres facultativos. Quando o estado rouba chama-se desleixo... e contra os desleixos não ha codigo penal!

Até sempre.

ESTATUA

Foi comprada pelo governo a magnifica estatua de Thomaz Costa — Le danseur au tambourin—.

Um acto louvavel, que applaudimos sinceramente. N'um paiz em que a politica pódre absorve milhares de contos, é para louvar que se dispendam algumas libras em soccoro da arte nacional, sobre tudo quando esse soccorro se reflecte sobre a acção d'uma poderosa individualidade artistica como a de Thomaz Costa.

Felicitamos o governo pela justiça da compra a Thomaz Costa pelo lisonjeiro resultado do seu valioso trabalho.

PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

Cronicas de viagem. — Collecção de apontamentos ligeiros, rapidamente coordenados, de Alberto Pimentel.

Lê-se sem difficuldade o livro, por despretencioso e singelo. Coudana-se com a singeleza do assumpto o desprendimento da fórma e se pode desagradar, aqui ou alli, aos finos «gourmets» das lettras, recomenda-o a naturalidade e a despreoccupação com que é feito.

Um caso. — Monologo de Gil Vespa. — Umas vinte quadras graciosas e simples, sobre o caso d'um casamento como ha tantos. Agradecemos ao auctor a delicada offerta, e recommendamol-o aos recitadores de monologos. Tem graça e pode ouvir-se; duas qualidades raras.

Recebemos o primeiro fasciculo da publicação que o dr. Frederico Laranjo encetou, em Coimbra, das licções que professa este anno, na cadeira que rege na faculdade de direito, com a designação de *Principios e Instituições de direito administrativo*.

Ha a louvar a corajosa e louvavel hombriedade com que o distincto professor ataca a *sebenta* e preconisa a ideia dos professores publicarem as suas licções. E' por isso que não podemos deixar de felicitar o distincto professor

A Illostração. — O n.º 25 d'esta excellente revista artistica e litteraria, que acabamos de receber, vem palpitante de actualidade e cheio de interesse. As gravuras são todas magnificas, e variadissima a parte litteraria.

A Illustração consta de 16 paginas e innumeras gravuras excellentemente impressas em optimo papel, a custa avulso 100 réis.

Vende-se e assigna-se no escriptorio da Companhia Nacional Editora, successora de David Corazzi a Justino Guedes, rua da Atalaya, 40 a 52.

A CABRA, O CARNEIRO E O CEVADO

[Fabula de la Fontaine]

Uma vez
Uma cabra, um carneiro e um cevado
Iam n'uma carroça todos tres
Caminho do mercado:
Não iam passear, é manifesto;
Alguem que fosse no rasto
Dava com elles talvez
N'alguma casa de pasto..
Mas emfim vamos ao resto.

Ia o cevado n'uma gritaria,
Que a cabra e o carneiro,
Não podendo na sua boa fé
Adivinhar a causa do berreiro,
Diziam lá comsigo:
«Que mania!
Cá este nosso amigo e companheiro
Por força gosta mais de andar a pé.»

O caso é,
Que o cevado gritou tanto ao tão pouco,
Que o carroceiro
Perde a cabeça,
Vae como um louco,
Saca um fueiro
E diz-lhe: «Hom'essa!..
Essa agora!
Pois o senhor não vê que esta nem chora?
Que nem sequer as lagrimas lhe saltam,
Como é tão natural n'uma senhora?
Goelas não lhe faltam, e de ferro..
O ponto é que ella as abra;
Mas é cabra..
Teve outra criação:
Não dá um berro
Sem alguma razão!
E cuida que este cavalheiro é mudo?»
(Aqui o *cavalheiro*
Era o carneiro);
E' serio, tem proposito, é sisudo!
A's vezes berra, que estremece tudo;
Mas só quando é preciso:
Tem juizo!
Miolo!

—Miolo!? exclama o outro; pobre tolo!
Elle suppõe que o levam á tosquia,
E por isso nem pia!
Esta, pensa tambem que vae de carro,
Ao tarro,
Vasar a teta...
Pobre pateta!
Deixal-os, lá se avenham;
Mas porcos não se ordenham,
Cevados não se ordenham nem tosquiam;
De mais sei eu o fim com que se criam
De mais sei eu!...
Por isso brado ao céo!
Por isso choro a minha triste sorte!
Por isso gritei, grito e gritarei,
Do fundo de minh'alma, até á morte
Aqui d'el-rei!—

Falava como um sabio! Muita gente
Não discorre com tanta discreção!
Infelizmente,
Quando o mal
E' fatal,
A lamuria que vale?!
Que vale a prevenção?
Antes ser parvo, do que ser prudente;
Porque o parvo, esse, ao menos, menos esse
Não vê um palmo adeante do nariz;
Vê o presente,
E está contente
E' mais feliz!

JOÃO DE DEUS

Julieta Dionesi

E' oma creança e já uma celebridade artistice ! Damos-lhe per isso um logar distincto on nossa galeria destinada ás cousas e ás pessoas notaveis.

Julieta Dionesi nasceu em Liorne (Italia) em 1878. Conte apenas 11 annos de idade. Aòs 10 annss é qoe começou e dar concertos publicos a desde logo se revelou ama verdadeira ertista.

Na sue *tournée* pelas principaes cidades da Europa tem sido elvo das mais enthusiasticas ovações, filhas do netural assombro qua e todos causa aquella precocidade no taleoto.

A imprense dos paizes qua ella percorreu,—reservada eo principio, tal era e sue duvida diante da pouca idade da concertista,— foi depois unanime em calorosos elogios. Os jornaes illustrados disputavam entre si e honra da lhe publicarem o retrato acompanhado de encomiasticas biographias.

Tembem oós consideramos oma honra dando-lhe um logar oas pagines do nosso modesto semanario, e sd lementamos que elle não possa cooter os traços biographicos da geotil criança, que já são noteoilissimos.

Quando e ouvimos, ha poucos dias, no theatro da Trindade, ficámos realmanta maravilhados. Chega a ser inacreditavel como n'uma idade de 11 annos, apenas, se póde chegar e um tal grau de perfeição artistica ? Porque eli oão se encootra só uma execução primorosa, um trabalho mechanico, simplesmenta correctissimo : he tembem um seotimento extraordinario. ha uma interpretação *hors ligne*. Advinha-se uma grande alma d'artista dentro d'aquelle debil organismo infantil. E é isso o qua mais nos assombra, o que verdadeirameote nos arrebata.

Saudamos portanto, e com o meior enthusiasmo, a edoravel criança qua ecaba da honrar Lisboa com e sua visita, e deixemos consignados aqui os nossos votos meis sinceros para que ella prosiga, sempre em crescente progresso e em meio dos mais completos triumphos, e sua brilhante carraira artistica, que já hoje lhe constitue uma gloria immarcessivel.

A protestar contra a sellagem baixou do Porto á capital, uma delegação de commerciantes, que fallou ao governo em lingua de guerre, fiada como está no que ella chama as tradicções d'independencia de *heroico baluarte*. Emquanto a commisão vinha a Lisboa, o commercio do Porto telegraphou que fechava as suas portas, com promessa de as não abrir emquanto o sr. ministro da fazenda não renegasse ós seus intentos, e ordem ao rei pare no prazo de vinte e quatro horas decidir o ministerio a pôr uma pedra em cima da sellagem, ou no caso contrerio, a demittir-se. Em reuniões preparatorias da associação commercial do Porto, tripeiros varios tinham aventado propostas extravagantes, antes que os emissarios d'ella se puzessem a caminho, a apresentar o seo *ultimatum* ao ministerio. Entre outras coisas um commercianta lembrou se trouxesse a Lisboa o coração de D. Pedro IV, n'um frasco d'alcool, para estarrecer com elle a resistencia S. M. el-rei D. Luiz.

Esta ideia de defender o contrabando d'uma cidade, com o coração do maior contrabandista que tem tido a realeza, é na verdade extraordinaria, e de sobejo testemunha a sagacidade e a bravura dos nobres tripeiros, sempre que se tracta de defender os interesses da tripa.

Por Lisboa chegou a pensar-se que a attitude do Porto fosse seria—que além das lojas fechadas, corria a ameaça dos *grrandes* fabricantes fecharem os armazens, despedindo os opererios (vinte mil operarios! vinte mil!) que sem pão, viriam para a rua proclamar a anarchia, espargir o terror e o assassinato, espetando nos chuços, a cada esquina, a cabeça dos adeptos do sr. Marianno de Carvalho.

Imagine-se portanto a commoção da capital, á chegada das tres duzias de ferocissimos amissarios De todas as estações da linha norte, á medida que o trem passava, approximando-se com elles, de Lisboa, os telegrammas ferviam em catadupa — lá vão os barbaros do norte! lá vão elles! com o Atila Guimarães á frente, de chapeu de coco e penacho ao vento. Ha um de barbas que não falla, e é terrivel! Leva uma garrafa d'agua de Loeches, com que pretende assassinar o ministro da fazenda. E outro magrinho, de pêra, diz que ha de fazer uma brecha na pinha do monarcha, dado que este recuse adherir ao movimento anti-sellista.

Chegados os rebeldes a Santa Apolonia, vae uma commissão de lojistas recebel-os. Grandes abraços, effusões, amabilidades... Afinal de contas os revoltosos parecem todos umas creaturas excellentes, com mais saude e mais pello do que os seus collegas alfacinhas, e um tal ou qual abuso de gestos mavorticos, muito embora por arma predilecta tragam quasi todos guarda-chuva.

— Então vocês fecharam a porta?

— Fechámos. Mas como lá as lojas teem duas portas, cerrando uma, a corrente de freguezes está claro que engrossa pela outre.

— Querem vocês um conselho? A terem de fechar alguma coisa, fechem antes a bocca. Vocês não querem sellos. E' que o heroico baluarte está cheio de brechas — e por ellas, quando não entra o contrabando, sae basofia.

— Homem! não brinque c'o fogo. Olhe que isto é a revolução do vinho e do contrabando. Nenhum governo resiste á represalia d'uma *cuchilla* açulada por um copo.

Pela tenacidade das suas intrigas e pela abundancia do seu oiro, tão victorioso se sahe o inglez em Zanzibar, como na rua das Flôres. Ora o inglez é que faz toda esta zaragata, lá no Douro. Olhe que é serio.

— Que revolução! Que revolução! E onde é o fóco?

— O fóco é na Aguardente.

— Sempre as bebidas brancas!

— Fechados todos os armazens de vinho...

— Ora! as bebedeiras augmentam.

— E os Clerigos não pagam.

— É que lhes chegou tambem o S. Martinho. Mas que diz o bispo a isso

— Ordenou preces publicas, afim d'esconjurar a calamidade.

— Até preces publicas, caramba! Mas, senhor insurgente, como é que havendo, no dizer dos telegrammas, ajuntamentos na Praça Nova, estão todas as bandeiras a meio pau?

Pedro Pinto de Campos.

Falleceu na quinta feira 18 do corrente mez, o distincto actor, cujo nome serve de epigraphe a este artigo.

Teve na scena portugueza um dos mais distinctos logares. Se não alcançou um grande nome, se não tem a aureola dos felizes, e homenagem incondicional das multidões, ninguem lhe poderá disputar o direito de homenagem que cabe a todos os que desempenharam com valor, o seu papel no seu officio ou na sua arte.

Foi um actor de grande merecimento. Actor sem artificios, sem «ficelles» com um fundo de naturalidade que o distanciou dos tempos do seu começo artistico, d'alguns collegas que tem ainda hoje e não perderão jámais, o cunho tragico da declamação, o gesto exagerado e incorrecto, e posição romantica e delambida, a entoação cava e melodramatica.

Pinto de Campos debutou em 1854 na comedia «A Ramilheteira» na rua dos Condes.

Fez depois o galan dos «Aspirantes de marinha» e começou a ter nome no «Guilherme Colmann» nos «Tres inimigos da alma», no «Aboletado», no «Feio de corpo e bonito d'alma».

Depois de representar nos «Dois renegados» de Mendes Leal, estreiou-se em D. Maria, na «Culpa e Castigo» com o grande Tasso, conservendo-se ao lado do grande actor.

Lembram ainda a todos os seus ultimos papeis no theatro de D. Maria II. Ahi representou brilhantemente, no «Afilhado de Pompignac», «Longe da vista», «Calumnia» e grangeou fóros de actor de primeira ordem no «Marquez de la Seigliére» e no «Gaiato de Lisboa». O ultimo papel que distinctamente lhe vimos fazer foi de João Reballo, pae, na «Perola» no Principe Real.

Tem ainda mais duas notas caracteristicas na sua vida o estimado actor.

Era um amador conscencioso do toureio, sobre que escreveu artigos e folhetos, e elle proprio toureiou.

Era finalmente, para amigos e indifferentes alguma coisa, que não menos do que os dotes expostos, lhe colla ao nome o respeito saudoso dos homens:—era um homem d'honra.

Com todos estes predicados Pinto de Campos, mereca que se assignale a sua passagem na «Comedia Portugueza» n'este palco onde tantos que o não valem, exploram o favor de graças que elle nunca alcançou.

Na retirada.

Em Santa Apolonia um dos membros da commissão portuense, chamado Alfredo Guimarães, despediu-se d'esta sorte dos amigos que ficavam na gare.

«Tenho pena, meus senhores, de não ter os braços mais compridos para os abraçar a cada um de v. ex.as por sua vez e esganar o Marianno».

Esta imagem dos braços gigantes vem das pantomimas do velho Circo do Price nos tempos alegres do Withoyne, do Secki e do Alfeni.

Não é pois nova nem prime pela novidade do emprego e rajada revolucionaria do commissionado portuense.

O Peixinho é que costuma usar d'ella, nos dias de beneficio, de braços abertos perante o camarote da auctoridade, fitando a sombra com o olhar de quem agarrou 800$000 réis n'aquella tarde.

Sentido e commovedor!

Mas nunca rematou por desejar esganar ninguem com os proprios braços agradecidos!

Era preciso que viesse um homem do Porto, cheio de grandes indignações, para aproveitar a imagem do taureiro e atirar-se depois ao sr. Marianno com mais furia do que Peixinho aos bichos!

A rethorica parlamentar ou jornalistica jámais alcançou tão subido anhelo e comprehende-se que é preciso ter um coração de tempera toledana para fazer bichinha-gate na cara d'um amigo saudoso e com os mesmos dedos, as mesmas unhas, ao mesmo tempo sellar para o correio eterno o pescoço de um inimigo politico.

Só quem come á farta intestinos alheios pode jactar-se de possuir entranhas d'este quilate!

Figas!

NA CAMARA DOS DEPUTADOS
(NOTAS)
NEM um logar vago!
MODO DE PEDIR A PALAVRA EM SESSÕES ANIMADAS.
A GALERIA DOS JORNALISTAS (?)
O Sr. é jornalista?
— NÃO SENHOR, MAS TENHO UM FREGUEZ QUE É PRIMO DE DOIS!
JULIÃO

Um discurso de sensação

Brandr.)

Julião Machado cop.

Artes e lettras.

A litteratura é esta semena representada por um livro adoravel — Mil a uma historias — da Julio Cezar Machado.

A graça simples, original, despretenciosa e portugueza, a naturalidade, o gosto fino oo apurado da fraze, no conceito do termo, o bom humôr de quem está costumado, longos annos, a rir dos homens e das coisas, mas a rir fazendo rir, critica de quem faz cócegs ao mesmo tempo qua belisca ao de leve, e depois um vago ar de superioridade de independencia de processos e maneiras, a um ligeiro travo agradavel de clacissismo, tudo isto a ainda qualidades finas de observadôr delicado, recommenda o livro do illustre escriptor, do primeiro folhetinista portuguez.

Ao lêl-o sente se a gente bem, como n'uma cavaqueira alegra de amigos èm serão intimo; ouvem-se anedoctas, casos, ditos a vae-se tomando café. Accende-se o charuto. E quando se apertam as mãos a se levantam as gollas dos casacos ha ume saudade na despedida, que vem do bocado bem passado, na alegria da alma socegada, no isolamento temporario da velbacaria adstricta ao vulgar convivio do mundo.

E tem-se penna d'outra noite assim e recordam-se ainda, longo tempo, os ditos felizes, o confortavel, o delicioso d'aquelle serão.

Deseja se intimamente que se repita. Tal é voto que se sente ao acabar de ler o livro delecioso de Julio Machado. Um amigo com que se passaram umas horas que deixam um rastro de consolo, de suave alegria, d'alguma coisa que lembra o prazer que se sente ao conversar um camarada que nos encontra longe da patria, e nos conta d'ella umas coisas simples e bôas; mas portuguezas, com o cunho da nossa maneira de ser, tão original e tão desconhecida.

E dá-se lhe um abraço e pede se-lhe que appareça muitas vezes.

E' este abraço qua enviamos ao auctor, é este o pedido qua lha faz, sinceramente, *A Comedia Portuguaza.*

Quem possue como Julio Cezar Machado, o raro condão da graça, a delicada e sempre correcta penne de homem de lettras de primeira plana, tem obrigação de nos mostrar, mais vezes, que a nossa litteratura não é apenas uma filha anemica e dessorada da mamã franceza e qua para se ascrever deliciosamente não é precizo remedar, a desfilada, escolas e modelos estrangeiros, mas basta ter ólhos qua vejam e uma coiza, — que toda a gente hoje tem e raros mostram — um poucochito de talento.

O livro é pois absolutamenta recomendavel e todos os elogios que lhe pudessemos fazer estão longe do seu merito real.

Leia-se e veja se.

A litteratura scientifica offereca-nos para estudo o livro de Antonio d'Azevedo Castello Branco, — Estudos Peoitenciarios a Criminaes.

E' um livro de especialidade, sobre qua tem sido tecidos os maiores elogios, que inda não pudemos ler, mas em cujo valôr crêmos sem receio, attento o alto valôr sciantifico do seu auctôr.

Reservamo-oos para dar a nossa opinião depois da devida leitura, agradecendo, no entaoto ao distincto medico a hoora da sua offerta.

Racebemos ainda o n.º 19 da bella Revista Illustrada de Gonçalves de Freitas; os tres primeiros numeros do — Livre pensamento; — os primeiros fasciculos da — Formoza Conspiradora — de Pierre Zaccone, edição da caza Corazzi e o 1.º numero da — Bibliotheca de Sciencia Pratica, publicação semanal redigida por Souza e Costa.

O coração de D. Pedro.

Um orador no comicio do Porto, remata o seu discurso com esta bomba.

«Ou El-Rei e o seu governo, nos fazem immediatamenta o que queremos, ou nos pegamos no coração do avô e mandamos-lh'o!»

Esta idéa que parece á primeiro vista um cumulo de ingenuidade, ou o apigramma pungente d'um sonso fino, causou ao governo a mais seria difficuldade.

Diacho! se elles mandassem dea commissões, havia logar nos hoteis! Se mandassem uma petição bem feita, um protesto sensato e energico, sempre se lhes havia de respooder!

Se se revoltassem, como o velho burgo já não fecha as portas e está or no de pontes levadiças e barbacãns, sempre se lhe podiam mandar cinco ou seis mil homens para o conter!

Mas mandar o coração de D. Pedro! esta não lembra ao demonio!

Sim, oode se havia de metter o coração de D. Pedro — o quarto?

Se elles mandassem, se o tivessem, o coração de D. Pedro — o crú — maodava-se cozer, qualquer panella servia de receptaculo proprio!

Mas de D. Pedro—o IV?... caso era esta virgem nos annaes revolucionarios, caso que collocou os ministros na colisão d'um conselho!

Ahi as opiniões variaram e o sr. José Luciano propoz que no caso de vir o coração se maodasse a El-Rei.

Prudentemente Marianno ponderou, que no estado convalescante em que se acha, nada mais inconveniente do que subjeitar a pessoa d'El-Rei a grandes choques como seria o de ver o coração encanecido de seu avo, expulso do seio da cidade invicta apresentar-se humildemente ao guarda portão do palacio sollicitando agasalho!

Bem pensado alvitre e logo acceito.

Então o ministro da jostiça propoz que se mandasse para eotre as feras e os tigres para ver se lá eocontraria a piedade que não encontrára entre as gentes humanas do Porto!

Objectou-se-lhe que era mais uma viagem de individuo real e que ainda que fosse só o coração, ia justamente a parte que costuma dar mais trabalhos e despezas! Regeitada a idéa.

Navarro, então, levantando-se, como de quem de papo sabe a resolução, propoz e muito sensatamente, entendido como dizem ser em funccionamentos d'este orgão, quer pertença a guerreiro ou vulgar peão, propoz o illustre ministro visto estar vaga a lyra da marinha e só por isso, que no caso de vir o real musculo, o coração do dadôr, como para um coração isolado é a maior peoa o isolamento, se lhe encontrasse outro que o comprehendesse!

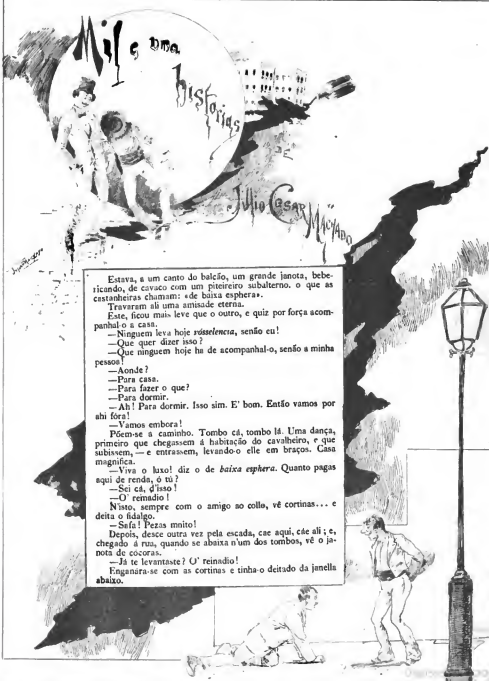
Proposta sublime, cheia d'um senso pratico que lembra Colombo e que appoiada tres vezes, em côro, matou de vez a crise que ameaçava dar-se.

Resolvida a questão faltava encontrar o coração preciso e foi enviado a um novo-velho duque, conhecedor dos corações penantes o cuidado de ter um prompto, á primeira voz!

E assim foi que a phrase do imaginoso portuense, esteve para faser cahir um ministerio que tropeçou de leve nas mais perigosas questões do seu tempo—a agua e o fumo!

E dizem que não é bom saber de tudo! Se é: o saber oão occupa logar.

Parabens sr. Navarro!

Coração do imperador soldado, quando quizeres apparece!

Estava, a um canto do balcão, um grande janota, bebericando, de cavaco com um piteireiro subalterno. o que as castanheiras chamam: «de baixa esphera».

Travaram ali uma amisade eterna.

Este, ficou mais leve que o outro, e quiz por força acompanhal-o a casa.

—Ninguem leva hoje *vósselencia*, senão eu!

—Que quer dizer isso?

—Que ninguem hoje ha de acompanhal-o, senão a minha pessoa!

—Aonde?

—Para casa.

—Para fazer o que?

—Para dormir.

—Ah! Para dormir. Isso sim. E' bom. Então vamos por ahi fóra!

—Vamos embora!

Põem-se a caminho. Tombo cá, tombo lá. Uma dança, primeiro que chegassem á habitação do cavalheiro, e que subissem, — e entrassem, levando-o elle em braços. Casa magnifica.

—Viva o luxo! diz o de *baixa esphera*. Quanto pagas aqui de renda, ó tú?

—Sei cá, d'isso!

—O' reinadio!

N'isto, sempre com o amigo ao collo, vê cortinas... e deita o fidalgo.

—Safa! Pezas muito!

Depois, desce outra vez pela escada, cae aqui, cáe ali; e, chegado á rua, quando se abaixa n'um dos tombos, vê o janota de cócoras.

—Já te levantaste? O' reinadio!

Enganára-se com as cortinas e tinha-o deitado da janella abaixo.

Teve logar nos dias 28 e 30 do mez findo os dois concertos, ou antes as duas audições do 32.º concerto promovido por esta benemerita associação de bons e distinctos amadores de musica, com o seguinte programma

1.ª PARTE

Preludio, choral e fuga . . . Bach-Abert
Minuete da symphonia em mi bemol maior . . . Mozart
Concerto de violino com acompanhamento de orchestra (executado pelo sr. Henrique Sauvinet). . . B. Godard

2.ª PARTE

Symphonia, op. 36 Ré maior. . . Beethoven

3.ª PARTE

Danças hungaras . . . Brahms
Andante . . . Tschaikowsky
Valsa da boneca da Copelia . . . Delibes
Entr'acto e dança das Bachantes . . . Gounod

Este programma foi brilhantemente executado pelos sympathicos e estudiosos rapazes, que compõem a orchestra da Academia, uma das primeiras, senão a primeira d'este genero na Europa.

Um — *bravo* — sinceramente enthusiastico, da *Comedia Portugueza*, que está sempre na brecha em todos os assumptos da arte, seja qual fôr a fórma por que ella se manifeste.

Can-can parlamentar

Havia proximamente quatro annos que eu não cruzava os humbraes da camara popular. Ora como o'esse tempo eu ouvia os nossos delegados da bancada publica, não sei se por esta razão, conservava ainda essa enganadôra illuzão, de que o povinho se deixa possuir perante as comedias do grande mundo.

Desde, porém, que o meu engenho me outorgou a faculdade de presencear os debates, da tribuna dos jornalistas,(o que é o talento !) esta gaze da illusão desappareee, a perdôem-me os senhores do mandato, que me perdôe a patria dos Albuquerques e dos que — arrancam meia espada—, aquillo não é uma camara, aquillo não são os defensores das regalias populares, aquillo não é um parlamento: é uma troça, uma patuscada ridicula, uma vergonha !

A's vezes supponho-me estrangeiro, chegado recentemente a Lisboa, e ponho-me a passeiar, ao acaso, por toda a parte, por todos os bairros, como se tudo fosse para mim desconhecido, como se tivesse desembarcado no momento, no caes das columnas.

Assim, intimamente metamorphoseado, tornando alheio o olhar, consigo encontrar notas originaes do nosso viver, costumes que passam desappercebidos, pontos de vista soberbos, aspectos de Lisboa verdadeiramente curiosos, originaes, inolvidaveis.

Com tal animo entrei no parlamento portuguez n'um dos dias d'esta semana. Imaginei desconhecer os homens e as questões e puz-me a ver que idéa, eu, estrangeiro, faria da representação nacional portugueza se tivesse desembarcado no caes das columnas, pela manhã.

Pois, meus caros senhores, a idéa que eu encontrei na minha carteira de «touriste» da propria terra, é esta: «Não tem razão, nem direito de existir politicamente, com fóros de nação livre, um povo que tem á testa dos seus negocios um parlamento de tal ordem.»

Era esta a idéa que eu, estrangeiro, teria ido levar, á minha nação; é esta a idéa que eu, portuguez, tenho a franqueza de expôr na minha propria terra.

Porque? Porque nas sessões parlamentares não se encontra um vestigio de seriedade; porque ninguem alli tem a consciencia da posição que occupa; porque os deputados fazem das questões graves o trampolim dos ditos grosseiros, da chalaça, da leria; porque no espirito d'aquelles homens não ha convicções de especie alguma, nem idéas politicas ou generosas, nem fins uteis, nem aspirações nobres, nem commedimento, nem respeito pelas tradicções gloriosas do seu paiz; nem aspirações d'um futuro digno; nem attenções pelo estado grave em que estamos; porque a maioria dos representantes não teem intelligencia, nem illustração á altura do logar que occupam, e na falta d'estes requisitos não possuem o bom senso ou, ao menos, a dignidade que torna respeitavel a opinião e que valorisa o voto.

E' vêr como se portam, como e porque discutem. E' ver como ridiculizam os assumptos mais serios, pela falta de urbanidade e por aquella continencia natural propria de todos os homens que prezam acima de todas as questões o seu bom nome e o respeito pelo seu caracter.

Os ares que se dão são ridiculos por balôfos; a phrase altisona, paspalhona e commum; o gesto exagerado por falso, mal estudado, inverosimil. As suas iras lembram as momices das mimicas, as suas caricias os beijos desleaes de Judas. Destestaveis actores, porque lhes falta a impressão verdadeira, comediantes vulgares porque nem sabem os papeis que recitam.

Como homens dirigem-se as maiores offensas, como deputados esquecem-n'as nos corredores, para confraternizar no regabofe commum d'uma representação pôdre.

A combinação secreta substitue a justiça, a legalidade e o bem: aniquila iras, acalma odios, amansa pretenções, sustem ridiculos e quedas vergonhosas, desbraveja os caminhos, consola pretenções, arranca promessas, e satisfaz caprichos !

A idéa da patria desapparece n'este oceano de mesquinharias e ficam apenas de pé: o amor proprio que degladia a justiça e o egoismo que combate o egoismo.

A vista das sessões e a leitura das actas, provam-nos que estas conclusões são justas perante a inefficacia das pugnas a pueril pujança dos debates e a verdade crúamente ridicula e lamentavel das votações das leis.

E não cahi eu no artigo de fundo? Não faz mal.

E' preciso que a *Comedia* se dê tambem os seus ares de pessôa grave; um bocadinho de ar magistral não fica mal a ninguem.

Uma ultima nota: Diz-se que a Hespanha e Portugal são os paizes dos oradores, por excellencia.

Que entre nós a palavra brota garrida e florida como moçoila de campo em dia de romaria.

N'aquella misera sessão, eu, estrangeiro, só poderia rir-me d'essa apregoada facundia, porque os discursos dos oradores estiveram á altura das suas convicções.

Mas eu não sou dos que ligam um apreço exagerado á verborrea: adoro ouvir fallar bem, bem e pouco.

Ora os oradores d'esse dia fallavam todos pouco e mal.

Ouvi um professor da Universidade dizer, n'um periodo, tres asneiras grammaticaes. No atabalhoado parvoez do discurso, calculo que se podiam contar por centenas.

Um professor! da Universidade! Um arrimo do paiz! um pae da patria, que está abaixo d'um primeiranista do lyceu. E tem de se ouvir e tem o arrojo de fallar e ha quem o escute! Pobres tachigraphos!

Perdido pois até este ultimo refugio de agrado, eu tive de abandonar a galeria onde jornalistas tomavam notas, depois de ter chorado as mais quentes lagrimas sobre as desgraças futuras da minha patria!

Porque decididamente depois d'uma sessão de tal ordem tem-se obrigação de confessar que os Pavias serão uns flagellos mas podem ser como estes, muitas vezes, uma providencia.

Se houvesse por ahi um Pavia disponivel!..

A' ultima hora apparece o Pavia: é nem mais nem menos do que o governo! Sua excellencia acorda na sua cadeira ministerial, ao barulho das discussões, aos sóccos convicentes da minoria, ás prágas baixas d'uma maioria raivosa, aos gritos das damas na galerias e dirige-se ao paço.

El-rei, em chinellas, é surprehendido pelo seu ministerio esgrouviado, que lhe pede conselho.

—Real Senhor, aquillo está uma pandega desenfreada. Não magina. Por um pouco que não andam a cavallo ons ministros. Nunca se desacatou assim a farda abolotada dos governantes! Justiça real Senhor! Justiça!

—E el-rei, muito massado, a morder a ponta do *breva*: — mas porque é tudo isso, meus senhores?

—O presidente, fulo, deitando predigotos:—porque? porque são uma sucia de mal-creados, faltos de chá, sem educação!

—Mas, replica el-rei, não fez o senhor ainda este anno uma reforma da instrucção?

—De certo, real Senhor.

—E em que anno poz a cadeira do chá?

—Esqueceu-me, real Senhor!

—Esqueceu-se! como se esqueceram os seus antecessores e sou eu quem paga as favas! Nem posso saborear o café. Mas que querem, afinal?

—Meu senhor, aventa Marianno todo lampeiro, pôr aquelles amigos no olho da rua, temporariamente.

—Mas quando voltarem?

—Já teremos tido tempo de consolidar o throno da V. M.: pômol-os então de uma vez!

José Luciano olhou para o collega com olhos de quem pensa: — Boa idéa *seu* Soares! — El rei assignou o decreto de addiamento, os ministros sahiram jubilosos e o paiz tremeu com a idéa de que o governo vae ficar novamente á solta.

De modo que, por uns mezes, a patuscada parlamentar esté prohibida; a rapaziada tem de ir gritar para os jornaes e para a Havaneza e o paiz (é a unica coisa util d'esta medida) daixa de pagar uns cobres muito rasoaveis para um espectaculo tão pouco moral.

O governo transformado em Pavia, renega os seus filhos a sua maioria, os meninos inquietos da minoria a passa a vassoura da sua cobardia pelas baocadas da camara.

Bem feito. E fica a gente a perguntar: — mas a final parece que ainda é precizo outro.

—Outro quê!

—Outro general.

—Para que?

—Para varrer o resto!

Que paiz, que parlamento, que dentistas!

Boulanger.

A França acaba de eleger o general Boulanger em opposição a Jaques.

Cinoenta mil votos de maioria! Ponham aqui os olhos os generaes portuguezes e vejam como uma espada se póde transformar n'um sceptro a um cavallo preto o'um throno de purpura.

Vão em breve fazer-se as novas eleições entre nós a francamente estamos a precisar d'um homem d'este quilate.

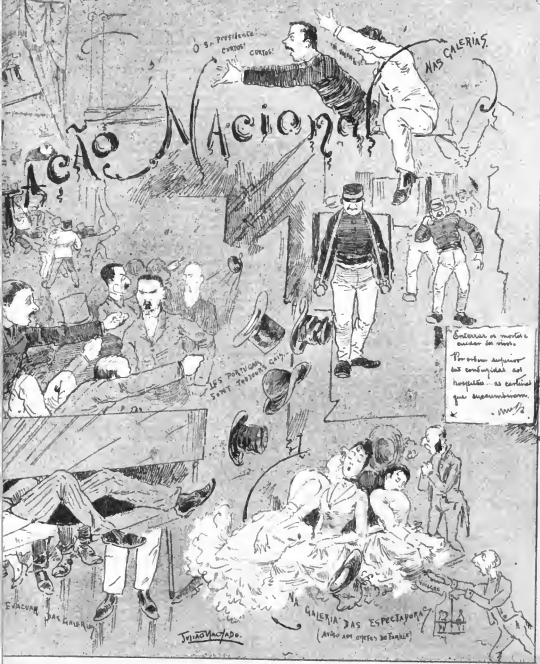
Não se diga que a opinião dos francezes é variavel, como as mulheres para Francisco I, e que entra nós um general por mais ousado e mais pintado que fosse não conseguiria nunca alcançar a popularidade do louro general francez. E' um engano: não ha ninguem em Lisboa que não gostasse do *General Boum*, da *Grão Duqueza*, e nós no genero temos uma collecção que envergonha a Europa!

Quando entra a *Mascotte* n'uma collectividade é não a deixar fugir: que depois na pesca, quanto mais tolo mais peixe.

Afinal parece que, na França, a grande preoccupação é o cavallo, desde que Napoleão possuiu o cavallo branco.

Agora aparece Boulanger no seu cavallo preto. Entre nos ha qualquer coisa de semelhante: — Fontes tinha um cavallo branco e foi dictador:—Se ha por algum dono de cavallo preto que appareça! Isto é uma questão de estatistica e a estatistica é um dogma.

O' dono do cavallo preto onde estás tu?

— AHI, COLLEGAS!
O IMPASSIVEL (TEM ASSISTIDO A MUITAS PATEADAS E MAIS UMA!)
SOLEMNE COMO UMA TOCHA.
— SE CONSEGUE DISSOLVEL-A, A AGUA DEVE FICAR ACCEIADA!
A CAMARA
SELLAGEM

A adjudicação de S. Carlos.

Appareceu no *Diario do Governo* o programma para a adjudicação da empreza d'este theatro.

Ninguem ignora a maneira verdadeiramente censuravel porque o sr. Campos Valdez tem regido as coisas d'este theatro. A epocha que finda é uma serie não interrompida de abusos, de prepotencias, de desconsiderações pelos assignantes e pelo publico. Uma troça perfeita de empreza, com consentimento tacito do governo: — uma troça que é uma exploração e que é um vergonha.

Amanhã este senhor ou outro qualquer fica novamente emprezario, as scenas repetem-se, os protestos succedem-se, mas ninguem faz caso, nem mesmo quem lhe importe o fazer.

O remedio pois não é clamar contra os emprezarios protegidos e senhores absolutos da situação, o remedio é clamar contra o contracto, que não tem razão de ser, que é anachronico, tolo, escandaloso.

Porque se hade adjudicar S. Carlos pela forma velha do programma? Que tem o governo de Portugal com as arias italianas, ou com os boleros bespanhoes?

Que demonio lhe importa a elle, que se cante ou não, que haja boas ou más cantoras, que se ouça Donizetti ou que se escute Boito?

Periga n'isso a independencia nacional? a autonomia ressente-se? baixa de preço o feijão carrapato? Se elle — governo — não faz caso das questões graves e serias, como vem ainda perder o resto do tempo util com futilidades d'este jaez?

E' para nos divertir? Gracioso governo que depois de nos explorar a serio e por todos os modos, quer ainda adormecer-nos com cantigas!

Mas nós dispensamos tanta bondade e pedimos apenas uma pouca d'attenção para umas ligeiras considerações.

Não assiste, por nenhum principio admissivel, o direito de subsidiar com 25 contos de réis uma empreza particular de companhia estrangeira. E' um velho abuso e que é preciso obstar quando mais não seja pela moralidade.

Desde o momento em que este abuso desappareça, o governo não tem porque se intrometter com questões de S. Carlos e é este o seu verdadeiro logar.

E' do governo o theatro? Muito bem. Alugue-o a quem o quizer explorar, ou empreste-o se quer, e deixe que o explorem com a absoluta liberdade que uma empreza d'este genero necessita.

Esta é a solução unica. O governo não tem nada com preços, nem com operas, nem com cantores, nem tem que dar dinheiro escandalosamente, porque esse dinheiro nem vem subsidiar uma necessidade, nem proteger a arte nacional, nem reverter n'um beneficio publico que lhe justifique a applicação.

O defeito é pois do contracto. Paris não subsidia a opera italiana, e podia e tinha ainda razão de a subsidiar, como elemento para a conservação e chamamento de forasteiros. Mas não subsidia, e nós, o paiz dos governos pelintras, deixamos o theatro nacional á mercê de qualquer fiscal de opera comica e damo-nos ares de imperadores da Russia a dar dinheiro ao theatro lyrico, frequentado exclusivamente por quinhentas familias portuguezas, o maximo.

E' ou não tolo, é ou não escandaloso?

Não haverá theatro? Descancem. Os assignantes não deixarão as suas assignaturas se o governo deixar de dar os 25 contos, e quem frequenta S. Carlos creio que não é para ouvir o sr. Valdez ou o sr. Brito. Encarece? Naturalmente. Mas todos sabem que S. Carlos não é um theatro popular; é um theatro da côrte, onde se vae por moda, por mostrar toilettes, por comprovar riqueza, fino gosto, existencia luxuosa, por figurar, emfim, no mundo elevado, que veste da Aline, quando não recorre a Paris, que usa um *dom* atraz do nome, o que n'alguns (seja dito de passagem) parece um epigramma, pela semelhança com uma canastra em pé. D...

Pelo facto de encarecer, a côrte não deixará o seu logar: o nosso grande mundo não deixará a côrte, e todas as vaidades burguezas, todas as preteções balofas não deixarão de seguir o grande mundo.

S. Carlos tornar-se-ha mais distincto ainda por mais caro, sendo mais barato ao paiz, que não tem obrigação de divertir os que não teem dinheiro, quanto mais aquelles que o podem dispender, á larga, em superfluidades e gozos.

Ao governo pois compete: mandar revogar o programma e alugar o theatro a quem o quizer e maior renda dê. Deixar os emprezarios á vontade; o publico lhe ensinará como se vestem peças, como se arranjam scenarios e cantoras e como se troça difficilmente com elle quando a algibeira padece.

Eis o nosso modo de ver, e parece-nos que ninguem discordará em que é este o verdadeiro modo de proceder com o Real Theatro de S. Carlos.

O governo não tem nada que ver com operas e bailados: metta-se com o que lhe compete que já não é pouco.

A policia

Continuam as diligencias para descobrir o auctor do roubo na recebedoria de receita eventual! Por ora não se sabe quem foi, mas é natural que venha a saber-se, attendendo a que em Lisboa ha uma corporação policial que tem por fim descobrir onde moram as cosinheiras maisgentis e as amas de leite mais appetitosas.

Mas sabe-se já bastante. Os peritos declararam que o arrombamento foi feito por mão d'artista, e tendo sido encontrados juntos ao logar do crime um cutello e um cabo de madeira conclue-se que o auctor é um cosinheiro. O cutello é o instrumento para partir as costelletas, o cabo de madeira esté-se a ver servia para bater os biffes!

Com estas indicações não será difficil descobrir o criminoso.

Artes e Lettras

Gottas de Chypre.—E' o titulo d'uma pequena bibliotheca de contos, traduzidos de Catulle Mendes, Bainville, Maupassant e ainda outros distinctos escriptores francezes, d'essa brilhante pleiade de contistas, que tem agitado os nervos de uma geração, sequiosa de impressões finamente picantes, envoltas no lavôr impeccavel da fórma.

Recebemos a offerta dos dois primeiros folhetos e agradecemos a amavel visita.

Como esta semana litteraria parece ser consagrada aos contos, apparece-nos o volume — *Retalhinhos* — de Eduardo Coelho Junior.

Prefaciando o volume, diz Julio Cezar Machado.

«Ha no seu livro, escripto com o desembaraço risonho da mocidade uma collecção de typos sombateiros, copiados do vivo, surprehendidos em flagrante, verdadeiros, e, o que nem sepre succede ao que fôr verdadeirol verosimeis, sem preferencias marcadas por uma ou outra das manias da moda, nunca v. se affaste do que diga respeito a coisas portuguezas, nem procure provocar a vista por ambiciosos relevos, e principiar pelo titulo, que, não póde havel-o mais modesto...

«Ligeiros no fundo e na fórma, sem pretenções a ensinamento,—taoto mais que é condição do genero dispensar conclusões ou dissimulal-as, os contos que constituem o seu livro não só se leem com desenfado, mas põem de bom humor o leitor...»

Tendo esta recommendação, a nossa é por superflua inutil. Felicitamos o auctôr e agradecemos a sua delicada distincção.

Sexteto Quilez

Aos amadores da boa musica lembramos que é no proximo domingo 3 do correote, á uma hora e meia da tarde a 1.ª *matinée* musical do sexteto Quilez, dirigido pelo sr. Theodoro Quilez.

Os creditos do professor do Real Conservatorio de Madrid garantem a excellencia do concerto, que recommendamos aos nossos leitores.

PRINCIPE REAL. — Em beneficio da actriz Maria das Dores deu-se n'este theatro a *première* da peça original — *A culpa dos paes* — na qual o seu auctor, Joaquim Miranda, revelou bôas qualidades de dramaturgo. Não podemos fazer hoje aqui uma apreciação desenvolvida da peça, mas n q[illegible]zemos já é que ella tem excellentes condições para se conservar em scena, a par de alguns defeitos, aliaz naturaes n'um debutante, ainda que este seja um moço de talento como Joaquim Miranda, de quem muito ha a esperar na litteratura dramatica.

A beneficiada Maria das Dôres foi muito obsequiada pelos seus admiradores; e bem mereceu essa manifestação, porque é uma actriz muito correcta.

AVENIDA. — Na proxima segunda feira temos a festa artistica da Van-Daclen, com a opereta *Madame Boniface*. Deve ser uma noite cheia, porque esta gentil cantora tem sabido conquistar muitas sympathias.

RUA DOS CONDES. — Uma novidade n'este theatro foi o debute de Rogelia Cardô, ou antes a sua reapparição ao publico de Lisboa, que já a conhece de quando ella cantou nos *Recreios*, onde foi sempre festejada, não o sendo agora menos.

Já está em ensaios a *Revista*, de Sousa Bastos, que promette grandes noites d'enthusiasmo.

TRINDADE. — Annuncia-se para breve a festa artistica de Lucinda do Carmo, a apreciavel cantora tão querida hoje dos frequentadores d'aquelle theatro. A peça escolhida é a *Petite Marquise*, dos conhecidos compositores Henry Meilac e Ludovic Halevy, arranjada em opereta pelo nosso amigo Machado Correia, tão distincto n'esta genero de trabalhos. A musica é do maestro portuguez Freitas Gazul.

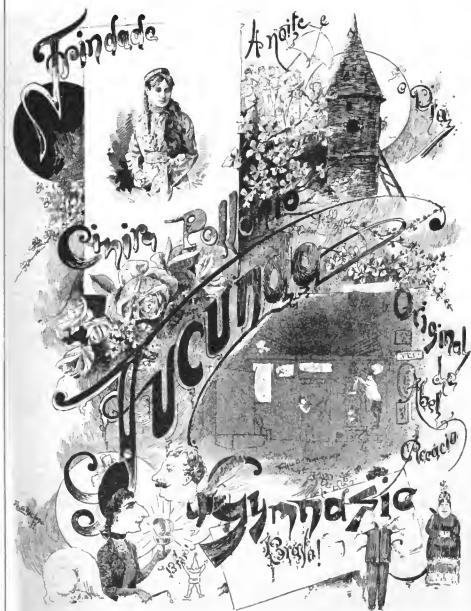
D. MARIA. — O *Rogerio Laroque* tem sido uma verdadeira mina para a empreza, que se felicita pela escolha do genero.

Na proxima semana represental-se-ha a *Margarida*, de D. Thomaz d'Almeida!

GYMNASIO. — Realisou-se a festa artistica de Beatriz Rente com a *première* da *Jucunda*, comedia original de Abel Accacio. A protogonista, Beatriz, foi muito applaudida a recebeu particulares demonstrações d'estima e admiração, por parte do publico especial que nunca falta a tão sympathicas festas.

COLYSEU. — Lá vae andando com os seus variadissimos espectaculos. Successivas enchentes. Os *Liliputianos* e os *Martinettis* continuam a chamar a concorrencia.

Romeo e Aniceta
—Mais me enleva esse teu graciosissimo andar,
Que uma ouvem no ceo, que uma onda no mar!
E em que estrella do ceo me ha de nunca raiar
A benefica luz d'esse candido olhar!?
Oh! se a morte uma vez essa luz me apagar,
Noite eterna, sem fim ha de a alma innublar!
—Ora, sr. Anastacio! Tantas vezes que lhe tenho dito, que eu não aprendi francez! Eu, se o sr. quer casar commigo, porque me não pede á minha mãe?
João de Deus

Lith. da Compª Nª Editora

Não sei, nem quero saber se o addiamento das camaras produziu uma grande convulsão no paiz.

Calculo que sim. Sobretudo nos representantes: uma convulsão d'egonia, de desapontamento, de pasmo!

Realmente: vem o bello do deputado de papo feito para quatro mezes de regabofe, viagem paga, cuidados nenhuns, cem mil réis por mez para os alfinetes, aloja-se, deita conquista e no melhor da festa: queira V. ter a bondade de se pôr ao fresco, porque não é cá preciso.

Para isto é que trabalhou dois mezes a fio, pedindo, instando, baixando-se, ameaçando, promettendo, já expectorando ameaças, já, de mão no arcabouço, com a voz cava das grandes convicções protestando o derramo do seu talento, do seu poder, do seu sangue pela causa sagrada da patria!

E agora que elle colhia o premio dos seus trabalhos, na ilha mysteriosa do «Pelicano» ou dos «Irmãos Unidos», agora que elle tinha recebido a primeira carta da visinha viuva de um major, ou costureira da Aline, agora emfim, que elle ia poder contar á viuva do soldado as glorias das pugnas parlementares e deslumbrar a costureira com a «tournura» gigante do seu talento, agora, esse governo despotico, manda-o para casa, atira-o novamente para os braços do cirurgião e do boticario da aldeia como um trapo velho e inutil.

Que funda magua pungirá seu coração, dizel-o vós, vós todos que tendes soffrido, no mundo, o desmoronar dos castellos de Hespanha!

Dignos de dó: — todos os deputados são homens,
a que homens!

como se diz na Angot.

Mas para quem foi verdadeiramente fatal a resolução do governo foi para nós. Se não tivessemos tanta confiança na nossa estrella, diriamos que o governo tinha vibrado á «Comedia Portugueza» um golpe mortal.

Porque nós temos assumptos, é certo: temos a Avenida, o Martinho, as Corridas, os Theatros da Opera ao Colyseu; mas, por Deus, o grande assumpto, palpitante, renascendo cada dia das proprias cinzas, que entretem a capital e accorda a provincia é o Parlamento.

Porque o Parlamento portuguez é a synthese de toda a nossa vida social, costumes, politica, tendencias, modos de ser, de pensar. Vê-se alli a vida da familia, na sua união, no seu bello exemplo de moral: — o governo! Veem-se os estroinas, amigos da frescata, bulhentos: — a minoria! Encontra-se a burguezia, com ares de pessoa séria: — a maioria!

Alli ha touradas, cavalinhos, salsifrés, tragedias, pic-nics de phrazes escovadas, laracha, namôros, toques na guitarra do sentimento, descantes fóra de horas sob as janellas da pasta, ou com o cheiro na posta, ou á desfilada na pista!

Alli está a nobreza.

Alli está o clero.

Alli está o povo.

Nobreza de toda a casta. Desde a que descende de Fuas Roupinho até á que descende de qualquer forroupilha. Porque é de ver como qualquer bandalho em chegando a ministro, é logo o meu illustre amigo, o *nobre* ministro Gregorio da Costa!

Não falta ainda a nobreza. Especie curiosa de estudo. Muito ar, muitas luvas, muito collarinho, adamada, assim a despertar e pst pst, ó menino olha que te cahiu o lenço! — a tomar posições, e rebolar-se, a derreter-se para a galeria e a compôr o cabello!

Depois vem o clero. Um clero patusco, espevitado, que vai a S. Carlos e fica para o «divertissement», de binoculo fixo; que acredita tanto o'aquillo tudo como nas missas que diz e nos peccados que commette. Um D. Nicomedes que se desdobrou a que fugiu á ama; que usa ligas d'onde se pode vir a concluir que usará navalha!

Depois o povo: os outros, umas coisas que se sentem em fila, sorumbaticos, poucas palavras, pedem agua, lêem apontamentos a tornam a pedir agua!

A's vezes rosnam em commum, coçam a cabeça, sussurram, hum! hum! hum! — é a opinião! Prudencia.

Estas tres individualidades teem as suas paixões, os seus odios, ciumes, intrigas. Bisbilhoteiam, fingem, mordem-se, sorrindo.

Vê-las, alli, a trabalhar, conhecendo-lhe os cordelinhos, é ver a sociedade portugueza, na sua decadencia, na sua corrupção, lente, despiadosa, antristecedora.

Ora, foi esta fonte perenne de critica que o governo nos roubou despoticamente e que só voltará para abril. A convulsão foi para nós.

Elles voltarão com as flôres e, até lá, nós iremos caminhando entre os espinhos d'uma calmaria mortal.

Até á volta, amigos.

Socialistas

Vae fundar-se uma sociedade socialista em S. Thiago de Cacem! Ha quem duvide do progresso das idéas radicaes em Portugal! O desmentido não póde ser mais formal. Emquanto Lisboa pensa fundar uma associação catholica, S. Thiago do Cacem vai fundar um gremio socialista!

Esta noticia produziu, como era natural, em todos os grupos politicos extraordinaria surpreza, sobretudo com o parlamento periclitante, o governo asmathico, a legislatura a findar, as eleições á porta.

Não se sabe ainda quem inaugurará a associação, se Oliveira Martins dos tabacos, se o Oliveira das magicas! Em todo o caso é natural que o governo tenha na proxima epoca um deputado opposicionista a mais, de côr vermelha. Ora nós já sabemos os transes porque o tem feito passar a opposição republicana! Imagina-se agora com o auxilio d'um socialista do Cacem! E' serio.

Dona Branca

A *Comedia Portugueza* folga immenso em poder registrar hoje nas suas paginas um acontecimento duplamente notavel, — pela sua natureza e pela sua origem—, e *reprise* da opera *Dona Branca*, original de Alfredo Keil. E dissemos «duplamente notavel» porque a *Dona Branca* além de ser sempre um acontecimento lyrico importante é tambem um acontecimento nacional, visto que o seu auctor, o maestro Keil, é portuguez legitimo pelo codigo civil, pelo coração e pela amisade que consagra a este paiz, embora tenha no seu appellido... um nome estrangeiro.

Foi na anterior epoca lyrica, quando a *Comedia Portugueza* ainda nem sequer pensava em deliciar os seus leitores com a sua bella critica humoristica... (modestia á parte), que se representou pela primeira vez, em S. Carlos, a opera a que nos referimos; representação que era esperada com grande anciedade pelo publico da Lisboa, pois que tinha dispertado um interesse verdadeiramente excepcional a por mais de um titulo justificado. Ao facto, já de si o bastante para impressionar a opinião, de ser a opera escripta por um portuguez, accrescentava-se a circumstancia, devéras sympathica, de ser o proprio poema baseado n'uma das mais formosas lendas das velhas glorias nacionaes.

E a verdade é que n'essa occasião, satisfeita a anciedade publica, tivemos todos ensejo de poder affirmar, com inteira e legitima satisfação, a que não era extranho um certo sentimento de orgulho nacional, que a primeira representação da *Dona Branca* não sómente satisfez, mas ainda excedeu a espectativa publica. Foi inquestionavelmente um dos triumphos mais calorosos, mais completos e mais enthusiasticos, que de ha muitos annos presenciara o theatro lyrico portuguez.

Agora fez-se a *reprise* d'esse notavel trabalho artistico, e os seus primores, a sua sublime inspiração valeram á opera e ao seu auctor mais uma d'aquellas glorificações que só logram obter os grandes genios.

Não é nosso intuito fazer uma apreciação desenvolvida da opera do sr. Keil. Faltam-nos, para tal commettimento, a competencia e... o espaço. Deixemos esse trabalho aos *criticos officiaes*. A nós cumpre-nos apenas, n'uma analyse rapida e synthetica, registrar aqui o effeito que a sua audição nos produziu.

O sr. Alfredo Keil, a nosso ver, segue na *Dona Branca* a estructura «Wagneriana», que é a musica da actualidade. Mas se n'ella os fortes concertantes, o frequente uso dos metaes, e outros effeitos de extraordinaria grandeza, que são a especialidade da escola allemã, se encontram em profusão, a melodia não é comtudo sacrificada, e de momento a momento ella transparece suave, melancolica, expressiva, n'um encanto cheio de perfumes. Assim, por exemplo, no poetico e delicioso quadro que serve de prologo á *Dona Branca*, o duetto entre *Aben* e *Adaour* é uma pagina encantadora. O extasi de um e a energia do outro, encontrados pelos córos celestiaes, e das *houris* e pela tentação da fada *Alina*, são expressados por uma musica verdadeiramente phantastica e melodiosa. A grande aria de *D. Branca*, a serenata de *Aben* e o grande duetto de amor na scena do convento de Holgas, no 2.º acto, são a obra prima do *spartito* e tem direito a figurar ao lado dos mais bellos trechos que no genero se tem escripto.

E então não iamos caindo, insensivelmente, na apreciação minuciosa da opera?!

Que os nossos leitores nos perdôem o arrojo, levando-o á conta da nossa profunda admiração pelo genial trabalho do maestro portuguez.

Quanto ao desempenho, confiado n'esta epoca a novos interpretes a—sr.ª Tetrazzini e os srs. Brogi e Battistini— não foi elle de um conjuncto tão perfeito e tão harmonico como no anno passado. Exceptuando a distincta prima-donna, cujo talento artistico soube vencer as difficuldades do papel e as do confronto, os dois outros artistas não corresponderam devidamente ao que se esperava d'elles, porque não souberam revelar com bastante alma todas as sublimes bellezas da genial composição.

Terminando, a «Comedia Portugueza» felicita cordeal e enthusiasticamente o sr. Alfredo Keil, registando o seu nome como uma das mais puras e das mais brilhantes glorias de Portugal.

Um discurso recolhido

Foram addiadas (com sua licença) as côrtes, e lá ficou o sr. Julio de Vilhena com o seu discurso, ácerca da falla do throno, represado no estomago n'uma fermentação aziomoda e flatulenta de tropos avariados e de indignações com ranço.

Este caso pathologico sobresalta-nos e compunge-nos. A digestão de um discurso durante o largo periodo de dois meses, apesar do sr. Julio de Vilhena ter um robusto estomago academico, não pode deixar de produzir estragos profundos em toda a economia do illustre parlamentar e leval-o talvez á dispendiosa necessidade de ir no proximo verão tomar as aguas de Vichy.

O interesse por isso que temos pelo glorioso ex-ministro de merioha leva-nos a aconselhar-lhe um tratamento energico, que o liberte desde já do discurso represado e lhe restabeleça as funcções digestivas compromettidas. Primeiro que tudo deverá s. ex.ª fazem o sacrificio de ler duas vezes a parte já proferida do seu discurso. Mordedura de rhetorica cura-se com o pello da mesma rhetorica.

Se ainda com este tratamento se não vir livre da parte inédita do seu discurso, o sr. Julio de Vilhena, para não ser um martyr durante o resto dos seus dias, deverá tomar a resolução de suicidar-se, lendo com attenção os discursos do sr. Moraes Carvalho, e nós desde já lhe promettemos aqui um necrologio decente

Console-o ao menos esta gloria posthuma.

Ah!

Ih!

Ih!

Jucunda

Estamos em maré d'originaes dramaticos.

Vai, parece, acabar essa pobreza franciscana de comedias a dramas portuguezes, de que toda a gente se lamentava e que os jornaes pela penna, gravemente occulta dos traductores, aproveitavam para justificar a negação até hoje systematica de acolher peças originaes.

Alguem poderia ver n'isto interesses de traductores, incapazes de produzir, vivendo do talento alheio e associando o seu lucrosinho ao lucro dos emprezarios que poupavam perante a miseria das producções originaes a differença que se paga pelos direitos d'uma traducção ou d'um trabalho original.

Diacho! pois não havia em palco portuguez, durante annos, um trabalho indigeno, e agora logo que o primeiro theatro se resolveu a abrir as portas ao primeiro dramaturgo, apparecem em scena em menos d'um anno quatro originaes e ha pelos archivos talvez uma duzia d'elles á espera de vez?

De quem era a culpa? Das emprezas? Não me parece. Ellas querem ganhar dinheiro, seja como fôr, sem lhes importar que a peça seja original ou traduzida.

Dá dinheiro? E' bôa.

Não dá? Não presta.

Está-se a ver o traductôr a sorrir finoriamente para o emprezario, ao atirar-lhe ao ouvido o nome incisivo de Dumas ou o euphonico de Sardou, lembrar-lhe os «successos» da peça em Paris; antepôr-lhe depois o desconhecido auctor portuguez, principiante, acanhado em excesso, ou atrevido em demasia, e terminar pelo conselho:

—Vá com o que lhe digo. V. não póde desmamar creanças; sahe-lhe do bolso.

E lá vai o original para o archivo e o fazedôr de themas rejubila e vence, incha de gloria ao ver-se nomeado em grandes lettras encarnadas no cartaz, é chamado no final dos actos e ha até muita gente que não chega a saber que o auctôr da comedia é Scribe ou Meillac, ou Halevy, ou Augier, mas em compensação diz: — a comedia do Antunes, do Sergio, do Anacleto!

E' como se fossem d'elles as comedias alguns traduzem e chegam ao descaramento de nem se dar ao incommodo de indicarem os nomes dos auctôres.

Assim iamos e quando se exhibiam por ahi, revoltantes semsaborias, borracheiras (permitta-se a phrase) epicas, a que um ou outro sujeito perguntava, escandalisado, porque demonio se tolera isto?, havia logo quem respondesse sollicito:

—Que quer v. não ha entre nos quem faça nada de geito.

E este axioma tinha foros de dogma!

Assim, quando um pobre diabo de auctor dramatico chegava com o rôlo manuscripto da sua obra perante um emprezario, era de ver a cara dos dois.

A do emprezario, sorridente, entre compassivo e desdenhoso: —é traducção?

—Não meu rico senhor, é um original.

—Seu?

—Sim, meu bom senhor.

—Que ratão que v. ex.ª é! O publico não gosta de originaes. Pergunte ao Anacleto, o traductor da —Familia ruiva—. Que peça, meu amigo! Dez enchentes!

—Mas a minha...

—Oh! a sua... deve ser boa, sim senhor. Não duvido; mas é original e nós não podemos perder tempo na contingencia de desagradar...

—Mas com as traducções dá-se o mesmo.

—Perdão, são escolhidas por homens competentes, conhecedores das plateias... o Antunes, o Sergio, conhece?

—Muito bem,

—Pois quando tiver alguma traducçãosinha de geito, appareça.

E houve auctores que morreram de males desconhecidos, de hypocondria invencivel, de nauseas e vomitos — embuchados com as peças — coitados!

Emfim agora começam a desembuchar.

O ultimo, o sr. Abel Accacio, conseguiu mostrar-nos a sua — Jucunda.

A — Jucunda — agradou extraordinariamente.

Este é o ponto essencial, o ponto a frizar, porque é a resposta cabal a todos os descrentes e a todos os pessimistas. Tem defeitos a — Jucunda —, se a quizermos considerar como peça de critica, de estudo, de primeira ordem. O meio que entre nós não existe, a pouca firmeza no desenho dos caractares, a linguagem impropria e empolada e ás vezes uma cruesa no dizer absolutamente dispensavel.

Como comedia livre, *de charge*, que pretende o ridiculo, que aspire á gargalhada sem os compromissos da verdade e da logica, é uma comedia de alto valor, superior á quasi totalidade das que o Gymnasio nos costuma impingir como specimens de graça e de engenho.

Tem scenas vivas, de positivo valor artistico, feitas com talento e largueza: o dialogo é por vezes vivo e animado e a contextura geral de toda a peça perfeitamente acceitavel.

Amplamente justificado o agrado da — Jucunda — restanos felicitar o auctor e lembrar aos emprezarios que nem sempre os traductores tem razão.

Registe se.

Artes e Lettras

Gottas de Chypre.—Appareceu o 3.º numero d'esta curiosa publicação. Traz um conto de Alexandre Dumas — Um baile de mascaras —. Agradecemos a offerta.

Bohemia Nova.—1.º numero d'uma obra bonita, litteraria e scientifica, que começou a publicar-se em Coimbra, redigida pelo dr. Fausto.

Que remoce sempre.

Planta dos theatros.—Contém as plantas de todos os theatros de Lisboa e do Colyseu e a indicação dos preços em vigór.

Academia musical de Lisboa.

A illustrada direcção d'esta academia resolveu dar todos os domingos umas *soirées* musicaes e dançantes, proporcionando assim aos seus associados bellas e variadas diversões.

As *soirées* musicaes são das 8 horas á meia-noite, seguindo-se-lhe a *soirée* dançante. Nas salas da academia estabeleceram-se diversos jogos, um gabinete de leitura e um bufete.

Na *soirée* que se realisou no domingo tomou parte a celebre violinista de 11 annos, Julieta Dinnési, que ali recebeu uma extraordinaria ovação. Dizem-nos maravilhas da maneira brilhante como ella executou diversos trechos do seu variado e dificillimo reportorio, o que nós acreditamos, porque já tivemos occasião de admirar o formoso talento d'esta adoravel creança.

A academia fez-lhe uma importantissima manifestação, delirante mesmo chegando ao ponto de lhe estenderem na escada os casacos para ella passar! Não consideramos demasiado tudo quanto o enthusiasmo disperta em homenagem á joven e talentosa artista, que no proximo domingo, á uma hora da tarde faz n'esta mesma academia a sua festa de despedida.

Recommendamos esta *matinée* com o maior empenho, e agradecemos o convite que para ella recebemos.

Trindade.

Deve estrear-se n'este theatro, em um dos primeiros dias da proxima semana, uma actriz brazileira, Cinira Polonio, que vem precedida de uma bella reputação artistica, bem justificada, ao que nos consta. A peça escolhida para a sua estreia é a *Noite e Dia.*

A sua educação musical recebeu-a ella em Paris, e parece tel-a aproveitado bem, pois que nos dizem que detalha primorosamente *couplets*, tanto na opera comica, como nas cançonetas, em que é eximia.

Asseguram-nos tambem que é muito distincta no palco, e que imita deliciosamente varias scenas da Sarah Bernhardt. Que bellas noites de enthusiasmo nos vae dar, pois, o theatro da Trindade, quando nos seus espectaculos entrar a afamada actriz e quando ella começar a exibir os seus variados recursos nas cançonetas e nas imitações.

Em homenagem á sua reputação artistica damos hoje um logar ao seu retrato na primeira pagina do nosso jornal.

D. Maria.

Deve realisar-se hoje n'este theatro a *première* do drama original de Thomaz d'Almeida — *Margarida* — em que tomam parte quasi todos os principaes actores da companhia.

Rua dos Condes.

O *Capitão Maldito* é a peça nova de resistencia, n'esta theatro até que se concluam os ensaios da *Revista do Anno* escripta por Souza Bastos. N'aquelle drama reapareceu o conhecido actor Sergio d'Almeida, que estava retirado da scena ha algum tempo.

Avenida.

Em substituição da companhia franceza, que se retirou para o Porto, deve estrear-se hoje n'este theatro uma companhia de *zarzuella*. Repetidas enchentes espera a empreza, attendendo a que o genero é muito do paladar de todos nós, os peninsulares.

Colyseu.

Além das diversões com que esta casa de espectaculos tem brindado os seus frequentadores, deu-lhes esta semana mais uma novidade — uma *troupe* de dez arabes, que fazem trabalhos prodigiosos de equilibrio.

Certo patricio nosso, *brasileiro*,
Depois de ter corrido o mundo inteiro,
Parte emfim de Paris desenganado
Dos medicos que tinha consultado.
O desgraçado tinha mal de pés,
E a ultima palavra da sciencia
Era «ir vivendo e tendo paciencia!».
Ao entrar no wagon com um inglez,
Mostrou-se logo o «bife» incommodado,
Fungando para um e outro lado,
Como quem busca o foco de infecção.
Diz-lhe o nosso infeliz compatriota,
Exhalando um suspiro de paixão
E a apontar-lhe com o dedo a bota:

—Esta a causa, senhor, este o motivo!
O que eu não sei, é como ainda vivo!
Tenho gastado rios de dinheiro,
E sempre, sempre, sempre o mesmo cheiro!
E a estas horas, vá... mas alto dia
Que ha mais calor, que horror!... — Virgem Maria!
E diga-me: em lavando os pés, refina...
Ou sente algum allivio?... —Isso não sei!
Sei que tenho exhaurido a medicina,
Mas lavar, é que nunca experimentei!

(A's vezes dá-se ao medico o dinheiro
Que se devia dar ao aguadeiro.)

JOÃO DE DEUS.

N o meio do tribuoal, apinhado de gente silenciosa e attanta, Raul, o brilhante cavalleiro, o bello e corajoso rapaz que a cidade inteira conhecia, filho d'uma familia illustre, amado de todos pela gentileza do tracto e a fidalga tempera de caracter, ergueu-se, grave, correctamente vestido de preto, pallido a sereno.

Era accusado de ter assassinado Luiz, o seu velho, o seu unico amigo, com uma punhalada traiçoeira, oas costas.

Luiz fôra encontrado, de bruços sobre uma *chaise longue*, em casa de Raul, com o coração atravessado pela lamioa a uma onda de sangue coagulado, á flôr dos labios.

Quando os homens da justiça aotraram no gabinete azul, onde o cadaver se debruçava da *chaise-longue*, encontraram perto da porta, sobre o tapete, um pequeno lequa de sandalo, com um B caprichoso, a perolas, sobre a vareta, meio aberto, pizado, como se houvesse cahido n'uma fuga rapida sob os pés d'alguem.

Interrogado Raul sobre o assassinato, respondeu simplesmenta: — fui eu.

Elle como? Sabiam-oos amigos desde creanças, quasi irmãos, tendo combatido lado a lado na Africa, vivendo quasi sob o mesmo tecto, usando da mesma bolsa. N'um dos recontros, entre os gentios, Raul desmontado por uma flecha que lhe prostrou o cavallo, devan a vida a Luiz, que poude arrancal-o do circulo inveocivel dos inimigos, onde cahira!

Fôra elle, porque? ouoca houvera aotre elles a minima sombra d'um despeito, o ameaço sequer d'uma recriminação!

Na manhã d'aquelle dia, tinham-oos visto voltar, a cavallo, do passeio costumado, pelos arredores da cidade, tinham almoçado jantos, como costumavam, na melhor bóa paz, oa mais sincera familiaridade!

Porque havia elle de o ter morto?

Havia de certo um mysterio, que se ia esclarecer, quando ella fallasse, um engano que se iria desfazer com provas irrecusaveis, um segredo que libertaria para sempre a nodoa que pesava sobre a nobreza do caracter, da coragem, nunca desmentidas de Raul, o brilhante cavalleiro, o bello e corajoso rapaz que a cidade inteira conhecia.

E Raul começou:

—«Amava Luiz como se fosse meu irmão. Não o amaria tanto, talvez, se o fosse! Amigos para a vida e para a morte! Devia-lhe todos os favores d'uma amisade leal, todas as generosidades de que é capaz o coração de mais fina tempera, toda a protecção que pode emprestar a um amigo a alma magnanima d'um bravo!

Devia-lhe emfim, a vida e, caso extrenho... matei-o! ...

Percorreu o tribunal um fremito de pasmo. Duvidava-se, no entanto, ainda. Não era verdade. Raul mentia, disfarçava, calumniava-se. Havia alli um segredo, um criminoso que a honra lhe mandava calar. Era talvez um sacrificio, heroico aquella confissão. Porque poderia tel-o morto?

—«Elle podia insultar-me, continuou Raul, como lhe approuvesse.

Podia esbofetear-me, na praça: eu choraria sobre a mão que me insultava as lagrimas de reconhecimento que a offensa arrancaria ao meu coração credor dos mais santos favores!

Ella podia cuspir-me na cara, no club, em frente dos homens valentes e briosos, que eu esconderia a mancha da face na consciencia intima de que só a loucura momentanea poderia levantar contra mim o braço de Luiz!

Elle podia tentar assassinar-me! eu perdoar-lhe-hia a tentativa e deixar me-hia ferir pela sua mão, tantas vezes salvadôra»!

E o juiz, os jurados, as mulheres, inteiro o tribunal escutava ancioso a palavra do bello rapaz, na ancia de conhecer a rezão que levara Raul a assassinar um amigo, um homem de quem receberia todas as insolencias, todas as vergonhas do insulto á morte.

—Se por tão grandes offensas o não mataria, porque o fez então? exclamou o juiz.

E no silencio augusto do tribunal ouviu-se a voz de Raul:

—Porque, n'esse dia, quando a condessa Branca adormeceu languidamente na «chaise-longue», Luiz ousou beijar-lhe os labios!

E como um murmurio alto de espanto corresse o largo ambito da sala...

—A condessa, interrompeu Raul, espraiando o olhar altivo, era minha amante! matei-o!

Mendo.

O facto mais grave da semana foi a crise.

A crise, em Portugal, passa a ser para os ministerios assim como uma chicotada em lombada de mula ao atravessar um caminho mais escabroso, em que a «Diligencia» tenha de vencer socalcos, de saltar barrancos, de vencer os rails fundos e sêccos dos rodados barrentos.

Os passageiros olham-se desconfiados. O cocheiro, porém, socega os timidos.

—Não tenham vossôrias receio, isto é um prompto emquanto se atrevessa; tenho confiança nogado.

O chicote vibra, a pita listra as lombeiras das alimarias, que fincam as patas, turgem a musculatura cançada e n'um ultimo arranco, alcançam o mac-dam.

Pasmam os camponeos que atravessam a estrada; o cocheiro sorri bonancheironamente e a caranguejola lá continúa, cahin-caha, graças á chicotada providencial do precavido cocheiro.

O receio transformou-se em victoria e a crise não foi mais do que um leve episodio cujo resultado ultimo foi incutir na mula da mão, dupla confiança nos altos destinos que a sorte lhe commetteu confiando lhe a graça de esticar os tirantes.

A caranguejola pode representar o ministerio; os barrancos e socalcos, as agruras e difficuldades que tem de atravessar ao percorrer as estradas das «provincias da publica administração»; o addiamento das camaras — 1.ª chicotada animadôra; a crise — a segunda, dadas do alto da almofada, pelo Jeronymo Condeixa d'esta tipoia descoojuntada — Sua Magestade El-Rei, que Deus guarde e a quem conserve a mão de rédea e o pulso flagelante.

Os tribunaes de primeira instancia de Lisboa confirmaram a sentença de um [illegible] de prisão a um pobre velho que fez um compendio de geographia, e segundo parece diz lá umas coisas que não estão d'accordo com a doutrina catholica.

O homem foi condemnado a um anno de prizão e a ser lhe queimada a obra, por impia.

O tribunal em Lisboa ractifica a primeira parte da sentença e nega a execução da segunda, attendendo a que não ha na lei determinação expressa que auctorise o aucto de fé dos compendios de geographia para uso dos lyceus.

Mas, sem indignação, saiba-se que em Portugal no anno de graça de oiteota e nove, ha tribunaes que condemnam um velho a um anno da prizão, porque ousou dizer n'um livro que ninguem lê e que ninguem conhece, umas coisas que fugiam um pouco ás revelações metaphisicas do cathecismo da douctrina christã.

Saiba-se que essa pena se executou sem um protesto energico de todo o paiz, que raros jornaes levantaram a questão d'esse immundo pelago da «justiça» portugueza, para a mostrar aos olhos indifferentes da multidão, egoista e decadente, que se desdora no indifferentismo mais revoltante.

Saiba-se isto e registe-se como mais um traço da corrupção e regresso d'um povo que cede os direitos mais antigos e mais nobres das suas possessões e dominios, que despreza o cumprimentos das leis que lhe garantem as suas liberdades moraes e que assiste de braços cruzados á invocação, nas suas camaras, á protecção e influencia dos jesuitas e que emquanto deixa tripudiar-lhe sobre a carcassa os mais revoltosos abusos, com o escarneo dos codigos, deixa cahir sobre um velho indefeso a barbaridade d'uma lei anachronica e miseravel.

Porque o não queimam, a elle, ao auctor? Seria novo esse espectaculo, para nós. De governos ignobeis, de justiças pôdres, de espectaculos hodiernos de desvergonha estamos nós fartos. Mas um auto de fé! isso é que era coisa de appetite.

Se v. ex.ª sr. Barros Gomes nos alcançasse isso, d'aquelle nosso rico amigo do Vaticano?

Alcança, meu senhor?

A opera comica vai-se transformando um pouco em dramá serio. Será bom não precipitar, como mandam os bons auctores, o desfecho! Que paiz! E que justiça!

A «matinée» na «Academia Musical».

Em meio de uma concorrencia das mais escolhidas e distinctas, realisou-se no domingo ultimo, nas salas da «Academia Musical,» a *matinée* de despedida da joven e já celebre violinista Giulietta Dionesi, que mais uma vez nos assombrou com a sua extraordinaria execução artistica, alcançando um ruidoso triumpho como consagração justissima ao seu excepcional tallento.

E já que fallamos n'esta *matinée*, devemos tambem referir-nos aos amadores e amadoras musicaes que tão gentilmente se prestaram a completal-a, — as sr.as D. Maria Barbara Judica da Costa e D. Maria Fonseca d'Almeida, e os maestros Del Negro e Vaeira, todos dignos dos maiores louvores pela sua brilhante collaboração. D'entre elles, porém, especialisaremos a sr.ª D. Maria Judica da Costa, que nos surprehendeu devéras pela fórma primorosa como cantou o difficillimo *rondó* da opera *Semiramis*, em que nos revelou uma esplendida voz, agil e vibrante, e um sentimento artistico verdadeiramente notavel.

Consta nos que esta senhora se propõe a ir estudar no estrangeiro, para seguir a carreira lyrica. Sendo assim, podemos assegurar lhe que, com o desenvolvimento da tão bellas e distinctas qualidades artisticas, terá um futuro brilhantissimo de glorias e de triumphos.

Margarida

Outro original portuguez e estreia theatral do sr. D. Thomaz de Almeida, como auctor dramatico.

A critica justa da peça do sr. D. Thomaz não lhe deve ser agradavel; como nós pugnamos porém pelos auctores dramaticos, temos o dever de fazer justiça ás suas obras para lhes garantir ,por essa mesma razão, os direitos.

O assumpto de «Margarida» não é, como disseram muitos jornaes um assumpto velho —. E' o eterno assumpto sempre velho ou sempre novo, conforme o talento do individuo que o tractar. Ora na peça do sr. Thomaz d'Almeida — o assumpto apparace-nos ... já velhote!

O assumpto, porém, é a parte secundaria do trabalho : o estudo feito sobre elle é que importa, e o estudo, o trabalho de critica, de analyse phisiologica é na peça do sr. Thomaz, fraco, incompleto ; mas, o que é peior ainda, falso. Os caracteres secundarios da peça são esboçados tão de leve que se lhe não alcançam as linhas do contorno; os dois principaes — o da Margarida e o do marido — com mais cuidado tratados, são ainda assim pouco acceitaveis.

O marido, emfim, vê-se que é um bebado, porque não faz outra coisa senão embebedar-se e dizer tolices durante trez actos, a ponto de espantar a gente por apparecer em tão bom estado, no ultimo acto, tão grave e tão justiceiro!

Que direi da «Margarida» ?

Ella não é, por Deus, aquella dôce e pura Margarida que o Fausto requestava, no jardim de Martha e que se deslumbrou com as joias. Meu Deus, é uma Margarida vulgar que se deixa amar, auctorisando o amor de um visconde de opera comica e ama um malandro que lhe expectora no rosto insolencias tão soezes que não se comprehende como poude um homem d'aquelles esconder durante o tempo da côrte, o coração de arreeiro sob a casaca do gentleman.

Detesta o marido porque é bebado e jogadôr e está no seu direito e no seu dever, e enlouquece quando este bebedo, n'um momento de incomprehendido pudôr, mata o homem que tem a coragem de lhe cuspir sobre a vergonha da queda, sobre todo o horror do seu adulterio castigado pela miseria, sobre o seu amor lacrimoso, censuras de elcouce, frazes infames d'um canalhismo repugnante, de infima cobardia de alma.

Porque desprezava Margarida o marido? por bebedo e jogador? O fino criterio de mulher preferiria um pulha a um debochado? Qual é a mulher capaz de amar um homem pelas suas qualidades moraes, que rejeita o homem que lhe diz, embriagado, parvoiçadas impertinentes para amar o biltre que lhe diz a sangue frio :— as mais torpes calumnias!

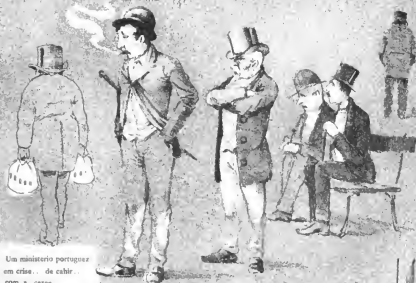
Como esta: Vocês prostituem-se—(talvez por obra e graça do Espirito Santo)—e nós cá estamos para carregar com as responsabilidades.

Crises

A crise da batalha: ou vence ou perde o ultimo cartuxo.

Decisiva.

Crise Chronica

Crise de amor conjugal. Amai-vos uns aos outros.

TYPOS DA ARCADA EM DIA DE CRISE
Um ministerio portuguez
em crise.. de cahir..
com a carga.
Crise affectiva:
«Beijo na face
Pede-se e dá-se
Ha males que vem por bens. Crise vulgar.

Esta é a idéa; mas que mulher trocarie um ebrio, cujo intimo brioso ella devia conhecer, a despeito dos seus vicios, por um vilão ruim, que insultava com o mais ordinario cynismo, o sacrificio do seu nome, da sua posição social, do seu orgulho de mulher, o sacrificio da sua vida inteira!

E ella enlouqueça so vel-o morto!

A mola é velha a falsa n'aquelle caracter. O castigo d'aquella mulher, o castigo supremo e justo não seria a morte do bandalho que ella amava, seria o horror de conhecer no amante um pulha, indigno do seu amor.

Este seria o grande supplicio de toda a sua vida — ter abandonado o marido por um miseravel, que o não valia, máu como elle era.

Ou não?

Resumindo: Como estudo social, como desenho de caracteres, como critica de costumes, a peça do sr. D. Thomaz é de pouco valôr.

Pode ser representade e applaudida n'um theatro de 2.ª ordem, onde as exigencias da plateia são mais limitadas; no theatro de D. Maria II, sem um concurso alias louvavel dos amigos do auctôr, a peça teria cahido na primeira noite e a sua queda, que podia ser severa não seria de modo algum injusta.

Isto não quer dizer que o auctor não possa, estudando, escrever melhor obra; ao contrario, ha na peça scenas que revellam verdadeira disposição, que o auctor deixa esmorecer e morrer e que vigorosamente sustentadas e conduzidas, deriam ao drama o vigor a tonicidade que lhe falta.

Releve-nos o sr. D. Thomaz d'Almeida a sinceridade das nossas expressões e creia que apenas nos move o sentimento da verdade que queremos manter no nosso jornal.

O desempenho foi desegual. Ainda assim é de justiça mencionar Virginia no 4.º acto, João Rosa, Ferreira d'Almeida e Cezar de Lima.

Artes e lettras

Avulta na nossa meza de trabalho, como a mais velliosa offerta da semana, o brinde do *Diario de Noticias* aos seus assignentes — *A joia do Vice-Rei* — de Manuel Pinheiro Chagas.

E', segundo o auctor diz, o quadro fielmente historico do primeiro governo da India, avocado sem artificiosos processos, natural, sem imaginarios enredos. A historia, emfim, simplesmente e agradavelmente contada ou como o auctor diz: historia dramatizada a não romantisada, quer dizer, posta em scena e não enflorada com ramalhetes phantasticos.

Não podemos fallar do valor do livro que inda não podémos ler; mas para o recomendar bastem-lhe os creditos do homem de lettras de primeira plana de que goza o auctor.

Segue-se a este o 4.º volume das — *Gottas de Chypre* — que traz — *O Modelo* — conto de A. Loroy e uma bella poesia de R. Campoamor bellamente traduzida por Luiz da Silva.

E' uma publicação interessantissima, que bem mereca todo o auxilio publico.

Os insubmissos.—1.ª serie a o.º 1 d'uma revista publicada em Coimbra, sob este titulo.

E' escripto com desassombro e graça. Longa vida.

Bibliotheca de Sciencia Pratica.=Publicados os n.ºs 2 e 3, com a continuação do bello romance historico, *O Sargento.* Assigna-se os calçada de S. Francisco 14.

Carta celebre do «Diario de Noticias»

Brado contra os namorados empatadores.

Amigo e sr. redactor:

«E' occasião de erguer um brado á favor das raparigas solteiras e quem namorados massadores e inconsequentes andam entretendo longos dias e longas noites com esperanças e promessas de casamento, e que por fim as abandonam quando acham outras de que mais gostem ou que lhes façam mais conta. Pois não acha v. que isto é um grande abuso, que devia ser punido seriamente? Assim se ousa alvoraçar o coração de uma pobre rapariga inexperiente, entre-mostrando-lhe um marido, sua mais legitima aspiração, fanando-lhe o frescor das rosas da juventude com longos gargarejos nocturnos de janella abaixo, correrias a festas e a theatros, a bailes e a passeios, anceios, inquietações, ciumes, todas as dramaticas surpresas de uma namorada ingenua e boa, e ao fim de muitas esperanças, projectos, promessas e perspectivas de felicidade... por aqui me sirvo, que encontrei uma viuva rica ou uma trintona rameloza, que o padrinho dotou com meia libra por dia, já não quero saber de ti, que és boa, bonita e virtuosa e até bem educada, mas que não tens vintem!

E' preciso uma providencia contra isto; contra esta exploração do tempo mais precioso de uma donzella; contra este esmagamento de corações; contra este desfolhar violento de illusões; contra este verdadeiro crime que precisa ter no codigo penal um artigo que o puna, e nos tribunaes leis severas que o castiguem. Onde os brios de cavalheiros, os preceitos de honra tão austeramente zelados no codigo do duello e de bom tom? Pois estas hypotheses que ás vezes cortam o futuro a uma rapariga, os preceitos seguidos são os do mau tom!

O seu interessante *Diario* lá trazia hontem um exemplo eloquente, regulador do caso e que é materia corrente em Inglaterra. Refiro-me á actriz Phyllis Broughton que chamou aos tribunaes o filho de um antigo embaixador em Paris, o conde Cowley que andou a empatal-a muito tempo, promettendo-lhe casamento em troca das suas affeições, e que por fim a abandonou como um cavallo deitado á margem.

Ella protesta ter sempre sido pura e honesta, e reclama uma série indemnisação d'este engano e d'este tempo perdido, e d'esta affeição malbaratada.

E ha de tel-a, como haviam de a ter todas as raparigas que n'estas circumstancias recorressem aos tribunaes contra as perfidos que procedessem de egual modo, e que são muitos. As meninas de Lisboa não me deixarão mentir e tambem as do Porto e talvez de todas as terras do reino. Erga, pois, uma cruzada a favor d'esta idéa, que é justa, sr. redactor.

Sabe v. porém o que eu acho n'este caso de Londres, é que miss Broughton é excessivamente modesta no pedido que faz ao massador; 5:000$000 para as horas do prestigio e encanto de uma actriz bonita e honesta é muito pouco. E' tambem um caso a regular pelos tribunaes avaliar a belleza e elegancia das namoradas reclamantes, a sua instrucção e espirito e graças. Eu não espero que o parlamento elabore nenhum projecto de lei sobre o assumpto: é cedo ainda para cá se porem por lei estas coisas, mas vou lembrando que bem o merecia e que era das mais justas hypotheses de emancipação da mulher.

Desculpe-me a massada, que a final é contra os massadores, e creia-me de v. amigo e leitor assiduo — *Um que cumpriu as suas promessas de casamento e que se dá por feliz.*

Nota — Na ultima pagina vão os commentarios.

Toilette para atravessar a Siberia ou assistir aos espectaculos de S. Carlos.

Trindade.

Conforme annunciámos no nosso ultimo numero, realisou-ee hootem n'este theatro a estreia da distincta actriz brazileira, Cinire Polonio, na opereta — *Noite e Dia* — em que ella desempenha o papel de *Manola*. E n'esta sua estreia confirmou ella a brilhante reputação de que vem precedide, pele graciosa *maniere* com que cantou os principaes trechos de opereta, e pela distincção, elegancia e *cachet* finamenta travésso com que representou o seu delicado papel.

A platêa, que se conservara fria e reservada no começo do espectaculo, rompeu em calorosos applausos logo que percecebeu que tinha na sua presença uma actriz perfeita e completa, no genero que é a especialidade d'aquelle theatro. E einda bem que a platêa da Trindade assim o comprehendeu, porque, realmente, Cinira Polonio veio prehencher uma lacuna importanta no nosso meio ertistico, como cantora de opereta, em que é primorosa, e a que allia qualidades excepcionaes de actriz, pois que: sabe dizer correctamente, sublinha graciosamente as phrases mais picantes, tem um porte distincto, finamente elegante, e detalha esplendidamente os *couplets*.

A empreza da Trindade fez portanto uma excellente acquisição escripturando Cinira Polonio, pelo que a felicitamos cordialmente, assim como endereçamos á gentil artiste oe nossos sinceros perabens pelo brilhante triumpho que alcançou na sua estreia.

Gymnasio.

A *Jucunda* continua a chamar a este theatro a concorrencia dos amadores de boa litteratura dramatica e e dos apreciadores de .. seosações fortes.

Rua dos Condes.

O *Capitão Maldito* vae entretendo os frequentadores d'este theatro, que anceiam pela *Revista* do nosso Souza Bassos.

ColIseu.

A novidade da semana, n'esta popularissima casa d'espectaculos, está sendo a — *Grande demonstração electrica* — um verdadeiro prodigio no genero *charivari*, levado a effeito por mr. Rousbi e miss Irwing. E' um trabalho, qua merace verse.

Houve tambem a estreia de uma nova *écuyère* — mademoiselle Deomira — que é perfeitissima nos seus difficeis trabalbos. E lá continuam os liliputianos, a *troup* araba, os irmãos Marticetti, e outros artistas, e dispertarem o interesse publico por aquellas diversões.

O nosso jornal acha-se á venda em todas as principaes tabacarias e kiosques, bem como no

SALÃO DO COLYSEU

no local destinado pela empreza á venda dos jornaes.

TABELLA DE INDEMNISAÇÕES

INDISPENSAVEL NO SEIO DAS FAMILIAS

Concordando plenamente com e idéa do epistolographo, tomamos a liberdade de offerecer a tabella dos preços, que devem regular estas futuras questões, perante os tribunaes. Todos os nossos conhecimentos individuaes foram postos á prova e não asconderemos que pedimos auxilio a alguns entendedores da velha guarda

	Por hora	Por mez
Menina da classe rica, que toque piano, borde a missanga, recite o «noivado do sepulchro», espirituosa como o senhor seu pae, com um lobinho no queixo:	200	4$000
Menina burgueza, de boas carnes, córada, um pouco vesga, cabello preto, buço pronunciado, mettendo os pés para dentro, com exame de 3.º anno do conservatorio:	160	2$500
Menina nobre, educada nas Salesias, magra, com joanetes, confessôr, religiosa, fallando as linguas:	240	4$500
Rapariga do povo Apetitose como uma amora a fresca como uma alface ·	35	540
Menina assim tem-te não caias, lida em Mootepin e Gaborieau, com ares romanticos e olheiras, descahida d'um hombro, carregando no R:	80	1$200
Menina mude de nascença, com dez contos de rendimento:	4$500	1.000$000

Notas e observações. — Ha a fazer reducções conforme a altura das janellas. Assim, d'um segundo andar para cima, tem 10 por canto de abatimento o gargarejo. Ao contrario, o idillio no rez-do-chão, por mais propenso a — «fanar as rosas da juventude» —, mais sujeito a «dramaticas surprazas» tem um augmento de 5 por ceoto sobre os preços estabelecidos.

De noite duplicam os preços, assim como soffrem uma reducção de 50 por cento, oo caso do empatador tomar assignatura.

Devem pagar-se á parte as occorrencias casuaes, assim como: um aperto da mão furtivo, uma traoça recebida, um osculo na tasta, ou nas «mentiras» das unhas, as valsas nos salsifrés, etc.

Sampre qoa a correspondencia seja levada por um gallego deve descontar-se no tribunal os preços dos recados.

Sa o ampatador chegar a pedir e menina, a entrar em casa, e a comer, deverá pagar os jantares pelo preço correspondente aos dos hoteis, em relação com a meza dos paes da empatada.

Deve descontar-se o dinheiro gasto com constipações, bilhetes de theatros, presentes de dia de annos, «bouquets» de M.me Serni, ou... com copinhos de hortelã pimenta, allianças de coralina, e medidas de fava torrada, conforme a cathegoria da namorada em questão.

Soares dos Reis

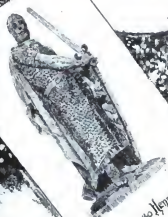
A. S. dos Reis

O Desterrado

D'um autographo de Soares dos Reis
propriedade do Ex.mo Sr. Rangel de Lima.

D. Affonso Henriques

Julio Machado

Lith. da Comp.a N.al Editora

Suicidou se, no Porto, Soares dos Reis.

Quem era? Um artista de primeira ordem, o mais caracteristico o mais inspirado dos esculptores portuguezes. Porque? Os jornaes dizem que por demente, por desarranjado de cerebro, depois d'uma doença que ultimamente o accometteu. Os jornaes são impagaveis. Está tudo resolvido — era um doido! Que sublime infamia se cospe, dia a dia, sobre os cadaveres! Um doido? pois que era elle? Uma alma de artista desterrada na miseria do mundo, um sonhador, um desclassificado, um incompativel.

Que se suicide um furriel, ou um dentista, ou uma creada de cosinha, ou um Soares dos Reis, os jornaes explicam sempre, em harmonia com a religião catholica: — meus senhores, mais um maduro deixou o mundo, coitado! Lamentemol-o, tinha pancada na mola! E as sopeiras, os cocheiros, as beatas de touca de rendas e pingo alourado, os conselheiros calmos e sentenciosos, todos os banaes da vida, toda a escoria pretenciosa da humanidade, todos os sensatos de assucar mascavado, todos os pedantes cujo espirito se nutre do noticiarismo e da tradicção balófa encolhem os bombros, repetindo, inconscientemente, esta banalidade revoltante: — coitado, estava maluco!

Artista, esconde do mundo, concentra na tua pobre alma desirmanada todos os teus sonhos desfeitos, todas as tuas ancias irrealisaveis, todos os desgostos da tua vida, toda a infamia intrigante dos teus inimigos, todo o teu orgulho ferido e desprezado, todas as tuas lagrimas escaldadoras, todas as miserias offensivas dos teus inferiores, dos idiotas pretenciosos e dos taleotos officiaes: armazena no silencio do teu coração dessorado pelas luctas intimas, todas as luctas da tua vida, toda a injustiça dos teus contemporaneos, todo o lucto das batalhas perdidas, todos os desalentos e todas as derrutas, mas vive, porque o conselheiro de assucar mascavado, o cocheiro da esquina, o rufião da viella, o jornalista de alcorce, o philosopho de mêia tigella, hão-de cuspir sobre o teu grande cerebro creadôr, sobre o teu espirito corajoso e brilhante, a nota repugnante da loucura irresponsavel, para te negar a coragem, o sangue frio, a ultima prova da tua superioridade sobre a cobardia geral da raça.

Ah! meu grande artista, como faz pena ter de chorar a tua morte, e como enoja a affirmação impudica da tua loucura!

Quando as aguias cahem, de subito, do alto das rochas, ou da amplidão do ar, feridas de morte, sobre os socalcos da terra, os insectos rodeiam-n'as appressados e zumbem-lhe á roda, certos da preza, desprezadores da gerarchia, antegostando a inercia do cadaver.

Bellos espiritos, assim acontece, ao cairdes inanimados sobre a terra, depois de terdes atravessado as regiões luminosos da idéa, em busca da luz! Os mancos, os pobres de espirito, os mutilados, atiram-vos no seu cretinismo a primeira insolencia e escutam o côro dos que os admiram.

A vaga é enorme, e a maré cresce. Apenas na praia a saudar o cadaver que desapparece, uns vultos sombrios levantam ao ar a mão que acena tristemente! São os doidos que ficam á espera da hora, que se despedem do companheiro, e que tem por missão illuminar-vos o caminho, a vos, ó ajuizados, ó biltres!

Suicidou-se Soares dos Reis, o grande artista, o grande esculptor.

A «Comedia Portugueza», respeitando profundamente o ultima vontade do grande artista, protesta contra o epitheto de louco com que insultaram a sua memoria. Não porque a loucura seja infamante, ao contrario, mas porque se é indigno aventar hypotheses provaveis sobre a conducta d'um vivo, é miseravel aventar conclusões sobre as resoluções ultimas d'um morto!

Quiz morrer! Que descance em paz! E cale-se a mexiriquice babosa sobre as razões que levaram a suicidar-se aquelle que em vida foi tão grande que collocou acima das discussões vulgares, das informações lorpas, o silencio fatal do seu cadaver sagradamente respeitavel.

Suicidou-se Soares dos Reis, o grande esculptor! Chorai-o vós ó marmores que elle vitalisou; pedras em que elle insuflou o espirito da vida, perpetuai lhe o nome! Arte portugueza, cobre-te de crepes, um dos teus grandes filhos morreu!

Vão lá fazer critica acerba com um sol d'estes. Vão lá notar defeitos e ridiculos perante a orgia de luz que desce do alto, ha tres dias, n'uma opulencia meridional.

Bem dizem os propagandistas da instrucção, os apostolos das novas e sympathicas idéas da democracia, que a luz é tudo!

Elles querem luz em todas as camadas, em todos os palacios, em todas as choupanas.

Eu quero-a em todas as cidades.

A sorumbatica e monotona Lisboa, transforma-se em garrida moçoila, açoutada pelo sol. A Avenida povôa-se, enxameiam os passeantes, e as mulheres, as nossas graves mulheres, parece adquirirem uma graça nova, uma desusada alegria, a uma maneira de andar caprichosa, viva, desconhecida.

Até chegam a parecer bonitas! Porque realmente nós temos, é forçoso confessar, formosas senhoras; mas a generalidade, a maioria dos grupos que prepassam murmurantes, cheios de ruidos alegres, pelos asphaltos da Avenida, ou que se deixam enquadrar pelos frizos dos camarotes dos nossos theatros, são o que ha de mais heterogeneo, de mais complicado em caprichos de plastica, em combinações anatomicas de narizes, boccas, olhos e formas.

Todos os paizes tem o seu typo de mulher.

Não se confunde uma franceza, uma hespanhola, uma ingleza.

Em Lisboa ninguem será capaz de dizer convicto e ao certo se a familia que assiste á Mignon é de origem chineza, ou se arranja nos principados de Cabinda, ou vem em linha recta da casa dos Senhores o Castelho, velhos fidalgos portuguezes que possuiam solar na Beira e tinham pellos nas mãos como o Magriço e cabellos nas ventas e nas orelhas como javalis. A familia Rochedo, por exemplo, é um mistiforio inesplicavel. O pae e a mãe são loiros, a filha tem caballo preto, o filho cabello castanho. O pae tem as pernas tortas os filhos são direitos como fuzos; uns tem os olhos azues, outros verdes, outros negros; uns cortados em arco, outros em amendoa, outros em linha recta. Um ostenta um bello nariz á Bourbon, outro um arrebitado appendice, nascendo abruptamente do labio superior como uma cereja furada. São desiguaes na côr, no temperamento, no fallar. E' tanto uma familia portugueza, como qualquer outra cousa. Anda alli sangue de todas as raças: gerou-a o concurso de todas as cinco partes do mundo!

Que riqueza de sangue!

Pois bem, n'estes bellos dias creadores, esses grupos tinham a graça d'um bando de aves revoando por sobre o pombal, as mulheres pareciam elegantes, graciosas, aereas, e ao vel-as não causavam esse dó que vulgarmente despertam, essa vontade de lhes dizer: — faz-te freira, vae para um convento — mas o desejo de lhe dizer um madrigal quente, e gracioso:

> E' bello o sol, senhora da minh'alma,
> O bom sol creadôr
> Mais bello o vosso olhar.... *Et cætera.*

Alegra um tempo assim, dizia-me um amigo, aquece-nos, dá-nos idéas generosas, e comprehende-se perfeitamente que se possa ser feliz n'um dia d'estes, completamente feliz; e, acrescentava, ingenuamente: eu, para o ser, hoje, bastava-me têr, simplesmente, cem contos de renda! D'accordo.

A litteratura nacional emmudeceu esta semana, em compensação a valvula do talento lusitano rebenta, na imprensa periodica, com a mesma pujança com que rebentam, na rua do Ouro, os perfumes secretos da população.

Tapem os narizes e leiam:

JULIÃO MACHADO

O NOSSO CO

Mulas de carga.

Rouxinol das salas.

Formiga escarlate.

Albergue nocturno.

Furão de caça.

Pêgas domesticas.

Hyenas platonicas.

A voz da

rtejo

Segundo contaram os jornaes, foi deslumbrante o cortejo realisado, em Elvas, em homa de sua alteza o principe D. Carlos. Já que é moda para honrar alguem fazer-lhe desfilar, pela frente, as curiosidades locaes, approveitamos a occasião para offerecer um modesto cortejo aos nossos leitores. A modestia não lhe roubará decerto toda a curiosidade.

Melros novos.

Noitibós.

Macho de clerigo.

Cavallo de fanico.

Andorinha urbana.

Mosca de gado.

Aviario ministerial.

A voz da repleção.

A voz da indignação.

Diz um collega sério da opposição :

O sr. Marianno de Carvalho está desesperado, e por isso morde a torto e a direito. Parece que afinal sempre o forem sahir do ministerio.

Ora a fallar a verdade, levar um homem toda a sua vida a chamar aos outros ladrões, para chegar a ministro, e ser depois expulso do ministerio por ter sido encontrado com as mãos nos cofres do thesouro, é caso para perder de todo a paciencia.

....

D'um collega serissimo do governo :

D. Fradique Longo Queixo barafusta varias coisas, mas não explica quanto devorou a proposito da exposição do Rio de Janeiro, cujas custas o paiz tem agora de pagar.

....

Queira, pois, dizer-nos quanto devorou a pretexto da exposição do Rio de Janeiro, cujas custas o paiz vae pagar. Quem argumenta por suspeita, precisa ter auctoridade para suspeitar e, quem procedeu como o sr. Luciano Cordeiro a proposito da exposição do Rio de Janeiro, não tem direito para coisa nenhuma, nem ainda para ter imputação.

E' o caso da rua do Ouro, ou não é?

Ha duas companhias que querem explorar a cidade. A companhia nova está a metter a canalisação para a luz do ministerio novo. Resultado: rebenta os canos da Companhia velha a ahi estão a sahir os gazes.

Não se assustem, fica tudo em fedôr.

O jejuador Succi vem a Lisboa sujeitar-se a mais um jejum de 40 dias. Se é para nos espantar com tão grave abstinencia pode o bom homem perder a esperança completamente. Entre nós o que é difficil não é encontrar quem ande 40 dias sem comer, é achar quem tenha que comer 40 dias.

Isto não é só dos homens: dá-se até com os animaes. Não sei se foi aqui que o inglez fez a experiencia com o cavallo; mas vendem-se ahi pela cidade, a quem os quer comprar — passarinhos de Angola, que não bebem, nem comem, nem... sujam a gaiola. Isto durante toda a vida.

Ora n'um paiz em que a fome é a comida da maioria dos habitantes e em que os passaros são d'esta laia, o jejuador Succi perde, positivamente, o tempo.

Ao saber-se em Lisboa que ia ser transferido para o museu districtal de Santarem o tumulo de D. Duarte de Menezes, o valente batalhador da Africa, alguem lembrou á familia, que devia zelar pelo descanço dos ossos que tanto e tão heroicamente se tinham mechido em vida.

Afinal vem-se a saber que o tumulo só continha um dente do guerreiro e que os ossos devem estar lá pelas Africas.

A historia é o grande critico, é é verdade.

Vejam, vossas excellencias; do homem que cançou os ossos a defender as nossas fortalezas, a nação guarda-lhe os dentes; dos heroes d'hoje que só se tem servido dos dentes para nos roer creditos e nome honrado, a nação guarda-lhe os ossos! Que epigramma!

Agora já não espanta, que no futuro, ao abrir-se o tumulo de D. João de Castro se encontre apenas cinco unhas; e que ao destapar-se o mausoléu d'um ministro .. que V. Ex.as desejem, se encontre um par de barbas!

Não admirará que quando nos tumulos dos heroes se encontram os dentes — o symbolo da gula, — se encontrem, mais tarde, nos jazigos dos ministros — as barbas — o symbolo da honra!

Ainda a crise

Continua a fallar-se ainda em crise ministerial, thema obrigado dos *cavacos* d'estes ultimos dias, nos soalheiros da capital, e o prato de resistencia do jornalismo politico.

Para nós estes graves acontecimentos da intriga constitucional teem um mero interesse de curiosidade. Espectadores pacificos, mas um pouco scepticos, d'estas temerosas tempestades politicas, que não fazem bem a cousa nenhuma, mas cujos effeitos mais desastrosos tambem não passam além da bolsa do contribuinte, torna-se-nos sobremodo indifferente que o paiz se governe com Pedro ou se governe com Paulo, vista a arreigada convicção em que estamos de que Pedro a Paulo governam igualmente mal.

E chegados a esta desconsoladora conclusão não nos dá realmente o minimo cuidado que o ministerio caia ou se sustente. Mas gostamos muito que elle ao menos ameace cair porque nos diverte extremamente o interesse que esse caso comico desperta n'esta população inerte e somnolenta.

Que barulho, que gritaria, que gestos de indignação n'uns, que expansões de jubilo nos outros!

Visto da galeria, de cima da nossa encardida indifferença politica, este caso é divertidissimo e curioso. Fervem as combinações, chovem os telegrammas, faiscam as ambições, accendem-se as voracidades, acotovelam-se os intrigantes, cruzam-se os gestos, chispam os olhares, ha uma vida desusada e estranha em todas as physionomias.

Um gracioso de mau gosto expediu no principio d'esta semana para a provincia o seguinte telegramma:

—«Cahiu ministerio. Associação Commercial Porto encarregou rei formar novo gabinete, que ficou assim composto:

«1 residente do conselho e ministro do reino, conde Burnay.

«Estrangeiros, Andersen.

«Fazenda, H. Burnay.

«Obras publicas, Topa-a-tudo.

«Justiça e Distracções, Serpa.

«Marinha e Quinas, Chagas.

«Guerra o Carteiras, Arroyo.

.Hintze está hirto raiva; Barjona derramado despeito; Lopo amarello indignação; Vilhena azul comido; Franco vermelho furor.

«Espera-se que tudo isto dê agua bacalhau.

«Socego e Avenida.—»

Artes e Letras

Gottas de Chypre. — O numero 5 d'esta interessante publicação litteraria contém dois bellos contos em verso — *A' minha musa* — e — *Consuelo* — originaes de Luiz da Silva. Lêmol-os com verdadeiro interesse, porque elles são mais uma affirmação do cultivado espirito do moço poeta; e é por isso tambem que recommendamos esta publicação a todos os amadores da boa litteratura portugueza.

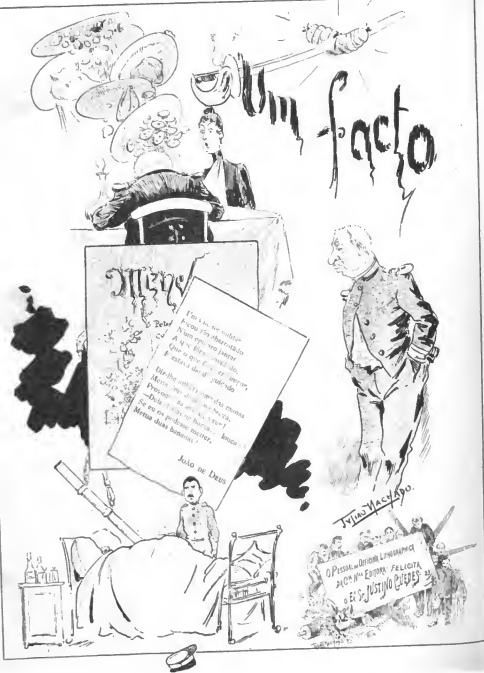
Toda a correspondencia relativa ás *Gottas de Chypre* deve ser dirigida ao seu proprietario e redactor, Luiz da Silva, para a rua do Amparo, 25, 3.º, Lisboa.

Appareceu o 2.º numero d'esta bonita publicação litteraria e scientifica, publicada em Coimbra, redigida pelo Dr. Fausto. Vem interessantissima.

Recebemos o n.º 2 d'esta excellente revista litteraria, tambem publicada em Coimbra, e que vem, confirmando o seu lemma, — de lança em riste.

Plantas dos Theatros

E' uma publicação utilissima esta, da planta dos theatros, que foi recentemente posta á venda em todas as livrarias e que se adquire pelo modico preço de 200 rs. Pelo *specimen* que acima reproduzimos do theatro de S. Carlos avaliarão os leitores a vantagem de tal acquisição.

. . . .

Como se cá por baixo, n'este planeta, desde o romper do sol ao outro romper do sol, não fosse tudo uma mascarada repugnante, o kalendario official encarrege-se de nos sarvir um carto tempo, proprio para cada um ser o que não é, sem que se suspeite que elle possa ser justamente aquillo que finge não ser.

Com esta facilidada da transformações, com esta brevidade com que se póde transformar o rosto a mudar de casaca, nada mais facil do que ver um sem numero de curiosas mystificações, algumas de uma propriedade assombrosa.

Quando não é Entrudo, qualquer sujeito póde mudar de cara ou voltar a casaca: vê sa por ahi continuamente. Ninguem tem nada a dizer-lhe. Que? fulano? Um orador distinctissimo, um cavalheiro oe acepção lata da palavra.

Que bellas caias! que explendido baile, o de quinta feira!

—E' um catavento na politica, diz-se...

—Ora meu amigo, a politica.

—Trahiu cobardementa o seu partido...

—Ora, ora; mas o que fazem todos?

—Diz-sa que hontem offendara gravemente X, um homem a quem deve tudo...

—Uma desforra.

—Sim; pois?

—Nada meis natural.

—Acerca da probidade, ó menino, rosna-se qua a sua anorma fortuña oão é das mais licitas. Diz-se que foi dos negocientes de pelles, com pretos deotro?

—O que fizeram todos os que tu por ahi vés e lé forem.

—E' vardade, é.

—E' tudo questão da *savoir faire*. No mundo é tudo o mesmo. Tolo seria se o não fizesse; a vida são dois dias e o que sa leva d'ella é o qua por cá se goza. Pobra e honrado é muito bonito; mas dé pouco proveito.

—Não é verdade qua andamos metede a enganar a outra metada? O que for mais fino, é o que se deitará em melhor cama. E depois isto de dignidade, de honra, é questão meramente convencional, positivamenta relativa. O qua para um é vil, para outro póde ser sublime e vice-versa.

—E depois Fulaoo tem para mim todas as attenções, é um parfeito cavalheiro; o seu tracto é extremamente egradavel, a a sua convivencia não cheira e cubata, affianço-te. A prova real é a consideração qua lhe dispensam. Vê lá: é visconde já, grande da côrta, par do reino, e será o que lhe aprouver. E terá elguam alguma coisa qua lhe oppôr? E' dos mais dignos, até.

O grande chéché nacional!

—Falloo-se porém o'uma orphã...

—Bem sei, uma pobre rapariga, que gosou em tempo e qoe ebandonou dapois?

-Fôra o seu tutor, recomendara-lh'a a pas...

—Tentações, meu emigo, fragilidades de que ninguem se liberta: mulheres! o diabo.

—Não é oobre em todo o caso...

—A caridada bem ordeneda principia por nós.

—Mas se o não ameva, talvez?

—Não amar um homem com mil cootos? Estás doido.

E' assim que e sociedade, commenta e até dasculpa os vicios mais torpes e os cri es mais nojentos. Um homem por este typo de que se falla, eocootra-se a cada passo. A sociedade verga ente elle e espinha e respeita-o. Mudou mil vezes de cara, voltou centenas d'ellas a casaca, saltou cabriolando por todos os sãos principios do dever e da honra, ampinou-se no epice da infamia, rojou-se, enlameou-se, avilleceu-se, sob o chicota da critica honesta e digna, com a sua cara estanhada, a bocca diletada, o cabello em bico no elto da cabeça.

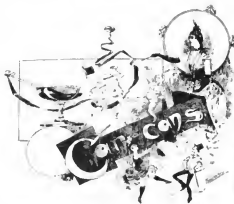
Um truão vil, um palhaço!

Pois bem, amanhã, elle, grave pae da patria, conselheiro, grande, cheio da insignias e vaneras, que vista o fato pintalgado dos arlequins, e que vá cabriolar nas praças e nos passeios! Oh!

Que faça ao vivo as imagens grotascas de toda a sua vida passada, que seja hypotheticamaote, pela força do tempo, o que é pela voz da consciencia, que o faça, que se aveoture a tal, e vereis que esta bella sociedada qua lha conhèce a vida, as injurias a as torpezas, que sabe que é um mascarado que cheira e sangue e a lagrimas, mas que o bajula, que se lhe curva, ha de fachar-lhe as suas portas e os seus salões!

Qua indignidada! um homem tal, pelas praças e beccos, vastido de cheché! E expulsa-o!

Peranta o seculo, uma casaca valha do Cruz, um rabicho e um oculo da papelão, são a synthese da infamia, a cristalisação da ingnominia.

Mascarades da vida, afivelai o «loup» Olhai que vos conhecem!

Vai cantar-se no theatro *Scala* de Milão a nova opera —Ratalhinhos—do oosso pequeno e buliçoso amigo o sr. Eduerdo Coelho Junior.

No ultimo ecto sabresahe om adoravel solo de ferrinhos, que oos dizem ser de primeira ordem.

Diz-se que será uma das duas operas que o sr. Valdes conta dar em S.-Carlos na proxima epoca, segundo o seu bizarro *appendice* eo programma do governo.

O insigne dramaturgo sr. Sousa e Vesconcellos, está completaodo um drama historico para o Theatro de D. Maria II. Intitula-se o —Duque de pára—E' para faser «peodant» com o não menos celebre: —a Duqueze de Caminha.

Consta que o dr. Maia, já arranjoo outro aleijado para dar tres voltas eo redor da estatua de D. Pedro IV. Será a 2.ª manifestação dinaoissda dos sentimentos eltruistas do doutor.

Que trema a Carta, que tambem os compeodios tremeram.

Tenciona soicidar-se, ne prosima semana, se o tempo e permittir, o nosso bom amigo Fialho d'Almeida.

Crê se que amôres mal correspondidos teem levado o infeliz moço a tão funesta resolução.

Consta que o nosso amigo sr. conselheiro Peito de Carvalho, no caso de ser nomeado administrador da Casa Real, voltará a usar os antigos e celebres peitilhos, em cujo espelho tantas bellas, revendo-se, perguntavam como na opereta;

«Sou tão linda eu
Outra assim não ha?
Vai-te lisongeiro
Vai-te d'aqui já.»

Em guarda, jovens sensitivas da Ajuda!

Uma noticia do *Diario de Noticias*:

«O homem que mataram oa rua de Valle de Pereiro, está quasi livre de perigo.»

Principio de artigo de fundo do *Novidades*:

«Agora que nós empunhamos a espada da justiça e da desforra, tremei ó bandos...
Arreda que te espeto!

Do *Popular*:

«Continua a Burnaysia ao lado da Serpia a macular-nos a tunica branca que vestimos no poder.
Vamos mostrar a estas curiosas Vestaes... (ó Carrilho erra lá esta conta) que o orçamento...

Pelo tempo que tem da manjedoura, em D. Maria II, o *Peterro d'Ouro*, do nosso estimavel collega Santa Rita, affiança-nos um amigo veterenario, que quando apparecer em scena, deve estar um boi inteiro!
Aviso aos amadores.

Devemos á amabilidade d'um nosso amigo de Belem (não confundir com o sr. Pedro Franco, nem com o sr. Jayme José Ribeiro) o poder dar aos nossos leitores a carta que a Associação Commercial do Porto dirigiu a S. M. El-rei, pela sahida dos dois ministros.

Ill.mo Sr. D. Luiz

Recebemos o seu favor de 25 do corrente que nos participa a sahida, da casa commercial do governo, dos srs. Emigdio Navarro e Marianno de Carvalho. Ficamos scientes para todos os effeitos e aguardamos as ordens da nova firma. Recommende-nos á senhora e aos meninos e creia que as nossas para comsigo só á vista terão fim.

A DIRECÇÃO

hegou da .osta de .aparica um bar.o .arregado de c. c. para os .ollegas do .*orreio da Manhã*.
.onsta-nos .ue sahiu muito .ara esta .arregação.
.aspité! oragem, .ollegas!

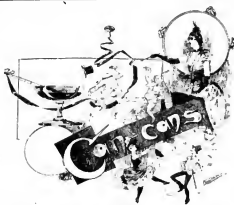
Voltou para casa do marido a «Margarida» do sr. D. Thomaz d'Almeida.
Ainda bem.

—De que te vestes tu?
De ministro.
—Boa idéa! mas arriscas-te a ir parar o Governo Civil.
—Porque?
—N'estes dias ha sempre rusga.

D. Maria II.—Mulheres nervosas

Deliciosa comedia, em 3 actos, de Blum e Toché, traducção de Jayme Victor e João Costa.
Deliciosa comedia. Muita graça, muita graça, a ponto de se lhe não encontrar um dito de espirito!
O desempenho explendido. Notarei Brazão na scena de ciumes com a amante, no 2.º acto, e João Rosa quando assassina o marido do irmão da mulher. Simplesmente admiravel. Baptista Machado no monologo do 3.º acto muito realista. Emilia dos Anjos extraordinaria no papel de «ingenua» e Virginia surprehendente no de sogra.
A scena da confeitaria é d'uma doçura de se lhe lamber os dedos. A scena final do naufragio, pintada por Aristides Abranches é tudo o que ha de mais phantastico em agua salgada.
E' vêr! E' vêr! vai principiar!

Sobrenome verdadeiro,
O do Antonio *Callado*,
Porque ninguem mais matreiro,
Mais sonso, mais disfarçado:
Namorou um anno inteiro
A prima do Alcobia,
Sempre tão bem penteado,
Que me affirmou ella um dia:
—Não tem na cabeça um pêlo,
E nem pela phantasia
Me passou que tal cabello
Era cabello postiço!
Afinal passa o derriço,
Chega a noite do noivado,
E elle apaga o candieiro;
Mas n'aquelle reboliço
Despegou-se-lhe o tápisso
E adormeceu de cansado:
Ella, que accordou primeiro,
Apalpa-o pelo toutiço...
Acha pelado... roliço...
E diz assim demansinho,
Abanando o companheiro:
— Oh Antoninho! Antoninho!
Pois que maneiras são essas?
Olha que estás ás avessas...
Tens o .u no travesseiro
João de Deus
Confusão

Marie de Vetsera

O meu bom e pacato leitor da provincia, que lê pachorrentamente os periodicos da capital, está a esta hora verdadeiramente pezaroso, porque Deus o não fez nascer e viver na Rainha do Tejo, a muito nobre e velha cidade de Lisboa.

Os officiosos informadores do que por aqui vai açulavam-lhe a curiosidade com a prespectiva das festas do Carnaval.

Que de coisas elles lhe disseram que iam acontecer.

Bailes deslumbrantes, cavalgadas sumptuosas, exhibições funambulescas, mascaradas pandemonicas, o demonio!

E então a batalha das flôres!

Pode lá imaginar-se nada mais tentador para um cerebro acostumado á floração matutina do grêlo da couve gallega! — conhecendo apenas o *entrain* dos combates rusticos pelo troar, no valle, dos frontaes dos carneiros, ou pelo reboliço das capoeiras quando os capões se disputam a preferencia das femeas!

A batalha das flôres!

E elle via, o meu pobre e deslumbrado provinciano, uma fila enorme de carros, de brilhantes equipagens, rolando a meio trote n'uma nuvem de pós dourados, as parelhas ricamente ajaezadas, as rodas estrellejantes de flôres! E elle via surgirem da «corbeille» maravilhosa da concha, como n'uma evocação de magica, cercadas de parfumes, embranquecidas pelos pós brilhantes, cheias de reflexos e de scintillações os bustos estatuarios das patricias, as mais bellas cabeças de mulheres, vivas, audazes, reflectindo a alegria, respirando a graça, deslumbrando pela belleza, pela correcção das linhas, pelo fogo do olhar! Elle via agitaram-se no ar braços brancos, de uma correcção grega, d'uma nervosidade hysterica, e mãos de neve, projectando nuvens de flôres, sobre os bustos que passavam egualmente gentis, ou sobre pinhas de homens levados em grande murmurio sobre os oito molas, espelhentos, d'onde rebentassem, como d'uma cratera, bouquets de flôres, nuvens de rebuçados azues, brancos, escarlates, saccos de bonbons variegados, bipartidos em côres garridas, como a pantalona antiga d'um pagem de solar ducal!

Elle ouvia as gargalhadas argentinas das mulheres, o riso provocador dos homens e o murmurio da peonagem pasmada ante este sonho da graça, da elegancia, da riqueza, do bom gosto!

Adivinhava os amores que passavam relampejantes em rapido olhar, na passagem, as deferencias secretas das flôres arrojadas a um colo, com a gentileza d'um cumprimento antigo a a delicadeza requintada d'um beijo, longo tempo esperado.

Elle pensava como devia ser bom respirar esta atmosphera da grande vida onde as mulheres apunhalam arrojando flôres e os homens se prostituem para a não abandonar. E ver os reis a atirar flôres como um simples mortal, os duques pelejar como namorados influidos, os condes, os viscondes, os barões, parderem a linha e o chapeu branco manchado com uma papoula escarlate; entre o rir dos espectadores, a gargalhada victoriosa dos vencedores, as palmas provocadoras das mulheres alegres, as exclamações humilhantes dos homens e o rir nervoso e cristalino das creanças!

Ah! meu pobre amigo, meu bom homem, como é bom fantaziar, como a imaginação é prodigiosa e lisonjeira.

Descança, não é nada d'isto, nada; o que de mais desenxabido, de mais lôrpa, de mais ridiculo, de mais comico tu podes phantasiar com duzentos carros, em funeral de merceeiro rico, parando de dois em dois passos, melancholicamente, a desafiar o somno e a lagrima, é justamente o quadro d'essa cousa inqualificavel de calinismo e que a cidade tem o desplante de chamar — a batalha das flôres!

Flôres? quatro cestinhos.

Batalha? como é batalha calçar um par de botas, ou jogar o pião, ou provar um fato!

E depois sempre esta nota reles da aristrocacia de lepes. Sua Magestade a Rainha agradecia gentilmente aos cavalheiros que lhe arremessavam flôres, e correspondia graciosamente arremassando «bouquets» e «bon-bons». A princeza D. Amelia, risonha, adoravel, com um ar de franca alegria no rosto, tão insinuante e tão distincto, verdadeiramente despreoccupada de gerarchias, fidalgamente gentil, interessava-se no combate, e distribuia com a mesma prodigalidade sorrisos e flores.

Sua Magestade a Rainha é filha de Victor Manuel, da casa de Saboya. Sua Alteza a princeza D. Amelia é uma Orleans, da velha nobreza da França, descendente de rei.

De quem é o carro d'essas senhoras que passam altivamente pelos combatentes desconhecidos e voltam os rostos aos projectis delicadamente lançados?

As meninas do barão de Cabazes, as filhas do commeodador Laracha, as netas do visconde das Hortas.

D'onde veio este Barão? Da Gellira. De que casa é este commendador? Do meio da rua, onde appareceu uma noite embrulhado n'um pedaço de serguilhe, onde a carinhosa mãe o deixára exposto á focinhada dos porcos.

D'onde surgiu este visconde?

D'uma mercearia do largo do Rato, ou d'uma esquina qualquer da cidade, onde punha com a mesma galhardia, com que põe hoje a corôa sobre o brazão, o cabaz das compras sobre o hombro callejado.

Decididamente vossencias não merecem flôres e seria talvez mais coherente arremessar lhes em vez de saquinhos de boo-bons, uns pacotinhos com chá de Pouchong. Não é do que vossencias usaram em pequenos... é d'outro.

Uma grande oval, cheia de carros, quietos, na maioria fechados, contendo familias circunspectas que parecem meditar na immortalidade da alma; dez carros floridos que parece que vem ver se os outros se divertem, meia duzia de cavalleiros perpassando, e duas mil caras, de bocca aberta e olhar avido á espera de ver passar uma camelia, isto tudo immovel, silencioso, durante quatro horas, chama-se uma batalha de flôres, em Lisboa!

Podia chamar-se-lhe um officio funebre, uma exposição publica da nossa indole bisonha, sorna, burgueza, um testemunho claro da nossa educação feiratica, idiota, jesuitica, aborrecida, mas uma batalha de flôres, uma batalha!

Latino Coelho e vos outros generaes experimentados, guerreiros das velhas datas, protestai que vos roubam o nome euphonico de vossos prelios, que ridiculizam a sonora palavra que lembra o sibilar das ballas e o choque das hostes, nas vossas «sestas» campaes.

Não, francamente, não se sabe da oval da Avenida com a convicção de que assistiu a uma batalha; mas sente-se que se viu, sem lisonja, o cortejo d'um explendido batalhão de idiotas. Digo-o com a franqueza de quem tambem lá esteve.

Adoptemos os costumes de fóra: sejamos distinctos, elegantes; mas concordemos que nos tornamos d'um ridiculo, que orça pelo idiotismo.

Cada povo, é o que é. Podem os ministros turfescos proteger as raças cavallares: as corridas, entre nós serão eternamente uma comedia, sem vida, sem fogo, sem graça, que nós temos admirado no hypodromo de Belem.

Peçam á Fraoça uma tourada e terão uma corrida de carneiros.

Sejamos o que somos dignamente, e seremos grandes sem ridiculo.

E esta esperava-se que fosse a nota finamente alegre do carnaval. Foi a mais triste, para gloria de «Nice» a guerreira e vergonha das quinas.

Do carnaval das rues não vale fallar. Elle teve a delicadeza proverbial, a graça mais proverbial ainda e o aceio que é de uso em festa tão lavada de ventos e aguas. Houve duas cavalgadas notaveis, segundo dizem os jornaes de quinta feira, e isto foi tudo o que havia e que se podia ver.

Aqui está, bom homem, o carnaval que tu tiveste pena de não vêr.

Deixa fallar os periodicos para a outra vez e não te amofines.

Assim como ao pulpito se chama a cadeira da verdade, pode bem chamar-se ao periodico moderno — o mocho da mentira.

E fica-te com esta. Come socegadamente os teus feijões; e se quizeres assistir á grande batalha das flôres espera o abril e vêl-as-has luctando em côres e em perfumes pelas campinas beijadas do sol e pelos vallados floridos com que a natureza mãe envolve a terra n'um abraço de paz e de fartura.

Essa é a batalha verdadeira, a batalha da vida, a batalha do amor eterno! Enche te dos seus perfumes, da sua expressão muda, sempre docemente educadora, e verás como é banal e ridiculo tudo o que provém da vaidade do homem, ou do seu orgulho.

Come os teus feijões, em paz, e deixa-nos a nós os «superiores», «os cortezãos» engulir em sêcco a prata falsa com que douramos os nossos habitos de um comico carnavalesco e d'um pedantismo d'uma tristeza infinita!

Mendo.

Notas
das Flores
Julião Machado

Cartão distribuido pelos gnomos
Semanario de Critica
Comedia Portugueza
Illustrações de Julião Machado
Vinde á janella, formos
Ver passar a cavalga
Lançae-nos myrthos e ros
Sobre o pó da nossa estra
Da vida, entrudo constante,
O som vibrante dos guizos
Só morre afogado em risos
E beijos da nossa amante!
Somos a ronda galante
Que vem rondar as estrellas
Vinde portanto, formosas,
Abri as vossas janellas,
Lançai-nos myrtos e rosas
Redacção de:
Marcellino de Mesquita, Fialho d'Almeida e Silva Lisboa
O entrudo, o velho histrião
Sacode os guizos da troca.
E solta a pilberia grossa,
Dos labios de vermelhão
Ostenta a pança rotunda,
E, com meneios fingidos,
Occulta os membros moidos
N'uma roupagem immunda!
Que ridicula farçada!
Sob a vermelha caraça,
No fundo d'esta pilheria,
Que miseravel carcassa!
Que repugnante miseria!
Amascarada da Graça
Carnaval

João de Deus

Entre os homens de lettras do nosso tempo João de Deus é o unico que conserva intacta, atravez de crua positividade da vide quotidiana, a deliciosa lenda de fina excentricidade bohemia, que lhe criaram em volta de figura insinuante os seus contemporaneos da Universidade.

Aquelle perfeito busto de homem, com as suas grandes barbas apostolicas, com os seus traços phisionomicos de uma correcção florentina, com o seu olhar doce, penetrante e vivo como o de uma creança, não consegue tornar-se banal e tem ainda hoje, mesmo para os que o tratam de perto, o singular prestigio que tinha para as duas ou tres gerações de academicos, que o viram passar, alheiado de todas as preoccupações de vida, sempre como de olhar fito n'um ideal estranho, que lhe enchia o cerebro de grandes pensamentos origionaes a lhe promanava dos labios em versos de uma belleza ignorada e unica, pelas ruas de Coimbra ou pelas azinhagas floridas, cheias de sol e de verdura, dos seus arredores encantados

Por isso João de Deus occupa um logar á parte na galeria dos nossos homens de lettras, porque é entre elles o unico que é poeta, não por um esforço de talento, não por amor entrenhado de arte, mas por invencivel tendencia do seu temperamento, por necessidade irresistivel do seu espirito, pela profunda sinceridade de sua alma d'artista.

D'ahi a sua inconfundivel originalidade como escriptor Os seus versos não se parecem com os versos que alguem tenha escripto ou possa vir a escrever. São genialmente seus e não podem ser de mais ninguem, por que são a revelação artistica e plena do seu caracter, a manifestação esthetica de sua personalidade, a exteriorisação radiosa do seu espirito, de todo o seu modo de ser, de pensar, de sentir, de viver, sem esforço, sem convenção, sem artificio de especie alguma.

Elle faz versos como um homem de bem faz boas acções, pela rasão fundamental de que as não pode fazer más. Elle é poeta, como qualquer de nós é louro ou moreno, porque a natureza o fez assim.

Os seus versos por isso não pertencem a escola nenhuma, não se arregimentam em nenhum systhema preconcebido, não commungam em nenhuma seita litteraria. São classicos, são romanticos, são realistas, são parnaseanos? São tudo isso e não são cousa nenhuma d'essas. São versos de João de Deus e isso lhes basta á incomparavel formosura.

São versos da eterna escola da verdade e de sinceridade. São classicos como os de Camões, são romanticos como os de Garrett, são realistas como os de Junqueiro, são parnaseanos como os de Gonçalves Crespo.

E é esta a estranha e singular superioridade de João de Deus como poeta. A sua arte paira na região superior á controversia e ao fanatismo estreito des seitas litterarias. Como os deuses de Homero, os seus versos não pisam a terra convulsionada pelas pequenas paixões de escola. Na serenidade olympica da sua belleza incomparavel elles caminham, mas presentem-se-lhes as asas na tranquilidade graciosa dos seus movimentos. Não ha n'elles o mais insignificante esforço apparente, o mais tenue vestigio de uma sutura, de um artificio. As rimas enlaçam-se graciosamente umas nas outras como um par de noivos n'uma explosão de ternura: beijam-se, acariciam-se e a musica d'aquelles versos estranhos envolve-os n'uma harmonia divina.

E é esta a suprema arte: attingir as regiões do bello, como as aguias attingem a região des nuvens, na serenidade magestosa d'um largo vôo poderoso, sem um bater d'azas violento, sem um esforço penoso, o'um fremito de inspiração genial, de olhar altivo e embriagado de azul.

A sua obra porém como pedagogo, como reformador do methodo de ensino elementar, não é inferior á sua obra como artista.

O seu methodo de leitura tem, como tudo o que sae do cerebro de João de Deus, a assignatura indelevel da sua personalidade, a simplicidade surprehendente e como que inesperada, a profunda racionalidade, a nitidez, a emotividade carinhosa dos intuitos, a ingenuidade desinteressada e heroica de todas as coisas grandes e boas.

E' que o cerebro de João de Deus é como um accumulador electrico, onde as idéas mais simples, os factos communs, as observações mais banaes adquirem uma tensão estranha, multiplicando-se em força e em fecundidade, decompondo-se, como se incidissem n'um prisma, em todos os seus elementos luminosos.

E' esta singular figura de artista incomparavel, de reformador original e fecundo, que a *Comedia Portugueza* sauda hoje n'uma explosão triumphal de enthusiasmo, commemorando-lhe o anniversario natalicio. Hurrah! por João de Deus!

A baroneza Mary de Vetsoera.

Só agora alcançamos o seu retrato, do original, so hoje o podemos offerecer aos leitores.

Morreu. Era bella, d'uma belleza rara, insinuante, arrebatadora, e tinha dezesete annos!

A dôce imagem d'esta creança, santificada pelo amor e pelo martyrio, tem de prepetuar-se na historia, de poetisar-se na lenda. A velha musa da poesia popular da Germania, tão rica, não abandonará esta figura gentil de mulher, morrendo mysteriosamente, ao lado do seu principe, na humilde choupana do couteiro de Meyerling.

Como differem os tempos e os homens! Antigamente as amantes dos principes mandavam-se para os claustros, affogar nas orações e na monotonia das regras da ordem, o arrojo de se deixarem amar pelos homens a quem estavam destinados mais altos feitos, do que encostar a cabeça febricitante n'um colo amado.

Hoje os principes, mais homens e menos principes, porque não podem atirar um sceptro para o cesto dos papeis velhos, na colisão de perder a amante, teem a audacia de atirar mais alguma coisa do que um sceptro glorioso — a vida.

E' a belleza, que fez construir templos á Venus grega immergindo das ondas, que se desforra do materialismo cançado em que a humanidade rasteja: é o amor, que atira a chicotada da vingança aos preconceitos, ás raças, ao egoismo, ao ouro!

E' a natureza a ensinar sempre que só ha no mundo duas coisas grandes: o bello e o bom.

EXPOSIÇÃO DE PARIS

Temos em nosso poder, devido ao amavel obsequio do nosso particular amigo o sr. visconde de Melicio, de quem os solicitámos com empenho, os *croquis* do pavilhão portuguez e suas dependencias, que se está construindo no campo de Marte para as nossas installações na proxima exposição internacional de Paris.

Publical-os-hemos no proximo numero, com o que julgamos prestar um bom serviço aos nossos leitores, visto que a discussão, levantada na imprensa de Lisboa a respeito dos trabalhos da commissão portugueza n'aquella exposição, tem despertado bastante interesse na opinião publica.

O nosso jornal acha-se á venda em todas as principaes tabacarias e kiosques, bem como no

SALÃO DO COLYSEU

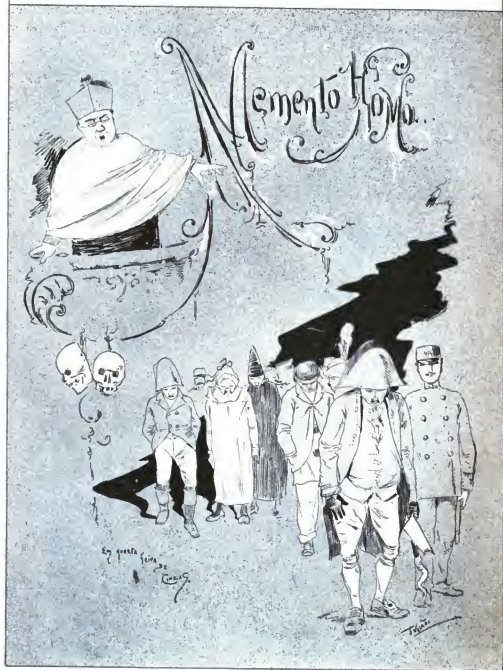
no local destinado pela empreza á venda dos jornaes.

Memento Homo...
Em quarta feira de Cinzas.

Quaresma

Julião Machado

—Casada sois e fiel?
—Nunca o marido trahi
Embucha o bom reverendo
E Mephistopheles ri!

Lith. da Comp.ª N.al Editora

Entrámos no tempo santo.

Depois d'essa orgia de tremoços a de bisnagas com que sujámos os fraques e as ruas, ó meus irmãos, depois d'esse impudico peccar, public·, tolerado, com que manchámos a nossa alma perante o tribunal da eterna justiça; peccar por pensamentos — acariciando na mente as formas provocadoras dos pagens de botina apiorrada, capinha e gôrro;—peccar por palavras—dirigindo galanteios ás mascaras femininas e commettendo *graciosas* pulhas com as senhoras das nossas relações; peccar por obras — ceiando a deshoras n'um gabinete reservado, misturando cynicamente um abraço com uma aza de perdiz e um beijo com um copo de Madeira, o que nos reste?

Dizei-o vós, ó espiritos que planais nas regiões calmas da graça, no convivio mystico dos padres de S. Luiz e d'outros caridosos pescadores d'almas para Deus.

O que nos resta? a penitencia!

De joelhos pois, leitores.

A minha chronica não terá hoje o resaibo francez d'uma conversa mundana, mas o sabôr mystico, a uncção pacificadora que sae dos confessionarios, pela bocca dos levitas.

De joelhos!

A ultima nota do Carnaval sumiu-se batida pelo badalar dos campanarios. A egreja tem o supremo cuidado de nos andar a incommodar com recommendações e avisos, desde que abrimos os olhos á luz até que os conservamos sem luz e abertos.

Nasce uma creança. A alegria o encanto dos paes. Lava-se; muitos beijos, muitos carinhos, é um encanto.

Diz a parteira: é um anjinho!

O medico: bella creança!

O padre: é um immundo! E' preciso baptisal-o, traz uma maçã na garganta.

Coitadinho! onde é que a pobre creança, sem dentes, podia ter trincado a maçã. Elles lá sabem.

Aos sete annos entra-se no «periodo da razão.»

E' precisa a gymnastica, diz o medico;

E' preciso tratar da alma, diz o padre, e leva-nos á meza eucharistica.

Isto é em tudo. Somos ricos? Diz nos a egreja que é mais facil metter um camello pelo fundo d'uma agulha do que irmos para o ceu.

Se somos felizes:—bem aventurados os que soffrem; se andamos alegres.— acautelai-vos porque não sabeis o dia nem a hora!

E assim em tudo!

Influe-se um pobre homem com o carnaval, gasta o seu dinheiro em dominós, em bisnagas e em tremoços; esquece um bocado o rastejar da vida e atira se á folia, cabriola, salta, põe um nariz de papelão pintado e um bigode, veste-se de macaco ou de embaixador chinez, bebe-lhe mais uns golos e, chapeu ao ar, viva a loucura, a pandega, o delirio e berra e sua e estafa-se e diverte-se ..

De subito sôa o bronze e a egreja põe-lhe uma cruz, ou um T de cinza na testa, e exclama lhe cavernosamente aos ouvidos: lembra te que és pó e que em pó te has-de tornar!

Um banho frio! que massada!

Pelas mesmas ruas, onde, ha dias, passavam as mascaradas ruidosas, passou na sexta feira ultima a imagem magoada e triste do Homem-Deus, de madeiro ao hombro, na posição forçeda dos que baqueiam de cansaço. Das mesmas janellas por onde se arremessavam os tremoços, caiam lançadas por mãos carinhosas e devotas, largas nuvens de flores desfolhadas. Muitos dos olhos deliciosos que vimos chorar de alegria, choravam, por intima impressão dolorosa! As musicas tocavam uma marche funebre, desolada, como a face pallida do Christo vergado, e ao longe o dobre monotono dos sinos fazia ondular por sobre a multidão das praças e ruas o som desolado, de cavos suspiros fundos. No compassado dos que caminham ferindo os pés nos tojos dos caminhos, exhangues, o eterno typo de summa bondade humana, o martyr adoravel, perpassa, lentamente, curvo, rastejante, miseravelmente sublime! O povo adora-o. Torna-se silencioso ao vel o perto, joelha á sua imagem e a sua dor a esquecendo, por então, as luctas de todas as horas, a fome, a miseria, as agonias de todos os momentos, no arrastar da propria cruz, doe-se intimamente do alheio supplicio, indaga lhe com o olhar as rugas sangrentas da fronte, as chagas das mãos tremulas e finas e pergunta lhe na pupilla embaciada a intensidade do intimo martyrio!

A imagem da dor impressione abs lutamente os corações generosos, e se ha coração generoso, aberto aos grandes affectos, ás grandes impressões do momento,—é o da multidão.—Que o digam, os ambiciosos, os egoistas, que o tem explorado desde remotas eras.

O Senhor dos Passos tem ainda a vantagem de ser um aristocrata. Vive entre fidalgos e nobres, vestem-no as mãos patricias da nobreza, e os reis tem como dever de pragmatica, o irem, antes da viagem dolorosa atravez da cidade, beijar-lhe o calcanhar.

Não é positivamente o calcanhar de Achilles, o calcanhar d'este Senhor; mas tem com elle de commum, o ser o ponto vulneravel da sua grande piedade a resolução milagreira—segundo é fama.

Ha calcanhares muito engraçados.

Afinal fica-se a pensar que especie de pó seremos nos?

Por mim ainda não atinei.

Pó de amido? Acho impossivel porque com a chuva deviamos ha muito estar feitos em gomma.

Pó de sapatos? Hypothese insustentavel perante a brancura das nossas epidermes. Só se o forem os nossos irmãos da Africa.

Pó de arroz? Seria um madrigal.

Um lisonjeiro artificioso que encobre as rugas, que modifica a côr, que neva os collos das mulheres!

Um cortezão impudico! Um pó finamente peccaminoso, mundano, dôce ao contacto como o velludo, habitando todos os «boudoirs», exhalando odores prohibidos, amigo das mulheres, o seu confidente, o seu socio? Oh! não, não seremos, irmãos, decerto o pó d'erroz!

Resta-nos apenas um: um pó velhaco, feito de pequenas palhetas brilhantes, escuro como a noite, insidioso, hypocrita na sua modestia, e no fundo um massador insupportavel, um miseravel que abusa da sua pequenez, que cança, que enfurece, que faz raivas e cócegas e collicas e desmaios e furias... ah! sim devemos ser este, nós, os vermes miseraveis, devemos ser este — o *pó de táco*.

Irmãos, fiquemos n'isto!

Notava-se este anno a substituição da antiga bandeja de prata, por um cofre ou mealheiro, tendo no tampo uma pequena abertura por onde se lançava a esmola, isto no lado do andór, onde a imagem do Senhor dos Passos permanece em S. Roque.

A curiosidade levou-me a perguntar a rasão d'este facto insignificante.

A rasão, disse-me, gravemente um sachristão. cheio de uncção e de justa colera — é que havia devotos que lançavam um tostão e tiravam 450 réis de troco!

Pobre Senhor! que devotos e que seculo! choram te na rua para te roubar em casa!

Mendo.

O jejuador Succi

Confissões
Entre dois padres:—Vamos a aviar isto, hein?
—Claro. Diz para ahi qualquer coisa.
—Já reparaste n'aquella pequena de véu?
—E' minha confessada.
—Seu felizão! E que tal, deecae-se?
—Hum? Hoje vou puchal-a mais
—Vê lá.
—Não ha perigo. A mãe é da confraria de Nossa Senhora.
—Reza a confissão.
—Para que?
—Tens razão, não rezes. Em nome do padre do filho ..
Uma velheta: — A carne ainda a tenta, minha senhora?
—Oh! não, padre, agora são os ossos
(O padre intimamente:) Lá haverá quem lh'os roa!
Um fadista:—Matei um gajo na Mouraria
—Com uma facada?
—Com duas.
—Porque lhe deu duas?
—Porque não morreu á primeira.
Um ebrio: — Porque se embriaga? Vicio horrivel! Porque não bebe antes agua?
—Agua? Olha que coisa, pode a gente beber um almude que nunca se embebeda!

Uma rapariga formosa:—Fuja dos homens. A occasião faz o ladrão.
—Que vale fugir-lhes, meu padre, elles correm mais do que nós. Não teem aços!
Um advogado:—Porque defende os criminosos?
—Pela mesma razão porque v. s.ª os absolve. Questão de bagos.
(O padre lá comsigo) que descarado!
—E fazeis proposito de vos emendar!
—Oh! meu padre a vida de solidão é tão triste!
(O padre lacrimoso) —A quem o dizeis, senhora? Ide-vos em paz!
Um plebeu: — Roubei um dia pão
—Miseravel!
—Eu tinha fome
—Bandido!
—Tinha em casa um filho que morria
—Levante-se, não o posso absolver

Lê-se no *Reporter*: — «Nos corredores da Academia constava que el rei se referira com muito louvor á proposta recentemente apresentada pelo sr. Theophilo Braga para a fundação de uma Revista da Academia.»

Concurso de belleza.

Convidadas officialmente as nossas patricias para se fazerem representar no certamen da belleza feminina, em Paris! Gentil.

O *Diario de Noticias*, jubiloso, exclama:

«Inda bem que já lá, em Paris, fazem justiça ao nosso paiz acreditando que temos mulheres capazes de concorrer a uma exposição de belleza.»

Que descoberta! Parece que lá por fóra havia a idéa de que isto era um paiz de estafarmos. E' de uma ingenuidade, o collega.

Bellas, á batalha!

D. Maria II. — Mais um trabalho original subiu á scena n'este theatro. Um elegante e gracioso *lever de rideau*, de Joaquim Miranda, que vae accentuando brilhantemente a sua individualidade de dramaturgo intelligente e habil. O *Beijo do Fausto*, comedia n'um acto, tem uma acção simples, um enredo despretencioso, mas bem urdido e que prende agradavelmente o espectador. O seu desempenho, confiado a Amelia da Silveira, Ferreira da Silva, Alberto de Magalhães e Pinheiro, foi correctissimo, distinguindo-se os dois primeiros pela excepcional interpretração dos seus papeis. Applaudindo com sincero enthusiasmo a Joaquim Miranda, aguardamos trabalho de maior fôlego para d'elle nos occuparmos mais largamente.

Gymnasio. — Continúa o *Cocard e Bicoquet* a fazer as delicias dos espectadores. Na proxima semana a festa artistica do incomparavel Valle, com o *Bibi*, de Moura Cabral.

Rua dos Condes. — Estão quasi completos os scenarios e guarda-roupa para o *Tim-tim por tim tim*, a grande revista do anno de Sousa Bastos. Deve subir á scena no fim da proxima semana

Coliseu de Lisboa. — Acabaram os espectaculos da companhia equestre e acrobatica. Emquanto, porém, não chega outra companhia de igual genero, temos a companhia franceza, que esteve na Avenida, e que representa alli uma série das suas melhores operas-comicas.

A deliciosa estatua, que reproduzimos, da filha do ex.^{mo} sr. conde de Almedina, é um dos mais bellos trabalhos de Soares dos Reis, o grande artista fallecido.

Hoje que as homenagens de consagração ao seu excepcional talento, começam a apparecer, juntamos a nossa pequena collaboração á cruzada nobre, que se levanta para lhe propagar os meritos e engrandecer o nome glorioso.

A reproducção dispensa commentarios.

Camillo Castello Branco.

Faz annos hoje, sabbado, o eminente romancista. Felicitamol-o sinceramente e desejamos que se accentuem progressivamente as melhoras que nos consta ter experimentado na doença que ha tanto o martyrisa.

Exposição de Paris

Não publicamos hoje, como haviamos promettido, os *croquis* do palacio das installações portuguezas na Exposição internacional de Paris, porque o projecto primitivo, cujos desenhos nos foram concedidos pelo nosso amigo sr. visconde de Melicio, soffreu algumas alterações.

Para que possamos apresentar, portanto, um trabalho correcto e verdadeiro, aguardamos a remessa do projecto definitivo, cuja photographia nos foi promettida pelo mui digno presidente da associação industrial.

Registre-se

Silva Lisboa consigna n'este logar, e com o maior jubilo o seu particular reconhecimento pelas boas e generosas palavras com que o excellente jornal *A Lucta*, orgão do partido republicano da Madeira, acolheu a publicação da *Comedia Portugueza*, de que tem a honra de ser redactor-gerente, bem como agradece ao Club Washington a maneira affectuosa com que se tem interessado pela mesma publicação.

Madame Serni foi nomeada florista do Turf-Club.

Valeu-lhe esta distincção o 1.º premio concedido á carruagem do ex.^{mo} sr. Francisco Ribeiro da Cunha, enfeitada pela distincta florista, para a batalha das flôres.

Antigamente as deusas, ostentando
Olympica nudez
Mostravam-se no Ida, as bellas damas
Que ao todo eram só tres.

E Páris, um marau de boa sorte
No orgão visual,
Devia dar o pômo á que julgasse
Do trio a sem rival.

Isto era d'antes, nas safadas eras
Do paganismo atroz,
D'esse rançoso ideal, que, por desgraça,
Chegou inda até nós.

Agora, n'estas quadras positivas,
Quando se quer saber
Qual é no grupo das Nanás da moda,
A primeira mulher,

Pergunta-se ao tasqueiro da *guinguete*
Quem bebe mais por lá;
E ao policia civil, qual é o *majo*
Que mais trabalho dá!

E. A. Vidal.

Oliveira Marreca

Oliveira Marreca

Honrar os homens que poderam levantar-se acima das viciosas tradições e dos preconceitos hereditarios, devotando-se pelo bem publico e pela causa da regeneração social, é dever indeclinavel de todos quantos sabem apreciar as consciencias honestas e os espiritos bem temperados.

Oliveira Marreca, na tranquilla intransigencia dos seus principios, na superior elevação intellectual das suas doutrinas, na serena austeridade do seu caracter e na honrada coherencia do seu procedimento era um protesto vivo e solemne contra a miseria moral e mental, que ahi se agita n'uma senilidade dissolvante, com o nome de politica portugueza.

A idéa democratica, que elle servia fervorosamente, pelo pensamento e pelo coração, perdeu n'elle um dos seus mais sinceros e desinteressados apostolos; a sociedade portugueza perdeu um caracter profundamente incorruptivel, um espirito solidamente constituido.

A *Comedia Portugueza* depõe respeitosamete sobre o tumulo do honrado e prestante cidadão a homenagem mais sincera da sua dôr.

CONFIDENCIA

O creado collocara sobre a pequena mesa de charão, com embutidos de prata, em frente da ottomana, a bandeja com o café.

A conversa banal dos dois, se ha conversa banal entre dois amantes, morrera de repente, com a interrupção.

Tinham cahido n'um d'aquelles deliciosos e vulgares silencios em que dois cerebros se fallam mudamente, em que se adivinham os pensamentos, em que o ruido parece uma profanação á silenciosa conversa de duas almas que se acariciam no segredo d'uma adoração tacita, em que palavra que se solta tem a grosseria, a aspereza d'um intruso, o quer que seja d'uma nota rude na harmonia dôce das ideias que passam pelo cerebro como um collar de perolas brancas.

O ambiente morno do gabinete, enchia-se de perfume voluptuoso que entrava pela janella do jardim, das rosas percutidas pela chuva e dos cachos de lilazes azúes que uma aragem mais forte balançava.

Passaram minutos.

Esther levantou, lentamente, do almofadão a cabeça, ergueu a meio corpo e, tomando a mão de Luiz:

—Amas-me muito, Luiz?

—Elle, olhou a com um ar de indifinido encanto e sorrindo repondeu, apertando-lhe contra o peito a cabeça que beijou dôcemente.

—Esther inclinou, para traz, a cabeça livre da pressão e fitando-o: amas-me muito, muito?

—Muito, respodeu elle, tu o sabes.

—E porque me amaste?

E, como elle permanecesse silencioso, sorrindo da pergunta, com um ar de ingenuidade affectada...

—Sim, porque me amaste, tu, cujo coração parecera ter ficado em Paris n'algum museu de escola, ou preso á trança loura de qualquer Manon de cervejaria? Tu, que acceitavas com uma altivez de principe proscripto, a côrte das mulheres, tu a quem ninguem conhecera uma sympathia vehemente, uma distincção precisa, um amor? Diz-me, diz-me porque me amaste, então?

E, como elle hesitasse ainda, ella exclamou despeitada nervosa, cheia de anciedade:

—Pela minha belleza?

E sorria, entre receiosa e contente, de quem ousa fazer uma pergunta grave e teme uma resposta franca:

—Não, minha Esther, não! Tu és realmente bella!

Nenhuma mulher eguala a estranha elegancia do teu corpo, nenhum busto, remeda, sequer, a altiva soberania da tua cabeça cheia de luz!

Quando andas, todos os homens seguem com o olhar avidamente acariciadôr o ondear voluptuoso do teu corpo; quando fallas a tua voz dôcemente sentida, d'uma vibração crystallina, musical, acariciadôra, arrasta-nos para ti, para o teu amôr, com os antigos cantos das sereias aos velhos navegadores do mar tenebroso—!

—E não te bastaria tanto para me amares?

—Não, minha amiga, não!

—O teu olhar é bello como uma aurora!

«Ha na tua pupilla humida e negra todas as promessas de um longo amôr, cheio de caricias, de sonhos perfumados d'um fogo estranho e louco.

«Na breve til da tua bocca de rosas espreitam enxames de beijos; e a tua longa trança, ampla como um manto de rei, luminnsa como um diadema, provoca o besitante errar dos dedos tremulos na vastidão dos seus meandros d'um atricto electrico e d'uma garcilidade de teia veludosa!

«Mas só por isto, ó minha Esther, eu não te amaria assim!

Ella ouvia-o, inclinada sobre elle, como se lhe bebesse as palavras com o olhar.

Gozando da surpreza Luiz continuou:

—Na noite em que te fui apresentado, no baile da condessa, lembra-me que mergulhando a vista no teu colo, ao vêr pulsar brandamente o teu peito casto, d'um modelo de estatua, perfumado como a corolla d'uma magnolia e branco como as petalas d'esta flôr singular, me senti deslumbrado, como perante um sonho de amôr aberto, pela primeira vez, á contemplação d'um coração de vinte annos!

Mas não te amava ainda, meu amôr, eu não te amava ainda!

Ella, curiosa, infantil, apertando-lhe as mãos e chegando-se a elle quasi a tocar-lhe o rosto com os olhos, a boquita meia aberta, n'um sorrir nervoso que espera uma revellação e engatilha um beijo:

—Diz, diz, porquê, então?

—Lembras-te da noite em que sahimos da Opera? Uma noite fria, aspera, cruel, em que a neve cahia em grandes flocos? A tua carruagem parou impedida por um obstaculo que jazia no solo. Era uma creança enregelada, pequenina e magra, d'um louro cendrado, que o frio prostara e que ia morrer!

Então tu descestes do carro e tomaste-a nos braços.

Lembras-te?

—Sim, lembro. Como era gentil a pequenita.

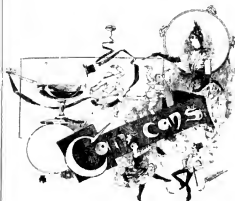
—Radiante de belleza, com uma alegria sobrenatural misturada de receio, o rosto animado d'um clarão maternal, trouxeste-a até a casa, encostada ao peito, carinhosamente, a animal-a com o teu calôr e com os teus beijos!

Tu, bella, envolta em pelissas e rendas preciosas, apertando contra o collo nú o corpo andrajoso da pequenita, lembraste-me uma flôr radiante que acariciasse, na frescura da corolla immaculada, o corpo miseravel d'um verme!

—E n'essa noite...

—N'essa nnite amaste-me! interrompeu Esther, com o olhar humido, os labios trementes, a voz velada por uma commoção de intima felicidade.

—Sim, n'essa noite amei-te!—e passandn-lhe o braço pela cinta a apertal-a dôcemente ao peito—por que n'essa noite, tu foste verdadeiramente bella, ó minha amada! Porque todo o encanto d'uma mulher, todo o esplendôr d'um collo feminino, toda a humidez voluptuosa d'um olhar, toda a belleza, emfim, é banal e ephemera se a não anima, se a não vivifica, a intelligencia e a bondade!—a liga sublime d'estes dois metaes—o forte, que nasce do cerebro, o fraco, que deriva do coração!

Mendo.

Antigamente havia um homem, em S. Carlos, chamado Reduzzi, que tinha por officio em todas as operas que metiam rainhas, exclamar ás portas, ou perto dos arcos:—*la regina!*

Este homem, comn todns os homens destinados no mundo para grandes feitos, ai de nós, morreu!

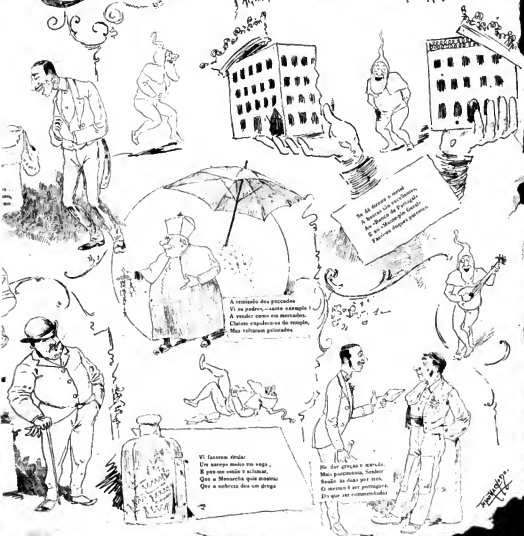
Mas como a Providencia é grande e assim como não abandona os vermes da terra não esquece as emprezas lyricas, appareceu o vulto não menos epico de Mnraes, que no mesmo tablado, nas mesmas scenas, com a mesma voz, a correcção da pose e a graça do meneio repete entre o choro dos violinos e o ronco dos baixos as palavras fatidicas:—*la regina!*

Sua Magestade a rainha lembra-se de proteger uma familia doente e pobre.

Vi no paço reverences,
Republicanos feroces,
Da republica descrem
Elles tinham bellos de
E o rei um saco de ne
Ter conselheiros não basta
E ás vezes tel-os é mau·
Alguns só miram á pasta,
Não olham ao que se gasta,
E o povo tratam a pau.
Vi quem nada possuia
Feito rico de repente,
Com casas de moradia,
Chalet para o tempo quente,
Com repuxo d'agua fria

Carta a El-Rei D. Luis I.º

PAGINA DEDICADA AOS 'VENCIDOS DA VIDA'

Se dá direito o metal
A honras tão excellentes,
Ao «Banco de Portugal»
E ao «Monte-pio Geral»
Fazei-os duques parentes.

A remissão dos peccados
Vi os padres,—santo exemplo!
A vender como em mercados.
Christo expulsou-os do templo,
Mas voltarom peiorados.

Vi fazerem titulo
Um xarope muito em voga,
E pus-me então a scismar,
Que o Monarcha quiz mostrar
Que a nobreza deu em droga

No dar graças e mercês,
Mais parcimonia, Senhor
Senão ás duas por tres,
O mesmo é ser portuguez,
Do que ser commendador

Dispensa comitivas, entra n'um «coupé» vulgar, despe-se de galas e indaga o sitio da casa miseravel. Vae só, deseja não ser notada. E' natural. O acto que Sua Magestade vae praticar deve ter o supremo attributo da humildade, recommendado pelo evangelho, o segredo.

Sem ella, sem esse predicado santo que só possuem as almas de finissima tempera, a esmola é uma ostentação vã, uma vaidade, que nem satisfaz a bondade natural do coração caritativo e prejudica, em absoluto, o exemplo, e moralidade do acto.

Assim o entendeu Sua Magestade a Rainha, assim pretendeu que, como a viuva do evangelho, a sua esmola fosse humilde e secreta.

No emtanto, como ha sempre um Raduzzi em cada jornal, ou um Moraes em cada periodico, quando Sua Magestade se apeou do carro, aos ventos da cidade, as vozes dos arautos atiravam pressurosos e desafinados : — a Rainha !

E assim foi que o acto de Sua Magestade louvavel e generoso, passou a tomar pelas pennas d'estes ridiculos annunciadores, o caracter d'uma acção calculada, sem merito.

Não ha peores amigos do que os tôlos; não só os reis teem occasião de julgar da verdade d'este aphorismo.

E depois, Real Sephora, o demonio é que em morrendo um Raduzzi, apparece logo um Moraes para o substituir.

E' fatal !

«A briza que perpasse pelas tenues cordas da harpa eolia, produz suavissimas harmonias...»

De quem imaginam Vossencias que é este trecho de prosa, dôce como o mel do Hymetho e delicado como uma charuteira de missanga, bordado por mão de namorada?

De quem imaginam Vossencias que sejam?

Não é verdade que lembra e suavidade de Lamartine, um rapto lyrico de Castellar, um periodo de Fr. Luiz de Sousa?

Não parece fraze ditada pelo «amigo das andorinhas» de Coimbra, ou principio de extase de poeta merencorio, em brenha alpestre, a coçar na cabeça e a olhar para a lua?

E todavia, ó espanto, isto é a abertura d'um pequeno artigo do nosso ex-ministro das obras publicas, aquelle cuja penna despede coriscos de coleras terriveis, em louvor de Camillo Castello Branco.

Veja-se n'este simples exemplo a differença que vae entre o cortajar uma pasta a cortajar um grande romancista.

O sr. Duclaux — de Metempsychose — se podesse transplantar este phenomeno para a sua camara escura, diria : — para mostrar a força do meu poder creador, vou transformar este Ferrabraz de gesso n'um lyrico d'alcorce : — ó da harpa, vive !

Concertos musicaes.

A «Real Academia de Amadores de Musica» realisou quinta-feira passada o seu 4.º concerto da presente época, sendo esta vocal e de instrumentos e solo. Na parte vocal do concerto figuraram diversos amadores de canto, a convite especial da associação, distinguindo-se entre elles um cantor já hoje considerado de primeira ordem, e que muito honra a distincta classe de amadores de musica.

Referimo-nos ao sr. D. José d'Almeida, um baixo cantante de reconhecido merito, e cujo concurso dá sempre um grande relevo artistico aos concertos musicaes em que toma parte, e em que é sempre calorosamente applaudido.

Hoje repete-se o mesmo concerto, para o segundo turno de socios e suas familias. Nos dias 28 e 30 do corrente realisar-se-ha o 5.º concerto de grande orchestra.

Saudamos a benemerita associação pelos grandes serviços que presta á arte musical no nosso paiz, e saudemos todos quantos prestam o seu valioso concurso a tão utilissima instituição.

Rua dos Condes. — Até que emfim, sobe hoje á scena n'este theatro a tão desejada revista do anno — *Tim tim por Tim tim* — original de Sousa Bastos, que tão popular se tornou de ha bastantes annos por este genero especial de trabalhos dramaticos.

A actual revista tem sido esperada com verdadeira anciedade, attendendo á fertilidade dos assumptos do anno de 1888, a que ella diz respeito. Vamos vêl-a, e d'ella fallaremos com o interesse que merecer.

Congratulamo-nos porem, e desde já, com a empreza e com o auctor da revista, pelas boas enchentes em prespectiva.

O espirituoso actor Valle, verdadeiramente notavel pela graça fina e natural que imprime a todos os seus papeis, realisou hontem a sua festa artistica, no theatro do Gymnasio, com a primeira representação do *Bibi*, uma chistosa comedia original do distincto escriptor Moura Cabral, e que agradou muitissimo.

Valle recitou um monologo, origioal do nosso amigo e collega Lino d'Assumpção. Intitula-se — *A minha invenção* — e foi muito applaudido, bem como a comedia e o seu extraordinario interprete, em honra de quem se realisou a festa, a quem nós saudamos d'aqui com todo o enthusiasmo da nossa admiração pelo seu talento excepcional.

Trindade. — Cinira Polonio, no *Boccacio*, tem chamado enorme concorrencia a este theatro. E realmente o seu trabalho é tudo quanto póde imaginar-se da mais perfeito e completo no genero. Naturalmente graciosa, sem *ficelles* ridiculas, ella sabe dar ao seu delicado papel de *Boccacio* um relevo distinctissimo e deveras encantador.

Carta a El-rei D. Luiz, por Sá de Mirandella. — Deliciosas quintilhas que recommendamos como modelo de graça e de critica. Sá de Mirandalla, deve dizer-se bem alto, é o pseudonymo de Urbano de Castro, redactor do *Correio da Manhã*, o saudoso chronista do *Jornal da Noite* a quem enviamos o nosso ebraço mais cordeal.

Revista de Portugal. — Collaborada pelos melhores nomes da nossa litteratura, sob a direcção do notavel romancista o sr. Eça de Queiroz, vai começar a publicar-se, em breve, uma revista mensal com o titulo acima.

A *Revista* propõe-se «a apresentar as creações da imaginação no Romance e na Poesia, resultados da investigação na Sciencia e na Historia, trabalhos de Critica litteraria e de Critica artistica», e a estudar «com desenvolvimento e adquada competencia, os assumptos que genericamente se prendem com a Politica, com a Economia, com as Instituições, com os Costumes, com todas as manifestações d'um organismo social».

A *Revista* tem, pois, as mais largas vistas, representará um grande elemento de ensino e de trabalho, de garantida competencia, attenta a plaiade de distinctos escriptores, que n'ella collaborem.

Recomendamol-a com enthusiasmo.

As lindas *corbeilles* offerecidas pelos alumnos das escolas municipaes, ao Principe da Beira, no dia do seu anniversario natalicio, foram enfeitadas pela *Fleuriste française* do Chiado, o que quer dizer que eram primorosas e de fino gosto artistico.

Confissões
(CONTINUADO)
Confissão de rei. — Nada mais, real senhor?
—Nada mais.
—Digne-se V. M. rezar o acto de contricção, emquanto Deus vae ter a honra de o absolver, pela bocca do seu ministro.
Uma menina de 10 annos. — Tem alguma coisa «no sexto?»
—Não, senhor.
—Nada receie, diga.
—(Ruborisando-se) Tenho uma carta do primo Julio.
—Um jornalista. — Nunca levantou ao seu jornal uma calumnia?
—A's vezes. Vossa Reverencia não imagina a falta de assumpto que ás vezes ha.
—Uma senhora visinha. — Não continua a dizer mal do proximo?
—Eu não senhor: agora a mulher do Borges da esquina...
—Sim? ora diga lá.
JULIÃO MACHADO

30 DE MARÇO
A COMEDIA PORTUGUEZA
A REVISTA DO ANNO POR SOUSA BASTOS
RUA DOS CONDES
FIM-FIM
POR
PEPA
A FAMILIA NO SECULO XX.
FIM-FIM
JULIÃO MACHADO.

Sousa Bastos fez a revista do anno que passou. Medico do tempo e dos costumes, esqueceu-se de nos dizer se o final o sujeito revistado padecia ou não da molestia contagiosa. Por nossa parte acreditamos que sim.

E tanto que ainda que se da todos os males que soffreu nenhum se tivesse inoculado no novo anno, bastava o de ter deixado a mesma doença politica, para se perceber que o misero morreu, chagado como um Lazaro.

A «Revista» não vae porém ao extremo da escalpelisar o cadaver. Limita-se a sacudil-o, a pôl-o de cocoras, a levantal-o por um braço, por uma orelha e mostral-o ás gentes que sorriem, por entre a exhibição mais ou menos feliz de danças, de córos, de bailados.

A esta exhautoração toda a gente gosta de assistir. A primeira representação d'uma revista é um compromisso de honra e que não deixam de assistir todos os despeitados e todos os *más-linguas*.

O secreto prazer de ouvir dizer mal, de ver metter a ridiculo, homens e costumes sobrepuja, em nós, o prazer de ouvir tecer elogios, ou de assistir á primeira representação de uma obra d'arte.

Talento todos nós temos, á farta; defeitos é que só os outros tem e é essa confirmação, em publico, que nos atrahe.

A «revista» do sr. Sousa Bastos é porém uma «revista» bem creada, cheia de attenções, onde apenas de vez em quando, passa um arsinho fresco, a temperar a seriedade das «estações.»

E' tanto mais para louvar esta conducta quanto é certo que a peça começa na gruta de Calypso.

As grutas são frescas e então a habitada por Ullyses devia constipar um santo. A partida do explorador causa ás nymphas lagrimas e chóros, como quando, em familia burgueza vae para Gerez o dispeptico dono da casa.

Aquillo não é a gruta de Calypso, afinal; é a saleta honesta do 4.º andar onde mora D. Genovava Calypso e as meninas.

Sobresahe a todos, grandemente, no desempenho dos differentes papeis a actriz Pepa. Canta deliciosamente o portuguez, sublinhando com verdadeira arte e graça e veste muito elegantemente, excepto no ultimo quadro, onde está a pedir... um sobretudo.

Vistam-lhe um sobretudo, por piedade.

A «Comedia Portugueza» é tratada na revista com extremo favor.

Pepe incarna-a com verdadeira elegancia, Sousa Bastos louva-a com captivante empenho. Mil graças.

Sob o titulo de —Vida Elegante— um collega dá-nos a extraordinaria noticia de que os «vencidos da vida», para festejar a chegada de Eça de Queiroz, jantaram no «Braganza.»

Que elegancia de idéa e que elegancia de jantar! Contas do Porto, sim?

Mas não é tudo. Guerra Junqueiro,— continúa o informador, que é necessariamente um elegante,—o unico «vencido» que faltou, mandou dois alexandrinos!

Ignorantes das pragmaticas dos jantares d'hotel, entre vencidos, pasmámos da remessa.

Dois alexandrinos para um jantar! demonio da idéa!

Qualquer mortal teria enviado — duas pêras.

E então alexandrinos, ao toast, devem ser indigestos como a salada de rabanetes!

Segrêdos da elegancia. Que comicos!

D. Guiomar Torrezão, terminou um livro que vai publicar com o titulo de *—Batalhas da vida—*.

Será agora a occasião de podermos conhecer todas as victorias e todas as conquistas da distincta escriptora?

Deve ser curioso o livro e vem na epoca propria — a primavera.

Cuidado com os descriptivos.

Descoberta.

O *Correio da Noite* descobriu em artigo de fundo que as duas *principaes* classes da sociedade são a dos *productores* e a dos *consumidores*, havendo com certeza outras, que o articulista, por modestia ou quem sabe se por decencia, não especifica.

E' importante esta descoberta em taxonomia economica. Nós felicitamos o *Correio da Noite* e tambem felicitamos Aveiro, que nos exportou para cá ha poucos dias este Stuart Mill... de ovos moles.

Agora deram os jornaes em gritar que ha thypos, em Lisboa; elles querem dizer febres typhoides. Typhos por causa da Companhia do Gaz, que faz a canalisação, arrombando as ruas. Parece que é possivel metter canos pelo chão, com a mesma habilidade com que um gatuno nos mette as mãos nas algibeiras.

Muito curioso este movimento de cuidado pelas nossas vidas. E' muito para louvar estendo os collegas tão preocupados na resolução dos mais graves problemas da coisa publica.

Mas a junta de saude affirma que não ha mais febres do que costuma haver. Não ha? ora essa. Quer saber mais do que os jornaes?

A quedra vai bonançosa a emquanto não chegar abril, com os deputados, é precizo arranjar assumpto de sensação. Agora embirraram em que ha typhos, muitos thyphos, typhos por toda a parte, e querem salvar-nos!

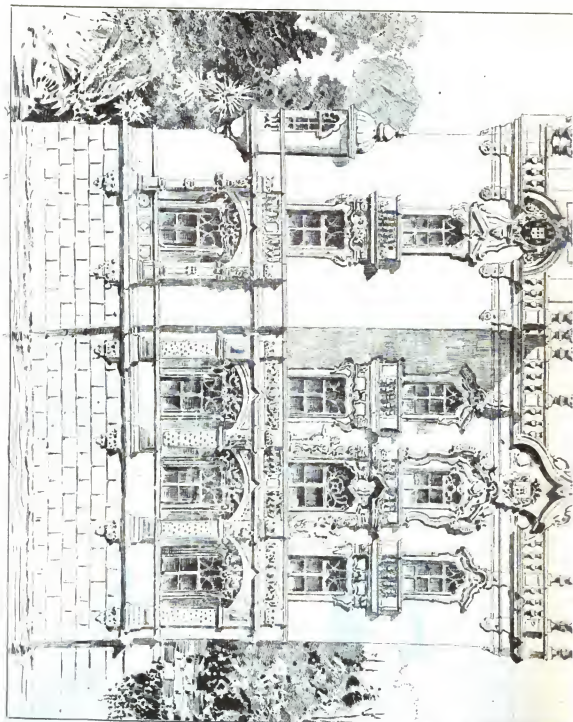
Obrigado, rapaziada, obrigado.

Manuel Esteves Ribeiro.

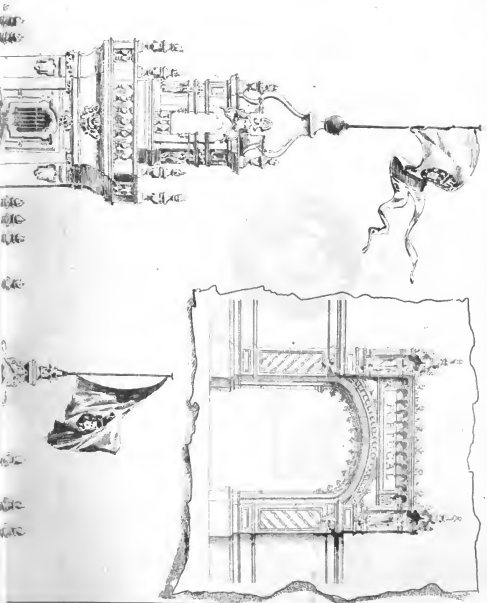
Este benemerito acaba de offerecer quinze contos de réis para a construcção do novo edificio das officinas de S. José, no Porto.

Esta escola é, como se sabe, um asylo onde as creanças, sem modo de vida, destituidas de meios, encontram na aprendizagem d'um officio, um refugio contra todas as consequencias funestas da vadiagem.

Foi negociante no Brazil este generoso homem e cita-se como modelo de honestidade e honradez. Comprehende se a bondade da sua alma na generosidade dos seus actos e é de justiça louvar lh'a. São tão raros, hoje, os bons exemplos! Ousamos pedir-lhe um favor: se a munificencia official quizer premiar-lhe a acção com a insignificancia d'uma commenda, d'um habito, d'um titulo—regeita.

Deixe que o acto praticado conserve sempre a nota da honesta bondade que o suggeriu.

O ANNEXO PORTUGUEZ NA EXPOSIÇÃO UNIVERSAL DE PARIZ

ABRIL

(Cantares)

Dizem muito, pouco, nada,
As c'r'has dos malmequeres
São assim, mal comparados,
Os corações das mulheres.

Andam as aves aos pares
A namorar-se em descantes:
São como as aves cantando,
Os corações dos amantes.

Encontrei hontem na estrada
O meu amôr d'algum dia.
Quando elle ria eu chorava,
Quando elle chorava eu ria!

E' que ao avistar na terra
O nosso primeiro amôr
A dôr transforma-se em riso
E o riso torna-se em dôr.

Olho bem para as saudades
E vê que tristes que são;
E querem que ande contente
Quem as traz no coração!

Ralha comigo o abbade
Por cada vez que te vejo:
Os curas nunca souberam
As curas que faz um beijo!

Geme de noite o açude
Batido pela levada;
Ninguem escuta ou presume
Que soffra! Uma alma penada
Vê tu o que é o costume!

M. MESQUITA

O annexo portuguez na Exposição Universal de Paris

Damos boje a copia de photographia, que só ha dias recebemos, do annexo portuguez no Caes d'Orsay e que é destinado ás collecções dos nossos productos industriaes, agricolas e coloniaes.

O annexo acha-se n'uma explendida posição, entre o palacio dos productos alimenticios francezes e as extensas galerias da agricultura, ficando proximo da ponte d'Alma e tendo muito perto um caes que serve para os pequenos vapores que navegam no Sena e que alli desembarcam todos os dias milhares de visitantes.

O chamado Palacio Portuguez occupa uma area de 500 metros quadrados e fica, como já dissémos, na margem do Sena, onde assentam os pilares da ponte, que dá sobre o rio.

O edificio tem tres andares, estando destinado o *rez de chaussée* para os productos agricolas, o 1.º andar para os industriaes e o 2.º para os coloniaes.

Entra-se para o annexo por um balcão abrindo sobre o vestibulo onde se acha a escada, defronte da entrada principal, vendo-se d'alli o *rez de chaussée* e o 1.º andar, por ficar na mesma altura que o andar correspondente do palacio dos productos alimenticios francezes, que fica ao lado.

Cada andar comprehende um largo portico em torno do vestibulo, dando accesso a dois salões ligados entre si por um salão quadrado situado na torre.

Só no 1.º andar, o salão quadrado da torre está isolado para servir de escriptorios.

Este salão dá para duas grandes janellas com balcões salientes sobre o Sena, permittindo uma torre no angulo ver-se o panorama do rio; communicando o mesmo salão por duas pequenas pontes com as janellas collocadas sobre os porticos do *rez-de-chaussée*, onde de uma especie de tribuna se poderá assistir ás festas fluviaes, fazendo-se por essa ponte exterior a circulação do publico durante o dia.

O annexo foi contractado com a casa Allard, de Paris, e o projecto e a direcção estão confiados ao distincto 2.º architecto da Exposição Universal de Paris, M. Hermant.

Dedicando as paginas centraes do nosso jornal á reproducção do annexo portuguez, tivémos em mira apenas o prestar um serviço aos nossos leitores, dando-lhes um elemento importante para poderem avaliar a dedicação e os esforços empregados pela commissão da Associação Industrial, que foi encarregada dos trabalhos relativos á representação de Portugal na Exposição de Paris.

E agora só nos resta agradecer ao illustre presidente da commissão, o nosso amigo sr. Visconde de Melicio, a sollicitude com que se prestou a fornecer-nos os elementos precisos para nos desempenharmos d'este compromisso, que tomámos, na mente de sermos agradaveis aos nossos leitores, visto tratar-se de um assumpto palpitante, em torno do qual se tem levantado accesa polemica.

Infante D. Henrique. — No dia 3 do mez de abril realisa-se no salão do Gil Vicente, no Palacio de Crystal, do Porto, uma sessão solemne em honra d'este notabilissimo vulto da historia portugueza. Deve ser uma brilhante festa, em que tomam parte alguns dos nossos principaes oradores e poetas, e que é promovida pela Sociedade de Instrucção do Porto, a quem agradecemos o amavel convite que nos dirigiu.

Gottas de Chypre. — Recebemos os n.os 6, 7, 8, 9 e 10 d'esta deliciosa publicação litteraria, dirigida pelo sr. Luiz da Silva. O numero 10 traz dois trabalhos originaes, de José da Camara Manuel e Augusto de Azevedo. Os 11 e 12 da proxima semana, publicarão um conto original do nosso director litterario, o dr. Marcellino Mesquita. Intitula-se — «Na berlinda».

Revista Illustrada. — Recebemos os n.os 20 e 21 d'esta excellente chronica litteraria, dirigida pelo sr. Gonçalves de Freitas, e que vae já no quarto anno da sua publicação.

O Typho

... e pelo corrego estreito, sob as estrellas e a noite, equelles homens desceram, d'enxada ao hombro, e face occulte nos gorros, e os rudes soccos matraqueando as pedras do caminho

Apoz e primeira leva, veio segunda, e depois da segunda, terceira: e todos elles, calados, com uma fatalidade barbara nos meneios, assim vieram, até ás portas de Babylonia que dormia. Cada vez iam mais baixas as nuvens, com fuligem de tormenta nas suas grandes azas de hypographos, e os lividos ventres, epunhalados da claridade obliqua do luar.

E perante aquella invasão de vultos sinistros, cavadores, britadores, mineiros, maçons, d'enxada ao hombro, e picareta em riste, e lanterna pendente, toda Lisboa como se retrahia cada vez mais, nos seus bairros infectos e lodosos. E elles entraram, dividiram-se em bandos pelas ruas: outros desceram os embarcadouros dos caes, cuja escaleira e vasante das aguas descobria, toda incrustada de salsugens pestillentas. E aquelles homens começaram então a procurar na terra o quer que fosse.

Grandes incubões se abriram pelas ruas, que esses cirurgiões da peste iam rasgando, até aos intestinos da cidade: e desviadas do seu curso, as aguas do rio deixarem fermentar as montureiras das praias, contaminando os ares de sanias repelentes.

E o povo disse: — que gente é esta que falla uma eravia de pagãos, e vae escavando na terra, com designios sinistros, á procura do inferno e as suas pragas?

E á medida que as valas escancaravam a bocca, caminhando cada vez mais para as profundezas da terra, e aquelles homens desappareciam n'ellas, como demonios, atirando as enchadas com rythmos lugubres, larvas de morte esvoaçavam das covas, enchameavam os ares, multiplicavam-se, cresciam: e bem depressa ellas foram tantas, que a terra ficou coberta de fumaredas.

E os que desciam dos montes para o trabalho, ao cantar dos galos, eram colhidos por ellas, e cahiam sem vida, maldizendo as gerações.

E viu-se um velho d'oculos, de cócoras sobre o sol; um esguicho d'agua phenica lhe sahia do umbigo, e elle fazia dançar um microbio, no campo d'um microscopio.

E esse homem era o cons.lho de hygiene, que disse aos cavadores — cessai! Vossas enchadas exhumam da terra todas as essencias da morte e da abominação.

E os cavadores disseram — Vede que nos mandaram aqui o Hersent e a nova companhia do gaz, a que revolvessemos a terra, e sacudissemos o typho de dentro d'este humus tenebroso. Em verdade vos digo que é chegada a hora de darmos pasto aos cemiterios.

E das valas se ergueram então os espectros do thypho, com azas de verde podre, e os olhos cavos, n'um delirio babado de incoherencia. As suas maxillas eram descarnadas; os longos braços estrallejavam ao menor dos seus meneios; e as pelles dos ventres, azuladas, cahiam-lhes aos pedaços, pingando sania por cima das boccas sorridentes.

Em longas espiraes, esses sinistros monstros iam revoluteando das covas, e entravam nas casas, surprehendiam o trabalhador ás horas da sésta, a creança no berço, a mulher no labor do lar domestico...

E bradou o Hersent de cima das obras do porto: vinde ó febre typhoide, e ceifai-me por ahi milhares de vidas, que os cemiterios estão com fome!

Vinde e comei as carnes dos Officiaes de guerra, as carnes dos Poderosos, as carnes dos cavallos e dos cavalleiros, e as carnes de todos os livres e escravos, pequenos e grandes. Não as dos Principes, que esses deram ás de Villa Diogo para Villa Viçosa.

(Continua)

Julião Machado

Cavacos

Eu tenho para mim e sei bem que não sou eu só d'esta opinião, que se alguma cousa ha no mundo, bella e digna de vêr-se é uma mulher bonita!

Chego até ao radicalismo de confessar, francamente, que para mim nada ha bello no mundo sem a mulher.

Pódem gabarme as bellezas d'uma paisagem, os meandros umbrosos que sombream o rio prateado, a magestade altiva d'uns cerros gigantes projectando-se na vastidão do azul, um poente no mar, a solidão d'uma floresta cheia de murmurios d'aguas e de attrictos de folhagens lentamente agitadas, eu confessarei que tudo isso é bello, não por si, banal e inanimado, inconsciente e bruto, mas porque pode completar-se.

Na paisagem eu collocarei debaixo da carvalheira anosa uma mulher deitada; no rio fal-a-hei reclinar na prôa do bote ligeiro e silencioso como um cysne; junto ao mar, collocal-a-hei de pé na riba, o véu bambeando ao vento, o olhar no espaço, ou sental-a-hei na praia, languidamente, absorvida na franja espumosa da vaga que se turge, rola e muge espraiando-se-lhe aos pés!

Os pintores não a dispensam nos seus quadros do natural, tanto elles sentem que isoil-a de lá, é expôr á contemplação do nosso olhar, um cadaver mais ou menos bello, mas um cadaver.

E' banal repetir que nós vemos o mundo exterior conforme o estado intimo do nosso espirito. São alegres os dias se estamos alegres, tristes se estamos tristas. E' que a imaginação empresta aos sentidos o po dourado com que polvilhem ainda as maiores tristezas, como arranca ás felicidades a epiderme que esconde as maguas.

E' ella que vai collocar, inconscientemente, para nós o vulto d'uma mulher, no meio da charneca extensa, no penedo negro da encosta, ou na alameda areienta e sombrada da floresta.

E então nós dizemos de rijo: que bella charneca! e para nós:—para correr uma lebre, no lazão, ao lado d'ella! Que encantadora floresta! e baixo, intimamente:—para passeiar, ao anoitecer, sentindo-lhe o pezo no braço... o pezo d'ella!

E assim tudo o que nos agrada, o que nos encanta haure d'esse occulto phenomeno o poder da attracção. Um francez o disse, que me não lembra qual; mas os francezes n'este assumpto são entendidos: *il y a de la femme dans tout ce qui plait.*

Era dos meus, em philosophia, este auctôr.

Mas entenda-se que é da mulher formosa que se trata; porque se collocar-mos uma carcassa em qualquer d'estes pontos, estragamos todo o agrado, belleza e paisagem. Vae tudo pela agua abaixo.

Oh! uma mulher feia!

Deus conserva-as por dois motivos: para provar a nossa paciencia e para mostrar a grandeza do seu poder, no bom e no máu.

Ha homens que, n'este ponto, rivalisam com Deus: elle fel-as, elle aturam o'as. Homens para quem a Torre Espada seria um ridiculo galardão.

Homens d'um valôr, de uma lealdade e de um merito que só posto em bronze! Mas ha.

Em Lisboa então dá-se um caso muito curioso. Ha dias em que, durante a hora do passeio e das compras, hora em que, como todos sabem, as nossas mulheres expõem ao ar dos arruamentos todos os dotes naturaes e artificiaes com que Deus as dotou, dizia eu, ha dias em que não se logra vêr uma mulher bonita. N'outros dias, acontece justamente o contrario, as feias desapparecem e é um regalo passear os olhos pelos olhos das transeuntes.

Porque será? Os novos não o sabem, os velhos que tenho consultado não o explicam. Todavia dá-se um caso singular: ha um homem que costuma passear na rua do Ouro, com um colete de grandes quadrados. Dia em que esse sujeito appareça a derrater se para as janellas ou a espreitar as lojas de modas é dia de desastre: todas as mulheres que passam já se sabe que ou são vesgas, ou amarellas, ou donas de grandes buços, ou manquejam, ou são d'uma pintura escandalosa que lembra aguarellas de curioso provinciano suspensas na parede caiada, do barbeiro da terra.

Não apparece o sujeito e o quadro muda completamente. Na falta de melhor razão eu digo que é do collete.

Tudo isto afinal para fallar do convite que Portugal recebeu para mandar a Paris mulheres ao concurso da fealdade.

Mas é que realmente é um cumumulo.

Que a formosura seja premiada, como se premeia um bom cavallo de puro sangue inglez, comprehende-se: vai n'isso, segundo dizem, o interesse do apuramento das raças; mas que a mulher do meu visinho lá porque tem um bigode de sargento e uma pera toda bem plantada á marujo, possa ser gratificada porque, concebida talvez no entrudo a mãe houve por bem substituir-lhe a cara por uma caraça, parece-me aberração condemnavel, insulto inadmissivel á plastica e á esthetica.

Todavia o convite que veio é porque o concurso se faz, e com premios estabelecidos.

Ficam pois avisadas todas as carantonhas femininas portuguezas de norte a sul e provincias ultramarinas, de que podem ainda ser celebres como caricaturas da graça e da belleza. E' uma compensação; mas o que eu ia jurar, aposto até, é que não vae nenhuma!

Pois ha ahi alguma mulher que se julgue feia? Eu não conheço.

S. Carlos Fausto

OS DOIS REDONDOS

Eotre os vencidos da vida tem logar *numeroté* o sr. Ramalho Ortigão:

Porque é o mais grosso;
Porque falla grosso;
Porque escarra grosso;
Porque pensa grosso.

Ahi á volta de meio seculo da sua idade lidou por afinar; desafinou. Por tal motivo, afinou.

Desde então considera-se vencido. Falta de afinação. Estragos na palheta.

Vinga-se augmeotando as solas nas palhetas. *Tranchons le mot!*

Os exemplos veem do alto.

Desde que o principe Rodolpho deliberou matar-se, juntamente com a amante, na casa de campo de Meerling, oão ha amantes infalizes que nao procurem oa morte a solução do problema de Sakspeare! Senhar, dormir!...

As raças frias do norte estão-nos dando licções de exaltação amorosa.

O allemão Kaercher ama a menina Elvira, sente-se abandonado a como segundo Dumas, alla lhe não queria pertencer, nem pela bondade, nam peln amôr, nem pela razão, oem pelo dever,—*tue-la.*—atira-lhe um tiro de dentro d'um trem de praça e mette conscienciosamente uma balla no cerebro.

A bala coviada porém, apenas roçou pela face da rapariga como um quenta beijo da ultima despedida e o pobre rapaz dorme a esta bora, talvez, o ultimo somno, nos braços da ultima amante, sempre boa o sempre fiel—a morte!

Não chorem.

Reabertura do Parlamento

— Por ordem da Sua Ex.ª o sr. chefe do conselho previno V. Ex.ª de que tem de pagar todas as carteiras que quebrar.

O poeta tres astrelinhas desembucha por esta forma no beneficio de Pepa:

Mal transpõe a scena
Destemido toureiro,
Os jockey altaneiro,
Um nade ume chimera...
E's um rouxinol sueva
A suspirar amores;
Desfaz-te em flôres
Viçosa — Primavera.

Pobre rapaz! Está e gente a val-o, á masa, e repuchar o talento, com o diccionario de rimas ao lado e a imagem da Pepa a bailer-lhe diante des meninas dos olhos.

Corre-lhe do canto dos lebins um fiosinho de baba que vae impregnar o papel do cigarro brageiro, nervosamente chupado, na força da inspiração.

E qua imaginação:— Elle vê-a—destemido toureiro—um oeda—uma chimere!

Pobre beboso! e que te arrasta e força da asneira e a força da rima!

Depois o allucinedo argue-se ans sublimes raptos, passa da amacha a piodarico e exclama, rematando:

....
E oós guardando ávidos
As nntas suspirosas
Mandamol-as em rosas
Para te depôr aos pés.

Fazendo-lhe o favôr de tradusir este bocado rimado do volapuk,—será volapuk?—que riqueza de imagens se encontra.

—Notas suspirosas! Éis o que afinal solta um toureiro destemido, um nada, uma chimera.

E' onde póde chagar e phentasia: e chimera e o nada a canter! Já se percaba d'onde Deus tirou o mundo:—foi d'uma cantiga.

Onde porém o poete é verdadeiramente nebuloso, ossianico, é no fecho em que guarda ávidn as taes ootas, etirando-lh'es aos pés, transformadas em rnsas.

Então guarda-as ou etira-es? Ella sabe lá, coitadn! Quando um homem chege a sar e Rainha Santa d'umas notes suspirosas, está e padir um capacete de gêlo sobra a caixe dos miolhos dessorados.

Um homem que enlouquece essim por uma chimera que canta, é capaz de emar loucamente um char-á-banc que soluça, nas calhas dos americanos.

Oh! a poesia! a Musa! os tres astrelinhas!

Safa.

O Typho (Conclusão)

E bradou e nova companhie do gaz, de cima do gazometro: vinde ó febra typhoide, e dizimai este ruim cidade, cujos peccados namn ranarim Lourenço é já capaz de dosear, e cujas iniquidades n Senhor Deus Fernando Palha maoda-lhe sejem descontadas.

Vinda a multiplicai por esta ruim cidade os seus tormentos e as suas dôres, porqua alla se elevou na sua soberba a se angolphou nas suas delicias. E n'esse mesmo dia elle beverá qua soffrer todas es pragas: a morte, o pranto, ns vencidos da vida, e n *Turf-Club*—porque eu sou o Todo Poderoso, e em minhe magnificencia e condemnei.

E todos os maus municipes cubrir in de pó as suas cebeças, a derão gritos, misturados de lagrimas, a de soluços, dizendo —Senhor Deus, qua nos ebandnnastes! Não se nuvirá mais em ti, oem e voz dos que tocaram cythara, nem a dos musicos, nem uma que canteva e *Madame Favart* no theatro da Avenida, nem as dos que se etreveram a mofar da Vossa Omnipotencia.»

E ouvi mais, como o astrondo d'uma grande multidão, como o ruido da grandes egues, a o estempido dos trovões, qua diziam — Que desgraça! Que desgraça! O Senhor Deus deu e febre typhoida é sua cidade. Os bairros apodrecem, a morte exulta. Mau passatempo! Antes ella, na magnificencia do seu throno, se entrativesse a roer nas gramineas do seu apellido, como fazem em geral as bestas—do Apocalypse. Por todos os seculos dos saculos...»

(APOCALYPSE DE S. JOÃO, CAP. XIX).

Vencidos da vida

Os *vencidos da vida* devem ser pareotes proximos dos *inseparaveis na morte*.

Estes, seguodo o contracto de Antonio e Cleopatra, banqoeteavam-se em qualquer hotel Bragança do Egypto, com a condição de morrerem juntos, quando se lhes dissipasse o seu ideal luminoso.

Os modernos, á falta de Cleopatras e de triumviratos, chegaram e ganhar tedio á vida, segundo elles affirmem, a qual os venceu, sem que se desse pelo rumor do combate; e vão curtir magoas e desalentos com varios decilitros de Collares.

Não se apunhalam como Antonio, seudando o escravo Éros, nem mesmo consta que deem gorgeta eo creado de mesa; mas fingem lobrigar no horisonte, por eotre as cortinas de reps o vulto formidoloso de um oovo Octavio constitucional.

Quando, se tal succedesse, o hypothetico Octavio empalmasse as ultimas migalhas de tantas crenças perdidas, não diremos d'estes *inseparaveis na morte*, mas d'estes *pintos mortos na casca*, o certo é que só poderia ostentar na sue estatua de triumpho, em vez de Cleopatra com ume serpente no braço, qualquer patusquinho dos *onze* com uma eiroz grelhada no prato.

CONCERTO MUSICAL

Ámanhã, domingo, realisa-se om grande concerto vocal e instrumental, no salão da «Real Academia de Musica», promovido pelo sr. Tito Pagani, ponto do theatro de S. Carlos.

Tomam parte o'este festa musical alguns dos principaes artistas do oosso theatro lyrico, e os distioctos amadores D. José d'Almeida e D. Francisco de Sousa Coutinho.

O coocerto começa á 1 hora da tarde e cada entrada custa 1$000 réis.

Perfis de alguns senhores deputados, depois dos sesseota dias de jejum.

O Mar. — Um delicado poemeto de João Saraive recitado pelo actor Brazão, no theatro de D. Maria II.

Agradecemos eo distincto poeta a graciosa offerta.

O Tam-tam. — A redacção d'este engraçedo semanario, humoristico, do Porto, brindou-nos com a collecção do seu jornal. Agradecemos a remessa como as palavras lisongeiras que nos dispense.

A Illustração—Esta excellente revista artistica-litteraria continúa a visitar-oos com a sua costumada regularidade. Distribuiu-se agora o o.º 6, —6.º anno, vol. 6.º—que vem palpitante de actualidade e de interesse, tanto na parte litteraria como na artistica. A *Illustração* contém 16 paginas nitidamente impressas em optimo papel, e custa avulso 100 réis cada oumero. Assigna-se e vende-se na antiga casa Corazzi — rua da Atalaya, 42.

O MAR (Excerpto)

A' noite, pela praia, uma criança chora!
Traz no corpito anjo uma camisa em tiras.
Tem nos cabellos o oiro e tem na bocca a aurora!
E aquelles olhos vão pelo oceano fóra
Como a luz do luar e o brilho das saphiras

— «Que dolorido olhar e que tristeza a tua!
Não chores! a innocencia [illegible] o que é soffrer
Andavas ainda agora [illegible] pela rua
E já triste, [illegible] uma noite de lua!
Tu não podes chorar os olhos de mulher!

A tua alma infantil não conhece o que é triste!
Tu choras, porque vês os astros a chorar
Fita-me bem, creança! e diz-me se já viste
Á tua frente a Dôr como uma lança em riste...
Tu não podes chorar as ausencias do lar!

Tu devias sorrir ás ondas de esmeralda,
Tu devias cantar sob a lua marmórea!
E uma divida o pranto e só a morte a salda
Tu não sabes que o pranto é um allivio que escalda!
Tu não podes chorar os sorrisos da gloria!

Como a innocencia é bella e o oceano profundo!
É um oceano a vida e tu nem mesmo a sondas..
Ah, coração feliz que não conheceu o mundo!
O teu olhar [illegible] por esse mar sem fundo
E o teu olhar, criança, o que busca nas ondas?

Tu viste certamente uma perola enorme,
Uma estrella, talvez, que risca o azul e cae ..
Como és ambiciosa e como o oceano dorme!
Não procures a dôr antes que a alma se forme —
Mas a criança responde. — Eu procuro o meu pae!

JOÃO SARAIVA

O Tunnel da Avenida
abril
O TUNNEL POR DENTRO
O QUE DIRÃO OS MEUS NETOS
D'ESTE NOVO MELHORAMENTO?
(AUTHENTICO)

Como corresse, nos papeis, que o governo de Portugal executava com demasiado rigôr a velha maxima — do pão do nosso compadre, grande fatia ao afilhado — e como se entendesse que um paiz e os seus competentes dinheiros, não podiam estar assim á mercê dos ditados, ainda que elles representem uma grande dose da sabedoria critica das nações, levantaram-se protestos!

Isto é o paiz dos protestos. Dos protestos e dos pretextos! Dos primeiros ninguem faz caso, dos ultimos todos se servem.

Mas, levantaram-se protestos. Os periodicos gemeram raivas, doestos, recriminações, frazes amargas, ameaças de futuros castigos.

O paiz já muito massado d'estes accessos periodicos de patriotismo pyrothecnico, sorria bonancheironamente, sceptico, descrente.

Havia até quem dissesse que não. Que das fatias distribuidas, o governo para não fugir á tradicção do zêlo com que administra os dinheiros, até eliminara a manteiga.

Ora, realmente não se podia ser mais economico desde que se sabe que para as torradas é indispensavel a manteiga, até nas cantigas populares.

N'isto se entretinham as discussões gregas e troianas quando, de subito, rebenta, em plena liça, uma carta fatal.

Fatal para os homens da situação; para os contrarios, uma carta impagavel, como a *carta adorada* da *Grã-Duqueza*, de Gerolestein.

Essa carta trazia o recibo da despeza e era assignada por um dos empregados do café onde se realisara o *five oclock tea* secreto.

A' duvida succedeu o pasmo! Esmiuçada a coisa viu-se que o governo dera as fatias, em harmonia com a maxima, gordas e largas e por cima café e canella.

Agora verais cada jornal contrario acceso em iras, relampejante, como a espada do anjo de Milton, pondo os nossos avós fóra do faval do paraizo!

Agora assistireis ás mais solemnes catilinarias, ás mais graves ameaças de justas e fecundas vinganças!

Que se abram as côrtes, que o templo das leis se descerre, que possa ouvir-se a voz dos delegados, a voz da razão, a voz da justiça.

Conticuere omnes!

E n'essa dia tão anciosamente esperado, rangeram os cancellos de ferro que José Estevam aponta aos municipaes e ás armas que lhe rôlam no sopé, e o theatro nacional, comparsaria a postos, papeis decorados, scenario velho e gasto abriu para a nova epocha.

As galerias enchem-se; o paiz espera a voz das grandes indignações, o troar activo das vozes engrossadas pelas coleras supremas, o castigo publico, tormentoso dos criminosos, a grande licção, o grande exemplo.

Um dos maiores vultos da opposição levanta-se, tosse castamente, relanceia o olhar meigo, ageita a quinzena e, dôce, amoravel, erguendo os olhos até á altura da meza presidencial, começa a recitar:

Vae alta a lua na mansão da morte!

Pobre paiz ingénuo!

E afinal de contas para que serve estar a gente a dar-se ares de espantada, com coisas que estão a acontecer todos os dias?

Ha ainda no paiz quem tenha a ingenuidade de acreditar que ha opposição. Desengane-se esse alguem. No paiz, ha apenas uma grande opposição, decidida a valiosa; essa é realmente séria e positiva: é a opposição systhematica, em politica, a tudo quanto seja honrado e honesto. N'esta falange é que não ha distincções politicas, nem relutancias partidarias, são todos por um e um por todos.

Que admira pois que no grande salsifré da patria, se ouça como commentario ás mais graves questões sociaes:

Vae alta a lua na mansão da morte?

E' o hymno da casa; um hymno que tem alguma coisa da marcha funebre de Chopin e do grotesco do Pirolito.

EDUARDO BRAZÃO

Faz hoje, sabbado, o seu beneficio no theatro de D. Maria II, com o drama, em verso, em cinco actos, do sr. Lopes de Mendonça — a *Estatua*.

De mais largo espaço exigiria a biographia do illustre actôr. Não é nosso intuito fazel-a. A homenagem prestada pela *Comedia Portugueza* a Eduardo Brazão significa apenas o alto valôr em que tem o seu grande talento, absolutamente reconhecido e confessado. Elle é incontestavelmente o mais brilhante dos nossos actores o de mais alma. Confessar-lhe o primeiro logar na scena portugueza é ser, apenas, justo.

Perante esta verdade, se é banal endereçar cumprimentos, é de justiça agradecer a honra que nos faz permittindo-nos collocar o seu retrato, na galeria do nosso jornal, onde recebemos de braços abertos, com o maior empenho, todos os nossos grandes artistas. Um bravo!

Conferio o Papa ao reverendo dr. José Gonçalves d'Aguiar o titulo de Monsenhor,—camareiro dos do numero com *habito côr de purpura*, pelo seu *Tractado da Penitencia*.

●

Delicioso espirito o d'este padre, que no ultimo quartel do seculo, se perde ainda, ingenuamente, nos labirintos theologicos, dos peccados e dos castigos! Que feliz deve ter sido este homem, para desconhecer, tão francamente, que desde o dia em que abrimos os olhos á luz, começamos a caminhar na larga estrada d'uma penitencia sem fim, ingloria e injustificada.

Como a sôpa, a vacca e o arroz lhe deve ter corrido placido entre as séstas e as cabeçadas no breviario, para vir fallar de penitencia á nossa misera escravidão organica!

A penitencia, padre! em que mundo viveis, meu bom amigo? Ide aos bairros pobres da cidade, onde o trabalho de um dia chega apenas para alimentar, e não morrer de fome; onde a miseria engorda, onde o espirito não tem luz e os corpos não teem fato; onde a chaminé não tem lume, o soffrimento limite, e dizei-me que bem deve quadrar perante o sudario de tanta desgraça a auctoridade zelosa da vossa voz, recommendando a penitencia!

Não seria melhor, Monsenhor, não epigrammatizar as pelles curtidas dos miseraveis, com o chorume penitente das vossas banhas remoçosas?

Sua Santidade, continuando a dispensar-nos os obsequios do seu paternal amôr, depois de nos vestir de lucto as colonias, começa a vestir-nos de roxo os padres.

Tem o sestro de alfaiate este vigario: ao menos que elle opine sempre pela ultima graça, tanto mais que ella parece ter despertado entre nós uma idéa, a resolver.

Vem a ser: se é infallivel que se devam vestir de roxo os ministros do Senhor que escrevam *tratados de Penitencia*, de que côr deve ser o habito dos ministros seculares que hajam de soffrer a *penitencia dos tractados*?

Deixo a solução ao parlamento por me parecer opportuna.

Lê-se no *Diario Illustrado* de 8 do corrente:

Partiram hontem para o Carregado, no comboio das 11 horas da manhã, afim de assistirem a uma ferra e tenta de vaccas, promovida pelo sr. visconde de Varzea, varios cavalheiros e damas entre os quaes se contavam os srs. visconde de Taveiro, conde de Villa Real, conde de S. Martinho, Alfredo Anjos, S. Thiago de Gouveia, Wanzeller e familia, Jayme Arthur da Costa Pinto e ....

Ramalho Ortigão, que vestia um «costume» de toureiro

A sociedade portugueza está ameaçada d'uma profunda transformação, mercê dos onze paladinos do Breganza. Entre as notas vivas e alegres com que oos tem deliciado, nos ultimos tempos de sua existencia, cheia d'uma distincção, refinada, verdadeiramente afastada dos tramites vulgares de peonagem *victoriosa*, destaca-se a da maneira gentil porque acabam de revolucionar os costumes, depois de inverterem a grammatica.

Assim é da pragmatica, hoje, entre as pessoas de bom tom, que perfumam de verbena as ceroulas, e a bretanha dos lenços no subtil perfume do alho hortelão — perfume sadio, alegre, escorreito, fresco e honesto, concorrer aos diversos actos da vida com o fato correspondente á significação d'esses actos. Tomamos a liberdade de exemplificar, com alguns typos, escolhidos no seio do grupo reformador, o gracioso de idéa.

Achamos adoravel que se vá aos touros, de toureiro; ás corridas, de jockey; aos anphitheatros anatomicos, de gato pingado; ás egrejas, de batina e volta; mas ha no meu espirito uma pequena duvida que peço á graciosa amabilidade de Magriço, haja por bem desfazer: quando eu sahir de minha casa para tomar banho no Tejo, devo ir vestido de linguado ou de bezugo? Devo levar escamas como o bacalhau, ou ir de corpinho bem feito, como a branca lula? Dizei-o vós, ó onze patriarchas do chic. O verão chega e a população espera. — Que pandegos!

Epistolas

(A PROPOSITO DA CARTA DO SR. VICENTE MONTEIRO)

VENCIDOS DA VIDA

Vencido ou vencedor sempre suppôz combate.
Hoje não é assim. Rebenta um bonifrate
De qualquer sitio obscuro, e põe-se de repente
A clamar contra o céo, e contra o mundo e a gente,
Como um Cortez, ou mais, como um Colombo, um homem,
D'esses homens de prol, que impavidos consomem
A sua vida inteira em luctas temerosas.

Chega o povo á janella, a vêr se já tem rosas,
Que é mimo de estação, n'uns pobres alegretes,
E vê os taes, os *onze*, a trescalar pivetes,
Sem terem filiação em Marte ou em Minerva:
Vencidos, como a flôr que não chegou a erva.

Diz o vulgo profano: «O' Deus, pois estes *onze*,
«Estes varões de ferro, e de platina e bronze,
«Estes *onze* d'hotel, estes que são vencidos,
«Que jantam no Bragança uns ovos remechidos,
«Pois são estes, Senhor, que vêm, dias e dias,
«Sahindo da Havaneza a geito de Isaís,
«Bradar que o lôdo vil conspurca o mundo inteiro?...»

Ora, cêbo de grillo! E cança-se o padeiro!

O «TUNNEL» DA AVENIDA

A *Comedia Portugueza* mereceu ao sr. Bartissol a amabilidade de um convite para ir aventurar-se pelo *tunnel* tenebroso, que teve artes de abalar os alicerces da velha muralha de S. Pedro d'Alcantara e predios visinhos, em nome das necessidades sempre crescentes do Progresso (com lettra maiuscula por homenagem á festa).

Que, a falar a verdade, os creditos de tal muralha de ha muito que estavam abalados, mercê dos suicidios que ali deram pasto á tagarelice lisboeta e ás cabriolas arithmeticas da *Estatistica*, sempre prompta a deduzir de um sete e de uma ou duas cifras uma grande lei dominadora dos phenomenos sociaes passados, presentes e futuros. E' esse o seu officio e não lhe queremos mal por isso...

Envergadas as nossas sobrecasacas das grandes solemnidades ao ar livre, fômos para Santa Apolonia.

Carros cheios como um ovo!

Em festa de *borla* parece que os convidados se multiplicam como os percevejos no estio. Era inevitavel a nossa retirada desairosa e a dobradela das nossas sobrecasacas.

Salvou-nos d'esse desastre o sympathico marquez da Foz que com o mais fidalgo e amavel sorriso que a fortuna póde pôr no rosto de um seu dilecto, nos convidou a tomar logar no seu salão reservado.

A' medida que nos approximavamos do *tunnel* tenebroso crescia o terror nos nossos peitos como se pela vez primeira fossemos dobrar o cabo das tormentas. E como naturalmente mais se fala na morte quanto mais a receamos, imaginámos diversas *blagues* a respeito de sustos, aventuras e catastrophes que nos poderiam assaltar entre a prosaica Rabicha e a pimpante Avenida.

—Pela nossa parte, diziamos nós com o mais desprendido egoismo, desejariamos que tudo ficasse espostejado nas entranhas do monstro voraz que se dispõe a engolir-nos, salvante nós e o nosso Julião Machado, bem entendido—.

E tudo a rir de *blague* sem deixar de sentir um arrepio a brincar pela espinha dorsal abaixo.

Pois se quem o tem, medo tem!

E as *blagues* sobre mortes e descarrilamentos fuzilavam-se mutuamente, e pontos do Albino Pimentel ter já a visão de uma catastrophe á americana, medonha, aterradora, pavorosa.

—O' Lisboa, dizia-nos elle com um ar de troça velado por um fingido mêdo, olha que eu... tenho seis filhos!—

Mãe Santissima que tal disseste ! Seis filhos ! Seis boccas a comer, a vestir, a calçar, a estudar para medico, para militar, para juiz municipal, para deputado, para presidente do conselho — pois que n'este paiz, todo o individuo de sexo masculino, pelo facto do seu nascimento, traz ao ver a luz do dia pela primeira vez, vinte probabilidades de pôr o pé em S Bento, mais tarde !—

E uns a daram parabens ao Albino, e outros os sentimentos, e outros vários conselhos sobre a amamentação mais sedia que se póde garantir ás creanças.

Assim chegámos á Rabicha. Musicas, fogoetes, varias edições destemperadas do estafado hymno da Carta, vivorio e alguns choviscos, e toca a entrar para a guela do monstro.

—Coragem, rapazes ! *Portuguezes somos; do occidente imos buscando as terras... da Avenida.*

O Albino Pimentel rezou sete *Salve-Rainhas* por intenção dos seus queridos sete ausentes, e o *Credo* por sua propria conta e risco, e entrámos a tremer para a pança do minotauro. Os operarios, que nos wagonetes formavam o couce do prestito, e para quem o perigo é apenas um termo de lexicographia, estrondearam os ares com palmas e vivas.

Todos nos esquecemos da Santa Barbara e participámos da coragem d'esses obscuros mineiros, d'esses heroes do trabalho que põem inconscientemente a sua vida ao serviço das commodidades da civilisação, commodidades de que elles, em geral, são os menos participantes.

O monstro permittiu-se a liberdade de illuminar a sua pança com fogos de bengala, para varrer da nossa mente o temor da morte.

E' verdade que poderiamos ter morrido de fumo, no que talvez nos valesse as orações do Miguel Osorio, que tambem nos acompanhava... sem o drama. Escapámos de boa !

Novas palmas, novos foguetes, novo vivorio, nova edição do hymno da Carta :—estavamos, finalmente no Rocio. Estava desfeita a lenda tenebrosa do tunnel. D'ora avante pódem os cautos portuguezes enfiar pelo Jonas que se estende do Rocio á Rabicha, com a certeza de que sahirão, ao cabo de trez... minutos, sãos e escorreitos, como hão mister. *Amen*,

O epilogo da festa, foi, como se póde imaginar, umas garrafas de Champagne consumidas em brindes a Bartissol, ao marquez da Foz, e a varios benemeritos... da viação accelerada.

E fomos para casa com a consciencia de termos realisado um novo trabalho de Hercules, e com direito a uma commenda da Torre e Espada, se houver governo que esteja disposto a fazer justiça á nossa qualidade de heroes. A *Comedia Portugueza*, agradecendo a amabilidade com que a distinguiu o sr. marquez da Foz—pois se não fôra ella teria ficado a ver tuneis na estação de Santa Apolonia como muita gente vê os navios no Alto de Santa Catharina—saúdá os iniciadores do novo melhoramento, que vae cooperar na grande obra de tornar a macambuzia e mazorral Lisboa n'uma cidade alegre e merecedora do titulo de civilisada.

FERREIRA DA SILVA

Uma verdadeira vocação artistica é a d'este intelligente e sympathico rapaz, que abandonou os bancos da Universidade para se dedicar á arte dramatica. E d'este facto resultou um grande beneficio para a scena portuguesa, que encontrou n'elle um dos seus mais brilhantes ornamentos.

Ferreira da Silva é o verdadeiro typo do actor moderno.

Solida illustração, grande intuição artistica, dizer natural e despretencioso, e comprehensão elevada de todos os os personagens que representa.

Na proxima segunda feira, 15 do corrente, reune elle os seus amigos no theatro de D. Maria II, em festa artistica. Temos por dever o irmos lá todos prestar a nossa homenagem de sympathia e de admiração ao talentoso actor, na sua noite de festa, que tambem é de festa para os seus amigos.

A' actriz Guilhermina de Macedo, o poeta Brito cospe umas quintilhas, na noite do beneficio da mesma, segundo elle «dilecta filha de Talma».

De pé, senhores, saudae
De Talma a dilecta filha!

E mais abaixo:

Vêde o seu vulto gentil!
Do seu olhar scintillante,
Essa graça feminil
Que nos seduz, provocante!
Vêde o seu vulto gentil!

A graça femenil do olhar d'uma mulher!

Isto é o que se chama britar verso e imaginação. Em vista do enthusiasmo do Brito, que quer todos de pé, o que nós temos a fazer, meus senhores, é pormo-nos de cócoras.

O poeta esqueceu-se de que estando n'esta posição o admirador, o idolo deve parecer mais alto.

Mudemos pois:

De cócoras, senhores, saudai
De Talma a filha dilecta

E' verdade que o poeta accrescenta:

Os vossos bravos soltae...

Perdão! este verso é que não pode continuar, porque as saudações n'esta posição tem graves symptomas de ambiguidade phonica.

Ora pois sr. Brito!

Philantropia.

Os *Estatutos do Club Herminio*, na Serra da Estrella, vieram dizer-nos que um grupo de bons espiritos tenta fundar na mesma serra, uma ou mais casas destinadas á habitação dos tuberculosos.

Tem sido surprehendente os resultados obtidos n'aquellas paragens, por doentes affectos do terrivel mal. D'ahi a generosa idéa de facultar aos condemnados á consumpção da tisica, o meio de luctarem contra todos os effeitos do vulgar e cruel padecimento.

Não pode ser mais louvavel a caridosa idéa e abrimos no nosso jornal a secção destinada á inscripção de todos os que quizerem associar-se a tão generoso e humanitario intento, como socios *contribuintes* ou *bemfeitores*; isto é, ou querendo pagar uma mensalidade de 200 réis, ou querendo obsequiar com qualquer dadiva o progressivo incremento da associação.

Ciume

I

Essa fina esculptura aprimorada
Que a cidade contempla e que namora,
Eu trouxe-a ao colo em pequenina e loura,
Como se traz a flôr mais delicada.

A bôcca lhe beijei fina e rosada,
Ao affagar-lhe a trança voadora,
Quando, alegre, feliz, encantadôra,
Na carreira parava extenuada.

Como cresce depressa e provocante
A branca neve em collo de creança!
Como lhe ondeia o corpo triumphante!...

Bandido vil, ciume, diz ovante:
Beijei antes de ti aquella trança,
O marido feliz, misero amante!

II

Oh! minha branca e loura companheira,
Minha garça gentil, meu colibri dourado,
Quem me arrancou teu corpo delicado,
Ave selvagem, minha flôr primeira!

Mais branco do que a flôr da larangeira,
Esse teu cóllo por quem é beijado?
E, no teu bafo ardente e perfumado,
Quem se embebeda, ó minha feiticeira?!

Não poder esquecer-te! Em toda a parte
Te vejo e sinto: alcança-me o perfume
Da tua trança com exquisita arte!

Tudo o que vê minh'alma em ti resume!
Sei que te odeio sem deixar de amar-te!..
Que saudade esta minha... e que ciume!

Marcellino Mesquita.

Adolpho Sauvinet
auctor da Flavia

Lucinda do Carmo

NA Cigarra

Adolpho Sauvinet é um amador musical dos mais distinctos que possuimos. Espirito cultivadissimo, inspiração facil e espontanea, elle presta um fervoroso culto á sublime arte lyrica e cultiva-a com verdadeira paixão.

Estas considerações vêem a proposito da composição da sua opera, *Flavia*, cuja audição se fez no salão da Trindade, nos dias 14 e 15 do corrente, com geral agrado do publico, que dispensou a Adolpho Sauvinet os mais enthusiasticos applausos.

A *Comedia Portugueza*, associando-se a esses applausos, felicita calorosamente o distincto maestro pela sua melodiosa composição, e presta-lhe n'este logar a homenagem que lhe é devida.

Lucinda do Carmo é hoje, inquestionavelmente, a nossa primeira actriz d'opereta. Por isso, e em razão de se realizar brevemente a sua festa artistica, damos-lhe hoje este logar de honra; preito alias devido ao seu formosissimo talento artistico.

A festa da distincta actriz realisa-se no dia 25 do corrente, no theatro da Trindade, com a primeira representação da *Marquezinha*, traducção de Machado Correia.

Não faltarão n'essa noite os seus admiradores, que são muitos, e em cujo numero a redacção da *Comedia Portugueza* tem a honra de figurar.

O auctor da Estatua perece venerar o'este ponto a antiguidade, d'uma maneira que fere profundamente a nossa serenidade de espectador e os traços geraes de philosophia positive do sr. Theophilo Braga.

E'assim que em busca da situação que feche os actos, o dramaturgo, manda ao demonio, verosimilhanças, naturalidades, logicas e outras bugigangas d'este jaez e se não mette divindades, deixa-nos acreditar que aquellas coisas se passaram por qualquer influencie sobrenatural.

Vejamos. A grande força impulsionadôra, suggestiva de todo o artiste é e mulher.

As amantes celebres, povoam os quadros, os livros, os poemas, os romances de todos os grandes mestres, desde os tempos mais remotos.

E' banal defender esta verdade ou citar nomes. A sodomia não consta que tenha produzido, até hoje, senão amollecimentos cerebraes, o que é o mesmo que produzir idiotas. Ora o sr. Mendonçe encontra em Florança um esculptor genial, que perante a mulher que incarna o seu edeal artistico, que elle ama e que o ama loucamente, tem o desplante de lhe dizer, quando elle lhe pede beijos: — vai-te vampiro —! A gente fica á espera que ella lhe diga — vampiro será elle; mas não a pobre Estella zanga-se (com razão) chama-lhe tolo, naturalmente, lá comsigo, e fazendo uma cara feia vai pousar novemente.

E aqui está como nós assistimos, sem mais oem mais, ao rompimento do amôr, entre dois entes que podiam ser tão felizes!

Faz pena.

Vejemos o fecho do 3.º ecto: A menina Bianca, casta, pura ingenua, pede ao Duque, que vai mandar matar o irmão (percebe-se) e a mulher que ella duqua ama (não se percebe) que os salve.

Responde-lhe o duque, depois de lhe deitar olhos gulosos e de sublinhar para Agolotto — é bam boa —: sim menina; mas ha-de vir comigo. Ella pensa um bocadito, e acha a coisa natural a... ella ahi vae!

O que imaginará aquella menina que o duque lhe vae fazer? Imaginará que vão brincar com as booecas? A innocencia de Bianca aos vinte e tantos annos e e complaccocia do mano esculptor e para admirar, tanto em Milão, como em Florença!

Fim do 4.º A populaça amotineda vae meter o esculptor. Um do povo corre uma cortina que occulta a estatua e exclama: quem será capaz de matar o auctor d'este prodigio?

A populaça recúa. Que espantosa intuição artistica, que olho o da populaça ieliana!

Diz-se que sim.

Quaoto aos caracteres:

Aquelle duque é um duque como qualquer outro. Bonet de penna, pouco fundo, muite prosapia e sahidas de tyraoo de comedia. O velho perceptor ousa chorar deante d'elle? meis quatro chibatadas. O auctor quiz dar a nota do requinte na crueldade do homem, tornou o ridiculo.

João Rosa conserva-lhe a linha; sustente-o.

Em harmonia com a semana que corre, a semane em que se comemora e grande tragedie do Golgotha, segundo os evangelhos, de S. Marcos, S. Lucas, S. João e outros, o theetro de D. Marie abrenos as portas para a grande tragedia de Milão, contada apenes pelo sr. Lopes de Mendonça, em alexandrinos, diga-se a verdade, bem menos energicos do que as palavras simples dos evangelistes.

Como porem Sua Excellencia, me parece, oão se propoz a fazer chorar a humanidade futura as desgraças do mestre esculptor Franchino, como os apostolos, sobre o cadaver do Divino Illustre, assente-lhe e desculpa de ter vasiado em mais suaves moldes a vida a paixão do martyr florentino.

E essenta este facto, que desculpe a bem morigerade mão de rédaa com que o auctor cootém o fogo do verso, nas graodas situações dramaticas, como nos cavacos emenos, conversemos um pouco sobre o avangelho, digo, sobre a tragedia do sr. Lopes de Mendonça.

Eu supponho que V. Ex.as viram e tragedia. Pelo facto de quesi tudo no theatro ser convencional, o scenario, a maneira de fallar, o gasto, a dicção, e ainda hoje se não poder, nem poderá nunca, assentar por detraz da ribalte o realismo crú da vida e das coisas, não me parece que se possa abolir de caso peosado, o respeito pela verdade, pele logica, e pela phisiologia humana.

D'antes o auctor dramatico podia engendrar as mais estranhas situações, que em não mettendo divindade, na solução do nó, como dizia creio que Boileau, o publico ingenuo levantava-se nos bicos dos pés e inchava es mãos e epplaudir.

E mesmo que mettesse divindades, o defeito era só pera os mestres de critica, porque para os restantes a coisa estava em encontrar a situação dramatica, na terra no mar, no inferno, fosse onde fosse!

O esculptor pelo que diz e faz ninguem é capaz de perceber que homem é.

No 1.º acto é um artista? concedamos.

No 2.º—um tolo declamadôr, banal?

No 3.º—um amante?

No 4.º—um patriota? um brioso?

No 5.º—um pulha? que uuve todas as propostas de Agoloto e que o não teota matar, porque? ó pasmo! porque elle lha diz que traz cota de malha?

E' espontoso.

Mas afinal elle ama a mulher ou não? Se ama porque a repelle no 2.º acto? Se oão? porque besita em trocar a cedencia d'uma cortezã pela vida e honra da irmã?

Só começa a amar a mulher no 3.º acto?

Mysterios são estes que não ouso tentar decifrar.

Será um desorientado como todos os grandes artistas?

E' melhor mettel-o na classe.

Resta o caracter de Agolotto. Como caricatura, como *charge*, admitte-se, como coisa real, viva, que anda cá pelo mundo, só um Ponson du Terraill.

Um homem a ranger os dentes e a arregalar os olhos, cinco actos atraz d'uma mulher, como um esfaimado perante um prato d'appetite—e hei de trincar lhe a carne, e hei de beber-lhe os olhos, e hei de comer-lhe o peito — oh! senhores já se sebe isso tudo—mas é no *Capitão Assassino*, no *Navio Infernal*, no *Castello dos Phantasmas*, mas em Milão?

Só se é em Milão, onde ha artistas geniaes, que modelam deliciosamente mulheras, inspirando-se nas formas dos soldados da guarda! mas é só em Milão.

O auctor atirou-se aos mares da tragedia grega e viu-se grego.

Depois de se agarrar a todos os cachopos conhecidos do roteiro, marcados pelos navegadores de pulso, colloca-nos n'uma prisão, onde as meninas jazem, ninguem sebe porquê, e ahi a seohora Stella, (uma concubina) embirra de tal modo com Agolotto, que se apunhala para não ser abraçada por elle! Já è ter pudôr! Sim porque o Agolotto decerto se limitaria a isso, por então?

N'isto ouve-se na praça o ruido da execução do assassino do duque e lá vai o Franchino pela janella fóra a acompenbal-o na eterna viagem.

E' então que Bianca olhando o cadaver de Stella se lembra de sorrir, o qne nos leva a suppôr que como Hamengarda —*a desgraçada tinha de feito enlouquecido!*

O leitor provavelmente não percebeu bem as razões de todas estas desgraças?

Nem eu, meu amigo.

Mas olhe que se deram em Milão por causa de uma estatua, segundo nos diz o sr. Lopes de Mendonça, ou podiam terse dado.

Mas não; permitta-me o illustre dramaturgo que proteste. Não tamos predilecção especial por Milão a despeito do Escala e da Cathedral de tanta fama, mas respeitamos muito o povo italiano para permittir que se lhe attribuam acções de tanta responsabilidade perante o bom senso. Aquillo não se deu nunca, nem podia dar-se.

Nenhum grande artista expulsa a mulher que ama, como nenhum duque ou barão mandou, até hoje, matar a mulher amada. Alguns teem nas morto ellas; isso é differente.

Nenhuma menina segue duques, como quem segue um curso de ensino livre, em que não ha receio de ser chamado á licção. Nunca houve povo, em revolução, que parassem deante de uma estatua que não fosse para a quebrar, em regra.

Aquelle Agolotto, baço Yago, desdobrado em prisioneiro da Perichole — o dos 15 annos!— só se pode admittir com o competente antagonista, um Gabriel qualquer, o anjo do bem, um José do Egypto, que no final da peça o metta pelas entranhas da terra, aos pontapés, com fogos de bengala. D'outro modo não; está deslocado—é do Rocambole.

Eis as razões do nosso protesto.

A politica fornece-nos esta semana um curioso thema de riso. Depois de fazer embuchar, difinitivamente o sr. Vilhena com o discurso que sua excellencia tinha antre dentes, havia 3 mezes, para responder ao discurso da corôa, resolve fazer engulir por oito dias o discurso do sr. Pinheiro Chagas, em resposta ao sr. Marianno de Carvalho.

Este systema é novo e não deixa de ter uma certa originalidade graciosa.

E não menos graciosa a desculpa dos jornaes do governo, perante a ausencia dos deputados, da camara onde tinham obrigação de estar. Disseram elles — que tinham ido visitar as familias—. Realmeote nada mais justo, depois de tão longa ausencia.

E nada mais natural do que, no momento em que se discutem graves questões, em que se pergunta aos legisladores do paiz qual a sua opinião sobre a applicação de grossas sommas, em que se lhes pede uma seria sentença sobre a honra do governo, nada mais natural do que explicar a sua ausencia pela necessidade de comer amendoas, no seio da familia.

Isto é um paiz em que os deputados comem amendoas, e os eleitores comem... a questão é saber-lh'a dar.

Semana Santa

(NOTAS SOLTAS)

Visitando egrejas.—Amôr divino e amor profano.

Amendoas amargas

Amendoa torrada.—s. f.—Agulha para endar garrafas—(*Vide* **Roquette**).

A praga das amendoas

—Desculpe a demora...
—Alleluia!

Resurrexit, non est hic

Quarta-feira de trévas

—Peço a V. Ex.ª o favor de me consentir esta liberdade!
—Oh! meu amigo, que gracioso! Parece a estação dos caminhos de ferro, do largo do Camões.
—E' do mesmo estylo!

Em Sexta Feira Santa.

— Quando a Divindade succumbe, que lhe importa que a Humanidade cambaleie?...

EMMA OTERO

Premiede no concurso de belleza em Nice. Appareceu em eeposição de fórmas e da voz, no theetro da Avenida. A respeito de voz é de uma pobreaa franciscane. Em rosto, era inferior, oo dia do debute, á meioria das demas que estavam nos camerotes. Das restentes fórmas não podémos neturalmente estabelecer e comparação.

Não foi feliz D. Emme. Apperece para o anno e chame-se Agar. Talvez tenha melhor successo.

izeram-se es corridas da primevera e foram simplesmente desoledóres.

A boa vontede do Turf quando consegue vencer e indifferença do nosso temperamento pelo espectaculo maravilhoso de quatro cavallos e correr á desfilada, esbarra com e má vontade do bom Deus que lhe encharca, sem misericordia, e pista, as orelhas dos cavallos e as camisolas dos jockeys.

As corridas só se comprehendem como pretexto para ostentação da grandezas de luxo, de elegancia. Reunião de mulheres bonitas; onde se ame e onde se namore; onde se converse alegrementa, em pleno dia e pleno sol, onde se faça, emfim, elgume coisa de alheio e este viver massadór de todos os dias, desde o leventar ao deitar, com escala pelo almoç o, pelo jantar e pela ceia.

Sempre que es corridas não sejem o pretexto pera e grande exposição de mulheres, do grande mundo, do mundo onde e ganta se diverte e do mundo burguez endinheirado e enfi-delgado; sempre que não sirvam para fazer epparecer es grandes equipagens, justificar as grandes apostas, e fazer despejer umas milhares da garrafas de Champegne, es corridas oão tem razão de ser e constituem o meis massedór dos espectaculos, mil veees inferior ao d'uma corrida de lebres, ou ao da cooducção d'um curro pare nove pastegem ou pera qualquer praça.

Quanto ao epuramento das raças cavallares achamos bom empenho, mas decerto menos preciso do que o apuremento de raçe portugueza, que nos perece estar n'um periodo de degeneração deveras lameotevel.

As mulheres verdadeirameote bellas são reras entre nós e quanto á organiseção geral, á riqueza muscular e sanguinea, entramos o'um pauperismo assustadór, sobre que e navrose, o rachitismo e e escrofula dançam o cao-cao esgrouviado de victoria.

Tristes, as corridas. Poucas mulheres, pouco sol, pouca vida. A chuva miúda açoutando rostos, esfriendo enthusiasmos.

Raras equipagens dignas de nota. Uma concorrencia minima. Um hortelão pasmado, uma lavedeira que passou e ás vezes uma cabeça gentil que espreita, com anfado, o reasaltar de lama, pelo vidro espelhento do coupé.

Neda de Champagne. Festa pacata, em familia, festa de pessoas sérias, de bons costumes, em harmonia com o tempo santo

UMA SUPPLICA

Senhor presidente da camara dos deputados!

Vossa Excellencia não ignora, de certo, que foi o publico, esse importuno, quem lhe abriu e aos seus collegas as portas d'essa casa, e quem ahi os accomodou, senão com luxo, ao menos muito confortavelmente, e quem amfim lhes paga os tres mil e tantos réis diarios por cabeça.

Mas o que V. Ex.ª por força ignora é a maneira bem pouco amavel por que o tal publico e a sua imprensa são tratados n'essa casa, e as rudes inclemencias porque tem de passar quando se lembra de ir vêr um pouco o que os seus eleitos ahi fazem.

Vamos dizer-lh'o.

Quem quer assistir a uma sessão da camara dos srs. deputados, ou tem ou não tem relações e *empenhos* para obter um bilhete. Se não tem, vae para a galarie publica. Para isso tem que esperar na rua, na *sala dos cães*, que lhe abram a porta, e depois subir de roldão, acotovellando e atropellando o mais que podér, afim de obter um logar.

Se tem relações — esses são bem felizes — começa por empregar as diligencias necessarias e nem sempre faceis para alcançar um bilhete. Obtida essa primeira mercê, vae para a escada — já não fica na rua — e submette-se alli, durante uma hora ou mais, a uma pressão medonha, com dois soldados na frente, e sob as risadas zombeteiras dos continuos, que por detraz dos vidros d'uma porta fechada se divertem com as visagens afflictivas d'aquelle rebanho esmagado.

Aberta emfim a sessão, abre-se tambem a porta, e ahi irrompe a multidão n'uma desordem furiosa e louca, na ancia de alcançar um logar na frente, em que possa sentar-se a tomar o folego. Aquillo só visto; mas V. Ex.ª não pode vêl-o.

Mas emfim, depois de taes torturas, esse pobre publico conseguiu o que desejava?

Depois de taes torturas, o publico entra triumphante e asbaforido nas galerias, a que o seu bilhete lhe dá ingresso, e encontra commodamente sentados nos logares da frente uma fila completa de sujeitos inclassificaveis, que cheiram uns a policias desfarçados, outros a creados de cavallariças, etc.; e gosa assim o publico, *post tot tantosque labores*, a ineffavel ventura de assistir á sessão de pé, tendo na sua frente aquellas creaturas sentadas, que entraram por uma porta privilegiada, e que accrescentam notavelmente a solemnidade do acto com o seu resonar sonoro e largo.

Aqui está o que succede, senhor presidente.

Não parecerá a V. Ex.ª que ha em tudo isto um tudo nada de abuso?

Não lhe parecerá que não haveria excesso nem desattanção do publico para com os seus augustos representantes, se reclamasse de V. Ex.ª um pouco mais de consideração, um pouco menos de tortura?

Porque se não deixa entrar o publico logo que se apresente munido dos seus bilhetes, como se faz na camara dos pares? Será para que elle não tire o logar áquellas creaturas mal cheirosas, que não podem ir mais cedo?

Senhor presidente, tenha piedade de nós!

Esta habilissima florista não faltou com o seu concurso á reunião do *hig-life* nas corridas do hypodromo de Belem. Lá estava com a sua bella *table de fleurs* bastante sortida de *bouquets* para as lapellas dos cavalheiros e *corsages* das damas.

Foi amavelmente recebida por S. M. a Rainha e pelo principe D. Carlos, a quem offereceu lindissimos ramos de flôres.

ABRIL

Vê, amada, a primavera
Que extravagante! que louca!
Como formosa chimera,
Sahida da tua bôcca!

Vamos, sós, pelos caminhos,
Entre os vallados viçosos,
Ouvir, á beira dos ninhos,
Os rouxinoes amorosos!

Tudo renasce na terra,
Eterna noiva, garrida ..
Assim brotassem, no peito,
Por força desconhecida:
Os sonhos, as illusões,
Da primavera da vida!

M. M.

Accuzamos, agradecendo, a recepção do livro de versos de João Diniz, com o titulo de *Aquarellas.* Fallaremos de espaço no proximo numero.

Recebemos ainda o primeiro numero da *Semana Litteraria* e o prospecto da *Má Lingua.* jornel hebedomadario que Barros Lobo, vae publicar a d'onde destacamos algumas palavras da sua profissão de fé.

—«Existe um vicio fundamentel do nosso modo de ser em litteratura, em arte, em politica, em tudo:—é a subtil distincção de cathegorias entre o que se pensa, o que se diz, e o que se ascreve. Ninguem diz o qua pensa; ninguem escreve o que diz. Vicio com gestos de virtude, repousando sobre um principio de conveniencia propria e querando justificar-se com a desculpa da conveniencia alheia,—essa distincção corrompe na medulla o sentimento da justiça, e prepara uma sociedade para um combate pela existencia, sem treguas, sem coração, sem dignidade. A infracção d'aquelle convencionalismo constitue a —*má lingua.* A *má lingua* é uma fórma especial da maledicencie, consistindo em nivelar o que se diz com o qua se pensa, a o que sa escreva com o que se diz. Fez-se ás mezas dos cafés, nos conciliabulos intimos, entre dois ou tres amigos, com olhaduras de precaução em torno: —que não vá algum creado ouvir!... Mas essa é a *má lingua* oral; uma coisa da puro desfastio, ás vezes perfumada de *chartreuse,* esteril e platonico. A *má lingua* escripta, na despreoccupaçãc de quem simplesmente a murmurasse ao demonio familiar que todos nós temos no fundo do nosso creneo, pela calada da noite, emquanto que á nossa cabeceira palpita,—rumor unico—o pulso metallico do Tempo nas engrenagens do nosso relogio;—a *má lingua* que não esco lhe confidentes nem avita responsabilidades' nunca se faz senão ás horas historicas em que se precipita o desmuronamento de uma sociedade carcomida, e manifesta-se pelas memorias posthumas, pelo pamphleto, ou pelo pasquim; mas tem sempre um caracter irregular ou clandestino de guerrilha, amedrontada de um uma bala perdida, cozendo-se com a sombra e appoiando se com emphase na solemnidade de um principio de interesse publico—».

Esperamos com verdadeiro interasse a prove colorida e vibrante do nosso collega.

Gottas de Chipre. Os n.os 11 e 12. Comprahendem ambos os volumes um conto de Mascellino Mesquita—A Berlinda.

Lith. da Compª Nª Editora

O nosso grande refugio é a politica.

Rabisca se por aqui e por acolá uma oovidade, um assumpto palpitante, e infelizmeota a ceára foi de tal modo ceifada, que o respigador não acha onde demorar a vista, ou d'onde possa arrancar um ridiculo.

O parlamento esse não: é o *semper virens* da comedia.

Entra-se o'aquella caza como quem vai a um espetaculo de prestidigitação, ou a uma sessão de fantocheria de Holden.

Como nos cartazes das esquinas, annuncia-se a grande magica da *Discussão de tal e tal assumpto.* Haverá a granda saraivada das imprecações, marchas e contra-marchas, córos, bail dos e larachas varias, rematando tudo pelo quadro de granda effeito — a queda do governo ou o *triumpho da virtude.*

Afinal vae o publico, attrahido, piza-se oas galerias, arregala os olhos ao abrir do espectaculo, e, como n'aquella scena do macaco que mostrava a lanterna magica, oão conseguê ver coisa alguma que preste.

Os cortejos vestem-se n'um guarda roupa de ha 50 annos; os bailarinos estão estropiados, cheios de carmim e de pastas embellezadoras; os galãns caoçados, velhos, tem o gesto estropiado, a voz roufenha, o trejeito comico.

O quadro final é um quadro dissolvente, que apparece ao longe, a ninguem é capaz de fixar.

E rethorica, bombas, trópos, murros, graças, esguichos de sapiencia, tudo vai por agua abaixo, sumido n'uma atmosphera de enjôo, de artificio, que causa dó, replecção, nojo.

Dentro em pouco o theatro da represeotação nacional dá em droga e tem de se arregimentar para figurarem ao lado dos policias, os mais ferrenhos politicos da situação actual, as amas de leite e os soldados sem graduação! Estará bem assim.

Diz um jornal.

Fugiu de Rilhafolles para a cidade, o doido José Luiz.

Tem graça a noticia. E' para cautella, ou como prevenção contra o encontro do homem? Quem será capaz de o conhecer se não fôr pelo fato? Parece que cá por fóra não ha o triplo dos que estão lá dentro.

Para nos dar-mos ares de pessôas de rectos costumes, inaugurámos um congresso juridico.

Dizem que tem sido bom, aquillo. Conversa-se bem, bella sociedade, homens de talento e oo final um *lunch* para desentupir a garganta d'algum fragmento de artigo que tenha ficado preso nos gorgomillos.

Este *lunch* paga-o o governo. O nosso bom governo para estas coisas é d'uma generosidade que commove. E' o governo dos direitos. Veja se a questão do padroado, a questão de Marrocos, a questão africana.

Nada fica torto n'este paiz depois d'este consulado; nem elles mesmos, os consules.

Este congresso feito á porta fechada para a Hespanha e Portugal, não deixa de ter os seus laivos de conferencia secreta. E' precizo mandar para lá policias á paisana, não seja o demonio que, no fundo, em vez d'um codigo de jurisprudencia nos saia d'elli um manifesto iberico.

Mas que luxo! um congresso juridico em Lisboa!

Consta que vão ser mostrados aos congressistas diversos processos celebres, bem como o palacio da justiça para resolverem, como se diz na Revista, qual d'elles preciza mais limpeza!

O que é certo é que as decizões do congresso começam a revolucionar profundamente o seio das familias.

Porque o congresso asseotou:

1.º — «Que os filhos adulterinos, concebidos depois da separação judicial, devem ser perfilhados para gozarem dos mesmos direitos dos filhos legitimos;

2.º — «Que elles poderão usar da investigação da paternidade, nas mesmas condições em que actualmeote os filhos perfilhaveis.»

Imaginem v. ex.as um filho adulterino á procura do pai. Que trabalhos terá de passar este desgraçado, para descobrir o auctor dos seus dias, quando, na maioria dos casos, oem a propria mãe lh'o poderá indicar!

Que rico direito!

Com estas e outras não somenos conclusões é que Portugal se dá o gostinho de fazer tremer a Europa oos seus fundamentos.

Só falta discutir ainda um artigo, que pedimos ao sr. Pinto Coelho que não esqueça:

Art.º unico. Quem tem um contador e paga a agua que consome tem ou oão o direito de ter agua em casa?

Parece nos que este ponto era mais pratico do que a dos filhos adulterinos, a quem ninguem até hoje negou o direito de comprimentar e de ceiar com a familia, quanto mais o de procurar o pae.

Ha mais de tres seculos, — não precisamos, para não errar, — que um viajante illustre nos indicou á Europa como o mais triste modelo de povos melancolicos até ao funebre; e d'ahi para cá todos os nossos visitantes, especialisando a amavel sexagenaria Maria Rattazzi, teem divulgado a nossa feição mysantropica e os nossos instinctos de gato pingado. A couza chegou ao ponto de, lá fóra, quando um riso irreprimivel se apodera de um individuo, chegar-se-lhe ao ouvido esta phrase lamentavel: — «Lembra-te de Portugal!» E o riso expira de subito nas fauces do patusco e as lagrimas rebentam de chofre. Triste couza!

Foi esta reputação de ambeserrados que nos ultimos dias lavou Sua Santidade, Leão XIII, a conceder um ar de sua graça ás patricias de D. Guiomar. Muito lido em farfalhices, o Papa conhece de perto, pelo cheiro, o que de melhor se tem produzido n'este alfobre de Possidonios e de vencidos da vida. — Que diabo de gente tão triste! exclamou o vigario de Christo. — Que farfalhices tão lamuriantes! Que funereas patuscas!

Foi n'este ponto das meditações pontificias que Vicente, patriarcha latino de Jerusalem, teve com Sua Santidade uma conferencia muito intima, da qual saiu um decreto de Leão XIII, que principia assim:

«— O nosso veneravel irmão Vicente, Patriarcha latino de Jerusalem, Nos expôs que o seu antecessor tinha promettido com o consentimento do Papa Pio IX, de feliz memoria, conferir ás mulheres a dignidade e as insignias da ordem de cavallaria do Santo Sepulchro, até então reservada aos homens.»

Por indiscrições de Vicente sabe-se que o primitivo plano consistia em dispensar as insignias de Santo Sepulchro ás damas portuguezas, exclusivamente. Mas sobrevieram rasões de estado — e a concessão do funereo distinctivo generalizou-se. E' assim que a nossa portentosa collega D. Guiomar Torrezão, cavalleira do Santo Sepulchro, mais dia menos dia terá de vêr ao seu lado, cavalgando, ahi por essa Avenida em fóra, a gentil Emma Otern, apetecivel e funesta aos infieis. Na bahia de Cascaes as naus esperam com o pavilhão da crus espetado no tope e o bailio de Malta dá ordens no tombadilho, apalpando no cos das calças — oh anachronismo! — a carta de prego, ou de parafuso, que é mais seguro.

Foram convidados os congressistas para uma *soirée* no ministerio dos estrangeiros, pelo sr. ministro da justiça.

Houve *whist*, chá, bolos e conversa animada.

O sr. Beirão é realmente um homem de idéas extraordinarias. Depois de nos arranjar o codigo commercial pretende iniciar entre nós o codigo de bom-tom em que as recepções tenham o caracter de gabinetes anatomicos sobre cuja porta de entrada se leia: — Entrada só para homens.

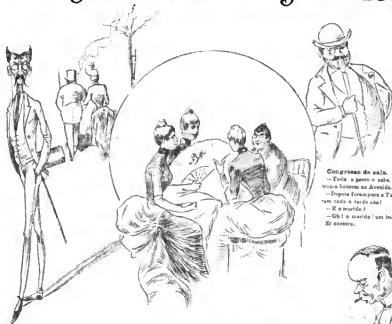
Em nome da moralidade pedimos á policia que obste de futuro a estas reuniões nocturnas em que o sexo fragil é abolido. Hoje que a mulher pretende levantar ao nivel da do homem a esphera da sua acção, entre nós o sr. patriarcha prohibe-as que cantem nas egrejas, e o sr. Beirão que dancem nas *soirées*.

Todos sabem como excita a atmosphera quente d'um sarau, o brilho e o calor das luzes, o alcool dos vinhos!

Quererá alguem persuadir-me de que a conversa na recepção do sr. ministro, teve sempre a moderação d'um officio funebre, a nota grave d'uma discussão parlamentar entre nós?

Por Deus que o não acreditarei! e se echoaram por aquellas salas frases d'amor, soluços comprimidos... em nome da moralidade, sr. commissario de policia, prohiba aquelles ajuntamentos, ainda que o sr. ministro ou alguns convidados se resolvam por respeito á tradicção, a vestir da «rose pale», com «traina de velludo fraise ecrasé», chapim de odalisca e «aigrette» asul nas pôpas.

Ainda assim, prohiba.

Congressos e congressistas

Congresso de sala.

—Toda a gente o sabe. A baroneza encontrou-o hontem na Avenida.

—Depois foram para a Tapada, onde passeiaram toda a tarde sós!

—E o marido?

—Oh! o marido! um imbecil!

Et coetera.

O apologista do divorcio.

Levou-o a esta opinião um lustro de ininterrupta felicidade conjugal!

Congressos politicos.

Regenerador. Está quasi em terra o governo nefasto! Agonisa o misero! A sua ultima medida é sua condemnação!

(Apoiados)

Progressista. A ultima resolução do governo, consolida-o, no poder, por largos annos.
A patria pode dormir descançada, o nosso partido é a sentinella vigilante, o guarda nocturno, da sua honra!

(Apoiados)

Republicano. A maré sobe! A podridão alastra! Approxima-se a hora dos grandes triumphos. Cidadãos, alerta! (Apoiados)

Fica abolido o direito da propriedade.

A congressista.
O divorcio ataca profundamente a liberdade feminina, sr. presidente!
Sabe v. ex.ª o que é ter um editor responsavel?

Uma das secções mais interessantes do *Diario de Noticias* é a que tem por fim elucidar os forasteiros sobre as *Cousas que ha para ver em Portugal.*

Na segunda-faira passada, por signal, fornecia o bom collega umas indicações que devem atrair copioso numero de *touristes* avidos de sensações novas. Vejam a pasmem:

«Fonte da Horta Navia»

«Os moradores da Alcantara, a sitio de Santos estavam na antiga posse de se servirem da agua d'esta fonte, de cujo terreno era directo Senhor o Mosteiro das Commendeiras de Santos.

«Em 1514 sendo emphiteuta um Pero Anes, este não só desmanchou a dita Fonte, mas até pertendia tapar o caminho que a ella conduzia; o que deu logar ao Procurador da Cidade, Estevão Gonçalves, fazer seu requerimento para que fosse citado o dito Pero Anes, o Senado assim o mandou; a a Pero de Lisboa, que em vista d'aquella petição, tirasse dez ou doze testemunhas para poder deliberar.

Pelo visto, ha 375 annos que o Pero Anes desmanchou a fonte, e o *Diario de Noticias* considera-a, volvidos quatro seculos, aproximadamente, uma das couzas que ha para vêr em Portugal.

Olho aberto, forasteiros! A questão é de olho e de vontade! E *honny soit qui mal y pense!*

MUITO OBRIGADO!

Senhor presidente da camara dos deputados:

A Comedia Portugueza vem hoje mui respeitosamente agradecer a v. ex.ª a promptidão com que se dignou attender á supplica, que aqui lhe endereçámos no nosso numero anterior, para que fizesse acabar as torturas, que se infligiam no parlamento, ao publico que ali vae, uma vez en outra, ver o que fazem os seus representantes.

V. ex.ª comprehendeu emfim que esse publico tinha um certo direito a exigir que o não fizessem esperar na escada, sob uma pressão medonha, até que se abrisse a sessão, com risco de suffocações mortaes ou de uma baldenção desastrosa, e ordenou que elle podesse entrar para os corredores das galerias, onde já mais commodamente aguarda a hora em que os seus preclaros eleitos se dignam continuar a sua ardua tarefa de zelar os interesses da patria... e outros.

Em nome, pois, d'essas pobres torturados durante tantos annos, a *Comedia Portugueza* agradece a v. ex.ª a sua misericordiosa piedade, consignando gostosamente o facto de apparecer emfim um presidente da camara dos senhores deputados que se lembrou de ser amavel para com o publico — eleitor e contribuinte — quando este se lembra de ir presenciar a maneira como os seus augustos representantes fiscalisam os actos da publica administração.

Muito obrigado! sr. presidente. Muito obrigadinho!

POR PIEDADE!

E' uma verdadeira *travessia africana* a viagem, pelas antigas estradas, de Beja a Faro. Leguas de charneca, percorridas em reles tipoias ou em pesados churriões, é a perspectiva pouco animadora que se offerece ao pobre do viajante, quando este não prefera o choutear d'algum miseravel onagro, que lhe põe os ossos n'um feixe. Chegando a Mertola, no fim de umas boas dez horas de atroz supplicio, aguarda-se que a sr.ª D. Maré permitta o percurso do Guadiana, n'um *calhambeque* prestes a desfazer-se ao mais pequeno embate de alguma vaga insubmissa e menos respeitosa pela vida dos pobres avantureiros d'aquelle ousado emprehendimento. Desembarca-se em Villa Real, ainda mal refeito de sustos e enjôos do *passeio* maritimo, e toca outra vez no bello do churrião ou a *caburro*, para concluir a tortura, até á capital do Algarve!

O caminho de ferro acaba com este supplicio; mas, segundo lemos nas gazetas, não ha meio de o fazer abrir á circulação publica — tão grande é a opposição dos *interesses feridos* por esse importante melhoramento. Ha muito que a via ferrea está concluida; não ha parcella de ma vontade por parte do ministro e do respectivo engenheiro; mas o comboio não marcha .. porque e maior a *força* dos que o pucham para traz.

Por piedade! meus senhores! Mandem ao diabo os burros e os churriões e abram passagem ao vapor! E' uma questão de progresso e... de humanidade!

D. Maria.—Continúa em scena a *Estatua*, do sr. Lopes de Mendonça.

Brevemente a festa artistica de Baptista Machado com a *première* da comedia *A felicidade conjugal*, traduzida pela sr.ª D. Guiomar Torrezão. N'esta comedia estreia-se uma nova actriz, a sr.ª D. Augusta Bresd'lind, no papel de *Irma*. E' uma debutante esperançosa, atteota a sua notavel vocação artistica.

Gymnasio.—Duas comedias novas fazem agora as delicias dos frequentadores d'este theatro.—*O sr. governador* e as *Ferias do casamento*—a primeira traduzida por Leopoldo de Carvalho e a segunda por Gervasio Lobato.

Trindade.—Foi immensamente concorrida a festa de Lucinda do Carmo, na noite de 24 do corrente. Representou-se a *Marquesinha*, traducção de Machado Correia, que agradou bastante, sendo muito victoriada a sympathica e talentosa Lucinda, a rainha da festa.

Rua dos Condes.—O *Tim-tim por tim-tim* continua a attrahir consideraveis enchentes ao theatro e successivas ovações á gentil Pepa.

Avenida.—Emma Otero é a *great-attraction* d'este theatro, onde trabalha uma rasoavel companhia de *zarzuela*, com agrado publico.

Colliseu.—A *fantochada* é aqui o espectaculo predominante. Bom trabalho e esplendidas vistas.

Concertos musicaes.—Amanhã, domingo, á 1 hora da tarde realisa-se uma *matinée* promovida pela «Real Academia de Amadores de Musica» no salão da mesma Academia. Nos dias 4 e 6 do proximo mez de maio, ás oito e meia horas da noite, realisar-se-hão as duas audições do concerto, que esta benemerita associação costuma levar a effeito em differentes mezes do anno.

Agradecemos o amavel convite com que fomos brindados.

Recebemos e agradecemos as seguintes publicações:

Um governo de cossacos.—E' um pamphleto escripto em tom azedo, no qual o seu auctor, o sr. José Bonança, qualifica de roubo, diffamação e assassinato o systema de governo erigido pelo ministerio progressista.

Esta violenta classificação vem a proposito de umas perseguições que o sr. José Bonança, conductor d'obras publicas, declara ter soffrido por se recusar a sanccionar o pagamento de folhas de trabalhos que se não executaram.

⁂

A semana litteraria.—Publicado o n.º 2, que entre outros assumptos insere uma esplendida critica de Silva Pinto a respeito da *Estatua*, o novo drama em verso do sr. Lopes de Mendonça.

Critica brilhante na fórma e justa na essencia.

⁂

Gottas de Chypre.—Já appareceram os n.os 13 e 14, inserindo um poemeto de Campoamor—*A orgia da Innocencia*,—traducção em verso de Luis da Silva, e um conto original de Abel Acacio—*O Grito*—. Brevemente as capas de tão interessante publicação serão illustradas por Julião Machado.

Aos nossos assignantes da provincia

Prevenimos estes nossos assignantes de que já estão nas estações do correio das suas localidades, ou das mais proximas, os recibos das suas assignaturas, relativos ao 2.º semestre uns, e outros ao 3.º trimestre do primeiro anno da — Comedia Portugueza.

Pedimos-lhes portanto o favor da brevidade no respectivo pagamento, não só para a boa regularidade do nosso expediente administrativo, como para que não soffram interrupção na remessa do jornal.

STELLA... REFUGIUM... SALUS...

Não sei como chamar-te, ó formosura
Que em sonhos vejo e adoro, noite e dia!
E's talvez Marion... Talvez Maria...
Um genio máu... talvez uma alma pura.

Talvez! Este anciar que me tortura,
Religião das horas de agonia,
Lembra uma campa, — no intimo vasia,
P'or fóra — os sette sêllos da Escriptura.

Névoa da tarde, purpura de aurora,
Sonho que opprime, uncção que revigora,
Vertigem do infinito, anceio eterno,

Apostrophe suspensa, irrespondivel,
Anjo talvez... talvez um impossivel...
Mas eu quero-te assim, dúlcido inferno!

*

Quero-te assim. Minh'alma ingenua, e nua
(De crenças, não!) do amor que lhe roubaram,
Vem, fugida das mãos que a profanaram,
Dizer-te afflicta: Sonho meu, sou tua!

Não sei contar-te que designio actúa
Nos vencidos que Amor nunca encontraram:
Pythonisas crueis os malfadaram,
Sob as vistas de Deus, que os perpetúa.

Risos? Antes assim. Tudo consola.
Aos que partilham da medonha herança,
Um sorriso de dó é farta esmola.

Sorriste... Eu volto á minha soledade.
Que escura noite sobre mim avança!
Nunca te eu presentisse, ó Claridade!

NARCISO DE LACERDA.

O conselheiro Antonio José Viale

Na ultima semana, despovoou-se Lisboa. da mocidade dourada. A rainha do Tejo cedeu á rainha do Manzanares, os amadôres farrenhos da tauromachia—uma belle e brilhante arte, como oenhuma outra, capae de erguer um homem perante o olhar d'uma mulher—pela exposição de dois grandes dotes —e elegancia a a coragem!

· Eo cedo á sociedade protectora dos animaes o direito de clamar contra a farpa que entra no cachaço d'um toura! Mas alla ha de conceder-me que me enthusiasme perante um cambio e o manejo d'um cavallo, sem pensar na crueldade d'um par de ferros, como me coocederá dacerto que eu saboreie o maio biffe ou o frangão com ervilhes sem me lembrar da faca do metadouro, ou da eopeira a epartar entra os joelhos o filho da galinha, a torcer-lhe o pascoço como quem torce um panno molhado, para deslocar a vertebra onde matta o facalhão da cosinha.

•

Mas, despovoou-se Li«boa para ir para Madrid vêr a figura qua por lá fazem os nossos patricios, carregando com os olhares da ceotenas de hespanholas, deante das espedas de Frascuelo e de Lagartijo.

Sabe se pelas noticias ultimas, que se não foi uma figura de deieer combasbecados *mañolas* e *majas*, foi todavia brilhanta a não faeer esmoracer a fame que gozam em Madrid os generos portuguezes, quer como homens, quer como touros, (sem malicia).

O «Criminoso» sobre todos—Criminoso era o nome do 4.° touro portuguez—logo que entrou, dispertou o enthusiasmo geral.

Era um touro elegante, pequeno, de boae hastes, um touro fino, proprio para uma corrida em casa alheia, distincto como um gentleman e furioso como elle proprio.

A um chronista hespanhol, segundo elle conta, tremeram-lhe as berrigas das pernas! Já é. O que o chronista não diz é se foi com gana de fugir, ao parecer-lhe já sentir na barriga as pernas do bicho

A's dames tremeu-lhe o coração, dentro dos espartilhos; aos portuguezes sentados pela *barrera*, subiu-lhes ao rosto o sangue dos grandes enthusiasmos e, emquaoto o touro media com o olhar com que o mestre de Aviz desafiára os castelhanos em Aljubarrota, os cavallicoques tremulos, elles segredavam intimemente, cheios do sagrado fogo da lucta—S. Jorge e avaote!

Assim foi; o «Criminoso» estripou alguns cavallos, fez render oma ovação ao sr. Palha Blanco, e ao cahir inanimado soh o ferro de Frascuelo, ouviram-se labios femininos, articular cheios de mague:—«saleroso, bemdito sea tu padre!»

Tem alguma coisa de épica a morte d'um touro.

Nas «Viegens em Hespanha Gauthier» conta e — eorte de morte — como o mais extraordinario espectaculo, chaio d'uma graodeza heroica, magestoso, absorvente.

Morte de heroe, afinal, em plena lucta, na dafeza da vida, antre os hurrahs dos aspectadores, as victimas estripadas, o brilho estonteedôr das capas, o agitar febril dos leques e o broueh confuso da multidão que se agita, que se impressiona, que segreda raceios, duvidas, protestos!

Quantas ancias, ao sentir se desfallecr, quantos ácumes da raiva suprema, quantos esforços desespetados, quantas allucineções, até sentir-se afinal postrado, vencido, allucinado ante um farrapo encarnado, que lhe prepera o ultimo arranco!

Ha nomes de homens nas paginas da historia heroica, com menos titulos do que tu, d «Criminoso», ó patricio a quem foi Deus servido levar da vida presenta, oa tarde de 28 passado, na praça da Madrid.

A terra hespanhola te seja leva!

A novidade litteraria da semana, foi a recitação do *Bezerro d'Ouro*, do sr. Santa Ritta, no salão do theatro da Trindade. Não nos foi possivel assistir á leitura do drama e ainda menos possivel nos é agora fazer uma idéa approximada do valôr da peça. O «Globo» chama-lhe um drama de primeira ordem; o «Correio da Manhã», troça-o redondamente.

Vão lá ser juizes com semelhantes mordomos. O auctôr tem até certo ponto culpa de se ter prestado com o nome do drama á «charge» graciosa e caustica do «Correio da Manhã»

Devia lembrar-se que, pelo nosso temperamente meridional, como bons bordas-d'agua, em apanhando um bezerro em publico o nosso maior prazer é metter-lhe um par de ferros. Foi o que lhe succedeu.

Vae sahindo a esta hora da egreja de S. Domingos a procissão da saude. O dia está excepcionalmente bello. A população movediça que se desloca a cada festa, a cada perada official, invade as ruas, peja os passeios, assalta as escadarias e rampas e gosa o desfilar do cortejo n'uma embriaguez de alegria, de sol, e de poeira que faz inveja.

Faz-me pensar, no entanto, como é que sendo esta procissão destinada a consolidar a harmonia da saude com os nossos corpos, a ser um elemento prophilatico de futuras epidemias, entrem n'ellas as figuras venerandas dos Santos e sajam excluidos os bustos respeitaveis dos medicos!

Parece que deva concluir-se, que a Medecina e a Saude fogem uma da outra, como o demonio da Cruz.

Emendemos nós um pouco a critica amarga da tradicção e para o anno mettamos n'um andôr a Junta de Saude ainda que ella pareça ter os ouvidos tão surdos como a junta celeste.

E deve fazer uma linda figura!

Assentaram-se pois coisas graves e sérias no congresso juridico, findo.

Ficamos á espera dos resultados e agradecemos aos nossos visinhos a amabilidade com que se prestaram a concorrer para endireitar a espinhella d'este corcovado paiz.

Temos a consciencia de que os tratámos bem. Demos-lhe de lanchar todos os dias, levámol-os a passeiar pelo Tejo de crystal, e despedimo-nos por lhes offerecer um jantar de duzentos talheres, no templo da harmonia e do sr. Valdez. O sr. ministro da justiça mimoseou-os com um sarau espartano e a imprensa fez justiça ao talento de muitos e ao cavalheirismo de todos.

E' assim, caros visinhos, que recebemos.

Em compensação permitti-nos uma queixa. Fomos a Madrid no domingo passado e regalámo-nos de comer biffes e ovos e galinha e carneiro e vacca (sem riso) e peixe de toda a especie, a carne de todo o genero de animal, com azeite e banha de porco, com banha de porco e azeite! Depois fizeram-nos ainda a graça de nos alliviar dos bilhetes para a tourada, que traziamos no bolso, obrigando-nos á bizarria bem escusada, de comprar-mos duas vezes o nosso logar na praça.

E muitas outras perrices que só de viva voz vos poderiamos contar, amigos, do que resultou grande magua para os nossos corações, como para as nossas bolsas!

De tudo isto vos pedimos sejais interpetres perante os vossos irmãos de Madrid, expondo-lhes a sua benevolencia para de futuro. Aliás não voltaremos a Madrid, senão como congressistas!

A Hespanha não perderá muito com isso; mas entristecem os olhos das vossas patricias que nos fitam... caramba!...

Boa viagem.

A corrida de Madrid arrastou-nos á capital do reino visinho. A *Com*
ainda senão prestar a devida attenção aos actos dos portuguezes, se bem q
D'aqui resulta que a apparente impropriedade da nossa pagina des
dilettantismo tauromachico de Madrid, em cujo seio o nome portuguez pa
panhol — a marrada.

Criminoso, o heroe da tarde, morto por Frascuelo

ia *Portugueza* reproduzindo alguns «croquis» da notavel toirada, não faz
ie, n'este caso, os portuguezes em questão sejam os toiros.
parece, porque ella representa uma impressão, ainda que passageira, no
a ainda a ser respeitado por um attributo até hoje desconhecido do hes-

a natureza, como luctando com um receio secreto, prepara lentamente a sua toilette de noiva para os grandes concertos de maio.

Punge-nos a saudade das manhãs lavadas pelo ar fresco, córadas por um sol brando, cheias de cantos d'aves, múrmuras de regatos e quedas d'agua.

A cidade entristece e cança envolta em choviscos de agua escura, os passeios cheios de lama, a vegetação medrosa dos *squares* desertos, o ar aborrecido e melancholico dos peões cançados, as toilettes indecizas, sem tom, sem caracter, das mulheres.

Lembra-nos o campo, que é sempre bello, sempre differente, sempre grande para o olhar do artista.

Entrou comigo a nostalgia dos largos horisontes, dos fortes banhos de ar frio e fresco, e fui-me por ahi fóra, na madrugada de hontem. Atravessei as lezirias inundadas de luz, brilhantes de hervagens orvalhadas, malhadas pelos rebanhos, pelas récuas de cavallos, pelas manadas dos touros, pastando ao longo dos combros.

O Pedro esperava-me ao portão, rodeiado dos perdigueiros brincalhões, com aquelle ar placido e superior do homem que depois de gastar uma fortuna a acompanhar embaixadores pela Europa, se sentiu invadir do aborrecimento do mundo e vive ha doze annos, só, com os seus livros e jornaes, a caçadeira, a rêde da pesca, no velho palacio da quinta, fronteiro ao rio, a meio da encosta, escondido pelos carvalheiros seculares, enlaçado de heras e de trepadeiras floridas. Abraçá-mos largamente, como dois corações que se entendem.

Como é alegre o grande pateo! e como canta dentro do marmore do tanque o jôrro limpido da agua que repucha da bôcca escancarada do satyro, por sob um velho escudo carcomido d'um antigo cavalleiro de Malta.

Almoçámos. Que fresca a manteiga e o leite! que deliciosa a fructa e o vinho, córado ligueiramente, como um ambar desfeito!

Cavalgámos. O sol batia montes e planicies n'uma orgia de luz; cantavam alegremente as azenhas e a passarada nos galhos novamente vestidos das acacias e das amendoeiras floridas. Debruçavam-se pelos muros das herdades os cachos de lilazes brancos, perfumando a estrada, e ouvia-se o cantar das raparigas, nas encostas, projectando sob os cachos mimosos das videiras nuvens douradas de enxofre.

Um verde tenro tapetava os longos quadrilateros das chãs: evolava-se de toda a parte, do chão e dos piros, das folhagens novas, dos espelhentos açudes, uma vida nova, cheia de suggestões alegres, de cantares, de risos.

E Lisboa apparecia então, lamacenta, com a mesma fila de molheres, passando á mesma hora, pelos mesmos passeios, somnolentamente, os mesmos janotas, os mesmos pregões.

E comprehendi bem mais uma vez como um homem se encerra, aos trinta annos, já cançado, n'aquelle meio placido, n'uma vida voluptuosamente espiritual, no seio da amante sempre boa — a natureza.

A' noite, ao apear-me no caes os primeiros perfumes das ruas lembravam-me que estava n'uma cidade civilisada, distincta, e que o meu pobre amigo, deixava — o philosopho — que lhe branqueiassem de todo, n'aquella choça selvagem, os ultimos cabellos da sua barba á Guise.

E como não tinha chronica escravi o meu passeio.

Mendo.

Antonio José Viale

O conselheiro Antonio José Viale tem o logar na *Comedia Portugueza*, que compete a todos os grandes trabalhadores, aos honestos, aos homens de valor e aos homens d'honra Foi um professor eminente do curso superior de letras, conhecedor profundo das litteraturas grega e latina de que deixou correctissimas versões e em cujos idiomas compoz apreciaveis trabalhos originaes.

A'e suas grandes qualidades de espirito deveu o ser eleito professor dos filhos de D. Maria II. D. Pedro V, distinguiu o muito intimamente, como El-Rei o sr. D. Luiz.

Era um classico ferrenho.

De todos os defeitos, aliás justificados pela sua edade, com que o malsinaram criticos e sabios, o grande mestre revellou sempre uma qualidade:—sabia por todos elles, os criticos.

Homem grave, serio, de honra impollucta, merece a saudade respeitosa de todos os espiritos bons, como pelo saber mereceu sempre a consideração dos mestres.

Descance em paz.

Recebemos e agradecemos as seguintes publicações:

Milagres.—E' o titulo de uma cançoneta, original do sr. D. José da Camara Manuel, e que foi recitada pelo actor Valle no theatro do Gymnasio. Esta cançoneta é uma chistosa critica de varios typos e acontecimentos hodiernos. A edição é de luxo e a capa é illustrada por Julião Machado

A Semana Litteraria.—Publicado o n.º 3, com artigos de Alberto Pimentel, João Diniz, Luiz Serra e Salles Lisboa.

A Illustração.—A proximidade do dia em que tem de se realisar a abertura da Exposição em Paris, é um facto de maximo interesse para a humanidade inteira. e thema para enriquecer e tornar variadissimos os assumptos; pois *A Illustração* traz em o n.º 8 bellissimas gravuras allusivas áquelle caso e exellentes artigos, noticias, informações várias, tudo redigido de fórma a despertar o interesse dos seus leitores.

Grande concerto musical

A «Real Academia de Amadôres de Musica» offereceu o seu magnifico salão para ahi se realisar a proxima quarta-feira, 8 do corrente, um grande concerto vocal e instrumental, promovido pelo sr. Julio Caggiani, distincto professor de rebeca e solista do theatro de S. Carlos.

N'este concerto tomam parte, além do beneficiado, o sr. Thomaz dal Negro, o sexteto Quilez, e ainda outros artistas de reputação. Estreia-se tambem a Ex.ma Sr.a D. Virginia Caggiani de Medeiros e Albuquerque, irmã do beneficiado, que é uma distincta pianista amadora e possue uma bella voz de contralto.

Esta festa, que promette ser brilhante, principia ás 8 1/2 horas da noite.

Grande exposição japoneza.—Abriu ha dias em uma das salas do *Commercio de Portugal*, aqui ao nosso lado, paredes-meias, uma grande exposição de objectos de arte, de origem genuinamente japoneza, além de outros de origens várias mas por igual dignos de especial attenção.

E devemos dizer que se esta exposição é deveras attrahente pelo bom gosto e variedade dos artefactos, não o é menos pela excepcional barateza de preços por que elles são vendidos, tendo além d'isso um lado extremamente sympathico, que é o de reverter uma percentagem da venda em beneficio do montepio das viuvas e orfãos das victimas do trabalho.

Aos nossos assignantes da provincia

Prevenimos estes nossos assignantes de que já estão nas estações do correio das suas localidades, ou das mais proximas, os recibos das suas assignaturas, relativos ao 2.º semestre uns, e outros ao 3.º trimestre do primeiro anno da — Comedia Portugueza.

Pedimo-lhes portanto o favor da brevidade no respectivo pagamento, não só para a boa regularidade do nosso expediente administrativo, como para que não soffram interrupção na remessa do jornal.

Glosas

(Das canções do Mondego)

I

Egreja de Santa Cruz
toda de pedra morena,
dentro de ti ouvem missa
dois olhos, que me dão pena
(Canc. pop. de Coimbra)

Não te recordas, Maria,
d'aquelle primeiro dia
dos dias do nosso amor?
Nunca eu vira tanta luz
um templo enchendo, criança,
teus olhos-pharoes d'esperança
inundavam de fulgôr
A egreja de Santa Cruz!

Nunca meus labios rezaram
e como então imploraram
esse Deus, que a todos cobre.
Talvez não creias, pequena,
mas, por mal da minha vida,
puz-me a sonhar que era erguida
a ti essa egreja nobre
toda de pedra morena.

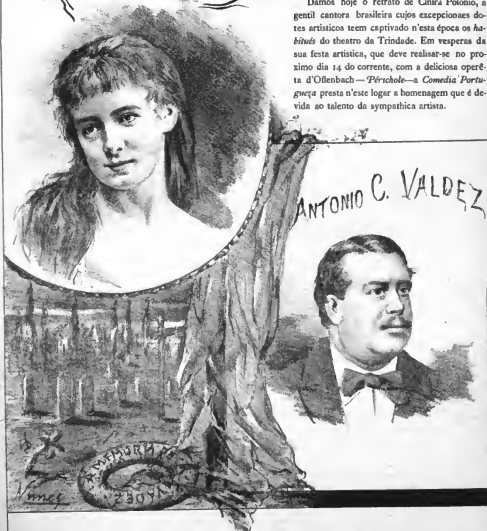
Na noite do meu destino
eu vira, templo divino,
do santo sacrario teu
apagar-se a luz mortiça
ante esses olhos sem par,
mas tão humildes no olhar
que, sendo estrellas do ceu,
dentro de ti ouvem missa.

Mas é louco pensamento
sonhar por um só momento
que as estrellas nos entendem
lá da vastidão serena!
Assim tambem, que loucura
viver só da desventura
d'este amor, com que me prendem
dois olhos que me dão pena

Coimbra, 85.

SILVA GAYO.

CINIRA POLONIO

Damos hoje o retrato de Cinira Polonio, a gentil cantora brasileira cujos excepcionaes dotes artisticos teem captivado n'esta época os *habitués* do theatro da Trindade. Em vesperas da sua festa artistica, que deve realisar-se no proximo dia 14 do corrente, com a deliciosa operêta d'Offenbach — *Périchole*—a *Comedia Portugueza* presta n'este logar a homenagem que é devida ao talento da sympathica artista.

Acaba de fallecer em Paris, Campos Valdez, emprezario do theatro de S. Carlos e deputado ás côrtes. E' pelo primeiro titulo sobretudo que tem logar na *Comedia Portugueza* o fallecido. A arte lyrica deve-lhe o terem-se ouvido entre nós verdadeiras celebridades como a Patti, Sembrich, Devriés, Schalchi-Lolli, Mazini, Emma Nevada, Van-Zandt, Chaumont e Dupuis. Era homem de fino trato e extremamente bondoso.

Lith. da Comp.ª Nª Editora

Can-cans

Reina, entre nós, a febre de Paris.

Não ha ninguem que lá não vá: uns de verdade, outros com desejo, outros por imaginação. Elles todos estão convencidos de que vão, uns porque é distincto ir, outros porque ardem no desejo de nos narrar, na volta, dando se ares de quem pizou desassombradamente o «boulevard dos Italianos», de quem ceiou no Bignon com M.elle «Qualquer Coisa», uma das mais gentis estrellas de Saint Germain.

O que é certo é que as mulheres andam apprehensivas com as resoluções dos maridos, e as namoradas tristonhas ao lembrar-se de que — Elle — irá, sósinho, internar-se n'aquella Babylonia, onde os corações se pegam como os pintasilgos na vara enriscada e onde os bolsos se despejam como saccos rôtos.

E teem razão. Não anda uma pobre menina a amar um pacato amanuense por longos annos, a offerecer-lhe carteiras bordadas a missanga por suas proprias mãos, para de repente vêr desapparecer o amor d'aquelle homem atraz d'uma pinha revolta de cabellos louros, deante de uma cerveja da pipa, n'uma «brasserie» afamada do Bairro Latino, por exemplo.

Não está uma pobre senhora a aturar todos os dias, hora a hora, o melhor seu marido, a pregar-lhe os botões das luvas e o alfinete da manta, a interessar-se-lhe por todas as necessidades da vida, desde o bife do almoço, até ao pão doce torrado do chá, a ter o cuidado de lhe cobrir os braços de noite se elle sonha e barafusta inquieto, para sem mais nem mais, elle um bello dia resolver-se a ir a Paris, e adivinhal-o, á noite, na grande cidade, deante d'uma delambida, a fazer-lhe festinhas no queixo, a derreter-se: *ma chere petite chate! ma mignone!* Não se pode tolerar, a sangue frio.

O que ha a lamentar n'esta corrente de fugitivos, não é o dinheiro que gastam é a falta que por cá fazem.

E' a emigração do amor. Ora uma senhora portugueza, pode passar sem uma tina de banho, ou sem uma escova de dentes, mas lá sem amôr, não pode ser. Aos oito annos, já escrevem no collegio aos primos ou aos meninos que andam com ellas; aos doze annos teem já uma ou duas paixões de entisicar; aos vinte, se não tem tres subjeitos, pelo menos, no rastro, pensam-se condemnadas á eterna viuvez e sonhâm com o convento frio, ou com a caixa salvadora dos phosphoros nacionaes!

D'aqui prevê-se grande panico.

Anda ahi a mania dos suicidios.

Uma epidemia mais respeitavel do que a dos typhos. Calculem o que será d'aqui a um mez, quando os primeiros corajosos tiverem entrado resolutamente no wagon libertador, deixando atraz de si, a anciedade da partida, a incerteza da volta, a desconfiança da força moral do José do Egypto.

E' fugir das ruas onde haja quartos andares e onde o gargarejo reina ainda, candido e honrado, como nos bons tempos dos nossos avós, que Deus haja.

Falla-se para ahi em medidas repressivas para a emigração das provincias. Que nos deixam os mais validos homens, que nos faltam braços. D'accordo. Exige-se o passaporte; que esteja livre do sorteio; que seja maior, etc. Pois bem, exija-se ao emigrante para Paris, a certidão de que é maior, de que está livre de namoro ou coisa que o valha, de que não deixa ao desamparo a esposa ou coisa parecida!

Se assim fôr, que parta. Um coração fechado é uma simples bomba cuja mechanica pode interessar aos medicos, mas que é inutil na vida affectiva das populações. Um coração aberto, mais devagar: é uma estação deliciosa onde repousam almas; chega a ser uma hospedaria, é verdade; mas ainda assim, é um ponto de abrigo ás pessoas que passam. Sempre podem abrigar-se da chuva, sentar-se um bocadinho e tomar alguma coisa. Ora, na grande viagem da terra, n'este comboio massador da vida, cinco minutos de espera sabem ás vezes que nem nozes, permittam-me a expressão popular

V. ex.as não teem razão, minhas senhoras.

Conheci um juiz que mendou dois filhos viajer pela Europa, sós, quando tinham um 16 e outro 18 annos.

Expliceva elle: se forem bons, voltam, com esta grande licção, einda melhoras; se forem maus, revellam-se já e eu não perco o tempo em mais licções.

Volteram magnificos.

Tal se derá com v. ex.as Coração fiel: voltará novamante e ebriger-se sob as ezas brances do vosso emor; coração vadio: que fiqua por lá; mais vale de uma vez um bom desengano, e homens graças e Deus nunca faltem.

A unica coisa qua me espante, é como o governo ainda não se lembrou d'esta questão. Porque afinal é uma questão de que a familie portuguaza pode rassentir-se e qua leva de Portugel grandas sommas.

E' uma questão da moralidade e de èconomie!

E para estes coisas é que o governo ectual subiu ao poder — dis o programma!

A RÉCITA DOS JORNALISTAS

Raelizou-se hontem, e récite promovida, com um fim caridoso, por uma commissão de jornalistas, no theatro da D. Maria II.

Rapresantou-se a *Fédora* a nos intervallos cantaram como verdadeiros ertistas e ae.ma sr.a D Meria Judice da Costa, e os ee.mos srs. D. José d'Almeida, D. Francisco de Sousa Coutinho, João Affooso e Mendes d'Almeide.

Não é nosso intuito fazar e critica do modo brilhante porque se houveram os distinctos emadores, cujos retretos publicamos, mes prestar e homenagem ao talento que alliedo á bondade secunde as ecções generosas.

A arte do canto atravessa, entre nós, um periodo verdedeiramente esperançoso da futuras victorias, a entre os emadores figuram, como os mais distinctos, aquelles que honraram a récita dos jornalistas, com a brilhante axhibição dos seus telentos.

Não nos foi possival alcançar o retrato do sr. Mandes d'Almeida, por isso, do que pedimos desculpa, elle deixe da figurar eo lado dos seus collegas onde tinha merecidamenta o seu logar.

A abertura da exposição de Paris é hoje um facto conhecido de todo o mundo. Todas as malquerenças, todos os despeitos e más vontades não conseguiram minorar o'um ligeiro grau, a grandeza d'aquelle concurso gigante das forças vivas da terra. A guerra que se lhe moveu é incomprehensivel n'este seculo, incomprehensivel e ridicula. Por entre o tremular das bandeiras de todas as nacionalidades, fluctua, a esta hora, a bandeira das quinas. O que nos punge é que ella figure modestamente, sobre os especimens pouco gloriosos da nossa industria e da nossa arte, e não se desfralde soberbamente, valorosamente orgulhosa e altiva, como out'ora nas prôas dos galeões ou nas fortalezas d'alem mar! O que nos revolta é que ella não appresente as manchas e rasgões das balas que a atravessaram em combates homericos, mas as manchas da lama, unde a arrastam os filhos espurios de successivas gerações de heroes. Todavia que fluctue assim mesma; pode servir d'exemplo e sempre lembra a França que o paiz retalhado em promessas pelo seu maior general, é ainda hoje independente e livre!

A Exposição de Pariz
MAIO
DE
89

A camara dos pares do reino vae constituir-se em tribunal de justiça, no intervallo da sessão, para julgar o sr. conde da Gouveia, accusado de homicidio involuntario, na pessoa de João Simões.

Ora quem matou o João Simões foi um comboio, da linha da Beira Alta. D'onde se conclue que o sr. conde de Gouveia é nem mais nem menos um comboio da Beira Alta, com assento na camara do mesmo titulo.

Viajar dentro d'um par do reino!

Julio Verne tinha aqui o assumpto para uma viagem maravilhosa. Que os nossos pares do reino serviam muita vez para conduzir a porto de salvamento muitas mercadorias avariadas já nós sabiamos; agora que trabalhavam em rails, que fumavam, tinham apito e conduziam passageiros no seu interior... caso é este que em extremo nos maravilhou e commoveu!

Que terrivel sentença pende a esta hora sobre a cabeça do pobre conde! Um assassino e de mais a mais disfarçado em comboio da Beira! Brr...

N'uma récita do theatro do Gymnasio, dada por amadores, distinguiu-se Carlos d'Almeida, fazendo uma scena comica — *Que bom charuto*—sem dizer uma palavra. O trabalho phisiognomico substituiu brilhantemente a palavra e o mudo conversador foi muito applaudido.

Ora aqui está um homem que é quanto a mim o ideal para um deputado, sendo a anthithese flagrante d'este.

Diz um collega:

«Foi hontem feita autopsia ao cadaver de Augusta Maria, moradora que foi no Largo do Trigueiros, n.º 2, loja, e que no dia 4 tomou uma poção venenosa.

«As visceras foram mettidas em 2 frascos e remettidas a juizo para se proceder á analyse chimica. Os peritos declararam que as lesões apresentadas, *levavam a suppôr, que tinha havido envenenamento.*»

Ora esta!

Outro collega escreve

Guerra Junqueiro, o primeiro poeta da Peninsula, parte bravemente para Vizella, onde conta terminar o seu novo poema *Prometheu.*»

De que peninsula?

Será bom precisar. Elle ha tantas!

Tambem elle «prometteu» matar o Jehovah e ella está vivo que é um regalo.

A proposito, se o vir lá pelas Caldas afinfe-lhe!

O *Diario Illustrado* publicou um lindo conto, *em 25 linhas*, de que destacamos este pedacinho delicioso:

«Ao chegar a uma ribanceira coberta de pedras e proxima de um despenhadeiro medonho, o nosso homem hesitou na descida, porque era difficil e perigosa; porém quando lobrigou lá em baixo *vestigios de uma ovelha*...»

O sr. Carlos d'Almeida não abre a bocca e diz tudo; um deputado portuguez falla pelos cotovellos e não diz nada!

Vou pelo sr. Carlos.

Os operarios do Porto, despedidos pelos patrões, acharam no seio do governo a protecção que é justo dispensar aos desherdados e desprotegidos da fortuna.

Como se sabe, foi este o processo de lucta adoptado pelos

negociantes de vinhos do Porto, para se opporem ao contracto do governo com a companhia do norte.

O governo resolve a questão mandando pagar aos operarios. Resta agora saber porque razão havemos nós de pagar aos creados despedidos das cazas dos patrões.

Se as sopeiras da capital descobrem que lhes basta o facto de serem despedidas, para poderem flanar pelos «sqoares» de fardalhorio ao lado, e recebendo os cinco mil réis da protecção, ahi vamos ter uma crise domestica, provocada por mais um d'estes rasgos épicos dos nossos governantes!

Esta maneira de resolver crises, faz lembrar um sujeito que corta o pé para se livrar dos callos. Que comedia!

A celebre concertista de violino, Giulietta Dionesi, que ha pouco voltou do Porto e das principaes cidades do Norte, onde obteve merecidas ovações, resolveu dar um concerto de despedida, em seu beneficio, nas salas da «Academia Musical de Lisboa», na rua nova do Carmo 21, na noite do proximo sabbado 17 do corrente. E' de esperar uma enorma concorrencia a applaudir a interessante e eximia artista.

Estudo de uma Santa.—Assim se intitula um pequeno romance original, de Affonso Vargas, um escriptor de mérito incontestavel, qua tem já affirmado os seus bons creditos em muitas publicações litterarias. O novo trabalho de Affonso Vargas, que acabamos de lêr com o interesse qoe merecem os bons livros, é realmente um estudo consciencioso, reveladôr de profunda observação e descripto em estylo primoroso. O seu enredo é simples, mas verosimil. Os caracteres estão bem desenhados e as situações teem um grande relêvo artistico.

Felicitando Affonso Vargas por este seu novo trabalho litterario, agradecemos o volumesinho com que nos brindou.

A Má Lingua.—Appareceu afinal o 1.º oumero d'esta explendida revista semanal, redigida pelo brilhanta estylista Beldemonio, pseudonimo de Barros Lobo. Contém aste oumero uma *profissão de fé*, já publicada no n.º prespecto a que aqui transcrevemos, e mais uns deliciosos artigos criticos de fina graça e caustica mordacidade.

Saudamos a reapparição do talentoso escriptor nas pugnas litterarias, e desejamos longas prosperidades á sua nova publicação, a qual recommendamos com interesse a todos os nossos leitores.

Historia do Cêrco do Porto.—Dentro de poucos dias deve começar a distribuição do 1.º fasciculo d'esta interessante publicação, editada por Leite Guimarães, do Porto. E' uma nova edição da obra de Simão José da Luz Soriano, melhorada e revista pelo auctor, com o retrato e biographia do mesmo, e acompanhada de preciosas gravuras. Todos quantos se interessem pelos assumptos historicos do nosso paiz devem assignar esta publicação, cujo agente em Lisboa é o sr. Gonzaga Gomes—Rua do Norte, 39 1.º

Aos nossos assignantes da provincia

Prevenimos estes nossos assignantes de que já estão nas estações do correio das suas localidades, ou das mais proximas, os recibos das suas assignaturas, relativos ao 2.º semestre uns, e outros no 3.º trimestre do primeiro anno da — Comedia Portugueza.

Pedimo-lhes portanto o favor da brevidade no respectivo pagamento, não só para a boa regularidade do nosso expediente administrativo, como para que não soffram interrupção na remessa do jornal.

CARTA A UM TRAHIDO

(Historia recente)

Hontem — que dia aquelle! a mão da sorte, hedionda,
Atirou-se á tua alma e deixou-t'a redonda!
Tu viste desfolhar-se a roza da illusão
Entre os dedos febris d'essa lendaria mão...
Que dia aquelle! Ardente o ceo azul queimava
Os olhos e a atmosphera era feita de lava.
As arvores do parque immoveis. A tua alma
Abrazada tambem n'uma terrivel calma.
Ambos mudos. Mas n'isto ao fim do bosque, incertos,
Nós vimos oscillar dois guardasoes abertos...
Déste um pulo. «Traição!» Um indicio tão vago...
Um guardasol... O diabo era que o tinhas pago!
Pois bem. Os guardasoes amavam se. Deixál-os.
Tu podias ir lá, furioso, assassinal-os...
Fazias mal. O sangue é um calmante velho,
Mas deixa eternamente um reflexo vermelho
Sobre as coisas que o olhar d'ahi por diante vê...
Andaste heroicamente em perdoar-lhes, crê.
Tu bem sabes que o tempo é quem nos vinga. A fera
Antes de acometter aguça a garra e espera.
Esquece a infame. Espera. E emquanto esperas, ri!
Talvez que um dia nós ao voltarmos ali,
Recordando a traição vilissima d'outróra,
Mergulhados na luz d'um sanguinea aurora,
Vejamos desfilar ao nosso olhar sereno
Os mesmos guardasoes e um guardasol pequeno!

RUY PARDO.

POEMETOS EM PROSA

E. S.

Il importe d'ailleurs fort peu
que la raison de cette dédicace
soit comprise

Baudelaire

A Lua, que e o capricho em pessoa, espreitou pela janella, uma occasião em que dormias no teu berçosinho, a disse para comsigo: «Agrada-me esta creança.»

E então, desceu vagarosamente a sua escadaria de nuvens e ascoou-se silenciosa atravez da vidraça. Depois, inclinou-se para ti, com a ternura infinita de uma boa mãe, e imprimiu-te na face as suas côres. Tuas pupillas ficaram verdes, e empallideceu extraordinariamente a tua face. De contemplarem essa phantastica apparição, adquiriram teus olhos uma grandeza estranha; e a sua mão apertou-te a garganta com tal ternura, qua ficaste para sempre com vontade de chorar.

Entretanto, na sua expansão jubilosa, a Lua fluctuava em torno ao teu berço, semelhante a uma atmosphera phosphorescente, a um veneno lominoso; e essa luz, onde palpitava uma existeocia, pensava e dizia assim: «Tu soffrerás eternamente a influencia do meu beijo. Serás bella a meu modo. Amarás o que au amo e o que me ama: a agua, as nuvens, o silencio e a noite; o mar immenso e verde; a agua informe e multiforme; o logar onde ta não sentires; o amante que não conheceres; as flores monstruosas; os perfumes que fazem delirar; os gatos que enlanguecem em cima dos pianos, e que suspiram como as mulheres, n'uma entoação rouca e dôce!

«E serás amada pelos meus amantes, requestada pelos meus cortezãos. Serás a rainha dos homans da olhos verdes, d'esses a quem eu tambem comprimi a garganta, nas minhas caricias nocturnas; d'esses que amam o mar, o mar immenso, tumultuoso e verde, a agua informe e multiforme, o logar onde não estão, a mulher que não conhecem, as flôres sinistras qua se assemelham a thuribulos da uma religião desconhecida, as esseocias que perturbam a vontade, e os animaes selvagens a voluptuosos que são o emblema de sua loucura.»

E é por isso, maldita creança idolatrada, que eu estou agora a teus pés, buscando em todo o teu ser o reflexo da terrivel Diviodade, da fatidica madrinha, do seio que envenena todos os *lunaticos*.

Baudelaire. Trad. de *Narciso de L…*

José Eduardo Coelho, fallecido na noite de terça feira ultima, era natural de Coimbra e filho de D. Francisca do Carmo Coelho e de João Gaspar Coelho.

Nascera em 1835 e estreiera-se no jornalismo em 1854 entrando para o *Jardim Litterario*. Colaborou ainde nos jornaes o *Nacional* e na *Chronica dos Theatros* de que foi por muitos aonos redector principal, no *Conservadôr* e ne *Revolução de Setembro*.

Em 1865 fundou com Thomaz Quintino Antunes, hoje visconde da S. Marçal, o *Diario de Noticias*, o mais popular e o meis prospero jornel portuguez.

Foi o fundadôr da imprensa barata em Portugal e esse é com certeza o maior serviço prestado durante a sua longa vide de trabalho, eo paiz.

Eduardo Coelho era socio da *Sociedade de Geographia de Lisboa*, da *Sociedade de Geographia de Bordeaux*, membro do Congresso Interoacional de Paris, da *Associação dos homens de lettras* e dos *Artistas* de Madrid, do *Instituto de Ensino Livre* de Valladolid, etc.

Foi agraciado pelo governo hespenhol com a commanda de Izabel e Catholica, que recusou. Era commendadôr de S. Thiago; e o governo francez agraciara-o com o grau de official da ecedemia.

Escreveu dramas, comedias, livros de viegem, contos e narrativas, quasi todos compendiados em volume.

Foi um verdadeiro trabalhadôr, luctando dia a dia por elevar-se, por abrir caminho, por tomar nome oa pleiade dos escriptores contemporaneos, jornalistas e homens de lettras.

Tudo o que foi e o que conseguiu, deveu-o ao trabalho honrado. A posição alcançada glorificara-lhe a lucta. A fortuna tão ingrata, em geral, para todos os que entre nós cultivam as lettras e fazem d'ellas o objecto dos seus estudos e canceiras, deu-lhe o braço amigo e foi assim que da pobreza onde nascera se encontrou na abundancie, tão excepcionalmente socie dos plumitivos lusos.

Esta fortuna sable elle empregar, em bem, honra lhe seja. Na fundação da *Sociedade dos Jornalistas*, dispendeu grossas sommas, infelizmente, com ume inutilidade lamentavel.

Deve-se-lhe o ter concorrido poderosamente para a execução das festas do Centenario de Camões, a mais brilhante manifestação civica que entre nós se tem feito, e mais elevade, e mais honrosa.

Fechou com chave de ouro a sua gloriose carreira jornalistica. O ultimo artigo que escreveu para o seu *Diario de Noticias* foi o que este jornal publicou no dia 13 do corrente, sob o titulo — *Os principios de 1789* — em que Edoardo Coelho, com o seu nobre enthusiasmo por todas as causas grandes, explanava os fundamentos da proclamação dos «Direitos do Homem».

Foi liberal. Acompanhou Antonio Augusto de Aguiar, na propaganda tenaz em favôr da industrie portugueza.

Foi trabalhadôr, honrado e valedôr.

Amou os seus e empregou quanto poude em beneficio das boas causes nacionaes as sues aptidões e esfórços. Taes são os titulos que o recommendevam no jornalismo portuguez, taes são, ainda, os que lhe abram om logar na galeria dos que passam e a quem a *Comedia Portugueza* presta, justa, a ultima homenagem.

Depara-se-me a noticia de que o sr. Albuquerque Barba escreveu, em verso, e destinava ao theetro de D. Maria II, um drame historico *O Dote de Sangue*.

Mas que—segundo e phrase do collega que noticiou tal facto,—por uma extraordinaria coincidencie é de crêr que já lá não possa ser representado.

Acontece, diz ainda o collega, que o drama do sr. Marcelino Mesquita,—*Leonor Telles*—, que está em ensaios, versa precisamente sobre o mesmo assumpto.

Não percebo a coincidencia, como não percebo a razão porque não ha-de ir o drama do sr. Barba, em D. Maria.

A escolha do mesmo assumpto nada significa. Mesmo como estudo historico dos mesmos factos, costumes, caracteres, os euctores pódem divergir completemente.

Ha um visconde que escreveu a—*Moura da Rainha*—, drama extraordinario, da mesma época, que faz de D. Leonor, a Lucrecia Borgia portugueza, como lhe chama Herculano, uma boa senhora cheia de virtudes e de bondade!

E sabem a razão que dá o bondoso titular dramaturgo? E' que D. Leonor já morreu ha muito tempo e não é nobre ir remecher as cinzas dos mortos, para dizer mal d'elles.

Devem confessar que a razão é de um visconde-litterato.

Não confundir com litterato viscoode que faz grande differença.

Quem sabe se por motivos e razões de mais alta velia, o sr. Albuquerque Barba discrepa na concepção dos caracteres, ou no quer que seja, da minha humilde pessoa. E que não; que teohamos as mesmas opiniões, resta ainda ao sr. Barba, a fórma, o verso, a maneira, e todos os attributos por que um auctor impõe a sua individualidade e o seu talento.

Por isso oão percebendo de modo algum a coincidencia, inda menos percebo porque sua excellencie besite em confiar ao theatro o seu trabalho.

Sahio da Peniteociaria um sujeito de 75 eonos, satisfeita a pena da dois ennos de prisão a que fôra condemnedo, pelo crime de estupro o'uma creançe de oito ennos!

O bruto, porém, cegou na prisão. E d'aqui se vê como ás vezes a providencie ou o acaso, se encarrega de corrigir a réles e comica justiçe humena.

Dois annos de prisão! Aquelles bandalhos do jury não tinham filhas!

Ao mesmo tempo, ha poucos dias, e camera ingleza acaba de epprovar por 195 votos contra 140 a proposta que restabelece o açoite, para os individuos euctores da attentados graves contra as mulheres e contra as creanças!

Funccionará pois de novo, nas mãos d'um Calcraft qualquer, o chicote de nove pontas, ou como os inglezes lhe chamam o *cat-of-nine-tails.*

E' barbaro é, duzemos oós, as sensitivas do meio-dia; mas é meis positivo e mais energico.

E' que os povos do norte fiam-se menos ne providencia, que se ás vezes cega os malaodros presos, no maior oumero de casos fal-os sahir ainda com os olhos mais abertos.

Voto pelo gato inglez.

Felle-se muito nos versos de Tolentino, no 7.º tomo das obras de Bocage, e nas cócegas, como provocadores certos de gargalhada.

E' precizo addicionar e estes desopilantes os discursos do sr. Oliveira Mattos, deputedo progressista, que Deus cooserve muitos snnos, para gaudio das galerias e para justificação dos versos da opereta.

Fallou sua excellencie, sobre vsrias questões greves. Um collega dá-oes extractos primorosos que oão resistimos á tentação de transcrever:

Sobre a qoestão dos 441 contos:

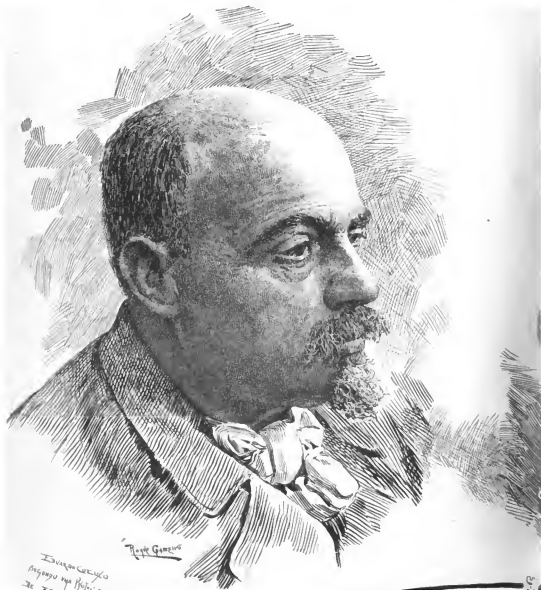
«Isto é uma questão morte, continueva o sr. Oliveira Mattos, oão é só morta, está decomposte; já ninguem e quer ecompanhar á valla. Tapam o oariz e vão-se embora!

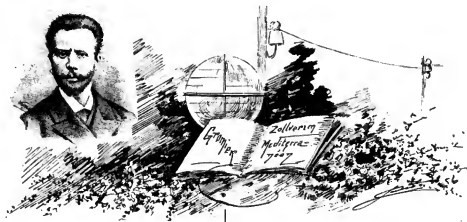
«Trouxe para o essumpto Shekespeare, Desdémooa, o diabo, que o sr. Arroyo tembem é musico, e muito bom musico. Quiz ver a outra metade, pois mostrave-se-lhe toda, e podia epalpal-e... Porque oão veio tembem o *dó, ré, mi?*»

E gesticulava, e mostrava que os ministros não pdiamo metter es mãos nas ercas do Thesouro, e estendie elle es mãos para representar o acto,

e ia levando comsigo e cabeça de um visinho, e o riso era tal que nunca o houve essim oem em S. Beoto, oem no Gymnasio, nem no Colyseu. Era perfeitemente ume loucura de gargalhadas, um delirio. Saía-se com dôres de cabeçe! E, quendo já todos imaginavam que não havia meio de rir meis, sae-se ainda elle com esta que foi o remate do seu discurso, e que ia positivamente fazendo estoirar e camara.

«— Os ministros agarrerem-se á outra metade? Isso egarraram. Agarraram-se ás suas caras metades, os que são casados. Só quem não tem e qoem se agarre é o sr. ministro da guerra»!

A este final que foi estupendo oinguem resistiu. Chegou a haver telvez quem se rebolesse pelo chão. Primeiro que se conseguisse restebelecer o silencio, passou-se talvez um quarto de hora. Que extraordinarie scene!

Roque Gameiro
EDUARDO COELHO
SEGUNDO UMA PHOTOGRAPHIA RECENTE
DE EDUARDO COELHO JUNIOR

Eduardo Coelho

M. A. GROMIER

Offerecemos n'este logar aos no-sos leitores o retrato de um dos homens mais illustres da França actual, de um dos maiores exemplos d'energia do nosso tempo — Marc-Amadeé Gromier. N'estes ultimos vinté annos elle occupa o primeiro logar entre os que mais teem trabalhado em prol da união dos povos latinos a que temos a honra de pertencer.

Fundador da *Alliança Greco-Latina* e da *União Mediterranea*, ou Zollverein Mediterraneo, tem posto ao serviço da nobillissima causa todo o seu ardente enthusiasmo de jornalista, a sua profunda erudição d'escriptor distincto e finalmente a sua palavra vehemente e apaixonada.

O grande luctador caminha ha mais de vinte annos ovante, cheio de fé a esperança, prégando como um Pedro Ermita a saocta crusada da paz e da união dos povo da oossa raça. Como auxiliares da sua obra tem podido contar com as maiores summidades politicas, litterarias, scientificas e artisticas das nações latinas: muitas d'essas glorias são já mortos illustres; outras continuam sendo o orgulho da nossa raça.

Com Gromier teem cooperado Felix Pint, Marzini. Neresiant, Bernasconi, Ledru Rollin, Cossuth, Luiz Blanc, Victor Hugo, Emilio Castellar, Henri Candreau, Ernest Milot, Eschenaver, Coint Bavarot, Ruiz Zorrila, Charles Bayle, Paul Vibert, Pierre Granet, Alfieri di Sostegno, Fernaodo de Lesseps, Charles Soller, Fraycinet, Charles Floquet, Carnot e tantos outros: um verdadeiro mundo de luz! Publicistas, politicos, professores, todas as potencias intellectuaes oo vastissimo campo da scieocia, da litteratura e da arte postas ao serviço do graodioso e sympathico peosamento do iniciador da União Mediterranea.

As consequencias de um tal emprehendimento viu-as a toda a luz o grande orador da peninsula, Emilio Castellar, quando inscreveu na bandeira de paz, hasteada pelo benemerito fundador, estas memoraveis palavras: «*Accordo entre os povos, helleno-latinos primeiramente; alliança depois; mais tarde o Zollverein Mediterraneo e por ultimo confederacão ou triumphal entrada nos Estados Unidos da futura Europa*».

E é certo que o que ha vinte annos pareceria uma utopia vai começando a transformar-se n'uma realidade; e crêmos firmemente que assim como Frederico List, o pai do Zollvereio Allemão, o unico e principal auctor da *União Germanica* actual, poude ver ainda realisada parte da sua obra, depois habil e opportunnmente approveitada por Bismarck, assim tambem Gromier poderá ver coroados do melhor exito os seus esforços, realisando-se a união dos povos latinos.

As vantagens commerciaes, ecoaomicas e politicas que d'ahi hão de resultar evidenceiam-se d'esde ha muito a todos os que se dedicam ao estudo dos phenomeoos que podem produxir-se para o futuro melhoramento da nossa raça.

A propagaoda está faita. Começa o periodo pratico; e que assim é, vemol-o com anormissima satisfação, sabendo que a *União Mediterranea* vai faxer-se represntar na Exposição Universal de 1889, onde foi admittida sob o n.º 64 da 3.ª secção *d'Economia social*.

Este facto, alem de demoostrar qoe o fundador da *União* não é apenas um theorico sublime, é o recoohecimento solemne da importancia pratica da União, um movimento necessario do progresso, impondo-se ás consciencias de todos os que vêem chegada a hora de contrabalançar com o estabelecimento definitivo do *Zollverein Mediterraneo* a crescente e temerosa influencia do *Zollverein Germanico*, já hoje a quarta potencia commercial do mundo, a terceira da Europa e a segunda do continente enropeu, no dizer d'um publicista notavel.

Gloria, pois, ao perseverante propagaodista da *União dos povos helleno latinos* e fundador do *Zollverein Mediterraneo*!

Realizou-se na Trindade o beneficio de Cinira Polonio, a distincta actriz brazileira.

A beneficiada recebeu innumeros brindes de grande valor artistico e formosissimas corbeilles, cestos, remos de magnificas flores.

No final dos actos teve grande numero de chamadas, houve delirios de palmes e cahiram (estava de vêr) poezias delirantes, sobre os chapeus de côco dos expectadôres.

Tudo merece a gentil e intelligenta cantôra, que segundo consta nos vai deixar.

Não admira. Na Trindade, ha a preoccupação de regeitar todos os cantores que tenham voz.

Cinira Polonio canta deliciosamente o *couplet* e distinctamente a opereta. Não admira que saia.

A Comedia Portugueza saúda a gentil artista pela sua festa, á altura do seu incontestavel merecimento.

A PRIMAVERA

Recebemos o formoso poemeto de João Saraiva, com este titulo. Agradecemos ao distincto poeta a sua delicada offerta.

O sr. Antonio Galvão da Povoa de Varzim, foi um dos ingenuos, dos raros em todo o ceso, que se dirigiu ao consultorio do celebre Dr. Dàs, em Madrid, para procurar na sciencie do applaudido senhor o remedio para seus males.

Das tribulações e mais casos que Galvão, o triste e sem ventura, passou por essas pertes de Hespanha, sob a vigilancia do tal doutor, reza elle no *Diario de Noticias* em fraze lamurienta a sentide.

O bom homem declara-nos sem rebuço, que o celebre instituto é nada menos do que ume casa de batota, adjuncta a um covil de ladrões.

Ore equi está uma revellação que deva encher de prurido scieotifico o Dr. May Figueira, o caudatario comico, do ignorantissimo senhôr conde Dás.

Onde vão naufragar todos as carecas sapientissimas dos nossos sabios.

O fiasco cresce!

JOSÉ JOAQUIM PEIXINHO

E' amanhã, em Villa Franca, a festa tauromachica d'este excellente rapaz, um dos primeiros toureadores portuguezes. A *Comedia Portugueza* não faltará, e no proximo numero dirá de sua justiça.

Aos nossos assignantes da provincia

Prevenimos estes nossos assignantes de que já estão nas estações do correio das suas localidades, ou das mais proximas, os recibos das suas assignaturas, relativos ao 2.º semestre uns, e outros ao 3.º trimestre do primeiro anno da — Comedia Portugueza.

Pedimo-lhes portanto o favor da brevidade no respectivo pagamento, não só para a boa regularidade do nosso expediente administrativo, como para que não soffram interrupção na remessa do jornal.

AVES DE ARRIBAÇÃO

Alguns dados para servirem de guia aos portuguezes que se aventurem ao mar largo da Exposição de Paris.

Allemã:

Loura, muito loura e muito branca. Placida no andar. O olhar verde, como o Baltico. Desconfiar da placidez. Não pede nada e exige tudo. Um pouco nebulosa, sonhadôra.
Amôr cheio de metaphisica... positiva.

Ingleza:

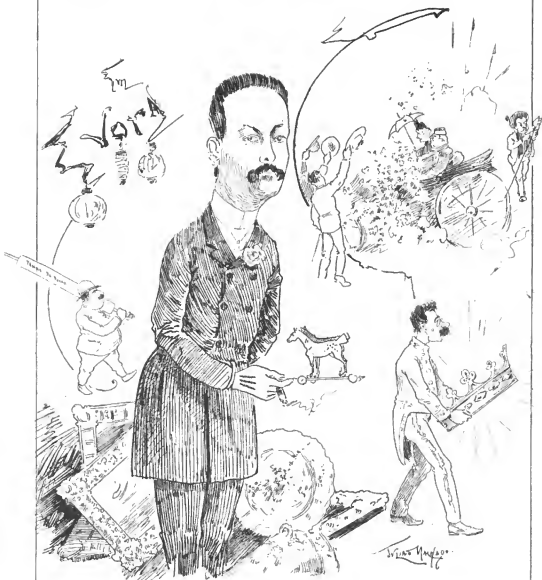
Alta, loura e magra. Uma magreza distincta, um louro fulvo de espiga. Brusca na apparencia. Branca como o linho. Um flôco de gêlo que aquece á temperatura do cobre-cereja, no calculo. Nada recusa.
Somma e... segue.

Hollandeza:

Bella côr, rechonchuda, sadia. Amôres socegados, muita ordem e muito aceio. Propria para conselheiro, ou lavradôr de provincia, endinheirado.
Recebe com muita civilidade e de touca.

Hespanhola:

E' inutil descrevel-a. Uma viola, uma noite de luar, um copo de manzanilha... rico ou pobre, bello ou feio, tolo ou sabio... vive e graça e viva o amôr!

(Continúa).

Evora acaba de receber em seu seio, como se diz gentilmente em locaes de periodico, as augustas pessoas dos nossos monarchas Cobriu-se de galas, de festas, de ruidos alegres, sollicita como a amante do Evangelho, que accende a lampada para esperar o Esposo. Entre todas as dedicações locaes sobre sae a do dr. Barahona, recebendo principescamente Suas Magestades e trocando graciosamente, segundo é fama, um marquezado, por uma parelha de cavallos d'Alter

Lithographia da Companhia Nacional Editora

A's vezes temos es nos-nossas veleidades politicas. Queremos dar-oos area de povo que se importa com as coisea sérias, e o'um momento de mais fogo etiramo-nos á lucta,

Como entre os povos em que existe a consciencia politica se usa fazerem-se em pleoa praça assembléas populares, onde se discutam os ectos governativos e se eotre assim indirectemente na acção dirigente dos governos, embrenhamo-oos tambem por essa vereda escabrosa do meeting, d'onde até hoje temos tirado epenas o resultado (já escusado) de asseotar empiricamente, que na lucta de costella alfacinha, com o sebre municipal, a victoria pertence indubitavelmente ao sebre.

O nosso temperamanto não nos permitte e arenga placida a fria, onde o ouvido d'um commissario, sempre desconfiado, não possa descobrir o insulto ás instituições e á ordem.

Os bomens mais brandos, perdem no celór da fraza a continencie, etiram á margem os principios scieotificos de que fazem gala a vida, e sobra o estrado de pinho de terra, d'onde as cabeças dos curiosos os contemplam, mergulham no mer procelloso dos tropos, dos aphorismos audazes, dos corollarios cortantes, a eil-os, radiosos de gloria, desbravando o caminho ingrato de eura popular, a expondo egoistamente as orelhas dos circumstantes aos gumes mais cortaotes ainda das espadas policiaes.

E tanto é assim que o dr. Maia, que na vida pratica é um homœopata, isto é, o homem das doses mioimas, extremamente moderadas, quasi metaphisicas á força de subtis, perante a patria am perigo e um auditorio em extase, manda ao diabo theorias o therapeuticas, e receita doses toxicas de uma energia tal, força e quantidade, que a Ordem bouva por bem mandal-o reformar e receita oos carceres do governo civil.

Qoaoto aos clientes, que esperavam da palavra do douctor o remedio dos males seus e da patria, entrou lhes pela pelle a convicção de que perante uma receita medica, a unica grande resolução e tomar, é fugir!

Porque, quer esse receita tenda a curar uma doença ecooomica em que perigue e patria, quer se dê eres de prevenir a invasão d'um morbus em que a saude periclite, o que está sempre gravamente ameaçado é o costado do cidadão.

Já é sinal!

Assim pois, oo comicio ultimo, o argumento mais poderoso foi e cutilade!

Deante d'ella, ouvintes, meze presidencial, tudo debandou!

E digam que e nossa policia é estupida, como ume porta, elle que tira da algibeira esquerda do casaco, razões, como não é capaz de tirar da sua cabeça de phylosopho o sr. Theophilo Braga. Viu-se.

Como todos sabem, Suas Magestades foram pesseiar a Evora-cidade, como antigamente se dizie.

A cidade caiou-se, limpou-se, engrinaldou-se para as receber.

Que nos contassem os jornaes, não houve oe entrada das portas o longo discurso do alcaide com a eotrega das chaves. Lá dentro, porém, esperava-os maior tormento.

Todas es manifestações d'alegria que um povo commovido póde lembrar-se de patenteer aos seus reis, o fogo d'artificio, a récita, a tourada, o passeio, as distribuições de premios, es visitas aos monumentos, aos hospitaes, tudo Suas Magestades tiveram de supportar com um bom humor que só são capazes de sustentar perante horas de mooumentaes estopadas, os reis a os mortos!

Não faltou, porém, a lôa. Ha sempre as camponezas vastidas de braoco; as meninas qua oa passagem recitam versos apropriados.

Fizeram-nos profunda impressão, alguns dos que e fama transmittiu até nós.

O leitor vai admirar estas duas quadras:

A vossos pés, oh, pomba de belleza
O povo da cidade vos bemdiz,
Accaitae os p'rabens e e certeza,
Que só vos desejamos bem feliz.

Sua Magestade devia ter acceitado estes *p'rabens*, mas francamente devia ter-lhe custado a perceber a qualidade do presente.

Esta segunda ainda é melhor:

Oh, Fada de bondade seductora,
Oh, mãe tão desvellada a boa e fina,
Acceitae, pois, d'esta pobre menina,
Um intimo sincero, a puro *Embora*.

Este *Embora* em italico leva agua no bico, ou então é homenagem a sua magestade a rainha por ser italiana.

Parece uma despedida encapotada, não é verdade?

Mandar um *embora* a uma senhora que nos faz a honra da sua visita, não é mas parece uma graciosa insidia.

O que porém ha a admirar n'estes bellos versos é a espontaneidade, o vigor com que são escriptos, a profunda impressão que revellam.

Eu, se fosse a sua magestade a rainha, beijava affectuosamente a pequenina saudadora e mandava condecorar o poeta... com a medalha do algarismo 9 de comportamento exemplar. Sim, porque um homem que escreve com esta ingenuidade a prosa, imaginando-a verso, por não chegar ao fim da linha do almaço, deve ser por força — uma boa pessoa, bem comportado e amigo da familia.

Pobres reis viajantes! Como elles lá no fundo hão de rir, n'uma desforra justa, do enthusiasmo dos subditos!

Felizmente não houve d'esta vez ainda sangue derramado, a não ser o do comicio.

Na pendencia de honra entre o sr. Franco Castello Branco e o sr. Correia de Barros chegou-se, como sempre, á conclusão de que não havia intenções injuriosas, de parte a parte. O que é curioso n'estes nossos duellos, que estão para ser, é a falta de conhecimento da lingua patria, que leva continuamente toda a gente a lêr o que não está escripto e a tirar conclusões falsas. D'ahi resulta que o duello em Portugal é uma especie de M.me Benoiton, que nunca apparece, fazendo-se annunciar a cada momento.

Antes assim, senão teriamos continuamente de cultivar o necrologio, a explorar o sentimentalismo indigena, o que nos daria o ar d'uma carpideira mercenaria.

O que pedimos porém é um pouco mais de analyse grammatical applicada aos periodos e um diccionario á mão para os significados. E' menos espalhafatoso mas é mais simples.

Chegou ao parlamento, como era de vêr, o protesto dos atropellados no *meeting* da Torrinha. A indignação dos espancados foi, como era natural, cahir no seio da representação nacional.

Na camara dos deputados o sr. Consiglieri Pedroso apresentou o protesto. Perguntou se o sr. presidente estava em sitio onde pudesse ser chamado!

É extraordinaria a pergunta, mas emfim foi-se ao telephone, fallou-se para Evora, sitio onde toda a gente pode ir, e sua excellencia disse que não podia chegar á hora da sessão, não porque não estivesse visivel, mas porque o affastavam da capital uns pares de leguas.

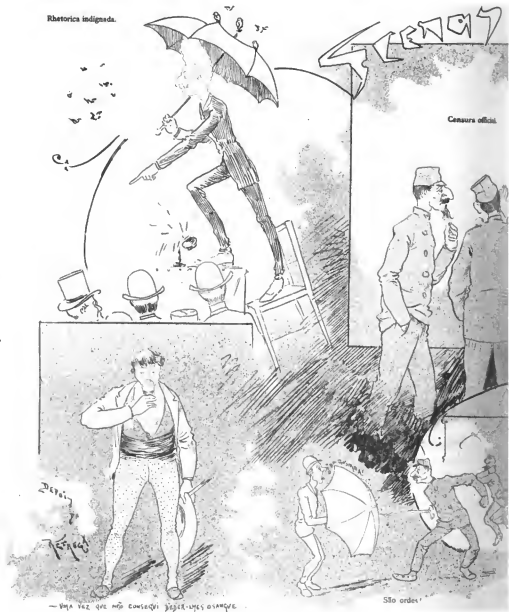
Posto isto, desistiu-se de o ouvir, e o sr. Beirão respondeu que a auctoridade tinha feito muito bem... por que sim!

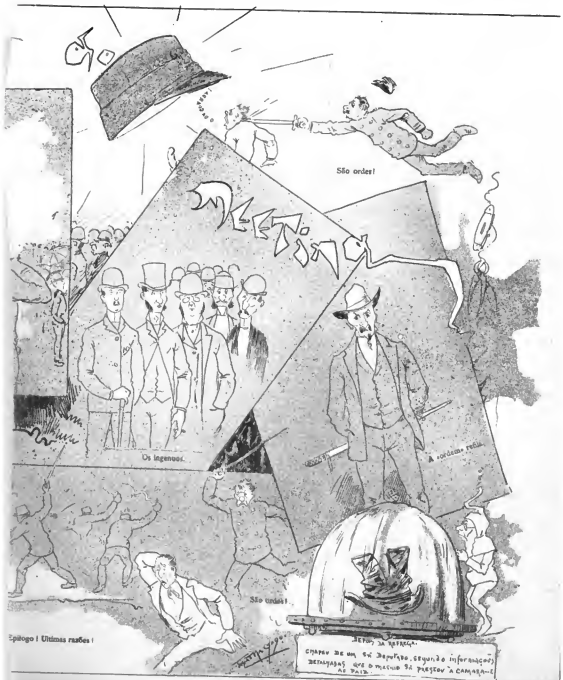
N'isto levantou-se uma victima, da fita de seda enrolada nos dedos da mão direita, a voz pausada e grave, pedindo vingança aos ceus, como os *Doida de Albano*.

O sr. Pinto dos Santos contou tudo e mostrou como nem já ha n'este paiz, com este governo, o direito de ouvir. Fôra soccado, empurrado, defendera-se, fôra preso e ficara ferido, porque ouvia. É triste!

O sr. Navarro clama que está ao lado da ordem, porque sempre esteve, porque ama a ordem, porque é da ordem, e que foi bem feito, que não fosse lá que já não lhe tinha acontecido aquillo. E com arreganho propõe a moção de confiança. Todos gostaram muito. Levanta-se o sr. Lopo Vaz, que atacou o governo e se admirou porque tendo o sr. Luciano compromettido a corôa por varias vezes com as suas declarações, a policia não prendia o governo nem o dissolvia.

Rhetorica indignada.

Censura official

— UMA VEZ QUE NÃO CONSEGUI BEBER-LHES O SANGUE

São ordes

Ergue-se o sr. Marianno de Carvalho, sorridente de rir chinez, defendendo galhofeiro o senhor presidente do conselho. Acha extraordinario que se censure a policia quando se defendia dos cidadãos que a atacavam com suavas pedras e brandos cacetes!

Estas imagens impressionaram muito a assembléa; algumas senhoras, na galeria, choraram commovidas.

Notou-se que emquanto fallava, o sr. Marianno não tirava os olhos da ligadura preta, da mão do sr. Pinto dos Santos, e sorria finoriamente. Só eu, talvez, podia perceber a significação do olhar e do riso. O riso queria dizer: não me enganas, caro mutilado. Já uma vez, quando foi do meu duello de Bemfica, em que fui corrido á pedra, entrapei a cabeça do dado minimo para armar ao effeito, e sabes o resultado? No dia seguinte os rapazes desenharam na lousa da aula de astronomia, dois combatentes, a giz, a um dos quaes cahia decepado, por golpe terrivel, um dado minimo, d'um tamanho descommunal.

Era um dedo maximo! Foi um duplo fiasco.

Tem graça.

N'isto o sr. Carrilho requer que seja prolongada a sessão até se votar o incidente. E' approvado o requerimento; a opposição faz grande barulho, a sessão fecha-se.

Reaberta, o sr. Castello Branco reclama contra a votação anterior, feita no meio d'essa jogralidade indecente! E' forte, diz-se. Gritos de Ordem. A Ordem chegou com grande alegria do sr. Navarro. O orador termina o seu discurso. A opposição regeneradora abandonou a sala!

O que irá succeder? Quando uma opposição sahe d'um parlamento, é licito suppor que não entrará alli mais senão pela revolução, ou nunca.

O que iriam pois fazer os eleitos? como justificariam perante o paiz aquella resolução suprema?

Foram jantar! e no outro dia lá estavam, nos seus logares! O que elles tinham era fome, fraqueza, aquillo das sessões... massa.

Na camara dos pares a discussão travou-se com largueza. O sr. Vaz Preto protestou contra a pancadaria e contra a dissolução do *meeting*, exigindo que o sr. José Luciano leia para alli tudo o que dizem as informações officiaes, o relatorio do commissario geral.

Sua Ex.ª recusa-se. Varios pares appoiam. Mas porque não havia de lêr? Então a leitura de phrases, porque vão ferir El-Rei, citadas como corpo de delicto, têem significação offensiva, ditas n'um tribunal que deve ter conhecimento d'essas phrases, para formar juizo claro ácerca d'uma medida policial da responsabilidade do governo?

Que subtileza de juizos não possue a camara dos nossos pares.

O caso é que o sr. Luciano de Castro saltou por cima d'essas phrases, apezar da indignação do sr. Vaz Preto, que se fazia branco de cólera.

Este ultimo senhor tem a palavra e sustenta que não se podem prohibir *meetings* só porque se proferiram injurias, porque assim não haveria comicio possivel.

Sua Ex.ª queria talvez dizer:—porque n'esse caso já se devia ter fechado ha muito o parlamento, com a competente data de sabre.

Não? Acontece, porém, que S. Ex.ª d'ahi a cinco minutos, sustenta que o *meeting* fôra combinado para protestar contra um acto indecoroso do governo que elle, par, não póde deixar de classificar de roubo industrioso, de que o sr. José Luciano é cumplice.

Percebe-se pois a opinião de S. Ex.ª sobre a dissolução dos *meetings!*

Responde-lhe o sr. Henrique de Macedo, velando sollicito pelo desvio da camara, e approvando ao sr. Vaz Preto a cruaza da phrase.

Na galeria um gracioso commenta:

—«Aquelle sugeito está a fazer jus a outra Torre-Espada!»

Segue-se a fallar o sr. Visconde Moreira de Rei, que lamenta que a sova fosse tão pequena. Como se vê, o illustre par é, n'esta questão, da opinião do sr. Marianno de Carvalho, que tambem acha que em o publico se persuadindo que tem, em cada *meeting*, uma data de pancadaria, se ha de convencer de que é tolice o ir lá, e estão mortos os protestos em publico.

Que amigos para o inverno que vem!

O sr. Pereira Dias lamenta as desgraças do deputado Pinto, ferido na batalha, sendo de opinião que não tivesse lá ido visto não ser republicano. Sua excellencia esqueceu-lhe pedir para justificar a entrada no recinto, a certidão de edade e o attestado de não padecer doença contagiosa! Chega a fazer febre o senso dos pais da patria.

Segue-se Thomaz Ribeiro, que pede ao sr. Luciano que diga alguma coisa, que falle: sua excellencia levanta-se e declara que bem quizera dizer «algo» de novo mas que o não sabe.

O leitor já pravia a resposta antes de eu a dizer. Este nobre presidente é a antithese européa de D. Pedro II, do Brazil.

Este, nunca lhe disseram coisa alguma a que elle não respondesse — já sei, já sei: o nosso presidente, ninguem lhe faz uma pergunta a que elle respondesse outra coisa que não fosse:—nada sei! não sei nada! A ingenuidade em pessoa.

Falla o sr. conde de Castro, defende o governo com a razão de que em tempos de Avila—o pacifico—que Deus haja, inermes e pacatos passeiantes foram acutilados. Que n'essas occasiões a força não vê em quem dá.

E' uma consolação quebrarem-nos uma costella, porque já no tempo do pachorrento duque houve quem as tivesse partidas sendo tão socegado como nos!

E' uma consolação, e como justificação do acto não a pode haver mais convincente.

Toma a palavra, por ultimo, o sr. Barjona de Freitas que nos pareceu o mais sensato e justo dos oradores.

Exige a protecção ao direito de reunião, pede a ausencia da força, do local, por provocadora da desordem e inutil, pede para esses reuniões a tolerancia que se não dispensa ás assembléas compostas de homens illustrados, que as excedem como todos, tolerancia que alcança os abusos da imprensa tão vulgares e tão tolerados.

Um governo deve sustentar a ordem e não provocal-a. Regeita a moção de confiança ao governo, proposta pelo sr. Henrique de Macedo e fecha o debate.

A moção é votada e o governo fica illibado. Inda bem. Estavamos com receio d'um cheque!

D. Maria II. — Representou-se n'este theatro a comedia em tres actos — *A Felicidade conjugal* — traducção descuidada da Ex.ma Sr.a D. Guiomar Torrezão.

Se fallamos na comedia não é porque ella mereça as honras da critica, nem porque o desempenho se tenha imposto como digno de elogios. Qualquer das coisas — comedia e desempenho — não estão á altura do theatro de D. Maria II, e melhor é calar a nossa opinião, que teria de ser desagradavel, desagrado que provocaria despeitos que não vale á pena despertar em questão de tão pouca monta.

Fallamos apenas, para saudar o apparecimento d'uma debutante, a sr.a Augusta Bresd'lind, que revellou bellos dotes scenicos, muito sangue frio, perfeita dicção e comprehensão clara do papel.

Parece uma bôa figura para a scena.

Com todos estes dotes, parece-nos que a empreza do theatro não deve deixar de a escripturar, porque julgamos de todo o ponto uma vantajosa aquisição.

Gymnasio. — O Gymnasio deu-nos em primeira representação os *Alfacinhas na Provincia.* O que ha a ver em toda a comedia é o esplendido desempenho da Valle, sempre correcto, e cheio de verdadeira graça.

A comedia faz rir: é o que a empreza do Gymnasio pretende, conhecendo o gosto dos frequentadores.

E' o melhor reclame para as comedias de «chargas».

No theatro do Principe Real, alguns amigos de Antonio Pedro promovem, em beneficio do grande actor, na noite de 28 do corrente, uma récita, com o concurso de varios collegas. E' mais um preito de subida consideração ao merito de Antonio Pedro, cujos excepcionaes dotes de actor o paiz inteiro conhece.

Associamo-nos de coração á briosa homenagem a recommendamos com todas as forças esta festa tão levantada e tão justa.

CARTAS AO AR LIVRE

E' este o titulo geral de uma publicação, que tivemos a honra de receber, e cujo assumpto é uma — *Carta a El rei* — a respeito da — *Solução da Crise* — assignada por *João Fernandes*, pseudonymo que encobre o nome de um advogado distinctissimo, deputado da actual maioria parlamentar.

O pamphleto que, com os titulos acima indicados, se publicou ha dias, é escripto com muita graça e opulencia d'estylo, e encerra uma critica alegre e de todo o ponto justa ácerca de varios incidentes da nossa politica hodierna e d'alguns dos seus homens mais em evidencia. Entre estes é principalmente discutido o sr. Vicente Monteiro, na celebre questão epistolographica, que tanto prendeu a attenção publica durante alguns dias.

Agradecemos a offerta do exemplar com que o seu auctor nos brindou.

No domingo passado effectuou-se em Villa Franca a tourada em beneficio de José Joaquim Paixinho. Tarde de festa, de enthusiasmo e de apertões; porque o publico, para provar ao sympathico bandarilheiro a grande estima que lhe tem, encheu a praça litteralmente e de tal modo que os espectadores da sombra, talvez que por uma delicada atteoção para com o nome do beneficiado, permittiram-se passar a tarde como *sardinha em canastra* — o que não obstou a que uma centena dos seus amigos tivesse de ficar nas trincheiras falsas. Sabendo-se qua o gado era em geral saltador, facil será imaginarem que de peripecias e de trambulhões n'aquella tarde, á hora precisamenta em que por cá a policia, para dispersar o publico d'um comicio, trinchava a fio da sabra cavalheiros mais ou menos respeitaveis.

Entretanto — a bom é que se saiba — ficou demonstrado que os touros da Companhia das Lezirias excedem em delicadeza os touros do sr. Moraes Sarmento: — em Villa Fraoca conseguiram sempre varrer as trincheiras de modo que oem um unico espectador teve de lastimar a perda d'uma gotta do seu precioso sangue. Se o sr. Moraes Sarmento se fornecesse da Companhia das Lezirias?... Aqui fica uma idéa!

Anna Pereira

Annuncia-se, como certo, o reapparecimento na scena portugueza, de Anna Pereira, a nossa primeira actriz de opera comica. A *Comedia Portugueza*, felicitando a intelligente actriz, presta-lhe a homenagem devida ao seu brilhante talento e faz votos por que depressa se realise a sua apparição, tão desejada pelos seus admiradores e amigos.

Can-cans

Como monumentos de «reclame» indigena appareceram esta semana, dois prospectos, ultra curiosos. O prospecto d'um futuro jornal—*O Sportman*—e o de venda e existencia a fins do — *Pequeno Microscopio Gigante*. —

Ao vêr a frase altisona com que o prospecto do Sportman atira ás ouvens a vida pacatamente burgueza de nossa mocidade dourada, achando-a capaz de dar assumpto para um jornal semanal, essa boa mocidade cuja distincção consiste em proteger umas somnolentas corridas cavallares, em dar pateadas em S. Carlos e em se mostrar garridamente enluvadadas 4 ás 5 horas ás janellas do Club; parece-nos que a analyse da dita sociedade foi feita com o auxilio do Pequeno Microscopio Gigante.—

Senão veja-se. Diz o programma do *Sportman*.

—Em poucos paizes o *Sportman*, tem adquerido um tão regular numero de proselytos como em Portugal, (o *sportman* com proselytos cheira a tôlice; o homem queria dizer *sport*.), onde os elegantes de *elite social* (elle griffou, lá sabe ás razões) constituem por assim dizer, uma sociedade á parte, brilhantissima em todas as manifestações da sua actividade e cavalheirosa em todas as manifestações da sua existencia.

«A vida do *sportman* portuguez é povoada de tudo quanto ha de mais bello, e mais extraordinariamente encantador; nunca essa pleiade de cavalheiros que o constituem, teve uma iniciativa, uma idéa, uma lembrança que não fossem traduzidas em factos de suprema realidade com todo o realce advindo de promotores cujo espirito se emoldura em finissimos galanteios e extrema delicadeza e, em aveoturas phantasiadas nos perfumes dos salões mais aristocraticos—».

E' brilhantissimo tudo quanto provam d'esse uniforme conjuncto de amigos do bello, d'esse nucleo de escolhidos da nossa sociedade dourada.

O leitor pasma d'este conjuncto de qualidades dos *amigos do bello*, da existencia d'estas vidas, cheias de quanto ha de *mais bello* e de mais *extraordinariamente encantador*; da existencia d'estas *lembranças* e *idéas* que se traduzem em aventuras *phantasiadas nos perfumes dos salões*, porque todo este mundo, toda esta excistencia se desdobra tão recatadamente, tão irmãmente com a vida das violetas, que ninguem deu por que existisse!

O mysterio porem explica-se, abrindo o prospecto do Pequeno Microscopio Gigante — extraordinario micoscropio! e vendo que entre as variadissimas applicações, que vão da analyse do sangue ao bicho do queijo ou ao bicho do ouvido, se encontra o paragrapho seguinte.

—«Com este microscopio as dimensões atomicas, as estructuras surprehendantes e indifinidas de todas as creações desconhecidas, deixaram de ser um mysterio impenetravel. —

Aqui está pois o apparelho com que os futuros plumitivos do *Sportman*, analysaram a *elite social*. Eis a razão do prospecto!

Desconfiamos que para lêr e entender depois o hebdomadario, será preciso tambem recorrer ao delicado e gigante instrumento.

Será mais uma nota elegante *fantasiada nos perfumes dos salões mais aristocraticos.*

Oh! a distincção!

Foi lançada uma bomba de dynamite contra a casa do sr. Barros, do Porto. Protestamos indignados. Não contra o lançamento da bomba, porque emfim cada um está no seu direito de lançar o que quizer, mas contra o processo com que os sicarios do Porto intentaram desfazer-se do sr. Corrêa.

A tout seigneur tout honneur. O sr. Corrêa de Barros assassinado á bomba toma as proporções d'um czar de todas as Russias! E' contra esse facto o nosso protesto. Matem no se quizerem, mas como convem a sua pessoa e altura, e não como se mata um imperador, ou um tyrano!

Façam lhe engulir um artigo antigo do *Diario Popular*, matem-no com cogumêllos, com farinha de tapioca, com oleo de ricino, mas com a dynamite, jámais!

A dynamite levou annos a descobrir; o sr. Corrêa de Barros foi creado por um bamburrio, de repente.

O bamburrio chama o bamburrio? parece!

A um tyranno de cavalinho pertence uma bala de estopa. Empregar um torpedo para matar um carapáu, eleva o carapáu e deshonra a dynamite.

Por honra da chimica, ptotestemos contra o fecto: a dynamite engrossa o sr. Barros, além das dimensões que lhe assignalou o sr. Marianno de Carvalho!

Fóre e dynemite!

O caso foi extraordinario e novo. De tal modo relatado que por aqui se pensa que foi sua excellencia quem perteodeu bombardear-se.

Não sei se pelo Porto alguem teve esta idée e e espalhou. Se assim foi, porque é que a policia prendendo a torto e a direito os suspeitos não prendeu ainda o proprio sr. Corrêa?

Diz-se que se vai fazer um *Te-Deum* para dar a Deus graças pela salvação do illustre atacado. A Deus? tem graça. Como o bom Senhor deve ficar atrapalhado e cheio de espanto ao ouvir a prece e ao reconhecer que pelo mundo se imagina que elle pensou, por instentes, no sr. Corrêa de Barros!

Realmente era preciso que Nosso Senhor não tivesse mais que fazer.

Bondoso Deus, que juizo fazem do emprego do teu tempo os progressistas do Porto! Imaginarão, por lá, que tentas entrar n'algum syndicato? oo que porventura ganhas alguma coisa no contracto com as companhias vinicolas?

Então, em descobrindo o assassino... das vidraças, eoforquem-no, sim?

Isto não é um paiz, é um theatro, como diz o povo.

Toca a rir.

Vão fazer-se dois lagos no Rocio, dizem, e os trabalhos parecem justificar o dito.

Pelo amôr de Deus não se esqueçam de duas cascatesinhas com conchas e ladeem os lagos de uns caramanchões com o caçado da folha, e indicar o vento.

E a proposito, já que os lagos da Avenida teem a forma d'aquelle objecto do feitio d'uma viola com quatro pés e de uso desconhecido, deem a estes a forma circular, o feitio d'aquelleoutro objecto redondo, sem pé nenhum, de serviço quotidiano a vulgar... pura symetria.

Ensandeceo tudo!

A Bemvinda, morreu!

Ignoram talvez V. Ex.ªs quem fosse? Uma pobre mulher, cuja cabeça tinha o tamanho d'uma pera franceza, mas que preoccupou gerações de academicos, que foi celebre entre os homens da sciencia, como exemplar raro, curioso, de microcephalia.

Pois morreu este semana, e com sua morte póde dizer-se que e mais celebre mulher portugueza do ultimo seculo, falleceu.

Não gracejo. Mostrem me a mulher ou a senhora cujo nome seja citado, com o respeito que se deva ás raridades, em todas as academias do mundo; digam-me qual a portugueza cujos dotes naturaes ou adquiridos, cuja cabeça, singular pela formosura, pela altivez, pela graça, pela belleza, pelo quer que seja, tenha alcançado tão justa fama, tão largo renome?

Nenhuma ha.

É pois a perda de Bemvinda, uma perda nacional.

Ao vêr a celebridade do seu nome, espalhada no estrangeiro; ao vêl-a occupper o primeiro logar entre as mulheres celebres portuguezas, mais me convenço de que ha apenas uns felizes n'este seculo de luzes, os que andam ás escuras— os idiotas! O mundo é d'elles.

O que parece impossivel é que esta mulher nunca tivesse escripto um livro de propaganda democratica, um volume de viagens, ou fundado um jornal!

Que excentrica!

Segundo é uso, a familia de Fragoso resolve passar por proximidades da Rabicha ou da Perna de Pau, o dia da Ascenção a trazer para o lar a allegorico espiga, symbolo talismanico da fartura do anno

Assim, logo de manhã, a mulher de Fragoso, D. Engracia, a menina Felosa sua filha, o Josésinho, mano de D. Felosa, e o *Jolim*, cão que é já da familia, andam n'uma roda viva, em preparos da festa, assando o naco da carne, pregando um laço, engraixando as botas, em frizados, em lavagens de luvas—(a do pescoço fica para a volta)—em aprestos varias para que partam antes da calôr, para que cheguem pela fresca, ao local d'antemão discutido e combinado, da horta.

Emfim, ahi pelas dez e meia, escovado o côco do patriarcha, apertado a mamã, enfarripada a menina, dada a ultima demão de benzina no calção do infante, socegado o *Jolim* com uma côdea para o caminho, de cabazinhos nos braços, a gentil caravana parte.

O calôr porém aperta pela estrada e como o vinho refresca, de vez em quando pára-se a uma sombra e a familia dessedenta-se.

O caminho começa, á força de paragens, a parecer mais curto, os sitios mais bellos, os pontos de vista mais novos, o verde mais tenro, as trigaes mais viçosos, d'ahi a alegria que anima o rosto do papá, que colore a naria da mamã, que aviva as rosetas da menina e faz saltar pelos valados o *Joséinho* e o *Jolim*.

Chega-se ao local. Apanhada a espiga e refeitos os corpos com mais um refresco de vinho com assucar e uma hora de decubito dorsal de costas na relva e nariz ao vento, pensa-se no jantar. Faz-se o circulo, cruzam-se as pernas, abre-se a toalha, desdobram-se os guardanapos e emquanto o Zezinho vae á tocanda mais proxima, renovar a esgotada provisão de vinho, desfalcada pelo refrescar da caminhada, a mamã corta os rabanetes da salada, a menina Felosa consulta os malmequeres circumjacentes sobre o amor *d'elle*, o papá Fragoso abre o appetite c'm dois golos, no frasco de genebra, o *Jolim* ladra aos caminhantes que passam ao largo, cioso do assado e das postas de peixe frito que fazem cegulo, no prato de Sacavem.

Corre tudo bem.

Mais uma posta... mais um copo... agora outro... um bocadinho de salada... O pão embucha, é preciso desembuchar, outro copito. E um outro para completar a coisa... e outro para o caminho...

O pae canta, a mãe suspira umas saudades dos vinte annos, a menina recita, o Zezinho e o Jolim, cabriolam pelo chão.

Toca a partir, vae o sol a descer, a cidade fica longe.

Subito o Zezinho sente-se incommodado, não pode andar, chora. O pae toma-o ao colo. Na entrada antes das portas a pequena começa a ter vomitos. O pequeno passa para o pescoço e a menina para o braço.

Ao entrar as portas D. Engracia sente a cabeça ás voltas com o barulho dos carros e o movimento das pessoas, e tem de se agarrar ao outro braço do marido. De subito ouvem-se gemidos: *Jolim* foi atropellado por um carro e tem uma perna partida. *Jolim* para o colo de sua ama e senhora.

O grupo torna-se photographico.

Os passantes demoram-se a contemplal-o, a chegada a casa produz alvoroço na visinhanças.

Mais morto do que vivo o bom do Fragoso consegue chegar aos penates, desenvencilhar-se da cadeia, atirar-se meio morto para cima da cama e adormecer titubeando: que espiga! que espiga!

Um dia de saudades.

CAMILLO CASTELLO BRANCO

Foi assignado o decreto concedendo um conto de réis do pensão ao oosso grande, ao nosso primeiro romancista.

É inutil commeotar a absoluta justiça do facto.

É bom que procuremos resgatar antigas faltas, prevenindo futuros arrependimentos, tardias consagrações. Temos hoje o dever de assenter, de vez, que é indigno deixar morrer na miseria, ou ainda n'esse tormentose existencia das necessidades de todos os dias, n'assa mediania intoleravel, falta de confortos, os homens e quem amanhã teu os de levantar uma estatua!

O sr. D. Thomae de Vilhena teve a amabilidade de me enviar o seu drama—Margarida—representado, em Abril, em D. Maria II, e por mim, segundo é fama, criticado com demasiado rigôr. A resposta á defeza com que o auctor abre o seu livro, defeza que alle oppõe contra a minha critica, a melhor resposta seria fazer analyse minuciosa do drame, o que seria facil, em vista do original. Eu teria então de ser verdadeiramente desagradavel para o auctor, nada se aproveitaria já porque o drama passou, com tantos outros, em deixer rastro, e eu não desejo abolir a sympathia qua o auctor me confassa na dedicatoria do seu trabalho, visto que sinto retribuir lh'a, mercê das suas distinctas qualidades.

Duas palavras só. O facto é esta: o drama do sr. D. Thomae d'Almeida não tinha valor para ser representado em D. Maria II, na minha opinião. Um conselho fiscal de homens de lettras, que lhe houvesse negado a entrada, não podia ser acolmado de iojusto.

Mas poderia e tinha bastaote para outro theatro? Tinha a tem.

Eis a base das divergencias. Representado em D. Maria II, ao lado das obras dos mastres, o grau da critica, que deve ser invariavel, alli, amesquinha-o e esmaga-o.

N'outro theatro, representando um trabalho de estreia, credôr de benavolencia, bitole mais baixe do axame, deixaria que apparacessem as quelidades recommendaveis, que a analyse rigorose que se deva ao palco do oosso primeiro theatro, deixa ficar na sombra.

A erte, a verdedeira arte, não tem emizades, nem attenções nem transigencias.

Ora e verdade é que theatro onde se faz arte, o unico qoe temos é o de D. Marie II, a despeito de muitas veeés o rebaixarem em exhibições de comedies de fancaria. Mas isso é um erro que é preciso attacar a não justifica o acolhimento para todos os origineês, porque esses se apresentam com o sêllo de obras de arte e assim querem ser considerados.

Se o não são, é preciso marcar lhe o logar secundario, não que isso saja offendar os auctores a quem resta o recurse de trabalhar a apresentarem melbor obra, mas simplesmente porque é um dever de justiça, peraote o valor de cada um além de ser um acto de probidade critica.

Bons auctores dramaticos franceees não tem cooseguido ver representadas as suas obras na *Comédie*, sem que por isso deixem de ter jus a considerações e louvores. Se o auctor de *Margarida* quizer encontrar n'este meu modo de pensar e vêr, a razão da severidade da minha critica e respeito do seu trabalho, creia que faz plene justiça á minha leeldade.

Quanto á discussão dos caracteres e da these do seu drama, levar-nos-hia longe, e seria absolutamente. ioutl.

Quem tiver e peciencie precisa — a de quanto se carece! pera acompanhar as gazatas das differentes *nuances* politices, nas epreciações que ellas faeem ácerca dos discursos dos seus respectivos correligionarios no parlamento, consegue arranjar um pratinho delicioso pare seborear nas horas vagas.

Falla um deputado regeneredor, a logo a respectiva gazeta: —«Discurso monumeotal, d'ume felicidade extraordinarie! A sua argumentação envolveu o ministro da fazenda n'uma verdadeira engrenagem de ferro, qua o triturou implacavelmente, e de que elle oão poderá seir-se bem, por mais esforços que empregue, ou os seus amigos politicos—».

O tal ministro responde, e accode immedietemente a gaeeta raspectiva:—«Pode considerar-se uma verdadeira peça oratoria o discurso com que o sr. ministro da fazende respondeu hoje ás phentesiosas divagações do deputado regeoerador, que hontem se permittiu messar a camare duraote toda a sessão. A resposta foi triumphante! Não ficou de pé a meoor parcella da pretenciosa argumentação com qoe o deputado da *serpia* se propunha a esmegar o nobre ministro. Não ha memoria de uma derrocada tão completa!—».

E essim por diante.

Ainda hoje deparámos com dois exemplares, que por serem bastante curiosos os transportamos para aqui.

Falla o nosso collega das *Novidades*, a proposito do discurso do sr. José Luciano, na camara dos pares, em resposta ao do sr. Hintze Ribeiro:

«—O discurso do sr. presidente do conselho *é geralmente considerado como um dos mais felizes da sua larga e gloriosa carreira parlamentar*—».

De maneira que o sr. José Luciano, que é parlamentar ha mais de vinte annos, só agora conseguiu pronunciar um discurso á altura de se poder considerar—um dos mais felizes—na opinião das *Novidades*. Não deve ser muito lisongeira para o sr. José Luciano a franqueza da referida gazete.

Agora falla o *Correio da Manhã*, a proposito do começo d'um discurso do sr. Julio de Vilhena, na camara dos deputados, em resposta ao sr. Marianno de Carvalho:

«—Seguiu-se o sr. Julio de Vilhena. Como faltava pouco tempo, ficou com a palavra reservada. Amanhã daremos conta do seu discurso *que parece dever ser excellente*—».

Isto é que é um verdadeiro cumulo! Não se limitam a elogiar os discursos feitos, já se atiram aos que estão por fazer. Aquelle—*parece dever ser excellente*—é como que aplanar o caminho para impingir no dia seguinte a chapa do costume:—«Discurso monumental! Energico na fórma, esmagador na argumentação........................ ... ..etc.».

E o publico,—o tal que paga e que ainda por cima é massado com este tiroteio de *cliches*,—só acha *monumental* e *esmagador*. . os 500$000 réis que lhe custa diariamente esta exibição de rhatoricas varias, com o respectivo acompanhamento de tambores desafinados.

—Ha dias pediram no mercado das Helles Centraes, em Paris, uma libra por um pêcego».

O gentleman que comera o fructo consta que offereceu o caroço a um bazar de caridade.

O caroço rendeu ainda, em leilão, dois francos e cincoenta centimos... para chupar!

Oh! Paris!

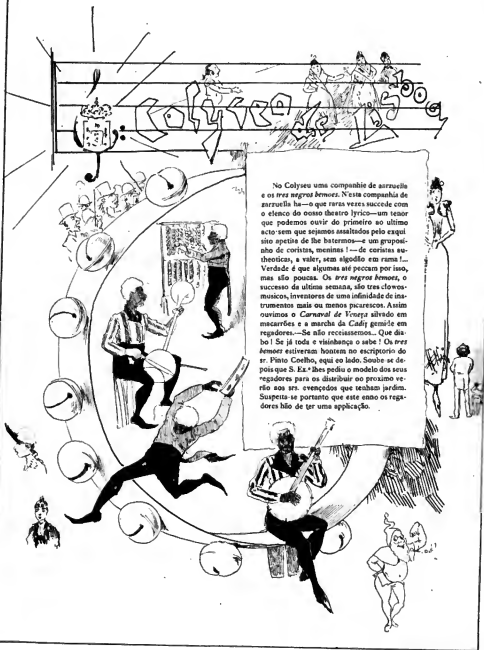
Vai ser dado o titulo de *real* ao Colyseu de Lisboa.

Com esta concessão façam um favor de calcular as enchentes que aquella casa vai ter.

Perabens ao agraciado.

PRAÇA DE TORRES NOVAS

É no dia 16 do corrente mez de junho que se inaugura a presente época tauromachica na praça de Torres Novas, de que são actualmente emprezarios os srs. João Amado e Francisco de Paula de Mello e Ramalhu.

O cavalleiro, n'esta corrida de inauguração, é o sympathico Fernando d'Oliveira, e bandarilheiros: Peixinhos, Turonilhs, Theodoro Gonçalves, e outros. O gado é da Companhia das Lezirias.

No Colyseu uma companhie de aarzuella e os *tres negros bemoes*. N'esta companhia de zarzuella ha—o que raras vezes succede com o elenco do oosso theatro lyrico—um tenor que podemos ouvir do primeiro ao ultimo acto·sem que sejamos assaltados pelo exqui sito apetite de lhe batermos—e um gruposinho de coristas, meninas !—de coristas autheoticas, a valer, sem algodão em rama !... Verdade é que algumas até peccam por isso, mas são poucas. Os *tres negros bemoes*, o successo da ultima semana, são tres clowos-musicos, inventores de uma infinidade de instrumentos mais ou menos picarescos. Assim ouvimos o *Carnaval de Veneza* silvado em macarrões e a marcha da *Cadiz* gemide em regadores.—Se não receiassemos... Que diabo ! Se já toda e visinhança o sabe ! Os *tres bemoes* estiveram hontem no escriptorio do sr. Pinto Coelho, equi eo lado. Soube se depois que S. Ex.ª lhes pediu o modelo dos seus regadores para os distribuir oo proximo verão aos srs. evençedos que tenham jardim. Suspeita-se portanto que este enno os regadores hão de ter uma applicação.

NOITE DE VERÃO

Uma estrella

Olá, olá, raparigas,
Abri as boccas rosadas,
Gargalhai entre as espigas
As longas tranças douradas.

Um fauno

Anda o luar prateando
Os ribeiros palradores:
O ar é quente, a ceára
E' como um ninho d'amores!

Côro das raparigas

Nós somos a herva rude,
Que nasce pelas campinas,
Que vai mirar-se no açude
E dorme pelas collinas!

Côro na floresta

Por traz dos olivedos,
Por traz dos vallados,
Que beijos, que abraços,
Que mundo pagão!

Amai, raparigas
Que as louras espigas
Tambem se namoram
Nas noites de verão.

Mendo.

O grande acontecimento da semana foi a inauguração da luz electrica, na Avenida.

Tudo o que Lisboa tem de distincto em lojas de modas, casas de venda, mercearias, estabelecimentos de séccos e molhados, invadiu pelas nove horas da noite a area da vasta arteria, de mãos nas algibeiras das calças, chapeu no cucaruto, ou sombrinha de travez em ar de espingarda de soldado que acompanha o viatico, e olhos em alvo, n'uma comtemplação cheia de aborrecimento, de semsaboria e de somno.

O que é facto e que a Avenida cum a multidão enorme, movendo se murmurosa, illuminada fortemente pelas lampadas, cheia de pregões, de ruidos dos carros, se dava o ar de um grande *boulevard* parisiense.

Por uma extraordinaria coincidencia todos os jornaes de Lisboa noticiavam este facto, no dia seguinte, e concordavam — e pasmo! — que a luz electrica da nova companhia, era superior em poder illuminadôr aos ridiculos leques amarellados dos antigos candieiros.

Concordaram todos; caso unico, que ha muitos annos se não dá em periodicos portugezes.

Porque nós somos o que ha de mais curioso, de mais infantil, para não dizer de mais ridiculo entre os povos da Peninsula

Ha uma companhia do gaz que anda durante dezenas d'annos a explorar-nos, a troçar com compromissos e deverès, a deixar as escuras a cidade inteira, fornecendo o gaz de peior qualidade possivel, pelo mais alto preço, a rir se dos protestos vehementos de toda a gente, dos pedidos dos jornaes, das reclamações de toda a especie.

Não se lhe pouparam doestos, recrimionações, e ameaças.

Chaga uma companhia nova, util absolutamente por todos os lados e a imprensa de Lisboa, a clamante por melhor gaz, pela melhoria da luz, pelas conveniencias e commodidades dos cidadãos, começa a guerrear accintosamente, velhacamente, torpemente a nova companhia.

Porque? porque faz poeira para abrir o leito dos cannos, porque se chove faz lama — porque se venta faz ophtalmias, porque trabalhava no inverno, tempo das chuvas, porque as ruas estavam esburacadas, porque cahiam nos barrôcos os cavallos dos americanos, porque os candieiros eram frageis, porque os operarios usavam barretes de carlistas, por tudo quanto á mioleira de todos estes amigos da população, o sacro amôr do proximo suggeria, em esguichos de philantropia.

A verdade é que a nova companhia merece louvóres, pela rapidez dos seus trabalhos e agora muito mais pela qualidade da luz.

Sempre esperavamos que algum accionista feito á pressa, da velha companhia viesse invectivar a nova luz e aproveitasse o feitio patusco dos saccos luminosos, para introito esmagadôr de feroz proclamação.

Pensámos tambem que não deixaria o sr. Marianno ou outro habil politico de aproveitar este cazo para provar que as contas de sacco do thesouro portuguez, estavam em harmonia com os ultimos progressos scientificos, qua offerecem a mais brilhante das luzes n'um sacco de vidro fosco.

D'ahi talvez se podesse deduzir carrilhicamente a razão de ser o deficit portuguez d'este anno o maior que tem havido em Portugal, sem culpa alguma do governo.

Mas não. Todos os jornaes gostaram muito, acharam bonita a luz, mais claras as ruas, e os politicos não se dignaram approveitar em exploração politica o apparecimento da luz electrica na Avenida,

Pois podiam fazel-o, porque é o facto mais notavel do seu reinado progressista.

Agora, para podermos melhorar um pouco oos *elementos*, restava arranjar uma nova Companhia das *Aguas*. Companhia do *Ar* não precisamos felizmente. Esse dá Deus Nosso Senhor em abundancia, sem contador de pressão; razão porque inda não morremos asphixiados, valha a verdade.

Uma nota: as mulheres com a luz electrica ficam mais feias!

E' pena!

O governo portuguez acaba de intimar o sr. Raphael Gondry, auctor d'um livro em publicação—*A travers Lisbonne*, a suspender a publicação do seu livro sob pena de expulsão.

Qualquer que seja o merito do livro, o que haja de censuravel ou de louvavel, de digno ou de indigno no trabalho do escriptor, não discutiremos. O que nos fere é a medida tomada pelo governo perante um romance razoavelmente impresso, d'um estrangeiro, que não traz, que se saiba, desenhos realistas, sabido como é o absoluto desprezo que o mesmo governo dispensa a dezenas de publicações vergonhosas que se apregoam semanalmente pelas ruas da cidade, ou ostentam garbosamente os seus titulos enfeitados nas *montres* dos livreiros.

Lendo os fasciculos do sr. Gondry, tem-se apenas mais um exemplar d'essa litteratura galante, devassa, immoralissima, mas tolerada em Portugal, como em toda a parte, como fructo do tempo.

Scenas intimas, d'um realismo brutal, interessantes pela crueza, pela minucia irritante, pelo impudor dos detalhes.

De resto, o que nos chega de Paris em rumas de caixotes, todos os mezes, o que se vende amplamente, desafogadamente, por toda a parte.

Porque então o governo encontrou apenas sob a sua vista de Jayme de Belem—o moralista—a obra do sr. Gondry?

É sediciosa a obra? contra as leis, contra a constituição?

Diz-se que ha personagens do nosso mundo ali pintados.

Se ha, se uma offensa, uma calumnia se deriva d'aquellas paginas, se ha ali uma mulher infamada, ou muitas ou todas, ha apenas duas entidades, me parece, a quem compete a resolução do problema.

O ministerio publico, ou os maridos, os irmãos, os amigos d'esses mulheres.

Mas o governo, porque?

Será licito suppôr que algum dos governantes defende com a estranha medida um gravame de honra? Não o suppômos; mas porque então, o ameaço de expulsão?

A imposição definitiva do silencio, na alternativa da rua, n'uma questão de imprensa quando ha leis especiaes para esses crimes?

Se os homens a quem pertence defender essas senhoras infamadas (se as ha—o que é apenas o resultado de encaixar carapuças, porque não ha lá nomes—e é claro que um romancista pinta mulheres e não hypotheses—) mas se os homens a quem compete deslindar, tirar a limpo a questão, nada tem feito nem se importam com o facto, porque extraordinario impeto de Magriço, vem o governo quebrar a sua lança de despota ridiculo, contra a publicação d'um livro, que não é nem mais immoral, nem mais prejudicial que dezenas dos que se publicam ahi todos os dias?

E' bem certo que estes assomos de pudôr intempestivo, dão logar a suspeitas crueis.

A bom entendedor...

NOTAS COPIADAS DO NATURAL

Quando chegámos ao comicio, um homem vomitava vinho. Este licor enche ás vezes o espirito do povo d'uma necessidade de protestos e d'um fervôr pela manutenção das regalias populares, que nos pareceu que este patriota despejava as iras.

Fallava Magalhães Lima.

Começou a choviscar.

Ao nosso lado um typo de operario para outro:

—Vamos beber dois decilitros?

—Agora não.

—Porque?

—Oh! homem tu só te lembras d'essas coisas em occasiões d'estas?

—Mas é que a gente já volta... e foram mas como a Menina dos Rouxinoes de Garrett, não voltaram.

Fallou depois o dr. Jacintho Nunes.

Um orador; palavra facil, argumentação clara, elevada.

A respeito da maioria empregou a velha phrase de—carneiros de Panurgio.

Um homem de sobrecasaca e chapeu de côco, deante de mim, achou uma graça immensa. Ria, ria...

Um do lado pergunta-lhe:

— O quê, o quê? carneiros...?

E o outro a rir que nem podia fallar!

—Carneiros de quê? tornou a perguntar o do lado.

E o outro, em frouxos de riso:

—Carneiros de Lourdes! (textual)

Então tambem eu ri com o homemsinho do lado. Que divertidos os comicios!

A luz do dia.—A primeira que conhecemos, que nos fere a retina. E' de regra recebel-a com um berreiro teimoso e inexplicavel.

A luz de azeite.—Classica, branca, socegada. Fede e suja e o fumo. Luz de estudante, de lavrador e de pobre.

A luz do gargarejo, luz de agua vai, dos duellos nocturnos, das emprezas d'amor nos bons tempos d'El-Rei D. João V e avós.

Saudosa reliquia.

A luz do gaz.—Um pequeno leque, nervoso, traiçoeiro, como todos os leques, afinal.

Uma victoriosa que cahiu. «On n'insulte jamais...»

A luz do seu olhar.—Como nos encanta! que vemos tão errados e tão sentidos nos arrancou do intimo do peito por horas silenciosas de oiro!

E andamos atraz d'ella, toda a vida, até ficarmos ás escuras de todo.

E' em regra uma luz falsa, e todavia nenhuma ha que fira menos a vista sem abat-jour azul. Oh! a luz do seu olhar!

A luz de tocha. [illegible] e fedorenta. Cheia de [illegible], ondulante, luz de mortos, luz das trevas.

Vade retro!

A luz da experiencia. — Porque sabe o demonio muito?
— Por ser velho.

Luz de petroleo. — Amarella, icterica, monotona. Luz da «chalifre» da costureira do 4.º andar, luz burgueza, luz do chá e torradas.

A luz electrica. — A vencedora! Brilhante como o sol, azul como o luar! A luz cortezã, a émula da lua, luz das avenidas, dos atrios; forte a illuminar os escalopes das costas, doce a sombrear n'um veu de gaze azulina os rostos das mulheres que atravessam os asphaltos.

A luz da sciencia, da vida moderna, rebentando entre carvões, n'um relampago, mysteriosa e altiva como uma rainha desafiando as estrellas!

A luz do seculo das luzes... oh! — e basta.

— «*Tout est bien qui finit bien*» —. E' uma sentença que nem sempre se póde discutir, e que não temos n'este momento nenhum desejo de contestar.

O ultimo comicio republicano acabou bem; portanto não ha senão que applaudil-o, e que felicitar o respectivo partido.

Correu tudo na santa paz do Senhor, como alias o *Directorio* tinha já previsto e assegurado aos seus *subditos*, e até o sr. commissario geral, o feroz da outra semana, tomou logar no estrado, em amigavel camaradagem com os amigos das instituições, a quem oito dias antes fizera desancar um pouco.

E' caso para meditar... quem tiver interesse em fasel-o.

A nossa *Comedia* vive tão affastada da *sua collega* politica, que para a ver precisa de oculo; e por isso não é de estranhar que uma vez ou outra a vejamos d'aqui differente do que parece lá perto. Effeitos de chromatismo ou de qualquer outra causa perturbadora.

Assim nos succedeu ultimamente, que esse comicio, —não o da bordoada, notem bem—, o ultimo, e *da socega*, pareceu-nos d'aqui, visto pelo nosso oculo, um verdadeiro desastre, o unico desastre sério que até hoje tem soffrido o partido republicano portuguez.

Vimos os annuncios, dos quaes se eliminou até cuidadosamente a idéa de protesto contra as violencias policiaes, e combinando esta circumstancia com a de se assegurar prévtamente que no novo comicio haveria socego, pareceu-nos vêr a intenção de attribuir as violencias passadas a culpa propria, e portanto, de justificar o procedimento das auctoridades.

Pareceu nos por isso que o partido republicano abandonava o seu logar, para ir as sachristias constitucionaes entrajar-se com a opa azul e branca, e vir assim para a rua, n'esse disfarce, prestar homenagem e acatamento áquillo, de que os proprios monarchicos se riem já. Pareceu-nos que era forte obrigar esse partido, que ou hade ser revolucionario ou não tem rasão de existir, a formar na rectaguarda dos monarchicos em questões de ingenuidade, pois que estes já se não occupam em pedir coisa alguma ao parlamento, e muito menos quando esse pedido possa parecer um acto de contricção...

Pareceu-nos tudo isto, é verdade, — dizemol-o para castigo da nossa ignorancia, ou pelo menos para descredito do nosso oculo.

Porque o que parece certo é que nada d'isso assim era. O oculo fez-nos a partida de nos mostrar tudo do avêsso. E a prova é que o partido republicano, por intermedio das suas gazetas, apparece-nos satisfeitissimo, diz-se triumphante, desaffrontado, e até receba felicitações de Setubal, de Almada, e crêmos que tambem do Seixal.

Terá tambem as nossas. Se elle está contente e se sente feliz, ninguem tem direito a saber dos seus negocios mais do que elle.

No fim de contas, a ordem, a legalidade, o existente, são tudo; e visto que foi para manter e acatar tudo isso, que se inventaram os partidos revolucionarios, os republicanos portuguezes podem ter o legitimo orgulho de cumprirem conscienciosamente a sua missão social. Se algum pragueoto lhes contestar essa gloria, podem dar por testemunhas o sr. Moraes Sarmento .. e os seus janisaros.

Elles, os bons republicanos, respeitam a ordem, manteem a legalidade, curvam-se ante o existente.

E' vardade que são só elles que assim procedem, más isso não diminue, antes augmenta o seu merito.

E agora que pediram ao parlamento garantias para os seus direitos, podem ter a certeza que não encontrarão mais obstaculo algum oa sua marcha triumphante.

Levado assim pela mão dos seus corajosos directoras, o partido republicano póde ter a certeza de que hade ir longe... tão longe, que já nos assalta o receio de em breve o perdermos de vista.

Que curiosas coisas se vêem n'este grande *retiro de pacatos!*

É conhecido de todos o caso ultra-comico d'um alumno da Escola Medico-Cirurgica de Lisboa, que foi encommendar a *These* do seu 5.º anno a um individuo completamente alheio á medicina, com a recomendação de que a queria feita a capricho. Isto é: palavras de gente fina, escovadas, postas com a correcção d'um janota á porta da tabacaria Neves; muita figura de rhetorica; prosopopêas varias, trópos e metaphoras a esmo, rodeios elegantes, circumloquios finos e varias anthitheses de facil humorismo; um ou outro dilemma; elypses subtis a lembrar Camões; phrases curtas, incizivas com um cheiro a Vieira; alguns descriptivos, genero classico, singelos e precisos a recordar Fernão Lopes; citações bem mettidas, em diversas linguas, e bastantes, para denunciar erudicção, leitura e muito aproveitamento.

Tudo isto encaixado n'um estojo de epopeia, o verbo altivo e sonoro, o periodo amplo, a fórma heroica e attica.

Como encommendara a obra, o gracioso alumno, encommendou o prologo, entendendo e muito bem, que para monumento de tão subido valor devia abrir um amplo portico Manuelino, de rendilhados finos e orgulhosa ogiva.

Ora tendo-se suscitado duvidas sobre o valor do portico, o delicioso alumno, foi-se junto do commissario requisitar o original.

Tudo isto é verdadeiramente triste e lementavel e não foi para o criticar que o recontei.

No dia da queixa do inconsolavel alumno, os jornaes souberam do facto e o *Reporter*, noticiando o, dizia o vulgar.

Permitta o *Reporter* que lhe diga que se engana redondamente. É este um caso esporadico, unico, que me conste, na Escola Medica, onde até hoje os alumnos, teem tido e coragem de apresentar bons ou maus os seus trabalhos de these. Faça o *Reporter* a justiça de acreditar que só um cerebro atrophiado ou d'um desenvolvimento inferior póde ir confiar a um profano, um trabalho de medicina, pelo fornecimento dos compendios.

O mesmo seria encarregar um alfaiate da construcção de uma ponte sobre o Tejo e não e natural que uma ingenuidade tão comica lavre com a vulgaridade que o collega suppoa entre os nossos medicos futuros.

Que Deus nos affaste de tal.

Rectifique.

A questão dos tabacos. -- Recebemos um folheto com este titulo, contendo os discursos proferidos na camara dos deputados, nas sessões de 12, 13 e 15 de abril findo, pelo sr. Mariauno de Carvalho, ex-ministro da faeenda da actual situação politica.

O erudito professor e illustre parlamentar espraia-se largamente em considerações, n'esses discursos, a respeito da legalidade do pagamento da divida dos tabacos, justificando o seu procedimento e o do governo n'esse acto administrativo; e devemos dizer que faz com talento verdadeiramente superior, no que todos, amigos e adversarios, não hesitam em concordar prestando-lhe a devida justiça.

A' illustrada redacção do *Diario Popular* agradecemos a offerta do esemplar com que nos obsequiou.

A Illustração. — E para applaudir o empenho d'esta excelleote revista artistico litteraria, em informar os seus leitores ácerca da Exposição, e muito mais ainda, pelo modo completo e interessante por que o faz. Assim pois, o ultimo numero da referida revista dá-nos magnificas gravuras e artigos a maior parte d'elles relacionaodo-se com o grande certamen das artes industriaes, que actualmente prende a attenção do mundo inteiro.

AOS DECLAMADORES

(IMITADO DE MARCIAL)

Ouve: ninguem te falla de sevicias,
De mortes, de venenos; taes noticias,
Se acaso d'ellas gostas,
Não t'as venho aqui dar.
O ponto é dos mais simples e restrictos:
Tenho um processo ás costas,
Olha,—por tres cabritos.
Que não posso encontrar.

Penso que m'os roubou um mau vizinho
Que tenho ao pé da porta;
Mas o fero juiz pouco se importa
Com a minha allegação.
Diz que quer ter alli prova provada,
E que a muita parole engrinaldada
Não põe nem dá razão.

E tu, com gesto largo e voz stentorea,
Pões-te a exhumar da historia
Mithridates, e Mario, e Scylla, e Mucio,
E inda muito outro sucio
Dos que andam a granel por mil escriptos;
Mas, ó Postumo, ó filho,—antes de rouco,
Vê lá, mesmo que seja muito pouco...
Falle dos meus cebritos!

Eduardo Vidal.

NO MEETING DE QUINTA FEIRA

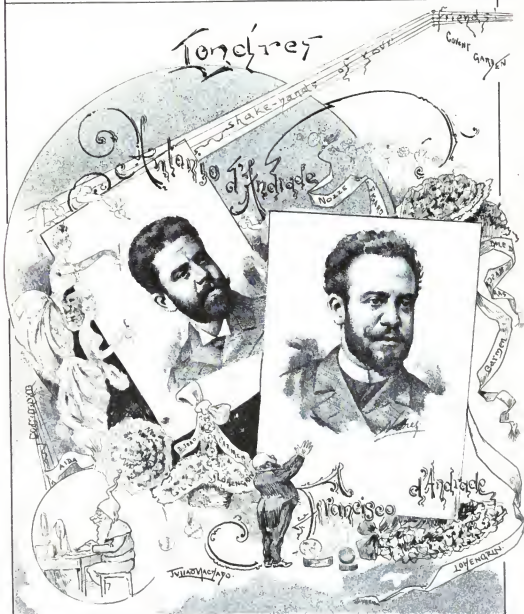
—"AVAIXO O MANIPOLIO!"

Londres

shake-hands of your friend

Covent Garden

Antonio d'Andrade

Francisco d'Andrade

Quando os irmãos Andrades, esses dois notaveis artistas portuguezes, que são hoje duas verdadeiras glorias nacionaes, fizeram a sua epoca lyrica em S. Carlos, não existia ainda a *Comedia Portugueza*, que muito se orgulharia em consagrar nas suas paginas a homenagem devida ao talento dos nossos dois compatricios. Por isso hoje, que nos chegam as mais agradaveis noticias dos louros e triumphos que elles alcançaram um em Odessa e o outro em Berlim, e que estão agora colhendo no *Covent Garden* de Londres, cumprimos um dever indeclinavel registrando aqui o fausutoso acontecimento, o que fazemos com verdadeiro jubilo, enviando aos dois tão distinctos artistas a expressão mais sincera do nosso enthusiasmo n'um fervoroso applauso!

Lithographia da Companhia Nacional Editora

Parece ter chegado ao ultimo suspiro a politica portugueza.

Quando digo a politica, refiro-me ao parlamento, onde ha mais de oito dias se não quebram carteiras' nem se ouvem insolencias que mereça a pena referir.

Passou ao «segundo estado» esse touro famoso que se chama a — Camara popular — e agora não ha chamal-o para o meio do circo, tomou crença, entrincheirou-se, de vez.

Apenas, na Camara dos pares, um relogio de repetição ia dando origem a uma pendencia grave entre dois nunes, pendencia que, felizmente, abortou nas mais cordeaes explicações. D'aqui se mostrou a inconveniencia dos relogios camararios terem o mesmo costume que os legisladores — o repetirem-se. Os relogios, deve dizer-se, são mais generosos: não fazem pagar-se a rethorica, em excesso, das suas orações batidas.

Assim a questão do relogio deu-nos a grata noticia de que existie ainda a Camere Alta, duvida que muita vez nos punge, pelo seu silencio constante; porque esta senhora é d'um comportamento exemplar — nunca dá que fallar de si! Verdadeira matrona.

Na camara dos deputados, falloo pela primeira vez, o deputado Guerra Junqueiro. Não foi lá muito cedo para o tempo em que sua excellencia possuia a faculdade de satirizar n'aquella casa, mas emfim, não foi ainda tão tarde que não possa sahir, lá para d'aqui a dois annos, o seu discurso no diario das Camaras.

Divergimos d'algumas affirmações d'esse discurso, onde ha bellas frezes.

Assim diz o poeta:

«Nunca um só artista *foi ou irá de chapeu de bicos e farda agaloada caminho da immortalidade.* Nunca o **causti-co d'uma gran-cruz** *trouxe á suppuração uma obra prima.* Nunca uma *corôa heraldica, de barão a duque, fez nascer na testa de quem quer que fosse a bossa do talento.* E o proprio homem de quem estou fallaodo e a quem ha annos, n'esta mesma casa, **puzeram uma alcunha nobiliaria,** não conseguirá encobrir com o viscondado de Correia Botelho, o grande nome glorioso de Camillo Castello Branco.»

....

E' falso o primeiro periodo, entre nós; tão falso que é justamente o contrario.

Nenhum artista entre nós deixa de ter chapeu de biccos e farda, que seja da Academia Real das Sciencias ou simplesmente do «Club Recreativo» ou ainda da phi armonica do bairro.

Quando não pertença a qualquer dos grupos mencionados, a nação tem o cuidado de o fardar, á força, por que o faz deputado como ao illustre orador, ou ministro da marinha, ou em ultimo recurso pôr-lhe uma alcunha nobiliaria, que arrasta ainda o dever da farda e do chapeu de biccos, em todos os actos officiaes, do mais insignificante ao mais sério, da procissão de S. Jorge, á morte.

Ora sendo a morte a porta da immortalidade, já vê o illustre poeta que os nossos artistas não só vão de chapeu de biccos e farda a caminho da immortalidade, mas se lá entram é justamente n'esse bello preparo.

Não será necessario citar nomes dos nossos immortaes fardados, creio eu; seria longa a lista.

Ao contrario, concordamos plenamente em que as corôas nunca fizessem bossas de talento.

Que fazem muitas bossas as corôes não ha que duvidar; mas nunca se lhes deu esse nome, antes outro mais euphonico e mais rijo. Isto dando ao talento a verdadeira significação, porque aliás discordamos novamente. Nenhum de nós deixa de conhecer cavalheiros nas mais elevadas posições sociaes, elevados até essa grandeza pelo talento... das bossas!

Se até então esses individuos oão tinhem mostrado talento, se depois do apparecimento das bossas é que esse talento se mostrou, é logico concluir que o talento veio n'ellas.

Como lhes daveremos pois chamar?
Bossa de talento. Está claro.

O poeta commenta o estado financeiro do paiz:

....

«.. apezar da maré de riqueza que nos inunda; *apezar da cheia torrentosa de ouro judaico. que ha dez annos a esta parte tem depositado sobre a sociedade portuguêza um nateiro... que não é positivamente aurifero*, **e cujos miasmas envenenadores nós todos sentimos e respiramos;** em summa, da prosperidade dourada e vertiginosa, quer a consciencia individual, quer e consciencia collectiva da oação, *segreda-nos intimamente que Portugal vae baixando, embora os fundos vão subindo.*»

....

Com isto estamos d'accordo; conhecemos porém uma pessoa que o não está—é o sr. Marianno, do *Popular*.

—Estes poetas a metterem-se agora em questões que não entendem. Pensam que isto é fazer alexandrinos!
Estou e ouvil-o.
Foi a proposito da pensão offerecida e Camillo Castello Branco que o poeta fallou.
Começara assim:

....

«Sr. presidente, o'uma época e o'um paiz em que tudo se alcança e se consegue quasi que unica a exclusivamente pcla politica, *quando a politica é esta comedia triste que todos nós sabemos, e em que todos nós concordamos... ali dentro nos corredores...*

E eu puz-me a pensar: A concessão da pensão, grata a todos os espiritos, estando no animo de todos como indiscutivel a justissima homenagem ao grande escriptor teria o voto unanime da camara.

Como manifestação particular, manifestação de appreço, de apoio, de felicitação ao grande romancista, seria mais significativo um aperto de mão, intimo, oa sala de visitas do grande mestre, do que um discurso.

E logo me veio á memoria a nossa politica, *esse comedia triste que todos nós conhecemos* .. e que nunca ouvi o poeta, que não me lembre que fallasse .. protestando.

E d'aqui pareceu-me concluir que se o illustre deputado fallou magnificamente, como lhe impunha o seu grande talento, tambem fallou, justamente, na occasião em que, sem merecer censura, podia muito bem ficar callado!

Ah! sim são effeitos da farda e do chapeu de bicos.. E' o meio!

Epilogo.

Não pertence é comedia portugueza o facto em questão E' da Comedia Humana. Mas ha factos singulares que saltam as fronteiras e vão ferir todas as sociedades como uma nota estranha que rompesse de chofre no ram-ram da vida somnolenta, burgueza, de todos os dias.

O duplo suicidio do principe Rodolpho e da baroneza de Vetscera teve entre nós a celebridade d'um facto grave e desusado que alvoraçasse a Baixa, que espantasse e cidade.

O epilogo d'um drama, o ultimo capitulo do romance sentimental d'esses amores celebres, amores que teem já hoje um quê de lendario — amores de principes das antigas historias — resume-se oa local singela d'um jornal estrangeiro.

— No cemiterio de Heiligenkreuz, perto de Vienne, ha uma lapide com esta inscripção:

MARIA

BARONEZA DE VETSCERA

Nasceu a 19 de Março de 1871

E morreu

A 30 de Janeiro de 1889

Um pouco abaixo em caracteres menores:

A vida é uma flôr · desabrocha
e matam-n'a!

(Tobias 14, 2.)

É delicioso e significativo o commentario. Ume lamentação d'onde se evole finamente uma censura, impregnada d'uma tristeza tão grande, como simples.

Desoito annos, uma belleza rara, um oome, uma fortuna, um grande amor!

Todos os sonhos, todas es alegrias, todas as esperanças, luctas, beijos soffragos, castellos dourados, illusões, está tudo alli!

Se a vida é uma flôr, como ellas, quanto melhor lhe não será muite vez cahir no temporal, do que murchar no calor vicioso d'um colo mercenario.

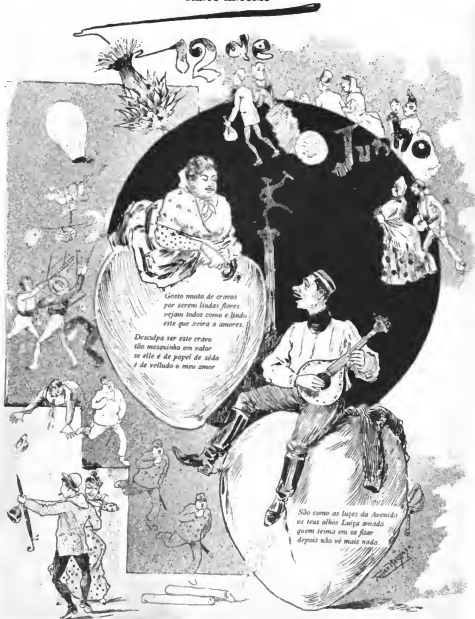
Morrer! dormir... soohar, talvez!

SANTO ANTONIO

12 de Junho

Gosto muito de cravos
por serem lindas flores
vejam todos como é lindo
este que xeira a amores.

Desculpa ser este cravo
tão mesquinho em valor
se elle é de papel de sêda
é de velludo o meu amor

São como as luzes da Avenida
os teus olhos Luiza amada
quem teima em os fitar
depois não vê mais nada.

TYPOS DA PRAÇA
(NOTAS SOLTAS)

SANTO ANTONIO

(NOTAS SOLTAS)

E' o mais sympathico dos nomes santos.

Mais poder do que elle, de mais virtude, mais pezo na balança popular que avalia meritos, influencias e gerarchias na corte celestial, algum outro terá. Mas maior sympathia, não.

E' o santo das mulheres. Elle tem na mão o condão supremo de arranjar—um noivo!

Com esta faculdade, o filho venturoso de Lisboa, póde gabar-se de gozar todos os dias, como nenhum outro, o suave encanto d'uns olhos ternos que pedem, docemente, na humidea setinosa da pupila, a realisação d'uns loucos sonhos, d'umas venturas longamente pensadas e que se distanciam sempre, na anciedade do coração feminino.

Alegra a sua imagem. E' novo, favoreceu-o Deus com a bondade summa e uma ponta de malicia que o torna ainda seductor e humano, que o arranca um pouco á gravidade mystica do fallar e do porte, e que o nivella ao namorado folião, que espreita, á noite, as raparigas que vão, pelo luar, encher as bilhas, ás fontes, e lh'as quebra, á força de travessuras, em que o amor não deixa de entrar, bulhento e atrevido.

Sabe-lhe todos os milagres o povo.

Como elle salvou o pae da forca; como concertou a perna cortada; como fazia que as parreiras d'essem uvas fóra de tempo; que um leve bilhete pezasse mais do que um monte de ouro; como dava a vista a cegos com o halito, e muitos mais casos estupendos que em vida operou.

Mas não é por isso que elle o adora, que lhe accende as fogueiras, que lhe orna os altares com as melhores flôres, que lhe faz festas, e dança, pela noite fóra, ao som das guitarras, a dos adufos, em redor das ermiditas caiadas, solitarias, que o luar branqueia.

Não; é porque elle é o santo dos amores sem esperança, dos corações que padecem, das virgens que soluçam; o santo do amor humano, cheio de perfumes, de alegrias, de maguas e de encantos!

E' o que póde unir as mãos dabaixo d'uma estola, é o santo... do casamento!

Vem-nos a triste ideia de que no futuro o nosso bom patricio vai ter um concorrente.

Concorrente sério, o santo do—divorcio!

Esse será então o querido dos homens, o amigo do sexo forte, o libertador, como Lincoln, ou o Sr. D. Pedro IV de saudosa memoria.

Mas pouca sorte poderá ter o bemaventurado. Nem a musica dolente, nem a cantiga afinada e cristalina, nem a prece virginal d'um peito casto, nem a lagrima da mulher — esse poema mudo de ternura infinita—nem o altar cuidadosamente florido, elle encontrará a provar-lhe a gratidão d'aquelles a quem alcançar a sua intercessão e favores.

O mais que poderá ter: ! Um tirar de chapeu, um aperto de mão e a voz grossa d'um homem a agradecer lhe: —obrigado, meu amigo, muito obrigado!

Que semsaboria!

Santo Antonio de Lisboa tem ainda a felicidade de ser, apenas, importunado pelas mulheres novas.

Até n'isso é feliz o bom santo.

O patrono dos velhos, o casamenteiro das quarentonas é outro: — é S. Gonçalo de Amarante.

É a elle que a critica popular, n'um momento de despeito, perguntou, talvez pela bocca d'uma alegre rapariga que fitava, os roda, o namorado que lhe sorria:

> S. Gonçalo de Amarante,
> Casamenteiro das velhas,
> Por que não casais as moças,
> Que mal vos fizeram ellas?

A resposta não se conhece, bem.

O bom de S. Gonçalo teria talvez a predilecção que entre nós se tem accentuadamente distinguido muitos politicos de pólpa?

Sympathias.

A esta hora na Praça da Figueira, vai um borborinho enorme, de guinchos, de apitos, de conversas, de gritos de cornetas.

Uma multidão encalmada ondeia pelos arruamentos, move-se, grita, empurra-se. Compram-se cravos, vasos de mangerico, ramos de flôres campestres. Estrugem aos ouvidos os rouxinoes de barro e o'aquelle inferno de milhares de vozes de sone dispersos, ouvem-se vagameote os sons das guiterras desafinadas que animam os bailaricos dos padeiros e das varinas, sob novos caodeeiros de gaz, ao sopé da estatua do dadôr.

Um estrangeiro qua oos visite o'esta noite terá ume impressão de um desagrado extremo.

A multidão é grossaira, cheia de ditos chulos, os cantares avinhados, as mulheres pouco limpae e desgraciosas.

As familles prepassam carregades de mengericos e de elcachofras, de cravos pintalgados, typicos, inverosimeis.

A musa popular, a musa reles do ajuntamento bonancheirão, não a viva e fresce musa do terrairo d'aldeia, do baile domingueiro, solta uns madrigaes engulhentos na bandeirinha qua pende graciosameote na haste das flores.

Ha um quê de selvagem, de brutal, de repellente na feste Os ebrios abundam, ee meretrizes pavoneiam-se escandelosamente, a prostituição clendestina revella-se na fraze ou alvar oo torpe.

Ha grupos abjectos de fadistagem em gala e de pobres raparigas, de chailes sujos, dentes e cabellos, lenço para e nuca, riso facil e beiços gretados.

A nota realmeote bella é a da praça, em si. Os cogulos da fructa, o verde tenro das hervagens, o aroma campazino que sehe dae mezas, por entre ae rumas das hortaliças, enganam-nos o pulmão a fazel-o suppor em pleno campo, a avocam em nós um bem eetar animal que se sente ao respirar o ar amplo das lesiries, depois de ter afogado o peito no ar infecto dee capitaes.

Cá fóra pelo Rocio ha grupos que fingam danças, fandangos idiotas, caotares evinhados e pulhas.

E n'isto sa passa e noita, festejaodo-se o virtuoso portuguez. A lua passe sorrindo sobre estes scenas indignas d'uma capital e pede á madrugada que se appresse, para chegar e hora de se varrerem as ruas.

As *Alvoradas d'Abril.* Um livro de versos que om poeta, novo, D. João de Castro, teve a amabilidade de nos anviar.

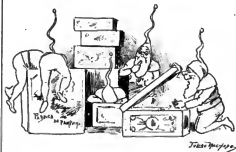
A critica do livro está faita por Camillo Castello Branco, com a auctoridade absoluta do mestre o'um pequeno prologo com que o livro ebra.

— «Pareceram-me a refulgente eurora d'um dia que ha-de ser bello. Se a iotanção do euctor é estampal-os (os versos) desde já, figure se-me qua esse bello dia que eu lhe vaticino possa ser assombrado da ter vindo cedo de mais acolher os louros que de certo hão-de engrinaldal-o se alle vier á imprensa á bora am que deve vir.»

E, de verdade, encontra se no novo poeta uma sensibilidade fina e muita espootaneidade. Não tem errojos nem eeforços. O mais simples assumpto o captiva a impressiona.

D'ahi o cantal-o. A fórma é porém muitas vezes defeituosa, o verso pouco cuidado e incorrecto.

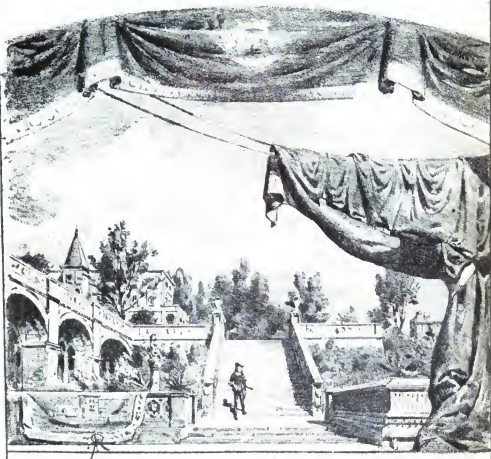
Todavia cootem o livro verdadeiras bellezas que os defeitos d'uma estreia, em verdes annos, oão conseguem ampanar.

He poesia dentro d'aquella livro. Tanto basta para o recomandar-mos a felicitar-mos o auctor.

Eduardo Costa, o sympathico industrial que todos conhecem — porque alle teve a estranha habilidade de se fezer indispensavel no ler, á noite, durante o chá — enviou-nos uma infinidade de latas cheias dos mais caprichosos biscoitos que a sua fabrica produz. Entre as muitas marcas que nos enviou ha oma que elle intitulou: — *Homenagem a Eduardo Coelho.* Pela muita sympathia que consagramos á memoria d'este ooma, jámais o nosso dente penetrará na massa de tão respeitosos biscoitos. Todavie, um amigo menos escrupuloso segreda-nos:

— São saborosissimos!

Maroto!

Dos outros vamos ajuizar, — mes eotes receba o oosso amigo Costa os oossos agradecimentos.

PANNO DE BOCCA PARA O THEATRO GARCIA DE REZENDE EM EVORA

Encarregaram-se gentilmente de fechar com chave de ouro o nosso numero de hoje, dois artistas cujos nomes são largamente conhecidos do nosso publico que teem o singular capricho de se interessar por cousas d'Arte. Á extrema condescendencia de Antonio Ramalho e João Vaz devemos o prazer de publicar hoje o *croquis* do panno de bocca, que elles concluiram para o theatro de Evora.

Não nos compete fazer a critica d'este trabalho. Demasiadamente lisongeados, a nossa opinião poderia ser tomada como suspeita. Simplesmente nos penalisa que os nossos leitores não possam ajuizar da grande propriedade e frescura de colorido, que faz d'este panno de bocca uma verdadeira obra d'arte. Que os dois distinctos artistas recebam os nossos agradecimentos, e Evora as nossas felicitações.

A Bordo do Ambaca
BRINDES
BRINDES
BRINDES
BRINDES
BRINDES
BRINDES
BRINDES
BRINDES
Julião Machado
15 de Junho.

E para o anno vel-o-hemos entrar novamente na vanguarda da sua maioria, altivo com a victoria e conscio de que a salvação da patria e das batatas lhe é devida, em compensação de se lhe não dever a solução da crise agricola, e outras bagatellas d'este jaez.

E a cantata da opposição virá mais uma vez estontear papalvos e massar tachygraphos, até que o bom vento do acaso se encarregue de a desthronar, proeza que não foi concedida ás vozes das supremas indignações de theatro de feira, aos meetings temiveis em que cahiram orelhas de circumstantes envoltas com cabeças de dedos minimos, aos jornalistas cheios do santo amor da patria estendido em artigos de fundo, capazes de fazer revoluções em quatro linhas, revoluções sanguinarias, revoluções terriveis na economia politica, no bom senso e na grammatica!

E a patria continuará a esperar e admirar attenta, e as diarias continuarão a ser pagas, e os soldados da opposição tornarão a vibrar os montantes afiados no estudo e no plano de seis mezes de folga por aldeias nataes, ou praias refrescadoras.

Será o inverno que chega, novamente, pleno de espectaculos, de comedias, de ridiculos.

Que elle chegue depressa.

Começou decididamente o verão.

Calmaria em toda a linha.

Fecharam os theatros e a vida da capital começa a entrar n'aquelle periodo de interesse, só comparavel a um discurso parlamentar, ou a uma dissertação sobre o cultivo da beterraba, ou da ortiga branca.

As camaras agonisam. Os oradores começam a pôr de lado as laminas embotadas dos montantes, com que amolgaram a armadura governamental, sem conseguirem derrubar o colosso experimentado e desconjunctado, em cem combates.

No equilibrio instavel d'um boneco de sabugo, o grupo politico que nos rege, aggredido, empurrado, ferido, prostrado com uma cacholeta, atirado a terra com um bote de Jarnac, tem conseguido, mercê da bola de chumbo d'uma audacia unica nos annaes da patria, enrijar as articulações lassas, tonificar a musculatura dorida das sovas e aprumar o corpanzil cheio de nodoas negras com a altivez d'um espantalho de ceára, no alto d'uma figueira!

Um espanto!

Mercê da bondade opposicionista, o governo vae fazer ainda as novas eleições e mostrar ao paiz que desconfia da sua força, que nunca em Portugal houve confiança e crença n'um grupo politico egual á que elle possue.

Para isso elle enviará ordem a todos os pontos do paiz para que haja a maxima liberdade na eleição, para que se não compre um voto nem falsifique um recenseamento, para que administrador algum, governador civil, ou cabo de policia exerça a mais insignificante das pressões sobre os seus subordinados, sobre o povo, o supremo juiz, e que elle quer desafogado, livre, liberrimo, na expressão do seu voto.

Um collega dando conta d'um conflicto, na rua de S. Julião, em que dois sujeitos se soccaram, exclama: duello á portugueza e brioso para ambas as partes.

Como serão os duellos á hungara?

Dizem:

— Consta que a Associação dos logistas de Lisboa, está resolvida a intervir na expropriação dos predios da praça de D. Pedro.

As *Novidades* appella para a imprensa no sentido de contrariar as referidas expropriações porque quebram a linha architetonica da melhor praça de Lisboa.

Começa por ser muito curioso que uma associação qualquer se vá metter de permeio n'um negocio particular, com que não tem nada a acaba a delicia pela graciosa local explicar a ultima inconveniencia, o vandalico da acção projectada, que vae quebrar *a linha architetonica* da praça de D. Pedro.

Sente-se a gente atirada ao seio d'um povo cioso dos seus pergaminhos da arte, imaginamo-noe em plena Grecia, na velha Roma, na celebre Florença!

Que pena se quebram a linha architetonica do Rocio e não quebram a cabeça aos camaristas que conceotem a construcção de predios inverosimeis, em gosto, como alguns es teem feito na Avenida da Liberdade e se estão fazendo ainda!

Mas se quebram a linha architetonica do Rocio, adeus ó famas de Alcobaça, da Batalha e dos Jeronymos, que vos ides na maré baixa das illusões desfeitas.

Quando nos dá para sermos comicos não ficamos nada a invejar eos Prudhom e aos Calinos.

Antes pelo contrario.

Agora defendemos a *linha*; depois de deixar-mos andar á solta, por tode essa cidade, por bolsos e algibeiras a parte mais preciosa do apparelho—o anzol.

A RECEITA

Meia deitada ne *chaise-longue*, o corpo reclinedo n'um flacido elmofadão de setim *vieill'or*, uma dôce pallidez na face, o olhar entristecido e languido, a baroneza olheva distrahidamente, como n'um cansaço intimo, as illustrações delicadas d'uma brochura recente.

Um vestido da manhã envolvia-lhe desafogadamente o corpo delicado, cuje brancura rassaltava no annel flocoso de rendas inglezas que lhe descie da nuca, pelo meio dos hombros, á linha media do peito, no ponto onde uma leve sombra começave a manchar a alvura leitosa da epiderme.

Tinha os braços nús: d'um contorno raro, d'um modeled o perfeito e uma brancura inexcedivel. E como repousasse os pésitos cruzados, no tamborete cheio de ramagens azues de uma seda antiga, toda a graça voluptuosa dos contornos, premia de dentro, no classico das linhas, o setim espelhento da *matinée*. em ancias de liberdade.

Estava raelmente bella e beroneza com o ar de criança emuede, a tristeza infantil do seu olhar azul, o rosto sombreado por uma nuvem de dó que lhe faxia contrahir, n'uma expressão longiqua da chôro, os cantos dos lebios cortadoe n'um til getilissimo, d'uma graça cheia de fina ironie.

Esperava o medico.

Desde a noite anterior que o não via, que *elle* não viera, que não lhe epparecera. Estava doente. Tivera febre, não tinha podido dormir.

O douctor entrou, grave na sobrecasaca comprida, ebotoada até ao collarinho quebrado, um er de riso complacente.

E emquanto descalçava a luva da mão direita, sentado muito perto, no fauteuil que a criada tivera o cuidado de approximar, com a naturalidade d'um fecto habitual, interrogava entre serio e cuidadoso:

—Então? que temos, hoje?

E estendendo a mão, com aquella despreoccupação que os medicos sabem tão bem fingir junto das mulheras formosas, premia-lhe com as polpas dos dedos, o punho fino, o denunciador do coração, emquanto com o olhar lhe interrogava a fece magoade pela vigilie.

—Conte-me o que tem sentido.

E ella poz-se a contar:

—Eu estave bem: hontem pela meie noite comecei a sentir-me mal. Uma anciedade, um mal estar, como se me faltesse el,ume coisa; um pezo extraordinerio no coração, que me fezia, por instantes, vontade de chorar. Todavia eu não tinha ceusa alguma que justificasse este estado. Ceiara ligeiramente. Pretendi disfarçar imaginando-me victima d'uma iodisposição passageira. Peguei n'um livro. Era uma historie d'emores. Ao fim da primeira pagina tive de desistir da leiture porque não via: estava realmente a cnorar. Cahi em mim: echei-me ridicula; o meu choro pareceu-me ume phantasia, uma puerilidade e despertou-me o riso.

«Senti vontade de fallar alto, de rir, de que me ouvissem, de me ouvir a mim propria e fui para o piano e cantei. Cantei muito, cantei muito elto, cançonetes, alegros, tudo o que eu sei de divertido, de ligeiro, de alado, de hilariante.

«Fiquei melbor. Menos opprimida, menos preoccupada.

«Resolvi deitar-me, aotes porém fui ao terraço, parecia-me que me faria bem um pouco de ar. A noite estava lindissima, serena: noite de verão, cheia d'uma claridade vage, pouco intensa. A magnolia do jardim cobria-se de grandes estrellas de prata, que exhalavam um perfume intenso, secudidae pelo vento.

«Creio que me fez mal o aroma. Senti a cabeça a doer-me, recolhi-me e fui-me deitar. Adormeci difficilmente. Sonhei toda a noite, com passeios de carruagem pela borda do mar, com bailes, onde pessavam pares fortemente illuminados por uma luz azul intensa, dizendo se madrigaes, apertando-se mutuamente, e cruzando n'ume expressão de reciproco enlevo os olhares cheios de carinhos.

«Tive febre, creio eu. Mal dormida, e madrugada despertou-me completamente e nunca mais pude socegar.

«Levantei-me, aspirei um pouco do ar fresco da menhã e pareceu me ter-me feito bem.

«Descancei um pouco. Deitei-me para aqui e mais socegada pretendi ler. É me impossivel. Tentei almoçar e não o conseguí. Renova-se-me o mal estar e salteia-me continuamente, alternadamente, o riso e as lagrimas.

«Soffro, não vê. O que será isto douctor?

—Diz então que nenhuma contrariedede a impressionou desagradavelmente?

Ella besitou um pouco.

—Nenhuma!

—Nem a mais ligeira?

—Oh! sim, esperava que D. João me trouaesse umas musicas...

N'isto a creada entregou, n'uma selva, um bilhete de visita. A baroneza leu alto: D. João de Mello.

Tingiu-se-lhe levemente a face e os olhos brilharam.

O medico levantou-se.

—Então douctor vae receitar?

—Se v. ex.ª o deseja, mas de viva voz.

—Então que hei-de fazer?

—É simples, e, apertando-lhe a mão, com um riso de velho amigo, intimo:—mande entrar esse senhor!

O rosto da baroneza encheu se de subito d'uma viva côr de rosa, que esmorecia emquanto o douctor cruzava, na porta, D. João que entrava.

Mendo.

A PROPOSITO DO "CORPUS CHRISTI"

Não podendo fornecer aos nossos leitores o desenho fiel da redusida e decadente procissão do Corpo de Deus, lembrámo-nos de lhes mostrar os passos mais interessantes da outra vulgar procissão, não menos curiosa, a do Corpo do Homem, atraves dos arruamentos da vida.

1 — O Natal.

2 — A lavagem moral. Vulgo: Baptismo.

3 — A infecção moral. Vulgo: Instrucção.

4 — A descasca do pécego.

5 — O gargarejo.

6 — A...

Consequencias.

Homem ao mar!

Preparativos de viagem.

Epilogo!

A festa em honra do santo protector das batalhas tinha, antigamente, todo o apparato d'uma peça de grandioso *mise-en scène* e numerosa comparsaria.

Já de vespera Lisboa se paramentava de galas, tomava o seu banho aromatico, engrinaldava os seus cabellos, e, apenas o sol batia triumphante e victorioso nos pincaros das serranias em volta, a capital, alvoroçada, saia para a rua, contente e feliz, n'um reboliço enorme de risos e alegrias.

Vinham de longe hymnos festivos, toques de corneta, rufos de tambores e, a pouco e pouco, iam apparecendo os regimentos de barretinas empenachadas, cinturões burnidos e armas scintillantes, seguindo entre os magotes do povu madrugador, que ia vel-os reunir sob os arvoredos melancholicos do amigo passeio publico. Garboso tambor-mór, manobrando, agilmente, entre os dedos, o seu grosso bastão, entretinha a turba curiosa que se acercava e sómente se afastava para dar passagem aos velhos generaes emplumados, reluzentes de condecorações e grã-cruzes, que iam passar as tropas em revista.

A esse tempo S. Jorge montava já o seu rocinante, trajando pomposas vestes e vistoso chapeu de pedrarias, aprumando-se, como qualquer *sportman*, sobre o dorso do fogoso animal coberto de rico xairel e dourados jaezes. Nas baterias troavam os canhões e a multidão corria, pressurosa, d'um para outro lado, em procura d'um ponto d'onde visse bem o cortejo.

A cathedral dirigiam-se os magnates nas suas luxuosas equipageos e nos balcões, emmoldurados de colchas e damascos, appareciam graciosas figuras de mulheres envoltas em *toilettes* frescas de verão, debruçadas para os seus namorados garridos que estraisvam, n'esse dia, as suas calças e collates brancos, passados cuidadosamente a ferro.

No topo da calçada já se divisavam as farpellas escarlates dos pretinhos e o som dos seus pifanos e tambores destacava-se no meio d'aquelle borburinho de vozes. Apoz caminhava, vagarosamente, o prestito do Santo, o seu pagem de loiros cabellos annellados, o homem de ferro, dentro de pesadas armaduras, os cavallos da real casa de coberturas bordadas; depois um sem numero de irmandades de cruz alçada, sacerdotes de rostos escanhoados, passeando, vaidosamente, os seus priorados felizes, emquanto outros serviam aos olhares curiosos, em almofadas de velludo, as mitras crivadas de rubis e esmeraldas; as basilicas altivas davam realce ao quadro scenographico e logo em seguida passava docemente o pallio desdobrado sobre a cabeça patriarchal, empunhando as varas os grandes do reino, os moços fidalgos e grã-cruzes, os commendadores da Conceição com os seus mantos de gaze, o monarcha, rodeado dos seus g-ntishomens; caiam das varandas punhados de flôres, ao mesmo tempo que a soldadesca inclinava armas e o povo se descobria respeitoso e solemne

D'essa festa ruidosa vive hoje, apenas, um pallido reflexo. Lisboa dorme, tranquillamente, a sua madrugada e não corre, com o mesmo enthusiasmo, a ver o Santo, que vae perdendo os admiradores dos seus milagres da mesma forma porque vae perdendo as pedrarias do seu chapeu. O cortejo vem mais pobre e passa envergonhado pelo largo quasi deserto e desguarnecido de pompas.

Ao contrario da nossa visinha, a Hespanha, que mantém nas suas tradicções, a pittoresca originalidade dos seus costumes, nos vamos acabando com tudo—desde as touradas até ás procissões...

Moura Cabral.

A experiencia do vapor «Ambaca»

A direcção da «Empreza nacional de navegação para a Africa Portugueza» teve a amabilidade de nos convidar para assistirmos á experiencia do primeiro dos seus novos vapores, a qual se realisou no dia 15 do corrente. Era meio dia quando entrámos no novo barco, que se balouçava gentilmente em meio do nosso formoso Tejo, possuido certamente do mais legitimo orgulho por sustentar no seu dorso um tão imponente e garboso vapor, no tope de cujo mastro tremulava o pavilhão portuguez.

Os nossos collegas da imprensa diaria já se encarregaram de descrever publicamente, e com a mais completa minuciosidade que póde inspirar uma boa e cuidadosa *reportage*, todos os detalhes do novo barco, desde o seu comprimento e largura até.. ás pollegadas que tem cada uma das manivelas. Por isso nos dispensamos d'esse encargo, por demais fastidioso.

A nós só nos resta, pois, agradecer o delicado convite, affirmando que passámos umas quatro horas adoravelmente, que comemos e bebemos com um delicioso appetite, e que nos retirámos com uma grande saudade.

Na primeira pagina d'este numero, o nosso illustrador exhibe todas as impressões que lhe deixou o esplendido passeio fluvial. Para ella enviamos os nossos leitores, certos de que sempre aproveitarão melhor o seu tempo.

Amorosas.—Um volume de contos proprios da estação que decorre. A sua frescura, a par da elegancia da prosa, fizeram-nos passar agradavelmente algumas horas do calor. É um livro recommendavel, que tem tanto de aperitivo como de refrescante. A *Rabelais*, o elegante contista auctor do volume agradecemos o exemplar com que nos brindou.

EXPOSIÇÃO DE GYMNASTICA

Realisou-se, no domingo ultimo, a exposição de gymnastica ne Escole Academice, o magnifico e afamado collegio, dirigido pelo sr. commandador Antonio Florencio dos Santos. Os trabalhos dos alumnos foram deliciossmenta executados e o agrado dos espectadoras demonstrou se amplamente em successivas salvas de palmas. A gymnastica, elemento indispensavel da educação moderna, tem n'este collegio, desde longos annos, um cultivo esmerado e distinctos cultores. No nosso tempo de alumno lembra-nos de conhecer alli gymnastas, como nunca encontrámos oos mais afamados que tem visitado a capital. Os mais difficeis exercicios eram executados com oma facilidade e naturalidade inexcediveis. O desenvolvimento physico dos alumnos percebia-se com extraordidaria rapidez depois de poucos mezes de exercicios, justificando plenamente a influencia decisiva sobre a organisação. E' talvez d'esta educacão moderna perfeitamente dirigida que a Escola Academica conta entra os seus alumnos homens das mais elevadas posições sociaes. Como quer que seja, é indiscutivel que asta Escola é o primeiro estabelecimento de educação em Lisboa, honra que cabe indiscutivalmente ao seu digno director. Assistiu nos exercicios o ex.mo sr. José Luciano de Castro que não poupou elogios aos alumnos, ao professor a ainda á ordem e ao acaio da escola, que visitou. Nós dirigimos a nossa felicitação maiss incera ao sr. commendador Santos.

Jntimo

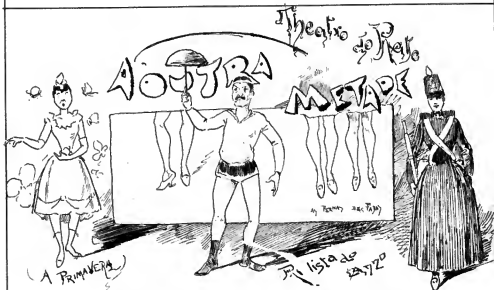
Eu antes queria vêr te, ó minhe amada,
Deitada n'um caixão, amortecida,
Tua face morena desmaiada
Teu coração parado, sem ter vide,

Do que te queria vèr, rola adorada,
Rola do ceu d'algum pombel fugida,
Pelo braço d'alguem ir amperada
Que não fosse eu, creença estremecida.

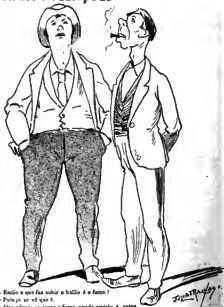
Eu antes querie ver e tua alme
Voando no azul serena e calma
A demaoder o luminoso ceu,

Do que saber que tu me desprezavas
Que o meu amor, o meu amor trocavas
Por outro amor que já não fosse o meu.

ANTONIO DE LEMOS.

Este soneto, incorrecto como é, denuncia um poeta. Tão amaveis e modestas foram es palavras que o auctor nos enviou, que não podemos deixar de lhe mostrar que o apreciamos publicando-o. Que lhe sirva de incitamento ao trabalho e que progrida, eis o que sinceramente lhe desejamos.

Subiu á scena no popular theatro do Rato, sob o picaresco titulo de — *A Outra Metade* — uma revista dos acontecimentos do primeiro semestre do corrente anno. E' seu auctor o sr. Ludgero Vianna, já bastante conhecido por este genero de litteratura dramatica, de um sabôr muito agradavel ás platéas populares. A sua nova revista não desmerece em nada com relação ás anteriores; antes lhes sobresa e vantajosamente. Pena é que ella não encontrasse melhores interpretes para a sua peça, que está posta em scena com bastante apparato e contém bellos trabalhos do scenographo E. Reis.

A PROPOSITO DAS ULTIMAS ASCENÇÕES

O amor das mulheres.—Muito brilho, muita graça .. clak... foi-se!

— Então o que faz subir o balão é o fumo?
— Pois já se vê que é.
— Ora adeus, se fosse o fumo, aonde estaria a estas horas a minha chaminé.

SENORITA D. MARIA MONTES

A *Comedia Portugueza* presta hoje, n'este logar de honra, a homenagem devida á gentillissima cantora D Maria Montes, que debutou hontem no *Real Coliseu de Lisboa*, e que é considerada actualmente em toda a Hespanha como a *primeira tiple de zarzuella comica*, e como tal consagrada pelo publico e pela imprensa da nossa *salerosa* visinha A empreza do *Real Coliseu de Lisboa*, fazendo acquisição d'esta graciosa cantora, e da excellente companhia a que ella vem aggregada, prestou um relevantissimo serviço ao publico da capital, proporcionando-lhe ensejo de passar deliciosamente algumas horas n'esse attrahente casa de espectaculos, unico refugio que nos resta para esquecer a [illegible] dos [illegible] de Lisboa, no verão.

Lithographia da Companhia Nacional Editora

Can-cans

Politiquemos um pouco.

Fallou-se ha tempos na construcção d'uma Avenida Aerea. Um estrangeiro propoz-se a fazel-a, e depositou trinta contos de réis. Não pedia nada a ninguem; pedia apenas a concessão, a licença de construir a obra mais extraordinaria, mais bella, mais arrojada, que Lisboa poderia ostentar desvanecidamente ao olhar do forasteiro.

Uma obra verdadeiramente phantastica pela grandeza que havia de imprimir á cidade, mercê das condições especiaes da collocação dos seus bairros, dependurados por montes fronteiros, n'uma grande elevação. A camara municipal de Lisboa arranjou maneira de collocar fóra de exito a magnifica obra do sr. Vardier; a proposta foi regeitada e para nos compensar do desgosto perante o desapontamento d'uma resolução tão censuravel, adubada com circumstancias de repugnantes commentarios, manda fazer as fontes monumentaes do Rocio, que nos consta serem d'uma belleza ultra saloia e vão estragar uma das praças melhores de Lisboa, que já hoje não prima pela grandeza, pela amplidão, pela exhuberancia do espaço.

A ponte Verdier foi pois condemnada, por influencias miseravis, por combinacões pouco sérias, como é fama. A cidade perdeu um dos seus grandes elementos de belleza, de attracção e de gosto. A camara sorriu; tinha conseguido privar nos d'um melhoramento.

Depois da ponte Verdier, a ponte sobre o Tejo. Projecto espantoso por arrojado, de beneficios incalculaveis, d'uma grandeza maravilhosa. Propoz-se a fazel-a o sr. Marquez d'Alex. Não pedia nada a ninguem; apenas a concessão, o favor de o deixarem construir, secundado por capitalistas estrangeiros das mais fortes casas de Amsterdam e Londres. Crêr-se-hia o governo de braços abertos, a proteger o marquez, a animal-o, a obrigal-o a dotar-nos com esse melhoramento da primeira ordem, a conseguir, de graça, um beneficio só realisavel á custa de milhares de contos de réis, eis senão quando apparece-nos a carta do sr. Marquez, a explicar-nos que não faz a ponte porque o governo não quiz. Todo o empenho, toda a boa vontade, todo o interesse d'este homem, morreu perante a má vontade, o desleixo, a criminosa incuria, para não dizer, a opposição criminosa do governo.

Como se justifica este abuso de poderes?

Que imaginam ser estas corporações dirigentes, que a seu talante se oppõem a todos os progressos de Lisboa, sem respeito pelas conveniencias e vantagens dos seus habitantes?

Que razões os levam a regeitar beneficios, para amparar syndicatos? Porque raciocinios concluem que as suas vontades individuaes, os seus caprichos, podem prevalecer, contra a vontade, contra os interesses da capital?

Porque se não fez a Avenida Aerea, porque se não faz agora a Ponte sobre o Tejo? Quem concede a inutil, perigosa, tôla e desastrada concessão do tunel do Rocio, bem podia olhar por mais serios interesses a justificar a sua justiça por mais elevantadas medidas. E o governo que tem vinculado o seu nome a tanta coisa escura e triste, bem podia vincular-o a alguma digna, grande, que mostrasse á luz do sol, differente da luz de relatorios e controversias parlamentares, que bem mereceu do paiz.

Nada d'isto porém tem importancia. Vamos ter fontes monumentaes, ao lado de travessas immundas e bairros inhabitaveis; regalam-nos com uma canalisação primitiva que infecta, olhemos para os fundos a 68 e curvemo-nos!

Só Deus é grande e Calino o seu propheta!

Lavanta-se, á ultima hora, uma campanha tremenda contra os nossos exames de instrucção secundaria.

Ao ver-se a intensidade do ataque crer-se-ha que as coisas marchavam maravilhosamente, até hoje, e que só agora por causa estranha, ou inesperada, esses disparatados concursos de sciencia degeneraram no ridiculo modo de ser em que de ha longos annos vivem, fornecendo diplomas, dispensando premios, creando reputações comicas, e amanuenses.

Pode suppor-se talvez que a ultima reforma — espantoso parto que teria deslumbrado os mais celebres pedagogistas, se elles tivessem a felicidade de ler o portuguez—seja talvez a causa d'este estado miseravel, atrazado, ridiculo, em que caminha o nosso systema de ensino secundario. Não; a reforma não produziu ainda os seus beneficos resultados. O Luthero da nossa instrucção espera ainda o fructo dos longos trabalhos de pensamento na cella estraita do seo cerebro. Oh! tão estreita!

De longos annos data esta miseria e não é difficil a ninguem, se quizer, reconhecer na instrucção, uma das grandes causas, senão a maior, da decadencia moral, tão rapida e tão desconsoladora da raça portugueza. Os sentimentos generosos, as idéas nobres e elevadas, o arrojo, a coragem, dotes com que se sabia outr'ora das escolas, hoje atrophiam-se pelos corredores e morrem nas secretarias. Envelhece-se nas cadeiras dos emphitheatros; e a hypocrisia, o servilismo, o empenho, a protecção escandalosa, a politica, até, vivem no meio academico, aquella bello meio d'antes tão generoso, tão fidalgo, tão distincto pela independencia, pela generosidade dos instinctos, pela irmandade das relações.

Em cada rapaz de hoje encontra-se um velho: cheio de cuidados, de conveniencias, de vistas de futuro, de egoismos.

No exemplo do laureado, por escandalo, elle perde a comprehensão da necessidade do estudo; na incompetencia do professor ella lê a dispensabilidade do merito, a negação do direito do trabalho, o rebaixamento do saber.

Todos os maus instinctos suppuram, oa consciencia da que e velhacaria, a dobiez, o servilismo, triumpham sempre.

A educação imperfeita, que lhe instiga morbidamente o espirito e lhe abandona o corpo, accorrenta-o n'um circulo miseravel de invejas, de ciumes, de despeitos. A necessidade, o egoismo, o interesse de subir atira-o aos caminhos tortuosos, que lhe garantem sem esforço nome e posição.

Entrado na vida publica hoje tem o rir do sceptico, que vence, em anthithese com o velho riso altivo, do corajoso que desafiava a vida.

N'esta podridão, o talento esconde-se, amaneira-se, e, ou se retrahe, ou se lança na especulação sem pudôres, sem receios, sem attenções, sem dignidade.

Onde o talento e o merito são amesquinhados decahem, fatalmente, todos os bons sentimentos, para dar logar á lucta mesquinha, secreta, a lucta que eleva pela sombra, pela intriga, pela cobardia, pelas paixões ruins transformadas em armas de combate.

A escola portugueza pollue, definha todos os bons sentimentos, que existem em negro no coração dos rapazes, e prepara assim a multidão de egoistas, de gastos, de cynicos que occupam as cadeiras do parlamento, as cadeiras da magistratura, os mais altos logares do Estado, os mais rendosos, os da mais responsabilidade.

Quem ha ahi capaz de negar estas verdades? Só a escola, sobria, seria, com um fim definido, uma orientação clara e simples, em relação a cada mister, a cada officio, a cada carreira; só a escola moderna, educando em harmonia com as modernas conquistas relativas á biologia, em todos os seus

ramos, poderia fazer d'um rapaz, d'um espirito que procura um caminho, que tateia a vida, um homem, preparando-lha o corpo para a lucta phisica e armando-lhe o espirito na solida couraça dos principios indeclineveis da honra.

O que faz a escola portugueza, atrazada, rotineira, cheia de prejuizos, de compendios burlescos, de theorias velhas, de professôres incompetentes? Como educa? Porque exemplos moralisa? Com que independencia ensina a dignidade? Com que força impõe o respeito, preconisa a ordem?

Quem não conhece um rapaz que acabou o curso dos lyceus? Que sabe elle? Definições papagueiadas, e o'esse caso é um premiado, ou nem estas sabe e n'este caso é um cretino. Do mundo em geral, das sciencias naturaes, da biologia, de si proprio, que idéas possue? Se algumas tem são d'um comico tal que provocam o riso.

Nenhum alumno, no final do curso d'um lyceu, sabe o que é um nervo, nem o que é um musculo. Se viu um osso é porque o encontrou pela rua esburgado pelos cães vadios.

Tenho ouvido a homens formados, nas mais elevadas posições sociaes, dizer d'uma carne cheia de cartilagens: — esta carne é muito nervosa! Ouva-se todos os dias.

A ignorencia d'uma banalidade scientifica causa arrepios. Sahe-se do lyceu sem se saber fallar nem escrever qualquer lingua, incluindo a propria, a nossa. Que ensina então a escola?

Nos cursos superiores vê-se todos os dias a necessidade de corrigir os conhecimentos do ensino secundario, por tolos ou falsos. O mal é pois do Lyceu, da Escola.

Faça-se o ensino livre. Monopolisar o ensino é um crime. E' querer egualar todas as intelligencias a aptidões, é crear o despotismo da intelligencia e da boa vontade.

Mas veja-se primeiro o paiz e as suas exigencias. Criem-se as escolas proprias para esse povo, e deixemo-nos de arremedar reformas simplesmente porque vêm d'aqui ou d'acolá.

Reforme-se o ensino completamente; adquiram-se os homens competentes, e este miseravel estado decahirá, e acabarão de vez estes comicos exames em que não se examina coisa alguma e não ser as cartas d'empenho, as sympathias e as dependencias.

Crie se a honestidade no Ensino.

Diminuirão os tolos formados, havará mais justiça, menos bachareis e mais homens.

AS CHAVES DO CÉU

OS ESCOLHIDOS

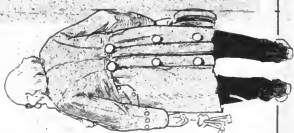
Filho do abbade Constantino.

Entre... se cabe.

Entra, mulher, porque muito amaste.

Bemaventurados os que teem fome porque elles serão fartos.

Um nome trazia a aura,
Que o meu ouvido escutava:
O' Laura, ó Laura, ó Laura!

O ultimo prazer..

AS CRIANÇAS

Eu não sei qua vide dão, em Lisboa, ás crianças durante uma semana inteira, am que, se percorrermos todos os jardins, não encontramos um unico d'esses grupos, salteodo, doudejante e alegre, os cabellos soltos ao vento, as pernas quasi nuas, os fatos ligeirameote cingidos, gosando um pouco de bom ar, uma oesga de bom sol.

Nós que andamos sempre a copiar Paris e nos praoccupamos, todos os dias, com a côr que a moda decretou para os seus vestidos, com o córte que adoptou para as suas casacas, com a phraseologia dos seus *clubmen* e das suas *cocottes*, com as historietas dos seus *boulevards* e dos seus cafés, que indagamos, emfim, com uma curiosidade de senhoras visinhas, tudo que se segrede na formosa capital, mantemos uma absoluta indifferença por muitas coisas que ella tem de bom e de util e que nós, exactamente, deveriamos imitar de preferancia.

E' vêr a differença anorme entre os nossos jardins da Escola, da Patriarchal, da Estrella e os mais insignificantes *squares* da grande cidade. Emquanto os nossos estão, completamente, desertos, lá fóra echoam nos ares os trinados festivos da centeoas de crianças, de faces avermelhadas, largos sorrisos descerrando lhes os labios, fraternisando as suas alegrias, e, aqui, formam uma cadeia graciosa n'um rodopio incessante, ali correm ao desafio com os arcos e as pélas, emquanto uns se exercitam nos saltos de corda a outros em trapesios e baloiços. Collegios de rapazes e raparigas vão ali passar as duas horas de recreio, aprendendo, ao mesmo tempo, com os seus mentores, a conhecerem as arvores, os arbustos, as flores... E emquanto esse mundo solta as suas gargalhadas ao vento, em convivio com as aves e com as rosas, as mães e as *bonnes*, que levaram os seus bancos de tapete e os seus cestos de trabalho, lêem, bordam, costuram, até que chegue a hora de partida para o jantar.

•

Em Lisboa, onde o sol tem prodigalidades qua não sabemos aproveitar, as coisas passam-se bem differaotemente.

As crianças sáem ao domingo, que é o dia do estylo... Durante os outros dias vivem nos corredores e cubiculos das suas casarias, quasi todâs desconfortaveis, sem pateos, nem terraços, quando muito com acanhadas varandas.

N'esse dia faustoso, unicameote, é permittido á infancia gosar brisas e aromas, saborear um pouco de musica, depois da ter saboraado um pouco de missa. N'esse dia, de meias limpas e barbas escanhoadas, os papás levam os meninos a passear, de mãos dadas; nada de correrias, de saltos, de gaiatices... Estão vestidinhos de lavado, observam. Crianças de sete a oito annos teem já aras de pequeninos conselheiros, physionomias solemnes, luvas e beogala, chapeus enterrados até á nuca, cabellos alisados a cosmeticos. Sentam-se nos bancos, o papá d'um lado, a mamã do outro e o menino ao meio, de cara alvar, ouvindo a critica que os dois estabelecem sobre o cavalheiro ou a dama que passa. Outros, os de quatro e cinco annos, arrastam-se, difficilmente, eotre saiotes engommados com bordaduras teitas pela mana mais velha, largos chapeus de ramos floridos, laçarotes enormes pendentes á cintura, cabellos frisados, em caracoes, a leque de varetas de marfim, agitando-se, docemente, na dextra.

A unica extravagancia, que lhes é permittida, é servirem de anjinhos no Nosso Pai da freguezia, de fórma que, quando chegam á idade da jaleca, resumem o seu ideal em empunherem a vara d'um cereal e ladearem um pallio.

E passam os domingos, egualmente, sentadinhos nos bancos, porque, se vão correr, lá se lhes amarrotem os engommados e desmancham se-lhes os frisados... Quando muito vão com o papá á beira dos lagos, onde o austero ancião mergulha e bengala para faser nadar os peixinhos vermelhos. Então o pequeno, que está ancioso de qualquer cousa que o divirta, alegra-se, interrompe as investigações e que procede com os seus dedinhos no nariz, bate as palmas delirante e pede para que se repita e graciosa distracção.

Se não estiverem quietos, não tornam a sair, murmoram-lhe aos ouvidos os ditosos casaes, que os fabricaram em cálida noite de nupcias. E elles obedecem, receiosos, timidos, acobados, entre os elogios das pessoas conhecidas que os consideram muito bem educadinhos, com muito proposito, dignos de alguns pasteis, que constituem a recompensa do seu bom procedimento. Uma especie de habito de Aviz... desfeito em nate.

•

E' sobretudo na sociedade burgueza, toda alla de sedas pretenciosas, ares aristocraticos, copiando figurinos caprichosos, em que mais se nota esta maneira de cultivar os fructos dos matrimonios felizes. Preoccupada no meio d'esta febre de luxo, de ouro, de grandeza, em egular herões e heroinas em voga, de attingir as sociedades mais elevadas, de o'ellas entrar e pavonear-se, deixam perder umas certas regalias e vão sacrificando, n'essa luta, os proprios filhos.

E emquanto as crianças, victimas dos preconceitos, aguardam, tranquillamente, o domingo, para aspirarem os perfumes das olaias em flôr, eu vejo, todas as tardes, pelo espeço, baterem as suas azas os bandos de aves, chilreando, alegremente as suas festivas canções de amor.

C. de Moura Cabral.

A ALMA DO POVO

Que o povo tem alma, é muito rasoavel de suppôr; e que essa alma seja mais ou menos explorada, como é o corpo, tambem parece que não chega a ser nenhuma desconfiança temeraria.

Mas que a dita alma tenha contribuido como *elemento novo e tonificante* para se revigorarem outras almas *cansadas* de pensar e de coguar *incansavelmente* no mysterio tenebroso e insondavel das cousas creadas, é essa um ponto que reste a escabichar, para sabermos quaes são as almas *cansadas* que excogitam *incansavelmente*, e que, por fim, se vão banhar na alma do povo, como quem mergulha n'uma tina.

Estas reflexões nasceram de certo conceito, que, ha pouco, esmaltou um escripto peregrino de uma peregrina intelligencia; e n'elle se diz, — que, os maiores espiritos da humanidade que tem dado o supra referido mergulho tonificante, podem marcar-se, tendo por balisas, Platão até Gœthe, e Gœthe até Renan.

Adoramos o talento, sobretudo quando elle resalta de um fundo de sapiencia indiscutivel, assim á maneira de uma flôr da missanga, repinchando sobre um fundo de talegarça authentica.

De Platão a Gœthe, como quem diz, muito mais de dois mil annos; de Gœthe a Renan, como quem diz, de sabbado para domingo.

Este trabalho, considerado sob o ponto de vista de balisagem, quer-nos parecer de uma equidistancia perfeita.

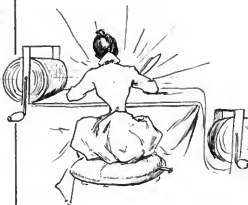
E' quasi que o imperio chinez, tendo como arrabalde o bêco da Linheira!

Agora, — como excavação d'arte ou sciencia, — vamos lá a saber: — onde foi que o divino Platão escarafunchou na alma do povo? — Foi na *Republica*, no *Banquete* ou no *Criton*?

Onde foi que o sublime Gœthe, esse *genio aristocratico*, segundo a expressão da Blaze de Bury, pedio subsidio ao grande collaborador anonymo? — Foi no *Werther* ou no *Fausto*, o *evangelho do pantheismo ideal*, apezar de ter a sua filiação na lenda?

Onde foi que o encantador Renan colheu em flagrante a singelesa da plebe? Foi nas *Origens do Christianismo* ou na *Historia geral das linguas semiticas*?

Valha-nos Deus, pela sua infinita misericordia!...

Platão, Gœthe e Renan são tres nomes que brilhem na historia do espirito humano, como astros de primeira grandeza; mas não é licito que uma pessoa qualquer lhes deite mão profana, assim como quem pega n'um castiçal, para ir á escada alumiar as visitas.

Hypnotismo.—Dizem os jornaes americanos que a esposa do celebre hypnotisador Bishop Irving, declarou que seu marido não morreu de morte natural, mas sim morto pelos seus medicos, que lhe fizeram a autopsia quando elle estava cataleptico.

E' assim que os tres medicos Ervin, Fergerson e Larce prestaram a fiança de doze mil francos.

Curiosa a America, que leva o empenho das descobertas a abrir os craneos dos catalepticos. Não se conheça ainda o resultado da autopsia; mas se por cá o amor da sciencia nos levasse a abrir os cerebros cuja constituição se nos afigurasse curiosa e houvessem tres medicos que se prestassem á vivessecção, de ha muito que não teriamos um unico em liberdade para nos tratar um simples defluxo. E se estivessem livres, á força de fianças... tinham morrido á fome.

Deliciosa festa na quinta de Paulo Plantier, em Almada, na noite de S. João. Raparigas encantadoras a rapazes não menos encantadores (estávamos nós lá...); luzes e quadrilhas, flores e valsas, um animado *cotillon* e uma ceia ainda mais aoimada, regada pela fina ambrosia das adegas do Pombal. . Emfim, festas d'esta ordem oão se commeotam: registam se e gozam-se apenas.

A PROCISSÃO DE JESUS

Sabe se perfeitamente que, outr'ora, nos bons tempos de crença e de fé, as procissões eram um estimulo religioso, uma exhibição cheia encantos misticos, de suggestões amoraveis de amor divino, propaganda seductora a favor d'uma religião que se alimentava do sobrenatural, da poesia dos seus dogmas e lendas, depois de ter deixado a razão crudelissima das fogueiras e dos pótros.

Comprehendo que no perpassar das imagens, entre hymnos festivos, é luz do bom sol peninsular, a alma da multidão confundisse a alegria da terra, o descanço do dia santo, e a bondade divina das figuras dos santos, e amalgamasse no intimo, as desventuras passageiras da terra com as bemaventuranças eternas do céu.

Comprehendo ainda que a riqueza do culto externo, a imponencia dos hymnos sagrados entoados em linguagem mysteriosa, a incorporação dos grandes da terra nos cortejos divinos, impressionasse o espirito rude do povo e o accorrentasse, eterna creança, atraz d'uma miragem naturalmente affagada — a felicidade suprema em troca d'um amor e d'um respeito que do berço lhe haviam ensinado a sentir.

Nos tempos da crença, — hoje não.

O Culto Externo

Uma procissão é hoje um espectaculo como qualquer outro, onde o povo vae por se divertir, sem sombra de respeito sem uma idéa de prece, de oração, de adoração intima.

Nada o leva alli a não ser a curiosidade, e d'ahi o desrespeito do porte, o picante do commentario. Tudo o que o olhar do crente veria com respeito, antepõe se-lhe como motivo de satyra.

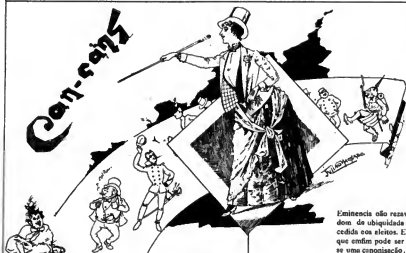
A procissão de Jesus, morta ha quatorze annos podia muito bem não resuscitar a semana passada.

O que ganhou com ella, a religião, a egreja? Coisa alguma.

Naturalmente perdeu. O logar dos santos é nos altares: a rua é para a vida, para o trabalho, para a lucta dos homens.

Orar na rua será o mesmo que mercadejar no templo.

Deixem em paz os mortos: na contradança da vida, quando se confundem os logares, a voz do bom senso grita como um Justino qualquer: —*chacun à sa place* E' o que ha a fazer

Lithographia da Companhia Nacional Editora

A chegade de Sua Eminencia, o Cardeel Petriarcha, e esta sue sempre fiel cidade de Lisboa, produziu em nossos espiritos um grande bem.

Houva em nossos corações repiques de festa, alleluias d'envolte com hossaoas, muita elegria, e, como dizie sempre que pregeva em panegirico de qualquer sente, aquelle louro missionerio irlandez, de Caparica, muite graçe e muite consolação.

Sua Eminencia que tinha sahido d'entre nós com os braços inteiros, conseguiu, mercê de Deus e dos medicos hespanhoes, entrar no nosso seio com os respectivos membros apprahensôres, capezes de desempenhar es funcções que o nome, ha tempo tão felizmente espalhedo por um jornal, sufficientemente indica. Sue Eminancia não chegou dasasado, como ere de esparar palas horrificas noticias espalhadas pelos periodicos; não, o nosso prelado ostanta-se em S. Vicente, escorraito como os saus antecessores, tendo e mais do qoe elles uma apotheose. Um patriercha com uma epotheose, entre nós, é caso bestanta significativo.

A viagem e a chegada da Sue Eminencia, inda que ninguem lhe recusou, que au saiba, coisa alguma ao entrar na Sé, dave um Hyssoppe, se houvesse elli algum Diniz capaz de o fabricar.

Senão veja-se: Noticiem os jornaes qoe Sue Eminencie chega a Rome, que tem ás suas ordens o cardeal de tel e que o Leão XII fôra o mais emavel que um papa pode ser com um cerdeal, porqua lha dissera, batando lhe uma palmadinhe no hombro: caro José, —como vai e catholica, o nosso amigo Barros Gomes e a ortographia?

Esta traza de sua Santidade demonstrave realmanta muita bemquerença e muita fraternidade.

De subito, porem, sabe-se que não asteva tal em Roma D. José, mas sim em terras de Hespanha, entre boleros a fandangos e mettido no fandango de entregar á cirurgia eodaluza um braço partido, em dois sitios.

Como demonio D. José, mutilado em terras de Cid, apparece escorreito em Roma, antes de lá chegar?

De Santo Antonio conhecemos proezas parecidas; de sue Eminencia oão rezave sté hoje e fama, o dom da ubiquidada sobrenatural, só concedida eos aleitos. E' bom registar o facto, que emfim pode ser pracizo, mais tarde se uma canonisação... — não sejamos indiscretos.

Melhora, oo entanto, Sua Emioencia e os arautos dizem que regressa aos penates. Porqua? Porque não segua D. José para Roma como tencionava?

Acaso a virola ossea que eperte os topos d'uma fractura consolidada podia prohibir a Sua Eminancia o apertar em seus braços o represantente de Christo? Que horriveis mysterios se passariam ne cerreire da Sua Eminencia, que fundas luctas, que tectricos pensares, para o resolver a voltar es costas á cidade aterna a e frente para a cidade de Ulysses!

Mysterios são estes que so outro grande patriarche poderá resolver, porqua assim como para traduzir um grande poeta se requer um outro grande poeta, para traduzir, em vulgar, uma Eminencia só outra Eminencia maior.

Ora dizem as más linguas que o nosso prelado ia e Roma entregar chapeu e borlas, nas mãos do Papa, por ordem do nuncio. No caminho errependeu-se, ou o fizaram arrepender, e d'ahi, pera oão chegar a Roma, teve de quebrar um braço em dois sitios! Que barbaridade!

Dizem outros que não quebrou coisa nenhuma, outros einde — oh! os malavolos — que não foi elle qne quebrou o braço ao sahir de carruagam, mas que lh'o quebrarem.

Vão lá saber a vardade. O que é facto é que e quebradella do braço justificave a recepção triumphal e punha de cara á bande o nuncio A recepção fez-se, e para justificar boatos e affirmações, o nuncio não poz lá os pés.

Podem commentar.

Digam-nos agora se uma manifestação de tal ordem feita a um cardeal que ande ás ordens d'um nuncio, a achar-se em Roma sem lá estar, a quebrar braços, naturalmente com tanta verdade como a de estar em Roma, não precisava d'um cantor? As viagens de Filippe 2.º de Hespanha, cantadas pelo filho, valeram-lhe, a este, uma morte infame.

Bellos tempos aquelles! Hoje não ha perigo. Se ha ahi alguem que se sinta com força de ironia para cantar as viagens de D. José, que o faça. O assumpto é delicioso e o heroe está para o portuguez, como aquelle outro padre no jardim dos Capuchos, para o francez dos lettreiros.

Que petisco!

O principe da Egreja chega e tem as honras devidas ao seu alto estado. Cavallaria, cochs, descargas.

É esperado por um batalhão formidavel: todo o clero, desde o negro e modesto presbytero dos arredores, ao roxo beneficiado, ao orgulhoso conego de cauda ampla e luzidia faceira.

Porque tanto afan e tanto empenho?

Não consta que lá fóra Sua Emminencia tenha prégado aos herejes e aos gentios e convertido á fé os infieis de Hespanha!

Não se sabe que espalhasse pela gloriosa viagem como um Rhodano da Eloquencia, um S. Thomas, a palavra de Deus!

Não consta que audaz e gigante como Veuillot, a sua penna de ferro e diamante tenha escalpelizado, n'uma força epica d'uma convicção herculea, as theorias herecticas de sciencia, o mundo moderno, os homens e as coisas!

Ninguem viu que, outro Bartholomeu, andasse pelas serras fragosas, levando diante de si, no albardão, os pastoresitos tiritantes de frio, nos corregos gelados, simples pastor d'ovelhas levando á choça humilde, o amor, a consolação, e paz do Senhor!

Oh! ninguem!

Entre nós, o glorificado prelado tem-se distinguido pela impotencia absoluta de se fazer ouvir, na curia romana, nas mais graves questões religiosas internacionaes, por pretender excluir Herculano do claustro dos Jeronymos, e pela medida assombrosa no alcance moral, de prohibir ás mulheres o cantarem nas Egrejas.

Por qual d'estes grandes factos se impressionou, d'esta vez, o clero de Lisboa, para realizar tão grandiosa recepção?

Que idéa, que força, amocionou tão profundamente o espirito do clero, que o accorrentou sollicito do *viva* profano da *gare*, ao *Te-Deum* mystico da Sé?

Os jornaes deram a noticia da reunião, em S. Vicente, dada por Sua Emminencia o Cardeal de Lisboa.

A exemplo d'aquella *soirée* com que o sr. Beirão brindou os congressistas hespanhoes, só havia homens nos salões dos paços patriarchaes.

Assim houve a exclusão do bello sexo; e d'ahi vaio que os *reporters* não contaram quem tinha rompido o baile, na contradança d'honra, concluindo-se muito naturalmente que o não houve.

No entanto ali comprehende-se o sarau exclusivamente masculino. A' maioria dos convidados não se poderia perguntar, (sem malicia):—que é de outra metade?—porque em lei a não pódem ter.

O que se sabe é que os convidados se retiraram penhoradissimos com a amabilidade do dono da casa.

Não podia deixar de ser.

On s'enlace,
Puis un jour
On s'en lasse—
C'est l'amour.

O olhar.—O primeiro *billet doux* dos namorados. Um olho arregalado constitue, por si só, uma declaração d'amor.

O annuncio amoroso.—«Vel-o e amal-o foi obra d'um momento. Diga, menino, se de mim gosta, que eu fico, anciosa, á espera da resposta. X. Y. Z.»

A primeira carta.—Vestido em grande gala, de charuto e boquilha, mostra-lhe, a furto, a sua missiva:
«... dá uma esperança áquelle que é e será sempre o teu
amanuense dos telephones
Ventura da Natividade

O gargarejo.—Tu estás lá?
—Eu estou.
—Tu tambem estás?...
Oh!..

O bouquet. — *Foi comprado na praça da Figueira. Saudades não me esqueças, alecrim, amores-perfeitos...*
Um bouquet que vale um poema e custou oito vintens. Muito barato e muito eloquente.

O primeiro encontro.—*Ella*—Que ventura, sr. Ventura. .
Elle—Este baile é... o dia mais feliz da minha vida.

O primeiro beijo.—Um beijo na face pede-se e dá-se...

Ao loto.—*Elle*—Infeliz ao jogo, feliz nos amores...
Ella—Já tenho um terno... mas não me piscs o pé porque estou de bota branca.

A vespera.—O enxoval da menina, o banho para a menina, os conselhos á menina... E o conselheiro Acacio aproximando-se da noiva diz-lhe docemente:
Hoje *mademoiselle*... amanhã *madame!*

CONCLUE NA ULTIMA PAGINA

A PARIS! A PARIS!

artazes amarellos, desdobrados pelas esquinas, annunciam viagens a Paris por cinco libras—ida e volta. Uma tentação, meus senhores, uma verdadeira teotação.

Porque — o que quer dizer a massada de uma segunda classe no meio de tantas massadas que soffremos oa vida?..

E não somos, quasi todos nós, passageiros de segunda e terceira classe na travessia que fazemos por este valle de lagrimas, emquanto um pequeno numero se regala nos confortos deliciosos da primeira?

É por isso que eu os aconselho a que tomem as suas malas e mandem bater as suas tipoias pela rua dos Bacalhoeiros, que é o caminho a seguir para Paris... Deixem d'esta Lisboa tudo que ella tem de mais bello, desde a luz electrica da Avenida até á choreographia do Justino e vão gozar da grande cidade, tudo que ella possue de mais grandioso e de mais extravagante, desde a torre Eiffel, até ao can-can da Goulue.

Digam adeus ás auras do Tejo e ás meninas da baixa, aos capilés do Rocio e ás horisontaes do Colyseu, empacotai as vossas libras e os vossos apetites, envergai o vosso guarda pó e afinai o vosso francez, que a locomotiva assobia além no Caes dos Soldados, para vos transportar d'este cantinho pacato aos braços d'alguma *cocotte*... a preços reduzidos.

Abandonai o vosso compatriota que encontrardes nos *boulevards*, pavoneando se, feliz, de fita de Christo na lapella, a fingir a Legião de Honra, mirando se, envaidecido, nos seus sapatos de verniz, fallando das heroinas de mil francos que não gosou, nas princezas que nunca viu, nas ceias do Bignon que não comeu, achandor éles trepar á imperial d'um omnibus, á varanda do arco do Triumpho, ás torres da Notre-Dame, que não vae ao *Bois* senão de *remise*, que na opera só póde tomar um fauteuil de primeira fila e no circo só se apresenta de casaca para egualar os gommosos da terra, qua não subiu nunca as escadarias dos museus e prefere as Venus do Millo qualquer Venus das Montanhas russas, que vive, emfim, convencido de que Paris olha para elle, se occupa d'elle, o copia, o imita, o requesta; e ide, pacata eburguezmente, sem pretensões e sem ridiculos, fugido do *poseur* impertinente, vêr da grande capital da republica tudo que ella vos proporcionar no alcance da vossa bolsa.

Porque nada ha de mais pacovio do que o compatriota que, acostumado a fazer ruido no Chiado com umas luvas amarellas que vestiu e um monoculo petulante que assestou,

vae para Paris, disposto a fazer sensação na alameda das acacias, nas mesas do Tortoni, no balcão dos theatros... E' fugir d'elle, humilde passageiro de segunda classe, que não tendes a tonta aspiração de qoe Paris repare no feitio do vosso casaco e na côr do vosso chapeu e que vos sentis muito contente por ella não querer saber se jantais no bouillon Duval ou dormis n'um quarto andar de qualquer hotel desconhecido, que não quer saber o vosso nome, os vossos titulos, se vos corre nas veias o sangue azul dos aristocratas ou o sangue vermelho dos desherdados ..

Deixai em paz nababos e *rastaqoueres*, que vos fallam dos seus milhões, das costelletas quo roem nos restaurants afamados e das mulheres que os disfructam nas bocetas dos seus ninhos; deixai-os em paz e ide vêr a paysagem grandiosa d'uma cidade unica, que tem qualquer coisa de superior á vossa rua do Ouro que tanto amais.

Passageiro de segunda classe, vos sois um remediado, teodes o vosso *pot au feu* bem cuidado e o vosso fato bem limpinho; não andais em carros de gala e possuis um simples passe nos americanos; ides para as torrinhas em S. Carlos e não frequentais os bailes da côrte; é, pois, a vossa attenção que chamam equelles cartazes amarellos; agarrai na vossa mala e saltai de Lisboa a Paris, que a alegria do vosso espirito compensará largamente... a massada do vosso corpo.

C. DE MOURA CABRAL

Mysterio.

Dirigiam-se ao Paço na quarta feira passada o sr. José Luciano e o sr. Barjona de Freitas. Ignora-se o mysterioso designo dos dois. Sabe-se porém que o eixo da carruagem que conduzia o nobre presidente do conselho se partiu, não se podendo precizar se com o pezo de sua excellencia, se com o pezo da gloria, se com o pezo das responsabilidades.

Sua excellencia passou para a carruagem do sr. Brajona (e aqui podem ver os agourentos a indicação d'uma solução politica no futuro) mas o que é curioso é que o eixo do carro do sr. Barjona não quebrou com o pezo dos dois.

Ha a notar a quantidade de eixos quebrados com ministros progressistas n'estes ultimos tempos. E' o acaso a protestar, que andam fora dos eixos; como elles teimam em mostrar em publico, o contrario, os eixos reagem quebrando-se.

A força da verdade.

Trindade.—Continua em exploração, por conta dos actores, este elegante theatro, durante a presente estação. Espectaculos attrahentes e variados. Brevemente lá teremos a peça de grande espectaculo — *O Gato Preto* — de Augusto Garraio, que promette ser o acontecimento da época.

Rua dos Condes. — Depois de breve intervallo, voltou o hilariante *Tim Tim* a fazer as delicias dos espectadores, n'este popular theatrinho, onde o precioso trabalho da gentil Pepa é um irresistivel attractivo.

Na proxima segunda feira, 8 do corrente, teremos a festa do camaroteiro d'este theatro, o engraçado *Arroyo* da *Revista*. Deve ser uma noite de enchente.

A nova companhia de zarzuela comica chama todas as noites uma selecta concorrencia a esta aprazivel casa de espectaculos.

Maria Montes, a bella e graciosa *flamenca*, tem feito dar volta ao miolo a muitos dos *habitués* do Coliseu, tal é a fascinação do seu ardente olhar, da sua graça provocante, do seu talento formosissimo.

Secundada por alguns bons artistas, como Navarrête, Valero, Ripoll, etc.. faz com que o Coliseu seja hoje o ponto da reunião de toda a sociedade elegante.

N'esta administração compram-se todos os exemplares, em bom estado, dos n.os 1 e 2 da COMEDIA PORTUGUEZA, pelo preço de 200 réis cada um.

O AMOR

CONCLUSÃO

O dia do nó.—O papá pos a commenda, a mamã paramentou-se a capricho. Os noivos estão risonhos.
—Depois has de contar-me!...—segreda ao ouvido da noiva uma amiga do collegio.

A noite de nupcias. -*Enfin, seuls*... Passemos a diante.

Nove mezes depois:
Oh, papão vae-te embora
De cima d'esse telhado...

O bocejo.—Diante um do outro sentem-se saciados de amor.
Elle está farto de comer sempre do mesmo *menu*... E ella?...

O periodo da massada.—O nené chora. A mulher necessita de vestidos e de botes. As criadas são uma praga .. E nos telephones pagam tão mal!!!...

A nostalgia do celibato

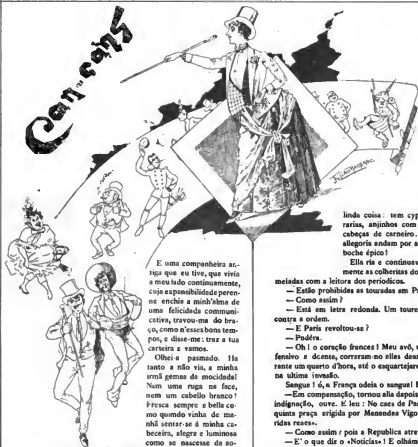
Para variar resolve'dar o seu *prémier coup de canif* no contracto de casamento... E n'um gabinete reservado do Silva vae saborear um pouco de Venus á hespanhola e de coelho á caçadora.

E são todos assim!...

M. C.

O ENCERRAMENTO DAS CÔRTES

—Então, Madama Angot, mandaram te afinal desarmar a tenda e fechar a bocca
—Não será por muito tempo.
Vejam vocês se me limpam bem essa immundicie em que aquelles senhores me deixaram a casa

Lithographia da Companhia Nacional Editora

É uma companheira antiga que eu tive, que vivia a meu lado continuamente, cuja expansibilidade perene enchia a minh'alma de uma felicidade communicativa, travou-me do braço, como n'esses bons tempos, e disse-me: traz a tua carteira e vamos.

Olhei-a pasmado. Ha tanto a não via, a minha irmã gemea da mocidade! Nem uma ruga na face, nem um cabello branco! Fresca sempre e bella como quando vinha de manhã sentar-se á minha cabeceira, alegre e luminosa como se nascesse da aurora, ao calor dos primeiros raios do sol.

E puz-me a abraçal-a longamente, a beijal-a muito, na boquita escarlate, cheia de risos coados pelos dentes de perolas, como um esfaimado que encontra um prato de caldo, ou um cégo que revê ao fim de mezes de escuridão um rosto amado.

— Oh minha amiga, minha boa amiga, que boa idéa tivaste em me procurar. E puz o meu chapeu de côco e sahimos pela cidade. Fazia um calôr insuportavel.

— Ainda gostas de carapinhadas? disse-lhe eu.

E fomos para o Martinho. Tem tanta graça a tomar uma carapinhada. V. Ex.ª não imagina os engraçados rofêgos com que contrahe os labios para avitar que o liquido gelado lhe toque os dentitos brancos.

E começamos a conversar e vieram os jornaes.

De subito reparou na estação de pedra molle.

— Que cathedral é esta?

— Não é uma cathedral, é uma futura estação do caminho de ferro.

— Foi então para esta obra que mandaram vir canteiros de Paris?

— Decerto. Tu bem sabes que os não temos que prestem nem nunca tivemos.

Os Jeronymos, a Batalha, a Torre de Belem, Alcobaça, tudo o que temos para ahi de algum valor artistico, fizeram-o'o os estrangeiros, os francezes, os russos, os abyssinios. Nós? nós fizemos a palmatoria de S. Roque e o cemiterio aereo que encima o bello palacio estropiado dos Castello Melhor. Já reparaste? que linda coisa: tem cyprestes, urnas funerarias, anjinhos com taças de ambrozia, cabeças de carneiro... a mythologia e a allegoria andam por alli á solta n'um deboche épico!

Ella ria e continuava a sorver gulosamente as colheritas do refrigerante, entermeiadas com a leitora dos periodicos.

— Estão prohibidas as touradas em Paris?

— Como assim?

— Está em letra redonda. Um toureiro matou um touro contra a ordem.

— E Paris revoltou-se?

— Podéra.

— Oh! o coração francez! Meu avô, um pobre velho inofensivo e doente, correram-no elles deante dos cavallos durante um quarto d'hora, até o esquartejarem com as espadas, na ultima invasão.

Sangue! ó, a França odeia o sangue! Bem feito.

—Em compensação, tornou ella depois da minha rajada de indignação, ouve. E leu: No caes de Passy construe-se uma quinta praça erigida por Menendes Vigo e alli se darão corridas reaes».

— Como assim? pois a Republica atrever-se-ha...

— E' o que diz o «Noticias»! E olhámos um para o outro desconfiados... a rir. Não, lá isso, francamente, collega, é preciso aaplicar.

E entrámos pelo High-Life, onde se nos deparoo que João de Deus ia para a Trafaria. E um jornal lhe chamava: mimoso poeta; e um segundo: mavioso; e um terceiro: delicioso, e um quarto: grande.

E' preciso notar que qualquer poeta d'hoje não está livre de apanhar o titulo de: eminante, ou de: primeiro poeta, se fôr apanhado com intenções de tomar banhos em Pedrouços ou na Margueira. João de Deus, o primeiro poeta portuguez contemporaneo, sem contestação plausivel, obtem da imprensa os titulos assucarados de— mavioso, delicioso e mimoso, — com que se dá graxa á cabelleira volante de todo o poetastro que tenha arrombado quatro sonetos e estripado seis alexandrinos sonoros e öccos!

Não digam nada, meus senhores, deixem-se de adjectivos tôlos e se queram noticiar que o poeta vai para a Trafaria digam-lhe apenas o nome.

Tributar ao grande poeta o favor de lhe chamar—mimoso—é nivelal-o tão ridiculamente, que até a gente se lembra involuntariamente d'um chapeu alto.

Ora, meus amigos, outro officio.

A carapinhada ia no fim.

—Com que então grande furôr para o theatro, pelo que vejo?

—Não imaginas, minha amiga. De ha um mes para cá nem menos de quatro dramas historicos, seis sem historia nenhuma, afóra, comedias, monologos, traducções varias.

—Quaes os dramas historicos?

—D. Pedro, o infante de Portugal—do nosso amigo Souza Monteiro.

—D. Pedro, o Crú—do nosso amigo Lopes de Mendonça.

—Mas esse crú e esse infante não são a mesma coisa?

—Já se vê que sim. E tanto que um outro nosso amigo que trata n'outro drama em cinco actos e em verso, o mesmo assumpto—é o assumpto da moda, o verde da época—resolveu a difficuldade em que estava de intitular o drama, escolhendo dos dois titulos, a formar um titulo de sensação, e cognominará o seu drama:—O infante de Portugal, crú—!

—Mas ha mais?

—Ha o drama—A collo de Garça—como vês ainda o mesmo assumpto—do tambem nosso amigo Manoel Soutto Braga, um principiante, que dizem ter muito merito.

E finalmente, o drama em 5 actos, em verso, de Antonio Francisco Barata—D. Isabel de Souza, ou a origem dos Palmellas—!

—O que? o auctor será capaz de mostrar no palco, o subtitulo! Deve ser curioso esse acto. Deve ter graça.

—Vamos então ter uma época de D. Maria II com D. Pedro I em scena?

Pobre rei! que tractos lhe vão dar, e á paciencia dos espectadores.

Depois ha coisas que se prestam a ser servidas de varios modos differentes, agradaveis. O bacalhau por exemplo: em pasteis, de cebolada, estufado, albardado, cosido, assado, frito, em almondegas, em croquettes, em empadas, guisado á portuguesa, á hespanhola, á italiana, et cœtera.

Mas D. Pedro I, um mes, dois meses, seis mezes, um anno, crú, crú, sempre crú! ora adeus. Ha indigestão com toda a certeza.

—E a empreza que fará com tanta carne crúa.

A empreza? o que lhe hade acontecer é vêr-se em grandes assados.

E terminava-se a carapinhada.

—Ainda fumas?

—Sempre, e agora então!

—Agora então ..?

—Que entrou na moda o fumar!

—É do ultimo tom, meu amigo. Ignoras, já vejo, a vida elegante, e pegando novamente n'um jornal emquanto aspirava as primeiras fumaradas do breva, apontou-me a local e eu li:

«Entre nós tambem já muitas senhoras da primeira sociedade fumam, a começar pelas mais altamente collocadas.

«Já uma vez, na antiga loja do Magalhães do Chiado, tivemos occasião de fumar deliciosos charutos que alguem nos offereceu e que vinham como amostra para a mais gentil e elegante senhora da côrte.

«É sabido tambem que se entregam a este delicioso prazer—principalmente s. ex.ª que fumam do melhor tabaco—uma nobre titular cuja vasta intelligencia e gosto artistico são justamente admirados; uma sua intima amiga; uma outra gentil fidalga de cujo divorcio se fallou ha algum tempo e que parece realisar-se; ainda outra, menos nova, cujas *soirées* são sempre deslumbrantes, e tantas outras, bom Deus!»

Ignoraya esse requinte do chic. Detesto o uso, a despeito de toda a graça que possa ter um annel de fumo evolando-se, modelado por uma bocca appetitosa, a curvetear na atmosphera perfumada d'um «budoir» elegante, feminino.

Ha alguma coisa de selvagem e de ordinario no fumar. Por detraz da boquilha preciosa do gentleman que aspira um aromatico charuto de alto preço, apparece, mau grado nosso, com um ar gaiato de troça, o bregeiro pintado do trintanario, que espera os patrões nos atrios, cheio de aborrecimento e de somno.

É como a um naturalista fanatico, para quem o rosto formosissimo d'uma mulher, toda a graça d'um corpo esculptural, não alcança esconder a baixa origem e mostra apenas a transformação da especie em virtude do meio. Elle vê por detraz da mulher mais bella, a face comica e pelluda do Chimpanzé avô!

Depois, é um vicio que mancha os dentes, corrompe o halito irrita os nervos. . e os dentes, o halito e os nervos d'uma mulher, são com certeza dos mais apreciaveis attributos da sua belleza e do seu caracter.

Ouvir uma senhora declamar um dia:

> Meu amigo e senhor, pense que é barro
> Este bello cigarro por que eu berro?
> Elle me arranca penugento escarro...

Schoking?

Na vespera da partida. — O sr. Simplicio sonha com as *cocottes* mais afamadas do *Jardin Montmartre*, com as rapariguitas do *bouillon Duval*, com as *cannotières* de Bongival, com as *grisettes* do *Bon Marché*, que lhe dançam em volta o *can-can* mais vertiginoso.

Em viagem. — [illegible]

Agua e leche! agua e leche! — Apregoam nas *gares* de Hespanha, e o sr. Simplicio, convencendo-se de que é moda hespanhola ligar os dois liquidos, resolve tomar o estranho refrigerante.

A partida. — E parte, radiante, feliz, com um diccionario, uma mala, um guarda-pó, um rewolver, uma chapelleira e uma almofadinha.

Effeitos. — O sr. Simplicio sente immediatamente que *il a quelque chose là dedans*, como dizia Chénier; mas em vez de bater na testa como o poeta, procura na algibeira um jornal.

Caballeros e señores: — Indica-lhe uma pequenina barraca, para onde elle corre desesperado, ao mesmo tempo que se ouve o grito *Señores viajeros al tren.*

O comboio parte: — E o sr. Simplicio fica, apezar de elle começar a correr a tras do comboio, com o jornal intacto, não podendo dizer o mesmo do guarda-pó ..

Em frente dos Pyrinéus — O sr. Simplicio resolve seguir n'um outro comboio. Ao passar os Pyrineus exclama admirando a altura:
Fai un [illegible] *ben fecto*
E coma [illegible]

Entre cocottes: — Duas heroinas do *boulevard* acercam-se do sr. Simplicio.
— *Vivas chère* ..
— *Tu me payeras un petit diner*..
O sr. Simplicio, embaraçado na escolha:
— *Je suis* **atrapalhé**
— Decidindo-se pelas duas
— *La* **viande** *est faible*..

Em Paris: — Não podendo installar se no *Hotel de Ville* resolve acceitar o primeiro que lhe indicam. Tres francos o quarto e, á noite, quando repousa da sua longa viagem, sente bater á porta alguem que lhe diz: *Si vous avez besoin d'une jolie demoiselle!*...

M. C.

(Conclue no proximo numero.)

Eu sei que a musa franceza construiu estes versos:

> Qu'il est doux, qu'il est doux de savourer dans l'ambre
> Le tabac du Levant,
> Mollement etendu, dans sa robe de chambre,
> Sur un moelleux divan!

Mas é a muse alegre, a musa do boulevard.

É uma excepção. Nas «Memorias da Marqueza de Caylus» encontra se este periodo:

—«Quando ella (a Duqueza de Borgonha) não fumava de cachimbo, tomava clystéres, deante do bom papá (Luiz XIV) Elle preferia vêl-a tomar clystéres»—.

Que me perdôe o rei-sol. Na colisão .. antes cachimbo.

Mas se o *hig-life* um dia se lembrar de adoptar como essencia de bom gosto a segunda parte do dilema da duqueza de Borgonha, que remedio temos nós senão applaudir A elegancia e a graça póde coaduoar-se com todos os actos.

Concordámos plenamente n'este ponto.

A minha companheira levantou-se; passava n'este momento pela rua um parvo qualquer: disse-me um rapido adeus, travou do braço do passeante que lhe sorriu amavelmente e foi-se.

Era a «Alegria» «a minha boa companheira, a minha antiga camarada.

E eu fiquei-me meditabundo a pensar mais uma vez que só elles a teem—os idiotas!

MENDO.

«ICI L'ON MANGE»

O centenario da tomada da Bastilha parece que vae ser celebrado pelos republicanos portuguezes com um magnifico appetite.

O—*Ici l'on danse*—dos demolidores modifica se com o transcorrer de um seculo, e encontra-se substituido pelo—*Ici l'on mange*—actual, bem mais pratico e positivo.

Pois que seja por bem.

Poderão estomagar se alguns republicanos monarchisantes, obrigados, por decoro partidario, a recolherem as suas prosas democraticas proprias do dia, mas o sr. Moraes Sarmento de certo não se opporá a que os nossos revolucionarios comam em socego a sua sópa á Desmoulins.

E aqui para nós, o sacrificio de se banquetear á beira-mar, sob o fresco bafejo das brisas do Tejo, praticando ao mesmo tempo um acto de civismo, está perfeitamente á altura da abnegação do legendario directorio republicano.

É caso para excitar um pouco a inveja chronica de certos democratas, que nós conhecemos por ahi!

Banquete em Pedrouços, de tresentos talheres, numero sabiamente fixado de antemão pela previdencia do directorio, que presidirá á festa.

Banquete em Algés, sem numero fixo de convivas, porque é, segundo affirma um jornal, *banquete operario*, isto é, mais modesto, para as bolsas magras.

Como se vê, só se não banqueteará quem não quizer, *á saude da Bastilha!*

Póde esta separação em banquete pobre e banquete rico deixar perplexos muitos correligionarios, receiando uns ir assentar-se ao banquete rico por não meliodrarem os operarios, receiando outros tomar parte no banquete pobre por não offender os *gros bonnets* da republica.

Mas qualquer inconveniente que d'essas perplexidades resulte, é bem compensada para o partido pelas affirmações que decorrem d'essa prudente separação.

Os directores mostram-se assim homens de governo classificando *son monde*.

E o que vale mais que tudo: o directorio republicano leva assim ao espirito de todos os seus correligionarios a gratissima certeza de que elle—directorio—ainda existe.

Visto que ainda come.

Mas, a proposito: haverá por ahi algum monarchico, dissidente ou não, que nos faça a mercê de nos explicar porque rasão aquelle notabilissimo facto historico só é celebrado em Portugal pelos republicanos?...

Se houvesse, como lhe seriamos gratos!

GRAÇAS A DEUS!

Fechou-se emfim o parlamento.

A mascarada ruidosa acabou por agora. Depois de tantos e tão grandes trabalhos, essa comedia baixa, cheia de enredos sabidos, de molas gastas, de subtilezas caducas, teve o seu quinto acto, o seu desfecho, o seu epilogo.

Só um povo de espectadores anjoados, indifferentes, ou adormecidos podia supportar, sem uma pateada ruidosa, os ultimos actos d'essa representação enfadonha e immoralissima, que terminou na 4.ª feira ultima.

Não nos compete discutir politicamente as ultimas medidas apresentadas ás camaras, nem fazer propaganda anti-governamental com deducções que houvessem de tirar.

O que temos que accentuar é a impressão de profundo desprezo que invadiu o espirito da maioria dos homens do paiz, perante esse espectaculo d'um comico ultra burlesco, a que o governo tem successivamente arremessado os ultimos restos da respectabilidade parlamentar, instituições e leis.

O que temos que frizar é a decadencia profunda a que o ultimo periodo legislativo atirou os restos do pudôr politico, nos mais miseravais expedientes, na indifferença das cobardias supremas, no deslavado das consciencias de lama.

Frizando este relaixamenro moral do parlamento, cremos poder affirmar que este tem um parallelo necessario: o rebaixamento moral do pais inteiro, de que é apenas um corollario forçado.

Tal parlamento, tal paiz. A ultima impressão de patriotismo, morre dentro de nós, envoltos annos a fio no circulo macabro d'esta dança judenga, cheia de egoismos, de miserrimas luctas, de rebaixamentos, de vilanias, de crimes.

A confiança na regeneração, argue-se cheia de luctos e de dóres, e sente se prazer ao pensar nos grandes cataclismos sociaes onde as cabeças cahem como fructos sorvados, o vento traz um odôr acre de sangue e paira sobre nós uma atmosphera pezada de soluços comprimidos, de lagrimas, de morte.

A barbaridade, o odio, a vingança, levantam então sobre as populações malditas, os signos infames, de exterminio louco; mas o que se não contesta, o que se não póde negar é que se operou uma grande e facunda lexivia, cruel é certo, mas sempre proveitosa.

Onde se não póde viver é nos pantanos, nas aguas estagnadas, mortas, cheias de fementações deleterias; ou se vive a vida miseravel dos leprosos causando asco, e caminhando para a morta, mais asquerosos cada dia a cada hora.

Fechou-se o parlamento; custa a acreditar, mas fechou. Aquella caixa de Pandora não se abrirá por uns mezes. Será bom; só ao pensal-o, parace que a gente sente mais socegado o espirito, mais viva a paciencia e mais pezada a bolsa.

Graças a Deus!

Trindade.—Sóbe hoje á scena pela primeira vez, n'este theatro, a peça phantastica em tres actos e desoito quadros *O Gato Preto*, original de Augusto Garraio. Esta peça está despertando uma grande anciedade publica, pois que se se be ter a actual sociedade artistico-emprezaria envidado todos os seus bons esforços para lhe imprimir o maximo esplendor.

Hontem realisou-se o ensaio geral, para que foi convidada toda a imprensa da capital, amabilidade que pela nossa parte muito agradecemos.

Continua a concorrencia a esta casa de espectaculos. Maria Montes é a *great attraction* de todas as noites. Na proxima semana reapparece a sympathica Dorinda Rodrigues, que foi escripturada n'esta companhia.

N'esta administração compram-se todos os exemplares, em bom estado, dos n.º 1 e 2 da Comedia Portugueza, pelo preço de 200 réis cada um.

Aos nossos assignantes da provincia

Prevenimos estes nossos assignantes de que já estão nas estações do correio das suas localidades, ou das mais proximas, os recibos das suas assignaturas, relativos ao 4.º trimestre ultimo do primeiro anno da Comedia Portugueza.

Pedimo-lhes portanto o favor da brevidade no respectivo pagamento, não só para a boa regularidade do nosso expediente administrativo, como para que não soffram interrupção na remessa do jornal.

Os estudantes
Tinham perdido os modos turbolentos,
A irreflexão da edade e do costume;
Envoltos em secretos pensamentos,
Ao transporem a porta,
Quedavam-se, de prompto,
A contemplar a morta!

No abandono, vil, de creadagem,
Gelado, como o marmore, repousa
Sobre o marmore frio, o corpo inerme
D'uma creança loura.
Ninguem a olhara, mesmo de passagem,
Apenas, o sol, pela janella
Ao vêl-a, nûa, reparára n'ella,
E com um raio quente, carinhoso,
Brando a aquece e doura.

Durante todo o curso
Nunca, ao amphitheatro,
Apparecera, em pasto de escalpello,
Uma esculptura, assim, corpo tão bello!

Em frizas de theatros,
Pelos salões e bailes luxuosos
Da velha capital,
Nunca se tinham visto, com certeza,
Peitos eburneos de gentil duqueza,
Ou de fidalga de épica linhagem,
Nas taças dos corpetes
De rendas e setim,
Com tão rara moldagem,
Com a altivez d'aquelles que faziam
Lembrar o branco, o erecto das tendas
E tendas de marfim!

Por entre os bastos, delicados, fios
De longa trança
Que desce até as ancas,
Em onda, aos solavancos,
Receiosos espreitam
Como focinhos esguios
De dois antilopes brancos.

A pequena cabeça onde o cabello
Circula emaranhado,
Pende á direita, placida, cahindo,
Como n'um sonho bom e consolado
D'esses sonhos azues dos vinte annos
Sonhos de virgens com o bem amado,
Que quando a edade cresce se vão indo!

Tem as pequenas palpebras fechadas,
Pesadas e dormentes
Os labios entreabertos,
Em delicada tara,
Mostram-lhe os brancos dentes,
De modo que parece
Que dorme, que respira.

Já vistes algum dia, o olhar d'um morto
Fixo, brutal, como que aberto
Olhando-vos sem fim,
Lugubre sentinella?
E' horrivel, sabei, é infernal,
É um olhar que gela!

O olhar d'um vivo,
Retem-se, engasta-o a retina,
Alcança-se-lhe o fim,
A força, a expressão
O olhar d'um morto, não
Não se domina!
É como se estivesse
Atravessando o cerebro e a andar
Inalteravel, fito,
Correndo parallelo, em busca do seu fóco.
O fóco... o infinito!
Isto é o a preexistencia,
A força incorruptivel,
Que deve ter a voz da consciencia
Fallando ao criminoso:
Alheio, arû, teimoso,
Lei que tudo apaga,
Esphinge que tudo vela
Acreditai-me... gela!

Pois a da morta nada d'isto tinha.
Era azul e tão dôce,
Que ao levantar-lhe a palpebra fechada,
Pareceu-me vêr surgir a madrugada
Por traz dos louros cilios,
Na pureza, rural, immaculada,
Dos antigos idylios!
Que olhos tão castos tinha esta creança,
meigos, delicados,
Como um casal de pombos arrulhando,
Ou com dois amantes passeiando,
A' margem dos valados!

•

Na pureza da curva em que entumesce
A onda caprichosa,
Do vento em leve affago,
Ou como a linha curva que produz
Na superficie placida d'um lago
A queda d'uma rosa
Assim pelo seu corpo,
Do cólo á anca, pelo braço a côxa,
A linha se espreguiça
N'um ondeado, tumido, correcto,
Que faz lembrar
Que alguem fosse buscar

A' garça o cólo, ao cysne a curva altiva,
Quando se enfeita e brilha
E executasse em marmore rosado,
Um sonho quente, sensuel ousado
Aquella maravilha!

•

Quem era? Não o sei. Não quiz sabel-o
De que vale
Saber d'onde provem o viajeiro,
Que vem pedir o abrigo derradeiro,
Ao catre do hospital!
Depois se lhe envolvera aquelle corpo
De sonho fantasia, e nuvem cérula,
A animadora chama...
A miseria ou a lama
Não poderam manchar a limpidez da perola!

•

Partiu, á noite, envolta no tecido
D'uma serapilheira gordurosa,
No lugubre carroça de muares,
De ferrugentas queixos.
Este primor artistico de carne,
Digno de um pantheon,
De balsamos egypcios.
A valla abriu lhe o fauce... ella rolou,
Como calhau de monte por algares.
. . . .
Os vermes tem, ás vezes,
Banquetes singulares!

Eis aqui a razão
Por que, n'aquelle dia, os estudantes
Tinham perdido os modos turbulentos,
A irreflexão da edade e do costume
E cheios de secretos pensamentos,
Ao transporem a porta,
Quedavam-se, de prompto,
A contemplar a morta!

Lisboa, 1883.

MARCELLINO MESQUITA

VIAGEM Á EXPOSIÇÃO

(CONTINUAÇÃO)

1

2

Nos cafés.—O sr. Simplicio tem passado vida ruidosa em Paris. No Martinho em Lisboa era um homem pacato com um unico vicio — o chá e torradas. No *Sylvain* é um homem perdido. O seu prato favorito é a *cocotte*.

Em gabinete reservado.—*Ella*: — *Garçon*...

Elle (*com os seus botões*)—Porque diabo, em Paris, todos os criados de botequins se chamam *Garçons*?

Ella: — *Un perdreau, champagne, mayonnaise sauce picante*...

Elle: — (a meia voz ao criado): senhor *Garçon*, muito picante *s'il vous plait*... cá por causa d'uma cousa...

3

Depois da ceia.—Emquanto ella fuma a sua *cigarrette*, o sr. Simplicio sente-se um nadinha voluptuoso... *un petit peu cousin Basile*.

O criado sae...

E nós sahimos tambem.

4

No Bullier.—As cancanistas em volta do sr. Simplicio dançam o mais vertiginoso *cancan*, em que elle se decide a tomar parte

CONCLUE NA ULTIMA PAGINA.

Lithographia da Companhia Nacional Editora

A colonia francaza festejou, em Lisboa, com jantares opiparos o anniversario da tomada de Bastilha. Os republicanos portuguazas sempre promptos a comer, á saude d'uma grande idéa, um bocado de perú assado, regado por uma taça de champanhe, uniram-se n'esse grande laço aos irmãos nas idéas e desbancaram-nos.

Os seus banquetes mais numerosos e mais concorridos dos que os dos colonos francezes, levaram ao mau espirito a dôce convicção de que se ha genta mais papista do que o papa, ha alguem mais francez do qua um francea: é um portuguea na tomada d'um jantar, entre amigos, com programma de brindes e allusões picantes, á sobremeza.

Mas, é caso espantoso, sempre que uma grande reunião de republicanos se effectua na paa maosa dos actos permittidos e insuspeitos, um lunch, um jantar, uma ceia, tenho notado qua entre os brindes calorosos, entre as felicitações e os abraços fraternaas arrancados ao verbo, ha sempre um mal humorado, um scismatico decerto, que vem lançar sobre a toalha, em pleno triturar de masillas, uma fraze da suspeita, de cautella, de censura!

Como na meza do Christo, a voa de — traidor — sôa dolorosamente! Aos ouvidos dos generaes presidentes, batem os avisadores álertas de que anda mouro na costa.

— Ha antre nós traidores! ha entre nós vendidos! —

Mas ha taoto tempo, senhores, que o partido conta no seu seio astes Vasconcellos, tão pouco tem crescido, porque ha sempre a invariavelmante as mesmas caras nos banquetes, oão era já tampo de os conhecerem e de os relaxar ao braço da expulsão ignominiosa?

Porque anda o partido a alimentar estas viboras no seu peito, com o fricassé dos restaurantes? Quando, ámanhã, fôr preciso tomar o Limoeiro, imaginará acaso que os levará a gratidão a atirar contra as bayonetas das sentinellas, as barrigas acostumadas aos vol-aux-vants, ás costelletas adubadas com a liberdade, egualdade e fraternidade, em prosa florida?

Oh! jámais! Um estomago, traidor de mais a mais, não hesitará nunca entre o perigo d'uma espichadella triangular e o risco d'um prato de paio com ervilhas!

Qua o partido republicano expulse de si esta macula qua lhe perturba as digestões e que continue livremente a mostrar ao paia de qua não ha nada para festejar um graode acontecimanto como um grande jantar!

Depois os traidores abundam am toda a parte A' ultima hora descobre-sa que foi um portuguaa que escreveu o artigo do *Imparcial*. Ora um jornal finissimo, d'estes que tem lume no olho, como se diz vulgarmente, tinha já descoberto que os gabinetes de Londres a de Madrid piscavam os olhos por cima dos Pyrinéus, para nos empolgar. Se não é isto estavamos servidos. A invazão e a partilha é coisa mais que certa seguodo o jornal do olho fino e nós muito bem descançados a fazer a Avenida, a ouvir a *Montes*, a entreter-monos com as peripecias do *Gato preto!* Mas a Providencia é granda e o collega veio ler no artigo do *Imparcial*, como em livro aberto.

N'esta conjunctura é preciso cuidar rapidamente do exercito, fazer mobilisações, reformas urgentes, fornacimentos, provisões; vigorisar com mão de mestre a disciplina a a ordem, chamar reservas, cuidar das frooteiras, pravenir attaques, fornecer as linhas, artilhar as fortaleaas, a todas essas mil nacessidades d'uma guerra emminente, terrival, que nos ameaça a independancia, que promatte dividir-nos em provincias masquinhas d'orgulhosas potencias, é preciso um nome que vigorise e levanta a alma popolar, o espirito da patria, que faça de cada homem um soldado, da cada soldado um bravo...

Pois bem, aqui esté por que o ex.^mo^ sr. José Luciano de Castro assumiu a pasta da guerra!

A nós, potencias! Quaodo vos apetecar!

Caro collega: os nossos parabens e a nossa aterna gratidão.

«Está em exposição no estabelecimento de Margotteau, ao Chiado, um quadro aberto em solla, á ponta de canivete, representando *O destino de Bonaparte*, admiravel trabalho do sr. F. A. Salgado.»

Não vimos ainda o quadro, mas não faltaremos a admirar como é que um homem poude abrir, em solla, o destino de Bonaparte! O destino, n'este caso, parece-me significar o fim, porque, a significar os casos futuros da vida do grande homem, não atino como se possa ler a buena-dicha em solla, a um cavalheiro que já lá vai ha mais de meio seculo. Não acreditando, é claro, que o fantasioso artista nos faça vêr Bonaparte, no inferno, no purgatorio, ou no céu, pela difficuldade em que se devia achar ao indagar-lhe a paragem certa. Se é pois o fim de Bonaparte o que o coiro aberto a canivete nos vai revellar, d'antemão sabemos que iremos admirar um quadrilongo tumular, sob um grande chorão, o'um rochedo isolado no mar!

Este foi, que eu saiba, o destino de Napoleão. Nasceu, comeu, bebeu, bateu-se, foi imperador, foi vencido, morreu, sepultou-se e apodreceu!

Tudo isto aberto em solla, a canivete, devem confessar que é bem mais difficil do que cortar um par de sapatos, ou abrir uma ilhos.

Oh! a arte! onde ella vai aninhar-se, a maluca!

Não param porém aqui as revellações artisticas d'esta semana. Não é apenas na loja d'um modesto correeiro que esta bella senhora ousou fazer cócegas em bestuntos fantasistas.

Não.

Entrou pela Camara Municipal, sacudiu a caveira dos camaristas encarregados do seu sustento e conservação e perguntou-lhes: — que fazem este anno por mim?

Vai vêr. E começaram a matutar, a pensar a esquadrinhar, com o indicador a revolvêr a venta e acharam.

Encommenda-se um quadro historico de vulto. E vieram os mestres e acharam bom e fizeram o programma.

O quadro será portuguez, no assumpto, e feito por pintor da mesma proveniencia.

O assumpto será: — Martim de Freitas verificando na Cathedral de Toledo o fallecimento de D. Sancho II —.

Achamos magnifico o personagem!

Martim de Freitas, o legendario typo da fidelidade, grande na resistencia como leal na palavra. Esplendido o local. Nunca vi a capella dos reis em Toledo mas deve ser bella, sombria, de elevadas arestas, esguias janellas, rendilhados marmores.

Aqui sinto porém uma grande suspeita.

Os pintores concorrentes teem de ir a Toledo e a maior parte não terá, naturalmente, fortuna que lha permitta a viagem, do modo que, ou se excluem muitos que podiam concorrer, ou vamos ter o Martim a verificar o fallecimento de D. Sancho n'uma capella de Alcobaça, ou de invenção particular do artista. Em qualquer dos casos tem graça.

Mas, como ia dizendo, é bello o typo principal do quadro, bello o local; simplesmente achamos disparatada a incumbencia do guerreiro.

Martim de Freitas, o valente governador, não consta que manejasse a seringa d'esses tempos, nem lesse nos astros, nem fosse dado a alchimias e varias sciencias occultas, o que constituia a caracteristica dos medicos coevos.

Como pois se lembra a commissão de o investir de cargos que o bom homem não poderia nunca ter executado?

Assaltar as ameias d'um castello, será o mesmo que assaltar os dominios da morte?

Começa por ser tôlo que um sujeito vá verificar o fallecimento d'um rei que está ha mezes dentro d'um caixão de pedra.

Se não estivesse morto quando lá o mettaram não havia perigo de se levantar depois do jejum.

Mas o extraordinario é conferir a Martim de Freitas, o encargo que devia pertencer ao judeu-medico, ao astrologo, que devia existir na fortaleza.

O que a commissão queria dizer era:

— Martins de Freitas reconhecendo a identidade do cadaver de D. Sancho II, na cathedral de Toledo—.

Faço estas explicações para socegar o espirito d'algum concorrente mais meticuloso, que desandasse a pensar o que teria de fazer ao cadaver do rei, a figura do guerreiro, para dar a entender que estava a verificar a morte.

Socegue: nada mais do que olhal-o, ver se é o mesmo, o proprio, ogordo.

E' que a camara municipal ou a commissão relatôra do programma é d'estas corporações que entendem que a palavra foi dada ao homem para encobrir os pensamentos!

Mas não é bonito. Ou bem se fàz um concurso a sério ou não se faz.

E precisava de ser feito em portuguez porque, emfim, póde ser-se um bello e apreciavel pintor e um detestavel charadista.

Está explicado o paragrapho do concurso. E' pegar nos pinceis.

Suggestão do "Punch"

Portugal. — Eh! eterna bebedora de *gin*, coiro curtido nos *public-houses*, vilã heroina da *Pall Mall Gazette*, não imagines que por me matares a industria, por me depauperares com os dotes das nossas allianças, por me roubares as colonias, por me insultares de negreiro para encobrir o teu commercio ignobil, por me explorares nas guerras em que me auxilias, por me teres reduzido á pobreza, pretendendo enxovalhar-me o nome continuamente, não imagines que podes impunemente vergastar-me perante o mundo com a brutalidade da força. O braço d'um velho pode bem esbofetear a cara d'uma rameira. E se nos levastes as melhores madeiras das nossas florestas para as tuas esquadras, ainda cá deixeste um junco para te partir uma costella.

— Não me batas, não me batas, é o *port-wine!* Não te abandono assim, meu velho amante, inda tens algumas libras... façamos as pazes —!

O publico masculino d'esta boa cidade anda sobresaltado, ha dias, com o annuncio agaçante de que em breve, debuta, no theatro da rua dos Condes, uma companhia no genero das *Folies-Bergères*, de Paris.

Esta designação faz prever o desembarque, em Lisboa, de mulheres estrangeiras; e, portanto, conforme é do estylo, os conquistadores cá da terra preparam-se para um assalto em forma, usando cada um das armas e recursos de que poder dispôr.

Santos de casa não fazem milagres, é uma pura verdade. Pelos nossos theatros não se vê, em geral, a chusma de admiradores que se encontra em S. Carlos, no Colyseu, quando, emfim, qualquer companhia estrangeira se digna visitar-nos.

Um nome francez, hespanhol, italiano, seja elle d'uma grande cantora ou d'uma simples dançarina, constitue, por si só, um verdadeiro aperitivo.

A's portas dos camarins estacionam grupos, de olhares esgazeados, lambendo os beiços, com tremuras de pernas, lobrigando atravez das gazes, dos *maillots* e dos decotes, phantasiando aventuras em bocetas perfumadas, coupés de cortinas corridas, gabinetes reservados de restaurante.

Formam-se *claques*, formam-se partidos, estabelecem-se intrigas e disputa-se a socco o fructo desejado.

Fazer capitular uma bailarina é uma victoriasinha já digna de registar; fazer capitular uma cantora de grande opera, isso, então, é um titulo de tal ordem que até vale a pena mencionar nos cartões de visita.

Na companhia que vae debutar ha a esperar mulheres francezas, desenvoltas, graciosas, petulantes, de atrevidos decotes, braços despidos, saiotes curtos, meias de seda bem repuxadas, sapatinhos de bordaduras, labios carminados, *mouches* provocadoras, todo o arsenal da *coquetterie* que produz mais effeito do que o prato de *ecrevisses* mais cuidadosamente temperado.

Ohé, ohé!... a perna que, entre folhas de rendas, ora, se levanta á altura do nariz do parceiro, ora lhe passa, vertiginosamente, sobre a cabeça, ao som d'uma musica febricitante, nervosa, cheia de *entrain*, que é capaz de fazer saltar na sua cadeira mesmo um paralytico.

Depois a cançoneta *grivoise*, phrazes sublinhadas, picantes, que fazem córar e pacata burguezinha, com piscadellas d'olho para a plateia e o seu *pied-de-nez* á mistura, a cançoneta que é o bocado predilecto de todo o francez, que tem tornado celebres a Tereza, a Bonnaire e tantas outras da Scala, do Eldorado, do Alcazar, d'onde sahiu a propria Judic, por onde encetou carreira a bella Granier.

Mas, francamente, uma companhia no genero das *Folies-Bergeres*, em Lisboa, n'esta epoca de calor, a atmosphera pesada, trovoadas imminentes, é o melhor refrigerante que se pode offerecer, a não ser que a empreza, com desejos de contentar conselheiros graves e matronas respeitaveis, nos apresente uma *troupe* para uso de casas particulares, umas *Folies-Bergeres* de vestidos compridos e corpetes afogados...

A sala em Paris tem plateia, balcões, camarotas e galerias. Em volta da plateia ha um *promenoir*, onde estão estabelecidos pequenos balcões, com mulheres apparatosas servindo bebidas aos gommosos e *cocottes* que andam girando. Ao fundo da sala um outro salão, com pequeninas mezas, para aonde a multidão corre nos intervallos, fornece limonadas, *grénadines*, cervejas e taças de *champagne*...

E as cocottes *maquillés tapageuses*, dão ali o seu rendez-vous; encontram-se de todas as nacionalidades, de todas as côres, loiras, ruivas, morenas, pretas... Porque tambem as ha negras como ébano... e teem a sua côrte. Aqui um chinez de rabicho e trajo de mandarim ao lado d'uma heroina conhecida no *Americain*, ali uma outra seduzindo um *monsieur* qualquer de casaca e gravata preta; esta tomando, sósinha, o seu *bock* emquanto um dos admiradores não lhe offerece uma *flûte* de Cliquot; aquella segredando á *bouquetiere* que passa um convita para um timido ancião que não se atreve a aproximar-se...

E ha ruido, alegria, enthusiasmo; applaudem-se os negros excentricos, os equilibristas, os bailados, os cantores, as cantoras; e quando canta o Paulus ou o Bourgés, ou qualquer outro predilecto, o publico da galeria fórma um côro afinadissimo entoando o *refrain* da canção.

Uma cançoneta atravessa todo o Paris, toda a França, quando ella cáe na graça do publico. Ha dois annos era o *En revenant de la revue*, o anno passado era o *Pére la victoire*, hoje certamente, nos cafés e nas ruas, ouvir-se-ha uma outra em voga, popularisada pelo assobio do garoto.

E aqui está o que vamos ter, pouco mais ou menos, no theatro da rua dos Condes, a avaliar pelo cartaz.

O genero das *Folies-Bergéres* em Lisboa é caso para dizer que a nossa capital caminha em civilisação e em progresso. *Aux Foliés-Bergeres, messieurs!* Traduzam: A's Folias bregeiras, meus senhores!...

C. DE MOURA CABRAL.

BIBLIOGRAPHIA

Margarida Relvas. Um delicioso volume, contendo o discurso proferido por Alves Mendes nas exequias de D. Margarida Relvas, a excellente senhora, esposa saudosissima de Carlos Relvas. O volume, magnificamente impresso, é ornado de esplendidas photographias—o retrato da fallecida, o cortejo funebre, portico e egreja da Gollegã, a corôa que o povo golleganense offertou em signal de dôr á memoria da fidalga senhora cujos dotes do coração lhe tinham cercado a individualidade d'uma atmosphera de carinho e de amôr geral.

Commovedôra a offerta, cheia d'essa vaga poesia das saudades intimas, protesto duradouro contra a brutal faculdade do tempo que tudo esquece, que tudo apaga. Nada mais intimamente consolador como exemplo do que a homenagem deposta gentilissimamente sobre o tumulo onde repousam os restos d'uma santa companheira. Evolve se da homenagem o quer que seja de profundamente educativo, de exemplar, que levanta do abatimento moral d'hoje em dia, a virtude domestica, a santidade do lar perenne de venturas placidas.

E' um preito em que ha alguma coisa de sagrado como na oração!

O cuidado do livro revella a sinceridade da dôr, o interesse da população condigna d'uma virtude que ensina, d'uma saudade que não morre.

E' o pensamento d'um artista. Ninguem como elles tem a faculdade de exprimir simples e grandiosamente as dôres, por essa sublime e miseravel lei—de que ninguem como elles teem a faculdade de as sentir.

Carlos Relvas encontrou no seu coração de gentleman, que o torna sinceramente estimado entre os vivos, a maneira rara, fidalga de alcançar crédores, entre os mortos.

Agradecemos penhorados a valiosa e significativa offerta.

Revista de Portugal.—O primeiro volume d'esta publicação, ha tanto esperada, acaba de sahir a publico. De longo espaço precisaria a critica dos diversos artigos que a compõem.

Não podendo hoje demorar-nos n'essa apreciação, reserval-a-hemos para mais tarde, limitando-nos a encarecer o valôr da obra, á frente da qual está Eça de Queiroz, cujo nome bastará para garantia do alto merito da *Revista*.

O numero primeiro traz um artigo sobre litteratura contemporanea de Moniz Barreto, um artigo historico de Oliveira Martins, um conto de Fialho d'Almeida, um artigo sobre touradas do conde de Sabugosa, etc.

O secretario da redacção é o nosso bom amigo e distincto collega o sr. Silva Gaio, a quem deve ser dirigida toda a correspondencia.

Agradecemos a offerta.

O sr. Eduardo Costa teve a amabilidade de nos brindar com umas caixas de biscoitos, marca nova: *Torre Eiffel*.

Ficam portanto prevenidos os que não poderem ir a Paris ver o authentico: — tem a consolação dos biscoitos *Torre Eiffel* da fabrica de Eduardo Costa, á Pampulha.

E accresce que ficaria dispensados do pensamentosinho no registro do *Figaro*.

Aos nossos assignantes da provincia

Prevenimos estes nossos assignantes de que já estão nas estações do correio das suas localidades, ou das mais proximas, os recibos das suas assignaturas, relativos ao 4.º trimestre ultimo do primeiro anno da Comedia Portugueza.

Pedimo-lhes portanto o favor da brevidade no respectivo pagamento, não só para a boa regularidade do nosso expediente administrativo, como para que não soffram interrupção na remessa do jornal.

VIAGEM Á EXPOSIÇÃO

(CONCLUSÃO)

5

O seu cartão.—Simplicio Bandeira entrega ás suas apaixonadas o cartão de visita que mandou fazer em Paris:

Simplice Drapeau
domestique de votre excellence
à Lisbonne

Muito attencioso!...

6

A sua ultima aventura.—Perfeitamente *blasé* de loiras e morenas, cae aos pés d'uma horisontal de Zanzibar.

E exclama, com musica do *tim tim*:

Ahi, Simplicio, quá, quá, quá...

7

Arruinado.—Aquella vida de prazer tem-lhe dado cabo do abdomen e da algibeira.

8

Volta para Lisboa.—... triste, emmagrecido, sem vintem, detestando a estafermo da sr.ª D. Dorothea sua esposa, da menina Aurora sua filha e da rabugenta sua sogra...

9

Uma só alegria lhe resta.—Ensinar o can-can a toda a familia.

M. C.

JULIÃO MACHADO

Detesto o verão, sobretudo em Lisboa.

Não se imagine nada mais triste, mais desolador, mais suggestivo do suicidio, quando mais não seja dentro d'um sorvete colossal de morango, ou n'uma banheira rasa de carapinhada! Um suicidio gelado, um suicidio polar, um suicidio conservador, um suicidio excentrico!

Ruas cheias de sol, de poeira, de typos aborrecidos, com uma indolencia a saltar-lhe nos gestos, na cara, no andar, a pedir um copo d'agua fresca, um rio corrente com estrepito e um salgueiro copado, em cuja sombra se obra n'uma dehiscencia artistica uma melancia sanguinea.

Os theatros fecharam e os salões, foi se a alegria communicativa dos cafés, onde o ar aquecido acaricia o corpo esfriado pelas ventanias do inverno, e onde o fumo que se evola das chavenas do café afaga o olfacto e irrita, em desejos, o paladar guloso.

Os dias teem um tamanho monstruoso; o sol uma fôrça calorifera, que nos derreia até á molleza inerte a caracteristica d'uma gallinha cosida. Os homens que ficam teem a nostalgia dos arvoredos, das aguas murmuras, dos lagos mansos e sombrios. As mulheres, a tristeza dos desprotegidos, tristeza que devem ter as andorinhas que ficam doentes nos ninhos quando as companheiras partem em busca das primaveras.

Teem o andar molle, as caras luzidias, cheias d'olheiras, penteiam-se mal, e conversam, mansamente, como cançadas, n'uma somnolencia lamentavel de ideias, sem graça, sem risos. Vê-se que as domina uma saudade, uma pena, o quer que seja de vago como um desejo impossivel, ou como uma recordação de passados bens que não voltam.

Os homens graves do paiz, os legisladores, os politicos, foram-se por essas praias e thermas a desopilar os figados e a expulsar rheumatismos teimosos, gottas reveladoras d'uma actividade vital, frenetica, cadaverica.

Um aborrecimento geral invade-nos o corpo e a alma n'este banho quente de ar, misturado de semsaboria que parece inquinar a atmosphera da cidade de companhia com os aromas dos canos.

A leitura torna-se impossivel; a graça foi tambem a ares, a banhos, e anda a esta hora toda presumida a derreter-se pelos cassinos, pelos clubs, por defronte das barracas das praias á hora do mergulho refrescador.

Calcúlo.

Assim como a graça, a poesia, a musica debandaram tambem. Chegam-nos aos olhos as noticias dos bandos que sacodem as lyras por esse mundo fóra e das canoras senhoras que gorgeiam de companhia com os pianos, por essas terras felizes das provincias, a envergonhar os rouxinoes e augmentar as dispepsias dos ouvintes pelas noites mal dormidas.

E' então que por graça de Deus, nos surgem da provincia uns chronistas da vida galante, modestos, encobrindo-se na capa á hespanhola d'uns pseudonymos patuscos a rivalisar com a proza reinadia, d'uma originalidade de caixeiro alfacinha endomingado, dando-se ares de lord em arraial saloio.

O que elles vêem, o que elles ouvem o que elles pensam, mas o que é mais, o que elles teem o atrevimento de dizer.

Debaixo do disfarce modesto ostentam capacidades de Sarcey, vistas de lynce á Taine, ironias de Heine!

São o diacho, os taes plumitivos modestos, com os seus ares de quem escreve por desfastio, sobre o joelho, muito naturalmente, assim á Julio Machado.

Mas encantam afinal, pela ingenuidade de quadrumano calloso, pelo ar de superioridade que se arrogam, n'um pedantismo mal disfarçado, merecedor do correctivo variante entre a palmatoada, as orelhas, de burro, de papelão e o puchão d'orelhas.

Temos por exemplo, na frente uma epistola descriptiva d'um sarau Caldense. Assigna-a um ermitão. Este vem de habito, capus e chapeu concheado. Não nos admira: é para dar razão ao outro ella que assigna — Ninguem — phraze com que o romeiro de Garrett fecha o 2.º acto do Fr. Luiz de Sousa, romeiro que vem de habito, capuz e chapeu concheado.

E' muito engenhoso o disfarce.

Ora este chôcho rival de Cicero, começa por ouvir recitar tão bem como Coquelin, a um monologuista portuguez!

A França fica sabendo que o homem que ella ainda não encontrou para collocar ao lado de Coquelin, está nas Caldas da Rainha e foi descoberto por um ermitão. E de mais um monologuista! que raio de homem!

Mais e baixo falla d'um poeta modesto que recitou versos e tem estas palavras de castigo a proposito dos immodestos: — n'estes tempos nos quaes qualquer sujador de papel se julga um Camões, assim que lhe perfazem a mania de o lettraredondizarem, e mais ao que elle gatafunhosamente azneje por essa publicidade além! : — Hein? que tal o Ermitão!

Ficamos sabendo que se lettraredondiza — isto é um arrôto de dispeptico — um homem! Deve ser isso; mas ha de permittir-me o chamar-lhe tolo, quando se tem a immodestia offensiva de dar sentenças de modestia n'uma torrente caudal de disparates!

Faz suores tanto pedantismo.

E *gatafunha azneiando* para deante o bruto do ermo, louvando os versos: — «muito á portugueza repassados de cordealidades grandiosas, consoante o que deve ser o sentimento evoluccionador do coração d'um rapaz» —.

O sentimento evolucionador do coração d'um rapaz! Mas que cabeça d'homem!

Este diabo estudou philosophia com o Cunha Seixas e Zoologia com o Figueiredo que Deus haja.

E', como este ultimo dizia dos papagaios, animal que solta palavras, a maior parte das vezes sem consciencia. — Dá-nos esta idéa: escorrem lhe da mioleira, cahem-lhe, na penna, fazem echo, são boas.

E' sem sentir.

E refila: — Este (o poeta) tambem ainda é dos poucos que não teem vergonha de mostrar em publico, que possuem n'esta altura a leitora confessa que teve receio de lêr o resto (as grandes aspirações, inherentes geralmente a todos os noveis luctadores do bem)...

Vá lá que não se sahiu mal.

Luctadores do bem? sim senhor; não conhecemos, mas devem haver. Já os houve da Gallia, de Sparta, que admira que os haja do Bem? Ora essa.

E termina, ainda filado ao poeta: — «Este é dos poucos que ainda se não prazem de exhibições de egoismos positiveiros, e de scepticismos pedantes, expectadores em versos de legoa e meia, nos martellamentos empiricos d'uma travalheira infernal .. a fim de mostrarem uns Hugos... de barro das Caldas.

Este não arreata e récua dos *blasées*... em meus versos. (E queiram perdoar o franciú — *blasées*. E' preciso falar-lhes o calão la d'elles, aliás)» —.

O leitor está em dizer que o homem é tolo sem mixtura, pela sem ceremonia com que *azneja* pelo campo da tolice, como burro solto em combro relvoso?

Ponham-lhe lá peias.

A' ultima hora o fazedôr de imbecilidades palavrosas dá-se ares de purista arrenegando dos estrangeirismos, a que chama calão, lá d'elles.

D'elle não, o lindo. Mas dia depois fallando das senhoras que cantaram: — O que tenho eu com serem as outras duas *mignones* e graciosas... que vá ajudar á missa que é melhor.

Isto porque diz respeito á discripção da parte litteraria do saráu.

A parte musical não é peior; mas alonguei-me de mais e o leitor começa a achar cêra de mais para tão ruim defuncto.

Mas, emfim, sempre a gente riu um pouco e se não riu distrahiu-se um tanto, que era o essencial, n'estes dias eternos de aborrecimento e de somno.

Com que então, seu Ermitão, adeusinho e appareça homem. Olhe que dizia um collega seu, n'um celebre poema, que os homens não se immortelizam só pelos monumentos levantados ás sciencias ou ás Artes; você vai no caminho, e tem disposição, não esfrie a rese por nós.

A população de Lisboa e sobretudo aquella grande parte que ainda hoje procura no theatro a impressão forte, que aperta o coração: o grito da agonia que fez passar pelo cerebro um relampago de deslumbramento, de syncope: a symptomalogia crúa das ultimas horas, os prodromos da morte, como os rapidos impulsos da colera, do odio, do amor, e ainda a encarnação do ridiculo phisico e moral, que affasta as maxillas na contracção forçada dos musculos do riso e se impõe como uma caricatura animada, hilariante ao cumulo, supremamente comica; a maior parte de Lisboa, emfim, sentiu hontem um profundo abalo intimo, ao ouvir dizer — morreu Antonio Pedro! — como se diz sentira a côrte de França ao ouvir a celebre phrase de Bousset — *Madame est morte!* —

É que a paixão humana, no que tem de mais verdadeiro e vulgar e simples e por isso superior, nunca encontrou maior interpetre entre nós, ao menos dos que eu tenho conhecido, do que em Antonio Pedro.

Irregular, descuidado, falto de regras; grande, sublime, genial como nenhum outro. Em scena lembrava o mineiro que vai nas minas de carvão, de habito e facho, rojando-se pelo solo das galerias, curvando-se aqui, levantando-se acolá, rastejando de novo, a incendiar pequenas camadas de gaz, até provocar a grande explosão terrivel.

Emquanto representava havia aqui e acolá pequenas explosões de talento, de subito a faisca perpassava no cerebro e nós viamos erguer-se como uma evocação medieval, d'uma envergadura tragica, o vulto espantoso de *Dé-Profundis* —!

A alma do povo d'onde elle sahira sentia se dominada perante a exhibição brusca, inesperada, inexplicavel por elle proprio, mas real, genuinamente real, profundamente verdadeira a tocar o horrivel, a dar o tremôr, o frio da espinha, o deslumbramento da vista.

O typo do miseravel ninguem como elle o evocou. A natureza subsidiara-o com um corpo esgalgado, anguloso, cheio de deslocações, de gestos estranhos.

E era assim que a figura que podia apparentar a estravagancia comica d'uma caricatura burlesca, por essa passagem insensivel do sublime ao ridiculo, arrancava á teratologia da miseria as creações tragicas, que se somem nos hospitaes, e que dão na rampa a impressão profunda do dó, do espanto, da afflicção caricativa, que se traduz explosindo em lagrimas e bravos!

Nem escola, nem leitura, nem mestres, teve o grande actor. Ou era vulgar ou deslumbrava. Aquelle — saber dizer e fazer — que vem da escola, do estudo, da reflexão, não o tinha, não o poderia ter nunca, por organisação, por temperamento, por habito. Não era um consciencioso actor, nem um applicado, nem um artificioso. Era uma organisação especial, unica, com a faculdade de crear, de adivinhar, condão dos genios e exclusivo condão.

Era grande sem o saber, e esta ignorancia quando se reconhece n'um grande artista é uma grande prova de sua superioridade. E' banal para elle o que a outram constituirá arrojada empreza, cheia de trabalhos e de sacrificios. A — obra prima — é em regra um desfastio simples ou uma tentativa sem pretenções.

Hoje não; mas as obras-primas d'hoje hão-de ser consideradas, não muito avante, como simples obras-tias.

Ha nada mais simples, mais vulgar do que o papel de coveiro do Hamlet? Coquelin confessou que nunca o vira fazer assim!

O genio tem o condão de tornar sublimes as simples vulgaridades.

A incarnação da personagem fazia-se n'elle inconscientemente, na noite da recita, á maneira que as scenas se succediam. Uma hora antes o seu espirito se quizesse reconstruir n'uma intima synthese o typo que elle havia de exhibir na scena, encontraria uns elementos dispersos e vagos, sem relação intima, sem logica real.

Entrava em scena; n'aquelle meio proprio para emocionar o seu cerebro, a revelação chegava e dos dados dispersos, das notas confusas, dos traços imperfeitos, erguia-se a creação genial, tal qual como sob os dedos, d'um grande artista, voam evocados pela impressão do momento, as arias os nocturnos, as cavatinas arrancadas á inercia d'um teclado banal, n'um crescendo de facilidade sobrenatural a que os antigos chamavam propriamente — a inspiração!

Hoje ri-se toda a gente da palavra e todavia que nome se pode dar á força que concedia ao cerebro d'este homem ignorante, a faculdade de crear tão sublimemente?

Restaria saber se Antonio Pedro, educado, conduzido pela logica, pela phisiologia, pelo estudo da vida humana, em todas as suas manifestações, teria sido tão grande actór. Eu digo que não.

Ha espiritos que não supportam regras.

E' preciso ter ouvido conversar um doido e admirar a clareza, a verdade, a finura de raciocinios de que elle é capaz, n'esse estado, tendo o conhecimento do individuo anterior á doença, para nos lembrar a incapacidade, em são, de uma tal faculdade.

Explica-se que o espirito liberto das peias dos nossos racionaes convencionalismos, em liberdade quasi absoluta, trabalhe mais á vontade, menos coacto, e tenha portanto alcances que lhe prohibiam as peias que a loucura quebrou.

Mas que relação ha entre um louco e um homem de genio? Por mim, levar-me-hia longe uma affirmativa qualquer; mestres ha porem que confundem os accessos de genio e os da loucura.

E' sabido que Edgard Pöe o grande contista americano, o sublime pintor do terror, um alcoolico, um doido, escrevia os seus contos debaixo do dominio d'uma loucura incontestada. E todavia os horrores do inferno do Dante, são meros recreios comperados com as torturas dos heroes de Pöe.

Quem me define claramente o que seja a razão?

A' hora em que escrevo as notas deselinhavadas sobre o grande morto, ao sabor da minha imaginação, uma multidão enorme enche as ruas onde prepassa lentamente o prestito funebre do grande artista. Como se um alto vulto, d'esses que o acaso, ou o valor, ou a sorte, ou a vilania atira aos altos logares da republica, fizesse a sua ultima viagem, em busca do tumulo, a multidão pressurosa accumula-se nas praças e nas ruas.

Não mentirei se disser que o burborinho alegre, o murmurar da onda popular que se escuta n'um dia de procissão festiva, não se ouvia. Era silenciosa a espectativa geral. Havia na multidão, via-se claramente, uma impressão dolorosa, que não arrancava as lagrimas, mas que impedia o riso. Um peri.o sincero, espontaneo, verdadeiro, como só podem tel-o e o tem no mundo os grandes corações bondosos e os grandes artistas. Preito anonymo da multidão áquelles que sabem gravar-se-lhe no coração pela superioridade na virtude ou no talento. Exclusivamente.

Ao ver as ruas coalhadas de gente, as janellas apinhadas de cabeças curiosas, o prestito de milhares de pessoas seguindo um caixão, ladeado de mulheres em lucto, lacrimosas, um estrangeiro poderia perguntar: — é então o cadaver d'um principe, do filho d'um rei, o que ali vae?

Não, amigo, é apenas o do filho d'um penteeiro!

Como esta resposta consola a alma.

E' banal repetir agora que a arte dramatica soffreu um grande golpe.

O logar do grande actor difficilmente será preenchido na scena portugueza, onde poucos restam na bancada dos antigos e é diminuto o numero dos modernos que possam hombrear com os cahidos em suas famas e memorias.

O theatro portuguez ante mostra se em breves tempos atravessando uma crise terrivel de falta de actores. Os governos, como sempre, em coisas de arte e de instrucção são de uma sollicitude de cafres.

Como provas de sentimento innumeras corôas foram offerecidas por particulares, o Colyseu offereceu duas, D. Maria II uma, a Rua dos Condes outra, artistas de todos os theatros acompanharam o cadaver e a Trindade abrio as suas portas para *O Gato Preto!*

E' repugnante pensar n'uma falta de cordealidade de tal ordem. As necessidades monetarias dos artistas d'este theatro não justificavam de modo nenhum esta medida, a não ser que se fundassem no argumento — de que era preciso distrahir a população entristecida pela morte do collega!

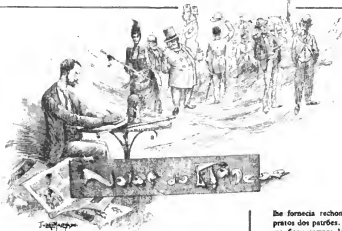
Se um publico indignado tivesse recebido a companhia, ao começar o espectaculo, com assobios, talvez achassem cruel.

Não aconteceu assim. Os espectadores de quar a feira não se melindraram com a ideia de que áquella hora, ao levantar o panno de bocca da Trindade, cahia sobre o cadaver de Antonio Pedro, o mais glorioso membro d'aquella familia de actores, o abandono, o frio tumular, e que aquelles homens tinham obrigação pela honrada camaradagem do morto, em quanto vivo, pelo decóro da classe, de respeitar pelo menos por vinte e quatro horas o ultimo somno do irmão, de cuja gloria elles partilhavam!

Mas tiveram uma enchente.. estão ricos os pelintras.

E' preciso dizer que foi posta á votação a medida de se fechar o theatro e que votaram a favor os cinco mais distinctos artistas da companhia. Os doze restantes regeitaram. Em querendo ver o vilão, diz o dictado, metta-lhe a vara na mão.

A censura era no entanto indispensavel, por justa.

ANTONIO PEDRO
No SALTIMBANCO
No BEBÉ
NO SARGENTO-MOR DE VILLAR
1889
JULIÃO MACHADO

O acontecimento da semana foi a morte de Antonio Pedro. O *Alto Vareta!* desappareceu das fileiras...

Porque, d'esta vez, a noticia que, tantas vezes, correra, pondo em sobresalto amigos e admiradores, era, infelizmente certa; Antonio Pedro partia para essa longa viagem, sobre a qual ainda ninguem poude escrever as suas notas e impressões.

Antes assim. Se algum d'esses viajantes podésse atirar ahi para o mercado, umas paginas verdadeiras sobre o que se passa alem da fronteira da Morte, quantas desillusões e quantos desenganos derrubariam estes castellinhos que cada um, na hora do perigo, forma a seu bello praser sobre esse paiz desconhecido...

Assim vamos phantasiando mil e uma coisas; julgam uns que ha um ceu que não é tão monotono como outros pensam, com largas alamedas de rosas e estradas de pedrarias, lampadas de estrellas que illuminem muito mais do que a luz electrica da Avenida; que, ás noites, os escolhidos reunem-se em alegres *soirées*, entoando côros muito mais afinados dos que os de S. Carlos, dançando *cotillons* muito mais bem organisados que todos esses que por ahi fazem estafar o Macerio, *menus* muito mais apetitosos que os do Ferrari ou do Baltresqui, ambrosias finissimas bebidas por lindas taças de ouro cinzeladas; que se tivermos um attestadosinho de bom comportamento moral e civil, S. Pedro, quando vier chinellando espreitar-nos ao ferrolho, hade fazer nos uma recepção muito catita, e, finalmente, que todos aquelles que muito batalharam na vida hão de muito gosar pelo muito que soffreram.

Ao mesmo tempo aquelles que levam grande bagagem de peccados, vão pensando que o imperio de Satanaz não é tão feio como o pintam; ao contrario será, deveras divertido, *cocottes* e *cancans*, casa, cama e meza, roupa lavada e engommada... e muita gente conhecida. Batotas de luxo requintado, que muitos preferem ao jogo dos arquinhos, o unico admittido na mansão celeste; mulheres esplendidas, semi-núas, por causa do calor, e *sabbats* vertiginosos muito mais animados do que todas as mazurkas puladas e não puladas.

É hade ser uma alegria enorme quando o alabardeiro que está ás portas do inferno, todo elle vestido de vermelho e alamares de ouro engrinaldando-lhe e casaca, se perfilar, magestoso e solemne, annunciando o nome d'uma pessoa conhecida, que lhes leve noticias da familia, dos amigos, se o sr. José Luciano ainda está no ministerio e se a Montes agrada muito no *Plato del dia*.

Mas... Deixemo-nos de divagações.

Morreu Antonio Pedro. As chronicas teem-lhe prestado a devida homenagem, a que o nosso jornal hoje se associa. Porque todos temos d'elle saudade, tão sympathico elle era para todo o publico, sem ares fidalgos de grande artista, sem *poses* de enfatuado, sem fazer gala dos seus triumphos, modesto e simples, como muitas vezes não são aquelles que não teem valor.

Quantas gargalhadas elle arrancou a todos aquelles labios que, em volta do seu caixão, contrahiam uma expressão de dôr!

Foi no *Alto Vareta!* que, pela primeira vez, o vi; recruta, garoto, que vinha saltando de contente pela conquista de uma sopeira, que lhe fornecia rechonchudas pernas de gallinha roubadas aos pratos dos patrões... Foi uma noite de delirio para mim, que me ficou sempre lembrada; porque nunca se nos apaga da memoria os momentos de alegria que experimentamos quando somos novos.

Depois do *Alto Vareta*, quantos typos, que enorme galeria a sua, do mais profundamente grotesco ao mais profundamente dramatico, do *Conductor d'omnibus* ao *Saltimbanco*, do *Bébé* ao *Paralytico*, dos *Solteirões* ao *Sargento Mór de Villar*, uma variedade prodigiosa, a que o seu grande talento dava uma originalidade extraordinaria.

E a ultima das suas notaveis creações foi o coveiro do *Hamlet*...

Triste ironia do acaso...

O seu enterro provocou uma alta manifestação de sympathia e de saudade. Pobre, modestissimo, sem pergaminhos de nascimento, conseguira, entretanto, um nome pelo seu talento e pelo seu trabalho. Nem só os ricos triumpham. Valha-nos isso.

A companhia no genero das *Folies Bregères* debutou... mas, a respeito de mulheres, foi um desapontamento.... Um horrorsinho... Porque na verdade, cada um póde ser feio, póde ser desengraçado, mas o que não pode é abusar d'essas qualidades que Deus lhes dau.

Houve barulho, troça, gargalhada e a cousa explica-se. Andar uma pessoa duas semanas, agaçado, á espera, á espera, hoje, ámanhã, hão debutar, ainda não, mais uma transferencia; e uma pessoa a cofiar o bigode, a estudar o verbo *aimer* na perfeição, a calcular com os seus botões umas orgiasites, uma variante no *menu* a que está habituado, e quando o sr. regente toma, emfim, a batuta, a orchestra executa os primeiros compassos, o panno sóbe... e apparecer-lhe umas eves muito estapafurdias a cantarem umas cançonetas que pareciam tristes traducções do *Noivado do Sepulchro*, é d'uma alminha ficar arraliada..

O publico pediu á empreza que as estampilhasse com meio tostão e as devolvesse á ditosa patria que taes filhos teve.

E venham outras... ou não venham nenhumas se não teem melhores.

No Colyseu uma nova *tuna* tambem appareceu ao nosso publico que, apezar do seu anti iberismo, se manifesta sempre enthusiastico por tudo que vem da nação visinha.

Isto mesmo já obrigou um escriptor conhecido, que notava a alegria com que os portuguezes acolhiam as sereias do Manzanares, os matadores de touros e os cantadores de *peteneras*, a exclamar:

— Oh, menino, decididamente as nossas avós tiveram enxerto hespanhol...

E assim parece... Porque a Hespanha é a fornecedora mais completa do publico lisboeta...

D'esta vez forneceu-nos uma *tuna*. Philosophos de rabeca, mathematicos de flautim, theologos de ocarina; a mocidade esperançosa de Hespanha *se meneando* ao som de castanhola e da pandaireta...

E diga se que o successo da noite foi alcançado pelos tocadores de pandaireta, principalmente por um d'elles, um senhor alto, barbado, futuro advogado ou medico, futuro grande de Hespanha, quem sabe, que dançava e tocava a pandeireta com as mais extravagantes e as mais desinvoltas cabriolas.. grave e sério, ao mesmo tempo, como um conselheiro d'estado ..

Uma ovação enorme. Muitos, porém, prefeririam a Montes n'esse trabalhinho...

Sempre seria um bocadinho mais voluptuoso, sem desfazer nos conselheiros de estado...

C. de Moura Cabral.

Tendo-se esgotado os n.os 1 e 2 da *Comedia Portugueza* e não podendo nós, portanto, satisfazer as innumeras requisições que nos teem dirigido não só os novos assignantes d'este semanario, cuja animadora affluencia nos tem penhorado em extremo, mas tambem muitos dos nossos antigos assignantes, que não colleccionaram aquelles numeros, resolvemos mandar fazer uma *segunda edição*, com a qual nos achamos presentemente habilitados a attender todas as reclamações.

Todos os senhores assignantes a quem falte algum numero da collecção, e o queiram alcançar, farão as suas requisições o mais breve possivel, porque aproximando-se o fim do nosso primeiro anno, que termina em setembro proximo, todos os exemplares de sobra serão encadernados com as novas capas, constituindo assim collecções completas, tornando-se por isso, mais tarde, impossivel satisfazer a qualquer requisição de numeros em separado.

A seu tempo annunciaremos a existencia de capas especiaes para encadernamento do primeiro volume da *Comedia Portugueza*, bem como as respectivas condições para os senhores assignantes e para os colleccionadores avulsos.

O REDACTOR-GERENTE
Silva Lisboa

Antonio Pedro

(Notas)

Casa onde falleceu o grande actor

[illegible] pela travessa das Salgadeiras

O carro das coroas

A ultima caracterisação

A empreza do theetro da Avenida conseguiu dar-nos uma importante novidade artistica na presente epoca; nada meoos que uma companhie lyrica italiana, que se estreiou na terça feira passada com o *Rigoleto*, obtendo um successo muito enimador, com grande megue da certos *criticos* que preteodiem ir ouvir ali ertistas da ordem dos que pisam o palco de S. Carlos. E quentos temos nós ouvido, oo theetro lyrico subsidiado, muito peiores do que os que eppleudimos terça feira na Avenide!

A companhia possue artistas muito rasoaveis, que se apreseotam modestemente e que procuram satisfazer com discreção e todas es exigencias da erte, sem pretanções ridiculas que provoquem e gargalheda do espectador. No *Rigoleto* distinguiram-se es sr.as Incera e Treves, o barytono Bugatto e o teoor Suanee. Os córos são reguleres. A orchestra, sob e direcção do sympathico meestro D. José Tolosa, não deixou nada a desejer

Temos pois ume explendida diversão pera quebrar e monotonia da preseote quedra de calôr, e eo mesmo tempo uma especie de *Vermouth* que certemente nos ebrirá o epetite .. pere melhor entrarmos com e proxime époce lyrica de S. Carlos.

Os *Lusiadas de Camões, edição critica e annotada, em todos os logares duvidosos, restituindo, quanto possivel, o texto primitivo pela correcção d'erros que nunca se tinham expungido*, é um trabalho devido á penne do ex.^mo sr. Francisco Gomes de Amorim.

O sr. Leite de Vasconcellos, no bom intento de libertar o poema de Camões d'oma arremetida furiosa, que salta pela forma, pela idéa, pela arte, que estraga versos, que destroe intenções, que altera o sentido, que roe pelavras, qu e remenda aqui, que descola acolá, anda ha dias no generoso empenho de devolver á paternidade do critico a série de erros palmares com que o sr. Amorim ousa calumniar a penna e as intenções sublimes do grande poeta.

O que seja a reforma do poema vai o leitor concluir d'este juizo critico do reformador:

—Uns *Lusiadas*, ataviados com trajos e ademanes antiquados dendo-se ares de casquilho velho e pretencioso, seriam mais ridiculos do que dignos do amor e respeito que universalmente se lhe deve —!

Depois d'esta celeberrime opinião sobre uma obra d'arte, parece impossivel que alguem se atreva a não considerar como ridiculas a Venus dos Medicis, a de Gnido, ou a Venus Callipigia do museu de Napoles, tendo estas senhoras o desplante de se apresentarem, em publico, a primeira vestida de nús e as ultimas com uns ligeiros mantos pendentes das mãos ou dos quadris, isto, hoje, no seculo do setim, de setineta, do velludo, da chita e ainda de gase, ao menos!

Comparem v. ex.^as (a comparação é admissivel) o poema de Camões com uma d'estas formosas esculpturas, grandiosa, soberana na belleza das suas linhas geraes, lançadas com o errojo, a graça, a firmeza que um grande artista pode imprimir na sua obra.

Seja por exemplo a Venus do Vaticano, cuja roupagem se cifra n'om manto, descahindo das côxas até aos pés, mal atado sobre o ventre, o tronco nú, os braços levantados segurando cada um d'elles metade de trança solte.

Este bella obra vai ser corrigida pelo sr. Amorim.

Ella chegárá ao pé de estatua, e a primeira coisa, a grande coisa que lhe ha-de ferir a attenção é o modo de vestir! A gente sente-o a pensar:

— Está 'vossa divindade muito bem É admiravel a linha do dorso, o contorno dos braços, a suavidade do cólo.

É cheia de grendeza essa cabeça e bem ondeado o cabello. São ricos de vida e de provocadora altivez, os peitos bem plantados; airosos, finamente elegantes os pés onde se eppoia.

Mas minha querida senhora Deusa, esté v. ex.^a *dando-se ares de casquilha velha, pretenciosa e ridicula*, etc. Ora dê-me licença, que vai ficar oma maravilha.

Puche-me esse cabello para cima e enrole-o em pinha no cucuruto, ou faça trança e deita-a ao meio da cabeça. Corte esses cabellos de frente. Aqui tem o ferro de frizar.

Vista esta camiza, isso é mais do que decote.

Aqui tem o espartilho, aperte-se.

Puche essa roupa para a cintura. Aqui está a almofadinha pera pôr por beixo, bem ao meio... assim.

Meias e sapatos .. calce-me isso. Vista este casaco de verão, se é tão encalmede... um chapeu de Paris. Ponha-o um pouco ao lado... bem! Pregue-o no cabello.

Uma senho a que se préza não anda de tranças na mão, aqui tem uma sombrinha!

Perfile-se, olhe para mim... Ai que linda senhora!

E depois, maravilhado, para o publico:

—Meus senhores, edicção mais correcta de Venus do Vaticano, com a correcção de erros até hoje não expungidos!—

É pouco mais ou menos o que o sr. Amorim fez aos *Lusiadas*, segundo a critica sensete do sr. Leite de Vasconcellos.

Depois d'isto, o leitor o que tem a fazer é ir comprar a obra.

A analyse d'uma descripção em estylo pedantico-burlesco d'um seráu Caldeose, assignada por um Ermitão, com que fechámos os «can-cena» do ultimo numero, trouxe-nos em réplica a seguinte carta, d'um anonymo das Caldas da Rainha:

Meus amigos

«Foi uma ideia muito desgraçada o «attaque» ao Ermitão das Caldas e toda a gente, aqui como em Lisboa, levou a mal como e mal levarão todos que conhecem o Ermitão. E' o padre Antonio. Perguntem a Bordallo Pinheiro quem é este homem.»

Cahi das nuvens! O obsequioso anonymo descobre, no dia immediato ao da publicação, estando nas Caldas, que Lisboa inteira levou a mal a tal ideia, que classifica de desgraçada!

Perfeitamente d'accordo, amigo. Nem era para fazer rir que foi explanada. Não confunde um puchão d'orelhas com umas cócegas debaixo do braço.

Olhe que faz differença.

Pois, senhores, e eu a pensar porque é que o meu aguadeiro mal me cumprimentava, de ha dois dias para cá, e porque, quando passava pela Avenida — onde sou sempre alvo das mais inequivocas provas de sympathia, ravelladas nos sorrisos das damas e nos cumprimentos atenciosos dos homens — quando passava, como ia dizendo pela Avenida os homens me olhavam de ravez e as damas faziam baicinho d'amuadas e mal me baixavam a cabeça, com uma altivez pouco captiveote.

Oh! afinal, descobri o mysterio: eu tinha attacado, na pittoresca linguagem do anonymo — o Ermitão das Caldas!

Vejam v. ex.as como um homem, cheio das mais puras intenções, combatendo pela limpeza do jornalismo, acarreta sobre si o odio das Caldas da Rainha, e, o que é peor, os maus modos d'uma capital em cujo saio floresce!

Mas quem demonio podia suppôr que um habito sovado de *Ermitão* encobria um tão popular auctor, e que uma correspondencia que encheria de gloria Calino e a familia até á quarta geração devia merecer-nos as attenções d'uma carta de Cicero ou do padre Vieira?

Desde quando tem fóros de impunidade a tolice eudaz, o pedantismo soez, e basofia lorpa, quer seja expectorada por um paisano, quer seja regada por um ermitão?

E' o padre Antonio, diz com ares tetricos de quem vae fazer estalar um cartucho de dynamite, o zeloso anonymo. Ah! é? Ora o diacho; a nós que julgavamos que era o padre Francisco! Perguntem, acrescenta para dar força á affirmação terrivel, o mysterioso defensor, a Bordallo Pinheiro quem é este homem!

Porque será Bordallo Pinheiro o competente para descascar perante a nossa miopia ignorante este cavalheiro? Faz-nos pensar. Será empregado da fabrica de faianças? Terá servido de modelo para as estatuas do Bussaco?

Que intimas ligações mysteriosas existirão entre o reles plumitivo dos saraus e o grande caricaturista? Que o digam os sabios da escriptura. Terá Bordallo Pinheiro a faculdade de conhecer padres, assim como quem tem a faculdade de conhecer, pelo toque, as melancias maduras!

Que grande auxilio para o patriarcha.

Eminencia, tomemos nota: por mim quando eu quizer saber quem é Bordallo Pinheiro vou ter com o arcebispo de Mythelene.

Está na conta.

Agora duas palavras mais, e serio.

Quando um cavalheiro qualquer lença á publicidade paga um escripto, uma lembrança, uma carta, ou uma charada, a critica tem o mais absoluto direito de se exercer sobre essa obra.

De mais sabiamos quem era o Ermitão; mas não lhe citámos o nome, nem vinha ao caso. Quem conheciamos perante o testemunho do jornal, era um individuo que assigneva «Ermitão», que se dava ares de homem superior, de censor austero, vomitando, sem nexo, uma serie de baboseiras.

Que o Ermitão escreva as tolices que quizer, modestamente, gozando-lhe a ressaca gloriosa no Club das Caldas, ou nas mercearias amigas da localidade, e nós passaremos por cima da sua individualidade, como tantas vezes temos feito encommendando-o aos anjos e ás moscas!

Mas que sua reverencia venha do seu ermo impôr banalidades de critica sertaneja, cretinices com ares de dogmas, em linguagem rainadie de mioleira esquentada, dar sentenças tolas de cabeça erguida como quem falla de pulpito, sem receio de replica, não lh'o admittimos porque não queremos, e não queremos por que temos o indiscutivel direito de criticar, como e toda a gente assiste o direito de fazer o mesmo ao que escrevemos.

De mais conheço estes litteratiços de pechisbeque, cheios de vaidade, lavrando sentenças, e arrotando maximas, em ares de grãos senhores, por boticas provincianas, porque os jornaes da capital, verdadeiros albergues nocturnos, acolhem com uma complacencia censuravel quanto vadio das lettras lhe bata á porta com um original gratuito.

Notas biographicas

O REGIC

Adriano do Valle

No dia immediato ao de qualquer tentativa de regicidio, o mundo inteiro conhece os pormenores do facto, o nome do tentador, naturalidade, profissão, côr dos cabellos, etc.

Ha quinze dias que um nosso patricio tentou contra a vida de S. M. o Imperador do Brazil e o caso acha-se, á hora em que escrevemos, envolto no mais impenetravel mysterio.

A curiosidade dos nossos leitores está, naturalmente, excitada. Procurámos com vontade obter a maior somma de informações e vamos ter a honra de appresentar, segundo os dados officiaes e communicações particulares, os pormenores do horrivel attentado, que podémos alcançar.

Adriano do Valle, natural de Caminha era um bom rapaz, segundo a *Estrella* da mesma localidade. E segundo o *Diario de Noticias* é moreno, sympathico, estatura regular, olhos grandes; usa cabello crescido e bigode curto.

A casa onde Valle nasceu.

As leituras radicaes levaram-n'o á exaltação, a ponto de gritar, ao ouvir a *Marselheza* no theatro Luciada, de modo a espantar os amigos.

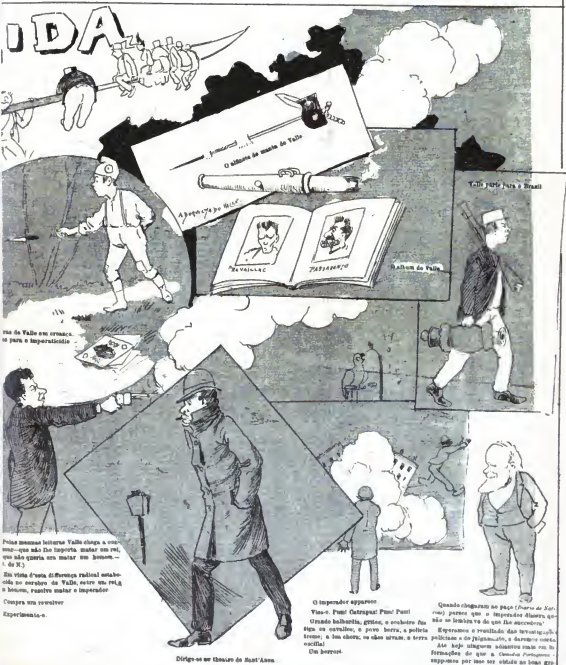
Brin
Tun

05 BERLOQUES DE VALLE

O alfinete de manta do Valle

O album do Valle

Valle parte para o Brazil

...ras de Valle em creança.
...s para o imperaticidio

Pelas mesmas leituras Valle chega a con-
...—que não lhe importa matar um rei,
que não queria era matar um homem.—
(... de N.)

Em vista d'esta differença radical estabe-
cida no cerebro de Valle, entre um rei e
o homem, resolve matar o imperador

Compra um rewolver

Experimenta-o.

Dirige-se ao theatro de Sant'Anna

O imperador apparece

Vise-o. Pum! Catrapuz! Pum! Pum!

Grande balburdia; gritos, o cocheiro fus-
tiga os cavallos; o povo berra, a policia
treme; a lua chora; os cães uivam, a terra
oscilla!

Um horror!

Quando chegaram ao paço (*Diario de Noti-
cias*) parece que o imperador dissera que
não se lembrava do que lhe succedera'

Esperamos o resultado das investigações
policiaes e do julgamento, e daremos conta.

Até hoje ninguem adiantou mais em in-
formações do que a *Comedia Portugueza* —
suppomos por isso ter obtido as boas gra-
ças dos nossos leitores

Se é padre hei de tolerar-lhe os atrevimentos!

Mas aquelle tem o mesmo direito por ser parvo, e aquelle outro por ser ambas as coisas, por exemplo! Perante a critica d'uma obra d'arte tem o mesmo valôr o auctor, quer tenha uma coróa na cabeça, quer tenha um T na testa.

E' talvez muito boa pessoa o bomensinho?

Estimamos; que lhe faça bom proveito; mas as boas pessôas podem fazer coisas inoffensivas; jogar a bisca, fazer meia, tocar marimbas.

Creio que lá pelas Caldas inda se não prende ninguem para escriptor publico!

Ora pois, o Ermitão que seja tolo á sua vontade, mas sem pretenções; e, quanto a v. ex.ª, insidioso amigo, continue a admiral-o para justificação do aphorismo de Boileau

As Caldas e Lisboa indignam-se? Ha de lhe passar. Descance.

A companhia do Theatro da Trindade pretende salvar-se do odioso que accarretou sobre si, não fechando as portas do theatro no dia do funeral de Antonio Pedro, e vae dar uma recita em beneficio da familia pobre do grande actor.

Plenamente d'accordo; justo o benefico resgate d'um peccado: depois da culpa a franca penitencia. Só ha que louvar n'esta idéa.

Mas o que vem então a *Revolução de Setembro*, unico campeão defensor da desgraçada decisão da companhia, fazer de finorio, com razões de uma ingenuidade collegial, a justificar um acto que a opinião geral reprovou e censurou com toda a razão, n'aquelle dia?

Ora, diz o advogado, estas graciosas palavras:

> A sociedade fez sacrificios para pôr em scena a magica, tem encargos, trabalha para sustentar os artistas, sustenta o numeroso pessoal que recebe ás noites; e comprehendeu que sacrificar uma recita em signal de luto no dia do enterro do seu collega seria muito poetico e apparatoso, mas era supprimir uma receita em pura perda, com damno de muitos e sem vantagem para ninguem.

Este senhor entende que uma pessoa que se vesta de lucto e se isola na dôr, quando um amigo ou um irmão desce ao tumulo, faz uma poesia!

Se põe um fumo no chapéu e um alfinete preto na manta, não faz um acto que a sociedade impõe aos homens educados e civilisados, mas deita — apparato!

Que idéa tão funambulesca faz do dever e da dignidade este esporadico defensor de grosserias revoltantes.

Mais razões:

> Vivendo uma vida restricta, pois que a sua exploração theatral acaba apenas começar a futura época, ser-lhe-ia impossivel, sem compromettimento real, supprimir na sua receita o producto de duas recitas, uma para mera ostentação externa, outra para um acto util e benemerito.

Quem me explica este compromettimento real? E sobre as duas recitas, — tinha a companhia por esse tempo votado a recita em favor da familia? Não consta.

Ultimas razões:

> Por isso, a companhia artistica, mais pratica e melhor inspirada, não fechou o theatro no dia do enterro do seu glorioso collega, e abre-o, de par em par, ao publico no dia da recita em beneficio da familia d'elle.
>
> Significa isto um modo melhor de lhe honrar a memoria e de lhe testemunhar a verdadeira confraternidade artistica.

Por ser practica de mais é que a companhia não fechou o theatro? Isso sabemos nos.

Mas vai abrir as portas no beneficio. Pois que as abra como absolvição da culpa e não como justificação. Com o ultimo titulo não lh'a acceitamos e muito menos depois das considerações irrisorias da *Revolução*.

É verdade que para ella os theatros do Porto, fechando as suas portas, fizeram poesia e deitaram apparato! Sustenta-os o maná do ceu; os actores por lá são assim ao modo d'uns passaros d'Angola, que não comem, nem bebem, nem sujam a gaiola!

Que poetas que são aquelles actores portuenses e que modestos os da Trindade!

A *Revolução* devia aconselhal-os a mandar gravar no arco do proscenio, em substituição da obsoleta maxima latina, o seguinte distico: — Companhia alegre. Manifestações tristes em prosa e com modestia — !

Façam pois a recita que todos levarão a bem e deixem-se de querer defender o que não tem defeza.

HOMENAGEM

a Antonio Pedro

Constituiu-se em Lisboa uma grande commissão com o fim, de todo o ponto louvavel, de erigir um mausoleu-monumento ao eminente actor Antonio Pedro, cuja morte tanto alvoroçou o publico da capital.

Esta commissão é composta dos actores: Taborda, Roque, Gil, Leopoldo de Carvalho e Baptista Machado, e dos srs. Rosa Araujo, Gervasio Lobato, Francisco Franco, Saturnino de Andrade, Fernando Pereira, Joaquim Antonio Maia, Francisco Verissimo de Carvalho Almeida, José Antonio da Silva, Antonio Borges e Fernando Prophiro de Mello Alves.

Os donativos recebem-se na *Livraria Economica*, travessa de S. Domingos, 9 a 11; — *Casa de Paris*, rua Aurea; — *Cambista Alves Martins*, rua Nova da Palma: — *Cambista Silva*, rua Aurea; — *Camaroteiro do Theatro da Rua do Condes*; — *Confeitaria Araujo*, travessa de S. Nicolau, 38 a 48 e Avenida, 28 a 34; — *Restaurant Club* e *Hotel Borges*, rua Serpa Pinto; — Rua Fernandes da Fonseca, 7 e 9; — Rua de S. Lazaro, 189; — Rua da Prata, 193; e Sezenaddo Costa, Praça de D. Pedro.

A *Comedia Portugueza* associa-se de todo o coração a esta merecida homenagem ao grande actor, que foi uma verdadeira gloria nacional, e subscreve com .... 4$500

(Continúa).

N'uma das escolas municipaes de Lisboa uma examinadora perguntou a um pequeno de dez annos o que era... luxuria.

A creança titubeou e, como não soubesse, calou-se. Ignoramos se lh'o explicaram.

Ora, os nossos collegas que contaram o caso pediram, cheios d'uma indignação que lhes fica muito bem — mas de que nós não partilharemos, — todo o rigor do sr. Travassos Lopes para a galante examinadora.

Nós, comprehendendo a pergunta pelo elevado intuito da consciençiosa professora, lembramos-lhe apenas a conveniencia de modificar a sua *toilette* quando se proponhe questionar os seus examinandos sobre tão complicado assumpto, e, se nos permitte, aqui lhe deixamos um ligeiro desenho indicativo do que — segundo a nossa opinião — deve dar mais practicos resultados.

Alem de ser essencialmente suggestiva, tem grandissimas vantagens na quadra abrasadora que vamos atravessando.

Sua Ex.ª poderá modifical-a tanto quanto lhe fôr preciso para os examinandos que se lhe affigurem menos prespicazes.

Tendo-se esgotado os n.os 1 e 2 da Comedia Portugueza e não podendo nós, portanto, satisfazer as innumeras requisições que nos teem dirigido não só os novos assignantes d'este semanario, cuja animadora affluencia nos tem penhorado em extremo, mas tambem muitos dos nossos antigos assignantes, que não colleccionaram aquelles numeros, resolvemos mandar fazer uma segunda edição, com a qual nos achamos presentemente habilitados a attender todas as reclamações.

Todos os senhores assignantes a quem falte algum numero da collecção, e o queiram alcançar, farão as suas requisições o mais breve possivel, porque aproximando-se o fim do nosso primeiro anno, que termina em setembro proximo, todos os exemplares de sobra serão encadernados com as novas capas, constituindo assim collecções completas, tornando-se por isso, mais tarde, impossivel satisfazer a qualquer requisição de numeros em separado.

A seu tempo annunciaremos a existencia de capas especiaes para encadernamento do primeiro volume da Comedia Portugueza, bem como as respectivas condições para os senhores assignantes e para os colleccionadores avulsos.

O REDACTOR-GERENTE
Silva Lisboa

ANNUNCIANTES

Estofador

551 OFFERECE-SE meio offici.l. Carta á agencia de annuncios. R. Augusta, 270, 1.º a A. Z. 13431.

Criada

559 PRECISA-SE para todo o serviço, casa de mulher e marido. C. do Correio Velho, a Santo Antonio da Sé, 9, 2.º A.

Criada

553 OFFERECE-SE chegada da provincia, dá boas abonações. R. Estephania, 1, A.

PRECISA-SE RAPARIGA

515 PARA 2 pessoas. Rua da Imprensa Nacional, 8, 1.º esq.

Criada

518 PRECISA-SE de uma que seja desembaraçada. Calçada da Gloria, 9, E.

Quarto

557 PRECISA-SE independente para homem só socegado. Rua da Amparo, 40, logar.

Ama

547 OFFERECE-SE vinda hontem da provincia, dá abonações. R. do Ouro, 196.

O funccionario pautado: — Solemne e grave. Possuido da sua posição official não pensa n'outra cousa, senão na sua banca de burocrata. Respeita as instituições vigentes e, mesmo em casa, com a familia, quando falla da magestade diz sempre: *El-Rei*. Usa, invariavelmente, sobrecasaca e chapeu alto. Adora o classicismo e é todo e em tudo... á antiga portugueza.

O manga de alpaca:—Tem trinta annos de serviço activo, mulher e filhos, é assiduo na repartição e nunca passa da cêpa torta. Tem vinte mil réis mensaes, sujeitos a varios descontos. Um rival dos passarinhos da Angola: não come, não bebe e não suja a gaiola...

O jornalista:—Faz simples *reportage*, mas pavoneia-se por toda a parte com ares de heroe da imprensa diaria. Falla no seu collega Marianno de Carvalho e no seu collega Pinheiro Chagas... Foi reprovado em instrucção primaria... e tem nos bilhetes de visita—o jornalista fulano.

O dilettante:—Eil o em S. Carlos impondo, com um *schiu* fortissimo, silencio á plateia que applaude. Toca no piano a walsa do *Beijo*, pelo que se julga habilitado a fazer a critica. Se o tenor ou a dama se engasga, bate delirante com o pé no chão, porque elle não perdoa... E' um terrivel... De resto não faz mais nada n'este mundo.

O amanuense liró:—Pouco dinheiro, mas apparece em toda a parte; vai aos bailes, ás *premières*, ás corridas, anda de tipnia, veste bem e dá noticias para os jornaes sobre a vida do *high-life*.

O distincto sportman:—Não tem cavallo, mas usa esporas...

Parece e não é...:—Garrida, de toilette caprichosa, passeia na Avenida com ares petulantes, chamando, com a sua *coquetterie*, a attenção dos passeaotes. Todavia é uma menina honesta ..

Não parece... mas é:—Vai séria, como um senhor conselheiro, levando pela mão um menino. Não olha, não sorri, parece ter o procedimento mais austero d'este mundo e, todavia, aquella gravidade é postiça e o menino... é alugado.

M. C.

Lithographia da Companhia Nacional Editora

Em todos os seculos, em todos os tempos, e velhice foi considerada como um castigo tremendo. Por mais que e poetizem, que lhe exhalcem as cãns e lhe offereçam respeitosas homenagens, ella é, e será eternamente o pezadello da vida!

A morte, tirados os logares communs dos sentimentalistas que nunca viram morrer ninguem; despojada dos horrores d'alem tumulo que os fantazistas teem evocado e espalhado pelo muodo em horas da hypocrondia lugubre, é comparada com ella, a velhice, o mais delicioso facto da vida, o termo dulcissimo d'um aociar continuo, o descanço, emfim, d'uma existencia em que todas as illuzões se perdem, todos os sonhos se esvahem, todas as forças se esgotam!

A morte produz uma massa inerte qua apodrece na inconsciencia das cousas; a velhice um Tantalo que se torce na conscieocia do supplicio.

Ora, como o finel de todo o mertyrio é necessariamaote um bem, antevê-sa muitas vezes a morte como um desejado premio.

A extrema velhice, que arrasta o homem pelo mundo, na iodifferença d'um vegetal cançado, tem para a morte um sorriso amigo, de velho conhecimento que se ajustou ancontrar, na estrada da vida a que se vê a marchar pelo caminho.

O mundo de hoje, o mesmo é qua dizer o homem, porque mais conhece mais deseja; porque mais se elevou oa escala da sciencia mais o seu aspirito agita e absorve o desejo insaciavel! A figura do velho Fausto, sedento de prazeres, consultando os tratados da vide, as alchimias, os secretos arcanos das scieocias mysteriosas, é a oossa imagem da hoje, será a de nós todos, quando seotirmos na cabeça cahir, dia a dia, a neve dos annos, lavando por cada camada, uma faculdade um poder!

E como os Mephistopheles já não fazem a graça de apparecer nos circulos magicos ás evocações, os velhos da sciencia, procuram no ar livre da experimentação a elixir da força, da vida, da mocidade!

E' assim que nos apparece, em Paris, o medico Brown-Sequard, aos 72 annos, dando se ares de rapaz, pela descoberta que fez do elixir da juventude, que oão está averiguado não seja a opera lyrica do sr. visconde de Arneiro, mas que tudo leva a concluir que não seja.

A seriedade do grande professor lavanos a poupar-lhe o epigramma do oosso riso.

Não o acreditamos, francamente. Mas se te não enganas, bom velho, se tu estás destinado a ser o remoçadôr, o Mephistopheles da nossa geração e futuras, tu podes contar que has da ter mais templos de que todos os saotos a santas das côrtes celestes, a qoe as lagrimas da alegria que hão de cahir sobre a tua seringa graduada, serão bastantes para fazer o ascer da tua casa um grande rio, por onde possam buscar-te, em peregrinações interminaveis os velhos de todos os confins, os Argonautas do amôr a da Victoria!

A revelação de Brown-Seqoard poz d'atalaia uma alluvião de interessados e sobretudo os moralistas que encontram o'ella, a realizar-se, um elemento grandioso para a consolidação da familie.

Mas como as grandes descobertas nunca veem sós, appareca agora um outro medico a descobrir o microbio da velhice! Esta agora é mais seria.

Em medicina, como em tudo afinal o'este mundo, ha modas. He medicameotos da moda, doenças da moda, operações da moda, theorias da moda e até medicos da moda. Como para todos os actos humanos, á superficie da terra, é precizo procurar a mulher como causadora, assim hoje na medicina, para cada doença é precizo procurar um microbio. Ora, como ha doenças physicas e moraes é nacessario admittir que o amor, os affectos, a raiva, o prazer, astados anormaes, teem o seu microbio especial. Foram, decerto, ideoticos raciocinios que levaram o Napolitano Mantinconico a procurar o microbio de velhice! O extraordinario, porém, não é o medico tel-o procurado, é o tel-o encontrado!!

Que ignorancia ingeoua de medico.

De ha seculos conhecemos esse seohor.

Vive do organismo, alimeota-se dos dias a dos mezes, faz cahir o cabello e os dentes, emperra as articulações, enfraquece a vista, dobra a espinha, enrija o ouvido, aniquila os desejos, ossifica as cartilageos, enche de placas as arterias, desafina o coração! Chama-se — anno.

Microbios terriveis os annos, meu caro doctor, para que é inutil procurar um remedio. Ignorava v. ex.ª a existencia d'este inimigo subtil ou está a troçar comnosco?

V. ex.ª a matar o microbio de velhice deve elevar-se ás proporções de Josué mandando parar o sol; porque matar o microbio da velhice, o que equivale a matar o tempo, parece-nos um pouco mais difficil do que matar o bicho.

Estou em crer que v. ex.ª derivou do habito d'este ultimo assassinato, para o campo da sciencia experimental. Recommendamos-lhe a soda com umas gottas d'ammoniaco, illustre dr. Manlinconico, de Napoles. Que lhe preste!

O que porém provam estas tentativas dos sabios é o horror pela velhice Denotam a agonia do espirito, accorrentado á fatalidade da decadencia corporal. A morte em vida, deve ser um supplicio sem nome. A mocidade é tão rapida e tão precoce a velhice!

Taes pensamentos que levam os sabios para as explorações scientificas, atiram os espiritos menos cultos, a empresas mais positivas.

E' assim que Marcellino Alves, um carteiro, cioso de aproveitar a sua mocidade distribuidora, entendeu que a monogamia é uma injustiça flagrante contra os direitos naturaes e resolveu metter na mala matrimonial a Maria Joaquina, a despeito de saber que já lá tinha dentro a mulher e quatro filhos.

Devemos confessar que é um typo de espirito. Como ella conhece bem a terra onde vive; como elle percebeu que todos os serviços officiaes, estão na escala de aporfeiçoamento dos serviços do correio. E' um analysta.

Foi preso; é natural. Mas porque prenderam a mulher e lhe exigem dois contos de réis de fiança? Que crime commetteu? O ser enganada! Officialmente, segundo a lei, esse homem é seu marido. Correram-se os tramites legaes, documentos, proclamas, tudo o que a lei exige. Em vista d'isto o homem é solteiro para esta mulher.

A informação d'uma senhora visinha não tem fé, não destroe o codigo, a lei, creio eu.

Porque a prendem então? Por se ter deixado illudir? Pode alguem admittir que uma mulher, a não ser uma idiota, se preste a ir casar, o mais publicamente possivel com um homem casado?

Mas se é idiota o seu logar não é no Aljube. Se é uma illudida seria natural o ter direito a uma indemnisação!

Iste de justiça, entre nós, sempre lhes digo que é uma pepineira de se lhe tirar o chapeu.

A pobre mulher deve estar realmente admirada de não ter encontrado preso, na Boa Hora, o prior da Santa Izabel, na occasião do interrogatorio.

E' verdade que elle não teve a culpa, coitado; a culpa é da Maria Joaquina. Quem quer casar tem obrigação de conhecer todos os homens solteiros e casados de Lisboa.

Pois prenderam a mulher e deixaram o prior á solta e ninguem protestou.

Isto é um santo paiz em que só a tolice é grande na justiça e Beirão o seu propheta

Em Coimbra a extincção dos cães vadios faz-se, segundo dizem os jornaes, da seguinte forma: os animaes são amarrados a um tronco, pelo pescoço, e depois açoitados até os julgarem mortos.

Custa a acreditar tanta selvageria.

Mas, se é certo, pedimos que se applique o mesmo processo para o presidente da camara da Lusa Athenas. E não o offendemos: quem é capaz de sanccionar tal ordem é, phisiologicamente fallando, inferior a um cão.

Meu caro cancanista

Escrevo-lhe do meu ermo, onde a noticia chegou, portadora de alegrias intimas.

José Galache acaba de obter em Paris, o *Grand prix*, nos azeites expostos.

Portugal deve lhe hoje o ser conhecido no mundo como o primeiro azeiteiro. Não se esqueça de pedir para o solitario do Freixo uma condecoração qualquer. Não para elle usar na casaca, mas para adornar os rotulos. Faz effeito. Imagine com que amor não vamos todos, este anno, dar a esse homem a vida, que elle tão brilhantemente transforma, deixando-nos esborrachar sobre as mós. Alexandre Herculano, o nosso ex-visinho, nunca conseguiu tanto, apezar de ter escripto a Historia de Portugal.

Mas não se esqueça meu caro, de sollicitar com empenho a dadiva e de propagar o facto, que n'isso penhorará em extremo·

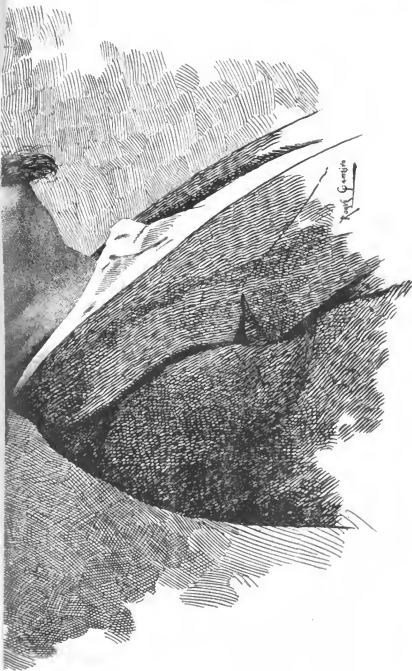
Uma azeitona reconhecida.

EMENDA

O gracejo a que nos associámos no ultimo numero, com relação á pergunta feita por uma professora a um examinando *que sahiu reprovado*, punge nos agora, por estar averiguado que a maneira porque essa pergunta foi feita, nada teve d'estranho nem de incorrecto. Levados por informações dadas pelos nossos collegas, illudidos naturalmente na sua boa fé, commettemos tambem o reprehensivel acto de desacato, de que nos penitenceiamos, perante uma senhora, digna de todos os respeitos de nossa mais alta consideração.

A maneira precipitada e irregular porque os nossos jornaes são feitos, dá origem a que a insidia possa introduzir-se surrateiramente no logar de verdade, produzindo factos lamentaveis, como este ultimo.

Dirigimos á distincta professora as nossas desculpas, rogando-lhe o acreditar que só uma informação falsa, poderia tar-nos arrastado á indelicadeza que tanto a magoou, que tão sinceramente lamentamos a que procuraremos ainda resgatar, quanto pudermos.

Jose Estevam Coelho de Magalhães

JOSÉ ESTEVAM COELHO DE MAGALHÃES

O grande patrio a quem a cidade de Aveiro vai erguer uma estatua, nasceu o'esta cidade a 26 de dezembro de 1809.

Em 1828 rebentou a revolução constitucional do Porto. José Estevam deixou Coimbra a partiu para Aveiro para promover ali a revolução. Vencido emigrou para a Galliza e d'ali para Inglaterra.

Em 1832 desembarca nas praias do Mindello.

E' um dos heroicos defensores da Serra de Pilar onde ganhou a Torre Espada.

Em 1837 é eleito deputado ás côrtes e é sobretudo alli que o seu enorme talento oratorio lhe alcança os maiores triumphos, combatendo generosamente pela patria e pela liberdade.

«Era, diz o Archivo Pittoresco, um caracter probo, franco e leal. Apostolo ardente das ideias democraticas foi-lhe fiel até ao tumulo. Privando com o poder, muitas vezes, e n'algumas o seu maior esteio no parlamento, nunca ambicionou o governo não acceitou nem sollicitou mercês ou condecorações.

O peito onde pulsou tão grande coração só se ornou com a condecoração da Torre Espada, ganha no campo da batalha.

Os seus discursos monumentaes são: o do Porto Piréo, As irmãs da Caridade a sobre a Barca Charles et George.

Fundou a *Revolução de Setembro* em 1866 e foi collaborador do *Tempo*.

Foi advogado distinctissimo e foi ainda grande como professor, como militar, como advogado, como publicista.

É a este grande vulto da liberdade portugueza, que Aveiro justamente orgulhosa, vai erigir um monumento.

Associamo-nos do coração á generosa idéa, e d'aqui levantamos um bravo á memoria de José Estevam, tão escarnecida hoje da politica contemporanea.

NO OCCIDENTE

E' um novo livro de poesias de Eduardo Vidal, o inspirado auctor das *Folhas soltas*, dos *Cantos do estio*, dos *Contos da sésta*, e dos *Crepusculos*, o mavioso cantor da Primavera, ao qual nem os encargos, por demais prosaicos, da sua vida burocratica, em que aliaz elle é distinctissimo pelos seus vastos conhecimentos, nem a *Carta de Conselho*, que elle procura occultar com uma ingenuidade verdadeiramente infantil, conseguiram embotar-lhe a veia poetica, cada vez mais fertil e imaginosa.

Este novo livro—*No Occidente*—é mais uma affirmação do que deixamos dito. N'elle se encontram bellas manifestações do apreciavel talento de Eduardo Vidal, a quem agradecemos do coração a amabilidade do exemplar com que nos honrou.

Por falta de espaço, não temos de ha mais tempo accusado a recepção da 1.ª parte d'um livro importantissimo, revelador d'um trabalho elevado e consciencioso do sr. Agostinho Sizenando Marques, sub-chefe da expedição portugueza ao Muata-Iaovo.

E' o titulo da obra: *Os climas e as producções das terras de Malange a Loanda.*

A parte que recebemos tracta sobretudo das regiões atravessadas, descrevendo com minuciosidade as plantas importantes, notando as particularidades dos seus productos, ou dos seus troncos, ou das suas raizes, de quaesquer partes onde haja uma propriedade aproveitavel pela carpinteria, pelo commercio, pela medicina.

A obra antemostra-se-nos como de subido valor e aguardamos com interesse o complemento, gostosos de poder applaudir o trabalhador sincero e agradecendo reconhecidos a amabilidade da offerta.

HOMENAGEM

a Antonio Pedro

A commissão encarregada de erigir um mausoleu-tumulo em honra de Antonio Pedro, dirigiu-nos a seguinte circular, que gostosamente publicamos:

Sr. redactor

A commissão executiva nomeada pelos amigos e admiradores do actor Antonio Pedro, em sessão de assembléa geral de 1.º do corrente, para obter os meios de erigir um tumulo aos restos mortaes do malogrado artista, e de minorar no mesmo tempo as precarias circumstancias da sua familia resolveu, para começar a desempenhar o seu mandato, rogar á imprensa periodica d'esta capital se digne patrocinar a subscripção publica já aberta para o mencionado fim, consentindo, como prova da sua adhesão valiosissima á meritoria obra, em abrir nas columnes dos seus respectivos orgãos lista para a mencionada subscripção, honrando-a, outrosim, cada um d'elles com o donativo que as illustradas redacções se servirem offerecer.

Sala da commissão executiva, em 2 de agosto de 1889.

Sr. director do jornal.

PRESIDENTE, *Manuel Pinheiro Chagas*; — VICE-PRESIDENTE, *Pedro Wenceslau Brito Aranha*; — THESOUREIRO, *José Gregorio da Rosa Araujo*; — SECRETARIOS, *S. d'Andrade* e *Francisco Franco.*

A redacção da *Comedia Portugueza* declarou já que se associava de todo o coração a festa merecida homenagem e que subscrevia com a quantia de.. 4$500

(Continúa).

Na Fabrica de Garrafas na Amora

Inauguração da

O dia da terça feira passámol-o na Amora. Fastajava-se a inauguração da fabrica de vidros, de que são directores Justino Guades, José da Silva Gomes a os dois irmãos Gilman. Uma tentativa industrial, a que toda a imprensa tem prestado o seu applauso, futurando o mais sympathico resultado. Assim seja; é esse o nosso voto.

N'um *lunch* magnifico trocaram-sa brindes anthusiasticos am honra da *recem-nascida*. Qua ella cresça e se desenvolva e viva por muitos annos e bons para contento e alegria de todos nós.

Alguns dados para servirem de guia aos portuguezes que se aventurem ao mar largo da Exposição de Paris

(Continuado do n.º 33)

Americana (do Sul):

São em geral de pequena estatura, mas deliciosas estas flôres das terras de Santa Cruz. Vivas, alegres, amando desde os oito annos, mas clementes como uns Othellos de saias. Um amor com muita pimenta e sol.

Italiana

Das mulheres mais gentis e mais encantadoras. Graça, belleza e fogo.

Ha quem lhe conceda a mais rara das virtudes — a fidelidade. Corações inexperientes e sensiveis, poetas, sonhadores, lembrai-vos das filhas da Italia! Ellas parecem aquelle condão supremo dos beijos—o tremôr febril: *a bocca me beijou toda tremente!*

Franceza

A prata da casa. A arte de amor de Ovidio é um ligeiro compendio elementar, perante os recursos d'um coração francez.

Aimez — dizia George Sand — *il n'y a que cela de bon dans la vie!* A opinião das patricias aperfeiçoou-se. A canção diz: *aimons, buvons, chantons!*

Americana (do Norte)

Brancas e louras, em geral. O gelo e o ouro. O ouro nos sonhos, o gelo no coração. Teem a coragem physica e moralmente e força de regrar o coração pelos apontamentos do *carnet* de baile.

Mas . não acordar o leão que dorme

Chineza

Não conheço pessoalmente. Mas pelo calçado que usam são senhoras de pouca base, devem desequilibrar-se muito e cahir facilmente.

De resto creaturas que comem arroz e com dois pausinhos.

Devem ser mulheres para papagaios.

Ao povo das cidades apparece sempre como profundamente comica a idéa d'uma belleza campezina.

A móda; o artificio, a arte da *toilette* com todas os seus caprichos, todos os segredos da illusão na plastica, dominam-lhe o gosto, a ponto de lhe fazer degenerar em ridiculo um rosto que não seja branqueiado pelo pó do arroz, um collo não envolto no espartilho adstringente. Ha mesmo umas mulheres officialmente bellas, que passam na admiração d'uma epocha, mais ou menos longa, como rainhas, adoradas, falladas, commentadas, pela elegancia, pela belleza, pela distincção e que artisticamente examinadas são umas anemias enfeitadas à capricho, sem viço, sem força sem frescura.

A natureza não se preoccuparia, decerto, em encerrar a opulencia brilhante da carne na atmosphera fetida das grandes cidades.

Não se preoccuparia, nem se preoccupa.

É no campo, na reserva caseira da mediocridade feliz, na paz limpa das consciencias honestas, no placido meio familiar da casa do lavrador, no pequeno claustro d'uma casa terrea, com muita luz e muitas arvores a espreguiçarem-se pela telharia musgosa, que se encontra na pureza virginal das linhas, a belleza natural das carnes, cheias d'uma frescura de pommos, na primeira epocha da sazonação.

Se alguem o duvidasse, ha uns quinze annos para traz poderia justificar-lhe o meu dito levando-o á taberna do Violas, e dois tiros de espingarda da Aldeia Velha.

Éra o'um angulo da estrada a taberna. Por detraz corriam os montes visinhos, os vinhedos resteiros, em deante corcovava-se em ondas negras a ramaria escura do pinhal.

Os frequentadores da taberna, eram, por via de regra, aldeões boçaes, almocreves que descançavam, e chusmas de ciganos, que demandavam feiras.

A filha do Violas, a Juliana, era a mais bella rapariga que tenho visto entre montes.

Cabello negro e basto, olhos negros, pelle branca, uma bocca fresca como os orvalhos, uns dentes adoraveis, um colo tumido e alto, e a respeito de fórmas de pernas e braços, o que ha de mais rigoroso e sensual na estatuaria grega.

A saia curta, a meio da perna, as roupinhas azues de debrum escarlate, e altivez do collo, a graça do olhar; o frescor da pelle, formavam d'esta rapariga de vinte annos um typo de verdadeira belleza.

Como alla muitas vezes, no impedimento do pae, enchia aos freguezes o cangirão vidrado do espumoso vinho, e palestrava alegremente servindo as mezas, comprehende-se que não fosse o menor dos attractivos da taberna do Violas.

Entre os frequentadores assiduos que merecem menção, havia o *Russo*, um rapaz slouredo, filho d'um lavrador visinho, que possuia boas geiras de terra, e o *Rabino*, um cigano de boas formas, cabellos e olhos negros, tez e rosto queimado, valente, atrevido.

Entre estes dois, oscilleva o coração de Juliana, segundo era fama, e entre elles o odio mais perfeito creara pé, em reconhecimentos de rivalidade..

O amor do *Russo* era, porém, placido e delicado; o do *Rabino*. exaltado e aventuroso, como a sua vida de bohemio, cheia de luctas e de revezes.

As coisas endaram assim por mezes: os rivaes espiavam-se mutuamente, e Julianna fazia se arisca com embos, gosando desvanecida os rancores que accendiam os seus olhos, com esse amor proprio, essa vaidade feminina, que não calcula os perigo, e que arrasta ao ceu como arraste ao crime.

Os mais sisudos, porém, previam um desastre. Havia entre aquelles homens uma lucta imminente, que o genio do *Rabino* a sabidas proezas justificavam.

O *Russo* dissera um dia: — Se o encontro na horta e conversal-a, como em dia de S. Miguel, dou-lhe um tiro.

O *Rabino* replicára: — Que se lhe confesse de graça egual lhe cosia as tripas com a navalha.

Uma noite, na taberna, a Juliana levou a galanteria a sentar-se ao lado do *Rabino* conversando em segredo, emquanto elle picava o charuto, isto na presença do *Russo*. que ne meza opposte jogava a *bisca* com um almocreve.

O *Rabino* eproveitou a proximidade do rosto da rapariga na occasião d'um segredo e deu lhe um beijo estrepitoso.

O *Russo* levantou o olhar, amarrotou entre os dedos ás cartas sebentas, n'uma convulsão intima, e ferrando os olhos na meza, acabou o jogo.

Acabado elle, atirou sobre a meza umas moedas de cobre para pagamento do vinho que perdera, enterrou até á nuca o barrete felpudo de lã, e silencioso, sem olhar para ninguem, sem *boas noites*, saiu.

O almocreve seguiu-lhe o vulto que desapparecia veloz na clareira do pinhal; o cigano abriu a navalha em fouce e collocou-a aberta ao alcance da mão; a Juliana levantou-se trémula e entrou para dentro do balcão.

Reinou o silencio na taberna. Presentia-se uma desgraça. Isto durou minutos.

O cigano accendia um novo cigarro, quando o almocreve distinguiu de novo o vulto do *Russo* correndo para a taberna. O luar incidindo no objecto, que trazia suspenso na mão direita, fel-o brilhar como a prata.

O almocreve recuou instioctivamente: o *Russo* trazia a espingarda.

—Se tens amor á vida, *Rabino*, disse elle, rapidamente ao cigano, não sáias.

—Porque? replicou este pondo-se de pé e agarrando a navalha.

—Espera-te o *Russo* e está armado. E saiu.

O cigano olhou pela porta. Peior para elle, disse fanfarronamente, vae-lhe custar cara a idéa. E chegando-se ao balcão: não faças asse olhar de medo minha corça, dá-me mais vinho e mais um beijo, para ter coragem. A Juliana deitou-lhe machinalmente vinho no copo, elle furtou-lhe um novo beijo a caminhou para a porta.

Ella correu lhe ao encontro: não sáia.

—Eu? Nunca me assostaram os lobos do matto.

—Elle mata-o.

—Não se acaba assim um homem vivo: e caminhou para a porta.

Ella correu a pôr-se lhe na frente quando uma labareda explosiu d'um massiço de verdura lateral.

O Russo desfechára!

A Juliana oscillou e caiu, com um punhado de zazagalotes nas costas.

O olhar do Rabino luziu como um olhar de tigre ferido e o cigano saltou d'um pulo de leão o espaço que o affastava da moita.

O Russo fugira do sitio; pegou pelo extremo do canno na espingarda e bradou-lhe saltando ao meio da estrada, batida do luar:

—Olá, ladrão de cavallos e de mulheres, se queres brigar com um homem larga a navalha que eu largo a espingarda, senão vou rachar te a cabeça contra um cepo de pinheiro.

—Ah! rugiu o cigano pelo inferno que te vou rasgar e lingua, e atirou-se a elle.

O Russo era um jogador de páu.

Deu um salto para traz, ensarilhou a espingarda, por o cigano em mira e em distancia.

Este, cego de raiva, precipitou-se novamente, atirando como um raio a navalha ao peito do Russo.

A espingarda porém varreu a navalha e volteando n'um eunido cavo, respondeu estalando a coronha na cabeça do cigano.

O Rabino caiu redondo.

A taberna do Violas é hoje ainda uma locanda arruinada junto á estrada real, que atravessa a aldeia. Isto foi ha quinze annos.

O pobre homem envelheceu a correr, desde e morte da filha; o meu nome da casa afugentou os freguezes, empobreceu-o de todo.

Quando o verão passado me dessedentava, depois da aspera caminhada atraz das perdizes, sentado no poial de pedra, que olha para a nova estrada a macdam, e ouvia pela decima vez a historia que acabo de referir, passou por deante de nos um carro magnifico de oito moles, onde um homem louro, ao lado de uma mulher nova e bonita, sorria a dois *babys*, que gargalhavam na almofada fronteira.

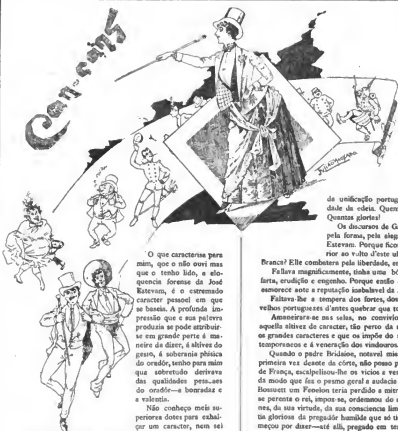
—E' o dono da Quinta das Lapas?

—E', disse me tremulamente o Violas.

—O barão de que? disse eu.

—Não sei; ah! elle é barão? replicou lugubremente o velho; nao sei, para mim é ainda o mesmo, com uns annos na Africa, e o homem que matou a minha filha! é o Russo!

—O Russo? disse eu e olhei o Violas. Pela face tisnada do velho corria silenciosa uma lagrima enorme!

Mendo.

O que caracterisa para mim, qoe o não ouvi mas que o tenho lido, a eloquencia forense da José Estevam, é o estremado caracter pessoel em que se baseia. A profunda impressão que e sua palevra produzia se pode attribuir-se em grande perte á maneire da dizer, á altivez do gesto, á soberania phisica do oradôr, tenho para mim qua sobretudo derivava das qualidades pess..aes do oradôr—a bonradaz e a valentia.

Não conheço meis superiorea dotes para exhalçar um caracter, nem sei de mais levantadas qualid ides que imponham o respeito e arrastem á convicção.

José Estevam era verdadeiramente um oradôr parlamentar. Simples ou energico, claro sempre, de palavra facil, corrente, cheio de ideias, tendo um fim, uma norma, uma crença profunda, e consciencia do seu valôr e o justo orgulho dos fortes que sa conhecem de consciencia limpa. Era um altivo. Revalla-se oos seus discursos que formára pelo estudo o alicerce das suas convicções; que cada vez que fallava, cada palavra, cada periodo pertencia ao professôr ebalizado ou ao guerreiro iotemerato. Não é a alma d'um homem que falla armando á populariedade, ao applauso banal, á conquista d'um logar, d'uma embicção, d'uma randa, á a alma da patria que clama aos ouvidos dos homens de cujos cerebros hão-da emaoar as lais dos seus destinos.

Quando elle fallava, fallava a dedicação, a coragem, a honra O homem conseguia ecclipsar-sa atraz dos attributos grandiosos e o verho inspirado oo amôr sagrado da patria rasgeva fundo nas couraças do prejuizo, do egoismo ou da venalidade.

Como elle disse de Garibaldi, assim elle era. De Garibaldi nota o esquecimento de si proprio, a consubstanciação com a Italia, o esquecimeoto do seu ser, o desconhecimento do proprio valor, a confundir-se com a patrie, a perder-se n'ella, da modo a confundir as duas vidas e exclama: só assim se á grande!

Fazia o seu proprio panegirico o grande oradôr, o grande patriota. Elle fazia com a palavra o que Garibaldi operava com a espada: a conquista da unificação portugueza pela communidade da edeia. Quentas batalhas venceu! Quantas glorias!

Os discursos de Garrett são superiores pela forma, pela alegancia, aos da José Estevam. Porque ficou na tradicção infarior ao vulto d'este ultimo o auctor da D. Branca? Elle combatera pela liberdade, emigrára tambem.

Fallava magnificamente, tinha uma bóa figura, talento á farta, erudição e engenho. Porque então a fama do oradôr, esmorece aote a reputação inabalavel da José Estevam?

Faltava-lhe a tempera dos fortes, dos intransigentes, dos velhos portuguezes d'antes quebrar qua torcer.

Amaneirara-se nas salas, no convivio feminino perdera aquella altivez de caracter, tão perto da rudeza, qua marca os grandes caracteres e que os impõe do respeito dos comtemporaneos e á veneração dos vindouros.

Quando o padre Bridaioe, notavel missionario, prégou a primeira vez deaote da côrte, não posso precizar de que rei de França, escalpelisou-lhe os vicios a vesgatou-lhe os actos da modo que fez o pasmo geral a audacia do pregadôr. Um Bossuett um Feoelon teria perdido a mitra; Bridaine elevou-se perente o rei, impoz-se, ordemnou do alto da sua pequenes, da sua virtude, da sua consciencia limpe, da sua modestia gloriosa da pregadôr humilde que só tinha—como elle começou por dizer—até alli, pregado em templos cobertos de côlmo.

Foi simples e vigoroso, claro a andaz como são os valentes de espirito, os crentes, os limpos.

Tal me parece o segredo da força da eloquencia de José Estavam.

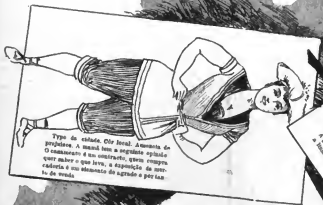
Leio-o a encontro sempre a nota pessoal: *Eu fiz, nós fizémos, eu quero, nós queremos.*

Guardai para vós as honras, os logares as mercês, mas segui a minha opinião, porque creio ser e razão, o direito, a justiça.

Esta é a minha opinião, cimentei-a no coovivio dos melhores pensadores e dei por ella o meu sangue!

Fello com a altivez e a independencia da minha honestidade: concedo-vos a exame da minha vide privada, podeis consultar a minha bolsa!

Isto sim que são razões! Esta linguagem entra no coração, coovence, arrasta, impõe-se, domina!

Sem artificios, o grande orador, sem molas occultas. Argumento responde o argumeoto, razão a razão, sem rodeios, sem palavriado, sem flôres. Flôres sediças é claro; que de resto a phrase é por vezes elegaote, mes sem pretenções, sem preoccupeções de ferir pela sonoridade, occultendo o vasio do concetto. Energica sim; incisiva, cortaote, preciza.

A mamã: gravidade, compostura e peso
A grande difficuldade da vida é conservar
a linha,

Detesta as capas. O marido, porém, dispensando-a do cioso vestuario, não lhe dispensa o lençol. Sempre encobre alguma cousa.

Typo da cidade. Côr local. Ausencia de prejuizos. A mamã tem a seguinte opinião: O casamento é um contracto, quem compra quer saber o que leva, a exposição da mercadoria é um elemento de agrado e portanto de venda

A burocracia dispeptica.

A nadadora. Fanatica pelo mar. Perante elle, terra, olhares, commentarios, desapparecem. O mar! um leito enorme, flacido, balouçante, que roça a pelle irritando-a docemente. Um leão que se domina e que nos beija. As familias acham simples de mais a mythologia acha pouco!

O poder de calças

Vinha-lhe da alma, não lhe nasc:a nos labios: tinham de o ouvir, arrastados pela nobreza dos sentimentos, pela elevação da idcia, pela grandeza dos conceitos e tinham de o applaudir por aquella força invencivel de que dispõem os convictos, que se estriba no fogo da linguag .n, na altivez do verbo, na arrogancia do gesto.

Quem ha hoje entre nós, nas nossas camaras capaz de transformar uma votação antecipada? Pois ha por lá quem falle tão bem ou melhor que José Estevam. Todos deleitam, mas nenhum convence; todos agradam mas nenhum arrasta.

A camara cômpõe-se de Garretts.

E' uma camara artificial. Usa chumaços nas pernas, idiotismos francezes, faz das discussões um exame de rethorica, tem idéas e cabelleira postiças.

Como se vê bem a differença e como a comparação é preciza se nos lembrarmos dr calva magestosa de José Estevam.

Viam-se-lhe as qualidades politicas com as qualidades moraes.

Não tinha cabello, não o occultava e nem por isso foi menos nobre e altiva a sua cabeça veneranda.

Mas, coisa curiosa, passam annos e sabem v. ex.as porque ninguem faz caso, senão para se divertir, dos discursos dos nossos oradores? E' justamente por terem todos a calva á mostra!

Em verdade vos digo que é este um dos defeitos para que não ha chino que assente na therapeutica da opinião honesta!

E' possivel que me engane no juizo que faço sobre o grande orador; mas o que é certo é que o *faz o que elle diz e não o que elle faz* morreu ha muito perante a nossa complacencia e que se impõe mais um grande e generoso exemplo do que dezenas de discursos, inde que possuam o conceituoso atticismo Vieira ou a elevação esmagadora d'um Demosthenes.

MENDO.

Portugal na exposição de Paris

Apresentamos hoje aos nossos leitores o desenho de um dos mais primorosos trabalhos da gravura que temos visto, obra do sr. Caetano Maia, considerado hoje, e com toda a justiça, o primeiro gravador portuguez.

O trabalho a que nos referimos, e cujo desenho acima publicamos, é a mais digna commemoração da grandiosa homenagem feita pela capital em honra do glorioso ministro de D. José I, em 183a. Esta medalha commemorativa é gravada em relêvo e com a maior nitidez em todos os seus minuciosos detalhes. E' offerecido pelo seu auctor á cidade de Lisboa.

Pelas ultimas noticias vindas de Paris consta que o distincto artista foi premiado com medalha d'ouro.

Decididamente a questão do rejuvenescimento está preoccupando os carebros da alguns homans da sciencia.

E, verdade, vardade, não ha assumpto mais importante, nem tão altamente sympathico, porque ninguem, por muito *blasé* ou muito cançado da vida, se confórma com esta triste ideia, que nos assalta ao despontar o primeiro cabello branco: anvelhecar.

Depois de Broron—Séquard apparece agora o dr. Malinconico a declarar que dascobriu o microbio da velhica e qua procura realizar esta grande problema—*matal*-o.

Por Deus, illustre sabio, ponha-lhe o pé em cima, trinque-o, esmigalhe-o, esborrache-o, sem mais cerimonias, sem mais considerações, que nós todos cá astamos para o applaudir com todo o enthusiasmo possivel...

Não ser velbo, não embranquecar, não ter achaques, conservar sempre o frascor da mocidade, no aspirito e no corpo, mantar sempre a mesma linha, o mesmo aprumo, a mesma elegancia, a mesma côr, sem racorrer ao carmim, á agua carcassiana, ás fricções, etarnamante jovan a eternamanta bello!... mas não ha melhor idaal, sonho mais côr de rosa, phantasia mais encantadora...

Apressem sa, por quem são, ó grandes beoemeritos, para que todos nos possamos aproveitar a tempo de tão maravilhosa descoberta a possamos resistir ao microbio, quando ella tente cavar-nos nas faces a primeira ruga...

Que de transformações a realisar por esse mundo, santo Deus!..

A velha heroina dos salões de 1820, que por ahi passa corcovada, coberta da neve dos tempos, os seios carcomidos, o rosto descórado, com tabaqueiras e rosarios, sem apetites, sem ideses, lembrando, quando muito, oo meio das suas orações os peccados que outr'ora commettera, eil-a, em brave, depois de esgotadas algumas taças do precioso elixir, voltar á idade do amor, do prazer, da voluptuosidade, prefumarem-se-lhe os labios de doces ambrosias, readquirir nos olhos o brilho das estrellas, arquear-se-lhe o collo, dourarem-se-lhe os cabellos, rozarem-se lhes as mãos, adelgaçar se lhe a cintora a cantarolando a canção alegre da mocidada, disputar por essas ruas e por assas salões o coração do primeiro que a apetaça, qua a fascina, que a seduza... Será como que um renascimento para a vida, depois de tar hibernado tantos annos, encontrar em seus braços quem lhe segreda as boas palavrinhas do amor, quem lhe enxugue entre beijos ardentes as lagrimas do muito que padeceu...

O que os taes sabios vão fazer, qoa revolução medonha, se allea conseguem dar cabo do microbio da velhice, conservar a frescura a quem a tem a restituil-a a quem a perdeu.

O' loiras Margaridas, não zombeis de qualquer valho que vos cortaja, porque a lenda de Fausto vai transformar-se n'uma pura realidada... Ides vel-os, sem mysterios do alçapão nam musica de Gounod offerecer-vos graciosas, o seu amor, o garbo dos seos vinta annos, apaixonados a ardentes a lascivos como qualquer gato na flor da idade...

Poetas decadentas retomarão as suas lyras a as suas cabelleiras, a virão, de novo, sob os balcões das suas bellas, antoar alegres serenatas, soltar lubricas endeixas, pedir qu. desçam as suas escadas de seda para alles treparem apressados a febris...

Vai ser um gaudio enorme para os cooselheiros aposentados, porque ellea voltarão á effectividade, com o desembaraço de quaasquer aspirantas; geoeraes na disponibilidada sentir-se-hão dispostos a atacat qualquer reducto, por mais perigoso qua elle seja, por maior resistencia que elle offereça; bons burguezes, para quem o unico prazar estava na bisca ou no burro em pé antes de se recolherem, indifferentes e insaosiveis aos seus thalamos, hão de correr, pressorosos, a comprar dois decilitros do nectar, qua os ha-de transportar á sua lua de mel, mandando ao diabo o jogo innocenta.

Abençoados sarão, por todas as avósinhas, esses dois heróes da sciencia, se elles conseguirem reconquistar para as suas faces as rosas qua tinham emmurchacido a para o seu aspirito a *coquetterie* que se lhe tinha apagado.

Ellas irão de joelhos á Graça, jejuarão oito dias, offerecerão uma vela ao Senhor dos Passos, quando tiverem a certeza da que arrancando ao seu vestido o mais petulaota dccóta ancontrarão, sobre a mais fina brancura, a graciosidade dos dois botões de rosa, qua allas haviam perdido...

Que delirio enorme... e qua enorme inferneira!.

C. de Moura Cabral

AOS SRS. ASSIGNANTES E CORRESPONDENTES

Durante a ausencia temporaria do nosso director-gerente, o sr. Silva Lisboa, que se retirou para Paris, toda a correspondencia deve ser dirigida ao novo gerente interino o sr. Victor Lisboa.

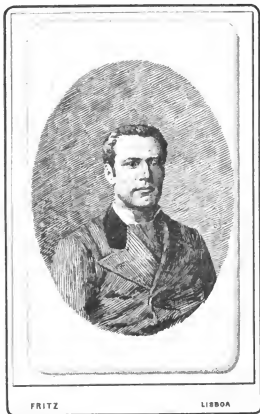
O cortejo civico de quinta feira foi o devertimento da população que encheu as ruas do trajecto, endomingada mas indifferente. Era um dia sanctificado e como não hoovesse qoa fazer e nada de melhor para passar a tarde, o alfacinha desceu á rua sem enthusiasmo, mesmo sem curiosidade, um risinho ironico nos labios e o palito do jantar ainda nos deotes. E o cortejo—(apezar dos boatos *assustadores* que corriam)—passou... sem novidade.

Succederam-se as aggremiações estandartes de setineta e velludilhos de todas as côres, com inscripções bordadas a ouro, a prata e a missanga devidindo grupos respeitaveis em que predominavam sujeitos de mellenas oleosas e barbas por fazer, deitando para as jaoellas olhares desconfiados de pessoas postas em evidencia pelo acaso, sem uniformidade, sem caracter, sem o especto nobre e seguro de quem sabe que está cumprindo um dever, andando mal, o corpo bamboleanta ao som das marchas reles dos sol-e-dos.

José Estevam agradeceu commovido todos os *vivas* que lhe foram levantados a escutou com a mais heroica seranidade todas as marchas que os sol-e-dós seus admiradores tiveram a gentileza de lhe fazer ouvir.

E assim acabou a apotheose ao grande tribuoo. São terriveis n'este paiz os sol-e-dós!

O PADRE ANTONIO D'ALMEIDA

(VULGO O PADRE ANTONIO DAS CALDAS)

Ó tonsurado pulha ó ultimo canalha,
Em vez de lingua tens na bocca uma navalha.
G. Junqueiro

Gravar nas paginas da *Comedia Portugueza*, o protesto da dôr que nos assaltou perante o desgosto de Julião Machado, o nosso brilhante collaborador artistico, será banal perante elle attenta a sã amizade que nos une.

Mas a sociedade tem convenções que é precizo respeitar e mal nos iria se no jornal que elle abrilhanta com o seu lapis, não apparecesse a confissão da nossa magua tão sincera como inutil.

Renovamos pois, publicamente, o abraço de pezames que intimamente lhe demos.

Elle o acceitará como a expressão mais sincera de quanto patilhamos os seus desgostos e pezares.

O PADRE ANTONIO

(Em resposta ao artigo—Carta das Caldas—publicado no *Correio da Manhã* de 22 do corrente, assignado pelo Ermitão do Senhor da Pedra, como réplica aos artigos criticos de *Mendo*, publicados nos n.os 43 e 44 d'este semanario.

A *Comedia Portugueza* tem de dispensar-me hoje excepcionalmente as suas paginas para uma questão pessoal e desculpar-me a irreverencia da phrase, como a rusticidade da lucta. Mas sahiu-me, na estrada, um arreeiro bebado, vomitando injurias e ameçando-me o corpo com uma navalha de ponta e molla, envenenada,—a penna que molhou na lingua!

Desprevenido, desarmado, tenho de visar-lhe o corpanzil oleoso com as pedras do caminho e atirar lhe ao carão jogralesco toda a lama que lhe encontrar na vida, a leval-o abaixo na legitima defeza prevista pelo codigo. A lucta não primará, antesinto-o, por limpa e delicada; mas a nobreza do combate parte de antagonista e é assim que ninguem conseguirá esborrachar um sapo entre as mãos, sem manchar o fato e enodoar os dedos! Tal é o meu caso.

A baixeza do inimigo obriga-me a descalçar a luva e arregaçar a manga.

Peço venia.

Meu fadista de c'roa, apostolo de Alfama,
Deviam por-te ao peito uma gran-cruz de lama.

(G. JUNQUEIRO)

O leitor leu ambas as partes? Bem.

Eu não posso acompanhar este Camillo de barro de penicos caldenses, na dança macabra d'um estylo grotesco, com máu cheiro de classicismo, prenhe de sonoridades óccas, de reviravultas, patusco e barbaro, a sahir arripiado de periodos desconexos, vasios de grammatica, mas recheiados de insolencias, de insinuações, torpes como o caracter vilissimo do Iscariote plumitivo.

E' um classico, elle, o pelitrapo das lettras, o bandalho escreviohador de vilezas!

Assim se julga, assim o diz: julga-o por aquella estupidez do asno que se emproa para cavallo arabe, porque lhe consentem atravessar o sertão com a comitiva e, dil-o por aquella immodestia, com que se arrogam encomios, todos os vaidosos perante os que julgam inferiores, todos os pulhas quando fallam da sua honra!

Mas o leitor hade ter a coragem graciosa de ler as minhas parvoiçadas, como elle tão delicadamente alcunha os meus escriptos, na fé de que se o não alcanço na formusura quinhentista da phrase, tenho em compensação força para o agarrar pela gorja, estatelal-o na lama e desconjuntar-lhe a carcassa ignobil cheia de podridões e fedôres.

Eu sei que vai gozar a galeria; mas é indispensavel. E' a primeira vez que me vejo forçado a descer de medico a alvaitar para autopsiar a besta d'um padre. O coiro d'este reverendissimo é porem molle e encontro me na facilidade de o desfazer a pontapés, o que me garante o gasto d'uma tomba menos elevado do que a substituição d'uma lamina

Ouçamol-o pois. Elle começa:

«Bisgarotou o esfuziote; revergasto lhe a lombada, retumbante e aguentadora como tambor n'uma festa.

—Tourada n.º 2. Touro o mesmo: sortes e garrochadas mais uma.—»

Recambio-lhe a grammatica e a linguagem de bordel para a sentina da bócca a expremo o sentido, que commento. Nunca tive com este homem a mais leve discussão; nunca me constou que se tivesse dirigido a mim, agressivamente, por qualquer modo. Ha pois aqui uma asserção velhaca, uma basofia gratuita e canalha.

E' uma reproducção da maneira porque o cobarde referiu, nas Caldas, perante um amigo meu, a causa da minha critica primeira.

Elle disse: dei-lhe um dia duas bofetadas, no Cartaxo. Alguem sabe d'isto, alli?

E' um valente por imaginação, ao longe.

O leitor está a perceber o homem?

Agora vai entrar pela minha vida privada. Manha de confessionario. Era de prever. Fallo ao escriptór, dirige-se ao homem.

Não o receio, entre, que eu não largo o chicote, conheço os desinfectantes e sei expremer um tumôr!

«—Germinou no Cartaxo; avantajou-se em crescenças lá por onde calhou; e d'ahi replantou se no torrão natal, carregado das glorias de poetastro, e das *raposas* da cábula airada....... ..

«D'ali o desarreigaram umas tempestades truccidantes e enodoadôras, fauctoradas por uns ventos de vaidadosismos que elle por lá semeou.

Contos largos... serão contados a seu tempo; nanja que eu cuide de molestar com isso o meu *aristarco* de aza de mosca, porquanto é elle d'aquelles a quem o pé não pesa uma onça..... nem o pondunor tambem.»

Assaca-me de glorias de poetastro. Cito-lhe a opinião a meu respeito do sr. Pinheiro Chagas, que elle reconhece como mestre e que escreveu de mim:—poeta distinctissimo, etc. (Jornal de Domingo n.º 16 julho 82).

Vá embuchando, seu biltre!

A respeito de *rapozas*, o mesquinho aproveita-se de duas reprovações, que soffri, em preparatorios, crendo rebaixar-me. E' d'uma pulhice tão pequenina que faz nauseas.

Nada significa perante o merito de qualquer, uma reprovação que pode ter milhares de causas. Os maiores homens do nosso paiz nunca tiverem cursos. Mas o bandalho esquece que são as acções da vida que justificam o valôr. D'outro modo Christo, morto ignominiosamente, teria ficado como um vadio turbulento, um ladrão, um mariola, muito inferior inda assim ao seu estanhado levita!

Deserreigaram-me de lá umas tempestades trucidantes e enodoadôras... o que não admira, acentúa o canalha, porque eu sou dos que não me peza o pé uma onça... nem o pundonôr.

O sevandija affirma. Nada mais facil.

Alguma coisa fica sempre da calumnia, elle o sebe e aproveita-o.

Compete-me negal-o, naturalmente; mas a fôrça da minha negação só terá um verdadeiro valôr quando o leitôr tiver conhecido, completamente, o estôfo d'este mastim de passal! A resposta vai portanto no fim.

Mas, continuamos a observar o paodilha :

«—Na furia do pinotear, zurrão e arrebitado, girando-laodo coices para todos os lados, lá atira contra vós, P. Chagas e tudo.—»

Está a pedir auxilio, a introduzir a personalidade de P. Chagas, onde ninguem a chamou, a tomar-lhe o braço, sem reparar, o pôrco, que estraga e sobrecasaca do illustre escriptor com as nodoas da batina a que o colloca na contingencia de passar por rufião malandro attenta a publicidade da companhia.

Mas oão o larga, o cão tinhoso, vejam :

«—E vejam lá como a gente cáe das alturas das nossas prosapias de vernaculismo mal ons embate a rajada garrulla d'aquelle tufão de parvoiçadas!

»E anda por ahi o mestre, o sr. P. Chagas, a dizer que nos conta no numero dos sãos e escorreitos de emporcalhamentos na vernaculidade, para que, um dia, o tolejar d'um enrepostado nos *trambôlhe* do acaumesinho de glorias. !»

E' para morrer a rir o lêr-se este classico de eebo de Hollande, para não dizer d'outra coisa!

Elle é escorreito da emporcalhamentos na vernaculidade! Ora vejam! Uma vernaculidade emporcalhada deve ser coisa curiosa de ver. Tambem será a unica coisa que não emporcalha — o sujo—!

O sr. Pinheiro Chagas, que veja onde leva a xagerada delicadeza. A mim, faz-me rasgar a pagina da carteira, onde guardava, vaidosamente, o seu louvor, na incerteza de que o ditasse a criminosa amabilidade que faz d'um estrambotico escriptor de sujas maravalhas, um Bernardes ou um Lucena: a elle, revoltou-lhe a mioleira, ensandeceu-o, a ponto de ter o desplante de se nos apresentar, como escriptor, elle que está para a escriptura, como um caiador de chaminés para a pintura a oleo, elle que faz da penna, arma gloriosa dos Hugos e dos Littré, o piaçá-hyssope, com que esperge a asneira depois da meditação, com que esperge a calumnia depois de lhe servir na lavagem dos dentes!

Eh! lá, classico escriptor d'Alfama, rue!

Depois chama-me larvado e aproveita com uma finura digna de cão de esgotos as miobas iniciaes para me chamar metulão, maluco, malaodrim, mondongo. Está a gente ao verlhe a bôcca aberta a expectorar estes *classicos* e gratuitos epithetos, como que a assistir ao esvasiar d'uma fossa de despejos a que levantaram o taipal!

Vão lá ter-lhe mão! Rhodano da grosseria, bôcca de ouro da immundicia, despeja-te! e que Deus proteja do teu bafu os vermes da terra e as aves do ceu, que não tem culpa!

Pretende, em seguida, dar-me uma licção de grammatica. Releiam-n'a e vejam se este classico me não sahiu uma destemperada e pedantissima besta!

Depois de me mimosear com mais uns epithetesinhos classicos manda me para a sala dos cães. Uma coisa que nos aclara a sua vida intima. Em casa d'este classico ha uma sala para os cães e uma possilga para o domno!

Estão nos seus logares!

Como nada mais se contem digno de menção no apontoado epistolar do troca-tintas, resta-me, para minha defeza moral de apresentar ao leitor a discripção completa do bruto, de que o leitor possue já um ligeiro esboço com as qualidades de pedante, de malcreado, de ordinario, de mentiroso, claramente revelladas na analyse feita.

Mas ha mais e eu ao revelal-as pretendo apenas annullar, absolutamente, todo o valor das palavras escriptas pelo pati fe canonico e estou, fazendo-o, mais do que exercendo um direito estou cumprindo um dever.

O homem das salas. — Ninguem conseguiu jámais vel-o decentemente vestido, ou decentemente sentado deante de uma senhora.

D'uma grosseria revoltante no fallar, ordinario nos ditos, que rumina os supposição de finissimos conceitos, provoca o asco que impiram os preteociosos iotrusos d'um meio superior onde lhes vede a posse justa d'um logar e inferioridade moral, que só se occulta n'uma natural distincção ou só annula uma educação subida.

Appello para todos os frequentadores das Caldas da Rainha.

Nunca o lá vi; mas muitas pessoas m'o teem pintado, como tão bem o adivinhava, levado pelo conhecimento d'aquella sua delicadeza que o fazia tratar, em casa de Rebello da Silva, no valle de Santarem, por *cavalgaduras*, umas senhoras que tinham descido ao jardim sem o prevenirem.

— Phrase de besta : *ó suas cavalgaduras vieram para baixo e não disseram nada?* Uma gentil senhora, hoje casada com um distincto official de artilheria, sorrirá, ao lêr-me, se se lembrar da correcção immediata que applicou ao desconchavado alarve.

Inda este anno, nas Caldas, porque uma senhora se recusou a cantar immediatamente ao seu pedido, o delicadissimo camêllo, exasperado, vociferou: — *pois não cante, não gosto que ninguem se exprema por minha causa.* E na correspondencia immediata, para o *Correio da Manhã* (julho ultimo), descrevendo um sarau, diz, d'esta senhora : — que se negava a cantar bem pouco correctamente.

Não se pode ser mais cobarde como homem, nem mais evangelico como padre. Depois da brutalidade a hypocrisia : pediu, dias depois, perdão, alcunhando se de doido! Faz differença: elle queria dizer malandro mas acanhou-se. N'alguma coisa ha de ser modesto o patife.

E' um cumulo de pedantismo, o oullo.

Elle prega como Malhão, monta como o Marquez de Marialva, atira como Julio Gerard, (ou um cavallo ressaivado) canta como Francisco Andrade, toca piano com Listz, escreve como Fr. Luiz de Souza, joga o bilhar como Nicolais, vaste como Bukingam, e é pulha como mais ninguem!

Tem a caveira cheia das convicções relativas a todos os predicados, exceptuando o ultimo, que lhe está na consciencia que elle não confessa, de que se não gaba, como dos primeiros, mas que é o unico verdadeiro, o que não tem discussão, o que é axiomatico, aquelle de que elle poderia vangloriar-se, o bandido, porque a natureza quando quiz escarrar cuspiu-o a elle!

Estas e outras qualidades gentilissimas fez que se lhe fechassem successivamente todas as casas onde era recebido, cavalheirosamente, no Cartaxo.

No club, a falta dos mais rudimentares preceitos de educação expulsou-o de todas as mesas de jogo, porque nenhum socio queria collocar-se na collisão de ter de supportar as suas grosserias insolentissimas, ou de lhe dar com as cartas na cara.

Tem a ambição da riqueza millionaria. Lê as *Mil e uma noites* e tem a miragem dos palacios de cristal, das escadarias de madrepérola e dos salões com columnas d'ouro e de alabastro. Nada de costas, ao sabor das correntes, meia adormecida, indolente, os braços sob a cabeça, fitando o céu. Imagina-se uma perola vogando no liquido d'uma ostra colossal, aberta cuja tampa é o céu.

Nunca amou. Espera um rajah, que chega afinal, ahi pelos trinta annos, na individualidade de um major reformado! Oh! os vinte annos.

Nadar n'um mar de rosas.

Nadar entre duas correntes.

Nadar em sêcco

Nadar com boia de salvação.

Corrido de todas as mezas, o sem vergonha, abancava junto do primeiro parceiro e intromettia se no jogo, de tal modo incnoveniente, que afinal ninguem ousava jogar sem que soubesse primeiro se o homem estava fora da terra.

De lingua audaz e pouco commedida alcançou alienar, uma a uma, todas as sympathias a tornar se um pezadello vivo, um motivo de mal estar para a villa inteira. Offendia os menos melindrosos o seu pedantismo revoltante por injustificado; melindrava todos os convivios o calão, a phraseologia grosseira do que havia de ser, mais tarde, rival dos vernaculos desempercalhados!

A villa do Cartaxo viu-o sahir com prazer.

Tal é o homem: grosseiro, insolente, ousado com senhoras, incapaz de sociabilidade limpa, aggressivo e pedante.

Vejamos o padre.

Veio para o Cartaxo como coadjutor da egreja parochial. O parocho era o que de melhor tenho conhecido em padre. O verdadeiro pastor d'ovelhas, bom, caridoso, sanctamente jovial. Bom e santo velho a quem o trabalho assiduo de quarenta annos de virtuoso e ininterrupto serviço de Deus, alquebrára e cançára. O nosso heroe veiu para o coadjuvar, para lhe poupar as longas marchas aos cazaes distantes, os serviços asperos das longas caminhadas. Acrescera ao prior o trabalho com a nomeação, em reconhecimento de suas virtudes, de Vigario da vara. Sobrepujava-lhe de muito em tempo o trabalho. N'estas condições chegou padre Antonio. Pois bem: caçava ao longe todo o dia; ausentava-se sem dar cavaco algum por dias successivos, de modo que raras vezes era encontrado quando era chamado. O bom prior desculpava-o sempre,—que era rapaz, dizia. Roubava assim o ordenado ao povo que não servia e sobrecarregava o bom velho com o trabalho de o aturar, sobre o desconsideral-o abertamente pela nenhuma importancia que lhe ligava, como superior, n'um exemplo recommendavel de humildade christã.

Se doença do prior o obrigava a dizer a missa conventual, chegava sempre tarde, como os policias de opereta. A demora era quasi sempre bem justificada. D'uma vez quando o povo farto de esperar se espalhava pelo largo, vociferando, apparece elle vestido de campino de vara ao hombro, suado, de barrete, jaleca e cinta. Encosta o pampilho à porta da egreja, entra por ali dentro, veste sobre os calções, alvas e cazulas, engrola a missa em dez minutos, despe cazulas e alvas, remonta e elle ahi vai á procura do ultimo toiro que se estramalhára. E o povo sorria d'este maioral de coróa que errebanhava touros com a mesma facilidade com que estropiava missas.

No entanto o bom do velho prior trabalhava até á madrugada, vergado sobre a banca, a lavrar assentamentos, a despachar requerimentos, a responder a officios. O coadjuctor divertia-se.

Usava, contra a regra, o cabello muito crescido e e corôa pequena e descurada de modo a poder occultar-se e ornavam-lhe o rosto trigueiro uns matacões atrevidos. Esta ornamentação symbolica era o protesto contra a escravidão ecclesiastica, a revelação de sympathia pelo mundo. Servia-lhe quendo tinha de jantar com algumas damas de aluguer, mandadas vir de Lisboa, pera alegrarem o *toast* de jantares epilogos de caçadas; ou para se pavonear nas salas, fazendo esquecer a castracção moral em que a egreja o acaimava.

Sortia effeito a caracterisação. O padre justificava as fumaças de conquistadôr. Assacaram-n'o de mancebias escandalosas, que os seus actos justificavam completamente. Teve varandas e Julietas, não desdenhava, como se viu, das Gauthier, oriundas de Cordova ou de Sevilha, e porque não deixe duvida a verdade do que affirmo, porque não seja poncto controverso o ultimo rebaixamento moral d'esta homem, o pulhismo revoltante de padre, eis uns trechos d'uma carta das Caldas que recebi poucos dias depois da primeira critica:

—Excellente, merecida a critica ao pseudo Ermitão. O homem deu peixe. Não se falla aqui n'outra coisa. Attribue a troça ao Dr. F... que diz que o conhece de perto e já o apresentou como protogonista n'um conto, a proposito d'uns amores com .. ... que o iam fazendo apostatar!

Como ninguem adivinha, conclue-se que anda a gabar-se pelas Caldas, o bandido, das vergonhas que devera calar.

E' o cumulo do cynismo.

Mas o que ressalta mais frizantemente da carta é a confissão da apostasia imminente, na bocca d'um padre.

Espantosa de conceito, profundamente moralisadôra a cota do marmanjo. Dá-nos a bitola das suas convicções, a altura da sua crença. E' padre como podia ser trapeiro.

Apostatava. Tirem todas as conclusões que se devem tirar d'esta affirmação d'um ministro de Deus e digam me se fica na religião alguma coisa a respeitar ou a crêr.

Jámais a bôcca d'um homem tem pronunciado com mais verdade o *Domine non sum dignus*, preparatorio da communhão; porque metter Deus dentro do peito d'este padre, onde a sua acceitação depende apenas da falta d'amor graúdo e da necessidade da congrua, ermo de todas as virtudes sociaes e christãs, pleno de todas as vis paixões, equivale a mettel-o n'uma cavallariça!

Sua Emmunencia já de uma vez lhe suspendeu as funcções. Ignoro a razão; mas parece-me poder concluir que não foi por demaziado selo no desempenho das obras da misericordia. Restituindo-lhe os foros de presbytero, sua Eminencia decretou o sacrilegio!

Uma ultima nota de dezenas que havia a explorar, n'este sentido.

O padre galanteadôr, tem-se escripto com diversas senhoras, casadas e solteiras. E' mesmo um pedido que se não esquece de fazer a todos os que, ingenuamente, o tomam como digno. Ha familias que, na boa fé, consentem a correspondencia.

A uma menina de Lisboa escreveu elle, perguntando-lhe ella por mim, umas calumnias infamissimas ácerca do meu viver, no Cartaxo.

Um parente d'essa senhora, meu velho amigo, foi n'um dia ao Cartaxo prevenir me. Fiquei sciente.

Eu não podia mostrar me sabedor do caso, era um segredo.

O malandro sagrado emtupiu, agora; só agora sabe tambem que lhe sei da acção.

O inclito velhaco de mais sabe que durante os dois annos em que fiz clinica no Cartaxo fui o mais desinteressado dos medicos, como pode proval-o o livro dos meus credores; não ignora que segui, na minha posição, o mais elevado caminho, que fui em todas as casas onde entrei o mais serio respeitador da dignidade alheia, o mais attencioso com os ricos, o mais delicado com os pobres.

Ha ahi, n'essa terra, alguem que o negue? Alguem que haja que o venha declarar; que venha dizer se na minha vida publica ou privada (até esta lhe concedo) houvera algum acto de que resulte descredito para o meu nome, que menoscabe o orgulho que sempre possui, que sempre mostrei a quã tanto offendia os sendeiros sujos, os reles vilões da laia do padre que n'este momento esfolo!

Que venha esse alguem, que defenda este padre calumniador, que justifique a palavra infame do onagoro tonsurado.

Eu não devia louvar-me a mim mesmo, é claro; mas é precizo dizer estas coisas porque d'outro modo a canalha sobe sempre, passando por cima de tudo e nem todos sabem distinguir, o que é a marca da justiça, ou a baba pestilenta d'um impenitente devasso!

Parece-me desnecessario pintar mais demoradamente o padre.

O leitor vê-o e admira o como vergooba do clero, insubordinado, devasso, calumniador, impudico, infamador das casas onde entrava, emporcalhador de reputações, heretico, immundo.

Concluase d'aqui o coocetto que deve merecer na consciencia de todos os homens honestos, o epitheto de malandrim, com que julgou ferir-me!

Mas que fez este homem? quem é? o que vale?

E' um homem que toca viola, canta de barytono, walsa nos clubs, caça e costaha. Mas toda a gente faz isso, d'onde então a fama do bilhoste:

De ser padre. Esta é a verdade. Sem ser padre todas as aptidões acima, dar-lh.-hiam entrada n'um café concerto, ou n'uma barraca de feira. Mas é padre! e eis o segredo da celebridade do bandalho emerito, do insignificante em todos os ramos da sua actividade, excepto nos respeitantes á calumnia e á infamia!

N'esses é realmente celebre, n'esses é realmente classico!

E respondi. Resposta litteraria. Mas ha outra que não dispensarei, na occasião. Essa dar-lha hei quando lhe encontrar a coróa au alcance da ponteira da minha bengala.

M. M.

Ter uma ideia, n'este momento, é quasi um caso virgem. . Porque, francamente, sob esta athmosphera pesada, tudo nos convida a oão cançar o cerebro, tudo nos convida a não fazer nada, nem mesmo a amar que sempre dá alguma coisa que fazer... Uma rede dependurada entre duas arvores, passaritos a trautearem as suas canções alegres, a agua a correr entre os canteiros e algumas divindades a fazerem-nos bichinha gata, mas uma bichinha gata *pour le bon motif*... é tudo quanto se póde idealisar n'este tempo de verão em que o ceu, com a monotonia do seu azul constante e o sol com a impertinencia dos seus raios ardentes nos tiram as forças para trabalhar.

Pois, apezar de tudo isto, nos acabamos de ter uma ideia, que, respeitosamente, vamos submetter ao juizo da rua dos Capellistas, aos syndicateiros do paiz, que, n'esta hora tenham fundos disponiveis e se achem dispostos a aventuras financeiras.

Já ha jantares e varias outras cousas aos domicilios, não e, portanto, para ádmirar que uma nova empreza forneça pensamentos aos domicilios, destinada a favorecer todos aquelles que vão a Paris, encarapitar-se no ultimo varandim do torre Eiffel.

Ha quatro mezes que todo aquelle que tencionava ir visitar a a grande cidade, anda improvisando um pensamentosinho para atirar ao mundo, do alto d'aquelle grandioso monumento, que o nosso compatriota Antonio Duarte da Cruz Pinto acaba de saudar como uma *amostra soberba de talento francez*,, esse mesmo monumento, d'onde Luiz d'Araujo nos enviou, ha dias, um abraço fraternal... Entre parenthesis: obrigado, Luiz, muito obrigado por não nos teres esquecido la em cima, nas alturas de vôo das aguias, envolto em nuvens como nas apotheoses das revistas do anno.

Ha quatro mezes que centenas de pessoas dão tratos de polé á imaginação para inscreverem no livro de ouro do *Figaro* um pensamentosinho delicado, ternas endeixas ou sentida prosa; que elles, depois de fabricadas caprichosamente, accomodam com toda a cautella na sua mala de *touriste* entre um par de piugas e uma camisa de noite.

Esta preoccupação constante emmagrece, empallidece e definha toda a nossa população.

As meninas andam amarellas e os paes andam vermelhos pelos esforços enormes, contrahidos durante dias e dias, para darem á luz um pensamento sympathico, decorativo de boas imagens, grandioso de inspiração.

Familias inteiras vasculham todos os recantos, armarios e gavetas, cafeteiras velhas e barris do lixo, em busca de duas linhas de prosa á altura da gravidade das circumstancias .. Janotas da mais fina gomma; heroinas de primeira agua, teem todos e todas um aspecto triste, lugubre, tenebroso, que preoccupa, evidentemente, aquelles que lhe desconhecem a causa.

Respeitaveis familias conferenceiam sobre a saude das pallidas virgens, senhoras suas filhas.

Desconfia-se da tenia, examina-se a agua, o pão, a carne, os legumes, medicos afamados são chamados a consulta, o enfermo vem, viram n'o reviram-n'o, auscultam-n'o, batem lhe os pulmões, o figado, o baço, os rins, e ninguem diagnostica o que se passa no organismo de cada um...

E, afinal, do que essas brancas Julietas, ou esses tristes Romeus estão soffrendo é de pensamentos recolhidos, pensamentos que não saem nem á mão de Deus Padre, nem com o *forceps*, nem com a seringa, nem com o senne tartarisado, nem com as pevides de abobora .

Um horror de doença que pode transformar esta Lisboa n'um cemiterio á beira mar plantado.

Para evitar, pois, tudo isso, para restituir o socego a cada lar, a cór a todos os labios a luz a todos os olhos, é que nós propomos aos homens de dinheiro a *grrande* empreza dos pensamentos... E assim o sr. Monteiro dos milhões dando o braço a um vate laureado e o sr. marquez da Foz a um prosador elegante, poderão concorrer para o bem estar de todas as familias que projectam, nas horas vagas do loto, um passeio até Paris.

Organisa-se uma tabella de pensamentos de primeira, segunda e terceira classe, com preços da varias cathegorias, pensamentos simples, rhetoricas, floreados, eloquentes, rimados, em verso branco, de quatro, de cinco, de sete syllabas, que se vendam á partida do comboyo, em todas as *gares*, se enviem pelo telegrapho, pelo correio, estampilhados, encaixotados, franco de porte, livres de direitos...

Pensamentos modestos, para uso de familias honestas, *um franco*.

Pensamentos para namorados, em phrases ternas, *um franco e noventa e cinco*.

Pensamentos valuptosos; *dois francos*, (um bocadinho mais caro não ha remedio...)

Pensamentos solemnes, para commendadoras ou conselheiros, *dois francos e cincoenta*.

Em verso, rima bem timbrada, bem medidos, dos que chegam ao fim do papel, como se dizia na *Morgadinha*, versos de ancher o olho, *quatro francos*...

E assim successivamente...

A empreza promptificar se-hia a satisfazer qualquer encommenda no mais curto espaço tempo. Teria lyras apropriadas, promptas a serem dedilhadas á vista da freguesa,

Convidar-se-hia o Fernando Caldeira para a secção dos pensamentos delicados, o Garvasio para os pensamentos engraçados, o Brito Aranha para os pensamentos solemnes; eu proprio me sacrificaria á secção das voluptuosidades amenas...

Seria uma especie de *Bon Marché*, devidido n'um sem numero de *rayons*, com um papagaio encarnado á porta como a loja do Povo e um pregoeiro gritando da janella as vantagens da luminosa empreza.

No *rayon des chinoiseries* encontrar-se-hiam pensamentos chinezes com rabichos, superiores a todos que veem estampadas nas caixas de chá preto de ponta branca.

Haveria de tudo, para todos os apetites, para todos os paladares, para todos os preços e a população dormiria tranquilla nas vesperas da partida.

E para que ninguem se queixasse até pediriamos a Mendonça e Costa para se encarregar da secção do *calembourgo*, de que vaiu tão graciosa amostra no Correio da Manhã.

Se esta empreza falhar, então falha tudo n'este mundo, e eu juro aos deuses immortaes (esses deuses de que ha muito se não falla!) nunca mais ter ideias em dias quentes de verão.

C. DE MOURA CABRAL.

Tendo-se esgotado os n.os 1 e 2 da Comedia Portugueza e não podendo nós, portanto, satisfazer as inumeras requisições que nos teem dirigido não só os novos assignantes d'este semanario, cuja animadora affluencia nos tem penhorado em extremo, mas tambem muitos dos nossos antigos assignantes, que não colleccionaram aquelles numeros, resolvemos mandar fazer uma segunda edição, com a qual nos achamos presentemente habilitados a attender todas as reclamações.

Todos os senhores assignantes a quem falte algum numero da collecção, e o queiram alcançar, farão as suas requisições o mais breve possivel, porque aproximando-se o fim do nosso primeiro anno, que termina em setembro proximo, todos os exemplares de sobra serão encadernados com as novas capas, constituindo assim collecções completas, tornando-se por isso, mais tarde, impossivel satisfazer a qualquer requisição de numeros em separado.

A seu tempo annunciaremos a existencia de capas especiaes para encadernamento do primeiro volume da Comedia Portugueza, bem como as respectivas condições para os senhores assignantes e para os colleccionadores avulsos.

PELO REDACTOR GERENTE
Victor Lisboa

(Conto fantastico)

— Era decerto uma allucinação, uma doença, um horror!

Amava loucameota assa mulher! Loucameote! Porque nunca, até hoje, o ciuma entrou no coração d'um homem com a acuidada bicortante d'uma lamina, tão cheio de amarguras, tão astranhamanta doloroso, lacerador, brutal!

Os grandes amôres dos poetas, atravassando a humanidade, desrolando-se, epicamente, nos poemas, aram, perante o meu, sombras vagas d'assa amorosa avocação apocalyptica pela grandeas, arrancada ao meu cerebro da vidente a coosubetanciada, incarnada n'aquella pequeno corpo branco, chaio das attracções invancives dos maras mysteriosos!

Como eu a amava! Toda a belleza da terra, as astrallas, as flôres, as aguas a as nuvens, osca oticos das aves, as noitas a as auroras, nada lhe arremedava, sequer, ante o meu espirito, a luz azul do olhar, a côr dos labios, a brancura leitose da pelle, a doçura da voz, o ouro brilhanta das tranças!

Ella era para mim a suprema belleza, visão suspensa aotra a terra a o cau: mulber porqua lha sentia os beijos, divindade porque só a podia amar. . de joelhos!

E, então, este amor sobrenatural mergulhou a minh'alma no mais estranho dos ciumes, ridiculo até á apopeia, sublime até ao martyrio!

Tudo o que a podia ver, tocar, seotir, me causava um estranho pezar, um odio invencivel.

E, assim, odiei o ar e a luz, a agua a o som, os sentidos dos homans a sobretudo os seus cerabros onde a imagem fixada pelo olhar podia fazar brotar da vibração snnmala das celulas as obras primas da arte, os poemas, as creações sublimes das paixões luminosas!

Os cerebros, que podiam acaricial-a, beijal-a, possuil-a, desnudal-a pela imaginação, profanal-a como herajes, polluil-a como bandidos!

E, o mundo inteiro fez-se para mim como um rival leviathanico, esmagando-me com o pezo da sua grandeza vencedora, ironica, salvagem, invancivel.

Este caminhar doloroso de vencido meteve-me, lentamente. A ideia do suicidio repugneve-me absolutamente: ella ficava sobre a terra! Restava-me apenas... matal-a!

Matal-a-hia. Choraria sobre o seu cadever e iria visital-a, todos os dias, na capellite de marmore branco que lhe mandaria erigir entre os mortos! Entre os mortos, sim.

Elles não vêem, não fallam, não pensam! Lá estaria bem.

E, esta ideia, eoelysada, ecalentada como uma solução redemptora, epossou-se do meu espirito e decidiu do meu crime.

N'aquella noite, se e minime desconfiança lhe atravessasse o cerebro, serie percebido nos meus labios, ao dar-lhe o beijo da despedida, um ligeiro tremôr. Mas não; egeitou dalicadamente e cabecita no fôfo plumoso os trança e edormeceu.

Tinha estudado anatomia. Sabia perfeitamente o logar, entre as costellas, onde podia apanhar, no seu regular movimento de pendulo, esse pequeno cone muscular, onde, segundo e velha linguagem clessica, nós fechamos as imagens das mulheres queridas.

Levantei-me, cautelosamente. A lempada lançave no quarto uma luz discreta, timida, d'um esulado meigo, como luz d'um luar d'egosto etenuada gradualmente n'um perpassar de gazes densas. No guarda joias entre-aberto, a cabeça do alfinete grande do toúcado, formado por um grosso diamante, brilhave cheia de scintillações. Agarrei-o freneticamente. O inferno deparave me com raro empenho e arma formidavel. Dirigi-me eo leito. Elle dormie com uma placidez da virgem, os braços cruzados, o peito leventando-se suavemente, dócemente, o cabello esparou n'uma onda revolte de fios d'ouro, tenues e brilhantes como esses filementos brancos que fluctuem oo ar pelas manhãs claras d'inverno.

A bôcca epenas entreaberta deixava passar um ligeiro sôpro d'ar aquecido na abobada do peito, cheio do perfume dos labios.

Quaodo lhe levantei e roupa, e descobrir-lhe o busto, toda e belleza setinee da pella, pareceu envolver-se n'ume atmosphera azuline, beijeda pela luz dispersa da lampada. Uma côr d'uma frescura edeal esbatia o modeledo esculptural do colo rigido, como se fosse de marmore branco e o houvessem mergulhado o'um benho de leite com succo de violetas.

Nunca me parecera tão bella, tão delicada, tão fóra da humanidade, pela estranha belleze, pela graça do somno placido que lhe empresteva en corpo qualquer coise de diaphamo, de subtil e ephemero d'uma visão de ballade, de ondina edormecida o'um lençol de espuma, á superficie d'um lego.

Puz-lhe e mão sobre o peito e confirmer o sitio. Ella não se mecheu; se ume leve impressão poude sentir, immersa no somno, percebeu-e talvez como ume caricia habitual, (eu costumeva tanto beijar-lhe o colo!) e epenas um ligeiro sorrir de extrema meiguice lhe contrahiu os musculos do riso.

Então curvei-me, levemente, colloquei e ponta do alfinete no sitio proprio e, com um movimento brusco, rapido, enterreíu-o completamente! O coração atravessado de lado e lado contorceu-se em estremeções successivos; dabeteu-se tremendo com uma pequena eve que se feche na mão e pregado, dando um selto de supremo esforço, parou!

Ella quasi não sentira. Apenas uns leves tremores lhe sacudirem por duas vezes o corpo. Os olhos ebriram-se de subito para me fixar allucinedamente e tornaram e fechar-se n'ume somnolencia invencivel. A cabeça carregou mais profundamente o recheio fofo de elmofada; os lebios descoraram de repente; ume pallidez de cera invediu-lhe a fece; o relachamento completo dos musculos operou-se; o colo repousou n'uma immobilidade da pedra — estave morte!

Oh! morta! jamais o seu sorriso poderia curvar um dito de espirito d'um galanteador! jamais o seu olhar feito de todas as doçuras e de todas as caricies, poderia animar, nos salões dourados, o medrigal eternamente suggerido pela sua bellese provocante! jamais um miseravel qualquer poderie cerrar-lhe e mão n'uma quadrilha animeda, ou adstringir-lhe e e cinte aspirando-lhe no volteer da valse, o aroma do cabello cheio do perfume dos cravos rosos e das magnolias brancas de neve!

Morta! morte! talves que o'um sonho onde voejasse e minha imagem! e minha imagem! e ultima na pupilla, impressa a derradeira, no coração!

Não sei que tempo e contemplei, alheio, allucinado, fóra de mim. De subito começou e invadir-me o peito o remorso do meu crime.

Não, não estave morta. Chamei-e de vagar: não respondeu. Palpei-e, estava gelada!

A cabeça revolucinnou-se n'uma dôr enorme, o coração saltou desorientado, turvou-se-me e viste!

Perdida, para sempre! E, do peito, symthese de todas es dôres e de todas as agonias, sahiu-me vibrante, afflictivo um grito, grito de leôa, que baqueia, prostrada pela bala do caçador, defendendo os filhos!

E cahi en seu lado, morto tambem!

Mas estranha morte: sentia-me embalado como quem vae sobre um andôr e cahiam-me no rosto gottas d'um liquido quente.

Sentia-a no entanto morte e meu lado, lemos ambos, pois, e caminho do ceu.

E desejoso de conhecer e estrada e e conducção abri os olhos, um pouco receioso.

Acordada pelo meu grito, embalava-me no colo e beijave-me o rosto, lacrimosa, n'um carinho cheio de receios.

—Acorda, ecorda, que horrivel pezadêlo te opprime!

Despertei de vez. Lancei-me nos seus braços abertos, brancos como es azas dos cysnes e descancei e cabeça febril sobre o seu colo. E, como eu lhe contasse o meu sonho e as juras viessem entermeiadas de beijos e como os nossos olhares se acariciassem soffregamente como dois noivos, eu percebi que n'esse momento, iamos, definitivamente, e caminho do ceu!

MENDO.

Escrevem de S. Sebastião para Madrid:

«El-Rei menino tomou hoje o seu primeiro banho de mar, em companhia de sua irmã e princeza das Austrias, tendo sido embos confiados ao cuidado do banheiro Carrasco.—»

A bôa rainha não é, decerto, senhora que tenha prejuizos. Nem eu os tenho. Ha porém coincidencias crueis, sobretudo na Hespanha. Entrar no mundo ao colo d'um carrasco, demonio! mesmo que o seja por appellido sôa mal! Que e sorte preserve o reisito papaguaedor de sahir do mesmo modo.

Ha noticias lugubres.

Can-cans

Era uma vez um homem que foi para a Allemanha estudar doenças d'olhos, que por lá viveu muitos annos a enfronhar-se nas mesmas doenças, com muito eprovaitamento e satisfeção de todos os que o conheciam, segundo reza a fema.

Esse bomem era d'um pequeno paiz á beira do Atlantico, onde, segundo a canção franceza, floresce a lerangeira a reina Luciaoo primeiro—o do bom corsção.

Ora bouve o'esse paiz uns amigos do tal douctor dos olhos, que ou por saudades do mesmo douctor. ou por curiosidade. instaram com elle para volver á patria, ao Tejo da cristal, eos seus braços, ao seu amor!

Custou um pouco e resolvar-se o sollicitado especialista, já porque o não lancinassem grandes navalhadas da nostalgia patria, já porque preferisse o campo azul dos suaves olhos allemães á pigmeotação castanho-escura dos olhos alfacinhas, para pasto operatorio dos finos estyletes.

Acorreotava-o talvas a Haidelberg a tradicção gloriosa da sua Universidada celebre por tantos titulos, o encanto da vida academica, tão cheia da quindins haroicos, da poesia mystica, de encantos da mocidade agitada a ainda a gratidão á celebre cidade que lha abrira os olhos a poder distinguir facilmente, nos outros olhos, um argueiro d'um cavalleiro.

Fosse porque fosse recuzou-se por algum tempo. As cartas dos amigos eram porém instantes, fallavam-lhe da saudade e do amor da patrie, das cataractas patricias, da cegueira quasi geral em que viviamos todos e elle veio.

N'aquelle dia o bom douctor bebeu o ultimo dos 12 copos de cerveja com a ultima das doze badaladas do meio dia oo relogio da cathedral e seguido dos estudantes, capa traçada, chapeu de plume carregado gentilmeote sobre a orelha direita, entoou seguido dos companheiros para a *gare* do occidente, aquella bella caoção de despedida, que tantas lagrimas tem arraocedo aos olhos azues que assomam ás galerias da velha cidade de allemã a que começa assim: — Compaobeiros, um ultimo copo e edeus! Minha loura amada, adeos! Nunca mais verei a tua cabeça loura que me esperou, nam ouvirei pela calçada o tenir das minhas esporas! —

E o'aquelle mesmo dia finalizada a canção, o douctor deixou Heidelberg, a escola, a clinica, a partiu am busca da patria. *Rien est beau que la patrie!*

Os amigos abraçaram-oo muito, os papeis fallaram, e os canivetes do douctor começaram a trabalhar. Mas o bom coreção do presidente do conselho não estava satisfeito e como havia uma escola de medicina, cheia da tradicções, da trabalho arduo, da taleoto; com as suas leis proprias, os seus direitos, e sue eutonomia inatacavel, sua excellencia lembrou-se de lançar uma injuria e essa escola como já tinha feito á instrucção o'oma celebre reforme, que espantou a Allemanha e a Porcalhota, em pezo!

A cadeira de professor transformou-se em cadeira da parlameoto, onde se manda sentar o primeiro valdevinos qua siga, sem escrupulos, a politica do governo, e da dignidada, da seriedade, dos direitos ao respeito geral e sobretudo do estado qne assiste a cada professor, elle fez materia despresivel e insignificante, porque sua excelleocia viva na triste persuação de que é mais facil ser lente da Escola Medica de Lisboe do qua presidante de ministros.

Pois engana-se radondamente, excellencia. Ser presidente da conselho é uma questão de bamburrio, (e dispanse-me o citar examplos) e ser leote da Escola Medica da Lisbôa, representa, pelo menos; muita applicação a muito trabalho.

Mas custa o que custar, é lei, qua os professores oão sejam feitos palo processo primitivo do *fiat lux*.

Faça-se um professor e o professor fez-se?

Eu não conheço o dr. Gama Pinto, como homem de sciencia. Quero acreditar oue é um especialista distincto, que elle merece com toda e justiça, a cadeira que lhe querem offerecer na Escola.

Mas como oão offende o seu orgulho da homem da sciencia, o favor d'ume cadeira que poda adquirir briosameote?

Como não se envergonhará o futuro professor da fazer parta d'um corpo docente, que tam os titulos das suas cadeiras, elle, intruso, professor por convenção, por amizade, pelo bom coração d'um ministro?

Porque tudo se fazia da maneira mais facil. O sr. Luciano mandava crear a cadeira de ophtalmologia na Escola. A Escola abria o concurso para essa cadeira o sr. Gama Pinto concorria, só, ou acompanhado.

Só? ficava professor, naturalmente.

Acompanhado? Ou era o mais habil ou outro apparecia que o supplantava. Se era o mais habil a Escola abria-lhe, honrada, os braços; se não era; não eotrava e estave feita justiça.

A COMEDIA PORTUGUEZA
doentes do
PROLOGO
Os medicos são, ninguem o ign
ra, uma providencia no seio das
milias.
No verão, esta providencia, d
dobra-se, n'uma simplicidade desc
pavel, em passaporte para viag
medico-recreativa, atravez das p
vincias e ainda por alem das fr
teiras.
E' conhecido de todos esta epi
mia da doenças que attaca as sen
ras no principio do verão.
O medico é chamado. O result
a ter de se arranjarem as malas,
dia tantos, para ir para alli ou p
acolá.
As doentes sentem-se jubil
com o tractamento, o medico a
sete furos no conceito da familia
Como se explica tudo isto?
Antes da consulta medica, á vi
dos maridos ou dos papás, as sanl
ras teem sempre o cuidado de fa
conhecer ao doutor o sitio para
da desejam ir veranear, a praia
therma, o logar, onde da enten
sabem que Raul irá tomar banl
Gustavo fazer inhalações e Rod
dirigir *cotillons*.
—E' caso sério, doutor?
—Muito sério, esta senhora tem uma tendencia extraordinaria para as doenças de figado. Tem de a levar para Vidago nos dois mezes proximos.
O marido sollicito:—e queres ir Li-Li!
Ella, complacente;—se é preciso!
—As malditas nevralgias!
—Ah! as nevralgias! teimosas, continuas caprichosas? Vamos debellal-as
Receita Caldas do Gerez um mez. Agua nenhuma.

Isto n'uma conversa *casual* na rua, no theatro, n'um baile.

O medico habil conhece logo a doença e apanha a receita oo ar.

Este ensaio de bastidores guarda-o a madicina, como um segredo de confessionario, porque não raro s sua condescendencia dá origem a romances e dramas domesticos, quando não se limita a um staque cruel á bolsa do amphytrião pagador.

E não se diga que o medico faz mal. Perde a caza onde tracta e desacredita-se, se reaga.

Quando se fallar o'ella haverá logo quem sustante que é tolo.

— Qua medico! eu a precizar de ir para Vichy e elle [illegible]-me para o Gerez. Ia me matando! Nem vel-o.

Depois de conhecido pois o ensaio o leitor vai perceber pagina das consultas.

Ha nada mais simples?

Ha infelizmeote. E' eollocar, ecima da lei, acima d'uma Escola respeitavel, acime da justiça, acima do direito, acima do mais rasteiro criterio, o capricho insultuoso d'um ministro.

E isto defende-se, por politica, por comprazer, por acinta!

Que triste paiz onda vale menos do que um logar de porteiro de ministerio uma cadeira de professor.

A Escola Medica tem epenas um caminho a seguir: é demittir-se em messa.

Nenhum governo será cepez de ercar com tal responsabilidade a fica fechade a porta d'uma vez. O concurso é o caminho dos professores que eotram; quando uma escola é obrigada a descer eo nivel do parlamento, onde se tem cadeiras pela vontede dos ministros, os professores dignos, sahem!

A discussão é uma supreflluidade inutil e eriminosa, e transigeocia uma vergonha absoluta.

MENDO.

Carlos Lopes

A *Comedia Portugueza* honra-se apresentando o retreto de Carlos Lopes, um artista portuguez, que está no estrangeiro, honrando o paiz, na exhibição de dotes astisticos de subido valor, reconhecidos pele imprensa, unenimemente.

Actualmente está em Victorie fazendo o Oroven da Norma esteodo je escripturado para Citadella para cantar a «Favorite».

Tem cantado em Milão, Verona, Livorno, Mantova, Lodi, Camerino, sempre colhendo epplausos. E' já vasto o reportorio do distincto «basso», pois cante: e *Africana, Baile de mascaras, Norma, Carmen, Trovador, Guarany, Favorita, Luiza Miller*. a outras operas.

Juntamos os nossos epplausos ao côro de homenagens, prestadas ao distincto artiste pela imprensa italiana

Notas do flaneur

CA E LÁ...

Isto só acontece em Lisboa!... é e phrase que barboloteia nos labios de todos aquelles que vão ao estrangeiro a regressam ao seu paiz, embriagados de civilisação a de progresso.

Ouvindo-se estas palavras imagina-se que, lá por fóra, não ha senão rosas em todos os caminhos, sorrisos em todos os labios, sympathias em todos os olheres. Por toda a parta considerações a protecções e desinteresses para com o forasteiro, desde o mais requintado *clubman* ao mais desbragado cocheiro, ao mais refinado gatuno.

Ora, francamante, francamente, a par de muita cousa bella, ao lado de muita gentileza a de muita galanteria, nós eocontramos, muita vez, explorações que nos contrariam a atiram, para longe, todos os ideaes que heviemos encastellado oos nossos melhores sonhos côr de roza.

N'aquella formosa Paris, que nós tanto emamos e tão enthusiasticamente copiamos, encontramos scenas tão reles, que se es vissemos passadas em Lisboe, exclamariamos afflictos a envergonhados; *isto só aqui acontece!*

•

Entremos oos templos, por exemplo.

Junto á pie da agua benta um homemsinho molha um pincel á espera do visitante qoa epparece á porta. Se este abre a bolsa do cobre e lhe apesenta uns ceotimos quaesqoer o empregado esparge, effavelmente, a santa egua a estende a mão para embolsar a moeda; mas se, eo contrario, o visitante passa indifferente eo milagroso liquido, o homemsinho olha furioso a, resmungando, deposita na concha de marmore o seu pincel, onde ella não consente que pessoa alguma mergulhe os dedos gratuitameota.

Mas... isso é pouco, a eu vou-lhes contar um triste episodio que presenciei e vez primeira que visitei a *Notre Dame*.

Ao mesmo tempo que eu me dirigia para o templo entrava um cortejo funebre.

Segundo o costume o corpo vinha trazido de casa eté á igreja. onde devia receber as bencãos finaes, para depois ser levado para o cemiterio. Acompanhave o cadever uma viuve, envolta em seus negros crépes, suffocada em choro a acompanhada por alguns amigos do fallecido.

Collocado o caixão sobre um estrado qualquer, improvisado em frente d'um altar, os convidados tomaram logar nes cadeires que ali estavam dispostas, emquanto e viuva, affastando-se um pouco mais, se ajoelhava n'um genuflexorio, enxugando oo lenço lagrimes afflictivas.

Ume velha de touquinha branca, trazendo na mão uma pucarisita de folha dirigia se a todos e cobrar de cada um os quinze centimos pela cadeire que occupavam. Por ultimo approxima-se, bruscamente, da senhora, e pedir vinte centimos pelo genoflexorio.

Com o rosto encoberto entre as mãos a pobre viuva, entregue á sue dôr, não reparava na velha interesseira, que, batendo-lhe asperamente no braço, sem respeito pela magua que a torturava, bradava, cynicamente, no silencio do templo: *vingt centimes, s'il vous plait*..

E a infeliz interrompia as suas orações para saciar a especulação da furia.

O que se diria se em Lisboe, a selvagem, tal se praticasse?

*

Como esta, com quantas individualidades antipathicas esbarramos e cada momento.

Conhecem a *ouvreuse* does theatros?

Nada de mais impertinente, nam de mais incommodo...

Em cada casa de especteculo, em todas as ordens, dos *fauteuils* ás galerias, lá estão ellas espalhadas, ás quatro e cinco, com maneiras fidalgas emquanto fasem requerimeoto á gorgete. A primeira espaculação consista na collocação do espectador, qne, se não tiver muito cuidado, é posto muito alem do numaro favoravel que possa ter conseguido. Depois d'isso, quer qoeira quer não, ha de entregar-lhe o seu *paletot*; isso seria muito bom se o guardasse até ao fim do espectaculo, mas apenas começa o ultimo intervallo eil-e invadindo plateias e camarotas e trazer os *affaires* de cada um, obrigando-o e passar meia bora ou tres quertos incommodadissimo. Se a gorgeta é reguler um *merci* adocicado vem cair-oos ao ouvido, se, ao cootrario, foi peqoeoa, carregam o sobr'olho a estabelecem preço.

E pensarmos nós que, nos nossos theatros, om pobre diabo do beogaleiro passa noites colhendo, quando muito, quatro vintens, porque e maior parte nem mesmo uma moeda de vintem sabe atirar para a caixinha das gratificações... E aquellas boccas não se abrem para uma phrase de desespero.

Não conteotes com os *affaires* que se lhe entregam, vendem-nos o programma, á má cara, a, se nos acompanha uma senhora, quer ella se incommode quer não, ha de acceitar o *petit banc*, a troco de nova moeda, porque, porque... *c'est l'habitude!*

*

Deixemos a *ouvreuse* e encontremo-nos com o cabelleireiro.

Tanto para e barba, tanto de gratificação.. D'accordo.

Mas o cabelleireiro é uma outra entidade massadora de Paris.

O freguez ha de lavar e cabeça, ha de pintar o caballo, ha de comprar ama perfumaria, ha de mandar abrir um frasco e tendo entrado julgando gastar cincoenta ceotimos ou um franco, quando muito, acaba por ter gasto doze, quinze ou vinte se se fiar no canto amavel a gracioso do official.

Umas vezes, oacessita uma *petite coupe de cheveux*, apezar de ter cortado o cabello na vespera em qualquer outro cabelleireiro; outras vezes necessita pintar o cabello porque tem ume agua asplendida para asse fim e os cabellos braocos dão um parecer carregado ao seu querido freguez; se o mesmo está constipado ou allega uma dór de cabeça a *friction de Portugal* cura-o immediatamente... da forma que quando se saa das mãos do bruto see-se estafado, se não se tem recorrido ao expediente de berrar-lhe que o barbeie e nada mais.

Entremos nos cabelleireiros de Lisboa.

Não ha nenhum qua se lhes assimelhe, graças a Deus! se lhes damos algum pataco agradecam-nos, se nada lhes damos não extranham.

*

N'aquella paiz republicaoo o *décoré* tem sympathias a attenções qua oão gosa aquelle qua na sua *boutannière* se limita a tar um botão de rosa.

A fitinha constitue uma verdadeira mania. *Monsieur le decoré* pode passar á vontade; nos theatros não precisa de senha, nas *gares* não soffre, incommodos com a sua bagagem.

Uma vez, na companhia de um amigo meu, commendador de Christo, que tinha, cautelosamente, levado o seu botão vermelho, propuzémo-nos a visitar o museu ethnographico do Trocadero. Era, porem, uma segunda feira a quando lá chegámos uma multidão enorme agglomerava-se á porta, muito contrariada porque o porteiro declarava que, n'esse dia, o museu não podia ser visitado, por ser o dia consagrado ás limpezas.

Aproximei-me tambem do cerbero, pondo á minha frente o meu amigo *décoré*, como carta de apresentação a parlamentei com o zaloso porteiro.

Reparando no botão vermelho do meu companheiro, o cerbaro perfilou-se, abriu passagem e mandou-nos entrar, ao mesmo tempo que a turba impaciente e desesperada vociferava contra estas selecções no paiz da egualdade

Pelo dinheiro tudo se consegue, tudo se conquista. E' a lucta pelo bago, pouco mais ou menos, a lucta pela vida...

Dirigi-me á camara dos deputados e, segundo o costume, apresentei-me e pedir um bilhete para entrar. Foi-ma entregue, nao sei bem porque, um bilhete para a tribuna dos officiaes do exercito. Um continuo qoalquer, que, immediatamente, tive o cuidado de gratificar, acompanhou-me e indicar o caminho; mas, quanda ia e passar junto da tribuna do corpo diplomatico o delicado empregado, conferenciando com o porteiro da mesma tribuna, convidou-me e entrar para alla, a troco d'um franco...

Agradeci, mas não aceitei... Por um franco eu podia ter entrado para junto dos representaotes das mais altas potencias...

*

Passam os *omnibus* atravessando Paris. Depois da paragem nas estações competentes, o *omnibus*, tendo logar, receba passageiros. Conseguir, porém, do conductor a amabilidade de parar, a que o regulamento policial, affixado no interior do carro, o obriga, é caso difficil, é essumpto perigoso. Senhoras, quaesquer que sejam as suas cathegorias, correm, a bom correr, distancias de alguns metros atraz dos *omnibus;* o conductor do alto dos degraos espera, impassivel, que ella apanhe o varão da escada ao seu alcance, para elle, então, lhe enfiar o braço e atiral-a para a imperial ou para o interior, conforme ella deseje. Para descer, a mesma cousa. Cada um que se apeie, como puder, e sómente sua excellencia pucha o cordão e dar signal ao cocheiro para parar, se encontra diante da si quem o obrigue e cumprir o seu dever, oão sem resmungar uma má creação qualquer... Francamente não nos parece que o'este ponto, cocheiros e conductores sejam mais delicados do que os nossos...

Dir-se-ha qne o movimento é prodigioso e que se os *omnibus* parassem a cada momeoto a carreira seria interminavel...

Ora em Londres é bem maior esse movimento e os conductores dos *omnibus* não põem essas difficuldades.

*

Entrai agora n'om café, com a semceremonia com que qualquer entra aqui no Martinho, abancando simplesmente pare o cavaco, ou lendo todos os jornaes sem tomar consummação alguma. Aguardai na *terrasse* de qualquer *buvette* por muito ordinaria qne sejo ou de qualquer caffé por muito fidalgo que pareça, e pessagem de um amigo ou de uma familia conhecide, sem pedir, immediatamente, um copo de qualquer refrigerante...

Ganimedes virá, promptamente, convidar-vos e levantar, ainda que isso se dê á hora em que os freguezes são raros...

Haverá n'isto tudo irreprehensivel proceder aristocratico de gente bem educada?

Entrai nos armazens em procura d'um objecto qua pretendeis comprar. Maneiras das mais finas vos recebem .. Emquaoto o oegocio se vai entabolando, tendes mil sorrisos e affagos, mil attenções a respeitos...

Mas... o caixeiro desarrumou, debalde, os armarios, não encontrou ou pediu muito caro pelo objecto requisitado, não vaodeu por fim, a physionomia ha pouca graciosa do caixeiro ou do dono da casa, transforma-se o'uma expressão grosseira de enfadado.

*

Como estes e outros casos quantos poderiamos apontar para que se não supponha que, só em Lisboa, certos acontecimentos se dão, e que, lá por fora, todo o mundo faz uzo da maior civilidade para com o estrangeiro.

Não pense qualquer qua, ao sair do seo paiz, encontra *la vie en rose* por toda a parte, que os gatunos a os malcreados não vivem alem das fronteiras, e só am Lisboa se vêem scenas e typos perfeitameota ridiculos, verdadeiramente nojentos.

C. DE MOURA CABRAL.

THÉATRO da RUA dos CONDES
O NEGRO D' ALCANTARA
1º ACTO
2º ACTO
4º ACTO
THEATRO RECREA
O TELLO

Antonio Bernardo da Costa Cabral

(MARQUEZ DE THOMAR)

A *Comedia Portugueza* presta, publicando o retrato de Costa Cabral, homenagem ás qualidades excepcionaes do antigo ministro de D. Maria II. Quaesquer que sejam os defeitos de que possam assacar a sua politica o que ninguem lhe poderá negar é a altivez de caracter, a firmeza de convicções, a valentia e a coragem, que o levava aos ultimos extremos e que lhe fazia crear ao lado das inimizades mais intransigentes as dedicações mais generosas.

Depois do Marquez de Pombal, Costa Cabral é o mais saliente vulto de politica portugueza, tendo com o ministro de D. José o contacto do grande reformador audaz.

Elle merece pois o respeito que inspiram os convictos, os audazes, os fortes.

Sobre as Ondas

E' d'uma praia pouco conhecida, d'uma belleza selvagem, mas adoravel, como praia, a curiosa historia que vou contarte, leitora.

Como tu não frequentas, decerto, porque a colonia elegante e dourada que sae da capital, não a distingue frequentanda-a, eu não poderei escolher entre a juventude da tua côrte, testemunhas que provem a sua engraçada veracidade.

Todavia sabe que aconteceu, haverá uns quatro annos, por esta tempo da agosto, a que fez, por dias, es delicias de muitos maliciosos nas reuniões burguezas do Club.

Foi o caso:

O Raphael nadava como um peixe.

Ella e um bispo cujo nome, me não recorda, tinham todos os dias uns longos desafios de natação, pelo mar fora, até abordar navios ancorados a muitas milhas da praia.

Era um gosto vel-os; na praia saudavam lhes todos os dias a partida com salvas de palmas e os binoculos seguiam-lhes as cabeças, á tona d'agua, nas evoluções do mar.

Estava-se n'este pé, quando chegou á praia pela primeira vez a tomar banhos, uma rapariga deliciosa da frescura, que montava com rara elegancia e arrojo a nadava como Amphytrite em pessoa.

Isto despertou a sympathia dos rapazes e a formosa Clorinda, viu se cercada de admiradores, promptos a atravessar á sua voz, um oceano bem maior einda do que aquelle em qua ella banhava, no arrebol da manhã, os adoraveis membros.

Talves por conformidade de aptidões o Raphael, o eximio nadador, foi o preferido.

Uma noite no Club, depois da retirada do bispo, Raphael lamentava-se, de não ter companhia para as suas excursões, pelo mar dentro, tecendo ao bispo ausente os mais rasgados elogios da destreza e serenidade, nas passadas luctas.

—Estava quasi a desafial-o, observou-lhe Clorinda, se não receiasse melindrar-lhe o amor proprio, na sua reputação de invencivel.

—Mas é, absolutamente, um desafio que v. ex.ª me dirige, minha senhora.

—Quer intandel-o assim? replicou Clorinda, sorrindo adoravelmente.

—Honra-me o interpetral-o d'esta modo.

—Mas veja, minha senhora, que arrisca a sua reputação.

—Sou quasi filha do mar; conheço o desda pequena.

Quando meu pae era, aqui, um simples pescador, como os que por ahi vê, passai as manhãs e as tardes por cima d'essas ondas.

Não receia ainda?

—Pelo contrario, sinto-me verdadeiramente desejoso de ser vencido.

—Sim! disse ella rindo, sel-o-ha ámanhã.

O grupo animou-se, commentou-se o desafio e os animos exaltados mal conciliaram o somno durante a noite na imminencia do interessante combate.

Não o descreverei.

Clotilde vencau aproveitando habilmenta, logo que se deu o signal, as correntes internas que conhecia, e Raphael nunca mais poude alcançal-a, até ao brigue inglez, que fundeado ao longe, servia de pista.

A gloria não tornou vaidosa a vencedora, que poz aos pés do vencido uma decidida sympathia, uma distincção, sem mysterios, sem rebuços, clara e franca.

A historia, porém, não acaba aqui.

Para a compreheoder necessita-se uma pequena descripção.

Imagine se a praia uma meia lua, tendo no vartice direito om môrro enorme de granito, no alto do qual se desmorona um velho castello, invalido de antigos feitos.

É no mais concavo da meia lua que sa tomam os banhos.

A agglomeração de enormes fragmentos destacados de rocha tornam, para a direita, perigoso o banho.

Apenas os rapazes, mais atrevidos, se aventuram ao redamoinhar da agua, por entre os cachopos denegridos, escorregadios e armados oe finas arestas cortantes.

Lá vão muitos, pelo prazer de se sentarem no apice dos rochados, isolados como pequenas ilhas brilhantes de espumas.

Quando o rolo da onda se levanta e cresce para a praia intercepta aos qua ali estão a vista do mar: todavia os que estão nos rochedos, collocados por detraz do limite em que a onde nasce, não o perdem nunca de vista.

Esta disposição anatomica da praia, que esquecera aos nossos nadadores, originou o mais engraçado da historia.

Raphael renovava com Clorinda os compridos passeios pelo mar, interrompidos com a partida do bispo.

Um dia, dois rapazes que tinham nadado para as rochas observaram o seguinte:

Raphael nadava vigorosamente, atravessando as ondas; Clotilde, com a mão direita no hombro de Rapheel, deixava-se arrastar, remando levemente com a mão esquerda, com o corpo em *planche*, quasi á superficie da agua.

Agora o curioso: quando uma onda passava, a cabeça de Raphael voltava-se para tras, o rosto de Clorinda inclinava-se

para dianta a um dos rapazes exclamava:

—Olha, que exercicio é aquelle?

—E' boa, são segredos.

—Segredos é bocca? nonca ouvi dizer.

—São beijos.

—Cala-te.

E esconderam-se melhor.

—Conta, conta, disse o primeiro, quantas ondas passam.

E pozeram-se a contar, radiosos do segredo: uma, duas, tres .. dose... quinze... vinte; n'isto os nadadores voltaram, remaodo para terra, ao lado um do outro.

—Bravo, vinte beijos, hein?

—Que espertalhões. Systema decimal. Esta não lembra ao demonio!

—Cheira e mythologia,

—Plena Arcadia.

Dava um poema esta idèa—*A côrte no mar*

A' noite, no Club, uma menina d'uma villa proxima, que aprendera no *cravo* da familia a matyriser os mais rijos tympanos, tocava, pela quinta vez, uma walsa *da sua paixão.*

Clorinda conservava o costuma burgues e lorpa da provincia, ainda hoje muito recommendado pelos namorados: — não dançar senão com o amado!

As meninas que teem namoro no baile, estão sempre *cançadas*, para qualquer cavalheiro que ouse soliciter a graça de lhes medir com o braço a circumferencia da cinta.

N'essa noite Clarinda rapetira já por duas vezes a desculpa classica.

—V. ex.ª faz-me a honra da primeira walsa?

—Peço deseulpa e vossencia; mas estou fatigada, não danço a walsa.

—Agore, vou eu, dizia, ao lado, secretamenta a um grupo da rapases, cheios de risinhos ironicos, um dos espias dos rochedos.

—Sim? tens a mesma sorte.

—O quê!

—Esté fatigada verás, aventou um do grupo.

—Nem pode dar-te outra resposta, se com ella se escusou duas vezes.

—Pois é isso, raplicou com ar de finorio, o sollicitador da walsa, é isso que eu pretendo, porqua lha digo ume coise que a faço córar.

—Córar?

—Sim.

—Vá, vé, disseram alguns, e chegaram-se distrahidamente.

O rapas fes-se de largo, depois como resolvido subitamente, avançou para ella.

—Faz me a honra de me conceder esta welsa?

Clorinda com ar de cançasso, respondeu:

—Perdôa-me; mas sinto-me tão cançada que lhe pedia a fineza de me dispenser.

—Mas v. ex.ª tem dançado pouco este noite: eh! sim, é talves de pela manhã. V. ex.ª passe muitas ondas minha senhora, v. ex.ª passa ondas de mais.

—Talvez, replicou Clotilde, enleada, fitando-o.

—Oh! decerto; eu vi das rochas; tão cançada ie que se amparava.

As faces de Clorinda tingiram-se d'um vermelho intenso· os do grupo, riam, segredando, emquanto o atrevido cumprimentava com o melhor sorriso do mundo a se affastava radiante.

A phrase de *passar as ondas*, teve esee anno na praia, um successo louco.

•

O epilogo d'esta historia, é verdadeiramenta o apilogo d'um ramance antigo.

No anno seguinte Rephael casava com e gentil nadadora.

Todavia permitta-me a leitora qua eu tire a moralidade da historia, por isso que nada é inutil n'este mundo.

A moralidade é ao mesmo tempo um conselho: descoofiar da solidão do mar e ainda mais dos Raphaeis, porque, emfim, se houve um capaz de passar muites ondas, como tantos ha, poucos são depois capazes de passar o Rubicon.

MENDO.

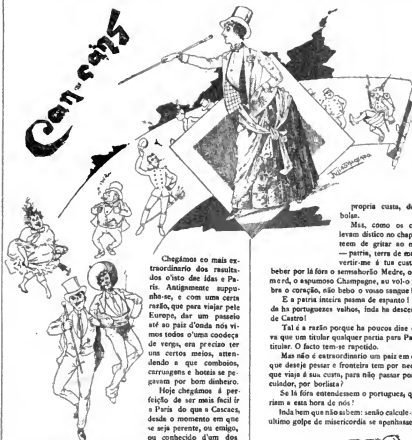
Bibliographia

Recebemos e agradecemos a carta de Gomes Leal ao Imperador do Brazil, a proposito da tantativa d'assassinato de que disem que Sue Magestade ia sendo victima. Convencidos de qua a vida de sua Magestade Imperial correu tanto perigo como a nossa, astamos quasi a agradecer ao Valle a lembrança, por ter dado occasião ao bello poemato do extraordinario e excantrico auctor do Anti-Christo.

Versos deliciosos, escriptos com alma; versos de poeta, emfim.

Aconselhamos e compra ao laitor, que não se arrependeré.

Por falta de espaço não publicamos ainda hoje a noticia sobre o segundo fasciculo da magnifica publicação *Revista de Portugal*. Fal-o-hemos no proximo numero.

A mulher platonica
Vive do aroma das brisas e lê poemas lyricos. Adora as noites estrelladas, a lua em pleno azul e um alferes sentimental. .
Bebe vinagre para emmagrecer e morre, tysica, d'amor...
A mulher alta
Um unico ideal. um marido anão.
A mulher sensual
Temperamento ardente. Pulso acelerado...
Se não lhe acodem a tempo... temos asneira.
Um coração
e de namores,
tações.
los, para a rua,
feitios, de todas as
ções. Uma mulher

Chegámos eo mais extraordinario dos rasultados o'isto dae idas e Paris. Antigamente suppunha-se, e com uma certa razão, que para viajar pele Europe, dar um passeio até ao paiz d'onda nós vimos todos o'uma coodeça de verga, era precizo ter uns certos meios, attendendo a que comboios, carruagens e hoteis se pegavam por bom dinheiro.

Hoje chegámos á perfeição de ser mais facil ir a Paris do que a Cascaes, desde o momento em que se seja perente, ou emigo, ou conhecido d'um dos mui nobres! membros que formem os peccedos mortaes do ministerio que generosamente nos rege, desde o momento em que se possus uma aptidão quelquer, ou desde o momento em que não se possua oenhuma, o que será ainde melhor.

Tudo vei a Paris e, Sento Deus, todos vão estudar, saber, inquirir, var, para nos vir contar depois e derramar sobre o peiz o fructo das inquirições, estudos e vistas.

Que onda de luz não chega por ehi, em fins de setembro, quando o meu sapateiro entrar a espalhar o novo typo de fôrmas, o meu tendeiro a oova manteiga e o meu alfayate o novo typo das rabonas! Porque da minha rue só ha que não tenha uma commissão a desempenhar em Paris, eu, um cego que pede esmola á esquina, o cão do dito cego, e costureira do quarto endar e *su madre* e as duas figuras d'um namoro da meia noite, que pelos modos se andam a estudar primeiro um ao outro e não teem tempo para estudar pera os mais. O resto tudo foi.

Militares, paizanos, emenuenses, logistas, carpinteiros, entalhadores, marceneiros, homens do povo, homens da nobreza e homens do clero, teem desepperecido successivamente, por ordem do governo, a quatro mil e quinhentos por dia, a ver, a escogitar, a indagar, a cheirar, a arte e a industria, o commercio e a vida airada, as leis e os costumes. N'esta bebedeira de commissões e de commissiooedos irrisorios, n'esta petusceda ridicula e desmoralizadora de ganhos torpes, de viajatas escandalosameote concedidas, n'estas caravanas de Paturots á procura pela Europa dos ninhos do povo portuguez e da probidade, do decoro ministerial, tem de encorporar-ee os homens serios a dignos que viajam á sua propria custa, despejando a propria bolsa.

Mas, como os commissionados oão levam distico no chapeu, os que o não são teem de gritar ao metter-se oo wagon: — patria, terra de meus pais, não vou divertir-me á tua custa: patricios, quando beber por lá fóra o sensaborão Medre, o desenchavido Pommerd, o espumoso Champagne, eu vol-o juro, com a mão sobre o coração, não bebo o vosso sangue!

E a patria inteira pasma de espanto! Vai á sua custa! Inda ha portuguezes velhos, inda ha descendeotes doe D. João de Castro!

Tal é a razão porque ha poucos dias o *Illustrado* noticiava que um titular qualquer partia para Paris á sua custa d'elle titular. O facto tem-se rapetido.

Mas não é extraordinario um paiz em que qualquer sojeito que deseje passar e fronteira tem por necessidade o declarar que viaja á sua custa, para não passar por parasita, por especulador, por borlista?

Se lá fóra entendessem o portuguez, que ideie que formariam a esta hora de nós!

Inda bem que não sabem: senão calcule-se que levávamos o ultimo golpe de misericordia se apanhassem... os ralatorios.

Diz um jornal que es tres melhores cemas do mundo são as da duqueza de Edimburgo filha do czar Aleaandre II, e da ex peratriz Eugenia e a de Sarah Bernhart. Não diz se usa, qualquer das raferides senhoras, os colchões americanos, que segundo os annuncios dos jornaes e e auctoridade affiançadora de medicos d'esta capital são incontestavelmente, pelo aceio, pela hygiene, *et cætera* (veja *D. de Noticias*) o que ha de melhor para estatelar o corpo em necessidades de ripanço.

Isto já não prova muito sobre a superioridede das ditas camas. Alem d'isso pareca-oos por de mais arrojedo tal affirmativa sendo certo que o tal chronista não poude metter o nariz em todas as alcovas do mundo. Ora eu peosava justamente n'isto a olhar para o *Terror* o meu bull-dog que se estira, como uma lebre morta, sobre a calçada do pateo, batido do luar, n'um somnu d'uma placidez épica. socegado, tranquillo, como o demonstra o ar sahindo com um ruido brando, pausado, regular, pelas narinas escuras e achatadas.

Pensava n'isto, nas tres primeiras camas do muodo e na cama do bull dog. O leitor vai espantar-se da conclusão.

A duqueza d'Edimburgo dorme mal desde que lhe assassinaram o pei. Tem visões ensanguentadas, receios, pezadellos. A ex-imperatriz, sonha com Sedan, com os terrenos pantanosos da Africa em cuje humidade jaz desfigurado o cadaver d'um filho querido. Sarah fustigada pelo ultimo amante, ouve cem cassar na escada o passo dos credôres e sonha com leilões, vendas, penhoras!

O meu bull-dog, como elle dorme bem, que socegado, que feliz! Um somno pezado, forte, reparador!

Ora, e conclusão adivinha-se: a melhor cama é a d'elle! A melhor cama meus senhores é aquella onde se dorme bem. O leito do meu cão, as pedras da calçada, é mais macio do que o leito de roupas femininas da imperatriz, ou do que o leito de lençoes de setim e almofadas forradas de velludo de Sarah! Deus tem estas supremas ironias: dá os leitos fôfos aos homens e o somno placido aos cães. E d'ahi ellas merecem-n'o mais do que muitos, com certeza.

MENDO.

Marquez de Thomar

O marquez de Thomar (Antonio Bernardo da Costa Cabral), nasceu a 9 de maio de 1803, em Fornos d'Agodres districto de Vizeu (Beira Alta).

Era filho segundo de modestos lavradores: Antonio Bernardo da Silva Cabral e D. Francisca Victoria Rebello da Costa Côrte Real.

Formou-se em direito oe Universidade de Coimbra, exercendo a principio e advocacia e entrando em seguida na magistratura.

Foi eleito pela primeira vez para a camera dos deputados em 1835. Ligou-se primeiro ao partido liberal avançado, mas, oomeado prefeito da Lisboa, approximou-se do partido moderado, e entrou no ministerio a 26 de novembro de 1839.

E' d'esta data para diante, que a sua vida de homem publico assume toda a importancia.

Foram os açorianos de Provincia Oriental que pela primeira vez, em 1834, lhe conferiram o mandato legislativo, realegendo-o tambem em 1836. Em ambas as sessões militou na opposição. Assistiu ao combate do Chão da Feira. No anno seguinte, 1838, foi escolhido para dominar a anarchia da capital e o ministro do reino d'então, Julio Gomes, nomeou-o interinamente, administrador geral de de Lisboa, depois das famosas conspirações do *Arsenal*. N'este cargo, correspondente ao actual de governador civil, assignalou-se pela firmeza do pulso, e á sua iniciativa se deveram principalmente o desarmamento e a dissolução da guarda nacional, preparados pelos tristes acontecimentos de 9 a 13 de março. Alem de restabelecer a ordem politica Costa Cabral introduziu melhoramentos importantes na administração da cidade.

Restituido aos trabalhos parlamentares, continuou a apoiar a politica setembrista, votando com as administrações de Sá da Bandeira e de Ribeira de Sabrosa; mas a 26 de novembro de 1869 acceitou a pasta da justiça no gabinete moderado a que presidiu o conde de Bomfim, e de que tambem faz parte Rodrigo da Fonseca. A sua gerencia foi laboriosa a fecunda; a sua politica, firme a resoluta.

Quando, em junho de 1841, o gabinete do conde da Bomfim houve de retirar-se diante das colligações opposicionistas e se organisou o ministerio presidido por Joaquim Antonio d'Aguiar, Costa Cabral conservou, na nova combinação politica, a pasta da justiça, e continuou a introduzir reformas profundas nos serviços ecclesiasticos e judiciaes. Foi, porém, n'essa epoca que nas suas opiniões e na sua attitude politica se acabou de operar o reviramento, que os antigos correligionarios nunca lhe perdoaram. Em janeiro de 1842, o partido cartista tentou mais uma vez abolir a constituição da 1833 e restaurar a carta de 1826, e escolheu o Porto para theatro do sua nova tentativa. Costa Cabral foi então ao Porto, e, apesar de ministro, pôz-se á frente d'essa tentativa, favoreceu a proclamação solemne da restauração da carta, fez-se nomear presidente d'um *governo provisorio*, juntou tropas, e com ellas marchou para Coimbra. A 27 da janeiro, no ministerio conservador, Costa Cabral foi a alma, gerindo a pasta do reino.

A restauração de 1842, por elle preparada no Porto — se lhe deu, collocando-o á frente dos negocios publicos, uma grande preponderancia,—trouxe-lhe ao mesmo tempo as mais vivas inimisades e os mais terriveis antagonismos.

A politica tornou-se pessoal, individual. O seu nome foi convertido n'um alvo de odios, a não se recuou diante de meio algum, que podesse ferir-lhe essa energia indomavel, que muitos temiam. Com a restauração da carta em 42, começou a serie de medidas, que foi chamada: a sua dictadura.

Appoiado simultaneamente pela côrte, pelas duas camaras e por seu irmão, governador de Lisboa,—quiz firmar os tres decretos; o que supprimia a inamovibilidade dos juizes, o que submettia os officiaes ao arbitrio, e o que estabelecia a censura no ensino.

Houve então contra elle uma coalisão dos partidos. Pôde vencer algumas insurreições, mas em 1846 teve de ceder, e retirou-se para Hespanha, d'onde voltou, quando o resultado das eleições de 1848 lhe deu de novo o poder, onde succedeu a Saldanha. Em 1851 caiu de novo, perante a insurreição que Saldanha dirigiu, sendo n'essa occasião annullados os seus actos e medidas, e entrando em politica portugueza n'um novo periodo.

Depois da sua queda do poder, dirigiu, durante annos, uma fracção da opposição na camara dos deputados.

•

Eis a ordem das datas, nas quaes foi elevado á nobreza, e aos logares de ministro:

Elevado á nobreza do reino, com o titulo de conde de Thomar (em duas vidas), por decreto de 8 de setembro de 1845.

Agraciado com o titulo de marquez de Thomar (em duas vias) a 11 de julho de 1878.

Foi ministro da justiça desde 26 de novembro de 1879 a 9 de junho de 1841 e n'esta ultima data nomeado novamente para este mesmo cargo que exerceu até 26 de janeiro de 1842.

Ministro do reino, desde 24 de fevereiro de 1842 (Restauração da Carta, até 30 de maio de 1846, Revolução do Minho).

Ministro da justiça (interino); desde 27 de junho de 1844 a 24 de julho de 1845, e novamente interino, de 21 de abril a 20 de maio de 1846, por ausencia do effectivo José Bernardo da Silva Cabral.

Presidente do conselho de ministros, de 18 de junho de 1849 a 26 de abril de 1851, gerindo a pasta do reino.

•

O marquez de Thomar era o mais antigo nos actuaes conselheiros de estado.

A companhia italiana da Avenida, retirou para o Colyseu.

Não é possivel ouvir-se melhor musica por preços mais baixos. Felicitamos o publico de Lisboa, por ter occasião de gozar a audicção de boas operas, porque a companhia tem cantores de verdadeiro merecimento muito á altura do palco onde se exhibem.

A nossa pagina representa algumas scenas do *Baile de Mascaras* cantado com extraordinario agrado.

No convento a Li-li, como lhe chamavam, por abreviatura da Luiza, tinha fama da mais alegre a descuidada rapariga.

A reza, a lição, o trabalho, a musica, o canto, todas as occupações e todos os misteres, todos os actos da vida, dos mais insignificaotes aos mais serios eram eocarados por ella com uma irreflexão, um descuido, uma indifferença que tocava o desprezo.

Affeições, apenas se lhe conhecia uma: a da Margarida, uma rapariga, loura, de olhos azues, branca como os cirios, adoravel como uma creança.

O antagonismo dos caractares, dos temperamaotos, das feições, dos typos ligara como em geral acontece, a individualidade alegre, vivamente audaz de Luiza, á dôce figura de Margarida, boodosa, candida, socegada.

Amavam-se muito.

•

Entre duas pobres raparigas encarceradas, em cujo organismo começa a rasgar-se o mysterioso mundo novo das aspirações a dos sonhos, calcule se quantas confideocias, quantos receios formulados em perguntas, quantas criticas, se oão formulam, se não avantam, se não discutem,

De facto, nos passeios, á hora de recreio, pelo jardim do convento, cercado de altos muros, sombreados por carvalhos e cedros seculares, viam-se sempre conversando, unidas, de braços pelas cintas, sentadas pelos largos bancos de pedra sostentados por cabeças de leões, a quem o tempo cobrira de uma capa amarella e gastara as jubas ondeantes.

Só então, Luiza, parecia perder o ar descuidado da vida.

Parecia que junto ao rosto meigo de Margarida, d'uma brancura e placidez angelicas, se vergava, esmorecia, preza d'uma influencia toda de doçura, aquella inflexão da mocidade, nuncia sempre dos corações generosos.

O traço porém mais profundamente caracterisco do excepcional caracter de Luiza, era a indifferança pelos homens.

Nunca um namoro, um affecto, uma tendencia, sequer. Nas sahidas para casa, em ferias, o prometedor desenvolvimento dos seus quatorze annos, arrastava lhe, em côrte, uma chusma de admiradores.

Ella ria:

Na volta ao convento dizia para Margarida.

—Que sucia de imbecis! todos.

—E's louca.

—São todos eguaes; dizem todos o mesmo. Diz-me, ha uma cartilha do amor para o genero humano masculino, que é preciso decorar e repetir em toda a parte e a todas as mulheres?

—Margarida beijava-a sorrindo,

Luiza continuava: diz me, Lana, teu primo Julio não te diz phrazes novas, coisas que os mais não dizem?;

—Mas sei eu o que os mais dizem? Nunca ouvi senão a elle.

—Como és feliz! ter ouvido apenas um homem fallar de amor! olha que é d'uma semsaboria mortal:—*os encantos de v. ex.ª, a belleza de v. ex.ª, a graça de v. ex.ª o olhar de v. ex.ª os cabellos de v. ex.ª*, isto com ares e gestos mais ou menos falsos, tolos, ridiculos ou pretenciosos, oh! asphixia! que imbecis, os homens!

Dois annos depois, pouco mais ou menos d'esta conversa e d'outras identicas na forma a sentido, Luiza a Margarida, haviam sahido do convento.

Luiza, completara a educação e recolhera-se a casa, com um unico cuidado—o não ter cuidados. Margarida casara com o primo, ao sahir do convento.

N'um dia, de tarde, a carruagem de Luiza parou á porta do palacete onde morava Margarida com quem fôra combinado um passeio fóra da cidade.

Um creado chegou grave e savero: A senhora não pode descer; pede a v. ex.ª, o favor de subir por um instante. Luiza subiu. Margarida estava na ante-camara, meia deitada n'uma *chaise-longue*, palida, com os labios contrahidos, os dedos torcendo-se afflictamente, o olhar luminoso, carcado d'um laivo vermelho de sangue.

—Que tens, tu? Tu sofres?

—Não, disse Margarida sorrindo, agora não.

—Mas tens soffrido?

—Ha meia hora quando comecei a vestir me, assaltaram me dôres vagas pelos rins; tu comprehendes? e, torceu-se emquanto beijava Luiza, para disfarçar uma dôr mais violenta.

—Os homens, disse Luiza, e olhando ao redor, para se certificar de que estavam sos, vês tu, que verdadeiros senhores?!

Luiza instalou-se em casa de Margarida; reenviou a carruagem, com a noticia para sua mãe. Pelas nove horas da noite as dôres redobraram, tornaram-se mais repetidas, mais fortes e Luiza poude assistir cheia de recaio, de tremôr e de magua a essa lucta cruel, cheia de dôres, angustias e suores d'onde sahe uma vida nova.

Pela meia noite, mostraram lha um ser, roliço, d'olhos tomidos cerrados, que dava pequenos gemidos. Olhou-o com repugnancia e não o beijou.

—Que coisa, murmurava ella; filho de Margarida, faz pena!

Margarida dormia estanuada, com uma pallidez de martyr christã, o cabello espalhado pelo colo, umas gotas de suor pela testa.

Era quasi uma hora; Luiza mandou chamar o trem, baijou docemente o rosto pallido da amiga e sahiu.

Quando descia a escada, pelo braço do novo pae, cheio de felicidade, orgulhoso do novo titulo, perguntou lhe entre risonha e despeitada: está contente?

—Sou, feliz, minha senhora, respondeu elle.

—Feliz! e mettendo-se no trem, ao reclinar-se no forro quente do estofo pensava: feliz! como os homens são brutos!

Passam mezes e n'uma tarde de maio no jardim de Margarida, Luiza acaricia longamente, a cabeça loura de Joãosito.

Margarida estranhava tanta festa.

Em geral, Luiza, pouco acariciava a creança.

Dava-lhe um beijo quando chegava, um outro quando se retirava e poucos ou nenhuns durante a estada.

Aborreciam-lha, por tempo, as creanças, dizia ella; de começo agradam, depois tornam-se impertinentes.

Ora, n'aquella tarde, a Luiza sentava o pequenito do cólo, beijava-lha muito a boquita e os olhos, brincava-lhe com os anneis do cabello, interrogava-o muito, ria ainda mais do seu palrar alegre e atrapalhado, agitava-lhe o collarinho, enchia-o de festas, de mimos, de caricias.

Margarida contemplava-a sorrindo.

—Estranho-te hoje, Luiza.

—A mim?

—Estás tão dedicada ao João?

—Sempre gostei muito d'elle.

Bem sei; mas como hoje... e fitou-a, fixamente

Luiza, assim analysada, corou.

Margarida deixou-a sercoar, approximou d'ella o seu banco de quatro pés, em X, sorriu se docemente a tomanlh a ambas as mãos, inclinou-se para ella, a ficar com o olhar por baixo e um pouco adiante do rosto de Luiza.

—Queres suppôr que estamos no convento? perguntou.

—Para quê; que idea é essa?

—Queres?

—Seja: dize-me para quê.

—Para seres outra vez minha amiga.

—Não o sou, acaso?

—És!

—Como sempre, Margarida. Beijaram-se

—Então diz-me: em quem pensavas ha-pouco quando a caricíavas o João?

Luiza olhou-a... depois puchando-a para o cólo a abraçando-lhe o pescoço nervossamente: oh! cala-te! és feiticeira, querida, tu adivinhas!

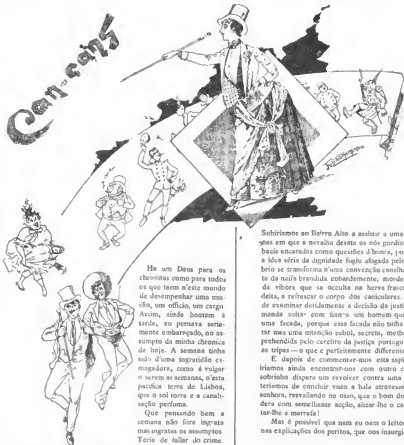
Uma impressão nervosa fez-lhe rebentar o pranto; Margarida beijava-lhe as lagrimas.

N'isto o marido appareceu.

—Porque chora? interrogou interessadamente.

—Não te assustes, meu amigo, respondeu Margarida, acariciando a cabeça da amiga: Luiza mudou da opinião, oam todos os homens são *positivamente uns imbecis*.

Mendo.

Can-cans

Ha um Deus para os chronitas como para todos os que taem n'este mundo de desempenhar uma missão, um officio, um cargo Assim, ainda hontem á tarde, eu pensava seriamente embaraçado, no assumpto da minha chronica de hoje. A semana tinha sido d'uma ingratidão esmagadora, como é vulgar o serem as semanas, o'esta pacifica terra de Lisboa, que o sol torra e a canalisação perfuma.

Que pensando bem a semana não fôra ingrata mas ingratos os assumptos Teria de fallar do crime. Subiriamos ao Bairro Alto a assistir a uma das vulgares scenas em que a navalha desata os nós gordios da questões imbecis encaradas como questões d'honra, por cerebros d'oode a idea séria da dignidade fugiu afogada pelo alcool, e onda o brio se transforma n'uma convenção canalha, intestada á poota da naifa brandida cobardemente, mordendo com a insidia da vibora que se occulta na herva frasca onde o pastor se deita, a refrescar o corpo dos caniculares. Teriamos depois de examinar detidamente a decisão da justiça, ó Ceus!, qua manda soltar com fiança um homem qua mata outro com uma facada, porque essa facada não tinha a intenção da matar mas uma intenção subtil, secreta, methaphisica, só comprehendida pelo cerebro da justiça portugueza — a de arejar as tripas — o que e perfeitamente differente.

E dapois de commentar-mos esta sapientissima decisão iriamos ainda encontrar-oos com outro crime, am qua um sobrinho dispara um revolver contra uma seohora sua tia e teriamos de concluir visto a bala atravessar o cabello d'asta senhora, resvallando no osso, qua o bom do rapaz só pretendera com semelhante acção, alisar-lhe o cabello, ou endireitar-lhe a marrafa!

Mas é possivel qua nem eu oem o leitor concordassemos nas explicações dos peritos, que oos insurgissemos contra in-

OS HOMEN

1.º anno de escola

20 annos. Estuda para medico.

A familia metteu dentro d'elle todas as suas esperanças. O tio major que não gosta de *crianças vivas* chama-lhe o «empadinha de esperanças».

Faz versos ao canario da casa de jantar e tem o ar triste dos dementados e dos imbecis. Nunca entrou n'um café, nem n'uma casa de prego, não fuma, nem namora. E' simples como um caldo de gallinha. O Epiphanio hia o matando com uma reprovação no ultimo anno de portuguez. Mas arribou para consolação das tias.

Massa para chefe de secretaria.

Do lyceu com capa

20 annos. Pretenções a pandego. Desde que lhe consentiram a capa estuda guitarra e não estuda mais nada.

Com as ferias despejaram-se as aulas
pelas ruas da cidade ha um movimento
pessoas pequen..s que já espantou um
vinciano nosso amigo.

—Diabo! disse-nos elle—em Lisboa
mens vão diminuindo d'um modo
broso! Havia uma certa razão para
attento o ar abatido, nostalgicamen
ve, com que os tristes passeiam
ruas e se encostam ás hombreira
bacarias.

Explicamos ao nosso amigo qu
homens a que elle via—que n
mens, por ora, mas que haviam
tarde e promettemos-lhe um li
sobre os estudantes de Lisboa
D'aqui a nossa pagina de

Futuro
Do lyceu sem capa
18 annos Filho d'um chefe de secretaria ou d'um official superior do exercito. Entre os condiscipulos dá-se ares de menino filho de familia pobre A mamã auxilia-o n'este empenho fornecendo-lhe as gravatas mais vistosas e cinco tostões aos domingos para uma cadeira no Colyseu Os condiscipulos pozeram-lhe uma alcunha com que elle dá muito sorte, confessa. Chamam-lhe o menino de chumbo. Detesta a capa porque não póde com ella mostrar o córte do frack que é toda a sua preoccupação.
Uma aptidão para alfayate que o papá teima em não querer aproveitar.
2.º anno da escola 23. Um pandego
Não ha costureira que lhe resista Conhece todos os cocheiros, todos os creados de botequim, todas as casas de prego, todas as Conhece tudo!
As tias quando sahem com elle massam n'o constantemente com perguntas: quem é esta senhora que agora te disse adeus com a mão? Elle não hesita — é prima d'um condiscipulo meu.
Massa para influente eleitoral.
3.º anno. Pallido, buço irregular, oculos cabelleira casposa, typo azedo Os condiscipulos affirmam que não se lava. Gagueja e é extremamente myope quando lhe é preciso, o que faz com que o lente o considere como um dos mais estudiosos do curso, apezar de nunca ter dado uma lição boa O continuo nunca lhe marcou uma falta e é sempre o primeiro a entrar
Vocação para agiota

terpetrações por demasiado simples a teodo de soodar fraocamente a origem dos factos faremos encootrar como causa occasional a corrupção, a baixeza de caracter; o rebaixamento moral.

E a chronica teria o ar massador d'um sermão de penitencia, d'um discurso academico, ou d'uma licção de sanskrito!

E' n'este ponto que se conhece a interferencia amavel da divindade que protege os chronistas: A noite de quinta feira resgata brilhantemente com uma festa adoravel pela intenção e pelo brilho, o desagradavel dos factos criminosos, em que seria perigo exercer ou o gracejo insolente, ou a troça desopilante, ou a analyse caustica, a critica desapiedada e inutil.

Foi a recita de Antonio Pedro no Colyseu. Nada mais alegre, vivo, animado do que o aspecto do amphitheatro, litteralmente cheio.

Uma multidão compacta coagulava-se nas bancadas da geral; um borborinho enorme de milhares de vozes enchia o ar; as côres vistosas das *toilettes* brilhavam na athmosphera enfumada do salão, como pontos floridos de campinas, envoltos na nebrina da manhã, sobre que adejavam centenas de borboletas — os leques agitando se ininterruptamente o'um murmurio de papeis amarrotados, de varetas que se chocam.

Agrupamento de meridionaes tinha a expansibilidade das naturezas ardentes o numeroso comicio, e cazavam-se o'um côro desafinado mas suggestivo de vida e de communicativa alegria, os risos, os echos dispersos, as vozes, as imprecações.

Qualquer coisa que lembrava uma feira, um *meeting*, uma tourada ou um arraial, guardadas as differenças de maior cordura, de mais distincto convivio.

Foi n'estas condições de generosa audicção, que começou o *Tim tim por tim tim*, revista de Souza Bastos, onde actores de todos os theatros desempenharam obsequiosamente, diversos papeis.

Já ouvi chamar á Revista de Sousa Bastos: — *A actriz Pepa em trez actos*. A classificação é deliciosa, porque de verdade a revista vive da graça, do talento, d'esta actriz, a mais deliciosa cantora do portuguez que temos ouvido em palcos de Lisboa.

Ella empresta á nossa lingua uma accentuação quasi imperceptivel de linguagem hespanhola o que tanifica á fraze, a, intelligente, sublinha com verdadeira graça o dito picante, a fraze conceituosa.

O publico fel-a entrar no numero das escolhidas, alegra-se, anima-se ao ouvil-a e vel-a.

O seu enthusiasmo chega já a ultrapassar os limites da ordem, e da gravidade com que uma pessoa séria deve ouvir da plateia, ao lado de familias conspicuas, os ditos ambiguos das coplas ou das cançonetas.

Foi assim que quando Pepa cantava:

Se alguem quer provar
Coisa boa
Coisa boa ..

salva a lettra, da plateia elevava-se a acompanhal'a em côro de beijos chupados, provocadores, que se não faziam córar a gentil actriz, mercê da caracterisação protectora, indignavam comtudo os homens sérios e as mamãs graves, feridas no seu mister de veladoras da innocencia dos filhos por cujos oovidos castos passava este côro provocador, alegre, suggestivo alado, como um bando de borboletas que se perseguem ao sol.

Mas estava-se em familia, afinal. Uma familia estranha, de quatro mil pessoas! Quem não quizesse que não fosse lá. Aquillo era a festa consagrada á memoria d'um actor popular; a n'estas festas que lhe tocam pela porta o povo ha de intervir por força. Se ouve cançonetas brejeiras, manda beijos á Pepa; tal qual como nos touros manda dichotes para o touro, graças pezadas ao toureiro e insolencias para o intelligente.

Na Revista entravam um grande numero de actores de todos os theatros desempenhando diversos papeis.

O publico saudava-os, á entrada, com uma salva de palmas, como a agradecer-lhe o favor.

Esperava-se porem com verdadeiro interesse a entrada de Taborda.

E' um actor querido, um actor que já tem lenda, um actor consagrado

Foi extraordinaria essa entrada.

Rompeu da sala uma tempestade de palmas; explosiram bravos: tres mil pessoas, de pé, agitavam os lenços como se cada um quizesse fazer-se ver do actor, honrado de o applaudir, orgulhoso do protesto publico da sua amizade, da sua admiração, do prazer de o ver, de o ouvir ainda a sempre emquanto elle puder entrar o'um palco e mostrar em quatro passos e uma fraze que é o mestre da escola naturalista da scena portugueza!

Extraordinaria ovação que eu comprehendia perfeitamente. A morte de Antonio Pedro está ainda dolorosamente gravada no animo popular. Taborda é o ultimo grande actor da geração gloriosa, que desapparece com elle! Toda a estima popular hoje converge n'elle, por aquella razão que faz que um pai concentre a amisade de todos os filhos que haja tido no ultimo que lhe reste.

Aquella ovação queria dizer:

Velho Taborda, glorioso actor, se pódem dar te vida os meus applausos, acceita-os. São o que ha de mais sincero na nossa alma. Quando te vêmos alanceia-nos o receio de perder-te e abraza-nos a alegria de te vêr a escutar ainda. Não morrerá a tua memoria. Ficas na tradicção a na historia do theatro portuguez. Mas são glorias de que não poderás gozar. As que podemos fazer-te sentir são as dos nossos applausos. Eil-os, os mais ruidosos, os mais intimos e se elles podem dar-te vida, vive, vive!

O velho actor surprehendido pela manifestação extraordinaria, estava visivelmente impressionado e não seria difficil duvisar-lhe uma lagrima sustida difficilmente á flôr das palpebras.

Quem um dia sentir, n'um palco, a impressão unica, de se sentir elevado pelo applauso d'uma multidão anonyma, desconhecida, comprehenderá bem como ainda um velho acostumado aos applausos uma vida inteira, póde commover se perante seis mil mãos que o applaudem, quando esse applauso tem alguma coisa de um protesto contra o tempo, d'uma saudade pelo passado.

Hurrah! por Taborda.

Bibliographia.—Recebemos a agradecemos o *Almanach das senhoras portuguezas e brazileiras* para 1890 por Albertina Paraizo.

E' um curioso volume de perto de 200 paginas, com pequenas producções, firmadas pelos melhores nomes da nossa litteratura contemporanea. Novamente agradecemos á gentil auctora, a delicadeza da offerta.

Chegam-nos continuamente queixas as mais justas dos nossos assignantes de Lisboa, com relação ao serviço do correio. Declaramos terminantemente que nenhuma culpa temos do que a distribuição da «Comedia Portugueza» soffra interrupções e demoras. Já nos temos queixado por varias vezes, sem resultado algum e não podemos ir á administração geral dos correios rojar-nos aos pés do ex.mo director a pedir-lhe a graça de providenciar. Não costumamos pedir de joelhos, nem cremos que mesmo por esse modo conseguiremos alguma coisa.

Pedir energicamente, já o fizemos n'este mesmo logar. A voz perdeu-se no deserto. Os nossos assignantes teem razão, e assim como tem razão se tiverem descoberto alguma maneira com que possamos fazer com que o serviço do correio seja o que deve, o que tem obrigação de ser, promettemos-lhe empregar todos os nossos esforços para esse fim. Nós somos os primeiros prejudicados, mas nem sequer nos queixamos já, é mais um trabalho que se perde. Isto é o paiz do — á vontade — De serio, coisa a que se attenda, com empenho, só conhecemos as eleições, mais opportunamente os syndicatos. Tudo o que não fôr isto é banal, não tem importancia para a cabeça dos pretores.

Emfim, ahi fica mais uma vez exarada a queixa, por descargo de consciencia. Do resultado nada esperamos.

PELO REDACTOR GERENTE
Victor Lisboa

Soares dos Reis

CONDE DE FERREIRA

Recebemos do Porto os tres primeiros fasciculos do *Album Photographico das obras de Soares dos Reis*
Uma edição luxuosissima com boas photographias feitas na casa Bieh.
O nosso desenho é copia de uma d'essas photographias.
Agradecimentos pela remessa.

Fialho d'Almeida

Julião Machado

Os Gatos

Editor. [illegible]

OS GATOS

Não nos foi possivel ler ainda o volume d'este novo trabalho de Fialho d'Almeida.

Não duvidemos porem de recommendar aos nossos leitores, desde já, o livro; porque demeis conhecemos as brilhantes qualidades da critica e de linguagem que possue o escriptor que o assigna.

Damos como amostra um extracto do livro, que deve esta semana, ser posto á venda em Lisboa e que o euctor teve e emabilidade de nos enviar. Por elle o leitor poderá epreciar o velor do livro.

Carta a S. M. sobre as vantagens de ser assassinado —O regicida da Caminha— De como o cultivo das bellas lettras não dá immunidade aos monarchas, para as ameixas dos conspiradores—Que lhe custa a V. M. apanhar um balasio?—Offerece-se um regicida com pratica na provincia.

...Esta tragedia brazilica me põe de queixos, meu senhor e rei de Portugal, a cogitar na fórma porque V. M. tem comprehendido até hoje o pesado encargo de reinar. Até ao dia 15 de julho ainda havia no mundo dois monarchas immunes para as tentativas d'assassinato — V. M. e seu tio Pedro. Para qualquer dos dois, a situação era deprimente, um poucochinho. Reis que não gramam chumbadas do povo são como as cigarreiras que não apanham cascudos dos amantes, umas lesmas a cuja existencia se perdeu o interesse. Emtanto a desdita de VV. MM. lá ia tendo conforto no proprio seio familial—V. M. consolando-se de lhe não furarem as costellas, na immunidade de seu tio o imperador; este, illudindo as suas bazofias de grande rei, com a integridade das costellas de V. M. Uma tal miragem acaba porém, senhor, d'evaporar-se. D. Pedro II já lá tem a sua ameixa para a Historia: por signal que o caroço nunca appareceu! E ahi está V. M. agora sósinho a carregar com a ignominia de nunca haver despertado odio a ninguem. Desde Alexandre da Russia até Kalakana de Sandwich, todos os monarchas contemporaneos hão bemerecido do povo, inequivocos testemunhos de respeito e d'affecto sob a fórma de minas de dynamite e de balazios—só V. M., mottel E' indacente.

Perspicaz como é, e delirando talvez por cahir em graça aos vindouros, mediante uma façanha diversa da dom-juansexaite chronica da sua familia, V. M. havera predito a urgencia d'apropinquar á sua real pessoa uma tentativasinha de regicidio, já não digo das grandes, mas attinente emfim ás suas posses. Porque ás transformações d'este tempo, nem escapam reis nem patriarchas; e se é certo que uns e outros estejam dispensados da faze: as grandes guerras e de prégar as grandes cruzadas, não palo duvidoso tenho a instancia da cada qual aproveitar a occasião de se fazer temido, e sobrelevar ao vulgacho, por uma altiva bravura ante os perigos—inda que sejam apocriphos, como os do tio de V. M.

Pintar o gosto que todos teriamos, vendo V. M. emparceirar na escala do martyrio, com outros seus collegas, grous coroados, graças á ferocidade d'um sicario, é coisa que não póde o colorido exangue d'esta penna, afeita a chronicar discursus arroyanos, e a abrir epitaphio ás artes fuschinisadas por esses r'aguões—jardins publicos e paços conselhios. Mas calcularia V. mercê o arco de tal jubilo, meu senhor, abiscoitando uma ovaçãosinha galopinada cá pelo rapaz, e então medindo a toda a grandeza historica, a vergonha de que libertava o monarcha, caso uma innoffensiva bomba de dynamite viesse a rabentar aos pés mais que tudo Raphaels—Gabriels—d'Assis—Gonzagas, etc., de V. M.!

***

Sobrevenho portanto, meu rei e padre, com patrioticas instancias, a que V. M. se deixe chumbar'seja por que buraco fôr. Ah, senhor meu, que rica coisa é um monarcha que procura dar lustro ao seu reinado, vindo á estacada caçar laureis a palmas, sem outra defeza contra as jugatas da turba, além de uma inoffensiva camisola de flanella! No tocante e armamentos, é singular que emquanto as machinas de guerra vão complicando a ferocidade das ossões, e enfreando a sciencia ao serviço da hecatombe, esteja a armadura dos guerreiros reduzida ás formes simples da camisa Jagger, dos suspensorios Pivet, e das meias de borracha contra as varises das pernas. Denuncia isto que a coragem do homem tem crescido, pois que elle dispensa o aço de lhe proteger o cavername, e que V. M. evitando dar motivo de sanga aos seus vassallos, pelo receio pessoal d'uma aggressão, baixa por este facto escandalosamente do nivel epico eonde os reis devem mostrar-se, como em obeliscos de gloria, para as ovações triumphaes da posteridade. E isto me peza, senhor, que possuindo V. mercê todos os attributos d'um grande e illustre rei, só de bravura esteja mal servido, a ponto de sujar as ceroulas mal lhe dizem que foi um camarada seu espingardeado. [1] Está pois V. M. um monarcha acaado! Póde limpar as ceroulas á parede!

(1) Marquez d'Alvito: EL-REI D. LUIZ NA INTIMIDADE, pag. 14.

Veja o imperador D. Pedro, seu tio, que o *Dia* pintou tomando d'assalto a fortaleza d'Uruguayana, de chapeu desabado, a cuja fria coragem o mesmo jornal assignala, contando que ao cahir ao mar, perto do caes, a primeira coisa que fez foi descalçar as botas—que homem!—e a segunda recusar o capilé morno que lhe offereciam, á guiza de calmante. Taes rasgos habilitariam por si sós, epicamente, o tio Pedro a um bronze heroico na Tijuca, quanto mais o saber-se com que temeridade carlovingia elle lavou a cabo o seu papel de naufrago, afastando o escaldão de pés prescripto pelos medicos, e apparecendo em piugas á côrte, que ao som do côro d'aventureiros do *Guarany*, se propunha vasar-lhe copinhos de cognac.

O monarcha brazileiro lhe vam delineando pois, meu senhor e rei, o curso de heroe que V. M. terá de frequentar antes de constituir a sua preciosa pelle em alvo á pontaria dos algozes. E' abrir matricula nas aulas do martyrio! Imitar o outro. Ir por exemplo de corôa desabada conquistar o forte da Caxias, façanha commoda, alli tão perto do paço, e com *char-à-bancs* tres vezes ao dia. Cahir ao mar, como o senhor D. Pedro, inda que tirando as babuchas, o povo lhe lobrigua por baixo, piugas de caut chouc. Oh meu senhor! Fosse eu rei, e diabos me levem se não tinha já nomeado regicida de minha real camara (sem perda de direitos para o dr. May Figueira) o faccinora mais catita da Penitenciaria. A realeza carece de sagrar se no espirito da turba, pela especia d'auréola que põe n'um homem a realisação d'um acto extraordinario. Por consequencia faça V. M. com que o escadeirem. Não abrenuncie, por Deus, esta proposta, gritando que serenta para os chronistas que lh'a alvitram. A Razão d'Estado antes de tudo. E' o barbadão de Veiros que lhe acena. D. João VI que do tumulo lhe diz: deixa te chumbar, Lúlúsinho.

Porque emfim V. M. não tem agora tão grandes coisas no seu reinado que possa prescindir assim d'um regicidio. A nota do odio é tão necessaria ao prestigio da sua corôa, como a nota de vinte mil reis. Mesmo, n'essa dymnastia de frustes que vae de D. João IV a D. João VI, não apparece um unico rei com a bonhomie parrana de V. M.—D. João IV era um poltrão, mas emfim lá tinha a mulher. D. João V, um femeeiro, mas propulsou as artes do luxo e um explendor requintado e extraordinario. A Affonso VI faltava aquillo que Brown-Secquard anda a rasteurar nas regiões infra-umbilicaes dos homens velhos; entanto elle conseguiu gastar a enclausura de Cintra, primeiro que a prisão o gastasse a elle.

E convenho mesmo que D. José fosse um maricas, que andava sempre a tasquinhar barrigas de freiras mas, meu senhor, lá o temos em bronze no Terreiro do Paço, porque teve a habilidade de arranjar um terramoto authentico, um ministro energico, e uma tentativa de regicidio menos mal engendrada.

***

N'este carnaval de Braganças, é pois V. M. o unico que intenta penetrar os humbraes da Historia, sem bagagem—apenas com a sua traducçãosinha do *Hamlet*, a greve dos chapelleiros, e o sr. José Luciano preso por uma corrente ao realejo constitucional onde ha vinte e seis annos V. M. mõe a sua propria marcha funebre. Ah, que pobreza de feitos historicos! que suppressão de vicios e manias! que ausencia de vultos glorificadores da sua governação! .. V. M. não tem a seu lado Luizes de Gusmão; o luxo da sua côrte infere-se pelas equipagens do sr. ex-conde de Mesquitelle e pelas *toilettes* do sr. Teixeira Lacrau; V. M. está como D. Affonso IV, e ainda não deu que eu saiba, prisão nenhuma; e tendo por barrigas de freira a glotoneria de D. José, não teve ainda, como elle, as compensações do terramoto, do ministro, ou da tentativa de regicidio. Como ha-de o reinado de V. M. fazer fumo, se ninguem contra elle inda fez fogo?—E a decadencia!... antigamente só emigravam do paiz caixeiros de tenda cavadores do campo, e uma ou outra actrizita da Trindade. Agora até os regicidas... uns desgraçados que a casa real deixa inactivos (pouca vergonha!) e que p'ra ganharem a vida teem d'ir trabalhar para o Brazil.

Recapitulo: V. M. tem tudo a ganhar em ser assassinado. Mecha os pausinhos p'ra isso, despache-se! Digne-se verter o seu sangue, antes que a Historia, julgando o, sollicite a posteridade a verter aguas.

Convenhamos porém, que apesar do meu odio, eu não fujo a reconhecer em V. M. algumas preciosissimas qualidades de reinante. E comigo o povo, real Senhor. Lá quanto a isso, em verdade, muito obrigados lh'estamos. Por bemda patria, já V. M. traduziu tão mal Shakespeare, que esfriou em nós o fetichismo pelas obras primas estrangeiras—subtil maneira esta de V. M. reconduzir o gosto á exclusiva adoração das nacionaes!—e este bello exemplo, se não vale o das piugas de seu tio Pedro, reveste pelo menos uma flamancia d'amor patrio, digna d'intervir nos desdens anti lusitanos do vencido da vida Ramalho Ortigão. Mas meu senhor, se o cultivo infeliz das bellas-letras inhabilitasse os monarchas para as ameixas dos sicarios, estaria o imperador do Brazil mais que nenhum outro livre e isempto de taes fructos, em razão das esquirolas poeticas que intermitentemente exgrega p'ras gazetas: e viu V. M. como Adriano lhe alinfou com um, sem grandemente ecatar a sonetaria imperial!

Se Quincey rimou as excellencias do assassinato como obra d'arte, V. M., assiduo interprete da poesia tragica d'Alem-Mancha, podia bem trazer a vernaculo este poema, preambulando-o d'uma falla em que enaltecesse o regicidio como obra de politica. Era trabalho onde o meu rei despejaria a contento geral as asneiras que lhe tivessem sobrado dos seus outros trabalhos litterarios, e que podia suggerir talvez ao sr. Gualdino Gomes, por via do rancor plumitivo, o tirasio que V. M. jámais pechinchará do sr. Consiglieri Pedroso, mercê do jacobino

Oh meu senhor, habilite se! Uma reles bomba que seja. Para o effeito moral até um buscapés seria bastante. Não faça caso das precauções da medicina, venha á cidade repontar c'o zé povinho, chamar-nos typos, dar canellões nas nossas mulheres—fazer emfim pelo tirasio emquanto é tempo. N'estas coisas de martyrio, só a primeira abordagem custa um pouco. Que transtorno faria a V. M. um balasio, sabendo a ovação que abichava depois de morto?

Ah, que vida tão monotona tem sido a de V. M.... jantarinhos de canja magra no quarto, violoncello quando vão artistas de S. Carlos, e como *hors-d'œuvre*, a pouca vergonhasinha extra-matrimonial ás quintas-feiras!... V. M. carece de sahir quanto antes d'essa apathia. Um brazileiro, senhor, não usufrue maior ripanso, do que o meu rei sentado n'esse throno, e com a marrafa a dividir-lhe o craneo em duas metades parallellamente encarquilhadas. E quando os republicanos cuspirem á face de V. M. os 360 contos da sua dotação, como ha-de V. M. justificar essa maquia auferida dos erarios, não tendo feito no decurso d'um anno, outra coisa que não seja abrir e fechar côrtes, levar salvas a bordo, e tapar a destapar ladrões e tolos consoante a matula dos gabinetes que governam?

Com o tirasio era outro aceio. Pela tentativa de regicidio, disse Guizot, a inoffensividade dos reis cola-se á veneração dos povos como um rabotalho de trampa á barriga d'um macaco: e os povos tanto esgatanham n'essa veneração, que acabam por abrir se o ventre, sem que a mistella de lá saia e deixe de feder.

Se por consequencia, V. M. está resolvido a acceitar o alvitre da sua proxima eliminação, por via Lefaucheux, e não achar sicario idoneo que lhe expeça um balasio aos quartos posteriores, d'aqui me offereço eu com toda a lealdade, certo de que V. M. não haverá que dizer do trabalhinho.

De mais, V. M. já me conhece. Ora se não!... Eu era um que estava de chapeu de coco, n'um dos bancos do Aterro, haverá seis annos, uma tarde que V. M. passou de lunetas fumadas. Por signal que até lhe mostrei o *Diario de Noticias*...

Tenho vinte e cinco annos d'idade, lindo talhe de lettra, e des'que me metteram o lêr e o escrever no corpo, ando mesmo hydrophobo por espatifar um desavergonhado. Contracte-me, senhor! Ha em mim um sicario á altura da importancia européa de V. M.—E garantias! fui eu que atirei a bomba ás janellas do rei do Porto, Correia de Barros, de combinação com elle mesmo. Sou portanto um regicida com pratica na provincia, um regicida em segunda mão, bem conservado, e podendo mostrar abonações como o primeiro. Juro que não farei questão de preço. Sómente, como apesar do meu odio eu não quero que V. M. morra, porque emfim podia vir outro peor, combinaremos a conspirata por forma que ella revista todas as apparencias de séria, sem todavia deixar d'abexigar-se por dentro, com todas as inoffensividades da jocosa. Eu tenho lá em casa um rewolver de nickel, muito lindo, e que é por signal de cautchou, onde, nos meus intervallos de facinora, uso guardar picado de Kentucky. Se accordarmos em intrujar a Europa mediante a comediasinha d'onde V. M. ha-de sahir ovante e heroicisado, póde combinar se a coisa para os começos do inverno, uma noite, ao acabar do theatro... Eu ponho um estalo d'entrudo no gatilho da arma; V. M. mette na bocca um zagalote; e quando, sob um jorro electrico, pozer o pé no estribo da carruagem, eu de meu lado—pif! paf!—e deito a fugir, emquanto V. M. cahe nos braços dos seus officiaes, não sem primeiro entornar sobre a camisa um fresquinho de tinta carmezim.

Attenta a côr da tinta, e o facto de V. M. cuspir a bala no deliquio, os medicos não se recusarão, creio eu, a jurar sobre os Evangelhos, que V. M. foi ferido... Emtanto, n'este tão facil plano, só um temor me alanceia:

—Com a bravura que todos lhe conhecem, V. M. é capaz de morrer de susto, mesmo tendo a certeza de não ter morrido—do tiro.

31 d'agosto de 1889.
(Dos GATOS.)

FIALHO D'ALMEIDA.

IDA E VOLTA

Congresso juridico

afilhado d'um Sr. Vereador

Vae por conta do Papá para se distrahir

Para ver a torre e tratar-se do rheumatismo

Por conta do Governo. 13$500 por dia

Para estudar os costumes.

Julião Machado.
ambas a mesma cousa.
Differem apenas na toilette.
Por cá sou apenas padeiro
lá - accumulamos somos tambem "maçons"
afogados como os de lá!
Em mulheres, minha rica senhora! Em mulheres!
afinal estamos tão adiantados como elles!

Tenbo medo do mar!

Dizia ella e parava com oma prece adoravel no olbar, firmaodo o pésito no solo como que a impedir-se a marcha.

—Vem, que loucura! Que pieguice a tua! A meu lado...

E, tomada d'uma resolução beroica, Luiza deixava-se conduzir pelo braço de Raul, pela estrada bordada de piteiras ponteagudas, areosa, desprotegida de arvores, que conduzia do alto da velha aldeia onde negrejavám os muros do antigo solar para a praia que branquejavá ao longe, batida do sol de uma tarde de verão, cheia de reflexos d'ouro e orlada de espumas.

Não era uma piegoice. Era uma d'essas incompatibilidades oervosas tão vulgares entre as mulheres, superiores a ellas, filhas d'uma susceptibilidade especial, doentia, que se revela perante um objecto, um ruido, a luz d'um cirio, o canto d'uma ave, o perfume d'uma flôr.

Luiza não podia ver o mar. Ao longe supportava-o. Do alto, nos pincaros das ribas, podia ainda fixal-o entre receiosa e ousada ao perceber-lhe o balanço herculeo em direcção ás rochas, ameaçador d'um choque alagador como um diluvio.

Mas ao pé, na praia, era-lhe impossivel. O ruido surdo do marulhar das ondas, aquelle rugir dos vagalhoes contorcendo-se, erguendo-se, partindo se sobre a areia, enchendo o solo de ruidos subterraneos, causavam lhe um tremor geral do medo, o arripio do terror.

A morte abria-lhe os braços, no avançar das aguas, arremessava-a contra ás ribas, sobre os penedos agudos, ou empolgava-a nos tentaculos liquidos das ondas que rastejavam, espumosas, como reptis, a agarraram-se ás areias moveis, a procurar um appoio cootra a attracção da caldeira fervente que os fazia parar, dobrar-se, recuar, reunir-se na immensidade das aguas!

De cada vez que uma onda estalava contra os cachopos isolados, que guarneciam a praia, como monstros lendarios guardando a eotrada da terra, ella tinha um sobresalto angustioso como se fosse o inicio d'um cataclysmo, a voz de começar d'uma hecatombe, d'um desfazer de mundos que começassem da chocar se n'uma derrocada geral.

Tioha muito medo do mar! Sobresaltava-a, enchia-a de uns terrores vagos, mergulhava-a na timida consciencia d'uma pequenez ridicula aquella grandesa infinita, cheia de misterios, de ruidos, de poderes invenciveis perante o esforço humano.

Mas era uma vergonha mostrar se d'uma tão extraordinaria timidez deante de Raul! E' sempre heroico o braço do homem que ampara a mulher amada. Raul amava-a, ella sabia-o.

E deixou-se conduzir, cerrando quasi de todo os olhos a fazer-se forte no appoio do esforço que a arrastava delicadamente, até ao pequeoo rochedo negro que perece marcar o limite aos leques da agua espumosa e que arremeda pelo negro da côr e a capa de limos pendentes um grande cão da Tarra Nova, deitado, em posição de esphinge, fazendo sentinella ao mar.

Todos conhecem o amôr dos dezoito annos.

A alma tem a timidêz dos passaritos que se empoleiram na borda dos oinhos, para taotar o vôo, porque anceiam, no espaço azul que os intimida.

A mulher é para nós um mysterioso ser. Amamol-a de longe, n'um segredo cheio de aociedades, o'uma concentração de espirito que tem alguma coisa da adoração receiosa do crente ingenuo pelo Deus dos Castigos. Abeiramol-a cheia de presumpções, de arrojos, de decizões longamente estudadas, para se nós apertar a garganta e sumir a voz sob o seu olhar que nos transtorna, á pressão da sua mão, cujo toque fica impressiooando a nossa, por loogas horas. Arrancamol-a á humanidade para a endeusar. O mundo material não a alcança e todos as sublimes loucuras, todos os heroismos, todas as virtodes, nos parecem pequenas para offertar-lhe no altar do peito como holocausto á sua bondade onica á sua belleza sem par.

Então os sentidos, virgens quasi (permitta-se-me o termo) abrem nos uma serie de pequenas sensações d'uma delicadeza quasi metaphisica e d'um prazer exquisito, como os perfumes subtis das flôres da oeva.

No paraizo descarrado da pouco pelo olhar da mulher querida, a nossa imaginação castamenta ardente, apparece como senhora, como rainha, a sua forma victoriosa, cercada de flores a coroada de estrellas.

O espirito vibrante na plenitude romantica d'um sonho a que a imaginação emprasta o brilho dos astros e a generosidade de cerca d'uma barreira gigante de valorosos ardôres, ergue acima da si proprio a individualidade amada e retraha-se no seu convivio, como um mendigo que entra n'um selão onde a seda cicia e o ouro fulga.

Nada no mundo se atreve contra este acanhamento do primeiro amor, nem a aducacão, nem o talento.

Sómente os espiritos grosseiros teem, da começo, o arrojo . os finos espiritos embriagem se na contemplação, vivem d'ume palavra, d'um gesto, d'ume confidancia puaril, d'um sorriso que passou por elles, d'uma referencia, d'um nada qua sahiu dos seus labios, dos lahios d'alla, onde só a ideia de pousar um beijo produz, no cerebro, o daslumbramento d'uma aurora polar!

Estavam, sos. Sós pela primeire vez.

Ere o momento de lhe dizer o que sentia por alla. Ninguam ouviria a sua desfeita, ninguem poderia sorrir do tremôr da sua voz ou do ecanhado do gesto.

E por vezes interrompendo a banalidada d'uma conversa, partida, difficil, elle ia a dizer — Luiza...

Mas n'asse momento uma onda mais forta quebrava, uma cegonha pousava ao longa no vertice d'um penedo, uma gaivota margulhava no franjado da vaga.

E, calavam-se ambos, a olhar, com um rir forçado, idiota.

Como o sol baixasse e n'um movimento da Luiza Raul suspeitasse que ia partir, um supremo esforço arrancou lhe a fraze, havia tanto anovelada na boca: — Luiza, amo-te!

E, como ella o olhasse, enlaiada, com um ligeiro rubôr na face e o olhar timido, tumou lhe as mãos febrilmente: nada receies, ouve-me:

E, disse lhe... o qua lha disse?

Todas es esperanças do futuro, todos os receios do passado, todos os encantos do presente. E contou lhe a dôr das idas para o collegio, es lagrimas que a sua recordação lhe arrancava, no leito da camarata, triste no silencio das noites; a disse-lha os beijos que dava nos objectos que lhe haviam pertencido e qua elle levava as escondidas no fim das ferias; contou lhe esse serie enorme de poemas tristes e alegres que lhe passavam no coração com o ciume da ausencia, com a felicidade da volta!

Não lhe escondeu o encanto em que o mergulhava o comtempiar-lhe a belleza, para lhe pintar o ciume constante em que o envolvia a naturel amabilidada do seu porte! N'uma eloquencia febril o bom rapaz subiu ás juras, desceu ás preces; impoz se e pediu; blasphemou e chorou! Os olhos da Luiza perlavam se de lagrimas. Elle joelhou sobre a areia e meigo, com a voz tremula da todos os affectos generosos fallou-lhe da vida futura, lado, a lado, na eterna troca de affectos e de caricias, na mutua absorpção de duas vidas que se fundam completando-se, como duas gottas d'agua qua se encontram!

Assim amava Raul. Quando desceu do jardim ao lado da prima e se metteu pela estrada da praia não reparara que o terreno descia e so depois ao vêl-a scotada, olhando por sobra as dunas notou que o miranta grande da quinta d'onde os podiam ver, desapparacera por detras dos lombos dasa reies.

Ella sentia o calor das suas mãos, absorvia-lhe o olhar brilhante e caricioso e no peito arguia-se-lhe imperiosa a vontade de lhe apertar ao pescoço a cabeça, de lhe baijar a bócca, que a mergulhava, palavre a palavra, n'um labyrintho attrahente de desejos loucos!

E quando elle se calou, emfim, febril, interrogativo, ella só poude dizer, novamente: amo-te muito, tambem!

E elle esquecera o mar cuja vaga crescente, por vezes, açoutando cercava o rochedo, olhando docemento os olhos de Raul cuja cabeça descançava languidamente nos seus joelhos.

É que a timidez dos dois voara como gaivota apressada, nos rolos do vanto, pela superficie azulada do mar immenso! O sol mergulhava de todo. O dia esmorecia envolto n'uma gaze rosea. A cabeça de Raul tinha um calor branda que a envolvia n'uma caricia crescente; o seu olhar era bom, doce, cheio de beijos!

Raul, disse ella, levantando-lhe delicadamente a cabeça e erguendo-se: vamos embora!

Mendo

BIBLIOGRAPHIA

Revista de Portugal, dirigida por Eça de Queiroz. Recebemos o 3.º volume d'esta magnifica publicação mensal, cujo credito sobe com o apparecimento de cada volume, superiormente dirigido.

O 3.º volume abre com um estudo de Eça de Queiroz — Cartas de Fradique Mendes — parte do qual já foi publicado n'um jornal—O Reporter—diario mas que o auctor vae publicar na sua forma definitiva na revista.

Segue-se lhe a continuação dos explendidos artigos de Oliveira Martins — Os filhos de D. João I, verdadeira evocação historica feita com um brilho, uma segurança de traços e uma verdade de concepção verdadeiramente extraordinarias.

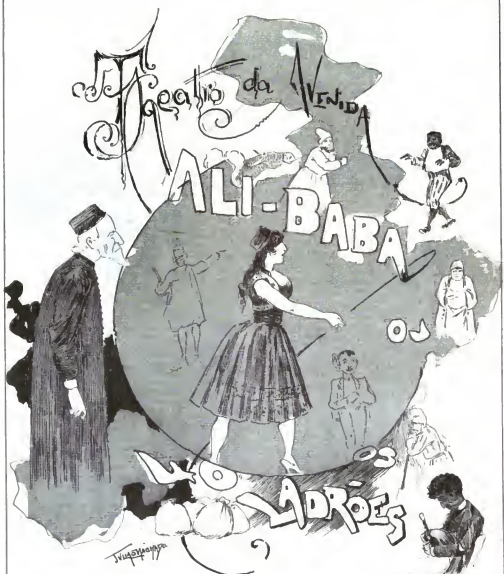
E' das obras superiores do distincto homem de lettras, uma das mais poderosas individualidades litterarias actuaes, o auctor do Portugal Contemporaneo, da Historia de Portugal e de tantos outros brilhantes estudos que opulentam o movimento litterario portuguez do ultimo quartel do seculo.

Continua-o a versão d'um poemeto Castelhano de Nunes d'Arce — A' memoria de Alexandre Herculano — feita por Fernando Leal.

Theophilo Braga termina o seu famoso artigo — Epopéa da Humanidade, onde não se saba que mais sa admire se a erudição espantosa do professor, se a ousadia das generalisações, se o extraordinario das leis, das conclusões, a que chega e que sustenta com o desassombro scientifico que o caracterisa, o luctador incerrante o trabalhador incansavel, o sabio philosopho.

O *poema da humanidade* evoluciona ha muitos annos no cerebro do mestre. Ha muito eu tive a honra de lhe escutar o plano do seu livro gigante. Este artigo parece ser a preparação para os futuros leitores do poema que provavelmente, a esta hora, cresce na sua mesa de trabalho. Theophilo Braga pretende, talvez, preparar os espiritos, oriental-os na comprehensão da sua obra.

Terminam o volume um artigo sobre Oliveira Marreca, distincto economista portuguez a o Boletim Bibliographico do dr. Silva Gaio

— MUITO MORIGERADOS
ESTES 40 SRS. LADRÕES QUE NEM
CONSEGUEM ROUBAR-NOS O SOMNO

O theatro da Avenida abriu com o *Ali-Baba* peça phantastica, com mutações á vista, escripta com elguma graça e conscenciosamente representada.

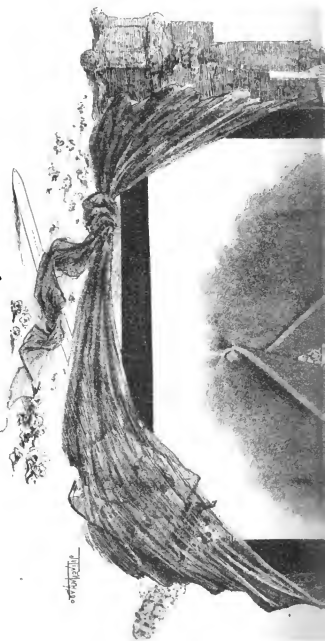
E' ume peça sem tirades, com o seu trocadilhosinho á Mendonça e Costa, sem situações violentas que arreliam o espectador mas com dois camellos de lona a um burro authentico qua não dasmancham o *ensemble*.

SUPPLEMENTO AO N.º 51

DIRECTOR-LITTERARIO Marcellino Mesquita

REDACTOR-EFFECTIVO C. de Moura Cabral

REDACTOR-GERENTE — Silva Lisboa

Redacção e Administração, Rua Ivens, 41, 1.º

O Infante D. Augusto

O INFANTE D. AUGUSTO

O principe da casa real portugueza que acaba de fallecer na 5.ª feira 26 do corrente mez, figurava no Almanack de Gotha com os seguintes nomes: Augusto-Maria-Fernando-Carlos-Miguel-Gabriel-Raphael-Agricola-Francisco de Assis-Gonzaga-Pedro de Alcantara Loyola de Bragança, Duque de Coimbra, Duque de Saxe.

Pertencia ao exercito portuguez cuja carreira foi a seguinte:

Assentou praça no exercito nacional em 22 de agosto de 1855, foi despachado alferes; promovido a tenente tres annos depois; foi elevado a capitão em 17 de março de 1862; a major em 29 de setembro de 1863; a tenente coronel em 31 de outubro de 1866; a coronel em egual dia do mesmo mez de 1869; a general de brigada em 9 de junho de 1870; e a general de divisão em 10 de agosto de 1883.

Em 21 de maio de 1884, por carta regia, foi nomeado commandante interino de brigada de cavallaria de instrucção e manobra; a 31 de outubro, do mesmo anno, foi nomeado inspector geral de cavallaria do exercito continental.

Por carta regia de 29 de setembro de 1871 foi mandado o sr. infante D. Augusto apresentar-se ao governador geral da India, a fim de ali ser empregado no serviço que as circumstancias exigissem, por se ter offerecido para acompanhar a Goa o batalhão de caçadores n.º 1, que foi enviado á India por causa d'uma revolução militar que ali houve.

Na tarde de 12 de novembro de 1871 embarcou sua alteza no paquete *Nera*, juntamente com o novo governador geral, o general Joaquim José de Macedo e Couto, que foi substituir o sr. visconde de S. Januario no governo da India.

No dia 10 de dezembro desembarcavam em Goa, juntamente com o batalhão expedicionario, suffocando-se pouco depois a revolta.

Durante a sua permanencia em Goa, onde se demorou perto de tres mezes e meio, tendo tido a sua residencia em Pangim, no palacio do governo, fez o sr. D. Augusto d'ali visitas ás comarcas de Salsete e Bardez, onde foi enthusiasticamente recebido.

Pelos fins de março de 1872 partiu sua alteza de Goa, por Bombaim, em direcção a Portugal no transporte *India*, que trazia tambem a bordo o batalhão de caçadores n.º 1, e que chegou a Lisboa ás 3 horas da tarde de 1 de maio.

Consta das notas officiaes que o sr. D. Augusto «cumpriu o serviço com *muito proveito do estado*, porque, ao muito respeito e amor dos povos da India pela augusta pessoa de sua alteza, se deve attribuir a solução pacifica da reforma executada. N'este transe, o sr. infante D. Augusto mostrou em todas as occasiões que se lhe facultaram, um verdadeiro amor civico, sempre conducente a apoiar o principio da auctoridade nacional, o que muito fortaleceu as disposições ordenadas pelo governador geral da India.»

Ultimamente havia sido nomeado presidente do conselho de presidentes dos jurys da Exposição industrial portugueza, logar que preencheu com a maxima sollicitude, fazendo reunir no palacio das Necessidades os membros d'aquella commissão e tomando parte activa nos trabalhos.

Taes são rapidamente, como as pudemos colher de varios collegas, as notas principaes da vida do infante.

O luto que acreditamos produz a sua morte é sobretudo devido ás boas qualidades do coração que o principe possuia no mais alto grau.

E' sobretudo por esses dotes, pela lhaneza do do seu convivio fidalgamente, simples que o infante poude impressionar, morrendo, uma grande parte do povo portuguez.

A *Comedia Portugueza* colloca modestamente a sua corôa de violetas sobre o tumulo do infante.

No proximo numero do nosso jornal daremos os *croquis* do enterro, camara ardente, cortejo, etc., etc.

Typ. do *Commercio de Portugal*

O INFANTE D. AUGUSTO

Notas do Funeral
NO DIA DO ENTERRO
NA CAMARA ARDENTE
ÁS 6 DA MANHÃ, EM BUSCA DE UM PONTO DE VISTA

Lisbôa accorreu toda, na terça feira ultima, a vèr passar o cortejo que conduzia a S. Vicente a carcaça do que foi na vida o infante D. Augusto. N'esta *poussée* de curiosidade indigena, e como sempre bisonha, da cidade, uns jornaes viram apenas uma reacção natural da gente ociosa, procurando matar o tempo que lhe não sobra para os exercicios soberrimos do trabalho—emquanto outros sentimentalmente o explicavam pela dôr saudosa que alanceára o coração de todos, ante essa amputação d'um membro, mais apprehensor do que locomotor, á familia reinante dos Braganças. Cada qual, fugindo á especificação da verdade, travestiu o caso ao sabor da sua taboleta partidaria, e da distancia maior ou menor que o separava do fóco das suas ambições de mando e poderio: sendo certo porém, que um tal fluxo de gente apinhada no transito do feretro, viesse não tanto da sympathia que inspirava a bondade modesta e lealissima do infante, nem tam pouco do prestigio das pompas desencadeadas á volta da cerimonia mortuaria, senão d'esse secreto deleite que os pobres teem sempre perante as desgraças dos ricos, e d'esse ironico desforço que os vencidos tiram, sempre que veem fazer ridicula figura aos vencedores.

Os jornaes tinham contado como os cangalheiros da casa real se viram gregos, ao querer adaptar o cadaver do principe á urna de cedro que lhe havia sido preparada, magnifica de côrte, com ferrarias da prata batida, e um cristal de Bohemia no bojo superior. Tinham dito, episodio a episodio, a maneira porque o corpo do extincto, já de si gigantesco, adquirira na morte umas proporções excepcionaes, a ponto de não caber em todas as urnas que vieram, e de tresvairar as mensurações dos marceneiros, por fórma que, diz o *Dia*, em vez de tumba pr'a um, aquelles santos cachorros tinham acabado por conduzir até ás portas do paço, uma especie d'arca de Noé, com beliches pr'a toda a dymnastia.

Depois, a perspectiva d'uma cauda de seges com macaquitos vestidos d'encarnado e d'azul, bordados de bolotas, escarrados d'insignias, chuchados de doenças, deboches, e velhas locubrações drolaticas nas antecamaras dos paços e nos gabinetes dos concelhos d'estado; a perspectiva d'essa fiada de bonzos, cynicos ou frustes, coifados de chapeus de dois bicos, gallinaceamente opiparos de plumas, sempre hillaria a tristeza monotona da terra, trazendo ao espirito popular a vaga esperança de, mesmo entre o luto, elle poder chacotear um pouco de toda aquella fantochada grotesca, posta no encalço do morto, como o rebus de todas as vacuidades officiaes d'este paiz.

Porque é singular como as physionomias da maior parte dos nossos homens publicos depõem desagradavelmente a seu favor!

Em poucos ha essa nobreza calma de linhas, ea a serenidade profunda de olhar, essa luminosa architectura moral emfim, que conta as luctas da intelligencia d'um homem, ininterruptamente servido por uma consciencia inviolavel. A maior parte são pequenos monstros de olhar strabico, ou vago, ou fugidio, ou injectado; caras balofas, olheirentas, desymetricas, com um stygma, algumas, do quer que é de inquietador, que a gente não sabe o que seja, mas lá está a servir de syndroma á manqueira occulta, e a prevenir a opinião contra a bôa fé dos esforços d'elles, em prol da causa que juraram servir.

Outro detalhe: assombra o predominio que o typo estupido começa a ganhar na compostura, (exterior pelo menos) dos nossos grandes funccionarios! Ha uma mistura de porco e cão de fila, de malandro e de titere, em muitas d'aquellas faces de primeiros officiaes de secretaria, de governadores civis, de tenentes coroneis, de generaes, de bispos, de deputados, de conselheiros d'estado e de ministros. Por sobre as golas das fardas, dos collarinhos altos da cerimonia, das voltas roxas, e dos grilhões symbolicos das sociedades sabias e das ordens militares, as papadas oleosas dizem nutrições prevaricadas, apoplexias de bilis odienta, intrigas rubidas, cubiças, e satyriases secretas d'amor e vinho a horas perigosas. Em raros as feições mantiveram pela vida fóra, a correcção de seres superiores, immaculadamente votados ao martyrio das lides cerebraes, que vestem a alma dos homens, como a figura, n'uma adolescencia perpetua e espiritual. E' ver-lhes o riso, uma careta, estudada ao espelho, para cada effeito scenico da vida; ouvir-lhes as vozes, de galãs professos ou paes nobres, distillando palavras maravilhosas, mas sem repercutir jámais sinceridades; e surprehendel-os por fim quando a mascara lhes tomba, e por detraz do cortezão surge o carnivoro, tigre ou hyena, que do seu antro segue o fio d'um plano tenebroso, syndicato ou embuscada politica, venda de penna ou venda de palavra..

——A *Leonor Telles*, drama em cinco actos e em verso, de Marcellino Mesquita, é um trabalho doe vinte s
tragico, á procura de harmoniser as asmezadores realidades de historia, com os caprichos da phantasia poetica. Tev
só faria o orgulho d'um escriptor, se não fora certo inflorar-se na alma d'elle tambem, um contentamento sincero, pela
realça e construcção theatral dos fioses d'acto, e a sagacidade no ferir de certas molas emocionaes da platea portug
jamais as fatalidades do temperamento romantico.

Brazão deu no typo amoroso do Rei D. Fernando, a mais nervosa e sentida figura de sua galeria dramatica;
nosso bello comediante assignou a obra, e par do dramaturgo, em tanta maneira elle refez o drama, e illuminou c

Para atirar a evidencia d'este voluntarioso artista aos pinaculos de gloria indiscutida, que já tem europeisado
critica escrupulosissima e intelligente.

Entre os typos proeminentes da *Leonor Telles*, saltam os do *mestre de Aviz*, por João Rosa; o do *infante D.*
agora só revelado em scenas de comedia, e impressivo e vivido e ponto de nos lembrar, aqui e alem, Antonio Pedro.

anos, cheio de todos os insoffridos ardores e de todas as inexperiencias d'um espirito calido, que estrebucha pelo em D. Maria este drama, do nosso director litterario e querido amigo, uma sollicitude de desempenho que por si affectuosa maneira por que o publico lhe recebeu a obra. Em *Leonor Telles*, a par da magnificencia do verso, iva, de resto propensa a crises lyricas, como todas aquellas em que os prosaismos da vida não conseguirão vencer

e sem menoscabo ao talento de Mesquita, permittirmos-hemos dizer que no computo geral da *Leonor Telles*, o d'uma explendente vida, o personagem.
talentos d'enformatura inferior á d'elle, bastaria talvez um meio mais vasto, peças de genio, e as suggestões d'uma

Diniz por Augusto Rosa; e o do *velho Gil*, por Ferreira da Silva, que deu uma cambiante nova do seu jogo, até

Fialho d'Almeida

A disparidade é tal, nos caracteres physionomicos externos pelo menos, entre as chamadas classes trabalhadoras, e as chamadas classes dirigentes, que dir-se-hia pertencerem estas a uma raça degenerativa e scimiesca, cujo prodominio social é apenas uma questão de formula, e não poderá manter-se em pé por muito tempo. Em Portugal, a menos que um homem não tenha faculdades excepcionalissimas que o sobrelevem d'um hausto, em quatro dias, ao nivel da massa anonyma e *gouailleuse*, o ascenso na vida publica é cousa difficil ou impossivel, mercê das recuas de sobrinhos e filhos com que os fuoccionarios influentes atafulham os quadros.

Ha intrigantes politicos, professores d'escolas scientificas, velhos magistrados, que ainda vinte annos depois de mortos estão a despachar parentes para consules, conservadores de comarca, officiaes da alfandega, e professores, graças ao *nome* que ficou na memoria do rei, como uma marca de fabrica acreditada, muito embora alguma vez os productos d'essa fabrica sejam monos da loja sem valor. Por exemplo, a quantidade de Fontes, mais ou menos monumentaes, que o estadista por ahi deixou sugando os chorumes da patria, chega a parecer uma ironia, em paiz que tem a sécca como estado normal e phisiologico.

Os Hintzes e os Barros e Sá, pela sua abundancia no continente e ilhas, fazem-nos voltar o espirito saudoso para as edades ingenuas em que se chamava aos gafanhotos uma calamidade

E quanto a Jardins, o estado aduba ta...s, que não sabendo já onde os pôr, até expadiu um em balão para Paris, com missão de travar relações com todas as flores de luxo do *trotoir*.

A cada passo que se faça, a caminho d'uma pretensão ligitima e sincera, lá está um sobrinho de grande homem com o decreto de S. M. no bolso, creditando-o no cargo, sob a imposição formal de o desempenhar nas casas de batota do Chiado, e nas alcovas ibericas da rua Larga de S. Roque. E pela côrte e pelos ministerios, nos corpos diplomaticos e no exercito, enxameiam d'estes Apollos de bigodes torcidos, cheirando aos fedores novos que o sr. Ramalho Ortigão põe nas suas queixas á imprensa, cascalhando os nomes de familia como se lhes tivessem custado alguma coisa a ganhar, e desforçando-se n'uma palavra, da exiguidade dos seus meritos, pela cupidez com que dão caça ás gratificações que o Estado lhes dá — por serem tolos.

Foi um cortejo assim, que aparte um ou outro grupo *d'elite*, comboiou á necropole de S. Vicente, aquelle affectuoso, pobre, gigantesco e vago infante D. Augusto, que todos chasquearam quando vivo, a todos afinal e ocheram de sympathias depois de morto.

E ninguem mereceu melhor taes sympathias, do que esse affectuoso e melancholico rapaz!

Por todos os motivos, viva Deus!—Pela coragem com que supportou as ironias dos jornaes, a mor parte das vezes injustas e amargosas, que suppozeram idiotia o que nunca passou d'estremada prudencia, e de lealissima e correcta descripção. Pela cavalheirosa bravura com que manteve, n'uma hora de ciume interesseiro, a falsa posição de sua madrasta, que elle ergueu a si, com respeitos de filho, quando toda a gente em voz alta a expulsava do palacio real onde vivera.

E emfim, por essa bonhomia perfeita de gentilhomem burguez, de principe egualdade, que sempre teve, mesmo d'estoque na mão, aos pés do throno, indifferente ás attitudes da pragmatica, e perdoando á opinião as alternativas de sympathia e de rudeza em que a sua personalidade era cotada, sem motivo fixo, consoante as monções politicas dominantes.

Tendo fama d'avaro, sabe-se hoje como elle fez durante a vida, pelo menos tanto bem como seu pae ou seu irmão. Tendo fama d'estupido, viu-se a meia tinta discreta em que se soube apagar, n'este quadro de monarchia pobre, onde todos teem fome, e o mais reles marmiton empresta dinheiro a juro, ás magestades.

Por ventura uma ou outra vez n'Ajuda, foi elle o *cousin Pons* da orgulhosa madame Camusot que lá governa, havendo que domar reconditas desfeitas, com a grandeza d'alma que escaceia em muitos detractores seus e historiographos. E caloteado pelos amigos, escarnecido pelos contemporaneos, sem papel de conselheiro ou galã na côrte dos seus, o infante D. Augusto quasi que teve afinal um só defeito—para os domocratas ter sido principe; para os cortezãos ter sido democrata.

Por mim presto-lhe venia. E' o meo ideal de irmão de rei, este homem risonho, cuja corpolencia não peza, cuja palavra não sôa, e cuja vida não foge ás normas simples do viver da outra gente. Vindo ás cerimonias officiaes sempre com pressa, até cadaver mais cedo apodreceu, por eximir-se ao embalsamento opiparo dos grandes, que ficam de mumias nas lacrimejantes criptas dos templos, privados de fertilisar a terra com os chorumes da sua carcaça augusta e improductiva.

Seria talvez essa, quem sabe? a ultima saudade enternecida do infante... o não poder ir estrumar, depois de morto, os laranjaes da Amora e Cheira-Ventos!

FIALHO D'ALMEIDA.

Telegramma

——Todos os periodicos deram um telegramma de Cascaes, notificando que o sr. duque d'Orleaos tomáre banho, e por mais d'uma hora se entretivera e nadar com perfeição. Sem perscrutarmos as razões que a agencia Havas terá para cuidar que um banbo do duquezinho seja caso d'estarrecer os vassallos da seu cunhado, accrescentaremos não ser novidade o catitismo com que elle, sendo filho de peiac, deva saber nadar. Por demals era sabida a correcção apollinea de S. A. o chimerico herdeiro do throno frances, que ainde ha pouco, n'uma recente viagem á volta do mundo, houve por bem mostrar-se, em *toilette* paradisiaca, aos numerosos admiradores do direito... divino; e muito commentada foi a circumstancia de S. A. nem ao menos n'aquelles lances arvorar sobre os pudendos districtos, e bandeira branca (vulgo, lençol): naturalmente por melhor se lhe verem—as flores de liz.

O telegramma de Cascaas não accrescenta, se o senhor duque manteve nas aguas portugueaas, a ligeireea de vestes sob que se fizera admirar em varios outros sitios do globo.

Sabe-se entanto que a affluencia a Cascaes subiu de ponto, damas e cavalheiros,—pessoas d'especialidade quasi tudo—na espectativa de que S. A. mostrasse á sociedade, como o B., a sua independencie.

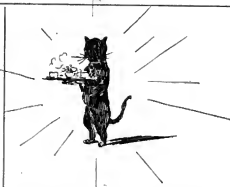
Coliseu. — A novidade da semana, n'esta case d'espectaculos, foi e representação da *Carmen*, para debute da sr.ª Bianca Pardoni.

Bianca Pardoni e uma cantora muito nova e gentil, a sua voz é pouco volumosa mes bem timbrada; phraseia na perfeição, distinguindo se muitissimo nos recitativos. Ume Carmen muito apreciavel.

O nosso applauso tambem ao barytono Astillero, que cantou distinctamente a parte de Escemillo.

Gymnasio. — Abriu as suas portas, completamente restaurado, dando-nos em *reprise* as peças mais applaudidas do seu repertorio.

A Empreza d'este theatro foi entregue uma nova peça em 3 actos, *Asthenia do amor*, do nosso amigo Abel Accacio, o talentoso auctor da *Jecunda*

Deve subir á scena ainda esta epocha.

Se o *Gato Preto (magica)* fez um verdadeiro successo theatral, por estar bem no paladar dos frequentadores de Trindede, o *Gato Preto (bolaxa)* não obteve um exito inferior no paladar das pacatas familias de Lisboa, que acham deliciosa a nova producção da fabrica de Eduardo da Conceição e Silva & Irmão.

A este emprehendedor e sympathico industrial, e ao intelligente mestre da fabrica, o sr. Amorim Barbosa, enviamos os nossos agradecimentos com as mais sinceras felicitações pelos successivos progressos da sua excellente industria.

Todos os senhores assignantes a quem falta algum numero da collecção e o queiram alcançar, farão as suas reclamações o mais breve possivel porque findando o nosso primeiro anno com o presente numero, todos os exemplares de sobra serão encadernados com as nossas capas, constituindo assim, collecções completas, tornando-se por isso mais tarde impossivel satisfazer a qualquer requisição de numeros em separado.

Estão quasi concluidas as capas especiaes para encadernamento do primeiro volume da «Comedia Portugueza» e brevemente annunciaremos as condições para os senhores assignantes e para os colleccionadores avulsos.

PELO REDACTOR-GERENTE
Victor Lisboa

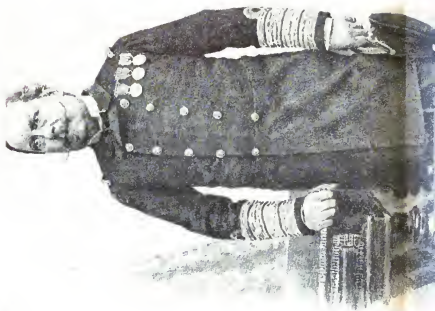
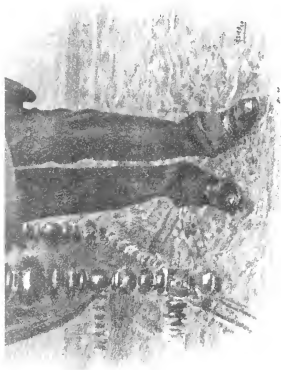
1889
A COMEDIA PORTUGUEZA
Fim do anno

DA

COMEDIA PORTUGUEZA

Morte de Sua Magestade El-Rei o Sr. D. Luiz I

Falleceu no paço de Cascaes Sua Magestade Fidelissima o Senhor D. Luiz I, Filippe Maria Fernando Pedro de Alcantara Antonio Miguel Raphael Gabriel Gonzaga Xavier Francisco de Assis João Julio Augusto Volfando de Bragança e Bourbon, 31.° rei de Portugal e 17.° dos Algarves, d'áquem e d'álem mar em Africa, senhor da Guiné, da conquista, navegação, e commercio da Ethiopia, Arabia, Persia, e da India, etc.; grão mestre das ordens militares em Portugal, duque de Saxe Coburgo Gotta.

Sua magestade Fidelissima nascera no Real Paço das Necessidades a 31 de outubro de 1838; succedera no throno a 11 de novembro de 1861 a seu irmão o senhor D. Pedro V. Casara por procuração em Turim a 27 de setembro e em Lisboa a 6 de Outubro de 1862 com Sua Magestade a Senhora D. Maria Pia de Saboia, filha de El-Rei d'Italia Victor Manuel II.

SUPPLEMENTO AO N.° 52

Sua Magestade El-Rei o Sr. D. Luiz I

Depois de successivas noticias sobre a doença de El-Rei, depois de longos mezes de informações as mais contradictorias sobre o estado de Sua Magestade, a nova final correu de bôcca em bôcca e Lisboa sentiu a profunda impressão que domina sempre uma capital e que invade progressivamente o paiz inteiro, na audicção, inda que esperada, da phrase lugubre—morreu El Rei!

Qualquer que tenha sido durante a vida o papel d'esse homem, como sendo a primeira individualidade d'um paiz, a sua morte tem a significação perfeita d'um desiquilibrio, inda que passageiro. Vai longe o tempo em que os reis em mais intimo convivio com o seu povo o sentiam durante a agonia murmurar sob as janellas dos paços, n'uma affirmação calorosa de interesse e de dôr.

Vai longe o tempo.

Irmanados pela simplicidade da vida pela approximação continua nas luctas, a sua morte significava a morte d'um irmão d'armas, d'um companheiro de trabalho. Então o povo chorava nas ante-camaras reaes, vestia-se de dó, sinceramente, e ao vêl-o caminhar para os cryptas sombrias das cathredaes relembrava-lhe vaidoso, as virtudes, as boas acções do coração, os bons golpes da sua espada.

Vai longe o tempo.

E no entanto um rei era n'esse tempo facil de substituir. Justo e valente que fosse e possuia as qualidades maximas para o agrado dos vassallos e para a felicidade do reino!

Hoje não. Os homens variaram ao extremo limite, as sciencias sociaes progrediram transformando as sociedades e atirando aos cerebros dos philosophos e dos moralistas os mais arduos problemas da sociologia.

Cresceram as ambições illegitimas, modificaram-se as raças, desceram os caracteres, e a corrupção maior sophisma, a moral, o direito, a justiça, o dever.

O valor tornou-se inutil, a espada desceu a symbolo, a justiça, baqueiou no interesse das paixões mais vis.

Tal é o estado social, o modo de ver dos homens e das cousas, com que antepara um homem quando sobe os degraus d'um throno e assenta na cabeça a corôa dos seus maiores.

Eis porque hoje, mais do que nunca, a morte de um rei representa para um paiz um ponto de interrogação, um momento de reflexão e de receio.

Morreu El Rei! e ao redor d'esta fraze, quantos desfallecimentos, quantas ambições levantarão a cabeça, quantos planos servis, quantas invejas, quantos odios, se não erguerão de momento? Nos corredores da côrte como nas secretarias do reino? Nos clubs revolucionarios, como nos centros monarchicos?

Sobre tudo n'um paiz como o nosso n'uma decadencia gravissima, aggravada pela mais immoral, devassa e baixa das politicas quem pode prever os casos futuros que D. Luiz deixa começarem a desenrolar-se do seu leito sombrio de morte?

A biographia de El-Rei D. Luiz pertence á historia. Tem familia, foi um homem e no seu lar, como no de todos nós, ha affectos e dôres a venerar, carinhos e respeitos que a chronica ligeira tem obrigação de respeitar. A critica imparcial pertence ao futuro, á historia politica do paiz, porque essa tem de ser justa sem que a alcance o epitheto de parcial, de menos delicada, ou de cruel!

Mas qualquer que seja a sentença lavrada, vindoura, sobre o rei que acaba de morrer ha uma qualidade que pesará profundamente no juizo do analysta:—o tacto politico d'El Rei—o conhecimento perfeito dos homens do seu tempo.

Deveu-se-lhe, e o futuro o dirá, este equilibro em que temos vivido, tanta vez ameaçado pelo fogo das mais ruins paixões, collocado tanta vez em perigo, pelas ambições insoffridas, pelos despeitos miseraveis, pelo pedantismo, pelo orgulho, pela vaidade.

D. Luiz conhecia, intelligente e illustrado como era, os homens que o cercavam.

A colonia dirigente do seu paiz, artistas litteratos, jornalistas, homens de sciencia, conhecia-os a todos, um a um, nome por nome, qualidade por qualidade.

Orgulhoso da sua posição e conscio do seu valor elle teve muita vez a occasião de esmagar de estranha e grandiosa maneira a vileza., ou a calumnia.

Assim foi que muitas vezes uma venera representou—uma chicotada e uma distincção—um ferrete de ignominia. Era positivamente justiça d'um rei.

Havia de ha muito no animo d'El-Rei, uma grande mágua, tanto elle conhecia bem os homens do seu tempo, a falta de homens politicos. (Que não riam, por piedade, os idolatras que rojam as frontes no chão ante os idolos d'agoa). El-rei tivera a seu lado nos primeiros tempos do seu reinado um Rodrigo da Fonseca, um Joaquim Antonio d'Aguiar, um Braancamp, um Loulé e um Fontes, o mais duradoiro.

Differem um pouco dos de hoje estes homens. Vossa Alteza Real que vai ámanhã occupar na Ajuda o throno legado por seu pai, não terá esteja certo, a enorme vantagem de encontrar ao lado d'um grande homem, d'um grande caracter, um grande amigo.

E' pena que Vossa Alteza, lh'o não tenha perguntado e se lhe perguntou, anceioso pelos conselhos, ultimos d'um bom pai, que homem via no paiz a que podesse recorrer-se, com que podesse contar, elle ter-lhe-hia respondido aquillo que de si dizia, ha um mez, a um amigo intimo:—nenhum!

Eis um rapido esboço do juiz o do rei sobre os homens do seu tempo.

Parece-nos não ir muito longe da verdade.

Dil-o-ha a historia no futuro e sentil-o-ha em breve Vossa Alteza.

A *Comedia Portugueza* colloca respeitosamente sobre o tumulo de El-Rei D. Luiz I, a sua modesta corôa de violetas.

MARCELLINO MESQUITA.

Typ. do Commercio de Portugal

AOS LEITORES

Ao começar o segundo enno da *Comedia Portugueza*, cumpre-oos agradecer e meneira geotilissime porque fomos recebidos e e não desmentide boa vontede com que nos acompanharam os nossos essignaotes.

Se um jornal da indole da *Comedia Portugueza*, tendo da haurir os elementos de agrado e portaoto de vida o'um meio avaro de acontecimeotos importantes, do seio d'uma sociedade por demasia burgueza, calcule-se quanto esforço e boa vontade não são precisos para poder contentar e immense variedada de opiniões e modos de ver que cada um, em especial, tem de eocerar a critica d'um facto, ou ainda a meneira porque essa critica é feita, ou o deva ser. Depois o'um paiz cujo gosto litterario apenes começa e levantar-se d'esse corrupção lamentevel do gosto em que o mergulharam e mergulham einda os mais reprehensiveis processos d'uma litteratura de baixa asphere, que se agarra ao escandalo, ao dito ambiguo, soez, eo ettaque pessoal, como elemento de bom ezito.

A Comedia Portugueza, representando uma excepção de que nos honramos, tem-se visto na difficuldade da abrir caminho lentemente, etravez da inercia, da ignorancia, da má vootadê d'uma maioria obsecada ou indifferente.

Todavia as adhesões exercem sempre, dia e dia, expontaneas, inesperadas.

São ellas que nos enimam e progredir, confiados em que se nem sempre, temos correspondido como desejeriamos eo posto collectivo, não nos tem escaciado para isso e vontade, nem nos minguam desejos de tentar corresponder de futuro, quanto em nos caiba, para a elevação e aperfeiçoamento da *Comedia Portugueza*.

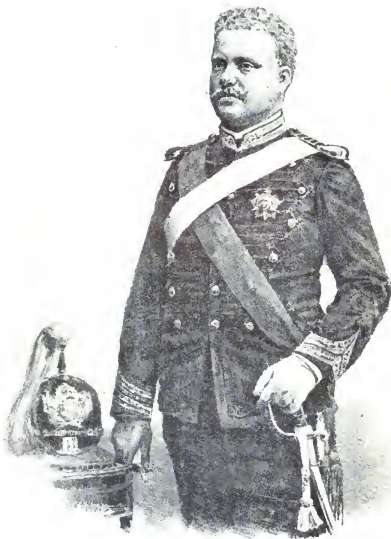
E dado este pequeno caveco, entremos oo enno novo.

Lith. da Compª Nª Editora

S. M. EL-REI O SENHOR D. LUIZ I

Fallecido em 19 de outubro de 1889

S. M. A RAINHA D. MARIA PIA DE SABOYA

Viuva d'el-rei D. Luiz I

S. M. EL-REI O SENHOR D. CARLOS I

Proclamado rei de Portugal em 19 de outubro de 1889

S. M. A RAINHA D. AMELIA

Esposa d'el-rei D. Carlos I

A semana

A MORTE DO REI

A' hora em que escrevemos El-Rei descânça na grandiosa nave dos Jeronymos no seu ultimo somno de morto.

Aos lados, encostados ás espadas, velam o cadaver do monarcha os seus officiaes e camaristas emquanto uma população sequiosa de novidades invade o grandioso portal e se espalha rumorejante no emplo edito do templo.

Chegou alli pela madrugada de terça feira ultima, precedido por um destacamento de cavallaria, ladeado de creados com brandões accezos, seguido pela rainha envolta em crepes, trazendo na rectaguarda uma ala brilhante de cavalleiros. Havia alguma coisa de grandioso e de phantastico n'este acompanhamento funebre, seguindo lentamente a estrada de Cascaes, n'um recolhimento sincero, por uma noite chuvosa e escura!

Insensivelmente trazia-nos á memoria esse cortejo grandioso que um principe preparara, outr'ora, para acompanhar os restos adorados da mulher amada e que se desdobrava como uma serpe de fogo por longas leguas de Coimbra a Alcobaça.

Atraz do esquife, terrivel como um espectro e grandioso como um heroe da Illiada, Pedro I —o bom— na linguagem do povo; mais verdadeira que a de todos os chronistas, envolto na escuridão da sua mágua sombria, seguia lentamente o corpo d'aquella cujo cadaver elle sentara no throno; throno que o ciume e o despeito de cortezãos lhe roubara, a ella, tão barbaramente.

A luz oscillante dos archotes illuminava a espaços a armadura luzente do principe e a comitiva de cavalleiros que o seguia podia ver-lhe na fronte inclinada o olhar em fogo, onde pairava o caustico das lagrimas em braza e onde esvoaçavam os lampejos d'um odio implacavel.

Atraz do cadaver d'El-Rei havia a menos do que atraz do feretro da malfadada, as suggestões do odio ou da vingança.

— Prostrara-o a Molestia — que brinca com os corpos, despreocupada de que se occultem em andrajosas vestes ou se envolvam em mantos de arminhos.

Seguia-o a mulher e um filho.

A dôr, apenas, acompanhava o rei!

Antes de recolher á funebre crypta de S. Vicente, El-Rei devia repousar alli. Foi um marinheiro valente, competia-lhe descançar n'esse templo magnifico, n'essa epopêa de pedra, em cujas arcarias por entre os entrelaçamentos das cordagens, parecem escutar-se as vozes de commando, o ruido das vagas, o *brouhaha* da marinhagem; o ranger das roldanas, o bater das velas, o assobiar dos ventos.

El-Rei devia descançar alli: o acaso quiz conceder ao cadaver do marinheiro, a moldura grandiosa dos attributos que elle mais amara na terra.

Ao rei que chegava recebeu á porta do templo o novo rei. Estranha visita aquella, illuminada pelos brandões funereos, anunciada pelos canhões.

Estranha recepção, em que o salão da côrte se transforma em templo sombrio, e o throno de rei em catafalco lugubre e os braços illuminantes dos lustres dourados, em tocheiros esguios onde fumejam cirios!

E haveria alli a estudar o rosto do filho ante o cadaver do pae a sondar que estranhas suggestões o morto evocaria no cerebro do vivo, o que diria o rei que entrava deitado ao rei que o esperava de pé?

O rei entrou e levaram no aconchagado no quente do estofo, cautelosamente, para cima da eça.

E então a Rainha ajoelhou-se-lhe ao lado e, talvez, n'aquella harmoniosa lingua da Italia, com qua Carlos V dizia fallaria aos anjos, começou a fallar para o ceo!

Orou e chorou! Dizem que redimem as lagrimas da mulher; se esta é, como dizia Herculano, a medianeira entre Deus e os homens, decerto que nenhuma outra vos como a d'alla chegará ante o throno do rei dos reis.

Que assim seja. Que ellas possam puras erguer-se ao ceo a resgatar-nos, já que mantidas a tantos perdem na terra!

Ouvem-se os canhões de quarto em quarto d'hora, troando.

E' um aviso continuo de que a viagem do rei na terra não terminou ainda. Em pouco o soldado fará a ultima marcha, o rei o ultimo passeio atravez da sua capital, que elle amava tanto!

E então calar-se-ha outra vez o canhão, e o rei dormirà definitivamente no sombrio palacio de S. Vicente, inerte e silencioso, ao lado dos seus, n'esse convivio escuro e atterrador de mortos que se ladeiam, immoveis como sphinges, n'um somno attento de quem espera um signal que não chega, ou de quem se resignou a ouvir eternamente na successão dos seculos a voz do pendulo—nunca! sempre! sempre! nunca!— a voz da eternidade.

Então descançará de vez. No sombrio tumulo só poderão acordal-o as lagrimas piedosas da mulher e a critica implacavel da historia!

M. M.

EXPEDIENTE

A «Comedia Portugueza», sahirá desde a proxima semana ás quintas feiras.

•

Aos nossos assignantes e leitores pedimos desculpa da interrupção que tem havido na publicação do nosso semanario, e que foi devida a varias reformas administrativas, que tivemos de fazer com urgencia. Conjuradas todas as difficuldades, a «Comedia Portugueza» voltará a ser publicada com a precisa regularidade, todas as quintas feiras, como acima se annuncia.

•

A gerencia d'este semanario continua a cargo do actual gerente-interino, Victor Lisboa, a quem deve ser dirigida toda a correspondencia isto por commum accordo com o antigo gerente, o sr. Silva Lisboa, que passa a fazer parte da redacção.

•

Para que o serviço da distribuição em Lisboa seja feito com melhor regularidade, organisou-se um corpo de distribuidores effectivos, que entregarão o jornal em casa dos senhôres assignantes no proprio dia em que é posto á venda.

Esperamos que os srs. assignantes nos accusam qualquer irregularidade n'este serviço, para que possamos remedial-a de prompto.

•

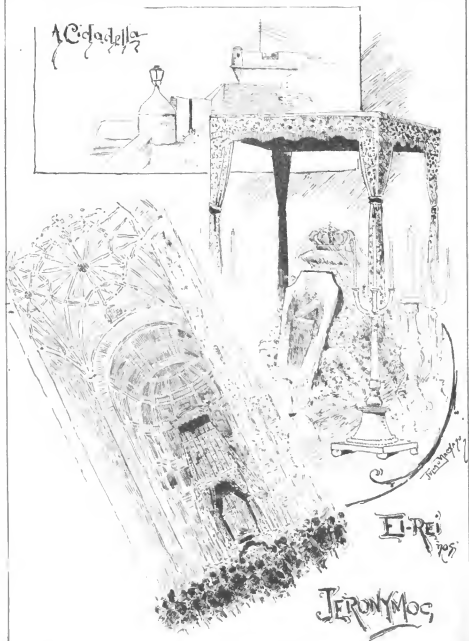
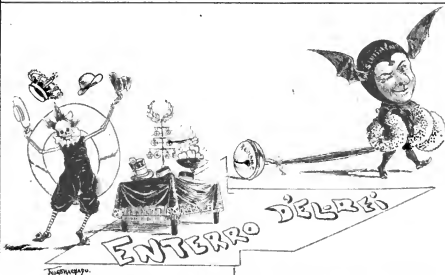
Estando já concluidas as capas para o encadernamento do primeiro volume da «Comedia Portugueza» rogamos aos senhores assignantes, que as queiram adquirir, o favor de as requisitar com a maior brevidade possivel, acompanhando a requisição com um vale de 500 réis, que é o preço fixado para os assignantes de Lisboa e 550 réis para os da provincia. Preço avulso 600 reis, para Lisboa e 650 réis para a provincia.

Requisições á administração da «Comedia Portugueza», rua Ivens, 41, 1.º, Lisboa.

O GERENTE
Victor Lisboa

A Cidadella
El-Rei
Jeronymos

O FUTURO REI

Lithographia da Companhia Nacional Editora

Atravessou finalmente a cidade ao som dos canhões que troavam nas fortalezas e nos navios de guerra o cadaver do rei D. Luiz. Acompanhou-o uma luzida comitiva em que se encorporaram principes e grandes das maiores nações do mundo, ladeiou-lhe o cortejo uma multidão enorme, em trajos luctuosos.

Teve pois El-Rei um enterro, condigno com a alta posição que occupara. Descança, emfim, na solitaria crypta de S. Vicente, no limitado espaço da sombria urna.

Alli ao recordar-lhe a grandeza do nome, onde se entrelaçam e se denunciam os parentescos mais altos, de regias estirpes, ao lembrar-lhe os titulos, as honras, as veneras, as distincções terrenas, recordando a grandeza dos seus dominios, a realeza sobre um povo d'uma heroicidade tradiccional, a posse d'um throno em cujos degraus depozeram offerendas e votos d'amizade os maiores reis da terra perante o qual metade do mundo se curvou reverente dominada pelo valor homerico, pela coragem maior que jamais relataram chronicas, dos descendentes dos nazarenos temiveis, acudiu-nos á mente, a fraze do rei hespanhol, ante o tumulo de Carlos Magno:

E cabe tudo alli!

Se cabe! Um misero caixão de pinho da terra pode encerrar, para sempre, o corpo do maior rei e esconder no esquecimento, todos os titulos, todas as honras, todas as grandezas, todas as vaidades da terra. Tudo lá caberá á farta: pó que resolve em pó, nadas que voltam ao nada!

Mas o que nenhuma urna poderá conter jámais, por mais grandiosa ou rica, possua embora a grandeza d'um Vaticano e a fortaleza d'uma pyramide do Egypto, são as grandes faculdades da intelligencia e as grandes qualidades do coração.

Essas não ha crypta que as esconda, nem sentença de morte que as condemne.

Que El Rei descance em paz!

A semana

A chronica da semana é uma chronica lugubra. Cheira a morrões de cyrios e a incenso. Lisboa inteira vestiu-se de luto. Pararam os theatros e os circos. Os clubs alegres onde bailam os caixeiros e as costureiras, fecharam, em signal de respeito pela morte do rei, as suas salas guarnecidas de bancos estofados a palha e chita de ramagens. As bambinellas floridas de cretona perderam por oito dias n'uma murchera condoida, das galerias de pinho dourado. A mocidade conteve-se. Lisboa—a triste—passou a ser n'esta semana Lisboa—a bisonha.

O grave burguez deitou fumo no chapeu lustrado pela decima vez, o amanuense o escalracho bipede d'esta misera patria entrou na despeza d'um *plastron* negro e tem de abolir a bota de vitella côr de gemma d'ovo com que se pavoneara no verão em Padrouços e com que se dava ares de deslumbrar as raparigas ingenuas da capital. Um ou outro cavalheiro transigente com a ordem real do luto pesado passa no asphalto, negro e tetrico, como se lhe morresse pessoa da familia. Toda a gente em regra, traz um signal de lucto, ou no chapeu, ou na manta, ou no braço da quinzena e a maioria nas unhas.

Este ultimo signal já existia, dizem maldizentes, antes da ordem regia, mas não impede de ter valor e significação na occasião, como acontece com o luto das pessoas que já andavam de luto. De quarto em quarto d'hora o castello salvava, respondiam lhe no rio os navios de guerra, n'um tom lugubre e cavo como d'um gemido colossal a desangustiar-se do rio, e a espraiar-se e morrer pela vastidão do mar. As damas que passam dão-se ares graves. A maioria veste de preto o que nos dá ideia d'uma peste que nos dizima, ou nos faz lembrar que todos os medicos de Portugal estejam fazendo clinica em Lisboa!

No fundo todo este aspecto doloroso é profundamente comico; não ha um signal unico de verdadeiro pezar; a dôr não existe e o aspecto *desusado* e massador da população faz-nos ver uma mascarada repellente, tanto mais quanto é certo que elle tem como motivo um facto de que para alguem resultam dôres amarissimas de crudelissimo penar.

Decretar a dor como decretar a alegria, decretar o luto como decretar a garridice, são velhas prerogativas que o bom senso d'um governo devia fazer excluir como ridiculas, nos nossos dias.

A alçada real descendo ao fato dos vassallos, destruiu a significação que a bondade e delicadeza geral teriam alcançado na adopção espontanea, de fatos proprios do momento.

Emfim, a impressão funebre sobre que viviamos ha oito dias, secundada pelos tiros continuos e pelo tempo chuvoso começa a desfazer-se com a abertura dos theatros.

Por ultimo abrio S. Carlos. Temos pois em plena vida, a comedia, o drama, o canto e palhaça.

Quando abrir S. Bento, lá para deante, Lisboa terá a funccionar todas as cazas de espectaculos e estaremos em pleno paraizo de Mahomet.

Que elle chegue depressa, para que esta nuvem negra, com que fechámos o primeiro anno e abrimos o segundo da *Comedia*, se desfaça para sempre, batida por uma alegria sã, communicativa, desopilante.

Assim seja.

M

UM ARTIGO CURIOSO

(*Novidades*, 28 do corrente)

Pinta-nos o nosso collega, depois de varias considerações previas sobre a attitude aconselhadora da imprensa perante o novo rei D. Carlos I, depois de citar Armand Carrel, Teixeira de Vasconcellos e Rodrigues Sampaio depois de descrer que a evolução dos partidos possa fazer resurgir a sua força moral, o caracter do novo rei.

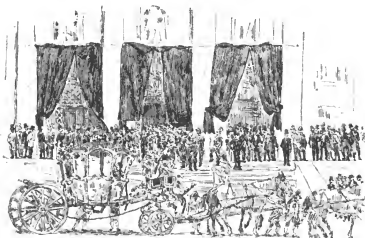
São umas notas simples authorisados por de pessoa que conviveu com sua magestade e de todo o ponto curiosas por nos fazerem entrar no dominio do espirito do moço rei.

«El rei é moço; mas ainda é mais inexperiente, do que pela sua mocidade deveria suppôr-se. Uma auctoridade, demasiado ciosa das exterioridades das suas prerogativas, arredou-o do trato dos homens publicos e do conhecimento dos negocios muito mais do que convinha á sua educação de principe herdeiro. As regencias, que exerceu de caracter meramente provisorio, não podiam modificar as consequencias pouco favoraveis d'este afastamento. El-rei é tambem, talvez por isso, um timido.»

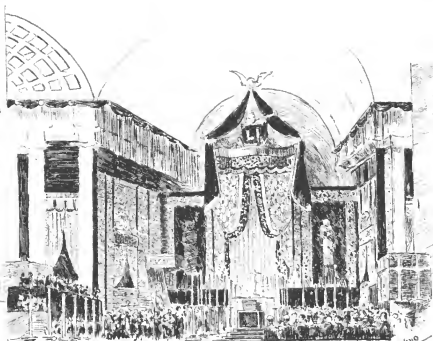
El-Rei é mais inexperiente, diz o articulista, do que deveria suppor-se pela sua mocidade.

Adoravel franqueza que é preciso registar porque em geral é de praxe dizer-se e seria de bom cortezão o fazel-o *a despeito da pouca edade sua Magestade possua um espirito attilado, uma illustração não vulgar, uma critica elevada, etc.*

NOTAS DO ENTERRO

CHEGADA DOS COCHES A S. VICENTE

JANELLA DO PALACIO DO S
RESTELLO ORNAMENTADA
PRETO E UMA CORÔA D

LE ROI EST MORT

Do prestito funebre de S. M. El-Rei o sr. D. Luiz I podémos destacar os apon
facto, tão importante na vida portugueza. Será ainda uma pequena homenagem prestada pela

Isto é que seria bonito dizer a não vir revellar á oova curiosidade de vassallos que o carro do estado é guiado por inexpariente moço, a por-oos na immioeocia de oos torrar a paciencia, com um outro inexperieote mancebo torrando a terra, a guiar o carro do sol.

Mas El Rei pelo que se vê é homem de exterioridades, gosta das apparencias e o'ellas se ambebe e por isso como se entretem a ver os bordados das fardss dos ministros, nunca teve aquella curiosidade (aliás natural das creanças) dos inexperientes, de ver como eram feitos por dentro

Foi regente, mas como era a fingir, não ligou importancia e contentava se em ter um tinteiro booito a uma penna *chic* para os despachos.

Questão de apparencias... como diz o collega.

De resto El Rei é um timido. E coisa curiosa D. Affonso é outro timido ainda maior. Ha uma comedia que se chama—os dois timidos—rspresentado com applauso, etc.; mal sabis-mos nós que os heroes estavam tão altamante collocados, qua ells eaistia de facto oos palacios reaes.

Que curiosas revellações não dá a convivencia dos principes.

E acrescenta:

»Inexperiente timido como é, el-rei é, não obstaote, um caracter, uma vontade, uma personalidade, como o o foi sua avó a sr.ª D. Maria II, como se sonunciou, que o seria seu tio o sr. D. Pedro V Como o não foi seu pae o sr. D. Luis I! Esse caracter se souber conservar-se, esse vontade se souber aercer-se, essa personalidade se souber impôr-se, darão essa força, de que o paiz precisa e que os partidos, no estado em que se encontram, são iucapazes de crear ou de supprir.

Podemos corrigir, para melhor compreh nsão: El-Rei é, não obstante, um caracter *inexperiente* e *timido*, uma personalidade *inexperiente* e *timida* ..

Essa caracter se souber conservar-se *inexperiente* e *timido*, essa vontade se souber aercer-se *inexperiente* e *timida* essa personalidade se souber impôr se *inexperiente* e *timida* darão essa força de que o paia precisa ..

Pois já se vê que sim. Nada mais logico, mais coherente, de mais fino alcançe politico.

Depois d'isto o articulista pede a D. Carlos, uns reçaibos de D. Miguel e grita-lhe—avante!

A politica portugueza em se querendo dar ares serios e sahir da desconpustura, cahe n isto e na comedia chôcha. O' lagrimas corrai!:

S. Carlos.—Abriu finalmente as suas portas o oosso theatro lyrico, ponto obrigado para a reuoião do *high-life* lisboeta, no inverno, a exposição annual de *toilettes* da nossa aristocracia femioina. Esta exposição é que este anno perdeu muito do seu natural interesse, em rasão do luto official, decretado pela morte do rei. As *toilettes* negras, nos camarotes, davam ao theatro um aspecto lugubre; parecia mais que assistiamos a umas exequias do que á execução de uma opera.

Em compensação, porém, encontrámos a sala do theatro, senão mais aceada, pelo menos mais commoda, em virtude das novas cadeiras, que são realmente confortaveis. A companhia pareca-nos que deve satisfazer regularmente, não diremos os mais exigentes, mas os mais rasoaveis de paladar em assumptos lyricos.

Entre os artistas figuram alguos já conhecidos do nosso publico, como as *prima donnas* Pasqua e Tetrazzini, duas cantoras notaveis; tenor Brogi, que sabe cantar embora a voz não o ajude muito, e o 2.º tenor Paroli, que não aspira á celebridade, porque seria tempo perdido. Entre os novos artistas distinguem-se: o soprano dramatico sr.ª Nadina Bulicioff, cuja vos é primorosa, embora lhe falta o sentimento indispensavel para aquecer as platéas; e o baixo Ercolani, que é caotor distincto e um bom artista. Temos mais o barytono Colletti e o tenor Aramburo, que ainda não ouvimos, mas que passam por ser dois cantores notaveis.

Brevemente daremos uma pagina com os retratos dos principaes artistas da companhia, para assim satisfazermos a natural curiosidade dos que se interessam pelo que diz respeito ao nosso theatro lyrico, cuja nova epoca acaba de se inaugurar sob uma direcção que julgamos competente e que nos parece animada dos melhores desejos de bem corresponder á sua delicada missão.

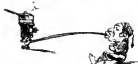
D. Maria. — Continúa a sua carreira gloriosa a *Leonor Telles* o drama do nosso director litterario Marcellino Mesquita. Pelo interesse crescente que a peça inda hoje desperta, pode ajuizar-se que se conservará longo tempo em scena.

Assim o desejamos e que chegue depressa a noite da sua festa.

Gymnasio. — Repetem-se os espectaculos verdadeiramente humoristicos, que conservam sempre o espectador na melhor disposição para rir.

Rua dos Condes. — Peça nova, *Os Lobos do Mar*, que reune bellas condições para agradar ao publico.

Avenida. — O *Prato de resistencia*, chistosa parodia do *Plato del dia*, caiu em graça. E bem o merecia porque é um *arreglo* bem feito e muito gracioso.

Colyseu. — O concerto dos *Tziganos*, o notavel equilibrista Brannan, a a sympathica Irme, domadora das cacatuas, bem como os variados trabalhos acrobaticos da companhia, que ali funcciona, attrahe todas as noites uma enorme concorrencia a essa popularissima casa de espectaculos.

A «Comedia Portugueza», desde o presente numero sahirá ás quintas feiras.

A gerencia d'este semanario continua a cargo do actual gerente-interino, Victor Lisboa, a quem deve ser dirigida toda a correspondencia isto por commum accordo com o antigo gerente, o sr. Silva Lisboa, que passa a fazer parte da redacção.

Para que o serviço da distribuição em Lisboa seja feito com melhor regularidade, organisou-se um corpo de distribuidores effectivos, que entregarão o jornal em casa dos senhores assignantes no proprio dia em que é posto á venda.

Esperamos que os srs. assignantes nos accusem qualquer irregularidade n'este serviço, para que possamos remedial-a de prompto.

Estando já concluidas as capas para o encadernamento do primeiro volume da «Comedia Portugueza» rogâmos aos senhores assignantes, que as queiram adquirir, o favor de as requisitar com a maior brevidade possivel, acompanhando a requisição com um vale de 500 réis, que é o preço fixado para os assignantes de Lisboa e 550 réis para os da provincia. Preço avulso 600 reis, para Lisboa e 650 réis para a provincia.

Requisições á administração da «Comedia Portugueza», rua Ivens, 41, 1.º, Lisboa.

O GERENTE
Victor Lisboa

Notas do Enterro

Nos Jeronymos

A Tribuna do Corpo Diplomatico

Dr Laranjo Presidente da commissão academica de Coimbra

Julião

No Pantheon

NTES de tudo é preciso que firmemos, para sempre, uma ideia nitida sobre a *Comedia Portugueza,* e o seu modo de ser.

A critica para ser digna deve excluir o favôr, por toda a parcialidade, todos os grupos; excluir toda a ideia perconcebida. A amisade, a sympathia, todos os sentimentos affectuosos quer existam radicados na vida privada, quer derivem da convivencia publica, do colleguismo, da sociabilidade, da camaradagem, devem desapparecer perante o exame cavalheiroso que a *Comedia Portugueza* tenta, fazer, d'uma instituição, d'uma ideia, d'um partido, ou d'um acto publico.

Ninguem veja, pois, no nosso jornal, a intenção de ferir de preferencia, taes homens ou taes ideias. Em toda a parte existem defeitos; no seio das opiniões que professamos, no meio social em que vivêmos, nos actos dos nossos amigos mais caros, nos nossos proprios actos.

Em toda a parte. Levar ahi a analyse não é atacar os homens, é criticar ideias. A vida publica pertence-nos de direito; a vida privada não a criticaremos senão genericamente, como um vicio collectivo, de responsabilidade geral, como defeito commum, que vem das escolas, ou da falta d'ellas, ou da tradicção, ou do prejuizo, ou das leis.

Exigimos a crença na maxima sinceridade das nossas criticas, como dos nossos louvores, quaesquer que sejam, por estranhos ou excentricos que pareçam.

Se atacarmos ideias, partam d'onde partirem, se criticarmos principios, qualquer que seja a origem, assente-se que respeitamos profundamente os homens, por esse principio simples de que queremos para nós o respeito pessoal que não regateamos aos outros.

Vagas, nostalgicas, as primeiras nevoas ascendem do horisonte, pondo sobre a natureza as primeiras lagrimas do outono. A' superficie dos mares a agua perturba-se, e escumam de colera os labios das ondas, como n'um prenuncio d'epilepsia e de tormenta. Eis os poentes tocando d'oiro fulvo as franças do arvoredo, as outoniças flores abrindo os calices funebres, que vão adornar depois os caixões das virgens tisicas, e sobre a areia das alamedas, os primeiros tapetes de folhas que esmorecem, ellas tambem, da anemia lenta que confrange os outros seres delicados. Oh melancholias murmuras do outono! dulcissimas manhãs que abris o vosso seio aos suspiros dos passaros friorentos! Lá muito em baixo, ao fundo do Alemtejo, sobre as serras de palha das herdades, as cegonhas perscrutam nos enternecimentos da luz, os largos regelos de dezembro e janeiro que vão chegar; e receiosas um pouco, e friorentas já do orvalho matinal, essas egypcias deusas, que o protectorado inglez já fez assemelhar a pedagogas, a *missess Lucys* esgrouviadas—essas egypcias deusas acabam á pressa a educação dos seus pequenos, empurram-nos dos niohos, obrigam-nos a descer a encosta em vôos pezados, *cahin, caha*, porque procurem elles mesmos, com o seu longo bico direito e carniceiro, entre os seixos e os limos da ribeira, as pardelhas e as rãs que lhes darão forças para a travessia do Estreito... lá mais embaixo ainda, até aos eirados de Tunis e Marrocos, d'Alexandria e d'Oran, aonde o arabe supersticioso lhes conserva os ninhos do outro anno.

Todas as diversões do verão agonisam com elle, e vão morrendo. A Exposição Industrial vae fechar em breves dias, e não admiraremos mais n'aquellas galerias de paninho a côres, guardadas por veteranos hydropicos, os garrafões d'azeite com rotulos de vinho do Porto, os frascos de xarope em *vitrines* sobrepujadas de corôas e brazões de marquez, as flores de cêra das collegiaes prodigiosas, os moringues de barro com inscripções latinas na barriga; e aqui e alem, por entre documentos de vocações sem disciplina, rompendo a crosta da apathia publica, uma ou outra exposição sympathica e progressiva, dando a nota d'uma intelligencia lucida, posta ao serviço d'uma vontade febricitante.

Gordo, anafado, com o seu ventre em sacco de noite, descoberto até ao umbigo pelo decote d'um coletesinho de baile... muito catita, Rio de Carvalho desenrola no ar os ultimos clamores da sua *batalha de 18 d'agosto*, que a julgar pelo descriptivo da musica, deveria ter-se dado entre guardas nacionaes, todos amigos e de barrete de dormir, com tremoços por balas, e ressonancias d bumbo por descargas d'artilheria.

O Circo abriu, com uma confraria d'artistas muito mais aborrecidos do que o publico, e chega-se a crer pela sensaboria dos palhaços, que elles sejam o *travesti* recente d'alguns dos nossos mais conceituados jornalistas.

Acabaram as touradas, separando-se gregos e troianos — venho a dizer os touros e os toureiros — com as anatomias intactas, e na mais correcta e leal camaradagem.

Eis a semana. Restaria dizer que alguns banqueiros se esgatanharam no meio da rua, com gaudio geral dos proletarios, e que as creadas de servir continuam a despenhar-se dos quartos andares, esbrazeadas de paixão pelos seus policias e moços de recados tutelares.

Bem tinha razão o poeta...

Plus cela change, plus c'est la même chôse.

—Que tudo vae estando entre nós muito acabado...

Na comedia da vida esgotaram-se já todas as variantes pitorescas. Está tudo visto e conhecido: as caras, as intenções, os *toilettes*, as theorias d'arte e os pratos de cosinha... E' por isso talvez que o *Reporter* toda a semana tem estado a variar de redactor em chefe, sem fazer questão de sexo, procedencia politica, ou incurvação de bigodes, contanto que a chefatura ostente novidade: e que os fetchistas de Fontes, achando rotineiro o erigir-se-lhe estatua ao centro d'uma praça, deliberam entre si espetar-lhe o bronze commemorativo no meio da rua publica, por forma que elle impeça o transito aos carroceiros, e os obrigue a rogarem pragas ao heroe—o que seria uma formula de preito como qualquer das outras consagradas.

Aqui está este humensinho de casaca e jasmim na lapella, bocejando n'este canto de divan, logo ao principiar do primeiro *cotillon* du outono — o da senhora duqueza de Palmella, em Cascaes —

e este fadista es corropichando este copasio, n'este canto do balcão, com o mesmo thedio minaz e impalludoso, com que o seu collega do baile (apostariamos que os dois sejam collegas) vê desenrolarem-se as marcas que *madame la duchesse á fait venir de Paris.*

LUCINDA SIMÕES

Como justo preito de homenagem ao exeepcional talento da brilhantissima aetriz que nos reappareee agora no theatro do Prineipe Real, a *Comedia Portugueza* eonsagra a sua primeira pagina. De ha muito que a primeira actriz portugueza de eomedia, se tem furtado aos nossos applausos e ás manifestações da nossa sincera admiração. Folgamos de a vêr reapparecer na scena portugueza tão necessitada dos reeursos do seu talento previlegiado e lamentamos apenas que a distincta actriz não queira assentar; de vez, entre nós os seus arraiaes, n'um theatro á altura do seu nome e onde a entrada seria aceeite com verdadeiro interesse e representaria para a arte scenica um podcroso elemento de progresso.

Lithographia da Companhia Nacional Editora

O dia de finados, é entre nós o que ha e mais tristemente dosoladór, e mais inexpressivo, a coisa de mais chata significação. Vive d'uma tradicção, apagada successivamente pelo dezarraigar lento da crença, que degenerou n'um habito banal e por esta corrupção de costumes que abandalha a familia e desantifica o lar, transformando-o n'uma reunião occasional e fortuita.

D'ahi vem qua o que parte da terra, leva como acompanhameoto, em geral, a satisfação dos que ficam por se varem livre d'elles e já agora (á mode franceza) e substituir lagrimas e intimos soluços, uma collecção mais ou menos ridicula de corôas fuoebres.

Fazer derivar o culto intimo de saudade, para o culto externo de corôa ridicula que simula luctos e significa prantos, é fazer descer, entrar no dominio da especulação, da analyse publica, a parte mais nobre do coração, o saoctuario tres vezes sagrado da bondade, do amôr, a da saudade.

E' precizo abolir, fazer morrer essa ultima comica importação estrangeira da corôa funebre.

Nada mais banal, mais chato, mais ideota, do que maodar pôr sobre o caixão d'um morto, uma libra ou duas de lagrimas, represeotadas n'uma corôa de violetas de panno, da saudades de papelão ou de goivos de cêra.

A falsidade da dôr ressumbra na banalidade vulgar do objecto offerecido e ha alguma coisa de escarneo para um cadaver em cercal-o de presentes falsos, de flôres artificiaes, ciagidas em arco ou enramadas em corôa.

Quanto mais expressivo e leal não será, pregado na têmpa d'um caixão nm ramo de flores naturaes, simples, perfumadas, fazendo do perfume a voz do sentimento que alli as collocou?

E senão diga-me alguem (vem a proposito o facto) n'essa alluvião de corôas offerecidas ao fallecido rei D. Luiz e espostas em reclame pomposo pelas montras da cidade, quem viu uma unica que tivesse e mais insignificante parcella de arte, a mais primitiva significação de sentimento?

Um typo fundamental, o circulo de violetas, de hera, de margaridas, de clematites, de rosas, de toda a casta de flôres e da folhas, umas fitas pendentes, com inscripções a ouro e eis tudo.

Tamanhas como a copa d'nm chapeu ou grandes como a roda d'um carro a eis o pooto de discordancia d'estas celebres e comicas peças de faocaria, armadas á confiada estupidez do maior numero, e creadas de certo no cerebro d'um gato pingado, em locubracões, metaphisicas sobre a dôr!

A Corôa funebre dá-me a impressão da dôr de encommeoda, dôr que se fabrica para os olhos dos outros verem como um par de botas, ou como se arma um chapeu de senhora representativo do fino gosto da dona.

E foi essim qua quando passou por deante de mim o feretro do rei Luiz, sob uma montanha de corôas de todos os feitios e côres, emquanto a multidão anonyma pasmava do esplendor das fitas e da eshuberancia das flôres sahidas dos jardins a dos parques occultos das lojas de modas e dos logares de bijouterias, me occorreu ao espirito a ideia de que fasiam ao cadaver do rei o que lhe haviam feito em vida. O que? carregavam-no de falsos protestos, de affectos artificiaes, da enganosos preitos. Como na vida um conselho remedava a amizada dedicada, alli a folha de Flandres arremedava o ouro: como um beijo oa mão semelhava o respeito, no prestito, eram de papelão ou da qualquer massa as folhagens, os ramos, as flôres!

Na morte como na vida: envolvido oa mentira, no artificio, na apparencia enganosa!

A verdadeira dôr tem o recato pudico das sensitivas retrahe-se no contacto do mundo exteroo: explana-se amplifica-se, avigora-se, no olhar, na analyse dos indefareotas? não é dôr é formula! não é dôr é comedia! Depois a flôr artificial, por estremamante duradoura, dá me ainda a nota seguinte d'um cynismo e egoismo ravoltantes. Collocai-a sobre um tumulo; é como se dissesseis ao morto: meu amigo, se te trousesse flôres naturaes para amostrar a vitalidada da minha pena e magua saudosa teria de vir renoval as da dois em dois dias; isso seria uma grande massada; fica-te com essas que durarão sempre lindas, emquanto se te desfaz a carcassa e em que toda e gente lerá a penitencia da minha saudade, na conservação da petala a na leitura das dedicatorias adjunctas.

Nada mais pelintra como significação de dôr, oada mais comico como demonstração de sentimento!

E' preciso abolir a corôa funebre artificial, é preciso matar á nascença essa vaidade que começa a invadir o cerebro da todo o borguez ricasso — o da ir coroado para o tumulo! Eu sei qua a realeza sob qualquer fórma fascina; mas será bom matar pelo ridiculo estas coroações postumas, decepar pela gargalhâda e pela satyra as cabeças cadavericas d'estes reis Bobeches da morte.

Tudo isto a proposito do dia de finados, entre nós. A demonstração de respeito da população resume-se no andarem pelas egrejas as damas em lucto fazendo visitas. E' o termo: visitar as egrejas. Não é bem as egrejas é os santos, creio eu. Entram: masura para aqui, masura para alli, como quem dis: Senhor S. Francisco passasse muito bem; como está vossencia sr. S. Paulo; Ex.ma sr.a das Mercês tenha vossa excellencia muito bons dias. Ajoelham um bocadito a observar as toilettes das visinhas, riem á socapa d'um laço ou d'um chapeu, benzem-se levantam-se concertando o tournure e ellas ahi vão para a egreja immediata renovar estas piedosas praticas em favor das almas dos parentes ou amigos que áquella hora jazem nas penas do purgatorio.

Qua felizes almas e como ellas não agradecerão a Deus o ter-lhes concedido na terra a graça de taes parentas.

Ao cemiterio ninguem vae. A romaria piedosa até ao logar onde jas a pessoa querida, d'uma alta significação moral e educativa não existe entre nós. Temos o maior despreso pelos mortos: um nosso adagio popular injuria até o cadaver n'um dispauterio inconcebivel. Não se póde citar.

A religião catholica fes do cemiterio um logar sinistro do morto um motivo d'horror, creou a lenda lugubre, o horror da morte. Fugimos do cemiterio. Lá fóra o dia de finados é o dia consagrado aos mortos: visitam-nos, levam-lhes flores. Fazem-se enormes romarias piedosas.

Entre nós as manifestações limitam-se aos actos apontados da parte feminina da população; a masculina, na maioria, é composta de espiritos fortes, de homens superiores para quem estas banalidades são innaceitaveis.

Ha porem uma individualidade collectiva que salva, nos paizes como o nosso, o bom nome da patria ante a critica dos estranhos.

E' o governo. Esse camaleão constitucional de sete cabeças e quatorze pernas tem na mão o grande remedio.

Faz-se parente de todos os mortos; arroga a si o dever de todos os sentimentos individuaes e prohibe os espectaculos publicos!

Decreta o aborracimento, decreta a uncção, decreta a lagrima!

Os mortos devem ter uma grande veneração por esta collectividade, que assim os lisongeia. E tem-na decerto: é por isso que, nas eleições, muitos d'elles, agradecidos, vem votar com os governos.

Isto vae muito triste e se vou agora a desfiar o discurso do nosso rico patriarcha á beira tumulo d'El-Rei D. Luiz, não saio n'esta chronica dos logares bentos.

Salva me d'este desaire o «debute» de Giuseppina Pasqua em S. Carlos. Não porque eu vá fallar da grande cantora mas porque o apparecimento de Pasqua á lus da ribalta, arrancou a um escentrico poeta de ha muito, dis-se, acorrentado ao carro triumphador da Deusa, tres oitavas de versos que valem bem trez oitavas de semeas ou mais.

Assim, em papel córado, formato oito e rasoavel impressão elle pretendeu metter o nosso espirito e a nossa vos no côro de louvores que como é de uso em magicas precedem á entrada das fadas.

Ouçamol-o.

> Quando chega o frio inverno,
> Perde as folhas o arvoredo
> P'ra mais tarde vivo e ledo,
> Folhas novas revestir;

E' um bonito começo. O poeta, porem, devia especificar, em nota, qual o arvoredo que perde a folha; aliás arrisca-se a calumniar muitas arvores respeitaveis, como a oliveira e o loureiro arvore esta tanto mais digna de respeito quanto é certo ser de suas folhas a corôa que já hoje lhe engrinalda a fronte e o gosto que lhe sabe em casa no refogado.

Continua o poeta:

> 'Scuro é o ceo quando está abaixo
> Do horisonte o astro dia

Ha de permittir nos, esta observação luminosa não é sua, é de Schakspeare!

> Mas depois mãe da alegria
> Rosea aurora vem surgir.

Não duvidamos de que a rosea aurora seja a mãe da alegria; mas, caro poeta, ha de confessar comnosco que a sua Musa não lhe fica atras: se não é a mãe é com certeza a avó.

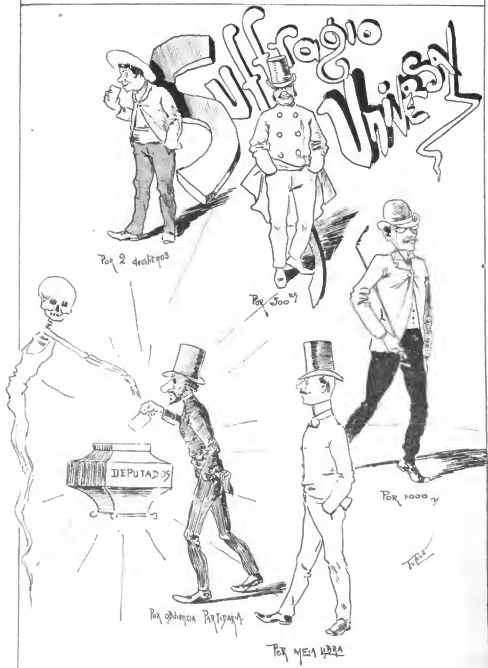
Sigamol-o:

> Tambem tu, da scena a canto
> 'Strella egregia, resplend'ente,
> Volves inda a lusa gente
> Com teus dotes a aditar;
> Que mer'cemos tal fineza
> Te dizia o preito antigo,
> Com que viste um povo amigo
> O teu merito acclamar.

N'esta formosa oitava estabelece a comparação que ficou pendente da 1.a oitava. E' deliciosa: Assim como o arvoredo depois do inverno vivo e ledo se reveste de folhas; assim como depois da noite vem a aurora, assim depois de andar lá por fóra, por onde quiz, a sr.a Pasqua volve ainda a aditar a lusa gente com seus dotes!

Um conto rapido

Suffragio Universal
Por 2 decilitros
Por 500 rs
Por 1000
DEPUTADOS
Por obdiencia partidaria.
Por meia libra

2 DE NOVEMBRO
MULHER
A MEU GENRO

Como a gente se sente aditada! e que lindo verbo este é!

O poeta, porèm, sente que merecemos a fineza de Pasqua, porque a applaudimos.

Era mais bonito não fallar nos favores.

A oitava final:

Hoje aqui as mesmas festas.
Tanto e tal contentamento.
Mostram claro o sentimento,
Nosso amor, satisfação.
É justiça, a isto nos honra;
E a ti nobre e egregia artista
Grato seja da conquista
Colher glorias, galardão.

Isto é um rapto de lirismo para cujo auctor se podia muito bem abrir a porta do Limoeiro, como para o auctor do rapto de qualquer Maria José menor de 18 annos.

Conhecem as festas provincianas, dos santos? Conhecem as lôas que os anjos deitam dos cavallos abaixo de trinta em trinta passos, para o grupo dos camponeos embasbacados, com o braço direito a levantar-se e baixar-se como o d'uma louva-a-Deus, n'uma cantilena monotona?

Pois esta oitava se não tem a desgraça de rimar satisfação com galardão era uma lôa da mais pura agua.

Eu exemplifico, adoptando a oitava.

Eis uma lôa pura:

Hoje aqui as mesmas festas,
Tanto a tal contentamento
Mostram claro sentimento
Nosso amor, satisfação,
Vimos á festa senhora,
Pedir graças e agora
Diga o povo em altas vozes:
Viva a Senhora da Saude!

Hein?

Mais um bocadinho de inspiração e o poeta tinha achado o veio popular.

Que Deus dê paciencia aos artistas.

E incrivel a quantidade de *Egerias*, que se teem apresentado ao novo *Numa* dos lusitanos, para lhe inspirarem conselho sobre coisas da governança publica.

O sr. D. Carlos quasi que não tem tempo disponivel para cumprir os seus deveres de dono de casa e de esposo; tal é a quantidade de sujeitos que que lhe entram pela casa dentro, e impingirem-se-lhe como espiritos-santos d'orelha!

Algumas *Egerias* são deveras curiosas!

O *Diario Popular*, por exemplo, aconselha o sr. D. Carlos *firmeza de pulso* no menear o conhecido leme do Estado, e insinue-lhe que dê importancia apenas a dois partidos politicos, — coisa indispensavel para a rotação do poder, etc. E ao mesmo tempo a *Egeria* do largo de S. Roque, falla no plural, vae dizendo em tom de quem sente o rei na barriga, que *não devemos consentir patrulhas ambiciosas,..* que *não queremos ambições do poder simplesmente pelo poder*, etc.

Este modo de fallar no plural lembra-nos o caso de um alto magistrado portuguez, que dirigindo-se a um contínuo do ministerio da justiça, a quem fez uma pergunta relativa a certo juiz, teve como resposta:

— «Bem, bem sei; *nós já mandámos* uma portaria a esse juiz, pedindo explicações do seu procedimento».

A *Egeria* da rua nova do Almada, n'aquelle seu estylo de cacete transmontano que já uma vez o levou á gloria, vae dizendo ao novo monarcha:

— «Vossa magestade é boa pessoa, á primeira vista pouco communicativa, mas no fundo um coração de ouro. Vossa magestade, porém, não conhece os homens de hoje: isto só vae á virga-ferrea. Não se fie no parlamentarismo, que é uma léria bem sédiça. Ande vossa magestade sempre commigo a seu lado, que eu lhe prometto que havemos de varrer muitas vezes a feira das velleidades e das ambições. A quem se fizer fino vamos-lhe ao pello, sem considerações de nenhuma especie».

A derrota soffrida pelo partido do largo das Duas Egrejas lançou esse partido nos braços patrioticos da *Associação «Primeiro de Dezembro»*, e respectiva philarmonica.

A sua *Egeria*, que dá tambem pelo arrevezado nome de *Esquerda Dynastica*, lembra ao monarcha a crise agricola «que em poucos annos pode atirar para as *ra-*

ças americanas (esta classificação escapou ao sr. de Quatrefages) os seus braços mais laboriosos e transformar em desesperadora miseria as suas maiores riquezas».

A dia *Egeria*, não se atrevendo, por modestia, a aconselhar o novo rei, para bem ou para mal, diz lhe muito emphaticamente e *miguelosoriamente* que «a historia, o alchimista glorioso, transformou em saphiras quantas gottas d'agua espadanaram do mar sobre a nossa bandeira, n'uma odysséa de seis mil leguas, o que faz com que a corôa d'El-Rei seja tão pesada e tambem tão gloriosa!»

Esta illação é que nos custou a perceber!

Já no *Medico á Força* o astuto Sganarello, fazendo o diagnostico da doença diz:

Cabrities domine orum
Dominus tecum ablativó
Suns rachante pinherorum
Humores infinitivó

....
....

Ora aqui está a rasão
Porque a menina está muda!

Esta conclusão parece-se muito com o da *Esquerda Dynastica*.

Venha de lá o hymno jesuino!

A um official do exercito, que ha pouco regressou de uma commissão de serviço, em Africa, foi lhe exigido pagamento de direitos pelo despacho da sua espada (d'elle), rewolver e carabina!

Aqui está um meio engenhoso de pejar as arcas do thesouro a que tomamos a liberdade de lembrar á futura commissão de fazenda: — tornar aquella medida extensiva a todos os officiaes e praças, que regressarem do arduo serviço do ultramar!

E quando um regimento qualquer, vier fazer serviço em Lisboa, os soldados deverão pagar *direitos de consumo* pelas espingardas que trouxerem comsigo, bem como os officiaes pelas espadins e bolsas de viagem, de ordenança.

Theatros

Uma semana repleta de novidade e de sensações no nosso theatro lyrico. Nada menos de tres estreias: a do soprano ligeiro sr.ª Emilia Corsi e as do tenor Aramburo e baritino Menotti, e as reapparições de Giuseppina Pasqua e de Antonio d'Andrade.

Vamos pela ordem das operas em que esses artistas figurem.

Temos primeiro a *Favorita*. N'esta opera não é preciso fallarmos da nossa tão applaudida Pasqua. E' bem conhecido o seu magistral desempenho, que merece sempre as mais calorosas ovações, tributo de homenagem, aliás justissimo, á grande cantora.

O *clou* da noite era o sr. Aramburo, um tenor que vinha precidido de muita fama, o que de nada lhe valeu.. porque não agradou. Aramburo tem uma bella voz, mas não sabe fazer uso d'ella. Ouvil o cantar produz um desnorteamento completo; o espectador assiste como que a uma scena de *cabriolas vocaes*, que estontela o cerebro mais resistente.

O que elle fez na *Favorita* é indescriptivel. Tão depressa nos enthusiasmava com umas esplendidas notas como nos fazia arripiar com uns berros insupportaveis!

Os seus admiradores dizem que elle soffre de *intermittencias de canto*, e que é um grande tenor... quando está de maré. Achan os simplesmente engenhoso esta *reclame*... em favor da empreza do theatro, que é a unica a ganhar com elle. O artista de certo que não. Não acreditamos que um cantor sinta prazer em ser desfeitiado durante muitas noites para ser applaudido em poucas. A empreza, porém, é que póde tirar muito partido d'essa *lenda*, que lhe encherá o theatro de *sebastianistas* lyricos sempre que ella annunciar opera em que entre o sr. Aramburo.

E d'ahi talvez que estejamos em erro, e que realmente o sr. Aramburo seja capaz de nos dar uma noite de arrebatamentos enthusiasticos. E n'esse caso... quem nos déra poder advinhar quando será essa feliz noite!

•

No *Rigoletto* tivemos a estreia de Emilia Corsi, soprano de meio caracter, e a do barytono Menotti.

Emilia Corsi é uma cantora notavel, apesar da sua pouca edade. Voz fresca, bem timbrada, extensa e volumosa; primoroso methodo de canto; figura gentil e extremamente sympathica. Uma creança muito intelligente e de excepcional talento! A não ser pelas celebridades lyricas, nunca ouvimos a parte de *Gilda* tão bem cantada e com uma interpretação tão finamente artistica, como pela sr.ª Emilia Corsi, que a platéa de S. Carlos festejou com uma calorosa a bem merecida ovação.

O barytono Menotti, que tambem se estreiou no papel de *Rigoletto*, é um bom artista, se bem que um pouco desigual. Teve momentos de feliz interpretação artistica e outros de sensivel decadencia. A voz é desagradavel e pouco extensa, defeitos que elle pretende supprir com o recurso de *ficelles* já bastante conhecidas; declama em vez de cantar, quando a deficiencia de voz não lhe permitte largos commettimentos.

Não vae, pois, em maré de rosas a empresa de S. Carlos com as suas grandes *celebridades* lyricas, visto que ellas lhe falham nos momentos mais criticos... E mau é quando o publico começa a perceber que as *celebridades* são muito vulgares e tem de voltar para casa... com enthusiasmos recolhidos. O abuso d'esse mal pode provocar explosões desagradaveis.

•

Por convite especial da empreza e para lhe aplanar difficuldades insuperaveis, o tenor Antonio d'Andrade acceitou uma escriptura temporaria para tomar parte n'algumas recitas. A primeira d'estas recitas foi a do *Rigoletto*. A sua entrada em scena foi festejada com uma prolongada salva de palmas. Escusado será affirmar que elle cantou primorosamente e que representou com a mais subida distincção, como excellente artista que é.

Antonio d'Andrade não é uma *celebridade*... estrangeira; por isso alguns collegas nossos tiveram o mau gosto de metter a ridiculo a sua reapparição em S. Carlos. E assim devia ser, afinal. Se Antonio d'Andrade tem a *infelicidade* de ser portuguez, seria bastante conhecel-a para saber que não ha meio de luctar aqui contra a inveja e o despeito dos mediocres. O seu bello talento artistico deu-lhe uma brilhante reputação no extrangeiro, e é isso o que o prejudica muito n'este miseravel paiz, que é patria sua.

E' uma triste consolação... mas não tem remedio senão acceital-a, porque é a maior que lhe pódem dar... a educação e os sentimentos patrioticos dos seus conterraneos.

Leonor Telles

1.° acto

D. Fernando (só)

ue cegueira fatal! Acaso póde um beijo,
Um beijo de mulher formosa e delicada,
Levar-nos a razão, presa, maniatada,
Atraz do seu olhar, na cauda do vestido,
A não ouvir a voz d'um povo embravecido,
A voz da sã justiça, a voz da consciencia?
E' forçoso quebrar este amor, a demencia
Que leva á escravidão de que me sinto ferido!
Que a não veja, que parta em busca do marido,
Esquecel-a-hei. Mulheres! Ha tantas que é preciso
Poupar o galanteio e ser banal no riso!
([illegible])

Elle ha tanta mulher! mas porque fantasia
Entre tantas, só uma a nossa sympathia
Distingue, escolhe e quer! Uma só avassalla,
Nos dulcifica o olhar e nos perturba a falla!
Quando ella passa, o ar tem um perfume casto,
Embriaga o sorrir! Quando nos olha, o vasto
Campo negro do céu, cheio de tanta estrella
Nenhuma tem, com luz, que imite os olhos d'ella!
Em tudo nos parece extr'ordinario ser
Na graça de andar, no mimo do dizer,
Tudo n'ella é tão bom, tão engraçado, illude,
Que a propria imperfeição, transforma-se em virtude!
Quando apparece, a alma alegra-se, tão cheia
De luz, como ao domingo, o adro d'uma aldeia!
Quando foge, se affasta, o nosso pensamento
Vae atraz d'ella louco e carinhoso e attento,
A recordar-lhe o ar, a graça, o todo bello,
O som da sua voz, a côr do seu cabello,
O que empresta á saudade essa dôce tortura...
Quando ella chora, ó Ceus! que horrida amargura
E' como se o mar todo, em lagrimas desfeito,
Caisse, sem cessar, dentro do nosso peito!
Elle ha tanta mulher! mas porque fantasia
Entre tantas, só uma a nossa sympathia
Distingue, escolhe e quer!
(com fôgo) Ide dizer agora
A' alma que escolhes, ao coração que chora
Na alegria do amor sobre o collo adorado:
E' esse o teu enlevo? O teu sonho doirado!
Tua dona gentil? O teu sorrir na terra?
Pois bem, deixa d'amar, essa imagem desterra,
Faze do coração a tavolagem cêga
Onde a mulher amada é a mulher que chega!

MARCELLINO MESQUITA

EMILIA CORSI

Escolhemos hoje o retrato d'esta formosa cantora para illustrar a galeria artistica do nosso jornal, como preito de homenagem ao seu esplendido talento, ao seu incontestavel merito, que o publico de S. Carlos teve occasião de apreciar, não ha muitos dias ainda, quando ella se estreou no papel de *Gilda*, do *Rigoletto*, o delicioso *spartito* de Verdi.

Emilia Corsi é um soprano de meio caracter que se póde considerar já de primeira ordem, apesar da sua pouca edade. É filha do tenor Achilles Corsi, de que todos ainda nos recordamos com saudade pelas deliciosas noites que elle nos fez passar em S. Carlos com o seu excellente methodo de cantar.

Achilles Corsi tem sido o professor dedicado e cuidadoso de sua filha. Não é para admirar, pois, que ella se nos revelasse, na sua estreia, uma cantora notavel. Possuidora de um magnifico orgão vocal e de uma intelligencia maravilhosa, enthusiasmou até ao delirio a platéa do nosso theatro lyrico que a considera hoje, e com justiça, a mais refulgente estrella da companhia. Nova, formosa, e verdadeiramente artista, Emilia Corsi será dentro em pouco uma celebridade lyrica. A *Comedia Portugueza*, depondo aos pés da gentil cantora a sua modesta corôa de louro, repete-lhe n'este logar os seus enthusiasticos applausos e os seus brados mais sinceros!

Compoa-se o ministerio.

Depois de multiples suggest es das meis graves da mais patuscas, o anzel do presidente de conselho agarrou finalmente dois bravos, promptos a sacrificarem-se á disciplina do partido, ao interesse commum da santa causa.

Pareceu-nos a nós profanos na giga joga dos partidos que meis uma vez o illustre partido progressista quebrou e tredicção gloriosa do seu passado. Assim é que tendo ministros de ida e volta como o sr. Henrique de Macedo tendo descoberto esta raridade de governantes, na primeira occasião despreza á invenção feliz e esquece que tinham deixado as pastas, inda ha pouco, os srs. Merianno e Navarro. Ora como qualquer d'estes seuhores está acime do primeiro como individuelidade politica, não se percebe como foram esquecidos para a reintegração de poderes.

Sentiram-se os illustres parlamenteres d'esta injustiça e a prova é que acabo de lêr, hoje mesmo, dia da recomposição: *Parte para a Luso o sr. Emygdio Navarro: Parte para Paris o sr. Marianno de Carvalho.*

E agora se vier uma crise no partido, chamem nos á pressa que elles hão-de vir a correr!

Bem feito, senhores.

Mas a nota mais curiosa é e de ficar firme o ministro Beirão, depois de posto na rua pele voteção da segunda cidade do reino.

Mas fica e fica para demonstrar que isto de vontade populer, mesmo quando se manifeste não tem valor algum, entre nós. Pura leria.

Resta-nos a consolação que, em brave, visto o ministerio estar composto, não faltará quem o descomponha e com justiça.

Compensações

«Com o ordenado annual de 180$000 réis está a concurso a cadeira de ensino elementar e complementar do sexo femenino de Ancião».

Ha om paiz que não tem vergonha de que lá fóra se veja que offerece a um professor quatrocentos e noventa réis por dia para reger uma cadeira. E que concluam que se se offerecem é porque póde haver quem os acceite.

Decididamente a mocidade feminina de Ancião deva apprender lindamente a conhecer... o jejum.

Dizem os jornaes que sua emineocia o cardeal patriarcha vai brevemente para Santarem.

Sua eminencia vai naturalmente penitenciar-se e saber do concelho da faculdade theologica se disse asneira, quando n'aquelle jámais esquecido discurso, comparou D. Luiz 1.º á mulher adultera.

É natural que a faculdade responda que sim. A argumentação theologica é terrivel e um patriarcha deve ter uns tantos avos da infalibilidade d'um papa.

Que os ares da velha cidade e os passeios do corredôr, nobre do seminario, arejem a mioleira de sua patusca emminencia.

Oremus!

Um jornal noticiou o caso de uma encommenda de dôce, vinda do Algarve, e que sahiu da alfandega com dois kilos de menos.

Mais infelizes fomos nós, uma vez que nos mandarem uma encommenda de tres ceiras de figos.

As ceiras chegaram effectivamente, mas... com pedras dentro!

Os comboios de cintura da cidade continuam a amachucar homens e carroças. Não ha dia em que não haja desastre. Como não servem para andar depressa, nem chegar á hora, ao menos tornam-se notaveis por isto. A companhia resolveu tirar as cancellas visto que não tendo utilidade alguma e não se recommendando como motivos d'ornamentação, pejam as estradas.

Muito bôa ideia.

Muito interessante a polemica travada entre as gazetas de caracter politico, a respeito da famosa contradança da recomposição ministerial, da grotesca memoria.

O estadista da rua nova do Almada tinha apregoado *urbi et orbi* a entrada de dois publicistas de vulto para a pasta da fazenda e da marinha.

A *completação*, porém, do ministerio não poderia ser levada a effeito sem ser ouvido, sobre o caso, o *grande homem* do Porto. Era esse, pelo menos, a opinião de quem pádeja no forno ministerial Um dos publicistas amuou, *prendeu* o *burrinho*, como se diz em linguagem familiar, e o outro, imitando o exemplo do *menino n.º um*, amuou tambem, dando o dito pelo não dito.

Não se conhece exemplo mais classico da abnegação politica, despreso pelos egaloados da farda ministerial, e, acima de tudo, lealdade partidaria.

O mais engraçado é a pontapé que o estadista da rua nova do Almada applicou no *sacrum* do *grande homem* do Porto. Assim, dando conta da volta do sr. Correia de Barros para o Porto, depois dos conselhos d'este *enorme vulto* da politica sobre o laborioso parto da recomposição, diz que o sr. Correia de Barros ficará de hoje em diante sendo *Correia de Bôrras*, unica vantagem que elle ganhou com a sua vinda a Lisboa.

Epilogo: O trocadilho — *Correia de Bôrras* — foi inventado pelo poeta Guerra Junqueiro, quando em tempos passados se entretinha a jogar piparotes no nariz do galopim-mór da invicta. O estadista da rua nova do Almada cita o auctor do trocadilho que por seu turno accode pressuroso á chamada com a seguinte epistola:

«Meu caro sr. redactor.—Vejo o meu nome citado nas *Novidades* de hontem a proposito da troca de duas vogaes n'um appellido, innocentissima brincadeira de momento, sem o mais leve intuito de aggrevar por qualquer fórma o cavalheiro a quem ella se refere.

«Pesa-me o achar-me envolvido, embora accidentalmente, n'esse mixtiforio tão comico, tão inutil e tão indecifravel de saber se o sr. Correia de Barros foi chamado, se foi ouvido ou não foi ouvido, se o ouviram antes, se o ouvirem depois, se vão ouvil-o esta tarde, p'ra semana, no mez que chega ou no anno que entra.

«Declaro que me é absolutamente indifferente que o ouvissem ou não ouvissem sobre recomposições ou reconstrucções, sobre saidas ou entredas, sobre desdobramentos ou embrulhamentos, sobre a triplice alliança ou sobre as eleições de Paredes, sobre o equilibrio do universo ou sobre a junta geral do seu districto.

«E de resto, os senhores, para acabar de vez com tanta besbilhotice e mezarico, o melhor é chegarem a um accordo. Assentem, por exemplo, em que o sr. Correia de Barros foi chamado a Lisboa pelo ministerio, unicamente para dar a sua valiosa opinião sobre a morte de D. Ignez de Castro, e acabou-se com tudo, não se falla mais n'isso. Que lhe parece?»

S. C — 11 de novembro de 1889.

Guerra Junqueiro.

Tem graça.. mas achamos que é talvez um pouco forte a historia da opinião sobre *a morte de D. Ignez de Castro*. E d'hi, talvez que não seja.

Exemplo de mais invejada camaradagem politica, não se conhece em toda a vasta historia do genero humano!

Um prelado portuguez permittiu-se a jibardada de escrever a uma dama do alto mundo, lamentando não a ter ouvido de confissão, não se compromettendo a salvar-lhe a alma, se a dama em questão não viesse na proxima quaresma despejar o profumado saquitel dos peccadinhos, para gloria de Deus nas alturas.

Se pegam todos os sacerdotes a corresponder-se epistolarmente com as suas ovelhas (machos áparte) bem podem os maridos arbitrar mais uma verba no rol das despezas domesticas... para papel e sobrescriptos.

Papel para o serviço divino de certo que ha de ser do mais caro; attentas as exigencias de pompa com que a Madre Egreja se impõe ás almas.

Estranhou certo periodico que uma caterva de manos tomasse posse da directoria, da secretaria, e do professorado de uma escola da Figueira da Foz.

N'um paiz em que todos os compadres disfructam os melhores empregos do Estado, não é de admirar que os manos de uma familia distribuam entre si as lambugens de uma escola industrial da provincia.

Que diabo! Mais indulgencia... para os manos!

Duas realezas.

Quando morreu El-Rei D. Luiz, causou entre nós espanto que lhe fossem offerecidas duzentas e tantas corôas. Morreu em Paris o dr. Ricord, e sabem os senhores quantos d'estes objectos lhe collocaram sobre o tumulo? Perto de duas mil.

Que differença faz, n'este seculo, perante a veneração humana, o saber abrir um parlamento, ou saber abrir um tumôr!

O positivismo esmaga-nos.

D. LUIZ NO CÉO

——Luiz! Nosso querido filho! Nós te abençoamos. Teus peccados fôram já absolvidos pelo Santo Padre, nosso representante na terra. Tu fôste bom, fizeste sempre bem aos pobres, aos velhinhos, ás creancinhas orphãs e ás viuvas. Nós te abençoamos, Luiz! Nós te abençoamos, filho...

——Senhor! Meu Deus! Pela Vossa Misericordia Infinita guiae o coração de meu filho Carlos! Fazei-o amado e querido do seu povo, abençoae o seu reinado. Senhor! Senhor! Abençoae o povo portuguez, fazei-o feliz, livrae-o da peste, fome e guerra... Senhor! Senhor! Abençoae Maria Pia, minha extremosa esposa e o meu querido filho Affonso...

Como o leitor vê houve um *reporter* no Porto que conseguiu mais do que aquelle santo que chegou até ao ultimo céu. O pobre do santo quando desceu á terra teve d'estas exclamações: Eu não posso contar, por tão sublime, o que os meus olhos viram e os meus ouvidos ouviram! Ficou aparvalhado, o pobre santo e teve a ingenuidade de o confessar.

O *reporter* portuense mais finorio, chegou pelo que se vê até ao oitavo céu, e em tão completo socego de espirito que tirou a carteira e pôz-se a ouvir o cavaco do Padre Eterno com D. Luiz I. Era pelo que se vê tambem pintor e teve a graciosa lembrança de tirar os *croquis* da Santissima Trindade. Muito valiosos porque são os ultimos. A pomba paira rigida a carrancuda sobre as cabeças do pai a do filho. O pai está ainda rijo, bem conservado e tem realmente o aspecto grave das grandes scenas. O filho tem a barba mais crescida do que na terra (o que não admira) a está fazendo a um anjo alentado, armado de palma, um signal com a mão direita, que elle anjo parece indicar ao rei, mas que este, embebido na conversa a contemplação do pai, não percebe. O *reporter* não explica o sentido d'esta scena muda.

D. Luiz rejuvenesceu. Tem menos 20 annos, usa bigode a mosca e esta muito desfigurado.

Isto passa-se nas nuvens, onde voam anjos, um dos quaes—o 2.º do lado direito do quadro—parece o Santos Pitorra. Deve ser El-Rei protegia os actores, e é pena que o desenhador não fingisse entrar no conjuncto, mais alguns artistas celebres, como o Tasso ou o Antonio Pedro, que decerto não tariam faltado ao signal do contraregra celeste quando El-Rei entrasse em scena

De resto, uma surpreza, uma linda composição, um encanto, como Vossas Senhorias estão vendo, e que nós não quizemos furtar á admiração dos nossos assignantes, que por ventura o não vissem.

Principe Real. — Lucinda Simões, continúa a gosar n'este theatro dos applausos que lhe merece a superior interpretação do *Demi Monde*, de Alexandre Dumas.

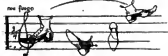
A critica mais uma vez se tem levantado em preitos carosos á gentil actriz. Em toda a linha jornalistica os Jarcey tem aparado o mais finamente as suas peonas para lhe louvar as raras prendas do privilegiado talento.

A admiração natural, levada pelo interesse de que a grande actriz não seja para nós tão avara em exibir-se conscia da grande falta de boas actrizes, sobretudo no Theatro de D. Maria, no nosso primeiro theatro, exclama de todos os lados?

—Mas porque não está Lucinda Simões em D. Maria II?

As respostas, da cuja sinceridade não duvidamos, tem sido em geral asperas e pouco justas. Peço licença para respondar á grande pergunta, pendente, sobre todos os criticos e ressaltante de todos os cavacos.

Porque não está a grande actriz em D. Maria? Por uma razão muito simples:—porque não quer. Nem mais nem menos. Estou amplamente convencido do que affirmo e peço licença para o dizer com toda a franqueza que me é natural.

Que theatro regeitará Lucinda Simões? Nenhum, muito menos o de D. Maria II. É uma actriz naturelista, deixem me dizer realista, mas o fiscal Vasconcellos só tem opinião sobre as peças que tem esta pecha e não sobre as actrizes. Lucinda Simões é desejada assim ella tivesse a abenegação de ser nossa por uma vez.

S. Carlos.

Não vae em grande maré de roses o nosso theatro lyrico. Até hoje o que ali tem chamado mais a attenção, e portanto a concorrencia do publico, é o *celebre* tenor Aramburo.

Muito propositadamente sublinhamos o adjectivo. Lá que elle é *celebre*, isso não resta duvida; o peor é que ainda não se descobriu em que. Por emquanto... só na asneira.

Já cantou tres operas, que foram tres *fiascos* a seguir.

O ultimo, e talvez o mais monumental, foi no *Rigoletto*, que elle cantou em substituição do distinctissimo tenor portuguez Antonio d'Andrade, que não quiz, e muito bem, continuar a ser alvo das mesquinhas intrigas e despeitos de certos *fazedores de opinião* da platéa de S. Carlos.

Annunciava-se que o *Rigoletto* seria a *revanche* de Aramburo, e afinal foi apenas a *revanche* de Antonio de Andrade, cujo correctissimo trabalho do domingo anterior, na mesma opera, foi recordado com saudade pelos que sabem apreciar o merito artistico, sem paixões e sem rencores pessoaes.

A platéa bem quiz vêr se se salvava do *terceiro lôgro* applaudindo muito umas notas finaes da *ballata* do primeiro acto. Mas tambem,—*poverina!*—teve que se contentar com isso, porque o homem não deu mais nada com geito. E' verdade que ella desforron-se em gargalhadas quando elle *cantou* (?) o trecho *La donna e mobile* por uma fórma que ninguem chegou a perceber. Alguns espectadores, de espirito mais leve, ainda applaudiram a troça, a maioria, porém, é que entendeu que era benevolencia demais o aturar um maluco... por tão elevado preço. O tacão fez o resto.

Temos pois quatro operas cantadas e devidamente arrumadas.. no archivo!

A' hora em que estamos escrevendo isto fala se muito na *Africana*, como opera de resistencia. Não nos parece, porém, que escape da *macaca* e que succumbiram as suas antecessoras.

Veremos e falaremos.

D. Maria.—Continua attrahindo a concorrencia do publico o drama *Leonor Telles* do nosso director litterario Marcellino Mesquita.

Hoje é a 19.ª representação.

Annuncia-se que na *Trindade* haverá um *esplendido* espectaculo em que um individuo, cujo nome não me occorre, recitará um monologo em francez. O que nos espantava é que n'aquella Babel do guincho nacional fosse *monologar* em portuguez. Isso é que era novidade. Agora em francez... tambem depois d'isto e do *gato preto* coisa que alli se faça e que impressione só a escriptura do mudo de Alcantara para cantar *couplets*. Os meus ouvidos e riram de contentes!

Gymnasio. — *Patifa da Primavera.* — É uma comedia engraçadissima, cheia de bons ditos, fresquissimos, e de situações ainda mais frescas. Traduzida por Gervasio Lobato e magnificamente representada por Taborda, Sollier, M. Franco, Cardoso, Beatriz, Jesuina e Juliana.

Taborda n'uma *rabula* mostra-se-nos ainda o mesmo actor insigne, inexcedivel de naturalidade e de graça.

Rua dos Condes. — N'este theatro não tem havido espectaculos dignos de menção, porém annuncia-se para breve tres novos *vaudevilles*, — *A Doutora*, *Beijo de Satanaz* e *Filhos do capitão Grant*.

Colyseu. — E' a casa d'espectaculos mais populares da cidade, e por isso é mais concorrida. Succedem-se as novidades artisticas... e as enchentes.

BIBLIOGRAPHIA

QUADROS INTIMOS

Recebemos o pequeno volume de contos, com este titulo, original do sr. A. M. Costa d'Alcantara.

Falle por nós o auctor do livro.

Diz elle no prologo: — «Este livro, escripto a correr, menos do que uma obra, é uma simples tentativa, uma estreia sem pretenções ao titulo de auspiciosa, em fim umas vistas que vou fazer passar em humilde cosmograma perante os leitores.»

O auctor diz-nos que o seu livro é menos do que uma obra; (não comprehendemos bem) mas que é uma tentativa (logo uma tentativa é mais do que uma obra) e em fim que é umas vistas que elle vai fazer passar em humilde cosmograma (agora é que não percebemos nada) perante nós.

Em vista d'isto não seria necessario lêr o livro. Folheámol-o e o pouco que lemos corresponde ao prologo.

Quem não tem pretenções a escriptor, como o auctor diz, não escreve e muito menos a correr.

Mas termina o auctor: E' possivel que o meu cosmograma (que diabo será isto?) não agrade e tenha poucos visitantes, alguem ha-de dizer mesmo: — Louco, julgas acaso que existe na vida real um conjuncto de chimeras de que se compõe a tua obra?

Respondo: São modestissimas as minhas aspirações, prefiro viver sonhando a acordar no positivismo da vida.

Ora é preciso notar que os contos que o auctor colleccionou no livro são baseados em factos os mais simples e vulgares da vida. E elle chama-lhe chiméras!

Que ratão. E quanto a preferir viver sonhando, não seremos nós que lhe censuremos o gosto, se os sonhos forem bons.

Quando elles lhe derem para fazer contos, meu amigo, accorde

Dois dramas. Com este titulo publicou o sr. Lino d'Assumpção duas producções theatraes da sua lavra, já representadas, uma no Brazil — os *Lazaros* — e outra em Lisboa, no theatro de D. Maria II — *Eva*.

Não tendo podido ler ainda a obra do sr. Lino d'Assumpção, como desejariamos ter feito, reservamo-nos para dar no proximo numero uma noticia mais desenvolvida sobre o assumpto.

Para que o serviço da distribuição em Lisboa seja feito com melhor regularidade, organisou-se um corpo de distribuidores effectivos, que entregarão o jornal em casa dos senhores assignantes no proprio dia em que é posto á venda.

Esperamos que os srs. assignantes nos accusem qualquer irregularidade n'este serviço, para que possamos remedial-a de prompto.

Estando já concluidas as capas para o encadernamento do primeiro volume da «Comedia Portugueza» rogamos aos senhores assignantes, que as queiram adquirir, o favor de as requisitar com a maior brevidade possivel, acompanhando a requisição com um vale de 500 réis, que é o preço fixado para os assignantes de Lisboa e 550 réis para os da provincia. Preço avulso 600 reis, para Lisboa e 650 réis para a provincia.

Requisições á administração da «Comedia Portugueza», rua Ivens, 41, 1.º, Lisboa.

O GERENTE
Victor Lisboa

Annuncios e annunciantes

Criado

OFFERECE SE um para mesa. R. da Prata, 234. 4.°

Costureira

PRECISA-SE uma perfeita para casa de respeito, bom ordenado. C. dos Paulistas, 71, 1.°

Madame Vergnolles

PARTEIRA de 1.ª classe pela escola de Bordeaux. Recebe clientes. Rua Nova da Trindade, 66, 1.°

Attenção

UMA menina de 21 annos, chegada á pouco da provincia, deseja uma casa de pessoas respeitaveis e de pouca familia, *não faz serviço ordinario*, dá boas abonações. Quem precisar dirija-se á rua Direita de Campo de Ourique, 174.

D. PEDRO II IMPERADOR DO BRAZIL
Desthronado em 15 de novembro de 1889

Lith. da Compª Nª Editora

O facto que ehalou profundamente e sociedade portugueza na ultima semene foi sem duvida o da proclamação da Republica no Brazil.

Era coisa essente no enimo de todos, e aioda no dos proprios republicanos brazileiros, que em attenção á velhice do imperador e estado de saude do mesmo augusto senbor, em homenagem á maneira democratica com que elle comia maçãs pelas Vicencias da Europa e assistie da rabona e mala a tiracolo eos capêllos das Uoiversidades, era pois coisa essente que se lhe não daria o desgosto de o apeer do throno sob cujo ¡docel lhe embranquecera a barba respeitavel.

Mas os homens põem e Deus dispõe e é essim que todas as boas vontades e attenções com que esperavam cercal o até ao ultimo dos seus dias, se traosformaram n'ume ordem de passeio até á Europa.

Particularmente como homem, causa-oos dó o imperador; politicamente, como temos ouvido lestimal o, achamos ridicula e lastima, porque perante a evolução social e es graodes leis geraes, o vulto d'um imperador tem tanta importancia como o oosso humilde vulto.

Não ha memorie na historie de coisa tão grande, feita com tento socego e simplicidade. Tambem, seja dito de passagem, não he exemplo d'um imperador d'esta feitio, d'uma condescendencia e d'uma bouhomia cumulesca. Um general resolve revoltar-se; uns amigos eproveitam e ideia e vão dizer a outros amigos:

O general D. revolta-se, aproveitemos nós e revoltasita para fazer mos a grande mudança do governo?

=Bem pensado seu Soares vamos fezer a republica. Se ha-de ser amanhã seje hoje. E o imperadôr?

Esse está por tudo, até por ser mastre de meninos.

Pois vá feito. Avisam-se es provincias d'hoje para ámanhã e é negocio decidido.

O geoeral D. revolta-se. Os amigos juntam-se. A marinha diz que sim, o exercito approva. Em quinze minutos estava tudo feito.

Já Vossa Imperial Megestade sabe da novidade, meu senhor?

—De qual?

—A de he bocado?

—Não sei.

Está proclameda a Republica, revoltou-se o general D . com elle, marinha, exercito, pretos e muletos, capoeiras a commendadores!

—Homem muito me conta você.

isso é certo?

—Certissimo E vossa Megestade o qoe vai fazer.

—Eu, ora essa, vou fazer as malas.

E essim foi, malas cheies, recebidos os ultimos protestos de respeito, o imperador ahi vem pare a Europa, deixendo um imperio colossal, com a mesma sem cerimonia com que se deixam umas botas velhas n'um hotel.

Este homem não tinhe um emigo, um homem dedicado, um protegido, um credôr, em maio seculo de imperar! Todos disseram que sim, até elle. Não houve um grito contra, tudo appoiado.

E o Brazil é hoje a republica do Brazil, feita assim com ares de castello fantastico em cosmorama de figuras dissolventes.

Espantoso da licção para governentes.

Coises da America; não estivesse o Brazil na America e não se gabarte de tel.

Com que então, cidadãos brazileiros, a sorte grande, a taluda?

Ora pois, parebens e para que vivem.

M.

Associação de soccorros José Joaquim Peixinho

O nome do festejado toureiro foi escolhido, para baptisar uma associação de um fim agglutinativo de desprotegidos, assim á laia de campino que arrebanha gados na courella verde negra da leziria ribatejena. Comprehende-se que presidiu á escolha uma corrente de sympathia pelo notavel *diestro* e é assim que nós rejubilemos ao vêr que a arte tauromachica entre nós começa a atirar o nome dos seus eleitos para as glorias do futuro, sem a eminencia da cornada. Emquanto José Peixinho entra nos dominios da filantropia pregendo o seu nome no atrio d'um templo de beneficencia (esta fraze é bonita), Tinoco, mais modesto, presta o busto e o nome á ornementação olcographica dos massinhos de cigarro nacional, exhibição menos perigosa do que es do campo de Sant'Anna mas não menos popular.

Ora a respeito da associação Peixinho, muito louvavel no fundo, dizia um gracejador de café, ao ler o programma:

—Ora aqui está uma associação com futuro.

= Porque? perguntou de lado um beberricadôr de cerveja de pipa.

—Porque devem entrar para socios muitos *bois*' Fesmuel.

Um jornal do Porto diz solemnemente aos seus fieis que os srs. Antonio Ennes e Oliveira Martins, recusando-se a entrar para o ministerio é o melhor serviço que elles tem prestado á politica portugueza.

Isto traduzido em miudos quer dizer que o melhor serviço que um cidadão póde prestar á *re publica* é não fazer absolutamente coisa nenhuma.

Razão teve o Sampaio da Revolução quando alguem lhe foi pedir uma venéra para certo fulaneio: ·

—Elle que fez?—perguntou o pansudo conselheiro da corôa.

—Que faz? Não fez coisa nenhuma!

—Pois ha alguem n'este paiz que, não tendo feito coisa nenhuma, esteja ainda sem uma commenda?!

Vae já lavrar-se o decreto!

E o caso é que o homem apanhou a commenda.

Esperamos que o governo do senhor D. Carlos mande pregar duas gran-cruzes nos peitos d'aquelles dois benemeritos.

A *Democracia Portugueza* diz o seguinte:

MISCELLANEA

«Acha-se entre nós este gentilissima compatriota e notavel cantora, que veiu repousar das fadigas.... » etc. e tal.

Francamente não conhecemos esta gloria nacional, que no estrangeiro alcançou triumphos que metteu n'um chinello os louros de Saldanha e Capello e Ivens.

A empreza de S. Carlos poderia muito bem dar-nos, como *hors-d'oeuvre*, umas recitas extraordinarias em que figurasse a sr.ª *Miscellanea*, posto que esse theatro esteja mais bem servido de damas que de tenores; mas em summa ou bem que se é *Miscellanea* e notavel cantora portugueza, ou bem que se não é!

Os jornaes monarchicos que contam na sua redacção quem já teve *pasta* ministerial, acceitam a nova ordem de coisas creada pela revolução do Brazil, mas vão sempre lembrando que os governos do Imperador, abstendo-se de mandar metralhar as manifestações republicanas da rua e dos clubs, por uma mal entendida *brandura de costumes*, prepararam a solução de 15 de novembro.

Já se vê que para os publicistas d'esta *canapé da Europa*, como lhe chamava o sr. D. João VI de santa memoria, a força das coisas é nada e a vontade dos homens é tudo.

Isto é o menos. O peor é se esses publicistas um dia, no poder, arvoram a sua politica d'acção, entremostrada nos seus conselhos ao novo rei portuguez.

Não ha de faltar *peixe espada* em barda, podem crel-o!

N'um dos seus ultimos numeros, a *Epoca*,—jornal que defende os interesses da agricultura portugueza,—consagra-se em artigo editorial a censurar o «atrazo profundamente deploravel com que se faz a publicação das sessões das côrtes....» etc. etc.

Fica a gente a scismar no bersabuth da relação que pode haver entre o atrazo da publicação dos disparates de S. Bento e a cultura do rábano, por exemplo.

O problema é assaz difficil; mas nós, que temos talento como seiscentos diabos, achámos a seguinte explicação:

As sessões publicadas em dia provam que no paiz ha alguem que cumpra com o seu dever; quem cumpre com o seu dever ande contente comsigo mesmo; quem anda contente comsigo mesmo traz no rosto a côr do rábano; quem traz no rosto a côr do rábano é porque comeu rábanos; para todos os lusitanos anderem contentinhos da sua vida é forçoso que comam rábanos; para se comeram rábanos é preciso plantal-os. Logo, o facto das sessões andarem publicadas em dia, tras como consequencia inadiavel a plantação dos rebanos!

Quod erat demonstrandum.

A ANNUNCIAÇÃO

— Sabe V. Magestade Imperial que tem de me ceder o logar?
— Já sei, Já sei.

Theatro de S. Carlos. — Era na *Africana* que se fundaram as melhores esperanças da empreza de S. Carlos, mas a magnifica partitura de Mayerbeer não foi superior ás leis da fatalidade, que arrastaram para o lymbo dos *fiascos* as suas antecessoras.

E depois deu-se um caso extraordinariamente comico na exhibição d'aquella opera, no palco do nosso theatro lyrico. Parecia uma *blague* tudo aquillo. Elle era o sr. Brogi a *fingir* de... tenor, o sr. Mocotti a *fingir* de... *grande* barytono, a sr.ª Bulicioff a *fingir* de... *Selika*, o sr. Campanini a *fingir* de.. maestro, os córos a *fingirem*... afinação, e até as bailarinas eram a *fingir*... tanto na quantidade como na qualidade!

A sério tivemos apenas a sr.ª Corsi, no papel de Ignez, que ella cantou e interpretrou magistralmente, e o baixo Ercolaoi, que é um artista consciencioso e habil.

Ora desde que uma opera só apresenta dignos de menção dois personagens, que não teem n'ella precisamente os papeis da protogonistas, não ha meio de a fazer sustentar em scena por muito tempo, a não ser pelos processos especiaes a que a empreza recorreu na primeira noite da *Africana*, — anchendo a sala de *claqueurs* de jaquetão e chapeu desabado — processo a que a auctoridade policial se dignou dispensar o seu appoio, descendo á platéa com ares de quem pretendia pôr cobro ás manifestações hostis dos que pateavam... porque pagaram!

Ajudadas pela *claque* e pela *policia* poderão tornar-se viavais todas as operas que quizeram, ambora só *finjam* que as cantem. Mas então façam isso em familia, e não incommodem o publico a lá ir perder o seu tempo e o seu dinheiro.

BARÃO DO ALTO MEARIM

Veja-se pag. 8

O benemerito a que hoje se presta homenagem n'este jornal, pertence a uma pleiade de homens de caracter puro, que andam lá fóra honrando o nome da patria, que outros cá dentro se entreteem a desprestigiar e a eovilecer.

Energico e intelligente, com o espirito tão alto como a alma, a vida d'elle é todo um rosario d'exemplos de virtude civica e familial, os mais altos, os mais impressivos, os mais cavalheirosos; e a sua biographia devera lavrar-se em padra, no friso d'um pantheon votado aos que praticam o bem, sem outra recompensa mais do que a esperança de o verem desebrochar um dia, em opimos fructos de intelligencia, de justiça e de razão.

Não é felizmente raro, na população portugueza que vae ao longe fecundar a civilisação dos continentes virgeos, este caso do philantropo forrando o trabalhador, e abrindo, nos proventos do trabalho incessante a que se entrega, largo quinhão para os desherdados e os inermes.

De longa data estes grandes senhores da beneficencia publica,—ultima expressão da democracia quintessenciada nos principios mais limpidos do evangelho—de longa data elles taem marcado nos annaes da nossa colonisação de America e d'Africa, para assim dizer marcos de posse, ao logar que na Europa temos de paiz autonomo, indissoluvelmente ligado a todas as conquistas da liberdade e da civilisação.

Na galeria dos bemfeitores da humanidade, dos apostolos da instrucção, dos cruzados da luz, o nome do sr. barão do Alto Mearim surge como uma das mais bellas figuras que Portugal tem enviado a esse certamen d'espiritos nobilissimos: a fóra dever do paiz aprender-lhe o nome, e galardoal-o, fóra porem das distincções que é uso atar a cauda de todos os alquiladores e traficantes que ahi passeiam, cobertos de *crachás*.

Para os que de mais perto gostam de precisar dados biographicos, ahi damos estes.

O barão do Alto Mearim, José João Martins do Pinho, nasceu em Mattosinhos, concelho de Bouças, a 17 de novembro de 1848; em 1862, terminada uma educação cuidadosa, especialmente desenvolvida na secção d'estudos commerciaes, sahiu do Porto para o Rio de Janeiro, onde ao fim de pouco tempo pouda associar-se a uma das mais importantes casas de negocio. Não volveram muitos annos, e ei-o alargando a uma enorme esphera os emprehendimentos e transacções de seu estabelecimento, dirigindo o *Banco de Credito Real do Brazil*, e fundando ultimamente o *Banco Constructor do Brazil*, capital oitenta mil contos de réis, com o conselheiro Francisco de Paula Mayrink, e o dr. João da Motta Machado.

Na sessão installadora da sociedade, que teve logar ainda ha tres mezes, no Rio de Janeiro, a assembléa de capitalistas e homens de negocio que áquelle acto acorrera, votou onanime uma gratificação de seiscentos contos de réis, aos fondadores.

Elles aceitaram o'a, é certo, mas para a doarem, por proposta do sr. barão, e consenso tacito de todos, em parcellas eguaes, á caridade e á instrucção.

D'esses seiscentos contos de réis, tresentos serviram para fundar um asylo de creanças, orphãs e pobres, a que em homenagem á princeza imperial se chamou, o *Asylo Izabel*.

«... esta é, senhores, disse o sr. Martins do Pinho, no seu discurso de rafusa, na essembléa installedora do *Banco Constructor*, a parte destinada á caridade. A outra parte, será offerecida ao estabelecimento que tem derramado a instrucção por todas as classes e camadas sociaes, sem distincção de nacionalidade, e que com tal euxilio poderá desenvolver se em maior esphera d'acção para que mais numerosos sejam os seus beneficios. Este estabelecimento é o *Lyceu Litterario Portuguez*.»

Do *Lyceu Litterario Portuguez* foi o barão do Alto Mearim um dos fundadores, em 1868, quando ainda simples empregado do commercio. Desde o primeiro dia em que vinculo o seu nome e este sympathico instituto, nunca mais Martins do Pinho deixou de lhe consagrar o melhor dos seus esforços, sendo elle quem, com meia duzia mais de portuguezes conseguiu ergual-o á altura em que actualmente se póde admirar. Em 1881, elegeram-no presidente d'aquelle sociedade d'instrucção, logar que nunca mais deixou d'exercer. O *Lyceu Litterario Portuguez*, tinha e sua installação primeira na rua da Carioca, n'um edificio epoucado e mal disposto para as exigencias intellectuaes e padagogicas que a nova directoria mirava decretar n'um precurso vastissimo de reformas. Em 1883, como e fundação de corsos novos, a remodelação dos existentes, e a installação do *ensino profissional* nas tabellas d'ensino do *Lyceu*, demandevam fabrica de mais folego, onde podasse funccionar o numeroso pessoal de mestres e alumnos patrocinados pela philantropica associação, foi adquirido por 150:000$000 réis (medeante subscripção promovida entre a colonia) um edificio condigno e vastissimo, cuja facheda se vê na nossa estampa, e para onde se passou o *Lyceu Litterario Portuguez*, feitas que forem as obras indispensaveis á perfeita adaptação do palacio, em escola popular.

Em 1884, todas essas obras estavam terminadas; e entre outros melhoramentos, o *Lyceu* conteva tres da grande monta, a saber: a inauguração d'uma aula de nautica, com a respectiva collecção d'apparelhos a cartas condizentes; a aberture d'uma bibliotheca e a installação d'um museu escolar.

O edificio onde actualmente funcciona o *Lyceu Litterario Portuguez*, ergua-se na praça *Vinte e oito de setembro* do Rio de Janeiro, e tem como se vê, uma certa grandiosidade architetonica.

No primeiro patamar da escada ha uma lapide commemorativa da inauguração, e inscripções allusivas aos fins humanitarios da sociedade. Subindo a ascada, topa-se á direita uma grande sala, cuja decoração foi feita a expensas da baroneza de Wildik, em 1887, então consulesa—e de cujos muros pendam os retratos de D. Pedro V, e dos patriotas Silva Carvalho, Fernandes Thomaz, Sá da Beodeira, Ferreira Borges e fr. Francisco de S. Luiz. A sala das assembléas é uma das mais vastas do Rio, e só tem rival na do *Cassino Fluminense*. Recebe ar por dez janellas. Tem o tecto pintado a fresco, e lustres de bronze e candelebros e ornamental-a. Toda a mobilia, muito artistica, foi offerecida pelo conde de S. Salvador de Mattosinhos, e das paredes pendem retratos de Passos Manoel, Mattosinhos, dr. João Antonio Machado Reis, Santos Bandeira, conselheiro Victorio da Costa, etc.

Já em 1884, a frequencia d'alumnos ás disciplinas professadas na casa, era, segundo o relatorio apresentado á assembléa geral, pelo sr. Martins do Pinho, de 1:504,—962 dos quaes brazileiros, 401 portuguezes, e estrangeiros o resto. O fundo social era de trezentos e tantos contos de réis. Em cinco annos, o movimento do *Lyceu Litterario Portuguez* quasi dobrou, e a estatistica de 1888 dá-nos uma cifra de 2:000 alumnos examinados, dos quaes algumas centenas obtiveram premios e medalhas da grande valor.

Seja qual fôr o seu destino politico, e vertiginosidade do seu desenvolvimento, o progresso cultual de sua intelligencia, o seu predominio social emfim, não esqueçamos jamais que é no Brazil que Portugal tem o seu irmão legitimo, e que hoje mais do que nunca lhe cumpre ligar á si indissoluvelmente, esse grande creança temeraria, que falla a nossa lingua, e reproduz na indole e na alma, sob uma forma timida por emquanto, aquillo que nós fomos n'um seculo que infelizmente vae longe, e já não volta!

FIALHO D'ALMEIDA.

BIBLIOGRAPHIA

Accusamos a recepção do segundo volume dos *Gatos*, publicação de critica de Fialho de Almeida.

E' quanto a nós superior ao primeiro este segundo volume. Superior em todos os sentidos; pela diversidade dos assumptos, pela excellencia da analyse, pela opulencia da forma. Traz, sobre todos, dois artigos notaveis: o que diz respeito ao violoncelista Sergio, e aquelle em que o auctor descreve a vinda para Lisboa do cadaver do rei D. Luiz. Intercalle-se nos capitulos, em que a discripção é feita com uma minuciosidade captivante, cheia de vigorosas tintas, e espaços, uma forte camada de humorismo. Ha em todo o volume uma grande riqueza de observação, uma frequencia de pontos da vista novos, verdadeiramente curiosos e notaveis.

Fialho d'Almeida revela se mais uma vez o brilhante escriptor que todos nós applaudimos.

Recommendamos sinceramente o volume.

Dois dramas de Lino d'Assumpção.

Os *Lazaros e Eva* são os titulos de dois dramas que constituem o volume que Lino d'Assumpção tem a amabilidade de nos offerecer. O primeiro é um drama de combate feito em resposta á celebre prohibição da representação, no Brazil, dos Lazaristas de Antonio Ennes. Tem todos os defeitos e todas as bellezas dos dramas da combate.

A *Eva*, que mais nos interessa por ter sido representado em D. Maria II, é um drama moderno, escripto com verdadeira facilidade e recommendavel sobretudo nos tres primeiros actos, pela naturalidade despretensiosa do dialogo, como pela verdade das situações habilmente encontradas. O drama é feito a meias tintas, simples e brandamente dadas a os personagens participam d'esta quebdade, quero dizer, não tem um relevo eudaz o que no palco prejudica em extremo a figura, porque o não faz impôr-se ao espectador sempre porpenso á impressão nitida e forte e o deixa na indolencia d'um agrado manso, sem a esplosão que salva e consagra a peça.

De resto um valioso trabalho e que esteva destinado um melhor futuro, se vae juizo sobre as producções theatraes o publico não fará o que ha de mais inexplicavel a caprichoso.

VISCONDE DO ALTO MEARIM

Fachada do edificio do Lyceu Litterario Portuguez no Rio de Janeiro

A primeira vez que passei em Lisboa o dia 25 de novembro, acabara de almoçar quando fui para a janella fumar o meu cigarro. Não era indifferente a este pousar de balcão, cigarreando (como dizia Alves Mendes) a existencia d'uma adoravel visinha que me inspirava os sonetos d'esse tempo e que eu entrevia por detraz das cortinas da janella fronteira.

Era nos olhos d'essa visinha de todo o estudante que eu procurava forças para me agarrar á chimica e me libertava da tentação de emigrar da Polythechnica ante o rosto malicioso do dr. Lourenço, um extraordinario chimico, um sabio veneravel é certo, mas feio como todos os demonios e falando n'uma algaravia que vinha reforçando-se desde as origens sãoskriticas até aos radicaes allemães, enfarrapando-se no indio, no portuguez e no francez.

Era um dialecto estranho, babelico, imcomprehensivel nos primeiros dias, mas cheio d'uma suavidade, quando comprehendido, de enlevar a nossa alma pelos dominios infinitos dos hydrocarburetos.

Um collega no segundo dia do curso, ao perguntar-lhe que tal o professor respondia com Camões:

—Arripiam-se as carnes e o cabello.

A mim e a todos so de ouvil-o e vêl-o—.

Um bom homem, o doutor.

Mas, como ia dizendo, estava eu na minha janella cigarreando quando comecei a notar que toda a gente me olhava com uma insistencia desmedida.

Primeiro, um homem grave que passava lentamente; depois, duas damas que gesticulavam com furia; apos um rancho heterogeneo, uma familia em digressão, depois um outro grupo... e todos pararam a olhar-me, fallando, commentando. Que demonio tenho eu hoje? dizia eu para mim. E olhei-me todo; fui ao espelho para me convencer que não estava de berrete de dormir, mirei as pernas para me certificar de que me não tinha esquecido de vestir as calças e não encontrando em mim nada de extraordinario, já intrigado com a inspecção recorri ao extremo de perguntar á dona da casa a explicação do estranho fenomeno.

A boa senhora veio á janella comigo e explicou. Não é para o senhor que olham, é para os escriptos do 3.º andar.

Assim eu fiquei conhecendo um dos costumes mais curiosos e mais caracteristicos de Lisboa—o de procurar casa.

Mas este habito da entre nos a caracteristica da nossa existencia domestica, a variabilidade.

Ao canto da sua casa velha e arruinada, da casa onda lhe nasceu um filho ou lhe morreram os pais, um homem do norte, viverá e morrerá incapaz de abandonar ao capricho da imaginação ou da phantasia, esse pequeno mundo, limitado, cheio de recordações boas ou más.

O portuguez varia sempre. Se n'uma casa lhe morre um filho é para elle a maior razão da sahida, quando devia ser o primeiro argumento da estabilidade.

E como é na casa é na moral, na consciencia, na crença, na politica, na arte e no refogado.

Anda a ver por toda a parte escriptos: no partido opposto, em tal logar, n'este negocio, n'aquelle syndicato, na meza d'um rico, no espolio do pobre.

A phantasia do momento é tudo. Por isso anda de cabeça ao ar, á procura á procura...

Mas o senhor é amanuense... mas quero ser litterato; V. S.ª é medico... mas quero ser deputado; mas V. S.ª é padre mas quero ser toureiro! Ninguem está no seu logar; todos olham para cima sem verem onde põem os pés ou sem se importarem com o piso. E' natural concluir que o trambulhão é certo e que o nariz não deve sahir pouco acariciado na queda.

Mudar de ar, mudar de casa, mudar de habitos, mudar de estado, parece ser a preoccupação constante de nós todos; apenas nos não occorre a unica mudança razoavel, proveitosa e séria—mudar de vida!

M.

Os bancos do Porto agarraram-se ás abas das casacas do governo pedindo uos milhares de contos de réis para salvarem os interesses dos seus accionistas e os proprios interesses de toda a praça da invicta cidade.

O governo deu tudo, deu mais do que os bancos pediam, porque passa como moeda corrente que ao Porto não se deve negar nunca o que elle pedir por bocca.

Esses mesmos bancos do Porto, que se apresentavam diante do governo n'uma nudez franciscana de provocar rios de lagrimas, emprestaram agora trez mil e tantos contos de réis á provincia de Minas Geraes, a juro de 5 p. c., amortisação de 1 p. c., no praso de 37 annos.

Este caso faz-nos lembrar certos pobresinhos, que passam a vida a pedir esmola de porta em porta, e por detraz da cortina emprestam dinheiro a juros por uma pá velha.

Com uma differença: é que os bancos do Porto dispensaram a cortina e fizeram o seu cambalacho muito ás claras!

Está muito adeantada a poesia positivista d'este ultimo quartel do seculo XIX, a julgar pelo seguinte verso de um soneto, publicado ha dias pelo *Elvense*:

«Pela aquilina esphera oxigenada»
etc., etc., etc., etc.,

Este poeta deve ser por força quartanista de pharmacia na Universidade de Coimbra!

Arrancamos ao *Mirandelense* dois trechos d'um folhetim que tem por titulo: *Influencia da mulher sobre a educação moral* Teriamos vontade de o transcrever todo. Não para as mulheres lêrem; Deus se livre, mas para os homens rirem.

Leiam:

A mulher, que a cada passo encontra um Raphael, que a ephemeros traços d'amor lhe tece o seu busto, engrinaldando-o com as mais fulgurantes virtudes, com as mais idealissimas rosas primaveras, que ao mais leve sopro da monção estiolam, deixando após o pollen da vaidade e do vicio; que encontra um Rabelais, que excita as suas paixões, emfim todo esse systema, que lhe caracterisa o seu viver, não, esta mulher, não pode apparecer innocente, de coração immaculado ao esposo, para a communhão no augusto altar da boa philosophia, que lhe manda consummar, cognominando-a documento—Mão. *Si omitti esta beata potest, beata esse non potest.* Se a felicidade póde perder-se, não é verdadeira felicidade. Se o amor não tem por fim a communhão conjugal (mas *desinteressada*), não é verdadeiro amor. (*Exceptuam-se os casos anormaes pela natureza dos sexos*).

O pollen do vicio que o sôpro da monção arrasta e a communhão no altar da philosophia, o fim do amor—a commuohão conjugal desinteressada—levam-nos a suppôr que a caveira do pedagogo Emilio se não é um buraco onde passam os ventos do disperate é uma «mayonaise» onde apodrece a azeitona da critica, o ovo do criterio, e salada do bom senso, a beterraba de leitura a o molho amarellado dos conhecimentos chóchos.

Raio de pedagôgo!

E termina, apocalyptico e esdruxulo:

«—Mulheres! mulheres! despertai d'esse sonho letargico, envidae os mais extremos esforços, redobrai de valor a constancia, pugnai pela bandeira moralista, alistae no exercito da educação os vossos filhos, fazei entral-os n'essas luctas gigantescas ainda que tenros, e através da bruma do tempo mostrai-lhe o baluarte aonde devem implantar aos sons estridentes da virtude e da honra o emblema sagrado que suavise a sua humildade, a sua disciplina, a sua gloria, o seu triumpho, a sua civilisação, e que abate inevitavelmente a soberba, a anarchia, a ignorancia, e—*bandeira da moralidade*.»

Depois d'isto queixam se de que as mulheres entre nós não influem na educação moral dos infantes! Pois não é por falta de philosophos; ahi está o Emilio, profetico e patusco... pois quem o entender que o leia!

A *Esquerda Dynastica* (papel) diz n'um dos seus sonoros, pantafaçudos, mirabolantes e bombasticos artigos editoriaes, que chegou a hora das energias e dos apertos, e que é preciso activar a obra.

Isto, de certo, é uma parodia ao *celebre esforço pedido ao ventre do paiz*, pelo sr. **O. M.**

Tapem o nariz, meus senhores!

Supplemento ao Diario do Governo.

Havendo a Divina Providencia felicitado estes reinos com o nascimento de um perfeito Infante, que Sua Magestade a Rainha deu á luz com feliz successo, ás cinco horas e tres quartos da manhã de hoje, no paço de Belem: determina Sua Magestade El Rei

Que durante tres dias, a contar de hoje, se façam repiques de sinos na côrte e cidade de Lisboa, dando-se as salvas do estylo nas torres e fortalezas, sendo permittido luminarias e quaesquér outras demonstrações de publico regosijo.»

Não se comprehende bem como é que sendo Sua Magestade a Rainha que deu á luz o prefeito infante seja a Divina Providencia quem deva merecer os emboras por nos feliciter, (tornar felizes)!

De resto parece-nos que Sua Magestade El Rei passa pôr esta declaração para um logar muito secundario e o que é ainda mais grave é que o governo de Sua Magestade ouse introduzir na anatomia humana, nomes tão pouco proprios que ferindo a technologia scientifica con sagrada, não poupam, o que é peior, o respeito que merecem ou devem merecer, n'um paiz catholico, as coisas superiores, as coisas santas!

Quanto á graciosa permissão das manifestações de ragosijo nada diremos senão em louvor. Foi assim, e por isso mesmo decerto, que ás 3 horas da noite d'esse dia um solidó passava ao longo da Avenida enchendo as euras de uns sons festivos d'uma alegria apopletica!

Ha governos que vivem para vergonha dos almanacks attenta a supina semsaboria dos ultimos.

Alguns jornaes portuguezes aconselham como remedio profilativo para a sustenteção da monarchia, entre nós, a repressão da liberdade de que gozamos. Um republicano não pediria melhor.

Toda a gente sabe que não ha para angariar sympathias como um pouco de despotismo assim em ar de aperitivo. Francamente, a imprensa monarchica governamental desnorteou, com raras excepções.

Sabemos que sois monarchicos do coração, ricos filhos, e el-rei hade levar em conta a vossa dedicação!

Isto de servir a dois senhores tem seus espinhos: lá o diz a escriptura. Quando mais não seja obriga-nos a ser tolos, á força. E' triste.

O reverendo bispo de Beja vai crear no seminario, aulas de hygiene e de agricultura.

Louvamos a idée de sua reverendissima.

A vida do padre portuguez é um comulo de mandriice Nas horas vagas, que são quasi todas, aos bispos competirá regular agora o trabalho dos presbyteros — charrua com elles.

O SENHORIO

— Então como passou?
— Bem, e a senhora?
— Menos mal.
— Aqui está o recibo, e olhe que para o semestre que vem, augmento-lhe a renda.
— Seja pelo amor de Deus!...

— Como está V. Ex.ª?
— Bem obrigada. Venho satisfazer...
— Queira V. Ex.ª sentar-se, não era pres-sa. Deseja o recibo, sim?

— Viva D. José!
— Olá! Pepita, sempre bella, que guapa!
— Acha! Aqui está o dinheiro
— Minha linda, dá cá.
(Trata dar-lhe um b (?)).
— Quietinho! abaixo o leque! Isso não entra na escriptura.
— Mas faz um acto addicional.
— Pagando. Adios cochino
(sae).
Eh! Eh! Eh! mulheres... mulheres...

— E' melhor trazer tudo em cobre.
— Não tinha outro dinheiro, meu senhor.
— Bom, bom. Eu lá irei vêr o estado da casa. Isto de inquilinos com creanças
— Os pequenos são socegados
— Sim, sim, adeus.

A FESTA DO MELLO NO
Theatro da Rua dos Condes
BRAVO!
Traducção
de
Gervasio Lobato

Um sugeito que no Porto *raptou* uma actrizinha muito gaiata, teve de prestar uma fiança de duzentos mil réis no tribunal competente.

A pequena declarou que tinha sahido muito da sua vontade do ninho materno para os braços do seu roobador.

Pois nem por isso deixou esse guloso de pagar duzentos mil réis!

Por uma só mulher... tanto dinheiro! Hão de confessar que... é caro!

Noticia a *Provincia*, com o titulo de operações cirurgicas: F. Rosa; 24 annos, solteira, jornaleira, natural do Porto que no dia *5 do corrente soffreu a extirpação d'um epitelioma papillomatosos vejetantes do pirineo*

Que coisas extraordinarias se fazem na Escola Medica do Porto.

Diz mais que operou o dr. Oliveira.

Se fosse em Lisboa estava explicado o caso . era operação do Oliveira das magicas!

A colonia brazileira tem festejado, entre nós, com uns copos de champagne bebidos com guarnecimento de discursos, a deposição do imperador D. Pedro II.

Pouco patrioticos, afinal, os senhores brazileiros. Para festejar um cachação d'esta ordem elles tinham o licor por excellencia, o licor nacional, a cachaça.

A' cachaça, senhores, á cachaca!

O director typographico do *Reporter*, dizem as folhas, realisou no domingo uma conferencia sobre o thema do *que viu em Paris.*

Corremos ás *Artes Graphicas* para escutar o que elle nos diria sobre o *baile Bullier* e *Montanhas russas*, a lambermos os beiços com as recordações *do que ali vimos* ainda não ha muito tempo; mas afinal sae-nos um discurso sobre o fabrico do papel e geringonças typographicas!

Uns monstros de virtude conjugal, estes commissionados de uma camara que geme sob o peso de um frontão epigrammatico!

Não vêem nada de geito

—Vais tão depressa, Jayme?
E' coisa de cuidado?
—Deixa-me! estou damnado.
A tua mulher trae-me!.

João de Deus.

Definições

Sciencia—Jornal de modas em que as theorias são os figurinos.

Realismo—Palavra tolla, e que corresponde oma idéa indecente.

Jejum—Viagem para o ceo com o estomago em lastro.

Deputado—O meio termo entre a insignificancia do trombone de filarmonica e a paspalhice réles de pedreiro livre.

Povo—Bucefalo que quasi sempre não passa de rocinante.

Cruz—Uma cousa que se poz ás costas de Christo, e que se põe ao peito de muitos larapios.

Felicidade—A sombra de um anjo e aponter-nos para a sombra de um paraiso.

Cardo—Planta de folhas espinhosas, que os burros hão de cantar, para vergonha dos poetas lyricos.

Diccionario—Apontoado de palavras, muitas vezes notes de ir á lavadeira.

Patriota—Homem que leva o pendão da patria, com guias, mas sem *borlas*.

Suspiro—Entre namorados é o ultimo tiro de soccorro.

Receita—Confiscação de bens, quando não é sentença de morte.

Homem—Um engeitado do macaco, de que Darwin se fez padrinho.

Riso—Attributo exclusivo do homem, que consiste em mostrar os dentes, como os animaes quando mordem.

CALIBAN.

S. Carlos

Depois de varios episodios, mais ou menos comicos, e de bem mal justificados addiamentos, cantou-se finalmente em S. Carlos o *Roberto o Diabo* na noite de ante hontem. Mas que *diabo* de *Roberto* o que lá ouvimos. . e vimos! Que cantores, que scenario, que guarda-roupa, que massas coraes, que figurantes e que bailarinos! Uma *degringolade* completa a que não escapou a partitura, que foi toda trucidada; uma vergonha para o theatro lyrico portuguez!

O tenor Ortisi vem peor do que ha seis annos, quando aqui esteve pela primeira vez. A sua voz é tão desagravel como a sua figura. E' um cantor que só se recommenda pelos seus *tacões*, (sem malicia), que elle vae augmentando na proporção em que lhe vae diminuindo a voz.

A sr.ª Cisterna que debutou n'esta opera, é apenas um *poço* quasi secco.

A sr.ª Bulicioff deu nos uma *Alice* d'agua morna, apesar da sua fria origem, ou talvez por isso mesmo.

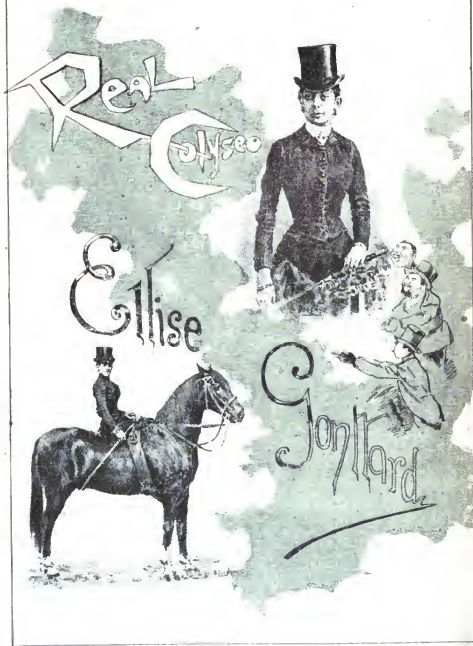
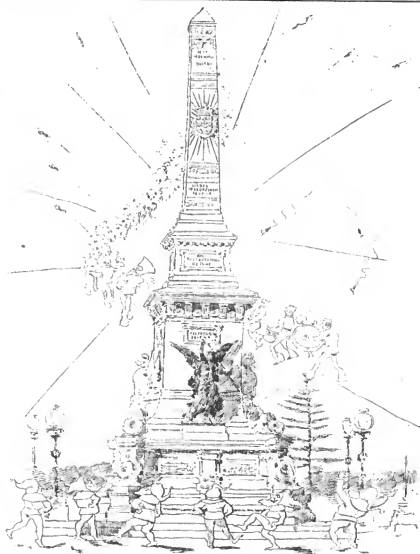
Só o sr. Ercolani exibiu um *Bertram* primoroso a digno de todo o elogio. E já não é pouco no meio de tanta cosa má.

Pedimos a todos os srs. assignantes que nos accusem qualquer falta dos nossos destribuidores a fim de providenciarmos convenientemente.

Estando já concluidas as capas para o encadernamento do primeiro volume da «Comedia Portugueza» rogamos aos senhores assignantes, que as queiram adquirir, o favor de as requisitar com a maior brevidade possivel, acompanhando a requisição com um vale de 500 réis, que é o preço fixado para os assignantes de Lisboa e 550 réis para os da provincia. Preço avulso 600 reis, para Lisboa e 650 réis para a provincia.

Requisições á administração da «Comedia Portugueza», rua Ivens, 41, 1.º, Lisboa.

O GERENTE
Victor Lisboa

Real Colyseo
Ellise
Gontard

Portuguezes é chegado
O dia da redempção;
Caem do pulso as algemas,
Ressurge livre a nação!
(Hymno da Restauração)

Depois d'este rapto de um lyrismo épico, os homens emudecem e só os trombones fallam.
Trombones roncai, roncai, deixai passar as eras!

Lithographia da Companhia Nacional Editora

Faz agora um anno, por este tempo, no começo d'esta mez tão glorioso para nós portuguezes, que ousámos levantar o nosso riso, perante as exhibições patrioticas das sociedades sonoras da nossa terra, que vivem na propaganda do amôr da patria, como antigas vestaes entretendo este logo sagrado no torrão natal: não ordemnando o material combustivel na pyra fumegaote, mas fazendo echoar aos nossos ouvidos de meridionaes esquecidos, a data memoravel da independencia da patria, pela voz do trombone a do figle, arranhando nas panças das violas, em sol a dó plangente, o hymno inspirado da liberdade!

Faz hoje um anno! E, um collega nosso por esse tempo, cheio d'aquella santo amor que inspira os grandes feitos, d'aquella dedicação heroica que leva aos campos da batalha ou á meza do orçameoto, á morte gloriosa ou á vida regalada, censurou que viessemos fazer publicamente o commentario piccaresco, qua é d'uso e proprio fazer-se á meza dos cafes!

E, muito nos doeu ter magoado corações tão amantes da patria, espiritos tão finamente temperados para as dedicações sublimes, se bem que houvessemos com esse facto entrado no conhecimento de que havia d'esses espiritos por cá, o que francamente nem suspeitavamos, sequer!

Todavia, diga-se a verdade, os argumentos do nosso collega não nos convenceram e não conseguiram portanto fazer-nos respeitar essas manifestações a que de novo encontrámos este anno uma deficiencia da respeitabilidade ou de grandeza, ou de seriedade, que nos obrigasse a tirar o chapéu aos vivas, ou a dobrar o joelho deante do obelisco da Avenida, a petrea affirmação da nossa gloria! Mas se o anno passado rimos, este anno, ainda que nos sóbre a vontade de o fazer de novo, temos de nos calar respeitosamente perante a desconfiança que lavra entre nós, desconfiança de traição á patria de que se oão livrará o melhor intencionado, desconfiança nascida de dois factos correlativos, - a transformação politica do Brazil e a carta do sr. Magalhães Limn eo sr. D. Anton de Madrid.

El-rei D. Carlos (o que nunca tinhamos suspeitado) tem amigos de primeira ordem entre os jornalistas e o patriotismo portuguez por parte d'estes mesmos amigos de Peniche e de se lhe tirar o chapeu!

Cada um eotende o patriotismn a seu modo e não admira que haja quem supponha que esta virtude se esemplifica em uma serie de palavrões, bombasticos e chóchos, adredes a deslumbrar pacovios e a convencer politicos submissos de botica sertaneja. Ora é perante estes patriotas que appareceu com todas as côres d'um conspirador embucado o douctor e louro Magalhães Lima!

Considerar e vêr este bello rapaz como traidôr á patria,—conhecendo-lhe o feitio, o caracter, o temperameoto, o platouismo das suas opiotões, como o lyrismo das suas cartas, cartas em que se espelha toda a sinceridade da sua alma generosa de rapaz, todo o louro espiga do seu bigode indomado,—e porque elle escreveu uma carta de amores a D. Anton sobre coisas da politica, mettel-o na craveira dos Vasconcellos de tetrica memoria, se não fosse um acto d'um supremo ridiculo, d'uma puerilidade artificiosa que faz rir as pedras, era decerto a revelação de uma myopia tão palpitante que envergonharia um analphabeto!

Querer fazer d'isto uma questão politica da mais alta gravidade, mostrar desconhecer a historia, a phisiologia da peninsula, todas as condições de vida das duas nacionalidades, n'este momento, é passar o diploma da mais alta estupidez a um povo que tem o arroju de comprar o jornal e a temeridade de o ler!

E é isto a politica portugueza que faz d'uma ninharia uma questão de lesa-patria e das graves questões, vitaes, do paiz, maravalhas ridiculas, simples casos para espairecer ocios e justificar descomposturas de viella e iosultos de tavolagem reles!

E, receioso de que o meu gracejo me levasse á historia futura com o stygma de traidor, ia a calar-me, a esquecer os figles e o obelisco, a «primeiro de dezembro» e o drama de Miguel Osorio, o foguete e o hymno, quando senti vibrar todas as cordas da alma, feridas dolorosamente pela lembraoça do isolamento em que se deve encontrar no tablado da fôrca, Magalhães o loiro — o traidôr!

E, como me liga uma sympathia forte ao dito traidôr e como sou bem mais traidor do que elle, quero denunciar-me, eu! e mostrar bem alto o documento mais grave que o tribunal da patria tem para me julgar e para me fazer subir com elle os degráus do patibulo!

Eil-o o ducumeoto! empolgue-o a historia, que pois eu fui...

(Estou a banhar o rosto em lagrimas ardentes).

A D. Pepa Dolores de la Conception Arica Islâu e Calâu

. . . .

Eu queria fazer a Iberia
Para ter um reino immenso
Que te offrecesse, suspenso
No teu olhar, minha Imperia!

Dar-te-hia Lisboa a bella
E Madrid a luxuosa:
Dar-te-hia a serra da Estrella
E a cathadral orgulhosa
De Burgos' e Mirandella
E Paio Pires florente
E Cadiz todo aceiada,
Alhambra, Sevilha, Almada,
E Barcelona e mais tudo
Que quizesses bom ou mau,
Do cabo de S. Vicente
Aos zimborios de Bilbáu!

Dar-te-hia o rei, os ministros:
Marianno o economista,
Navarro do «Novidades»,
O Patriarcha, um sachrista . . .
Era só pedir por lista
Os homens, as raridades!:
Cada beijo — um jornalista,
Cada abraço — um deputado;
A quinta da Bôa Vista,
E um chalet azulejado . . .

. . . .

A Iberia em pezo e dir-te-hia
No mais alto pirineu,
Como o diabo a Jesus:
O' Pepa se me adorares
Dou te tudo! e tudo teu '!

Creio que bastará para a pronuncia e eu espero da justiça que seja implacavel para mim que quero ter duas patrias, como para o carteiro Marcellino Chaves que quiz duas mulheres !

E agora, Magalhães Lima, até ao patibulo! e coragem que a Europa nos contempla!

M. M.

Distribue-se profusamente pelo paiz um folhetosinho com ares de cathecismo, onde se aponta ao pelourinho da opinião publica um ex-ministro d'Estado, que, segundo a linguagem do dito opusculo, foi «denunciado como supposto ladrão em pleno parlamento.»

Se o homem é ou não larapio, não o podamos affirmar, porque nunca o apanhámos no momento psychologico de atafulhar as mãos nas arcas do thesouro para extrahir aquillo com que se compram os melões . . .

O mais engraçado do folheto é o seu auctor citar se a si mesmo como poeta, pondo como epigraphe á sua desconchavada prosa este delicioso distico:

«Era lei de ministro portuguez
Subir remediado descer em oudez.»

Havia de ter graça o sr. D. Carlos escorraçar do poder o sr. Beirão, o sr. Barros Gomes e outros meninos tal como suas respectivas mães os deitaram a este mundo.

O caso de um sujeito citar-se a si mesmo faz lembrar aquelle professor da Escola do Exercito, que depois de expôr uma opinião sua sobre certo ponto de fortificação dizia muito ancho para os seus alumnos:

—Eu, concordando plenamente com este minha opinião . . .

!!!

Diz um jornal:

Parace que volta novameote a ser facultativo aos empregados do Estado, o desconto mensal do imposto da renda de casas nas folhas dos seuz vencimentos.

Sabemos cousa melhor, se nos dão licença.

O Estado vai fornecer d'ora ávante, sal, vinagre, azeite, batatas, cigarros, meias, calças, chapeus, etc., aos empregados publicos, descontando-lhes o debito, com juros, nos vencimeotos mensaes.

O Estado, n'este paiz, é tudo, mesmo ama de leite, se o quizerem!

FORMAS DI

União Iberica

Systema representativo

«A belleza de V. Ex.ª tem todos os votos da minha alma...»

Absolutismo

Communismo

GOVERNO

Despotismo

Governo conservador

Liberdade, egualdade e fraternidade

N'uma das principaes ruas de Lisboa, vê-se em certo primeiro andar uma taboleta com as seguintes palavras em letra graoda e espalhafatosa: «Monge cabelleireiro» — e em letra miudinha: «Penteiam-se senhoras».

Extraordinario! Que os monges eram geralmente ons grandes maraus sabiamos nos; ignoravamos, porém, que levassem o arrojo ate ao ponto de trocar o habito religioso pelo habito mundano de alisar, de perfumar, as tranças ás filhas de Eva; a que de tal fizassem om tão divino officio, mandando ao demonio os officios divinos.

Aqui está um caso em qua não nos repugnaria ser monge...

S Carlos.—Até qua emfim se operou o *milagre* de termos uma noite de festa no nosso theatro lyrico! Devemos esse *milagre* á illustre e gentil prima-donna Eva Tattrazzini, com a sua explendida interpretação da parte de *Desdemona*, no *Othello* de Verdi.

E realmente não se póde contornar com mais primores e delicadezas um personagem, não se pode imprimir um colorido mais expressivo ao canto, como a talentosa caotora Eva Tettrazzini no papel de *Desdemona*, qua mui particularmente se harmonisa com o seu bello temperamento artistico.

A platea de S. Carlos, ávida de vêr e ouvir alguma coisa de bom, dispensou á illustre prima-donna os mais expootaneos e enthusiasticos applausos, que só pódem alcançer os talentos previlegiados.

A *premiere* do *Othello* ficou assignalada como uma esplendida noite de enthusiasmos sinceros no theatro de S. Carlos, que até então parecia já condemnado a servir apenas de utilidade.. a quem soffresse de insomoias.

Em S. Paulo, provincia do Brasil, houve um marido que conseguiu vender a mulher por um conto e quinheotos mil réis (fracos) e pretexto de se vêr livre d'ella.

No nosso paiz, se alguem suspeitasse de que um marido queria impingir a esposa, para ficar livre de trambolhos, ninguem lhe dava dez réis por ella.

Differença de costumes!

Uma loja de Lisboa, muito notavel pelos seus *bibelots*, annuncia o'um jornal «uma variedade infinita de corôa para tumulos.»

Effectivamente, tratando-se de viagens ao infinito, a esse paiz d'onde ainda ninguem conseguiu voltar, é justo que haja bastante por onde escolher, porque o negocio de que se trata não o requer menos.

D. Maria.—Ha dias, estreiou-se como actor no theatro de D. Maria II o sr. Fernando Maia

Antes do levantar do panno, inquirimos os antecedantes do neophyto. O qoe era aquelle sr Fernando Maia, no momento em que lhe atravessou o espirito a Ideia de adquirir um logar nas fileiras em que figuram Rossi e Salazar, Sarah Bernhardt e Virginia Farrusca?

Sim, porque os consequantes pedem os antecedentes, ou o amigo Banana não fosse a personificação do axioma.

N'estes ultimos annos, a paixão pelo theatro tem desnorteado muito cerebro bem constituido. E é uma dôr d'alma vêr por ahi dezenas de boos marçanos, de bellos alfayates, de magnificos sapateiros tornarem lacrimosos de saudade o metro, o giz ou o ceroi, abandonando-os por uma folhinha da corôa do Talma para o refogado das suas ambicionadas glorias theatraes.

Resultado: o Commercio, a Industria . e os freguezes perdem optimos servidores, e a Arte e a Critica ficam-se eternamente a chuchar no dedo, á espera de que os noveis e esperançosos passem da cepa torta.

Informaram-nos. Nem marçaoo, nem alfayate, nem sapateiro. O sr. Fernando Maia era simplesmente um curioso dramatico; bavia muito que se dedicava á Arte, em theatrinbos academicos e particulares. Mais nos disseram, em guisa de justificação:

—E quem nunca foi, ou pelo menos desejou ser, curioso dramatico... que lhe atire a primeira batata!

Curvámô-nos silenciosos perante o argumento; que para uma pessoa ficar atordoada não conhecemos coisa superior ao trombone d'um bom argumeoto, ou á cegarega d'um mau crédor.

Ouvimos, vimos, mirámos, remirámos, em summa — démos tratos de polé ao sr. Fernando Maia, e concluimos que se elle não é um *homem chegado* (com venia ao *Correio da Manhã* e ao sr. Lopes da Mendonça) nunca será um homem fugido. Dos taes que deixam a Arte e a Critica eternamente a chuchar no dedo á espera de que os noveis e esperançosos passem da cepa torta? Não nos pareceu: é instruido, tem bôa voz, bôa physionomia, bom typo... Que demonio! Ha disposições e por isto o felicitamos cinceramente.

E a proposito de chuchar no dedo: Fernando Maia sabe decerto que a Maria Cachucha dormia sósinha e sem medo. A's vezes, as cachuchas teem carradas de razão.

E' terrivel uma pessoa agarrar-se a outra para caminhar em qualquer carreira. Aproveite-se das lições; não se imite, porém, o mestre, que para isto não faltam os Trindades e os Lamas, muito boas pessoas nas suas casas, mas que nas fileiras da Arte nos fazem lembrar a theoria de Darwin ácerca da ascendencia da Humanidade.

Gymnasio. — O beneficio que se realisará na noite de 9, no Gymnasio, reverte em favor d'um dos typos mais conhecidos de Lisboa — o *Machado do Gymnasio*, 83 annos honrados apesar das contrariedades porque tem passado.

Recommendamol-o aos nossos leitores e a nossa gratidão corresponderá ao interesse que temos em que esse sympathico e honrado velho tenha uma noite alegre.

Rua dos Condes. — Na *Doutóra*, que actualmente se representa no theatro da Rua dos Condes, observa-se um phenomeno curiosissimo, d'onde os velhos e jovens criticos theatraes poderão tirar proveitosa lição:

Lucinda do Carmo está pouco á vontade na simples, pesada, magestosa *toilette* de velludo preto, e o publico sente-se gelado, triste, luctuoso. E' preciso muito talento para esquecer o espectador no desempenho d'uma personagem pudibunda e casta como aquella. Assim, quando cahe o panno sobre o primeiro acto, fica-se de orelha murcha, como desapontado, a peça escorrega para os abysmos do fiasco. Graças, porém, a Guilhermina de Macedo, no segundo acto o publico vae aquecendo ao contemplar tanta plastica . sem calças de talento e dispõe-se a ouvir, ou antes, a vêr attentamente .. Por esta forma, a peça consegue salvar-se.

D'onde se pode tirar a racionalissima conclusão de que em arte theatral — ou muito talento, ou pernas sem talento...

E esta conclusão é tão justa, quanto é escandalosamente pessimo aquelle segundo acto onde a exceotricidade dos auctores chega a tocar as raias da loucura. Nem forma, nem litteratura, nem espirito.

O resto do desempenho, de que apenas conseguem salvar-se Augusto de Mello e Costa, é desegual desequilibrado, deslocado como o *Trampolinini*.

Chalet-do Rato, carissimos senhores, puro Chalet do Rato!

Depois de tudo aquillo, fica-se a scismar no destino que teria a fina *verve* do auctor de *Condessa Heloisa*. O' sr. Pedroso de Lima, providencias! Roubaram-nos o nosso bom amigo Gervasio Lobato!

A *Doutóra* é acompanhada por um *vaudeville* engraçadissimo, que Lucinda do Carmo e Costa desempenham lindamente.

O publico ri com sinceridade, gosta, sente que lhe limpam o espirito das negruras deixadas pela *Doutóra*.

E o curioso é que quem opera tal prodigio são... *Os Carvoeiros*.

BIBLIOGRAPHIA

THEORIA DOS MUDOS

Com este titulo publicou o sr. dr. Oliveira Valle, um pamphleto dedicado aos eleitores do circulo 76.

Vamos lel-o para d'elle fallarmos. Por hoje limitamo-nos a agradecer a amabilidade da offerta.

Aos srs. assignantes que tencionarem mudar de residencia pede-se o favor de o participarem a esta administração, a fim de não soffrerem interrupção na remessa do jornal.

Acha-se já á venda o primeiro anno da «Comedia Portugueza», encadernado em percalina, nas seguintes livrarias:

Bertrand, rua Garrett, 75.

Afra, rua do Ouro, 182.

Tavares Cardoso, largo do Camões, 5 e 6.

Rodrigues, travessa de S. Nicolau, 113.

Witier, rua do Ouro, 247.

Quarto independente

PRECISA-SE PARA CAVALHEIRO DECENTEMENTE MOBILADO, em casa de familia de probidade. Carta á agencia de annuncios. Rua Augusta, 270, 1.° a T. C. 5:005.

Rapaz

OFFERECE-SE com pratica de armazem de vinhos. Rua de Santo Antonio da Gloria, 10, 2.°

Sineiro

ESTÁ vaga a torre da Conceição Nova, quem pretender dirija-se á freguezia.

Cão

QUEM perdeu um bull-dog, pagando as despezas, póde procurar na rua de Fernando Thomaz, 31.

Ver

São bellas — bem o sei, essas estrellas;
Mil côres — divinaes teem essas flores;
Mas eu não tenho, amor, olhos para ellas
Em toda a natureza
Não vejo outra belleza
Senão a ti... a ti!

Ouvir

Divina — sei, sim será a voz que afina
Saudosa — na ramagem densa, umbrosa,
Será, mas eu do rouxinol que trina
Não ouço a mellodia,
Nem sinto outra harmonia
Senão a ti... a ti!

Cheirar

Respira — n'aura que entre as flores gyra
Celeste — incenso de perfume agreste
Sei, não sinto. Minha alma não aspira
Não percebe, não toma
Senão o doce aroma
Que vem de ti... de ti!

Gostar

Formosos — são os pomos saborosos
E' um mimo — de nectar o racimo;
E eu tenho fome e sêde... sequiosos,
Famintos meus desejos
Estão... mas é de beijos,
E' só de ti... de ti!

Palpar

Macia — deve a relva luzidia
Do leito — ser por certo em que me deito
Mas quem ao pé de ti, quem poderia
Sentir outras caricias
Tocar n'outras delicias
Senão a ti... a ti!

GARRETT

Permitam-me uns breves e rapidos traços do grande poeta, que a Comedia Portugueza tem hoje a honra de commemorar, como um dos maiores vultos da litteratura portuguesa. Garrett, é vergonha dizel-o, é hoje quasi um esquecido, aiode no meio tão abundante de poetastros ôccos contemporaneos e de litteratelhos de refugo, erguidos na mediania d'om criterio soez, a grandes homens, a artistas geniaes, a summos pontifices da prosa e do verso.

Mas o que é peior é que uma geração de decadentes, de invejosos cheios de ambição, de nullos cheios de prosapias, ou de ignorantes impados da oatural ousadia da ignorancia, os acceita e os aclama.

N'este meio medram e fructificam, creando-se um mundo especial, de elogio mutuo, arrastando na cauda fátua da sua orbita, os creotes ingenuos, os despreveoidos, os simples.

Ninguem o desconhece: é o poeta fulaoo, o jornalista sicrano, o philosopho A, o pensador B, o pedagogista C, o romancista D... raça de ignorantes que esbarrou oo primeiro anno das mathematicas ante o tenebroso enredo das operações com quebrados, oo baqueiou de impotencia ante a coofecção d'um periodo latino com menos de seis tolices por linha!

Derivando na logica das consequencias para os dominios vedados ao codigo, arremeteram com a arte, onde explosiram grandiosos e pertencem-lhes os melhores proventos, dispõem de reputações, criticam de papo, alcançam glorias, sobem, trepam!

Todos lhes sabemos os nomes e se receiemos muitas vezes feril-os é porque o carduma é enorme e se não conseguem vencer oa lucta com as ferroadas do despeito cançam pela quantidade, pela insistencia, pela audacia e é facil perder a paciencia inda que se oão perca e razão!

A par d'isto ha um jornal que tem, ha seis mezes, aberta uma subscripção para uma estatua a Almeida Garrett e essa subscripção attingiu, em tres dias, a fabulosa somma em que parou, até hoje, de 51$500 réis. E' revoltante, ignomioioso, inacreditavel!

A *Comedia Portugueza* protesta em oome do bom senso, da justiça, da dignidade e da altivez da critica, em nome da parte seosata e honesta dos homens de lettras, contra essa ignorancia pretenciosa, contra esse pedantismo da mediocridade incensada, contra essa estupides com fóros de valia armada de ingratidões aodazes, dedicando o numero presente, á memoria do grande litterato portuguez, grande entre os maiores, bravo soldado, politico consumado, poeta extraordinario, profundo erudito, dramaturgo eminente!

João Baptista de Almeida Garrett, oasceu no Porto a 4 de fevereiro de 1799: filho de Antonio Bernardo da Silva de Almeida Garrett e de D. Anna Augusta Leitão.

Falleceu em Lisboa na rua de Santa Izabel a 9 de Dezembro de 1854.

E' magnifica a lista das obras do grande poeta.

Em 1819, poblicou a tragedia *Merope*.

Em 1820, o *Catão*.

Em 1823, o *Camões*.

Em 1824, o *Cancioneiro*.

Em 1826. *D. Branca*; poema.

Em 1828. *Liricas de João Minimo*.

Em 1833. *O arco de Santa Anna*. Romance.

Em 1838. *Um aucto de Gil Vicente*.

Dm 1839. *A sobrinha do Marquez*.

Em 1841. *O alfageme de Santarem*.

Em 1844. *O Fr. Luiz de Souza*, o primeiro drama de scena portugueza.

Em 1851 *Folhas cahidas*, Lyricas.

Publicou ainda, não me reccorda as datas:

A Adozinda. Viagens na Minha Terra. Portugal oa *Balança da Europa.* Um volume sobre a *Educação. O Retrato de Verniz*, com um estudo sobre a pintura portugueza.

Augmente-se na sua obra os seus magnificos discursos parlamentares e veja-se a grandeza do gigante que libertou a litteratura do classicismo atrophiador, que foi o grande revolucionario, o reformador, como poeta e como romancista, que creou o moderno theatro portuguez enriquecendo-o com o *Fr. Luiz de Souza*, essa obra que no dizer de Theophilo Braga é apenas «o primor unico na istoria de todas as tliteraturas dramtaicas conhecidas.

Que admira que Portugal concorra para a estatua d'este homem com 51$500 réis?

O contrario é que seria estranho! Garretts não nos faltam. E' ir ao Martinho e escolher a dedo. Ha-os por lá aos pares. E então nas redecções dos periodicos? e nas secretarias? «Como cogumellos... a crescem e apparecem, de chofre, como os supraditos em noite de orvalho!

Permittam nos pois o preito á memoria do grande Garrett; quando mais não seja senão para provar-mos a algum estrangeiro que conheça o grande poeta que não ensaodecemos de todo, nós todos que temos a gloria de fallar aquella deliciosa lingua em que elle fallou, e podemos apreciar as obras primas que nos ligou a sua penna d'ouro, tão rica tão maleavel, tão simples e tão genial.

Permittam-oos a franqueza a leiam-no como nós fizémos; temos a certeza de que lhe crescerá a gloria, bem que não augmente a subscripção para a estatua!

E depois os grandes artistas não precisam de estatuas: vivem oo pantheon da sua obra, onde irá depor eternamente o coração de todo artista que allipenatrar as homenagens intimos dos sinceros affectos e das lagrimas agradecidas.

Tudo o mais é banal e inutil.

Todo aquelle que pela sua influencia immediata conseguiu modificar no sentido progressivo as fórmas da *actividade*, da *affectividade* ou da *intellectualidade* humana, embora circumscripto a um determinado meio social, esse maraca a classificação devida aos grandes homens. Almeida Garrett, vivendo em uma terrivel época de transição do Regimen absoluto para o das Certas constitucionaes em que os principios da organisação catholico-feudal foram substituidos palos argumentos dos ideologos, que pelas ficções do parlamentarismo tentaram conciliar o passado com a Revolução, esse espirito envolvido como todos os outros seus contemporaneos na anarchia das idéas, dos interesses e da politica, concentrou toda a sua vida moral no sentimento: modificou-se na idealisação artistica, a achou-se pelas creações da poesia exercendo uma acção positiva na transformação da sociedade portugueza na primeira matade do seculo XIX. É este o seu titulo á veneração.

Emquanto as novas instituições politicas se tornavam uma pedaotocracia incoherente, sujaita a successivos e continuos abalos, em que os caracteres se dissolviam pela degradação ou pela impotencia moral, e em que o passado reapparecia ora na fórma affrontosa do poder pessoal, ora na tentativa de retrogradação clerical, Garrett sentiu que no meio d'esse vórtice que decepava todas as energias, que devorava as mais prepoodarantes individualidader, a unica força que o salvaguardava era a do sentimento nacional, a que procurou dar expressão e universalidade na litteratura. Todos os corypheus do constitucionalismo em Portugal succumbiram exhaustos ou desalentados, como Mousinho da Silveira, como Fernandes Thomaz, Borges Carneiro, Passos Manoel, Alexandre Herculano; a obra dos politicos foi falsificada pelas camarilhas, e á falta de uma idea que désse ascendente moral aos homens como base da auctoridade, esta impôz-se pela força bruta dos espadões ou das intervenções armadas do estrangeiro pedidas pela dynastia.

Garrett, exercendo durante este longo periodo de agitação sem plano uma serena actividade artistica, suppriu palas creações ideaes a falta de principios na sociedade portugueza; os themas tradicionaes que elle soube escolher com tanta opportunidade na evolução historica da nacionalidade foram um estimulo sympathico de convergencia para todos aquelles a quem as paixões politicas e as luctas de interesses desvairavam. É por isso que á medida que o tempo decorre sobre esta grande vida, o homem que soffreu os desastres da politica, as emigrações forçadas, os carceres, os assedios, e posteriormente as honras, os altos cargos officiaes e o prestigio do poder ministerial, de tudo isso que se esvae diante de uma cova ficou apenas o artista, que exerceu uma acção de concordia, e cuja influencia persistirá por muito tempo.

Ligado ás tempestades sociaes de meio seculo, ora abatido, ora alevantado por ellas, Garrett nunca póde esquecer o homem de lettras; por esta coherencia da sua vida affective é que elle possuiu o dom de dar vida ao sentimento nacional, de lhe dar convergencia, e de crear a fórma nova de uma litteratura em um povo quasi que posto fóra da corrente da civilisação. Glorificando o grande artista, seguimos o pensamento de Comte, que em um tempo em que não existem ainda verdadeiros principios, todas as individualidades que exercem um poder de qualquer ordem, sobretudo o ascendente moral, devem ser acatadas como condição do advento evolutivo de uma nova synthese social. Garrett teve a intuição d'este principio quando elle proprio cultivava a sua reputação litteraria, chamando para a pessoa os encomios que tinham de reflectir na sua obra. Este pequeno defeito revela-nos que tendo a plena consciencia do pensamento que proseguia, não tinha comtudo a certeza da efficacia do trabalho que dependia das emoções dos outros.

Todos os dados biographicos de Garrett, todas as datas memoraveis da sua vida não são mais do que o commentario luminoso da sua actividade litteraria. Nenhum livro seu, poema, drama ou romance poderá ser bem comprehendido sem a correlação do meio historico, politico e moral, quer da situação geral européa, quer da sociedade portugueza onde elle foi o iniciador das fórmas do sentimento moderno.

Theophilo Braga.

Invade os dominios da caturrice, paredes meias com a declamação, affirmar, com pruidos de originalidade, o que nas lettras portuguezas foi o vulto primacial de Garrett. Tudo quanto na litteratura contemporanea se affirma entre nós libertado deve-lhe o sopro inspirador e libertador. A obra de Garrett não se circunscreve, perante a critica, á fundação do theatro; liberta dos canons classica a poesia, e inicia, pelo folhetim, a chronica moderna, tão livre, tão maleavel, tão assimiladora! Tirae o iniciador Garrett á litteratura nacional, e quedar-nos hemos em Francisco Manuel, muito embezerrados, na admiração de Gil Vicente e do Judeu, alheios ao espirito novo; capazes porventura, de luctar ás cégas; inhabeis, sem duvida, para *comprehender*...

Silva Pinto.

O VISCONDE DE ALMEIDA GARRETT.

Copia d'um Daguerreotypo de 1853 publicado em Janeiro de 1855.

A semelhança d'este retrato com o illustre poeta em 1853 está confirmada por um documento authentico, archivado na Torre do Tombo

A COMEDIA PORTUGUEZA

—Poeta—elle foi rei. Direitos de conquista
quem foi que teve mais? Reinou como Senhor;
teve a eloquencia, o mando, a inspiração e—artista
de plectro foi, de si, das multidões, do amor.

Para elle a natureza era a materia informe,
a belleza sem alma, ephemera, indecisa;
a arte,—o fogo do ceo que agita o que ali dorme,
e accorda, o retempêra, o anima e o eternisa.

Mais que Pygmalião que olhava a fria estatua,
choroso de ver mudo e cego o seu portento,
omnimodo creador,—do bloco ou sombra fatua,
elle era o artista, e o Deus que lhe insufflava o alento.

Dizem que ao cemiterio entre saudades corre
não sei que triste afan de ti,—posteridade!
—preterito—e porvir—são phases de quem morre!
não tem noite ou manhã nem março—a eternidade

Garrett nasceu para ella e n'ella, por conquista
e por affecto, ergueu seu throno de senhor:
se—poeta—sodes, deslumbra como artista
que de plectro o é, de si, das multidões, do amor.

Thomaz Ribeiro.

Garrett é, no consenso geral, reverenciado como o iniciador d'esse movimento que imprimiu uma actividade notavel e fecunda na nossa litteratura, ao findar o primeiro quartel d'este seculo.

Compete-lhe tanto mais essa gloria, quanto é certo que as influencias que sobre elle actuaram, e pretenderam dirigil-a na primeira edade, estavam muito longe de ser adequadas para impellil-o no caminho do protesto contra um passado de somnambulismo fradesco e de apathia mental.

E' certo que *os costumes* de então, que aos Naverros d'esse tempo poderiam achar *brandos*, expulsando-o do paiz só porque tinha talento e o mostrava, obrigando-o a ir banhar-se lá fora no grande mar das idéas novas, que alagavam a Europa, e a librar a sua poderosa intuição artistica por horisontes de mais vasta mentalidade, contribuiram não pouco para alargar-lhe o folego, e para remontar por vezes a musa arcadica e *doucereuse* de *Jonio Duriense* ás alturas épicas e geniaes, e que só chegam as aguias.

Mas ninguem de boa fé tiraria d'essa circumstancia feliz um argumento para amesquinhar o que havia de proprio, de fecundo, de creador, na compleição artista do auctor do *Frei Luiz de Sousa*.

Quer isto dizer que Almeida Garrett fosse uma d'essas individualidades másculas, de linhas severas e nitidas, vasada nos moldes em que a posteridade funde os broozes dos Camões e dos Herculanos?

Ninguem se atreveria a affirmal-o, por mais legitimo que seja o culto pelo grande poeta. Com mais razão poderia affirmar quem observe com attenção, a separadamente, o homem e o escriptor, que o seu trabalho intellectual excedeu por vezes o esforço, que comportavam tanto a sua organisação physica como a sua virtualidade moral.

Garrett foi tambem politico, infelizmente, e ministro.

A sua passagem pelo poder serviu-lhe para provar que era honesto, o que hoje se nos affigura um contrasenso; e a esse proposito convém lembrar um facto narrado pelo seu biographo, e que tem uma certa opportonidade.

Quando Garrett foi sacudido do poder um tanto cruamente, a maledicencia pôz-se logo á procura de explicação do caso, e encontrou, entre outras coisas, o seguinte: —Que um brazileiro qualquer tinha dirigido ao ministro o pedido d'uma fita, acompanhado de 3:000$000 réis, para serem destribuidos por estabelecimentos de beneficencia, e que o ministro comera o dinheiro.

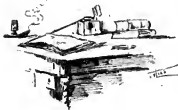
A calumnia fôra propalada na presença de Rodrigo da Fonseca Magalhães, o grande amigo de Garrett, que de nenhum modo a repelliu.

Garrett soube-o; e ficou aflicto, o ingenuo, com aquillo de que se ririam superiormente os nossos politicos de hoje. Não se limitou a descompor em qualquer jornal os calumniadores, a a obstar por todos os meios a que se esclarecesse o caso.

Pelo contrario, correu ao ministerio e tanto rebuscou ali, que encontrou afinal os trez contos de réis, que estavam no banco de Portugal, onde elle os fizéra depositar, não pensando mais em tal. Pedio uma certidão, e seguindo d'ali para casa de Rodrigo, atirou lhe o documento á *cara*, cortando com elle todas as relações que não mais se restabeleceram.

Bem se vê que não existia ainda n'aquelle tempo a actual *brandura de costumes!*

A calumnia ainda *feria* os homens publicos; ou então era Garrett que—como elle disse algures—ainda não tinha chegado ao gráu de *illustração* necessaria para não fazer caso de certas coisas.

Silva Lisboa.

A GARRETT

Fragmento de uma poesia recitada no theatro normal, pelo actor João Anastacio Rosa, em a noite de 2 d'abril de 1864

O' genio, és immortal, só morre o vulgo
Que em torno a ti vagueia,
O que não sente a dardejar na fronte
O raio de uma ideia.

Tu brilhas sempre, como a chamma antiga
Da candida vestal;
Tu diffundes clarões por todo o mundo...
O' genio, és immortal!

Que importa a nuvem gelida, que ás vezes
Nos tolda a luz do sol,
Se na balsa virente sôa alegre
A voz do rouxinol?

Que tem que a flor expire, quando o vento
A fustiga sem dó?
Que tem que as folhas solte e que descanse
No seu leito de pó?

Não deixa o grato aroma que embalsama
O prado, o monte, os ceus!
Em perfumadas ondas vaporosas
Não sóbe aos pés de Deus?...

Assim tu és; tu brilhas como a chamma
De candida vestal,
Não se apagam teus raios n'este mundo
O' genio; és immortal!

E. A. Vidal.

Goëthe diz nas suas *Memorias* que um homem que tenha força de vontade sobre si mesmo não envelhece.

O nosso Almeida Garrett, a despeito da reacção sobre a propria vontade, envelhecia a olhos vistos, vingando-se por conseguinte nos cosmeticos e ingredientes com que suppunha obstar ás tropelias da natureza.

O maior vulto litterario d'este seculo—em Portugal, é claro—usava espartilho, caballeira postiça, barba postiça, pós nos cabellos a não sabemos se braços postiços.

Fraqueza?

Talvez não! Se se fosse deixar a natureza ao seu capricho, que aleijões não iriam por esse mundo.

As metamorphoses a que se soccorria o auctor das *Viagens na minha terra*, deram logar á seguinte anedocta:

Uma vez Gastão Mesnier, um dos rapazes de talento e de grandes aptidões estheticas que Lisboa conheceu ha quinze annos, conversava cum uma senhora a respeito dos escriptores portuguezes, quando naturalmente veio á collacção o grande nome de Garrett.

E a dama enthusiasmou-se de todo o ponto, o que prova a influencia profunda que o auctor das *Folhas Cahidas* exerceu nos animos femenis...

Mesnier fingiu um pasmo lorpa, que naturalmente provocou um franzir de sobr'olhos á dama.

—V. Ex.ª está em erro, explicou Mesnier, para a tranquilisar.

Almeida Garrett é simplesmente um pseudonymo.

—Está caçoando commigo!

—De nenhum modo, minha senhora. Não ha duvida que existiu um sujeito que pintava os cabellos e a barba, que tinha barba e cabellos postiços, dentes postiços, nariz postiço, cabeça postiça e braços e pernas postiços. Esse sujeito servia apenas de manequin para os alfayates e cabelleireiros. O auctor que assignava Almeida Garrett, e que escrevea versos e prosa deliciosos, ainda ninguem conseguiu descobril-o, e pode ser mesmo que se passem seculos sem se saber ao certo que especie de homem elle era!

E' claro que a dama, achou graça á *blague*—e quem não achava graça ao Gastão!—e riu de *bon coeur*.

Querem que lhes falle com franqueza?

Aquella fraqueza de Garrett—para alguns—chega a parecer-nos prova da sua immensa superioridade intellectual.

Para quem se metamorphoseava elle?

Para o bello sexo!

Ora, o que seria a mulher sem essa metamorphose que vai desde o pó d'arroz até ao vestido cortado pela thesoura insubstituivel de Worth?!

Garrett e as mulheres pagavam-se na mesma moeda.

Sal-Moura.

Aos srs. assignantes que tencionarem mudar de residencia pede-se o favor de o participarem a esta administração, a fim de não soffrerem interrupção na remessa do jornal.

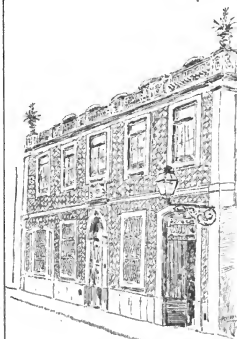
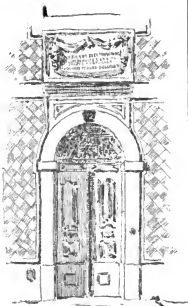
Acha-se já á venda o primeiro anno da «Comedia Portugueza», encadernado em percalina, nas seguintes livrarias:

Bertrand, rua Garrett, 75.

Afra, rua do Ouro, 182.

Tavares Cardoso, largo do Camões, 5 e 6.

Rodrigues, travessa de S. Nicolau, 113.

Witier, rua do Ouro, 247.

CASA ONDE FALLECEU GARRETT.

PORTA PRINCIPAL DA CASA DE GARRETT

JAZIGO ONDE ESTÁ DEPOSITADO O CADAVER DE GARRETT.

Real Academia de Amadores de Musica

Continuam os magnificos concertos na *Real Academia de Amadores de Musica*. N'estes tem um logar de primeira ordem, pela brilhante execução, a menina Elvira Peixoto; prestigiosa violinista, com cujo retrato se honra hoje a primeira pagina da *Comedia Portugueza*.

Sempre promptos a consagrar ao talento os mais sinceros preitos, enviamos á gentil violinista a expressão do nosso applauso o mais caloroso.

Lithographia da Companhia Nacional Editora

D. PEDRO DE ALCANTARA

A primeira vez que ouvi fallar d'este bom velho estava no collegio e lembra-me que foi a proposito de um dos seus vulgares e caracteristicos actos. Noticiava um jornal que o, então imperador, tinha ido ao logar da Vicencia á Praça da Figueira e se sentara a comer uma maçã raineta. Um imperador a comer, como qualquer marinheiro inglez desembarcado, a unha e a dente, a maçã de Collares, no meio da multidão embasbacada, lá me pareceu caso para rir a bandeiras despregadas, por suspeitas de calculada bonhomia, ou para o crivar com as settas (valha a verdade, inofensivas) da minha demagogia dos quinze annos, que descobria a hypocrisia e o calculo nos actos mais simples de todo aquelle que tivesse um throno para dormir a sésta. E o bom imperador passou para mim como um actor reles, armando á popularidade n'um logar do mercado europeu, dando se ares de quem comia, lá pelos paços de S. Cristovam, com a mesma natural despreocupação do publico e da casca, a laranja da Bahia ou a banana do Rio.

D. Pedro vai por uns tempos a Coimbra. Entra na sala dos capellos com um fato de viagem, na occasião do encapellamento d'um bacharel. A universidade levanta-se indignada: os estudantes no seu despeito pela irreverencia commettida para com a velha a rançosa matrona do nosso ensino, irreverencia praticada ante as dynastias portuguezas dependuradas pelas paredes, ante os brios da charamella, ante o bolôr dos regulamentos prehistoricos, ante a magestade augusta da borla, pretendem desfeitear o imperador irrespeitoso, o sem cuidados maldoso, que ousava assim desacatar os velhos brios da universidade! Estudante, então, chato do fogo louco dos grandes enthusiasmos, olhei esse tetrarcha de casaco curto e chapeu desabado como um selvagem a quem era preciso correr a papelotes á porta ferrea e cortar o cabello, á nortinha, como preludio d'um grau!

A caricatura d'então apoderou-se da individualidade do velho imperador e na volubilidade da conversa irreflectida dos poucos annos, debaixo d'aquelle enthusiasmo subito das impressões rapidas e não avaliadas, fez-se no meu espirito a crença de que o imperador do Brazil—com magua o digo—era uma personagem comica, um imperador patusco, uma especie de imperador Bobeche, correndo as côrtes para gaudio dos hypocondriacos, dos tristes.

Se reformei mais tarde a minha opinião, levado por mais valioso e sensato juizo, é certo que nunca tinha concedido ao velho imperador a minha franca sympathia e estava bem longe de imaginar que depois que lh'a consagrei, ella se tornaria em admiração sincera, por essa superioridade indiscutivel que é força reconhecer em D. Pedro d'Alcantara, o extraordinario caracter, o homem de mais elevado espirito que passeia a esta hora as ruas da cidade, n'um caro vulgar d'uma cocheira de alugueis.

Como imperador do Brazil pode resumir-se a sua obra na seguinte phrase: elle fez o Brazil.

Sahiu sem odios: preguem os pessimistas a moral que quizerem; isto é um facto indiscutivel, confessado por um paiz inteiro e cujo corollario basta para cercar para sempre, na historia, o nome d'um homem, do respeito e do amor que é rasão tributar aos que passam a que foram o que de mais difficil é ser sobre a terra—honrado e bom!

O imperador do Brazil, direi melhor D. Pedro d'Alcantara, foi sempre, como hoje, pobre. Qualquer reisote não sahiria dos seus estados senão á custa do seu amado povo. Todos os povos para os reis são amados;—a inversa é que não é em geral verdadeira, infelizmente para os reis. Elles bem o pregam, mas nós é que vamos sempre achando que é Fr. Thomaz quem préga. Cá temos as nossas razões e D. Pedro d'Alcantara sahe do Brazil para correr a Europa a 1.ª vez. O presidente de conselho de ministros d'então fez-lhe votar no parlamento, sem que elle D. Pedro o saiba, umas centenas de contos para a viagem. Ao dar-lhe a nova, recebe como resposta:—não authorizei ninguem a pedir dinheiro ao paiz para as minhas viagens: rejeito a concessão. Pedi dinheiro na Inglaterra, já o tenho, muito obrigado!

Sahe pela 2.ª vez, doente, para tractar-se. Fazem lhe a mesma surpreza, antepondo-lhe a razão acceitavel de que não era por se divertir que sahia e que o paiz tinha o dever de velar pela saude do seu monarcha.

A resposta é egual.

Os banqueiros inglezes haviam-lhe recuzado o dinheiro não lhe confiando na vida, o imperador acceitara-o aos brazileiros compromettendo-se a filha ao pagamento, em cazo de morte.

E a gente põe-se aqui a pensar como é possivel que hoje, haja um imperador a quem se recuze dinheiro, um imperador pelintra, perante o credito inglez! Mas depois comprehende: O imperador é pobre. Ora francamente é preciso ser-se honrado a valer, para se ser pobre sendo-se imperador! Não acham os patricios, nós d'um paiz em que já não é licito ser ministro sem se ser milionario?

O imperador é intimado para sahir do Brazil.

Como se fosse apenas mudar de caza, ou mudar de cssaco, acceita a intimsção com uma tão natural facilidade qua pareca que elle entrava na conspiração contra o ministerio e lhe estava reservado o papel de desistir do throno, caso o throno tivessa de cahir no boléo dos ministros! E começa-se a comprehender que um homem que não liga importancia a uma corôa imperial qua lha arrancam da cabeça, não pode ligar mais importsncia a um capello medievel que encaissm na cabeça de qualquer sujeito, deante dos reis emproados pelas paredes aos sons rancorosos de uma charamella de botucaudos a roncar alegrias e raspeitos! Sim, já se percebe. Um capello nunca fez nem um sabio, nem um homem de telento. Ha mediocridades encapelladas (desculpam-me esta verbo porque preciso d'elle) e não é, nem mesmo o olhar d'am imparador, qua pode descortinar na caveira d'um candidato a quantidade de phosphoro que lá existe, nu a porção da banha da cheiro que a enche!

A ferida na pragmatica universitaria pode desculpar-se e quam viajava como estrangeiro no nosso paiz, com um simples Dom atraz do nome, tendo deixado no bahú dos objectos velhos de serviço quotidiano a corôa e o sceptro, o qua frencamenta não é egual a deixsr um guarda sol partido ou uns sapstos d'ourêllo, já coçados!

Não acham?

(Conclue no proximo numero)

Diz o *Novidades*:

—«Morreu repentinamente o sr. Ignacio Hanriques da Carvalho, o *inventor do granito* de Evora».

A illustre redacção do *feroz trasmontano* está redondamente enganada. O *inventor do granito* de Evora, como do granito da Porcalhota, é Deus Nosso Senhor Todo Poderoso!

Salvo se a Biblia mente, o que não é provavel.

Lê-se no *Diario Popular*:

«O sr. José Joaquim da Costa recusa o logar de vogal da junta de parochia da freguezia de S. Jorge de Arroios».

E' um caso grave, este!

Imagine-se que se converte em epidemia toda a gente recusar os logares para que é nomeada!

A's duas por tres não sabará o thesouro que fazer de tanto dinheiro, que se lhe accumulará no ventre!

A Providencia Divina permitta que tal catastrophe se não dê n'este paiz.

O *Reporter* noticiando um concurso aberto pelo Monte-pio Geral para uns logares da 300$000 réis annuaes, joga uma biscata ás esigencias medicas a que os candidatos foram submettidos:—inspecção rigorosa ás suas pessoas e analyse espiolhadora ás suas respectivas urinas.

Sabe pouco o *Reporter*. Depois d'essa analyse chimica haverá, segundo nos affiançaram sob palavra de honra, não menos minuciosa analyse ás materias fecaes, e competente prova.

Ou a cousa está *selecta*, ou não. Se está, são admittidos os candidatos ao concurso; se não está ... rua!

O commandanta do *Alagôas*, navio que trouxe pera a Europa o imperador do Brazil, arvorou ume bandeire qua entendeu ser a da nova republica. A capitania do porto de Lisboa, mandou-lh'a arreiar, em virtude de ter de ser considerado como navio pirata, porque é assim considerado todo aquelle que arvorar bandeira desconhecida.

E vae o commandante... arreiou-a!

Fica a gente a pensar porque demonio este commandante a tinha içado?

Para receber uma licção de Direito Internacional? Para deslumbrar a gente com uma bandeire novinha, toda catita a metter-nos ferro com elle? Isto da mudar de bandeira, absolutamente, é impossivel. Imagine-se sa não seria cuspir na historie inteira de Portugal o riscar ámanhã da bandeira portuguesa—dada a hypothese de formação da Republica—as velhas quinas, que encheram de medo e de espanto o mundo inteiro!

Uma nação para glorificar o futuro não necessita renegar o passado.

Não o dava fazer nunca, quando esse passado é honrado como o do Brazil ou épicamente glorioso como o nosso

Na corôa portuguesa eu substituiria a corôa que encime o escudo por um barrete phrigio, uma constellação de estrellas de numero egual ao das provincias, uma meza—symbolisando a do orçamento—partida, esmagando um bacharel, duas peras, uma telha de louça das Caldas azul e branca, emfim qualquer coisa qua lembresse uma caracteristica do nosso paiz. Faça o novo Brazil o mesmo. Conserve a esphera, as côres e symbolos da velha bandeira; tire-lhe a corôa e substitua-a por uma banana, um preto a dançar a cachucha, um papagaio pintado de cujo bico curvo sáia esta inscripção:—Quem passa? é o sr. Quintino que vea para a caça,—emfim qualquer coisa que recorda o Brazil; mas não vá, eccintosamente, condemnar no radicalismo das medidas, a existencia de bandeira gloriosa, sob cuja egide, diminuiram durante seculos, as tangas e cresceram as rabonas de cazmire. Eu tenho que uma bandeira é como a physionomia moral d'uma nação. As tres côres da bandeira franceza são hoje uma idéa, um principio, uma affirmação philosophica. A bandeira ingleza, com os seus leopardos, não significerá a manha sanguinaria, e traição?

Deixem pois a esphera armillar e as côres verde e amarella. Exprimirão muito bem e edês:—o Brazil é uma terra aberta a todos: o verde representará as florastas colossaes a o amarello a côr das libras que por lá abondam de mistura com as febres da mesma côr.

Uma bandeira com côr local. Nem de proposito. Ahi fica o conselho, sahido d'uma philosophia profunda. Dou-o de graça á infantil republica não se vá dizer de futuro que eu não concorri para a consolidar. Cada qual nas suas posses.

No Maranhão a proclamação da nova republica causou serios conflictos. Diz a *Tarde* que:—«os soldados dispararam para o ar, matando seis pessoas e ferindo varias. Tambem morreram seis soldados».

Não admira; naturalmente foram aqelles sobre que cahiram as seis pessoas mortas, no ar!

Se não fosse do Maranhão a noticia, lá tinham de ir alguns sabios examinar porque necessidades de adaptação, os maranhenses tinham creado asas! E' do Maranhão a noticia e assim só nos revella um facto delicioso como estudo do exercito:—é a superioridade das pontarias!

O jornal *Novidades* em seu «carnet mondain»: Está incommodado com febre, mas sem gravidade, o nosso amigo, Carlos Lobo d'Avila.

Para que demonio anda este periodico a assustar a Europa? Forte mania.

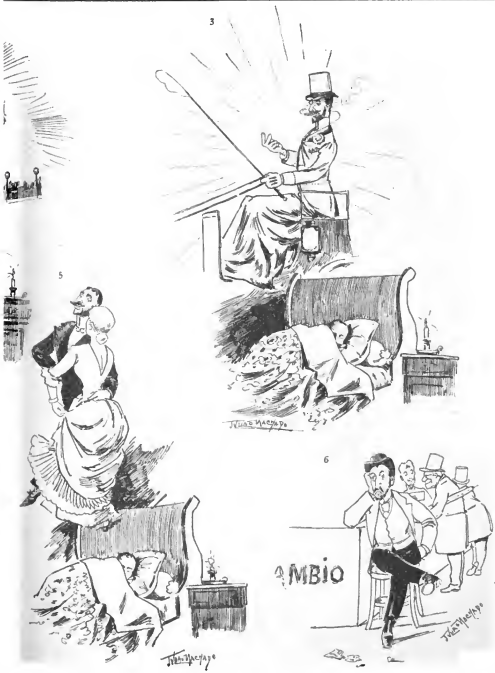
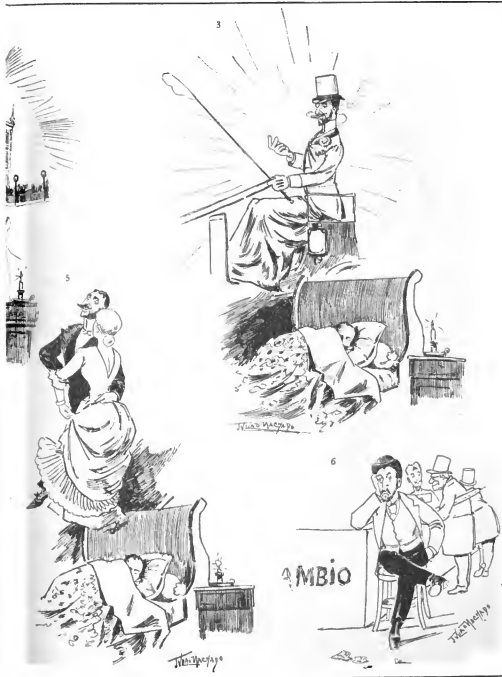
1
2
4

3
5
6
MBIO

3

5

6

AMBIO

O imperador do Brazil, ha pouco desthronado por um verdadeiro bamburrio commettido pelo sr. Deodoro da Fonseca, que jogava a carambular com o sr. Ladario e, sem querer foi carambolar com o sr. D. Pedro, o imperador do Brazil, diziamos, continua em Lisboa a sua viagem de *touriste*. Em vez de ir chorar sobre um rochedo, n'alguma ilha deserta, o seu exilio, contando ás brisas fagueiras as suas maguas, este sympathico monarcha passeia a sua aposentação, alegremente, subindo aos pontos mais altos a vêr os panoramas e indo ao jardim zoologico para matar saudades . Sem batedores agaloados nem cortejos reluzentes, pacato e satisfeito, o velho Imperador parece importar se muito menos com a perda do seu emprego, do que qualquer regedor de freguezia exonerado em vesperas de eleições.

Deixar com uma tal abnegação um throno com docel de velludo e arrabiques de oiro, guardar na gaveta das camisas de seu manto de arminho e na sua chapelleira a sua corôa preciosa, abandonar a sua moradia confortavel, as suas equipagens a quatro, alabardeiros e abaramallas, generaes e almirantes, sem verter uma lagrima, nem fazer uma careta de mau genio, faz-nos suppôr que o logar não era tão apetitoso e seductor, como muita gente suppõe

•

O assalto dos *reporters* foi terrivel. D'aquem e além mar enviaram á sua chegada *reporters* de todos os feitios, de todas as côres e de todas as nações, sabiamente praticos em estabelecer *interviews*, a fim de fazerem conhecer ao mundo inteiro se o desthronado ia ter, para com a patria que deixára uma attitude hostil, descobrirem o seu plano de campanha, saberem, ao certo, qual o manifesto que elle havia traçado com a sua mão tremula ao entrar para o *Alagôas*, ao encerrar-se no seu beliche na primeira noite, onde ia dormir o seu primeiro somno de vencido da vida...

E o desapontamento foi cruel. Detalhes da viagem apenas conseguiram saber que nas alturas de S. Vicente o papagaio do sr. conde d'Eu se havia constipado e, apesar da insistencia com que todos os jornalistas a cada hora batiam no ferrolho do seu quarto no Braganza, não adeantaram mais do que obter para os seus despachos telegraphicos e para as suas chronicas de *reportage*, que ao almoço sua magestade comera dois ovos estrallados e, como homenagem saudosa á patria que elle tanto amára, não dispensava a farinha de pau no caldo do peixe e á sobremeza uma banana e uma fatia de ananaz

De balde as folhas estrangeiras perguntaram aos seus representantes informações sobre a attitude do imperador diante da catastrophe que Deodoro & C.ª haviam promovido: debalde procuraram relatar aos seus milhares de leitores quaes as intenções politicas do exilado, se no seu espirito pairavam ideias de revolta, de luta pela monarchia, de conquista do poder. Os *reporters* limitavam as suas respostas

—Comeu hoje carneiro com batatas...

Sua magestade manifestou-se? interrogavam raivosos.

—Achou delicioso e serviu-se segunda vez, telegraphavam dando conta da sua missão.

Era um dó d'alma ver por essas ruas, cabisbaixos e empallidecidos, os reporters mais apregoados que, quando muito, haviam feito conhecer aos seus assignantes que sua magestade tinha muita vontade em ouvir a Tetrazzini no Othello, o sr. Vasconcellos e Abreu n'um poema sanscrito, e que a respeito do tal fallado manifesto o imperador havia parodiado a phrase da celebre tragedia de Shakspeare; palavras, palavras, palavras...

Na teimosia e bisbilhotice da sua profissão alguns foram surprehendidos pelos corredores do Braganza, de ouvido á escuta junto das fechaduras, para surprehenderem o desejado manifesto, ainda que elle fosse feito em familia, entre lençoes, antes da socéga. Porque elle hade sair, custe o que custar, á força de saca-rolhas ou de vomitorio.

Ha algumas noites o guarda nocturno da rua do Thesouro Velho viu no pateo do hotel um grupo de embuçados e, ao mesmo tempo, d'entre as vidraças do Braganza sair uma figura esguia e aloirada, que elle reconheceu ser a d'um reporter inglez. Vinha pallido. Ouviste? bradaram-lhe os confrades. Ouvi, respondeu com voz de conspirador o recem chegado. O que?..exclamaram todos.

E correram todos ao telegrapho, certos de que o monarcha queimára o seu ultimo cartucho.

E o imperador dorme, tranquillamente, o seu somno de desterrado. Feliz no seu despertar elle só pede a Deus e ao Motta Maia que lhe dê saude, para poder gozar um pouco esta Europa, ir de vez em quando a Paris ver como o sr. Carnot se aguenta no balanço e como a Goulue ainda dança o cancan. Não será isso muito melhor, contando com as massadas que na sua qualidade de sabio, elle tem de supportar dos *immortaes*, do que findar os seus dias ouvindo cantar o sabiá, e apanhando as descomponendas do Bocayuva?...

•

Entretanto ao mesmo tempo que um imperador cáe, um novo rei se levanta. D. Carlos primeiro vai ser acclamado. Quando uma velhice acaba de ser aposentada com o vencimento por inteiro, uma mocidade é promovida de principe a rei. Deve estar contente, tristezas á parte, da sua nova posição ..Afinal cada um na carreira que segue, o que deseja é passar da cepa torta .. Brinca-lhe nos labios um sorriso de alegria...E' o mesmo sorriso que brinca nos labios de qualquer deputado que é feito ministro, de qualquer amanuense que é nomeado segundo official, de qualquer sargento que é promovido a alferes...

Por isso me dizia ha dias um incolor de aspecto venerando; se cada um está contente com a sua sorte, se um se sente feliz em ter sido reformado e o outro em ter sido promovido.. parabens a ambos.

Diz bem seu Soares...

C. de Moura Cabral

Theatros

Meninas Rodrigues e Bibliothecario

Tem fama de despertar e boa gargalhada o Gymnasio dramatico. E jé d'aqui, d'espe nome, agente se fica a meditar porque lh'o pozeram, ou porque ume vex posto lh'o conservam adaptando apenes—o theatro—á comedia patusca, reinadia, sem pés oem cabeça, feita da tolices sem nexo e de enredos sem senso! Mas emfim elle le esté e a ninguem illude porque toda a gente sabe que o Gymnasio é tão dramatico nas suas exhibições, como o José Augusto nos sermões do Carnaval. Aquelle dramatico quer dizer hilariante, chalaceador reinadio, desengonçado e nunca triste, suggestivo de prantos ou de choros pungentes.

Ao revez, o theatro de D. Maria é classicamente reconhecido como o sanctuerio da lagrima, o templo de dôr bumana, exhibida e oito tostões por cabeça, em caimbras de ferroadas intimas ou reviramentos d'ulhos symptometicos de profundas punhaladas na elma.

Ora deu-se por agora o caso de se reverterem os papeis: isto é, uma pessoa vae para o Gymnasio para rir com as *Meninas Rodrigues* e sae de lá a chorer.

E' um drama, aquella comedia. Um drama pungente. Vê-se atravez d'aquelles tres actos inclassificaveis um cerebro ôcco da auctor, á busca d'uma ideia, d'uma situação comica, d'uei momento de graça. E jamais o consegue! e n'aquelle diluvio de sensaboria, perpassam as figuras dos ectores e espremer os papeis a puxar e situação, a arremeter com a gelada plateia em impetos bravios... e nada! Nada! palavra terrivel que fez lembrar a terra fixa da cova, a miseria das coisas huoanas e pucha a lagrima, a lagrima salvedora que nos allivia o coração nas grandes dôres e nas grandes massadas!

E sae-se do Gymnasio a chorar!

E' n'esta impressão qua o espectador menologa: ir lá para chorar então vou para D. Maria, porque ao menos quero chorar com razão que me console e vai ver o *Bibliothecario*.

Ora o *Bibliothecario* deve ser proximo parente das *Meninas Rodrigues*. Qualquer pessoa pouco entendida em questões theatraes lhe daria, sem custo, facil irmaodade, tal é e affinidade de caracteres que os liga e enaltece A respeito de interesse esté e hombrear com o que tem dado aos seus eccionistas e Companhia das Aguas.

Em ditos de espirito é d'uma profuzão tal que e impossivel destacar um so, d'aquella alluvião immensa. São tantos, de tal quilate a profusão que acontece ao espectador depois de ouvir toda a comedia, parecer-lhe que só oovitu benalidades insoosas! Comprebende se é e abundancia que desvirtua e embaratece, o producto.

Mas é que francamente n'uma comedia de quatro actos não haver um dito de espirito chega a incommodar (digamos porem que ha ne comedie uma espirituosa phrase mas que só em Londres deveria ter produzido um grande effeito. E' aquella que o pai diz á filhe·

E' este o seotido: —assim amanhã quererás ir a Persia, é Arabia, ao Cairo, a Malta, a Naxaretto, ao Egypto!

Cá não tem lá muita graça; mas em Londres devia ter produzido um graode effeito! Calcule-se!

Frencameote, a critica deve ter um limite de indulgencia e esse limite acaba onde começa a benignidade crimieosa. O *Bibliothecario* é ume comedia sem valor da qualidade algums. Sem vida, sem acção, sem graça, sem analyse, sem requisito que lhe dê entrada no theatro de D. Maria.

Faz rir, dizem e o publico vai lá. Pois é o grande mal. Se o publico lá oão fosse pouco importeva que a levassem á scena; serie um prejuizo apenas. Mas o publico vai e continua a bestialisar-se n'aquella assimilação de ume litteratura dramatica da meia tigella, idiota, que o fax rir por situações pueris, am que o esgare, o grito, a palhaçeda na scena, sobstitue a sugestão fioamente educadorá da graça, da critica alegre e sensata, educetiva, util, moralisadora.

Não é pare aquella arte que se fez o theetro de D. Marie e se o publico, ea sua ignorancie de maiorie, oas suas faculdades deficientes de escolha se deixa arrastar pele chalaça vulgar e pelo calão, se na sua pobrissima educação artistica acceita com e mesme ingenuidade lamentavel uma comedia da Pailleron ou um *Bibliothecario*, compete é imprensa evisal-o, prevenil-o, eosioer lhe o que seja uma comedia ou uma geringonça scenica, o que seja arte ou o que seja fencaria artistica. Depois uma comedie d'aquella ordem o'outro theetro não teio responsabilidade porque oão se impõe. Vista no Gymnasio dir-se-he: é uma petuscada reinadia como todos os diabos. Vista em D. Maria um espirito pouco fino acceita-a como comedia e isto pelo grande nome scenico dos actores. Uma tolice dita e serio por um homém distincto chega a parecer uma maxima sublime. A maioria despreoccupada engole-e e applaude-e. Eis o mal. O *Bibliothecario* não sei pateado na 1.ª noite por que era desempenhado pelos nossos primeiros actores. Foi uma coacção exercida sobre a plateia. No entaoto teria sido um bem incalculavel essa pateiada que ainda começou: teria feito fugir d'equelle palco todos os comedias fundadas em episodios comicos mais ou menos forçados, em situações primitivas da arte inadmissiveis hoje n'um theatro de 1.ª ordem, onde se exige, astudo; critica, emfim, talento. E' preciso não deixar eevilecer esta palavra tão syntheticameote expressiva —a Comedia—desde que Balzec a consagrou na sua obra de colosso e desde que elle cunha es cepas das obras theatraes de Sardon, de Dumas, de Saudeau, de Saod, como um motivo graedioso, difficil, immenso do estudo social e humano.

Quando se vê n'uma capital d'um restricto mesmo de habitantes sustenter se em scena um disparete opiado, magico—sensaborão inconcebivel, sem recommeodação alguma, nem pelo dasempenho, oem pelo canto, nem pela graça, nem pelo vestuario, nem pela plastica des fêmeas, como é *O Gato Preto* au pergueto se não e licito lamentar um povo que apresenta um tão frizante ettestado da sua educação artistica e do seu criterio. Ninguem o negará. O nivel intellectual retracta-se n'este facto com uma tristeza e desoladôra verdade.

Que fee a imprensa? Transiga. Esta transigeocia é como se vê um crime, porque atrophia, porque corrompe o gosto porque embrutece.

Tenhamos a coragem das nossas opiniões francas. E quendo nos impingirem *Um Bibliothecario em D. Maria II* ou uma *Menina Rodrigues* no Gymnasio, façamos que se dêem os braços e mandemol os... passeiar.

Mas sem rebuço. A arte exige-o e depois ainda o nosso decôro de criticos que nos obriga a não passar-mos por tolos ou por servis. A verdade que se devia ter dito era: *O Bibliothecario* é uma palhaçada de faotoches em 4 ectos. As *Meninas Rodrigues* em senssaboria pezada em 3 actos. Quem gostar pode comprar o seu bilhete.

Sue elma sua palma.

M. M.

FERREIRA DA SILVA

Sem duvida alguma o talento mais imperdoavel para o publico é o que se manifesta no palco. O artiste theatral é o eterno invejado.

Prender a attenção d'um enorme auditorio; obrigal o a estar silencioso, de chapeu na mão; commover pelo riso ou pela lagrima tode aquella gente, desde o *blasé* até á mulher formosa—incommoda, humilha, espicaça e inveja de cada um. Tal sentimento é innato, todos o possuem, em maior ou menor grau. Um debutante no theatro é um provocador; o publico levante a luva e aguarda a estocada; parada e resposta!

Emilia das Neves—aquelle ignorante talento poderosol—quando uma peça era posta em scena sem o necessario numero de ensaios, exclamava para os collegas: «Que barbaridade! Assim nos lençam ás feras!»

O termo foi bem achado.

Peiores que os romanos os espectadores de hoje! Aquelles ainda soltavam, uma vez por outra, o salvador *habet, habet!* Hoje, os espectadores accumulam as funcções de feras e são felinamente desapiedados. A lucta physica foi substituida pela lucta moral; o esphacelamento nas garras de fera—besta, pelo fiasco na opinião da fera—publico.

Entre os luctadores modernos, elegantes, correctos, que a civilisação vestiu de sedas e rendas, ou de casaca e luva branca, ha um que entrou gloriosamente na vencedora pleiade logo á primeira lucta, decisiva, e que não me deixou nem um vestigio de beliscadura.

Referimo-nos a Ferreira da Silva.

N'esta epoca de feroz crueldade encapotada, ser tolerado é muito; impôr-se é tudo. E elle impoz se; o publico, ouve-o com agrado; admittiu-o de prompto; como um dos primeiros, n'um terreno que outros conquistaram palmo a palmo, ao fim de muitas luctas e de muitas derrotas. Isto e significativo e basta para se avaliar a poderosa influencia da sua individualidade artistica. Natural, correcto, illustrado, Ferreira da Silva é o verdadeiro actor moderno. Cada papel que tem desempenhado attesta os seus incontestaveis dotes, desde o galan comico da *Guerra em tempo de paz* até ao centro dramatico da *Leonor Telles*.

Na proxima segunda feira, 23, Ferreira da Silva realisa o seu beneficio de escriptura, evidenciando mais uma vez quanto é maleavel o seu talento no desempenho do personagem João Reynaud, um galan dramatico n'aquelle adoravel *Abbade Constantino*. E o publico decerto saberá recompensar mais uma vez com os seus applausos o sympathico vencedor.

BIBLIOGRAPHIA

RAMO DE LILAZES

Com este titulo publicou o sr. Manuel Duarte d'Almeida, poeta, grande (segundo é fama em periodicos, do Porto,) tres sonetos que depõe no athaude de D. Luiz I, segundo elle diz.

Como nos levasse, em tempo, a fama do poeta, a ler as estancias a D. Henrique a nos parecesse, finda a leitura, que tanto podiam servir para D. Henrique como para D. Egas, ou D. Sebastião, quizemos reformar a nossa opinião, attribuindo a má disposição psycologica do momento a má impressão da obra. Pareceu-nos ôcca, commum, mediocre em valor. Abrimos pois o ramo de lilazes e deparámos com o primeiro verso:

Shakespear, Buonaroti, Dante — qual,

Se isto é um verso, se ha ahi alguem que o affirme, eu accuso-o de calumniador impudico!

E' sorte minha. Indispoz-me para o resto do ramo este talo de couve que o poeta houve por bem fazer-me roer, com o olhar, logo de entrada. E continuando, por dever de officio, fui analysando pacientemente o feitio, a côr, a bellesa, a graça, o aroma de todas as flôres do ramo.

Francamente o raminho não é feito com esses deliciosos cachos, as tão finamente aromaticas inflorescencias, brancas ou azues, que se debruçam pelos muros das quintas, perfumando as estradas.

O' não, não, se flôres são, se é preciso chamar-lhe ramo, se um ramo é, a graça e o aroma, denunciam as flôres:—são sardinheiras!

Que o poeta nos perdôe. Desça mais facilmente dos solios, talvez consiga subir mais nos versos.

Sans rancune!

Julga-mos prestar um bom serviço aos nossos leitores, e principalmente ás nossas amaveis leitoras, annunciando-lhes a reabertura do magnifico estabelecimento da conhecida *Florista franceza*, que actualmente tem a sua séde na rua Nova da Trindade n.º 52. Encontram-se ali verdadeiras maravilhas em objectos d'arte decorativa, —bambús, plumagens, vasos de flores seccas, etc.

Além d'isso, gentis leitoras, a quem especialmente nos dirigimos, encontrareis tambem n'esse *éden* florido, e durante toda a estação do inverno, o que ha de mais delicado em lilazes brancos, rosas de todas as especies, violetas de Parma, cravos brancos, etc., de que a habil florista compõe graciosos *bouquets*, lindissimas *corbeilles* e açafatas, de fórmas as mais caprichosas; assim como fornece á sua clientela, que é já bastante numerosa, delicados raminhos para *corsages* e *boutonnières*, como tanto se usa em Paris: nos bailes, nas *soirées* e nos theatros.